

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DENILSON DE CÁSSIO SILVA

**CECÍLIA MEIRELES E O HUMANISMO CÍVICO:
Palavras e práticas de um ideário político (Brasil Sudeste, 1915-1964)**

BELO HORIZONTE - MG
2021

DENILSON DE CÁSSIO SILVA

CECÍLIA MEIRELES E O HUMANISMO CÍVICO:

Palavras e práticas de um ideário político (Brasil Sudeste, 1915-1964)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História da Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais
como requisito parcial para a obtenção do título de
Doutor em História

Linha de Pesquisa: História e Culturas Políticas

Orientador: Prof. Dr. Douglas Attila Marcelino.

BELO HORIZONTE - MG
2021

907.2 Silva, Denilson de Cássio.
S586c Cecília Meireles e o humanismo cívico [manuscrito] :
2021 palavras e práticas de um ideário político (Brasil Sudeste,
1915-1964) / Denilson de Cássio Silva. - 2021.
364 f.
Orientador: Douglas Attila Marcelino.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1.História – Teses. 2. Meireles, Cecília, 1901-1964.
3.Ciência política – Filosofia - Teses. 4.Humanismo – Teses.
5.Pacifismo - Teses. I. Marcelino, Douglas Attila .
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

"Cecília Meireles e O Humanismo Cívico: Palavras e Práticas de Um Ideário Político (Brasil Sudeste, 1915-1964)"

Denílson de Cássio Silva

Tese aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Prof. Dr. Douglas Attila Marcelino - Orientador
UFMG

Prof. Dra. Angela Maria de Castro Gomes
UNIRIO

Profa. Dra. Valéria Fernandes Lamego
UFRJ

Profa. Dra. Ana Amélia Neubern Batista dos Reis
IFNMG

Prof. Dr. Sergio Alcides Pereira do Amaral
UFMG

Belo Horizonte, 17 de dezembro de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Amélia Neubern Batista dos Reis, Usuária Externa**, em 04/02/2022, às 15:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sergio Alcides Pereira do Amaral, Professor do Magistério Superior**, em 04/02/2022, às 15:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Angela Maria de Castro Gomes, Usuário Externo**, em 05/02/2022, às 09:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do

assinatura
eletrônica

[Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)



Documento assinado eletronicamente por **Douglas Attila Marcelino, Professor do Magistério Superior**, em 07/02/2022, às 09:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)



Documento assinado eletronicamente por **Valéria Fernandes Lamego, Usuário Externo**, em 08/02/2022, às 19:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1234834** e o código CRC **2FCA21A7**.

Para Douglas Attila Marcelino, que desde sempre
acreditou no potencial deste trabalho.

Para Valéria Lamego pela dedicação em conhecer e
divulgar vida e obra de Cecília Meireles.

AGRADECIMENTOS

O esboço do projeto de pesquisa, que culminou nesta tese, surgiu no momento em que uma presidenta, democraticamente eleita foi afastada do poder por manobras político-midiáticas e jurídicas, de pessoas e interesses alheios às leis e aos princípios de nossa República Federativa. De 2016 para cá experimentamos um acelerado processo de deterioração de nossas instituições com ataques os mais variados e vis ao Estado Democrático e Social de Direito. Disseminação patrocinada de notícias falsas, destruição de reputações, uso do Direito com fins políticos, interceptação e exposição ilícitas de linhas telefônicas, conduções coercitivas e mandados de busca e apreensão sem base legal, prisões preventivas teatrais, sujeitos acusadores e sujeitos julgadores, mancomunados contra a defesa; estímulo ao ódio, ao homicídio e ao feminicídio, ataques à educação, à ciência, ao pleno emprego, ao meio ambiente, a comunidades ribeirinhas, aos povos indígenas e à população negra: tudo isso sob os olhos complacentes da autoridade máxima da nação. Como se não bastasse tal caminho com ares de distopia, a favorecer os poucos detentores do grande capital, explodiu a pandemia de COVID 19, elevando exponencialmente os males já em andamento.

Estimativas de dezembro de 2021 sobre o país apontam mais de 616 mil vidas perdidas para o coronavírus e para o negacionismo na gestão do flagelo¹, 13,5 milhões de desempregados², ampliação em mais de 30% da população em situação de rua³, aumento de mais de 20% no desmatamento da Amazônia em 2021⁴ e, no acumulado de 12 meses, inflação superando a casa de 10%.⁵ Registre-se ainda cortes de quase 40% no orçamento da educação pública nos últimos seis anos⁶, a extinção oficial, em janeiro de 2019, do Ministério da Cultura e do Ministério do Trabalho – este último recriado, em forma esvaziada de projetos, em julho de 2021.⁷

¹ Dado disponível em <https://www.conass.org.br/painelconasscovid19/> Acesso em 10 dez. 2021.

² Dado disponível em <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php> Acesso em 10 dez. 2021.

³ Dado disponível em <https://www.fiocruzbrasil.org.br/populacao-em-situacao-de-rua-aumentou-durante-a-pandemia/> Acesso em 10 dez. 2021.

⁴ Dado disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-11/desmatamento-na-amazonia-legal-tem-aumento-de-2197-em-2021> Acesso em 10 dez. 2021.

⁵ Dado disponível em <https://www.ibge.gov.br/noticia.html?id=32524> Acesso em 10 dez. 2021.

⁶ Dado disponível em <https://www.extraclasse.org.br/educacao/2021/11/educacao-publica-perdeu-quase-40-do-orcamento-em-seis-anos/> Acesso em 10 dez. 2021.

⁷ Dados disponíveis em https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/58723493 Acesso em 11 dez. 2021. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/28/bolsonaro-edita-mp-que-recria-ministerio-do-trabalho> Acesso em 11 dez. 2021. <https://www.brasildefato.com.br/2021/11/17/camara-recria->

A tese, ora exposta, também é fruto de tudo isso, bem como, de certa forma, um sinal de resistência a essas tentativas de institucionalização da necropolítica, ou da política da morte. Por isso este trabalho é igualmente uma homenagem a todas e a todos que tiveram seu corpo e/ou seu espírito tombados por essa onda fascistóide neoliberal.

A tese, assim, vem apresentar outras possibilidades de um Brasil e de um mundo, que podem ainda se fazer presentes e abrir futuros. Projetos em que a vida humana, seja ela qual for, possa, em consonância com a biosfera, tornar-se um valor imprescindível e imprescritível, independentemente de credo, etnia, classe ou gênero. Como apontou Hannah Arendt, os tempos sombrios “não só não são novos, como não constituem uma raridade na história.”⁸ Ainda assim, prossegue Arendt,

[...] mesmo no tempo mais sombrio temos o direito de esperar alguma iluminação, e [...] tal iluminação pode bem provir, menos das teorias e conceitos, e mais da luz incerta, bruxuleante e frequentemente fraca que alguns homens e mulheres, nas suas vidas e obras, farão brilhar em quase todas as circunstâncias e irradiarão pelo tempo que lhes foi dado na Terra [...]⁹

Uma vez que, desse ponto de vista, esperançar-se é um direito e fagulhas de lucidez, de justiça e de beleza provêm de pessoas, o estudo da vida e da obra de Cecília Meireles pode, penso, contribuir para se desvelar horizontes. Mas para que este esforço de compreensão tenha chegado até aqui e logrado êxito na condensação de tantas leituras, discussões, buscas e experiências, uma rede incomensurável de pessoas fez-se essencial. Não seria possível arrolar todas e todos que colaboraram com este trabalho e permitiram sua finalização. Colegas de estudo e de trabalho, companheiras e companheiros, que tornaram essa travessia possível em meio a tudo o que temos vivido nesses últimos anos; todas e todos com quem tive contato ao longo do tempo, deixo meus agradecimentos.

À Cíntia, presença constante nesta jornada. Ao João Lucas, que nasceu junto com o início do curso e, à sua maneira, acompanhou todos os passos da tese. A meus pais, irmãos e à Laura. A meus sogros e cunhado. Por tudo.

A meu orientador, Prof. Dr^o Douglas Attila Marcelino, que desde muito cedo acreditou em mim e apostou na pesquisa, sempre presente e cuidadoso, dispondo de palavra atenta e serena, de dicas certeiras e de leitura meticulosa em todos os momentos. Douglas incentivou-me continuamente, soube compreender e apoiar meu processo de

[ministerio-do-trabalho-mas-extincao-da-pasta-por-mais-de-2-anos-trara-impactos](#) Acesso em 11 dez. 2021.

⁸ ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 9.

⁹ ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios...* p. 9.

escrita, a elaboração de artigos para periódicos e para capítulo de obra, os delineamentos da pesquisa e o projeto do livro “Perguntas da História (poemas)”¹⁰, no qual contribuiu com redação para a quarta capa, ao lado das Professoras Doutoras Cássia Rita Louro Palha, responsável pelo texto das orelhas da capa, e Miriam Hermeto de Sá Motta, prefaciadora - às quais, uma vez mais, também agradeço. A Douglas ainda devo a escolha compartilhada dos componentes das bancas de qualificação e de defesa, uma verdadeira plêiade, formada por especialistas, profissionais, seres humanos. O fato de tanto admirá-los e convidá-los para formar as bancas reivindicou também seu peso: carreguei comigo a preocupação de fazer um trabalho, minimamente, à altura de seus espíritos.

À Prof^a Dr^a Ângela de Castro Gomes e à Dr^a Valéria Fernandes Lamego, por aceitarem compor as Bancas de Qualificação e de Defesa. Seus apontamentos, a exemplo da importância da ênfase na condição de mulher de Cecília Meireles em seu tempo, foram de enorme valia para a melhora da pesquisa. A elas devo, igualmente, a adequação da abrangência da tese. No texto do Exame de Qualificação havia inserido, além da previsão de redação das partes, ora apresentadas, mais três capítulos específicos sobre educação, sobre tecnologia, ciência e modernidade e sobre história – ambição, que, em benefício da exequibilidade e do aprofundamento da análise foi acertadamente redirecionada para estudos posteriores. Contar com a generosidade do crivo de ambas não só foi um imenso ganho para a tese, como também uma alegria, uma honra e, de certa forma, um alívio.

Proveito e sensações tais que ainda se multiplicaram com as contribuições da Prof^a Dr^a Ana Amélia N. Batista dos Reis e do Prof^o Dr^o Sérgio Alcides Pereira do Amaral, integrantes, com aquelas, da Banca de Defesa. Conhecer Ana Amélia foi uma das grandes alegrias que tive no curso. Ana chegou a levar a tese a tiracolo em uma viagem, pondo, metafórica e literalmente, texto e ideias em movimento, o que, quero crer, muito agradaria a Cecília Meireles. Sérgio Alcides também mergulhou na tese e apontou críticas absolutamente construtivas e incentivadoras de mais e mais reflexão, estudo, pesquisa, partilha.

Tentei aproveitar ao máximo as observações levantadas, a prodigalidade de olhares acurados, florescidos no decorrer de mais de cinco horas de arguição, atravessadas com afínco e zelo e também, a meu ver, com frescor e entusiasmo. Muitas das contribuições ali fornecidas se desdobrarão em futuras investigações. Naquela tarde de 17 dezembro, a universidade pública, novamente, deu provas de sua grandeza. As

¹⁰ SILVA, Denilson de Cássio. *Perguntas da História (poemas)*. São Paulo: Editora Labrador, 2018.

limitações da tese, claro, são de minha única e exclusiva responsabilidade. Minha gratidão para com Douglas, Ângela, Valéria, Ana e Sérgio é para a vida toda.

Institucionalmente, agradeço ao Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET MG), por apoiar a concretização da pesquisa em todas as etapas, concedendo as melhores condições possíveis para a obtenção do resultado, aqui apresentado. Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, por acolher-me em seu quadro discente e permitir cursar disciplinas, que tanto acrescentaram à minha formação e ao desenvolvimento da investigação, com professores e professoras estupendos, como o próprio Douglas Attila Marcelino, Fernando Catroga, Adriane Vidal Costa, Rodrigo Patto Sá Motta e Heloísa Starling. Ao “Ritualizações do poder e do tempo: grupo de estudos em teoria e historiografia”, coordenado junto ao Departamento de História da UFMG, por Douglas Attila Marcelino, que propiciou discussões acadêmicas enriquecedoras, bem como momentos de leveza e de encontros, presenciais e à distância, no processo amiúde solitário de produção de uma tese. À Fundação Biblioteca Nacional (BN/RJ), à Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB/RJ), ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), à Capilla Alfonsina (INBA/Cidade do México), ao Instituto Cultural de Ponta Delgada (ICPD/Açores) e à Biblioteca Nacional Digital de Chile (BNd), por me recepcionarem e disponibilizarem para consulta documentos indispensáveis à realização da pesquisa. À Associação Nacional de História (ANPUH), cujos simpósios proporcionaram fecundas discussões sobre partes preliminares desse estudo, bem como demais eventos e revistas, que acolheram resultados parciais do trabalho. Na reta final de redação da tese foram também muito importantes as interlocuções fomentadas pelo *Colóquio Internacional Cecília Meireles 120 anos*, organizado por Bruna Feitosa, Paola Resende, Sara Begname e Sérgio Alcides. Por meio deste colóquio pude tomar contato com a disciplina de graduação em Filosofia da UFMG, ofertada, ao mesmo tempo, como curso de extensão, *Tópicos em Filosofia II: Entre Gregos e Baianos: aspectos trágicos e épicos no Romanceiro da Inconfidência*, ministrada pela Prof^a Dr^a Maria Cecília de Miranda N. Coelho e por Valéria Lamego. As apresentações e os comentários ali realizados forneceram contribuições preciosas para minhas reflexões e, de modo mais amplo, a exemplo do mencionado Colóquio, para os estudos cecilianos.

Fico grato a Fernanda Correa Dias, neta de Cecília Meireles, pela simpatia do contato, pela disposição ao diálogo, pela alegria, por ajudar a tornar cada vez mais viva a memória e a história de sua avó e de sua família.

Não poderia deixar de ressaltar, sempre e mais uma vez, aquela com quem aprendi os passos de historiador, junto à Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Prof^a Dr^a Silvia Maria Jardim Brügger. Como ela, muito embora por caminhos deveras distintos, também eu me pus a examinar vida e obra de mulher artista e/ou de artista mulher. Silvia, em seus estudos, aprofundou laços com Clara Nunes; eu, em minhas inquietações acadêmicas, com Cecília Meireles. Ao redigir estes agradecimentos, vem à minha mente como Clara e Cecília, não obstante situadas em gerações, origens e expertises distintas, tornaram-se, ambas, cada qual a seu modo, intelectuais inquietas e combativas, qualificadas intérpretes do Brasil.

A todas e a todos que lutam por um real Estado Democrático e Social de Direito, recebam meu muito obrigado.

Dos sucessos reteve ela a modéstia; das adversidades, a constância; de tudo, a justiça e a prudência.

Leonardo Bruni, *Elogio da cidade de Florença*, 1404

*Não mais a pessoa: o interstício do tempo
habitado por ela,
outrora, quando a presença era visível e esquecível.*

*A memória padece
nesse lugar, que pertencia a algum destino,
pelas coisas estranhas
e no entanto banais que representam a existência.*

*Custa a cerrar o oceano
de onde a florava a imagem desnuda e desprezada.
Inutilmente a levam...
que a solidão respira, anuncia seu nome,
seu rosto inviolado.
E a secreta evidência
perturba os que vão morrer, agora que a notaram,
e alucina seus olhos
com a tentação raramente possível da efígie eterna.*

Cecília Meireles, *Presença*, 1949

RESUMO

A tese estuda a concepção política de Cecília Meireles (1901-1964), a partir de suas ideias, atitudes, interações e práticas. O principal objetivo é compreender como esta intelectual pensou e agiu a respeito das regras básicas da vida coletiva, dos princípios fundamentais de organização da sociedade, dos poderes instituintes e instituídos ou das condições de estabelecimento de direitos e deveres. A hipótese adotada é a de que Cecília Meireles orientou suas ideias e suas ações políticas pela valorização dos seres humanos, cultivando um humanismo de contornos cívico-republicanos, em que se afiguram princípios como o dever de resistência à opressão, a oposição ao sectarismo, a primazia do bem comum sobre o interesse particular, o talento a serviço da sociedade como única forma legítima de obtenção de prestígio, a convicção na capacidade humana de desafiar as contingências, arcando com as consequências de seus atos. Por esta chave interpretativa os referenciais éticos e estéticos assumidos pela intelectual guardam íntima relação com as noções de liberdade, igualdade e fraternidade, preconizadas por pensadores da Renascença e da Ilustração, tais como Leonardo Bruni e Montesquieu, Michel de Montaigne e Jean-Jacques Rousseau. Por meio de uma metodologia de base qualitativa são analisadas diferentes ocasiões e processos em que as concepções e iniciativas de Cecília vêm à tona, intervindo em problemas de interesse coletivo. O leque de fontes é composto por crônicas, poemas, cartas, entrevistas, conferências, ensaios e reportagens. A partir dele, costurando descrição, narrativa e análise, a investigação demonstra que Meireles pautou seu pensar e seu agir nos espaços públicos, por um compromisso ético-político de caráter cívico-humanista.

Palavras-chave: Cecília Meireles; humanismo cívico; política.

ABSTRACT

The thesis studies the political conception of Cecília Meireles (1901-1964), based on her ideas, attitudes, interactions and practices. The main objective is to understand how this intellectual thought and acted regarding the basic rules of collective life, the fundamental principles of society organization, the instituting and instituted powers or the conditions for establishing rights and duties. The hypothesis adopted is that Cecília Meireles guided her ideas and her political actions by valuing human beings, cultivating a humanism with civic-republican contours, in which principles such as the duty to resist oppression, sectarianism opposition, the common good primacy over private interest, talent at the society service as the only legitimate way to obtain prestige, conviction in the human capacity to defy contingencies, bearing their action consequences. Through this interpretative key, the ethical and aesthetic references assumed by the intellectual are closely related of freedom, equality and fraternity notions, advocated by Renaissance and Enlightenment thinkers, such as Leonardo Bruni and Montesquieu, Michel de Montaigne and Jean-Jacques Rousseau. Through a qualitative-based methodology, different occasions and processes in which Cecília's conceptions and initiatives come to light, intervening in collective interest problems, are analyzed. The range of sources comprises chronicles, poems, letters, interviews, conferences, essays and reports. From it, sewing description, narrative and analysis, the investigation demonstrates that Meireles guided her thinking and acting in public spaces by an ethical-political commitment of a civic-humanist character.

Keywords: Cecília Meireles; civic humanism; politics.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1. Mulher entre homens	21
Imagem 2. Mulheres entre homens.....	21
Imagem 3. Mercado de ideias.....	35
Imagem 4. Famoso traço de Cecília Meireles	74
Imagem 5. Fachada da Escola Normal de 1914 a 1930.	85
Imagens 6 e 7. Autoridades contestadas.	86
Imagem 8. O dia seguinte.	89
Imagem 9. Moças emancipadas com o assunto do dia.	93
Imagem 10. <i>O meeting</i>	94
Imagem 11. Cavalaria acionada	95
Imagem 12. As normalistas no Palácio Guanabara	97
Imagem 13. Os estandartes.	98
Imagem 14. Do simbólico enterro.	100
Imagem 15. Quem manda somos nós.	103
Imagem 16. <i>Habemus director</i>	116
Imagens 17 e 18. Mocidade do motim.	118
Imagem 19. Ativa propagandista.....	129
Imagem 20. Mulheres ilustradas.	151
Imagem 21. Espírito das Luzes.	200
Imagem 22. Jean-Jacques Rousseau	206
Imagem 23. Diretora do Departamento de Literatura da Associação dos Servidores Civis do Brasil.	227
Imagem 24. Eric Maria Remarque, autor de <i>Nada de novo no front</i>	283
Imagem 25. Frame de <i>Nada de novo no front</i>	288
Imagem 26. <i>Nada de novo no front</i> : o livro do cinema	292
Imagem 27. Tríade artística: Dulcina de Moraes, Cecília Meireles e Federico García Lorca	298
Imagem 28. À beira da terra, dentro da terra.....	310

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1.** Datas e títulos das aulas do curso, ofertado por Cecília Meireles.....218
- Quadro 2.** Conferências organizadas por Cecília Meireles220
- Quadro 3.** Veículos de imprensa, organizadores e questões propostas por inquéritos sobre crise de sentido no mundo moderno227
- Quadros 4.** Perfil dos depoentes de inquéritos sobre crise de sentido no mundo moderno229
- Quadro 5.** Características gerais das crônicas cecilianas sobre guerra e paz258
- Quadro 6.** Vocábulo empregados para analisar o processo histórico da guerra.265
- Quadro 7.** Vocábulo empregados para analisar o processo histórico da paz266

Sumário

Introdução	19
Coabitar a <i>polis</i>	19
Humanismo cívico	28
Roteiro	37
Capítulo 1 – (Auto) Retratos de um permanente enigma	39
1.1. Uma centelha	39
1.2. Entrelinhas da crítica literária	47
1.3. Rumo ao centenário e além: novos e múltiplos estudos	62
1.4. Retratos de si.....	69
Capítulo 2 – Camaradagem contra o despotismo.....	80
2.1. Tensões na Escola Normal.....	80
2.2. Amotinadas se organizam.....	86
2.3. Autoridade em xeque	95
2.4. A cabeça.....	109
2.5. Imagem pública.....	118
Capítulo 3 – Livre-pensamento e feminismos	122
3.1. A Legião da Mulher Brasileira	122
3.2. Feminina, feminista	127
3.3. Explosão.....	136
3.5. Implosão.....	158
3.6. Livre-pensadora pela afirmação das mulheres.....	164
Capítulo 4 – Do espírito cívico-republicano	174
4.1. Um momento oportuno	174
4.2. Espírito de igualdade.....	177
4.3. Espírito público.....	185
4.4. Espírito de liberdade	198
4.5. Virtude e Fama.....	211
4.6. Espírito cívico	223
Capítulo 5 – Tempos de crises, tempos de guerras.....	232
5.1. A náusea.....	232
5.2. Crise de espírito, questão de vida ou morte	240

5.3. Vale à pena viver?.....	243
5.4. Em busca de um equilíbrio	246
5.5. Da encruzilhada	251
5.6. Reflexão e vida ativa.....	258
5.7. Guerra e pacifismo	262
5.7.1. Leituras de Nada de novo no front	279
5.7.2. Antifascismo sem ódio	294
5.7.3. Pacifista inveterada	309
5.7.4. Um herói desarmado	317
Conclusão	322
Referências bibliográficas.....	329
Fontes primárias.....	329
Crônicas, poemas, entrevistas, cartas, reportagens, ensaios, biografias	329
Jornais	332
Revistas e panfletos	333
Correspondências.....	333
Memórias	334
Crítica literária contemporânea de Cecília Meireles.....	334
Leis e decretos	335
Obras de referência	336
Teses e dissertações	337
Livros, capítulos, artigos e verbetes.....	338

Introdução

Coabitar a *polis*

Esta tese analisa a concepção política de Cecília Meireles (1901-1964), a partir de suas ideias, práticas e atitudes. Trata-se de um esforço de investigação não só das escritas políticas, como também, e sobretudo, das políticas da escrita, vale dizer, da capacidade de poemas e crônicas, entrevistas e artigos, cartas e comportamentos tomarem parte no tensionamento do debate público, nos problemas relativos à vida em comum.

O principal objetivo é compreender como Cecília pensou e agiu a respeito das regras básicas da vida coletiva, dos princípios fundamentais de organização da sociedade, dos poderes instituintes e instituídos ou das condições de estabelecimento de direitos e deveres. Pretende-se também discutir as representações da intelectual por ela mesma e pela crítica literária, bem como analisar o protagonismo de Meireles em determinadas iniciativas com lastros pela esfera e pelo espaço públicos. Ademais, visa-se contribuir com os estudos em torno da obra e da trajetória cecilianas, explorando aspectos ainda não exauridos pela fortuna crítica.

Testa-se a hipótese primordial de que Cecília Meireles orientou suas ideias e suas ações políticas pela valorização dos seres humanos, cultivando um humanismo de contornos cívico-republicanos, em que os referenciais éticos e estéticos assumidos, guardavam íntima relação com as noções de liberdade, igualdade e fraternidade. Aventa-se que, ao se confrontar com determinados acontecimentos e polêmicas, Cecília defendeu princípios, que remetiam a laivos de uma tradição antropocêntrica renascentista, reapropriada a partir da Ilustração e redimensionada pela intelectual rumo a um descentramento do humano, integrado a outros elementos da biosfera. Por fim, afirma-se que o fenômeno da guerra foi uma experiência crucial para a estruturação de um pacifismo ativo em Cecília Meireles.

Não se pretende, com tal estudo, forçar a nota do componente político das ideias da intelectual, quanto menos subestimar sua grandeza maior, a de poetisa/poeta. Cecília não se pôs a escrever regularmente sobre questões políticas *stricto sensu* nem a estruturar análises sociopolíticas em um sistema de pensamento.¹¹ Por isso, talvez, seja tão desafiador apreender seu perfil político-ideológico. Ela jamais se filiou a partido político,

¹¹ O mesmo pode ser dito sobre Fernando Pessoa. Cf. IGLÉSIAS, Francisco. "Pensamento político de Fernando Pessoa." In: _____ *História e ideologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971, p. 235-299.

desconfiando, como Simone Weil (1909-1943), do possível autoritarismo de tais organizações.¹² Manteve-se crítica das amarras do comunismo e do fascismo, de igrejas e de doutrinas, resistindo, conforme expressão de Eliana Dutra, ao “ardil totalitário”¹³, ao preceito de uma unidade nacional excludente, perseguidora de sujeitos e de dicções divergentes.

Meireles ergueu-se infensa a elementos especialmente caros ao imaginário político de sua época, tais como a obsessão por conspirações de inimigos – reais ou fictícios -, a crença em um salvador da pátria e a retroalimentação de uma idade de ouro, cristalizada por bons costumes, segurança e ordem.¹⁴ Dessa forma, recebeu ataques de ambos os lados do jogo político: foi acusada, por exemplo, de comunista, por Alceu Amoroso Lima, líder católico reacionário¹⁵; e de conservadora, quando não alienada, pelo comunista Oswald de Andrade.¹⁶

Julgamentos como estes não estariam eximidos de preconceito de gênero, tendo em vista a sociedade de onde emanavam.¹⁷ Nos meios intelectuais, como em outros espaços prestigiados de trabalho e de liderança, o predomínio másculo era/é acentuado. Falar e se comportar politicamente poderiam soar como atividades privativas ao masculino.¹⁸ Cecília atuou para se repensar a inserção da mulher na vida social, inclusive, nas discussões de interesse público. As imagens, abaixo, dizem muito sobre a presença

¹² No dizer da escritora, ativista e pensadora francesa, identificada com as causas da classe trabalhadora, cada partido político assemelhava-se a uma “pequena igreja profana armada da ameaça de excomunhão. A influência dos partidos contaminou a vida mental de nossa época.” WEIL, Simone. *Pela supressão dos partidos políticos*. [1940]. Tradução de Lucas Neves. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2016, p. 42.

¹³ DUTRA, Eliana de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 1930*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. (Humanitas). Jorge Ferreira emprega o termo “prisioneiros do mito” para se referir a messianismos e soteriologias do dogma de certas vertentes comunistas. Examinando os inimigos deste último grupo, ou seja, discursos e sujeitos que encarnaram o anticomunismo, Rodrigo Patto Sá Motta traz à baila a expressão “em guarda contra o perigo vermelho.” Os trabalhos de Dutra, Ferreira e Motta dão conta da extrema polarização política da sociedade brasileira, acirrada, sobretudo, a partir dos anos 1930. FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: Eduff, 2002. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. 2ª ed. Niterói: Eduff, 2020.

¹⁴ Cf. GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹⁵ LIMA, Alceu Amoroso. “Absolutismo pedagógico.” In: *A Ordem*. Ano XIII, mai. 1932, p. 317-319, Rio de Janeiro.

¹⁶ ANDRADE, Oswald. “Voto a descoberto” [1952]. In: _____ *Telefonema*. Organização, introdução e notas de Vera Maria Chalmers. 2ª ed. aum. São Paulo: Globo, 2007, p. 553. (Obras completas de Oswald de Andrade).

¹⁷ Cf. DEL PRIORI, Maria (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011. HOLANDA, Heloísa Buarque de.(Org.) *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

¹⁸ Ver, por exemplo, MEIRELES, Cecília. Carta a Fernando de Azevedo. Rio de Janeiro, 15 nov. 1933. In: LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 236. Disponível em Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB USP). Arquivo Fernando de Azevedo. Trecho da carta reproduzido no capítulo 5 desta tese.

feminina, respectivamente, no interior de uma empresa jornalística e em um evento diplomático-acadêmico:

Imagem 1 – *Mulher entre homens: registro das comemorações do primeiro aniversário do Diário de Notícias no qual trabalhava Cecília Meireles, em 1931 – a terceira na fileira da frente, da esquerda para direita.*



(Fonte: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 de junho de 1931, p. 3. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em 20 jan. 2018. A fotografia foi tirada nas oficinas do periódico.)

Imagem 2 – *Mulheres entre homens: foto oficial do Seminário em contribuição da perspectiva e das técnicas de Gandhi para a solução das tensões entre e dentro das nações, realizado em Nova Delhi, em 1953. Na fileira da frente, entre os sentados, da esquerda para a direita, Alva Myrdal, social-democrata e diplomata sueca, é a quinta, e Cecília Meireles, a sétima. À direita de Alva encontra-se o Primeiro Ministro da Índia, aliado político e amigo de Gandhi, Jawaharlal Nehru.*



(Fonte: GANDHIAN OUTLOOK AND TECHNIQUES. A verbatim report of the proceedings Seminar in the contribution of Gandhian outlook and techniques to the solution of tensions between and within nations held at New Delhi from the 5th to the 17th January, 1953. Ministry of Education: Government of India, p. 344. Disponível em <https://eprints.gla.ac.uk/70507/> Acesso em 4 ago. 2019. Sobre Alva Myrdal (1902-1986) vale assinalar que foi casada com Gunnar Myrdal, economista que dividiu o prêmio Nobel de Economia em 1974 com seu rival ideológico, o austríaco Friedrich Hayek. Em 1982 Alva recebeu o Nobel

da Paz em 1982 por seu empenho em processos de desarmamento. Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56926660> Acesso em 11 dez. 2021.)

Desde muito cedo, Cecília imiscuiu-se em matérias políticas mais amplas, para além da dimensão partidária – como já apontado por Valéria Lamego.¹⁹ No decurso de toda a sua bem sucedida e duradoura trajetória intelectual, empenhou-se em participar ativamente dos problemas e dos dramas de seu tempo. Não se furtou em debater e a encarar controvérsias, atuando para o questionamento da ordem, para a experiência do dissenso, reestruturador de outras partilhas possíveis do sensível.²⁰ Nesse seu agir comunicativo²¹, que buscava cerzir entendimentos mútuos pela via da pluralidade, expôs suas convicções e seus princípios aos quais tanto se devotava, sem, contudo, transformá-los em dogmas.

Teorizar acerca do pertencimento de Meireles à esquerda ou à direita do leque político parece-nos uma via pouco fecunda de investigação, embora constitua questão candente e, por isso, mereça ser pontuada. Um caminho pouco produtivo, primeiro, porque tende a retomar equívocos de críticos contemporâneos da intelectual, como os já citados Amoroso Lima e Oswald - que buscavam fixá-la em um dos dois polos. Segundo, porque a própria Cecília repelia esse esquema binário ou compartimentado de compreensão política do mundo. Finalmente, porque tal taxonomia, ao menos para o caso em pauta, pode variar ao sabor do intérprete, pouco ou nada explicando. De um ponto de vista marxista mais ortodoxo, por exemplo, ela poderia ser vista como demasiadamente moderada, não partidarizada, desatenta à luta de classes e às verdades do materialismo histórico – intelectual de direita. De um ponto de vista católico ultramontano, poderia soar como iconoclasta, ou de uma perspectiva fascista, como agitadora – intelectual de esquerda. Há quem possa, talvez, classificar a diretora da revista *Travel in Brasil* (1941-1942), vinculada ao Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo varguista, como representante da direita; ou, quem sabe, rotular a autora de *Romanceiro da Inconfidência* (1953) e a irrequieta educadora, signatária do *Manifesto dos Pioneiros da*

¹⁹ Quem abriu clareiras para pesquisas acerca do perfil político de Cecília foi Valéria Lamego com o clássico: LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira...*

²⁰ Cf. RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Neto. 2ª Ed. São Paulo: EXO experimental org; Ed. 34, 2009. _____. *Políticas da escrita*. Tradução de Raquel Ramallete, Laís Eleonora Vilanova, Lígia Vassalo e Eloisa Araújo Ribeiro. 2ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2017.

²¹ Cf. HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social*. Tradução de Paulo Astor Sohete. Revisão técnica de Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

Educação Nova (1932) e do *Manifesto dos Educadores: mais uma vez convocados* (1959)²², como expoente da esquerda.

Norberto Bobbio propõe que a ideia de igualdade seja um critério viável para se distinguir esquerda e direita, respectivamente: “de um lado, estão aqueles que consideram que os homens são mais iguais do que desiguais, de outro, aqueles que consideram que são mais desiguais que iguais.”²³ Segundo Bobbio, a esquerda parte do pressuposto de que a maioria das desigualdades é artificial, gera injustiça e pode ser superada; já a direita acredita que as desigualdades são naturais e insuperáveis. A direita, assim entendida, está mais disposta a aceitar a tradição, a força do passado na conservação do presente. Por essa ótica, Cecília estava mais próxima do macrocampo da esquerda e os capítulos adiante corroboram essa percepção. O reconhecimento deste fato, evidentemente, em nada diminui a complexidade do perfil de Cecília, seu trânsito por entre coerências e contradições, assertividades e ambiguidades. De maneira análoga, o permanente empenho desta intelectual em se desvencilhar de estereótipos, de lugares-comuns e de camisas de força ideológicas não é perturbado pela presença do que Leila Gouvêa chamou de “caráter libertário e igualitário, mesmo socialista”²⁴ do *Romanceiro da Inconfidência* – por surpreender a história pela ótica dos vencidos; bem assim por aquilo que Karen Peña, em análise da participação de Meireles no Seminário Gandhi, supramencionado, identificou como uma dicção “soando mais marxista do que capitalista”²⁵ em sua crítica aos impactos da máquina na constituição do trabalho e da individualidade.

Outra dificuldade em pensar a posição política de Meireles, por essa chave dual, surge em razão de suas ideias recomendarem valores do liberalismo e do socialismo, com a primeira vertente sendo passível de ser colocada à esquerda ou à direita, conforme a circunstância histórica.²⁶ Do liberalismo entendemos que Cecília se distancie em certos pontos fundamentais, como na afirmação do individualismo radical, acima da sociedade, na priorização da competição em detrimento da cooperação, na ganância como preceito aceitável, na mensuração de todos os aspectos da vida pela régua da eficácia econômica,

²² Cf. AZEVEDO, Fernando de. [et al.]. *Manifestos dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores (1959)*. Recife: Editora Massagana, 2010.

²³ BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. [1994]. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 121.

²⁴ GOUVÊA, Leila V. B. *Pensamento e “Lirismo Puro” na poesia de Cecília Meireles*. São Paulo: Edusp, 2008, p. 192.

²⁵ Livre tradução. No original: “sounding more Marxist than capitalist.” PEÑA, Karen. “Brazil, the Bomb and the Poet: Cecília Meireles and the Gandhi Seminar (1953). In: *InterDISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies*. Vol. 1, p. 146. (2012). Disponível em <https://eprints.gla.ac.uk/70507/> Acesso em 4 ago. 2019.

²⁶ Cf. BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda...* p. 99.

no encolhimento do Estado na gestão da educação.²⁷ Ao mesmo tempo, Meireles aproxima-se do ideário liberal, principalmente no que se refere aos direitos individuais, à relevância da singularidade de cada pessoa, à luta pela igualdade de oportunidades, à autonomia de pensamento, contrariando quaisquer tipos de opressão.²⁸

Nesse sentido, levando-se em conta, historicamente, os processos revolucionários de finais do século XVIII, sobretudo na França, a noção de liberalismo pode ser vinculada às lutas contra o despotismo e o privilégio.²⁹ Parte dos embates por direitos civis, políticos e sociais do século XIX também contou com respaldo do ideário liberal – apesar desta doutrina, não raro, ao mesmo tempo e paradoxalmente, ter sido cúmplice do tráfico negreiro e da escravidão, do racismo, do imperialismo, do colonialismo, da exploração de mão de obra pelo capital.³⁰ No Brasil do século XX, o movimento escolanovista foi visto como liberal ante outras correntes pedagógicas, como a católica e a anarquista, ainda que, em seu bojo, houvessem representantes das mais variadas tendências de pensamento.³¹ Considerados tais aspectos, é certa a afirmação de Lamego, segundo a qual, Cecília

era uma jornalista liberal, defensora incansável das liberdades individuais, da paz, da instauração de uma república democrática, bem diferente daquela regida pelo populismo autoritário do regime que se descortinava [nos anos 1930].³²

Paralelamente, certas convicções de Meireles, como a preferência da colaboração ao arrivismo, a valorização da vida, acima da racionalidade econômica, o papel das

²⁷ Cecília, por exemplo, acreditava em valores políticos e éticos diametralmente opostos aos defendidos por Bernard Mandeville (1670-1733), para quem as paixões, o autointeresse, a ganância e a luxúria renderiam benefícios para a sociedade. Cf. MANDEVILLE, Bernard. *A fábula das abelhas ou vícios privados, benefícios públicos*. [1714]. Tradução de Bruno Costa Simões. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

²⁸ Sobre características gerais da vertente liberal, ver: RIBEIRO, Renato Janine. *A boa política: ensaios sobre a democracia na era da internet*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. VICENT, Andrew. “Liberalismo.” In: _____ *Ideologias políticas modernas*. Tradução de Ana Luísa Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 33-64.

²⁹ Cf. MUTHU, Sankar. *Enlightenment against empire*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2003. HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções: 1789-1848*. Tradução Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 20ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006. CATROGA, Fernando. *Ensaio Republicano*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2011. (Ensaios da Fundação).

³⁰ Cf. LOSURDO, Domenico. *Contra-história do liberalismo*. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2015. CHAKRABARTY, Dipesh. *El humanismo en la era de la globalización*. Traducción Ramón González Ferriz. Buenos Aires: Katz Editores, 2006.

³¹ BOMENY, Helena. *Os intelectuais e a educação*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007.

³² LAMEGO, Valéria. *A farpa da lira...* p. 30.

idiossincrasias no fortalecimento dos laços sociais, a preocupação com o bem comum, mais do que com interesses próprios, acercam-se do socialismo.³³

De uma forma ou de outra, Cecília destoou do conservadorismo, do tradicionalismo e do fascismo, por um lado, e do comunismo, por outro.³⁴ Esteve mais próxima de um campo progressista democrático, de uma social-democracia, de cunho reformista³⁵, ou de um socialismo democrático.³⁶ No entanto, longe de estancar as ideias da intelectual, atribuindo-lhes filiações lineares e delimitações rígidas, este trabalho vale-se de outro esteio interpretativo, buscando tatear as concepções da autora em torno da condição humana, da organização da sociedade, dos valores imprescindíveis e imprescritíveis, que deveriam reger a vida pública.

Pelo exposto até aqui, nota-se que a presente pesquisa incorpora as revisões da história política e da história cultural, que têm apontado o cipoal das experiências humanas, porosas, interligadas entre si. Nessa dinâmica, mediante uma miríade de circunstâncias e de agentes, a política faz parte da cultura e a cultura, da política. Esta é concebida também como um fenômeno cultural, atravessado por valores simbólicos, éticos e estéticos; e a cultura, uma prática política, partícipe dos problemas e da procura por soluções dos povos.³⁷ Há que se considerar, indiscutivelmente, diferenças entre tais aspectos, não os confundindo, mas são as conexões, as imbricações e os trânsitos de

³³ Sobre características gerais da vertente socialista, ver: RIBEIRO, Renato Janine. *A boa política...* VICENT, Andrew. "Socialismo". In: _____ *Ideologias políticas modernas...* p. 93-120.

³⁴ Para uma discussão acerca dos conceitos de conservadorismo, tradicionalismo e fascismo, ver: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; MEDEIROS, Sabrina Evangelista & VIANNA, Alexander Martins. (Orgs.) *Dicionário crítico do pensamento da Direita: Ideias, instituições e personagens*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1999. Sobre comunismo ver, por exemplo: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Tradução de Carmen C. Varriale et al. Revisão geral de João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. Brasília: UNB, 1998. v. 1.

³⁵ Em linhas gerais, o termo social-democracia pode designar "movimentos socialistas que pretendem mover-se rigorosa e exclusivamente no âmbito das instituições liberal-democráticas, aceitando, dentro de certos limites, a função positiva do mercado e mesmo a propriedade privada." SETEMBRINI, Domenico. "Social-democracia." In: BOBBIO, Norberto [et. al.] *Dicionário de política*. 13ª ed. Tradução de Carmen C. Varriale [et. al.] Brasília: UNB, 2016, p. 1188-1192. v. 2.

³⁶ O socialismo democrático aprofundaria o processo de democratização política e de valorização da propriedade pública. Estaria, de certo modo, um passo à frente da social-democracia. Outra acepção remete a um humanismo revolucionário, ao modo de Rosa Luxemburgo, implicando em efetiva ruptura com o capitalismo. Acreditamos que este último sentido não seria condizente com a tendência política de Cecília Meireles, que, por seus atos e suas palavras, mostrar-se-ia mais perto da primeira interpretação, ou ainda, como dito, da social-democracia. Cf. PIANCIOLA, Cesare. "Socialismo." BOBBIO, Norberto [et. al.] *Dicionário de política...* p. 1196-1202. LÖWY, Michael. "O socialismo é inseparável da liberdade e da democracia." In: *Revista Movimento: crítica, teoria e ação*. São Paulo, 10 mai. 2021. Disponível em <https://movimentorevista.com.br/2021/05/o-socialismo-e-inseparavel-da-liberdade-e-da-democracia/> Acesso em 29 jun. 2021.

³⁷ Cf. RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Tradução Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. [1990]. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. HUNT, Lynn. *Política, cultura e classe na Revolução Francesa*. [1984]. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

discursos, sentidos, imagens e atuações, que ora se destacam, muito mais do que possíveis bloqueios.

Seguindo-se essa linha de raciocínio, busca-se pensar em sinais, fragmentos, vestígios, margens³⁸, que possam indicar afinidades e rejeições, acerca de dadas culturas políticas, identificadas como “grupo de representações, portadoras de normas e valores, que constituem a identidade das grandes famílias políticas e que vão muito além da noção reducionista de partido político.”³⁹

Não se trata de estender a dimensão do político a uma inapreensível totalidade da experiência humana, esvaziando sua eficácia terminológica. Conforme Claude Lefort, essa reavaliação da política, ou, como prefere o autor, do *político*, centra-se nos “princípios geradores das diversas formas de sociedade”⁴⁰, naquilo que fundamenta a coexistência e institui as referências, as visões e as divisões da vida em comum, facultando a criação e a inteligibilidade das instituições. Ao se abordar o político, aqui, nas palavras e nas atitudes de Cecília, tem-se em mira examinar princípios de interiorização e de exteriorização, de diferenciação e de relacionamento da intelectual com o mundo em que viveu, considerando-se ideias e comportamentos de fundo ético, estético, social, econômico, religioso e/ou jurídico.

Envolvida em múltiplos eixos de trabalho, Cecília fez-se cidadã da *pólis*. Acatou a incomensurabilidade das gentes e se colocou em convívio com os diferentes. Essa maneira de ser, de se posicionar e de pertencer a uma sociedade são predicados definidores do que Hannah Arendt interpretou como “política.”⁴¹ Inspirada no legado da antiguidade ateniense, em que “o próprio falar era compreendido *a priori* como uma espécie de agir”⁴², Arendt calculou que os humanos não possuem uma natureza política intrínseca, podendo, inclusive, abandonar essa dimensão, por meio do uso da violência e da coação, ou seja, das negações da fala e do reconhecimento da existência do *outro*. Como forma de convivência, a política apareceria “no *entre-os-homens*”⁴³; logo, totalmente *fora dos homens* [...]. A política surge no intra-espço e se estabelece como

³⁸ Cf. GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. RANCIÈRE, Jacques. *As margens da ficção*. Tradução de Fernando Scheibe. São Paulo: Editora 34, 2021.

³⁹ BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília [et. al.] (orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 29-46.

⁴⁰ LEFORT, Claude. *Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade*. Tradução de Eliana M. Souza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 254.

⁴¹ ARENDT, Hannah. *O que é política?* [Fragmentos das obras póstumas compilados por Ursula Ludz] Tradução de Reinaldo Guarany. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017, p. 21-22.

⁴² ARENDT, Hannah. *O que é política...* p. 56.

⁴³ ARENDT, Hannah. *O que é política...* p. 23. (Itálico original).

relação.”⁴⁴ Em meio à singularidade irreduzível de cada pessoa, de povos e de nações, caberia à política organizar “as diversidades absolutas de acordo com uma igualdade *relativa* e em contrapartida às diferenças *relativas*.”⁴⁵

A partir desta premissa, o espaço do político é assaz mais dilatado do que os domínios formais dos poderes de Estado, englobando lugares em que, no dizer de Pierre Rosanvallon, “se entrelaçam os múltiplos fios da vida dos homens e mulheres; aquilo que confere um quadro geral a seus discursos e ações”⁴⁶, remetendo “à existência de uma ‘sociedade’ que, aos olhos de seus partícipes, aparece como um todo dotado de sentido.”⁴⁷ A intelectual, criadora e mediadora⁴⁸, ideóloga e experta⁴⁹, nascida, criada e residente na cidade do Rio de Janeiro, integrou uma comunidade ampliada, formada “graças ao processo sempre conflituoso de elaboração de regras explícitas ou implícitas acerca do participável e do compartilhável, que dão forma à vida da *polis*.”⁵⁰

Cecília dissertou sobre o viver e o conviver na *polis*, o aceitável e o não aceitável, as regras e os costumes de seu meio. Assim, se ela não se deslumbrou com as paixões políticas, tampouco recolheu-se à erudição, conforme proposto por Julien Benda (1867-1956), em clássica obra de 1927.⁵¹ Ao argumentar pela despolitização da intelectualidade, o próprio pensador francês admitiu que “a época atual é propriamente a época do político.”⁵² As tensões de toda ordem, que vararam a primeira metade do século XX, tornam problemático o ideal de intelectuais encastelados em sua torre de marfim, completamente abduzidos da realidade.

⁴⁴ ARENDT, Hannah. *O que é política...* p. 23. (Itálico original).

⁴⁵ ARENDT, Hannah. *O que é política...* p. 24. (Itálico original).

⁴⁶ ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. Tradução Christian Edward Cyril Lynch. São Paulo: Alameda, 2010, p. 71

⁴⁷ ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político...* p. 71.

⁴⁸ Conforme conhecida definição de Jean François Sirinelli, intelectuais seriam “os criadores e os ‘mediadores’ culturais, [...] tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito”. SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. *Por uma História Política...* p. 242. A divisão entre intelectual “criador” e intelectual “mediador” advém de uma relação de poder e de reconhecimento, muito além do que uma mera distinção técnica ou prática. Cf. GOMES, Ângela de Castro & HANSEN, Patrícia Santos. (Orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

⁴⁹ Segundo Norberto Bobbio, ideólogos seriam aqueles intelectuais mais voltados para a formulação de princípios-guia, de concepções de mundo; expertos voltar-se-iam, prioritariamente, para a produção de conhecimentos-meio, saberes técnicos específicos para a solução de problemas. Também aqui, tais tipos ideais precisam ser entendidos em sua dimensão heurística. Na prática esses perfis, como os de criador e de mediador, coexistem em cada indivíduo, variando-se a intensidade de tais aspectos, conforme cada caso. BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora Unesp, 1997, p. 71-73.

⁵⁰ ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político...* p. 72.

⁵¹ BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. [1927]. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

⁵² BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. [1927]... p. 119.

Pelo agir e pelo falar em público, Cecília, como tantos de seus contemporâneos, interveio nos entrechoques em marcha. Lado a lado, há de se salientar que a rija delimitação entre o que é e o que não é político, com base no critério da separação entre o domínio público e o privado, talvez camufle uma realidade mais fluída e cambiante do que aquelas categorias possam indicar. Premissas, ideias, argumentos, preocupações e representações, movem-se, pois, concomitantemente, pelo periodismo impresso, por livros e também por correspondências entre amigos e familiares.⁵³ Em suma, como destacou Edward W. Said:

Não existe algo como o intelectual privado, pois, a partir do momento em que as palavras são escritas e publicadas, ingressamos no mundo público. Tampouco existe *somente* um intelectual público, alguém que atua apenas como uma figura de proa, porta-voz ou símbolo de uma causa, movimento ou posição. Há sempre a inflexão pessoal e a sensibilidade de cada indivíduo, que dão sentido ao que está sendo dito ou escrito.⁵⁴

Habitar um mundo em comum, relacional, e nele agir, afetiva e racionalmente: por essa chave de leitura, de compreensão de uma espécie de ontologia do político ou de metapolítica⁵⁵, passemos à outra ferramenta heurística, aqui mobilizada.

Humanismo cívico

Esta expressão ganhou projeção com o historiador germano-estadunidense Hans Baron, em obra de 1955, na qual são analisadas as discussões de cidadãos da república de Florença de fins do século XIV e do século XV. Tais discursos ganharam proeminência frente às investidas do Império Germânico, do Papado e do Ducado de Milão, de um lado, e às ameaças intestinas de dissolução da Cidade, de outro. Ideias de homens como Coluccio Salutati (1331-1406) e Leonardo Bruni (1370-1444) teriam representado, conforme Baron, uma

⁵³ Sobre as relações entre política, cartas e amizade, ver: GOMES, Ângela de Castro & SCHMIDT, Benito Bisso. (Orgs.). *Memórias e narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019.

⁵⁴ SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as conferências de Reith de 1993*. Tradução Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 26. (Itálico original).

⁵⁵ Segundo Sirinelli, o meio intelectual é “em essência, o domínio do metapolítico (os confrontos ideológicos) mais que do político (as disputas eleitorais, sobretudo).” SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. *Por uma História Política*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 261.

mudança na estrutura interna do Humanismo Florentino, que pode ser melhor descrita como a transição de um classicismo desconectado com a vida ativa do cidadão para o Humanismo cívico.⁵⁶

Nesse processo, desenvolveu-se uma retórica de defesa da liberdade, um empenho para se construir uma concórdia cívica, em detrimento do facciosismo interno, uma crítica à avidez por dinheiro, associada ao descaso com as responsabilidades da comunidade, e uma visão de que o talento, a serviço do todo, equivale ao único critério legítimo de diferenciação entre cidadãos. Difundiu-se um ideal de que interesses privados deveriam se adequar ao compromisso com o bem comum. O humanismo cívico, conforme John Pocock seria um meio para se expressar “universalidade e particularidade no mesmo homem.”⁵⁷ Todos esses valores ético-políticos, como se verá, seriam apreciados por Cecília Meireles.

Em geral, a palavra humanismo remete a filosofias centradas no humano, representando uma “tomada de posição em favor do homem.”⁵⁸ O termo pode ser considerado um artefato explicativo pertinente, adequado à sondagem do político. Por proporcionar, de um lado, abrangência e maleabilidade analíticas, e, de outro, especificidade, ante outras acepções, a expressão, humanismo cívico, constitui uma via de acesso ao fenômeno político, subjacente à trajetória e à obra cecilianas, preservando-lhes de um engessamento teórico-ideológico.

Com uma perspectiva atenta à formação cultural, a abarcar o conhecimento das obras clássicas, o poeta e ensaísta açoriano, Vitorino Nemésio, reparou que Cecília “[...] toca em todos os campos por onde a sua poderosa inspiração forrageia com a precisão e a propriedade de um *humanista* que libou o mel do Himeto”⁵⁹, ou seja, das antigas culturas

⁵⁶ Livre tradução. No original: “[...] change in the inner structure of Florentine Humanism which may best be described as the transition from a classicism unconnected with the citizen's active life to civic Humanism.” BARON, Hans. *The crisis of the early Italian Renaissance: Civic Humanism and Republican Liberty in an Age of Classicism and Tyranny*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1955, p. 295.

⁵⁷ Trecho original: “Since it was the definition of the citizen that he both ruled and was ruled, the activity of ruling must be coupled with the activity in respect of which he was ruled. Universal and particular met in the same man, and if the citizen assume a particular social personality as a result of pursuing, enjoying and excelling in the attainment of the particular values he preferred, this must modify his capacity to engage in the universal activity of making decisions aimed at distributing the common good.” POCOCK, John G. A. *The Machiavellian Moment: Florentine Political Thought and the Atlantic Republican Tradition*. London: Princeton University Press, 1975, p. 68.

⁵⁸ BIGNOTTO, Newton. BIGNOTTO, Newton. *Origens do republicanismo moderno*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, p. 17.

⁵⁹ NEMÉSIO, Vitorino. “A poesia de Cecília Meireles” [1949]. In: _____ *Conhecimento de poesia*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958, p. 325. (Itálico nosso). Sobre o “mel de Himeto”, comenta Telmo Corujo Reis: “[...] O melhor mel da região [da Ática] [...] provinha do Himeto, montanha situada próximo de Atenas. A sua qualidade tornou-se proverbial, sendo referido, entre outros, por Plínio, o Antigo; Cícero; Horácio; Ovídio e Marcial.” REIS, Telmo Corujo dos. “Notas e comentários”. In: CARDOSO,

greco-romanas. Por uma via contígua, Leila Gouvêa, em importante estudo sobre o pensamento e a poesia de Meireles, referiu-se a uma “sólida formação *humanística*.”⁶⁰ Gouvêa, entretanto, alargou o sentido de *studia humanitatis* ao discernir uma dimensão moral-filosófica, a existência de uma “ética *humanista* e pacifista da escritora”⁶¹, uma “compaixão *humanística* pelos sofredores”⁶² ou mesmo um “*humanismo* lírico ceciliano.”⁶³ Também Yolanda Lôbo, ao comentar o discurso pela laicidade, emitido por Meireles, divisou “uma perspectiva *humanística* não religiosa.”⁶⁴

Já a concepção de humanismo cívico, além de aludir ao movimento cultural da Renascença, inspirado em civilizações da Antiguidade, preza não só o saber crítico, voltado para a promoção das potencialidades humanas, como também suas vinculações com os problemas da vida na *pólis*. Dito de outra maneira, conforme síntese de Newton Bignotto, frequenta-se, aqui, o movimento pelo qual “o humanismo encontrou sua face política e formulou de maneira clara alternativas para os modelos medievais.”⁶⁵

Claude Lefort vai além e observa que os juízos contidos nos textos daqueles florentinos “[...] estão no fundamento do pensamento democrático moderno tal como será definido, notadamente por ocasião da Revolução Francesa. A crítica dos valores

Jerónimo. *Obra Literária: Poesia Latina* (Tomo II). Estabelecimento do texto latino, introdução, tradução e comentário de Telmo Corujo dos Reis. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2009, p. 342.

⁶⁰ GOUVÊA, Leila V. B. *Pensamento e “Lirismo Puro” na poesia de Cecília Meireles*. São Paulo: Edusp, 2008, respectivamente, p. 32. Aqui e a seguir, itálico nosso.

⁶¹ GOUVÊA, Leila V. B. *Pensamento e “Lirismo Puro” na poesia de Cecília Meireles...* p. 23.

⁶² GOUVÊA, Leila V. B. *Pensamento e “Lirismo Puro” na poesia de Cecília Meireles...* p. 45.

⁶³ GOUVÊA, Leila V. B. *Pensamento e “Lirismo Puro” na poesia de Cecília Meireles...* p. 201. Registre-se que o termo *humanismo* também aparece em estudos sobre outros intelectuais. Veja-se, por exemplo: SOUZA, Ana Aparecida Arguelho de. *O humanismo em Clarice Lispector: um estudo do ser social em A hora da estrela*. São Paulo: Musa Editora; Dourados, MS: Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, 2006. (Musa cultura, educação, letras e linguística). Nesta obra, Ana Aparecida examinou a situação social e política de Macabéa, protagonista de *A hora da Estrela*. Para além da cuidadosa atenção que conferiu aos aspectos estilísticos do romance, a autora demonstrou que Lispector colocou-se como crítica da miséria humana e da situação política do país, dominada por uma ditadura empresarial-militar. Alhures, Jorge Myers, ao estudar o epistolário estabelecido entre Alfonso Reyes e Genaro Estrada, designou-o como “el diálogo de dos humanistas”. Com foco na análise das múltiplas funções a que se prestava a troca de correspondências, Myers observou que Reyes e seus contemporâneos de geração do movimento ateneísta mexicano “se vieron a si mismos como portadores de un nuevo ‘humanismo’ cultural latinoamericano.” MYERS, Jorge. “El epistolario como conversación *humanista*: la correspondencia intelectual de Alfonso Reyes y Genaro Estrada, 1916-1939.” In: COSTA, Adriane Vidal & MAÍZ, Claudia (Orgs.). *Nas tramas da “cidade letrada”*: sociabilidade dos intelectuais latino-americanos e as redes transnacionais. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018, p. 76 e 62. Nem Ana Aparecida Arguelho de Souza nem Jorge Myers, todavia, propuseram-se a discutir um pouco mais o que seria esse humanismo e a quais tradições de pensamento estaria ligado.

⁶⁴ LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana, 2010, p. 20. (Coleção Educadores). Itálico nosso.

⁶⁵ BIGNOTTO, Newton. *Origens do republicanismo moderno...* p. 19. Para um balanço historiográfico sobre o humanismo cívico, ver: PINTO, Fabrina Magalhães & MORETTI, Matheus Teixeira. “A historiografia do Humanismo cívico e o pensamento político de Leonardo Bruni.” In: *Cantareira*, 34ª ed., p. 565-585, Jan-Jun, 2021.

aristocráticos é associada à da tirania.”⁶⁶ Com os renascentistas teriam prosperado os “grandes temas de uma concepção racionalista e universalista da política”⁶⁷ – com os quais Cecília se deparou - tais como

a igualdade dos cidadãos perante a lei, a partilha do poder entre todos os que a ela têm direito, o trabalho como única fonte legítima de distinção entre os homens, o bom uso da razão e o conhecimento adquirido pelo exercício da responsabilidade pública, a liberdade do indivíduo consubstancial à da Cidade, o destino desta identificado ao da humanidade inteira.⁶⁸

Mediante seus textos, seus pronunciamentos, seu engajamento em diferentes associações, sua prestação de serviços, seus laços de sociabilidade⁶⁹, enquanto mulher de “produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente”⁷⁰ vinculada “à intervenção político-social”⁷¹, Meireles contribuiu para a produção de pautas na vida coletiva. E se norteou por aquilo que Todorov reinterpreto como o espírito das Luzes, embasado por princípios de autonomia, experimentada em interação com os demais – portanto, distinta de autossuficiência –; de laicidade, a viabilizar a convivência na diversidade, sem atropelar a liberdade dos outros – logo, contrária a arremetidas tecno e teocráticas; de humanidade, agregadora de uma condição comum, extensiva a todos da espécie, cruzando classe, raça e gênero, em luta por justiça, felicidade, emancipação, paz.⁷²

⁶⁶ LEFORT, Claude. “O nascimento da ideologia e do humanismo”. In: _____ *As formas da história: ensaios de antropologia política*. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes e Marilena de Souza Chauí. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 252. Lefort, nesse trabalho, citou e se valeu das teses de Eugenio Garin (1952) e de Hans Baron (1955). Segundo estes últimos, destoantes do viés culturalista de Jacob Burckhardt (1860), o período renascentista, em especial na urbe florentina, testemunhou transformações filosóficas e políticas, parteiras de novas concepções e padrões de organização. Mudanças estas encabeçadas por pensadores e administradores, que teriam sido responsáveis pelo surgimento de um *humanismo cívico*, centrado nos negócios públicos e na vida ativa da Cidade. Em outra linha interpretativa, estudiosos como Quentin Skinner (1978) depuraram a análise da crise medieval da qual emergiu o Renascimento, problematizando tanto a demarcação cronológica, mais ou menos rígida, quanto a ideia de ruptura. Desse ângulo, as inovações contidas no pensamento político de autores como Petrarca, Coluccio, Bruni, Maquiavel e outros teriam sido formuladas de forma mais gradual e ambígua do que Garin e Baron haviam cogitado. Um balanço desse debate pode ser conferido em: BIGNOTTO, Newton. *Origens do republicanismo moderno...*

⁶⁷ LEFORT, Claude. “O nascimento da ideologia e do humanismo”... p. 252.

⁶⁸ LEFORT, Claude. “O nascimento da ideologia e do humanismo”... p. 252.

⁶⁹ Sobre a noção de sociabilidade intelectual, ver: GOMES, Ângela de Castro. “Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo.” In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, p. 64-65.

⁷⁰ GOMES, Ângela de Castro & HANSEN, Patrícia Santos. “Apresentação: intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo.” In: _____ (Orgs.). *Intelectuais mediadores...* p. 10.

⁷¹ GOMES, Ângela de Castro & HANSEN, Patrícia Santos. “Apresentação: intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo.” In: _____ (Orgs.). *Intelectuais mediadores...* p. 10.

⁷² TODOROV, Tzvetan. *O espírito das Luzes*. Tradução de Mônica Cristina Corrêa. São Paulo: Editora Barcarolla, 2008.

Por tal fresta, Cecília assumiu para si virtudes inegociáveis, ideais que guiaram seus atos, compondo sua força e sua fragilidade. Ao se recusar a participar da política comezinha, adaptável às circunstâncias e sequiosa pela obtenção e manutenção de poder, a exemplo da analisada por Maquiavel⁷³, a intelectual testemunhou os limites de suas propostas em avançar na agenda dos governantes de cada momento. As concessões desta política tacanha, de fato, causavam ojeriza a Meireles, a qual, em um cenário em que se confrontavam capitalismo e comunismo, definiu-se como “peessoa sem filiações políticas de qualquer espécie, e que só acredita num mundo organizado por educadores, sem alucinações nem violências de poder.”⁷⁴ Educadores que, no projeto de Cecília, seriam partícipes da organização da sociedade, embora não, necessariamente, seus governantes; educadores que haveriam de se tornar bases para a lapidação do *Sapiens*, avessas à vaidade, à ganância, ao cálculo, revestidas da capacidade de se emocionar, de ter imaginação, conhecimentos e esperança na humanidade.⁷⁵

Se o rigor da exigência de desprendimento e de devoção à causa pública enfrentava sabidas resistências, fazia-se necessário investir na formação humana, de modo que as virtudes republicanas criassem raízes na sociedade. Para a intelectual a educação seria um instrumento valioso para se viver conforme aqueles princípios, exercitando-se o pensar “sem ser para agredir nem dominar: mas para conquistar e

⁷³ MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. [1532]. Tradução de Maurício Santana Dias. 17ª reimpressão. São Paulo: Peguin Classics Companhia das Letras, 2010.

⁷⁴ Cecília, enferma e impossibilidade de viajar, solicitou à sua amiga, Isabel do Prado, que assim fosse apresentada em congresso feminista no México para o qual fora convidada a conferenciar. Cecília entregou o texto de sua preleção a Prado para ser lido na ocasião. MEIRELES, Cecília. “Palavras”. Texto escrito para o congresso da International Federation of University Women, realizado na Cidade do México, em julho de 1962, f.1. *Fundação Casa de Rui Barbosa* RJ. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado. Grifo original.

⁷⁵ Cf. MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Educação*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2001. Discuti o perfil de educador/a e professor/a traçado por Cecília em: SILVA, Denilson de Cássio. “Considerações de Cecília Meireles sobre o educador-professor: crônicas e confrontos por uma nova educação (Rio de Janeiro, 1930-1931).” In: *Anais Eletrônicos do V Encontro de Pesquisa em História da UFMG (EPHIS)*: Brasil em perspectiva: passado e presente. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, p. 217-227, 06 a 10 de Junho de 2016.

ensinar liberdade.”⁷⁶ Haveria uma “poética da educação”⁷⁷ e, talvez, também um sentido pedagógico da poesia, não como preceito educacional-escolar, mas enquanto elemento atuante no processo de fazer-se humano, dotando-se, a si e aos outros, de sensibilidade, de inteligência, de empatia, de engenho, de beleza, de generosidade; refreando-se o egoísmo, a covardia, a cobiça, a incompreensão, o desamor. Poemas, crônicas, aulas, conferências, cartas e entrevistas guardariam algum tipo de relação com o que José Murilo de Carvalho denominou de “a formação das almas”⁷⁸, nutrindo um imaginário político de teor humanístico-republicano.

Nas muitas frentes em que atuou, Cecília evidenciou sua inquietação em torno da condição humana. Enalteceu a autocompreensão da posição dos seres humanos na história, promovida por autores renascentistas, em face da escolástica medieval.⁷⁹ Com a literatura buscou também meios “de compreensão humana, e do mundo...”,⁸⁰ e, com a aprendizagem de outros idiomas, modos de “penetrar a alma dos povos.”⁸¹ Ao voltar seu olhar para a Índia, advogou pela “necessidade de um conhecimento mais profundo entre Ocidente e Oriente”⁸² e, em diapasão semelhante, sustentou que o ato de viajar destoaria da imagem do turismo, dado ao exótico, e se conectaria ao anseio de “alongamento de horizonte humano.”⁸³ Seus experimentos com a produção de peças teatrais ver-se-iam

⁷⁶ MEIRELES, Cecília. “Alguém na encruzilhada.” _____. “Alguien en la encrucijada”. In: Escritura. Nº 3. Marzo de 1948, p. 11, Montevideo, Uruguay. Disponíveis em Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado. Ver capítulo 5. Destaque-se que a identificação da noção de liberdade como um conceito-chave no pensamento de Cecília Meireles vem sendo, há muito, apontada e estudada por Valéria Lamego, a quem devemos muitas das ideias desta tese. Ver, por exemplo, a palestra “Liberdade e parresía em Cecília Meireles – das páginas da educação ao Romancero”, proferida no âmbito do Grupo de Pesquisa Retórica e Argumentação, Faculdade de Letras (Fale), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 13 de setembro de 2018; e, mais recentemente, a comunicação “A extrema liberdade em Cecília Meireles”, apresentada junto ao Colóquio Internacional Cecília Meireles: 120 anos, em 26 de outubro de 2021 – Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DvVnAgRdizY> Acesso em 27 out. 2021.

⁷⁷ Cf. NEVES, Margarida de Souza; LÓBO, Yolanda Lima & MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs.). *Cecília Meireles: a Poética da Educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC RJ: Loyola, 2001.

⁷⁸ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

⁷⁹ MEIRELES, Cecília. “Porque a escola deve ser leiga – a segunda conferência da série realizada a convite da Liga Anti-Clerical do Brasil.” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 17 de janeiro de 1932, p. 4. Ver, em especial, capítulo 4 desta tese.

⁸⁰ MEIRELES, Cecília. Entrevista a Solêna Benevides Vianna. A Manhã. Rio de Janeiro, Domingo, 20 de janeiro de 1946, p. 11.

⁸¹ MEIRELES, Cecília. “Entrevista a Pedro Bloch.” In: BLOCH, Pedro. *Vida, pensamento e obra de grandes vultos da cultura brasileira: entrevistas*. Rio de Janeiro: Bloch Ed., 1989, p. 34.

⁸² MEIRELES, Cecília. “Apresentação”. In: Homenagem a Rabindranath Tagore. *Da Índia distante* - boletim quinzenal distribuído gratuitamente pela Embaixada da Índia. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, p. 3, 7 de maio de 1961.

⁸³ MEIRELES, Cecília. “Entrevista a Pedro Bloch.” In: BLOCH, Pedro. *Vida, pensamento e obra de grandes vultos da cultura brasileira: entrevistas*. Rio de Janeiro: Bloch Ed., 1989, p. 31. Originalmente publicada em *Revista Manchete*, nº 630, p. 33, 16 mai. 1964, p. 33.

relacionados a um esforço “de raciocinar, de debater ideias”⁸⁴, “de ver mais longe, de ver mais belamente, mais altamente as coisas, as criaturas.”⁸⁵ Seu fascínio por palavras antigas abandonadas ligava-se, tal qual, ao ingrediente humano, ao fato de haver “pertencido a tanta gente que a [s] viveu e sofreu!”⁸⁶ Pelos estudos de folclore tateou “caminhos para que os homens se entendam”⁸⁷, ansiando pôr em prática um “humanismo popular.”⁸⁸ Aspirou à organização mundial de uma Biblioteca Infantil “nas bases do que se poderia muito marginalmente chamar um “humanismo infantil””⁸⁹, na “esperança de que, se todas as crianças se entendessem, talvez os homens não se hostilizassem.”⁹⁰

Há de se ressaltar que, nos anos 1930 e seguintes houve uma disputa em torno da palavra *humanismo*. O substantivo, polissêmico e polifônico, recebeu adjetivações, atreladas a distintas perspectivas filosófico-políticas.⁹¹ Concorriam entre si, por exemplo, os humanismos racionalista, marxista, cristão e existencialista, com ênfases, respectivamente, na definição do humano pela potência dos usos da razão e da autonomia do saber; na materialidade de uma práxis libertadora, a revolucionar a organização do trabalho e os meios de produção; na integração do humano com a divindade cristã, reconhecendo nesta a fonte da graça e da sacralização da vida; no estar-no-mundo, cuja vacuidade coloca à pessoa a possibilidade de exercer a liberdade e se fazer humana.⁹² Todas essas correntes interpretativas, cada qual a seu modo, miravam o aperfeiçoamento humano e se, eventualmente, dialogavam e pareciam se complementar, amiúde disputavam entre si a primazia pela melhor maneira de apreender e edificar a humanidade.

⁸⁴ MEIRELES, Cecília. Entrevista a Solêna Benevides Vianna. *A Manhã*. Rio de Janeiro, Domingo, 20 de janeiro de 1946, p. 11.

⁸⁵ MEIRELES, Cecília. Entrevista a Solêna Benevides Vianna. *A Manhã*. Rio de Janeiro, Domingo, 20 de janeiro de 1946, p. 11.

⁸⁶ MEIRELES, Cecília. “Entrevista a Pedro Bloch.” [1964]. In: BLOCH, Pedro. *Vida, pensamento e obra de grandes vultos da cultura brasileira...* p. 33.

⁸⁷ MEIRELES, Cecília. “A oração de Cecília Meireles.” Discurso de encerramento da III Semana Nacional de Folclore, realizada em Porto Alegre, de 22 a 29 de agosto de 1950. In: COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE DO INSTITUTO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA (I.B.E.C.C.). Comissão Brasileira da Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas (UNESCO). Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1953, p. 86.

⁸⁸ MEIRELES, Cecília. “Entrevista.” In: GASTÃO, Marques. *Rumo às estrelas do Cruzeiro do Sul*. Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia, 1954, p. 174.

⁸⁹ MEIRELES, Cecília. *Problemas de literatura infantil*. [1951]. 4. ed. São Paulo: Global, 2016, p. 13.

⁹⁰ MEIRELES, Cecília. *Problemas de literatura infantil...* p. 13.

⁹¹ MOYN, Samuel. *Samuel Moyn: entrevistado por André Rangel Rios*. Organização de André Rangel Rios e Maria Andréa Loyola. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 25-26. (Pensamento Contemporâneo; 8)

⁹² ETCHEVERRY, Auguste. *O conflito atual dos humanismos*. [1958]. Tradução de M. Pinto dos Santos. Porto (PT): Livraria Tavares Martins, 1975.

Um dos maiores antagonistas de Cecília, Alceu Amoroso Lima, reuniu textos, escritos de 1931 a 1943, em um volume, que intitulou de “Humanismo Pedagógico”.⁹³ Inspirado em Jacques Maritain, pensador francês, proponente da re colocação do catolicismo como núcleo de valorização do humano pela fé religiosa⁹⁴, Amoroso Lima pôs-se em defesa da autoridade eclesiástica em assunto de educação. Em contraste, Fernando de Azevedo, um dos principais líderes do movimento escolanovista no Brasil, ao qual Cecília se juntou, lançou, em 1952, a obra denominada “Na batalha do humanismo.”⁹⁵ Neste compilado de artigos, ensaios e conferências, Azevedo investiu em uma perspectiva universalista e pacifista, livre e democrática, enlaçando letras e técnicas, conhecimentos artístico e científico, especialização e cultura geral.

Esta apreciação do humanismo, por Azevedo, era compartilhada, em grande medida, por Cecília, que também estaria situada no perímetro da fala do pintor Lasar Segall (1889-1957), não obstante, talvez, mais predisposta do que aquele em tatear também os impossíveis da existência: “Eu poderia chamar a minha arte de humanismo. [...] Os meus modelos pensados e expressos na forma são os mais humanos e possíveis: homem, mulher, criança, animais em relação entre si e ao meio da vida.”⁹⁶ Ato contínuo, questionava: “Porém, o que é que tem os “ismos” com a arte?! Queremos somente arte!”⁹⁷

Imagem 3 – Mercado de ideias: cabeçalho do Jornal *A Manhã*, no Rio de Janeiro, satirizando o uso corrente do sufixo “ismo” em matéria de arte e política. A legenda da primeira figura, à esquerda, está ilegível e poderia indicar liberalismo ou saudosismo. Nas demais figuras, leem-se, respectivamente: comunismo, cubismo, futurismo, penumbrismo, bolchevismo, socialismo, militarismo e caradurismo.



(Fonte: *A Manhã*. Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1926, p. 1. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em 20 jan. 2019).

⁹³ LIMA, Alceu Amoroso. *Humanismo Pedagógico*: estudos de filosofia de educação. Rio de Janeiro: Stella Editora: 1944. (Coleção Presença; XI).

⁹⁴ Cf. MARITAIN, Jacques. *Humanismo integral*: problemas temporais e espirituais de uma nova cristandade. [1936]. Tradução de Margarida Hulshof. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

⁹⁵ AZEVEDO, Fernando. *Na batalha do humanismo*: aspirações, problemas e perspectivas. [1952]. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967. (Obras completas; 15).

⁹⁶ SEGALL, Lasar. “Uma entrevista com Lasar Segall.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 20 de agosto de 1933, p. 19.

⁹⁷ SEGALL, Lasar. “Uma entrevista com Lasar Segall.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 20 de agosto de 1933, p. 19.

Como o pintor de origem lituana, Cecília também desconfiava do sufixo “ismo”, não só no tocante ao plano artístico, como também aos âmbitos político, social e religioso. Daí, provavelmente, o cuidado em redigir a locução adverbial “muito marginalmente”, quando se referiu à noção de “humanismo infantil”.⁹⁸ Margens, bordas que transbordam: à Cecília interessava, mais do que o letrado filosófico ou político, a substância que movia as convicções e atitudes de governantes e de governados. A virtude, identificada no zelo com o próximo, no amor à coisa pública, não dependeria de fórmulas prontas nem de formas de governo estritas, “mas mais do reconhecimento da liberdade, do equilíbrio dos poderes e da recusa ao arbítrio e da tirania, isto é, da não-dominação.”⁹⁹

O vocábulo humanismo, portanto, percorreu o tempo de Cecília, cuja concepção de mundo preconizou virtudes cívico-republicanas, que ressoavam tanto determinadas tópicos do Manifesto Republicano de 1870, como a crítica ao privilégio de religião, de raça, de posição social e a “todas as distinções arbitrárias e odiosas que criam no seio da sociedade civil e política a monstruosa superioridade de um sobre todos ou de alguns sobre muitos”¹⁰⁰; quanto daquilo que Renato Lessa chamou de política demiúrgica, arquitetada por Campos Sales, o qual, presidente da República de 1898 a 1902, propôs uma orientação pela prudência, pela moderação e pelo espírito público.¹⁰¹ Tais valores serviriam, em teoria, como contrapesos aos apetites desenfreados, às premissas e aos procedimentos egoísticos, que campeavam na política e na sociedade. Lessa lembra que, ao fim dos anos 1920, a mobilização do apelo pela republicanização da República, por diversos grupos e interesses, confluiria para a fratura da ordem.¹⁰²

De sua parte, Cecília criou expectativas com relação à dita Revolução de 1930, mas logo desapontou-se.¹⁰³ Ao sair em defesa da laicidade do ensino, frente a medidas do Governo Provisório, irrompeu: “[...] a revolução [de outubro de 1930] deixa até de ser democrática. Eu achava melhor, portanto, que voltássemos logo à monarquia. Porque assim, pelo menos, podia haver a esperança de ainda vir a ser proclamada a República.”¹⁰⁴

⁹⁸ MEIRELES, Cecília. *Problemas de literatura infantil...* p. 13.

⁹⁹ CATROGA, Fernando. *Ensaio Republicano*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2011, p. 80.

¹⁰⁰ MANIFESTO REPUBLICANO DE 1870. In: PESSOA, Reynaldo Xavier Carneiro. *A ideia republicana através dos documentos: textos para seminários*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1973, p. 41.

¹⁰¹ LESSA, Renato. *A invenção republicana: Campos Sales, as bases e a decadência da primeira República brasileira*. 3ª edição revista e aumentada. Rio de Janeiro: Topbooks, 2015.

¹⁰² LESSA, Renato. *A invenção republicana...* p. 252.

¹⁰³ Cf. LAMEGO, Valéria. *A farpa da lira...*

¹⁰⁴ MEIRELES, Cecília. “Para a monarquia!” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, terça-feira, p. 4.

A noção de *res publica*, para Meireles, extrapolava a simples denominação de regime político, designando, substancialmente, um conjunto de princípios e de práticas voltados para a justiça, a igualdade, a liberdade e o apreço pelo bem comum. Ela percebeu que a República de 30, em que pesassem as mudanças institucionais prometidas, ainda carecia de republicanismo.

Montesquieu, ao dedicar todo o livro quarto de sua obra mais conhecida ao problema da educação, explanou que, em um governo republicano, o amor pelas leis e pela Cidade exigia “sempre a supremacia do interesse público sobre o interesse particular”¹⁰⁵, produzindo “todas as virtudes individuais.”¹⁰⁶ Por conseguinte, em uma tal sociedade, “a virtude política é uma renúncia a si próprio, que é sempre algo muito penoso.”¹⁰⁷ Cecília Meireles aceitou pagar esse preço. Agiu em relação a valores, se lembrarmos a nomenclatura weberiana.¹⁰⁸ Conduziu-se, afetuosa e racionalmente, por seus ideais, arcando com as consequências desta escolha. É o que veremos nos capítulos à frente.

Roteiro

Derivado de uma metodologia de fundo qualitativo, com descrição, narrativa e análise entremeadas entre si e tecidas por um amplo e variado conjunto de fontes – composto, sobretudo, por crônicas, entrevistas, cartas, poemas, reportagens e conferências - o corpo do texto divide-se em cinco capítulos.¹⁰⁹ O primeiro, a partir de um mote inicial sobre a relação de Cecília com o humano, atém-se a um balanço da fortuna crítica em torno da obra e do itinerário da mesma, buscando-se ressaltar elementos fundamentais da construção de retratos e autorretratos. Por essa janela bibliográfica mais ampla, afunila-se o estudo em dois momentos nos quais Cecília deu mostras de seu processo de formação e maturação políticas, colocando-se à frente de um motim estudantil, em 1915, e de uma associação de assistência a mulheres, em 1920. Estas experiências formam o segundo e o terceiro capítulos, respectivamente. O quarto acentua

¹⁰⁵ MONTESQUIEU, Charles Louis de Secondat, baron de la Brède et de. *Do espírito das leis*. Tradução de Fernando Henrique Cardoso e Leôncio Martins Rodrigues. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p.54. (Os pensadores). Ver também: BIGNOTTO, Newton. *As aventuras da virtude: as ideias republicanas na França do século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

¹⁰⁶ MONTESQUIEU, Charles Louis de Secondat, baron de la Brède et de. *Do espírito das leis...* p. 54.

¹⁰⁷ MONTESQUIEU, Charles Louis de Secondat, baron de la Brède et de. *Do espírito das leis...* p. 54.

¹⁰⁸ WEBER, Max. *Conceitos básicos de Sociologia*. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias e Gerard Georges Delaunay. São Paulo: Centauro, 2002.

¹⁰⁹ Sobre esse trabalho de transformar ideias e fragmentos em análise historiográfica, ver: CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. [1975]. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica Arno Vogel. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

a ênfase no espírito cívico-republicano de Meireles, perquirindo seus embates relativos ao concurso público para a cátedra de Literatura Brasileira da Escola Normal do Rio de Janeiro, em 1929-1930, passando por alguns de seus discursos junto à Página de Educação do *Diário de Notícias*, até sua controversa premiação pela Academia Brasileira de Letras, em 1938-1939 e, enfim, o curso de Literatura e o ciclo de conferências que organizou para o funcionalismo público, em 1944-1945. O quinto, último e mais longo capítulo versa sobre experiências que perpassaram todo o período em questão e que se infiltram por todas as partes da tese: experiências de crise civilizatória e de guerra. Esquadrinha-se, aqui, o pacifismo de Cecília, suas convicções, atitudes, diálogos, reapropriações.

As cinco partes articulam-se mutuamente, retomando questões, aprofundando aspectos, analisando mudanças sutis e continuidades relevantes no projeto de país tracejado por Cecília. Em todos os capítulos procurou-se situar a fala de Meireles em sua interação com outros agentes e vozes no intuito de vislumbrar o ambiente intelectual, o imaginário e o léxico políticos, a partir dos quais e com os quais a intelectual talhava seus saberes e proposições. Também atravessa a tese um esforço de exploração tão exaustiva quanto possível dos eventos, processos e fontes primárias, muitas das quais, como se verá, ainda pouco visitadas pela historiografia. Por fim, cruzados espaços de experiência e horizontes de expectativas¹¹⁰, segue a conclusão.

¹¹⁰ KOSELLECK, Reinhart. “‘Espaço de experiência’ e ‘horizonte de expectativa.’” In: _____ *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução Wilma Patrícia Maas; Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 305-328.

Capítulo 1 – (Auto) Retratos de um permanente enigma

“Esse meu jeito esquivo é porque acho que cada ser humano é sagrado, compreende?”¹¹¹

1.1. Uma centelha

Brasil, março de 1964. A sociedade brasileira agitava-se, vivenciando uma polarização ideológica, característica do período da Guerra Fria. Eram organizados comícios e marchas, à esquerda e à direita do espectro político. Uns defendendo a implementação das reformas de base, outros, o combate ao fantasma do comunismo e da julgada desordem. Isolado entre tais extremos, o presidente João Goulart tornava-se cada vez mais vulnerável.¹¹² Nesse cenário, poucos dias após sair de um internamento hospitalar¹¹³, Cecília Meireles recebeu, em sua residência, à rua Smith de Vasconcelos, 30, no bairro Cosme Velho, Rio de Janeiro, o jornalista Pedro Bloch. Já consagrada, após décadas de serviços prestados à vida cultural do país, Cecília relatou ao entrevistador: “Tenho um vício terrível. Meu vício é gostar de gente. Você acha que isso tem cura? Tenho tal amor pela criatura humana, em profundidade, que deve ser doença.”¹¹⁴ Essa declaração dava indícios de que a busca por compreensão do ser humano, nutrida, ao mesmo tempo, por um esforço racional e por um sentimento de simpatia, era central na perspectiva de mundo da autora.

Para além de um amor a Eros, arrebatado e célere, a entrevistada parecia se referir à procura por um devotamento lato, em que o bem-querer e a disposição para a amizade

¹¹¹ MEIRELES, Cecília. “Entrevista a Pedro Bloch.” In: BLOCH, Pedro. *Vida, pensamento e obra de grandes vultos da cultura brasileira: entrevistas*. Rio de Janeiro: Bloch Ed., 1989, p. 33. Originalmente publicada na *Revista Manchete*, nº 630, em 16 mai. 1964, p. 33-37.

¹¹² FICO, Carlos. “Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar.” In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, nº 47, p.29-60, 2004. FERREIRA, Jorge. “O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964.” In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 346-404. (O Brasil republicano; v. 3).

¹¹³ MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues, Rio de Janeiro, 3 de março de 1964. In: MEIRELES, Cecília. *A lição do poema: cartas de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues*. Organização e notas de Celestino Sachet. Ponta Delgada, Açores: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998, p. 234.

¹¹⁴ MEIRELES, Cecília. Entrevista a Pedro Bloch. In: BLOCH, Pedro. *Vida, pensamento e obra de grandes vultos da cultura brasileira: entrevistas*. Rio de Janeiro: Bloch Ed., 1989, p. 31. Originalmente publicada na *Revista Manchete*, nº 630, em 16 mai. 1964, p. 33-37.

vinham em primeiro plano. A paixão poderia ser uma das faces do amor, mas não a única. Em 05 de novembro de 1947, no alvorecer do regime democrático no Brasil¹¹⁵, ela escrevera uma carta para Isabel do Prado¹¹⁶, então funcionária no Departamento de Educação da United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), em Paris, e relatou:

[...] Depois que se vive muito, sob muitos aspectos, é maravilhoso dizer-se: ali estão os nossos amigos. Ter-se chegado a um entendimento durável, desinteressado, que se mantém compreensivo através dos tempos, das distâncias, das nossas próprias modificações. Nem se compara com o que por aí chamam de amor. Porque o amor devia ser também isso. Mas assim como geralmente o entendem, não é. São uns bruscos choques apaixonados, como na treva, em cegueira. Sem nenhuma sobrevivência. Tenho tanta pena, que quando ouço uma pessoa falar em amor (nesse amor de que me falam) fico logo em estado de choro interior. [...]¹¹⁷

Nota-se que essa tomada de posição reivindicava elementos como empenho e dedicação no cultivo de uma compreensão mútua, capaz de sobreviver aos infortúnios e às mudanças, internas e externas ao sujeito. Sem esses propósitos, as pessoas viveriam aos choques, com relações espasmódicas e superficiais, quando não hostis, entre si. Ciente de que essa predisposição para a *philia*¹¹⁸ encontrava embaraços para se propagar, reiterava sua convicção em valores e criações, que, ainda sem existir, concretamente, intervinham na elaboração de futuros possíveis e, portanto, atuavam nos passos do presente. Assim, revelava à sua amiga, em 16 de fevereiro de 1948:

Aquilo que estou escrevendo e de que você – penso – poderá gostar, é uma série de poemas de pura impossibilidade. A poesia do que não é. Precisamos amar o que não é, muito mais do que o que é. O que não é tem uma força inexplicável, poderosíssima. Tanto, que pode viver, sem ser.¹¹⁹

A mesma tônica presidiria outro relato, agora endereçado ao poeta açoriano Armando Côrtes-Rodrigues, em 27 de maio de 1946:

¹¹⁵ Cf. FERREIRA, Jorge & SALGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *O tempo da experiência democrática...* GOMES, Ângela de Castro (Coord.). *Olhando para dentro: 1930-1964*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. (História do Brasil Nação: 1808-2010; v. 4).

¹¹⁶ Professora, jornalista, cronista e tradutora carioca, amiga de Cecília Meireles. Cf. *Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo Isabel do Prado*.

¹¹⁷ MEIRELES, Cecília. Carta a Isabel do Prado. Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1947. *Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo Isabel do Prado*. (Grifos originais).

¹¹⁸ O grego “*philia*”, aqui, é tomado no sentido de “amizade”, tal como aparece em *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, onde se lê: “A amizade é, de fato, uma virtude, ou implica virtude e, além disso, ela é o que existe de mais necessário para a vida.” ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução e notas de Luciano Ferreira de Souza. São Paulo: Martim Claret, 2015, p. 209.

¹¹⁹ MEIRELES, Cecília. Carta a Isabel do Prado. Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1948. *Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo Isabel do Prado*. O próximo livro de poemas de Cecília Meireles, que conteria o que a autora classificou de “poemas de pura impossibilidade”, foi *Retrato Natural*, de 1949.

[...] É estranho como as pessoas se conhecem sem se terem visto, e que mundo maravilhoso paira sobre nós. Se todos fizessem um certo esforço para se conhecerem, para se procurarem, V. não acha que todos se amariam? Porque afinal somos todos tão irmãos em tudo! Tenho pena dos homens que correm desesperados atrás de sombras inventadas arbitrariamente, quando há sombras muito mais maravilhosas tão ao nosso alcance, num mundo onde tudo é possível, e cujo encantamento não termina. [...] ¹²⁰

Cecília Meireles viria a conhecer Côrtes-Rodrigues, pessoalmente, em 1951, quando esteve em Ponta Delgada, capital dos Açores. ¹²¹ No momento em que anotara o texto acima, havia um Atlântico separando os interlocutores, cuja determinação em dialogar e repartir ideias e experiências, ou seja, em habitar um mundo comum, tornava-os próximos. Agindo assim, punham em prática um conceito de fraternidade, visto, por Cecília, como possível componente de organização da vida coletiva, voltado não só para o indivíduo, como também para o bem geral, público. Em vez de correrem “desesperados atrás de sombras inventadas arbitrariamente” – talvez sonhos de grandeza, de dominação, de ganância, marcas de um planeta recém-saído de duas guerras mundiais – os seres humanos poderiam se reencantar com “sombras muito mais maravilhosas”, imbuídas de beleza e de benquerença.

Tais juízos não correspondem a uma atitude ingênua, confinada a ambições privadas e mantida à revelia das contradições e dos conflitos globais. Ao invés disso, deixam transparecer um coro de princípios éticos e cívicos, interessados no processo de constituição dos vínculos sociais, pautando-se por aquilo que o pensador francês Étienne de La Boétie denominara de *société d'amis*, a “política da amizade.” ¹²²

¹²⁰ MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1946. In: MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* p. 15.

¹²¹ Cf. GOUVÊA, Leila V. B. *Cecília em Portugal: ensaio biográfico sobre a presença de Cecília Meireles na terra de Camões, Antero e Pessoa*. São Paulo: Iluminuras, 2001, p. 101-107. COOK, Carla. “Meireles, Cecília (Cecília Benevides de Carvalho Meireles).” In: *Enciclopédia açoriana* [On-line]. Disponível em <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/default.aspx?id=8938> Acesso em 05 mar. 2019.

¹²² LA BOÉTIE, Étienne de. Apud: CATROGA, Fernando. *Ensaio Republicano*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2011, p. 73. (Ensaios da Fundação). Fernando Catroga acrescentou, à mesma página: “É convém lembrar que esta premissa [a política da amizade] será desenvolvida pelo seu grande amigo Montaigne e pela política do amor propugnada por Giordano Bruno (nos *Eroci fuori* e no *De vinculis in genere*), reflexões que, no século XIX, não deixarão de tocar alguns aspectos do pensamento utópico de Charles Fourier.” Essa “política da amizade” seria definida pela compreensão de que um dos caminhos para se opor ao servilismo e à tirania revelava-se na instauração de laços sociais fundados no afeto ou no desejo de convivência. Desse modo seria dada vez à formação de uma sociedade com sentimentos de pertença compartilhados, em contraste com um ordenamento imposto por um governo opressor. Ainda na Antiguidade, Cícero já havia salientado como a amizade estaria ligada ao exercício da liberdade: “[...] desconheço se, com exceção da sabedoria, algo de melhor tenha sido dado pelos deuses imortais ao homem. Alguns, preferem riquezas, outros uma boa saúde, outros o poder, outros as honras e muitos os prazeres. Esta última preferência é típica dos animais enquanto aqueles outros são efêmeros, incertos, resultando *menos de nossas decisões* e mais dos caprichos da sorte. Quem deposita, na virtude, o sumo bem, age, sim, de modo dignificante, já que é a virtude mesma a produzir e a conservar a amizade de modo que, sem

Em outra epístola, também destinada a Côrtes-Rodrigues, naquele mesmo ano de 1946, lê-se:

A tristeza tem formas infinitas – a infelicidade é incansável e imaginativa. A maneira de os homens chegarem a desacordos é impressionantemente rica. O mundo trabalha com um óleo de desinteligência e de certa perversidade. Eu também tenho andado nesse estado de ânimo que em língua brasileira se chama ‘estar com os calundus’ – o que é mais ou menos o mesmo que ‘cafard’: uma coisa plúmbea que nos veste de alto a baixo, e pesa e entorpece e trava [...] ¹²³

A missivista provava conhecer bem os desacertos e as misérias, encavalados em tantos lugares e épocas. Sabia que seus planos e suas lutas pareciam estar em desvantagem em um meio tão adverso, atingido pela discórdia. No dia 03 de março de 1947, descarregava:

Por mais que V. diga que é preciso amar as pessoas como são, algumas repelem todas as tentativas de amor com tamanha violência que a própria natureza se esquivava a continuar a amá-las. Sinto muito não ter para amar tantas pessoas quantas caberiam no meu coração, que é, por natureza, entusiástico. Mas esta vida me vai secando – e por isso é que todos os meus ímpetus são para a evasão de qualquer forma: pelas viagens, pela leitura, pela ausência. ¹²⁴

Suportando a angústia, oriunda do contraste entre suas aspirações humanísticas e as confusões do mundo, Cecília Meireles cuidava para equacionar essa tensão, sem lograr pleno êxito. Em determinados momentos, abatia-se, sob o peso de suas escolhas e de seus princípios. Uma das estratégias para tal impasse seria o apelo à evasão, como atitude e como expediente literário. Entretanto, o próprio vislumbre dessa possibilidade criava um vínculo necessário com a vida ao redor. Se evadir-se implicava levar em consideração algum referente, do qual se pretendia escapar, tal tarefa, desde o início, já comprometia seu resultado com certa ambiguidade. Esse recurso, pois, não solucionaria dilemas,

virtude, não há como existir amizade.” (CÍCERO, Marco Túlio. “A amizade: o que é a amizade? (cap. V).” In: FERACINE, Luiz. *Cícero: o maior filósofo latino da Antiguidade*. São Paulo: Lafonte, 2011, p. 170. (Filosofia comentada). (Itálico nosso)).

¹²³ MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1946. In: MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* p. 50. O termo “cafard” vem da expressão francesa “Avoir le cafard”, cuja tradução literal seria “ter a barata”, “estar com a barata”, mas que “significa na realidade ter ‘ideias obscuras/estar deprimindo’” (FREITAS, Diana. *O que significa a expressão ‘Avoir le cafard’?* [Online]. In: *Francês cultural*. Disponível em <https://francescultural.com/2018/04/21/o-que-significa-a-expressao-avoir-le-cafard/>. Acesso em 01 mai. 2019).

¹²⁴ MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues, Rio de Janeiro, 3 de março de 1947. In: MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* p. 94. Em 30 de dezembro de 1946, relatara: “Esforço-me por dominar todas essas violências que desabam sobre mim. Mas não sei até quando terei forças para fazê-lo. E eu queria chegar ao fim salvando minha sensibilidade, os meus sentimentos, sem ficar nem amarga, nem cínica, nem mesmo desesperada.” (MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues, Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1946. In: MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* p. 81).

permanecendo, portanto, enquanto *desejo e arte poética*, como um “meio para alguém encontrar a si mesmo.”¹²⁵

Vê-se que tal recurso expressava uma insatisfação com um mundo cindido e vinha trazer algum alívio¹²⁶, revigorando o caminhar, que, àquela altura, na contracorrente de uma cena de fuga dos desafios do cotidiano, passava por lecionar literatura na Escola de Teatro do Rio de Janeiro, colaborar com o caderno *Letras e Artes*, do jornal *A Manhã*, escrever estudos dramáticos, como *O jardim* e *O Ás de Ouros*, elaborar peças teatrais para a *Sociedade Pestalozzi*, preparar traduções, realizar pesquisas, leituras e esboçar o material que, mais tarde, em 1953, seria publicado com o título de *Romanceiro da Inconfidência*, entre outras atividades.¹²⁷ Não só as viagens¹²⁸, as leituras e o anseio de ausência, traziam em seu âmago um coeficiente de interação e de vitalidade no convívio humano, como também a escrita. Colocar-se diante de outros, com outros e por outros, constituía uma precária, porém, indispensável

Tentativa

Ao apoiar-me a esta grade, ao derramar os olhos
pelos verdes e azuis, e ao contornar montanha
e floresta e igreja e casa e muro e trem e pedra e cão,
ao amar a flor e o inseto e, se for consentido,
o passante com seu guarda-chuva, a menina com seu livro,
sei que tenho a mesma atitude que mil pessoas a esta hora
certamente assumem em quantas cidades dos outros continentes,
e que há uma ternura nossa, possivelmente vã no tempo,
que só se interessa em dar, em ser, em ir-se, e que foi sempre
como agora, independente da História e da Geografia,
do regime político, do calendário e do relógio...
Então vale a pena viver este momento: quando os olhos
[complacentes
voam como dois pombos por cima do mundo tumultuoso,
e são como a carícia da mão fina de uma criança
tentando deslizar pelo perfil de um javali.¹²⁹

¹²⁵ CORRÊA, Roberto Alvim. Cecília Meireles. In: _____ *Anteu e a crítica: ensaios literários*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, p. 40-41.

¹²⁶ Para Ana Maria Lisboa de Mello, focando a poética de Cecília, “[...] No plano existencial, de amargas provações, o poeta [...] experimenta o sofrimento em profundidade e encontra no ato de produção artística uma forma de atenuá-lo, transformando a dor em canto. O canto é uma forma de amor e de doação à humanidade.” Cf. MELLO, Ana Maria Lisboa. “Reflexos da cultura indiana na poesia de Cecília Meireles.” In: _____ & UTÉZA, Francis. *Oriente e ocidente na poesia de Cecília Meireles*. Porto Alegre: Libretto, 2006, p. 136.

¹²⁷ As atividades listadas referem-se ao ano de 1947. Cf. MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* MEIRELES, Cecília. Cartas a Isabel do Prado. *Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo Isabel do Prado*.

¹²⁸ Acerca das viagens e da experiência de viajar em Cecília Meireles, ver o fundamental trabalho de ROMANO, Luís Antônio Contatori. *A poeta-viajante: uma teoria poética da viagem contemporânea nas crônicas de Cecília Meireles*. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2014.

¹²⁹ MEIRELES, Cecília. “Tentativa” [1962]. In: _____ *Poesia completa*. Organização Antônio Carlos Secchim. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 1927-1928 [Seção “Dispersos”; v. 2].

Esse poema, de 1962, costurado em versos livres e sem rima, quase se assemelha a uma prosa poética, intensificada pela repetição do conectivo “e”. O sentido da visão, qual um radar, catalisa a realidade em macro (“montanha”, “floresta”) e micro (“flor”, “inseto”) escalas, fazendo com que a amorosidade percorra sítios e objetos os mais corriqueiros, possivelmente, interditados à apreensão geral – donde a ressalva condicionante “se for consentido” (v. 4). Desvela-se um eu lírico encadeado ao mundo exterior, por meio de uma disposição interna de amar todas as criaturas (v. 1 a 5), não de forma isolada, na segurança de qualquer subterfúgio, e, sim, fazendo-se presença, ao habitar cidades e continentes, comungando sentidos e condutas (v. 6 e 7). Que esse desígnio possa ser interpretado como vão (v. 8), não impede que ele se cumpra com sua forma desprendida (v. 9) e resistente às forças históricas, geográficas, políticas e temporais, possivelmente desfavoráveis àquele projeto (v. 10 e 11). Embora a decisão de exercer um olhar amoroso não tivesse feito nenhum estrondo revolucionário e o mundo permanecesse orientado, em grande medida, pela brutalidade, a percepção daquele instante de ternura partilhada terá sido gratificante (v. 12 a 15). Todo o poema explicita uma concepção participativa do estar-no-mundo, concluída na imagem de uma experiência, além de visual, tátil, com mãos acariciando os tumultos em curso (v. 12 a 15). Quando a poeta emprega o termo “independente” (v. 10) parece querer acentuar o caráter de obstinação, em face dos que se opunham ao arranjo de um novo paradigma para a coexistência. Desse ponto de vista, a vinculação com o processo histórico e político dar-se-ia com a deliberação em levar tal projeto adiante, atravessando tempos e espaços, envolvendo-se com transformações, continuidades e eventualidades do devir.

Como explicara Étienne de La Boétie a seu amigo Michel de Montaigne:

A fortuna em delírio precipita-se em todas as direções: mas, serena, a virtude aplica-se a seus deveres; em sua própria companhia, goza dos tesouros que não lhe podem ser arrancados, e torna-se mais rica do usufruto que tira de si mesma.¹³⁰

O acaso, o fado, as circunstâncias históricas, enfim, a fortuna parecia ser compreendida por Cecília Meireles como aquilo que

resiste à ação e que só será vencido quando esta consegue, através da irrupção do novo, dar forma criativa à matéria-prima que aquela oferece. Pelo que a adequação da *virtù* à *fortuna* será sempre póstuma face aos efeitos que provoca.¹³¹

¹³⁰ LA BOÉTIE, Étienne de. Apud: STAROBINSKI, Jean. *Montaigne em movimento*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 61.

¹³¹ CATROGA, Fernando. *Ensaio Republicano...* p. 67. (Itálico original).

Dá a perceber a si como desajustada a seu tempo e a seu meio seria um piscar de olhos.

Ainda em 1962, juntamente com outros seis escritores - Carlos Drummond de Andrade, Dinah Silveira de Queiroz, Manuel Bandeira, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga - Meireles participou do programa *Quadrante*. Organizado por Murilo Miranda, diretor da Rádio Ministério da Educação e Cultura, o quadro apresentava, a cada dia da semana, uma crônica de um dos autores, na interpretação de Paulo Autran.¹³² Em um de seus textos, Cecília voltava a tensionar sua inquietude com a sociedade humana e o jogo de artifícios:

Hoje eu queria ler uns livros que não falam de gente, mas só de bichos, de plantas, de pedras: um livro que me levasse por essas solidões da Natureza, sem vozes humanas, sem discursos, boatos, mentiras, calúnias, falsidades, elogios, celebrações... Hoje eu queria apenas ver uma flor abrir-se, desmanchar-se, viver sua existência autêntica, integral, do nascimento à morte, muito breve, sem borboleta nem abelha de permeio. Uma existência total, no seu mistério. (E antes? – Não sei). (E depois? – Não sei). [...] ¹³³

Uma vez mais, a autora discutia o estado *de ser e do ser humano*, avaliando, pelos dados com que se deparava, os fundamentos do existir em coletividade, junto a diversas espécies e formas de vida. Por um lado, fica patente o enfatiamento com aquilo que identificava como um erro reiterado, isto é, a diminuição da vida a interesses mesquinhos, às ambições desmedidas, às disputas por fama e poder – donde o anseio de um distanciamento crítico. Por outro, expõe-se a ação propositiva, representada pelo desejo de autenticidade e de plenitude, de uma realização pessoal significativa, capaz de reformular o percurso do fazer-se humano. Como no poema, anteriormente, citado, além de uma concepção de humano, extensiva e inerente à Natureza, também aqui ficam acenadas a interdependência de um ideal político-social, burilado por virtudes éticas e cívicas, com uma realidade implacável, na qual aquele atuava.

Em Cecília Meireles, dessa maneira, humanismo e política estiveram entrelaçados, facultando a ela problematizar protocolos – culturais, políticos, sociais - e manifestar-se, fato que poderia causar estranhamento em parte de seus contemporâneos e

¹³² Cf. MIRANDA, Murilo. “Apresentação”. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. [et. al.] *Quadrante I*. [1ª ed. 1962] 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966, p. 5-6. Quanto a Paulo Autran (1922-2007), diretor carioca e um dos maiores atores brasileiros, atuante em peças, filmes, novelas, discos e programas de rádio, ver: “AUTRAN, Paulo.” In: ALMANAQUE ABRIL: quem é quem na história do Brasil. São Paulo: Abril Multimídia, 2000, p. 90.

¹³³ MEIRELES, Cecília. “Compensação”. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. [et. al.] *Quadrante I...* p. 118-119.

dos que exerciam a crítica literária. Carlos Lacerda, por exemplo, recordando o início dos anos 1930, quando trabalhara com Cecília, então sua chefe na direção da Página de Educação do *Diário de Notícias*, mencionou que ela encarnava

um poeta que, a meus olhos, parecia muito *estranho*. E muito *estranha* era ela. Creio que nos espantamos mutuamente, eu com os meus arremessos, um certo atrevimento de dizer e escrever; ela com a sua inclinação pelo místico esplendor da natureza, a sua desdenhosa conduta em relação a tudo o que é contingente e artificial, aquela busca do essencial, da palavra justa, do sentimento reduzido à extrema pureza, o caminho para um despojamento de todo supérfluo.¹³⁴

A própria Cecília Meireles escreveu sobre como se sentia invulgar em seu meio. Em carta do dia 29 de novembro de 1946, informava: “[...] aqui [no Rio de Janeiro, Brasil] não me entendem bem, sempre me acharam estranha, quase intrusa. E aí [Ponta Delgada, Açores], como me achariam? O mesmo. Eu sou criatura de exílio. De todos os exílios.”¹³⁵ Há muito Cecília sustinha essa ideia de desencaixe.¹³⁶ Nascida no Rio de Janeiro, em 07 de novembro de 1901, e ali criada por sua avó materna, a açoriana Jacintha Garcia Benevides, após as mortes prematuras de irmãos, pai e mãe, Cecília cresceu escutando histórias das Índias orientais.¹³⁷ Casou-se com Fernando Correa Dias, português, artista plástico, em 1922, com quem teve três filhas. No decorrer dos anos, manteve comunicação com vários intelectuais da América Latina, de Portugal e de outras partes, visitando vários países mundo afora. Mesmo encarando conflitos políticos e se opondo, por princípio, a ditaduras, como a varguista (1937-1945) e a dos militares, em 1964, em nenhuma ocasião viu-se ela coagida a se transplantar, ou seja, não foi uma refugiada ou expatriada em sentido estrito. O emprego da metáfora do exílio evocaria uma experiência de reflexividade, de autoavaliação sobre a inserção social e espaço-temporal do *eu*. O processo inacabado de construção de identidades, o estabelecimento de laços afetivos distantes da comunidade autóctone e a apreensão de uma realidade pluralista foram

¹³⁴ LACERDA, Carlos. “Cecília Meireles”. In: *Manchete*, Rio de Janeiro, Ano 12, n. 658, 28 nov. 1964, p. 96. (Itálico nosso).

¹³⁵ MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues, Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1946. In: MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* p. 72.

¹³⁶ Naquele que é considerado o segundo livro de sua maturidade, *Vaga Música*, lançado durante o Estado Novo, em 1942, já escrevera sobre a experiência de um “Exílio”, in: _____ *Vaga Música*. [1ª ed.1942]. *Poesia completa*. Vol. I. Organização, apresentação e estabelecimento de texto Antônio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.341-342. Leila V. B. Gouvêa salienta que a imagem do “exílio” foi um dos temas que caracterizaram a lírica cecilianiana. GOUVÊA, Leila V. B. *Pensamento e Lirismo Puro na poesia de Cecília Meireles*. São Paulo: Edusp, 2008, p. 168-169.

¹³⁷ Cf. MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* MEIRELES, Cecília. Entrevista a Pedro Bloch. In: BLOCH, Pedro. *Vida, pensamento e obra de grandes vultos da cultura brasileira...*

fenômenos que integraram a constituição do mundo moderno.¹³⁸ E Cecília Meireles não parece ter passado incólume a essas marcas de seu tempo.

Se, de acordo com o historiador inglês Peter Burke, os “exilados são, tanto intelectual quanto emocionalmente, deslocados”¹³⁹, a figura de *exilada*, poderia mesmo exercer um fascínio em Cecília Meireles, coadunando-se com sua perspectiva universalista de solidariedade, que problematizava a fixidez de divisões geográficas e culturais. Aos deslocamentos da modernidade responderiam outras formas de reencarnações¹⁴⁰, ou seja, outros mecanismos de reinserção nas relações sociais, a exemplo das trocas intelectuais de Cecília, que extrapolavam os limites de sua cidade natal. A interação entre a escritora, seus amigos estrangeiros e seus compatriotas, alterava a realidade, suscitando leituras e interpretações multilaterais.¹⁴¹ Possivelmente, essa também foi uma forma de lidar com os que avaliavam seus trabalhos, em especial, seus livros de poemas, cujas críticas, tantas vezes oriundas de algum *estranhamento*, foram tracejando uma efígie lírica, nem sempre atenta à perspectiva humanística e política da autora. Porque decisivos na construção da imagem pública de Cecília Meireles, esses textos merecem ser, ainda que brevemente, examinados.

1.2. Entrelinhas da crítica literária

Dirigindo-se a seu amigo açoriano, em 30 de abril de 1946, Cecília estimava que, no Brasil,

da minha poesia não têm uma impressão muito exata. Acham-me estranha, e é possível que tenham certa admiração pela minha ‘estranheza’. Sou, assim, como neve no trópico. Isso não me impede que tenha um público numeroso, que os meus livros se esgotem: também se enche o jardim zoológico de gente que vai ver a girafa! A minha vida foi sempre vivida tão à parte, o meu mundo é tão separado

¹³⁸ Cf. BURKE, Peter. *Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000*. Tradução de Renato Prelorenzou. São Paulo: Editora Unesp, 2017. SILVA, Thomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tradução Thomaz Tadeu da Silva. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

¹³⁹ BURKE, Peter. *Perdas e ganhos...* p. 21.

¹⁴⁰ A observação da relação entre as ideias de modernidade, deslocamento e reencaixe foi feita pelo sociólogo estadunidense Anthony Giddens em GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. [1990]. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991. (Biblioteca básica).

¹⁴¹ Tangencia-se, aqui, o conceito de transculturação, que, impulsionado pelo antropólogo cubano Fernando Ortiz Fernández, dá ênfase ao caráter múltiplo dos contatos e trocas culturais, que alteram todos os lados de uma dada relação e, não, apenas uma das pontas, como pode sugerir outros termos, tais como assimilação e aculturação. Cf. BURKE, Peter. *Perdas e ganhos...* FUNARI, Pedro Paulo & PIÑON, Ana. *A temática indígena na escola: subsídios para os professores*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

que até dentro de casa me estimam com certa pena. Com a pena de eu não ser outra. (Mas talvez seja imaginação.)¹⁴²

A dificuldade enfrentada pelos críticos em compreender sua poesia não passou despercebida. A estranheza possuía mão dupla, partindo da autora em relação ao mundo circundante e vice-versa. Cecília nascera e se estabelecera no Rio de Janeiro, entretanto, experimentava ares de *outsider*.¹⁴³ Uma vez problematizada, a sensação de pertencimento à sociedade, inteligível em sua arte, poderia render resultados positivos, como a admiração dos leitores e o êxito nas vendas, em uma época de desenvolvimento do mercado editorial brasileiro.¹⁴⁴ Para o prestígio de seus poemas poderia afluir ainda certo interesse pelo *exótico*, como sugere a jocosa alegoria da girafa no zoológico, cercada de curiosos. O enraizamento não impediria o movimento e a metamorfose do intelecto, da sensibilidade e da sociabilidade. Mais do que propriamente desarraigada, Cecília Meireles parecia querer estabelecer-se em toda parte, em comunhão com a humanidade, dentro e fora dos limites sociais, políticos e culturais.¹⁴⁵ Essa embocadura acompanharia suas obras e se vinculava à sua vida pessoal, em sua casa, com marido e filhas – não obstante, conforme ressalta a própria Cecília, tal *estranheza* pudesse se originar de sua *imaginação*. Ou seja, tratava-se, provavelmente, de uma escolha, de um modo de pensar, de sentir e de se comportar, e não somente de um engenho retórico.

A impressão da autora sobre as reações da crítica a seus versos parecia corresponder, em grande parte, ao que se assistia.

Em 1936, o crítico musical e literário, Andrade Muricy, companheiro de Cecília Meireles na primeira (1927-1928) e na segunda fases (1934-1935) da revista *Festa*¹⁴⁶,

¹⁴² MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues, Rio de Janeiro, 30 de abril de 1946. In: MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* p. 11.

¹⁴³ Para um estudo etnográfico-sociológico sobre os elementos que mediam as relações entre estabelecidos e *outsiders* ver: ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. [1994]. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Apresentação e revisão técnica de Federico Neiburg. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

¹⁴⁴ Cf. MICELI, Sérgio. “A expansão do mercado do livro e a gênese de um grupo de romancistas profissionais.” In: _____ *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: DIFEL/Difusão Editorial, 1979, p. 69-128. BRAGANÇA, Aníbal & ABREU, Márcia. (Org.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011. DUTRA, Eliana Regina de Freitas & MOLLIER, Jean-Yves. (Org.). *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política (Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX)*. São Paulo: Annablume, 2006.

¹⁴⁵ Sobre as ideias enraizamento e desenraizamento, ver: LEFORTE, Claude. “Humanismo e anti-humanismo: uma homenagem a Salman Rushdie.” In: _____ *Desafios da escrita política*. Tradução de Eliana de Melo Souza. São Paulo: Discurso Editorial, 1999, p.45-46.

¹⁴⁶ Cf. CACCESE, Neusa Pinsard. *Festa: contribuição para o estudo do modernismo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros USP, 1971.

assinou *A nova literatura brasileira: crítica e antologia*. Dentre a plêiade de escritores selecionados, reservou à autora carioca comentários como:

Cecília Meirelles deixa [...] exalar-se, talvez involuntariamente, capitoso perfume de alma, alma *estranha* como nenhuma outra da jovem poesia da América ibérica, alma de retração intrépida, lá no polo oposto à humanidade borbulhante das efusões de Gilka Machado. Tal perfume sutil mais rara torna a qualidade das efusões voluntariamente frias, beirando a cerebralidade, de quase toda a obra de Cecília Meirelles.¹⁴⁷

Embora já bastante conhecida nos meios intelectuais do Rio de Janeiro e alhures, Cecília ainda não havia obtido a aclamação de ilustre expoente da literatura nacional. Até então, junto com *Espectros*, de 1919, lançara *Nunca mais... e poema dos poemas*, em 1923, e *Baladas para El-Rei*, em 1925, além da obra paradidática *Criança, meu amor*, de 1924 e da tese para concurso público da Escola Normal, *O Espírito Vitorioso*, de 1929. Cooperara também com diversos jornais e revistas, publicando poemas, crônicas, ensaios, contos e desenhos. Atendo-se a esse estofo, Andrade Muricy intuiu determinada estranheza diante da verve cecilianiana, que seria, a um só tempo, efusiva e cerebral, emotiva e racional, destoante de outros poetas, como a também carioca Gilka Machado, cuja dicção expressava “a paixão dos sentidos, a volúpia do amor carnal e o dramático choque entre corpo e alma.”¹⁴⁸

Cerca de três anos depois, o poeta, romancista, ensaísta, contista, cronista, musicólogo e folclorista, Mário de Andrade, com sua habitual perspicácia, afirmou:

[...] dentro de sua grande técnica, eclética e energicamente adequada, se move a alma principal de Cecília Meireles. Alma grave e modesta, bastante desencantada, simples e *estranha* ao mesmo tempo, profundamente vivida. E silenciosa. Porque é extraordinária a faculdade com que a poetisa sabe encher de silêncio suas palavras.¹⁴⁹

Pelo crivo do intelectual paulista, emergia, novamente, um sinal de estranhamento, oriundo, em parte, da dificuldade de se identificar na técnica e no espírito poético de Cecília a limitação a quaisquer matrizes estéticas ou éticas. Segundo o crítico,

[...] Por todas as tão diversas conceituações e experiências de poesia que apareceram no movimento literário brasileiro do Modernismo para cá, Cecília Meireles tem passado, não exatamente incólume, mas demonstrando firme resistência a qualquer adesão passiva. Ela é desses

¹⁴⁷ MURICY, Andrade. *A nova literatura brasileira: crítica e antologia*. Porto Alegre: Editora Livraria do Globo, 1936, p. 49. [Itálico nosso].

¹⁴⁸ COELHO, Nelly Novaes. “Gilka Machado”. In: _____ *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002, p. 228.

¹⁴⁹ ANDRADE, Mário. “Viagem”. [1939]. In: _____ *O empalhador de passarinho*. 4. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002, p. 168. [Itálico nosso].

artistas que tiram seu ouro onde o encontram, escolhendo por si, com rara independência.¹⁵⁰

A prática do diálogo crítico e a liberdade do pensar, como se verá, também designariam o modo pelo qual a autora pôs-se a escupir seu *ethos* político. Cecília Meireles empreendeu um projeto de valorização de personagens, acontecimentos, ideias e símbolos, que, em sua heterogeneidade, foram ressignificados, compondo uma pauta comum de defesa da autonomia, da fraternidade, da dignidade humana e do espírito republicano, ou seja, de um agudo senso de comunidade.

Em matéria de arte, prossegue Mário de Andrade, a escritora incorporaria um “ecletismo sábio, que escolhe de todas as tendências apenas o que enriquece ou facilita a expressão do ser”¹⁵¹, alcançando uma síntese entre simplicidade e complexidade, silêncio e palavras ou, se poderia acrescentar, ausência e presença. O artigo marioandradino, de 1939, provinha da análise do livro, sugestivamente, denominado *Viagem*, com o qual Cecília Meireles conquistara, após renhida disputa¹⁵², o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras. Essa obra, diz Nelly Novaes Coelho, marcaria “o encontro definitivo de Cecília com sua arte maior”.¹⁵³ Conforme a própria poeta, em entrevista prestada a Solêna Benevides Vianna, sua obra se dividia em duas fases:

a primeira, até 1938, com livros de literatura infantil e dois volumes de poesia (‘Nunca mais’ e ‘baladas para El-Rei’); a segunda, de 1938 em diante, com ‘Viagem’, publicado nesse ano [na realidade, em 1939], ‘Vaga Música’, em 1942 e ‘Mar Absoluto’, em 1945.¹⁵⁴

E justificou, compreendendo o entrelaçamento entre mudanças e permanências:

Digo-lhe duas fases não porque me sinta diferente, mas porque houve um intervalo de muitos anos entre esses dois grupos de livros; porque as transformações que em mim possa encontrar são apenas as de uma continuação de mim mesma, através de experiências que o tempo nos oferece.¹⁵⁵

Com os livros subsequentes, alçaria sua reputação a novos patamares.¹⁵⁶

¹⁵⁰ ANDRADE, Mário. “Viagem”. [1939]. In: _____ *O empalhador de passarinho...* p. 165.

¹⁵¹ ANDRADE, Mário. “Viagem”. [1939]. In: _____ *O empalhador de passarinho...* p. 165.

¹⁵² Ver Capítulo 4, adiante.

¹⁵³ COELHO, Nelly Novaes. “Cecília Meireles”. In: _____ *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002, p. 115..

¹⁵⁴ MEIRELES, Cecília. Entrevista a Solêna Benevides Vianna. *A Manhã*. Rio de Janeiro, Domingo, 20 de janeiro de 1945, p. 3.

¹⁵⁵ MEIRELES, Cecília. Entrevista a Solêna Benevides Vianna. *A Manhã*. Rio de Janeiro, Domingo, 20 de janeiro de 1945, p. 3.

¹⁵⁶ Cf. BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira: seguida de uma pequena antologia*. Rio de Janeiro: Edições CEB, 1946, p. 166-167.

Ecoando, parcialmente, as considerações de Andrade Muricy e de Mário de Andrade, o editor, escritor e professor Roberto Alvim Corrêa, por ocasião do aparecimento de *Vaga Música*, em 1942, anotou

[Cecília Meireles] é um poeta lírico, mas o seu lirismo nada tem de tempestuoso ou desganhado; é controlado. E, por isso mesmo, sendo controlado e contido, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, é mais intenso e profundo, embora não reivindique coisa alguma, o que talvez constitua o seu pessimismo latente, pouco visível por nunca ser expresso.¹⁵⁷

Lirismo intenso, mas controlado. Pessimismo nunca expresso, mas latente. Qualidades que indicam mobilidade, coabitação de caracteres pendulares, interação da subjetividade lírica com a objetividade das circunstâncias, fomentando novas sínteses.

A arte cecilianiana ainda ensinou a Alvim Corrêa traçar outro comentário, deveras significativo:

A poesia [...] é vida, mais aquilo que lhe trazemos pessoalmente, a repercussão das coisas em nós, uma estrela, mais o que mais sei, neste instante, das estrelas; este olhar agudo e longínquo, que não me deixa dormir, esse canto silencioso, esse claro e noturno rebanho, essa imensa árvore de Natal, e muita coisa que não digo. Por isso, a poesia é imagem – uma imagem que momentaneamente *liberta*.¹⁵⁸

Na condição de poeta, inserida em determinados alicerces políticos, sociais, econômicos e culturais, Cecília faria de seus versos um canto de liberdade e um campo de luta por transformação do ser humano pelo amor e pela beleza. Por esse aspecto mais lato, talvez não seja despropositado falar-se em um sentido pedagógico da poesia cecilianiana, a confluir para a tarefa de sensibilizar seus leitores, de com ela partilhar emoções e entendimentos, afinados com uma visão ético-estética a humanizar o humano.

Manuel Bandeira, poeta e crítico literário pernambucano, em 1946, reiterou, a partir de Andrade Muricy, que, “[...] Ao tempo de *Festa*, era já Cecília Meireles uma voz distinta entre nossos poetas.”¹⁵⁹ Tal singularidade, fértil em remodelar parâmetros e já também manifesta em *Vaga Música* (1942) e *Mar Absoluto e Outros Poemas* (1945), fez com que Bandeira sentisse que “Cecília está sempre empenhada em atingir a perfeição, valendo-se para isso de todos os recursos tradicionais ou novos.”¹⁶⁰ Como há pouco

¹⁵⁷ Originalmente, a crítica foi publicada em CORRÊA, Roberto Alvim. “Mensagem de Poesia”. In: *A Manhã*, Rio de Janeiro, 18 nov. 1943, seção “Crítica literária”, p. 3. Mais tarde, o artigo teve o título modificado para “Cecília Meireles” e foi reunido em: CORRÊA, Roberto Alvim. *Anteu e a crítica: ensaios literários*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1948. A citação supra encontra-se à p. 39.

¹⁵⁸ CORRÊA, Roberto Alvim. *Anteu e a crítica...* p. 41. (Itálico nosso).

¹⁵⁹ BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira...* p. 166.

¹⁶⁰ BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira...* p. 167.

poetizara, Cecília seria “libérrima e exata”, “tão forte e tão frágil”, com “limites” e ilimitada.¹⁶¹

Outro poeta de vulto do modernismo, o mineiro Carlos Drummond de Andrade, por ocasião do surgimento de *Retrato Natural*, em 1949, sondou:

Cada novo livro da sra. Cecília Meireles é um prolongamento discreto dos anteriores e é também a demonstração do que pode um poeta retirar de novo de suas antigas jazidas. Aparentemente, nenhuma transformação na matéria que nos oferece; na realidade, outras e rigorosas experiências foram feitas, resultando em combinações originais que, por sua delicadeza e perfeição mesmas, correriam o risco de passar despercebidas dos amantes da simples novidade.¹⁶²

Drummond advertia para o convívio, em cada trabalho ceciliano, de um projeto poético duradouro e de uma abertura estética para experimentações e originalidade, avessa à novidade rasa. No mesmo timbre, Vitorino Nemésio, em artigo de 03 de agosto de 1949, afirmou que Cecília Meireles tornara-se “um dos maiores líricos da língua portuguesa”:

E lírico que acrescenta ao velho patrimônio várias riquezas novas. Não que a voz de Cecília irrompesse sem pareças reconhecidas, mas porque toda a tradição portuguesa e brasileira latente em seus livros vem estilisticamente fundida, discretamente compenetrada. No caudal profundamente encaçado da nossa poesia perene – dos trovadores, pelos palacianos, aos quinhentistas; daqui, por gongoristas e árcades, a românticos e modernos – Cecília Meireles faz velejar a sua nave ao mais longe dos mares.¹⁶³

A habilidade de cruzar tradições, territorialidades e temporalidades, de se radicar sem se prender, também raiou no testemunho do ensaísta paulista, Sérgio Milliet, em 1952: “José Osório de Oliveira, o crítico português, afirmou-me que para compreender a poesia de Cecília Meireles, era preciso afastar a poesia dos trópicos sem, contudo, levá-la até a Europa.”¹⁶⁴ Em face do desafio de discernir claramente a quais famílias ou identidades intelectuais se vinculava a autora, outro crítico lusíada, Adolfo Casais

¹⁶¹ Datado de 7 de outubro de 1945, esse “Improviso” comporá o sétimo livro de poesia de Manuel Bandeira, *Belo belo*, em 1948. Diz o poema: “Cecília, és libérrima e exata/Como a concha./Mas a concha é excessiva matéria,/E a matéria mata./Cecília, és tão forte e tão frágil/Como a onda ao termo da luta./Mas a onda é água que afoga:/Tu, não, és enxuta./Cecília, és, como o ar,/Diáfana, diáfana./Mas o ar tem limites/Tu, quem te pode limitar?/Definição:/Concha, mas de orelha;/Água, mas de lágrima;/Ar com sentimento./– Brisa, viração/Da asa de uma abelha.” BANDEIRA, Manuel. “Improviso”. In: _____ *Belo belo*. [1948]. Organização André Seffrin. São Paulo: Global, 2014, p.33

¹⁶² ANDRADE, Carlos Drummond. “O livro de julho: ‘Retrato Natural’ – Cecília Meireles”. In: *Jornal das Letras*, Rio de Janeiro, jul. 1949, p. 3.

¹⁶³ NEMÉSIO, Vitorino. “A poesia de Cecília Meireles” [1949]. In: _____ *Conhecimento de poesia*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958, p. 322.

¹⁶⁴ MILLIET, Sérgio. *Panorama da moderna poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1952, p. 74.

Monteiro, verificou que “há um *problema* Cecília Meireles”.¹⁶⁵ Ela seria “por si só, uma direção, uma tendência, uma corrente”¹⁶⁶, sublinhada por “[...] uma perpétua interrogação ao amor, à saudade, ao tempo e à eternidade”.¹⁶⁷

Pouco depois, Otto Maria Carpeaux, crítico e historiador literário austríaco, naturalizado brasileiro, exarou:

Uma corrente tão universal de poesia não conhece fronteiras nacionais. Em linguagem clássica portuguesa e com sensibilidade inconfundivelmente brasileira já escreveu Cecília Meireles poesias que pertencem ao patrimônio da melhor poesia universal deste século.¹⁶⁸

Em todas essas críticas, confirmando o diagnóstico da autora, torna-se nítida a existência de uma perplexidade diante de sua poesia. Nas entrelinhas desses textos correm questionamentos, concernentes às barganhas entre emoção e intelecto, adesão e autonomia, nacionalidade e universalidade. Observa-se, por meio dessa tendência crítica, uma constante inquietude na relação entre poeta, mundo e poema, facultando a compreensão do lirismo como elemento emancipado e, paralelamente, inseparável das ideias e das práticas políticas.

Em outros balanços, no entanto, essa tensão seria subestimada e/ou omitida, o que acarretaria a difusão de um retrato, no mínimo, incompleto de Cecília Meireles. Foi o caso, por exemplo, de Mário da Silva Brito, cujas considerações granjeariam adeptos, décadas afora. Em obra de 1959, enfatizava:

A poesia de Cecília Meireles é intemporal, diáfana e cristalina, e, além de nobre e discreta, delicada e dotada de musicalidade que lhe acentua a leveza. [...] Artífice extremamente hábil e espírito selecionador, manifesta-se praticamente através de solilóquios e, se se inspira na natureza, manipula os dados sensoriais, concretos, de modo a torná-los abstratos e subjetivos. Falta-lhe, porém, a densidade dramática, de sentido coletivo. Aérea e fluida, sua poesia paira acima do drama contemporâneo, e, assim, não se insere no momento histórico.¹⁶⁹

Longe, aqui, de questionar as propriedades poéticas, flagrantes nos versos cecilianos, tais como o acento universal, o anseio de transfiguração, a delicadeza, o apuro formal e a musicalidade. O ponto, ora contestado, é a circunscrição da imagem da obra - e, por extensão, da autora - como “aérea e fluida”, pairando “acima do drama

¹⁶⁵ MONTEIRO, Adolfo Casais. “Cecília Meireles” [1957] In: _____ *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da USP, 1972, p. 142. (Itálico nosso).

¹⁶⁶ MONTEIRO, Adolfo Casais. “Cecília Meireles”... p. 142-143.

¹⁶⁷ MONTEIRO, Adolfo Casais. “Cecília Meireles”... p. 142-143.

¹⁶⁸ CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura ocidental*. [1959] 3ª ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008, p. 2691.

¹⁶⁹ BRITO, Mário da Silva. “Cecília Meireles”. In: _____ *Poesia do Modernismo* [1959]. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968, p. 170.

contemporâneo” e isolada do “momento histórico”.¹⁷⁰ Desse ponto de vista, o *Romanceiro da Inconfidência*, produção de peso inegavelmente político, teria vindo na contracorrente de sua poesia, como uma espécie de autoimposição, isto é, um trabalho em que Cecília, supostamente, “impôs-se a si mesma o interesse pelos temas da tradição nacional.”¹⁷¹ Devido à insuficiência de entendimento dos projetos poético e político, o

rótulo de ‘alienada’, palavra feia para a intelectualidade dos anos cinquenta e sessenta, foi aplicada a Cecília Meireles, cuja qualidade literária, entretanto, constringia, permitindo certa admiração entre dentes, ‘mais pelo artista do verso do que pelo poeta’.¹⁷²

Ressoando esse caldo interpretativo, Ana Cristina Cesar, em 1979, já com um tom mais abrasivo, sentenciou: “As duas [Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa] são figuras consagradas e que *nunca inquietaram ninguém*.”¹⁷³ Mais tarde, em 1997, José Paulo Paes, adjacente a Silva Brito, apreciou:

A capitania de Cecília Meireles é uma região de terras altas, mais perto das nuvens que da cidade dos homens lá embaixo. O silêncio e a solidão de suas alturas convida naturalmente ao *solilóquio* lírico, e o ar *diáfano* que ali se respira como se impõe a *crystalinidade* de linguagem, de quando em quando modulada em opalescência.¹⁷⁴

Cumprir insistir que o lirismo ceciliano era dotado de singular sensibilidade, conectada, porém, aos dramas de seu tempo e neles interveniente. Prova disso são também os incômodos causados por seus trabalhos. Se, ultrapassando suas reservas, a análise de Mário da Silva Brito, em geral, rendia elogios a Cecília Meireles – e nesse enaltecimento acompanhava a absoluta maioria dos críticos coevos – os escritos de Oswald de Andrade e de Agripino Grieco chegavam às raias do insulto. O primeiro, em dezembro de 1952, opôs-se ao nome de Cecília Meireles – que naquele ano lançara, pela editora *Livros de Portugal*, do Rio de Janeiro, *Doze noturnos da Holanda e o Aeronauta* – para a premiação promovida pela Câmara Brasileira do Livro, fazendo um *Voto a descoberto*:

A senhora Cecília Meireles é uma espécie de Morro de Santo Antônio, que atravanca o livre tráfego da poesia. Com sua celebridade madura, continua a fazer o mesmo verso arrumadinho, neutro e bem cantado,

¹⁷⁰ BRITO, Mário da Silva. “Cecília Meireles”... p. 170.

¹⁷¹ BRITO, Mário da Silva. “Cecília Meireles”... p. 170.

¹⁷² ZAGURY, Eliane. *Cecília Meireles*: notícia biográfica, estudo crítico, antologia, discografia, partituras. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 53. (Poetas modernos do Brasil, 3).

¹⁷³ CESAR, Ana Cristina. “Literatura e mulher: essa palavra de luxo.” In: _____ *Crítica e tradução*. São Paulo: Editora Ática, 1999, p. 228. (Itálico nosso).

¹⁷⁴ PAES, José Paulo. “Poesia nas alturas”. In: _____ *Os perigos da poesia e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997, p. 35. (Itálico nosso, indicando termos análogos aos empregados por Mário da Silva Brito, em trecho supracitado).

com fitinhas, ou melhor, com fitilhos e bordados. Sem dizer nada, sem transmitir nada. Mesmo sem sentir nada.¹⁷⁵

E, desconhecendo, ou não, as várias turbulências que Cecília enfrentara em sua vida pessoal, profissional e artística, arregalava seu gosto pela polêmica:

À consagrada poetisa devia dirigir-se aquela apóstrofe nietzschiana do grande Ungaretti, feita a um jovem pintor que pretendia conseguir carreira sem arriscar o dedinho do pé esquerdo: - Você precisa de um acontecimento em sua vida, de uma catástrofe! [...] Depois venha fazer arte!¹⁷⁶

Por essas razões, divergindo de outros colegas escritores, componentes do júri – Jamil Almansur Haddad e Edgard Cavalheiro, favoráveis à premiação da autora de *Doze noturnos* - Oswald de Andrade explicava que “não poderia nunca admitir que o prêmio fosse concedido a Dona Cecília Meireles”.¹⁷⁷ E anunciava, então, seu voto em Adalgisa Nery, por *As fronteiras da quarta dimensão*, um livro “estruturado, forte e passional”, que sairia “da modorra da nossa poesia”.¹⁷⁸ Oswald conseguiu preterir Cecília, mas não laurear sua escolhida: Haddad e Cavalheiro acabaram concedendo o prêmio de vinte mil cruzeiros a Henriqueta Lisboa (1901-1985)¹⁷⁹, por *Madrinha lua*.¹⁸⁰

Oswald voltaria a atuar para impedir outra premiação de Cecília Meireles, agora, junto ao concurso promovido pelo Salão Letras e Artes Carmen Dolores Barbosa, em 1953, ano de lançamento do *Romanceiro da Inconfidência*.¹⁸¹ Segundo o avaliador,

[...] Houve uma enorme cabala a favor de sra. Cecília Meireles, pois ainda há gente que aprecie os artifícios dessa grande contemporânea de Fradique Mendes que ainda acredita na Índia dos rajás, ignorando a Índia do comunismo, e Rachel não teve os sufrágios da forma que eu desejava. Passei então a dar ganho de causa aos *Cangaceiros* que reputo o melhor livro do favorito editor José Olympio. E essa excelente saga venceu.¹⁸²

Como se vê, desta feita, o autor paulista conseguiu, além de barrar Cecília, ter um voto vitorioso. José Lins do Rego auferiu à celebração de sua obra e à quantia de vinte e cinco mil cruzeiros. *Pari passu*, Oswald, reiteradamente, deixou claro seu desdém por

¹⁷⁵ ANDRADE, Oswald. “Voto a descoberto” [1952]. In: _____ *Telefonema*. Organização, introdução e notas de Vera Maria Chalmers. 2ª ed. aum. São Paulo: Globo, 2007, p. 553. (Obras completas de Oswald de Andrade).

¹⁷⁶ ANDRADE, Oswald. “Voto a descoberto” [1952]. In: _____ *Telefonema*... p. 553.

¹⁷⁷ ANDRADE, Oswald. “Voto a descoberto” [1952]. In: _____ *Telefonema*... p. 553-554.

¹⁷⁸ ANDRADE, Oswald. “Voto a descoberto” [1952]. In: _____ *Telefonema*... p. 554.

¹⁷⁹ Ver: *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*...

¹⁸⁰ Cf. “Prêmios instituídos pela Câmara Brasileira do Livro”. In: CORREIO PAULISTANO, 21 dez. 1952, p. 21.

¹⁸¹ CHALMERS, Vera Maria. “Cronologia”. In: ANDRADE, Oswald. *Telefonema*... p. 797.

¹⁸² ANDRADE, Oswald. “Um prêmio” [1953]. In: _____ *Telefonema*... p. 666.

uma compreensão mais trabalhada sobre a obra e a pessoa pública de Cecília Meireles, ao taxar, uma e outra, de antiquadas – do tempo do personagem oitocentista [Fradique Mendes], de Eça de Queiroz – e de ingênuas ou desinformadas - ao se aterem a uma hipotética visão tradicional da Índia, em detrimento de um olhar cômico da política contemporânea.

Espera-se que o equívoco de tais colocações fique comprovado adiante, onde emerge uma Cecília absolutamente atenta aos acontecimentos, ideologias e entrosos políticos de sua época. Quanto à poética cecilianiana, já se evidenciou, anteriormente, a complexidade de seu perfil, capaz de atravessar os mais variados corredores estéticos e se colocar como uma autora autônoma e moderna.

Insistindo, porém, com sua verbo-metralhadora giratória, ao ser indagado sobre quais livros jamais deveriam ter sido escritos, Oswald de Andrade responderia:

Muitos. Entre os quais ‘Os Lusíadas’ de Camões. Nesse ponto, estou de acordo com o Fernando Pessoa, que acusa o poeta de ter imitado a ‘Musa Espartilhada’, de Petrarca, em vez de dar curso à grande lírica livre de Portugal. No campo nacional, os livros analfabetos do teatrólogo Nelson Rodrigues e os da poetisa Cecília Meireles.¹⁸³

É provável que parte dessa antipatia por Cecília Meireles tivesse resíduos da divergência política entre os dois intelectuais, intuída de longa data. Convidada pelo governo português para visitar o país e fazer conferências literárias e educacionais, em 1934,¹⁸⁴ Cecília proferiu a *Notícia da Poesia Brasileira*, em Lisboa e Coimbra. Na ocasião, a autora demarcou seu afastamento da teoria oswaldiana do *Pau Brasil* e sua afinidade com a do *desvairismo* marioandradino. No *Prefácio interessantíssimo*, de *Pauliceia Desvairada*¹⁸⁵, reconheceu uma expressão da “ansiedade” de “poetas sem manifesto”¹⁸⁶, que não desejavam participar do que se costumava denominar de *passadismo*, vale dizer, a clausura do espírito em fórmulas artísticas celebrizadas. No entender de Cecília, a obra de Mário representava também aqueles infensos ao pertencimento “a grupos que, investindo contra prisões de determinadas escolas,

¹⁸³ ANDRADE, Oswald. “Entrevista”. In: *Revista Manchete*. Nº 104. Rio de Janeiro, 17 de abril de 1954.

¹⁸⁴ Cecília foi acompanhada de seu marido, Fernando Correa Dias, que, português, retornava à sua terra natal. Cf. MEIRELES, Cecília. *Diário de Bordo*. Ilustrações Fernando Correa Dias. Apresentação Alberto da Costa e Silva. Prefácio e posfácio Jussara Pimenta. São Paulo: Global, 2015.

¹⁸⁵ ANDRADE, Mário. “Pauliceia Desvairada”. [1922]. In: _____ *Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, p. 55-127.

¹⁸⁶ MEIRELES, Cecília. *Notícia da poesia brasileira* (conferência). Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade, 1935. Apud: GOUVÊA, Leila V. B. *Pensamento e “Lirismo Puro” na poesia de Cecília Meireles...* p. 60.

armavam futuras prisões nos seus programas renovadores.”¹⁸⁷ À vista disso, a conferencista declarou-se simpática à teoria do autor de *Paulicea*, que também aceitaria, na arte moderna, a possibilidade da existência de temas antigos e eternos.¹⁸⁸ Nas palavras de Mário:

Escrever arte moderna não significa jamais para mim representar a vida atual no que tem de exterior: automóveis, cinema, asfalto. Se estas palavras frequentam-me o livro não é porque pense com elas escrever moderno, mas porque sendo meu livro moderno, elas têm nele sua razão de ser. Sei mais que pode ser moderno artista que se inspire na Grécia de Orfeu ou na Lusitânia de Nun’ Álvares. Reconheço mais a existência de temas eternos, passíveis de afeiçoar pela modernidade: universo, pátria, amor e a presença-dos-ausentes, ex-gozo-amargo-de-infelizes.¹⁸⁹

Os méritos de Andrade estariam em se preocupar mais “em debater problemas ideológicos do que em fixar e, mais do que isso, limitar formas de expressão”¹⁹⁰, “acordar a própria poesia”¹⁹¹ de seus lugares-comuns, e, “*principalmente, não pretender formar discípulos*, pois seu próprio autor [...], logo depois de a descobrir, partia de si mesmo para a conquista de outras verdades, convencido da instabilidade eterna da vida [...]”.¹⁹² Quanto a *Pau Brasil*, de Oswald de Andrade, “ao contrário, foi uma poesia desejosa de viver e de fazer adeptos.”¹⁹³

De um lado, a iconoclastia, a irrisão, o engajamento partidário, de Oswald de Andrade.¹⁹⁴ De outro, a reflexão, a dramaticidade, o ecletismo, a dúvida crítica em relação às doutrinas estéticas e ideológicas, de Cecília Meireles.¹⁹⁵ Mais do que por Oswald, o

¹⁸⁷ MEIRELES, Cecília. *Notícia da poesia brasileira...* Apud: GOUVÊA, Leila V. B. *Pensamento e “Lirismo Puro” na poesia de Cecília Meireles...* p. 60.

¹⁸⁸ MEIRELES, Cecília. *Notícia da poesia brasileira...* Apud: GOUVÊA, Leila V. B. *Pensamento e “Lirismo Puro” na poesia de Cecília Meireles...* p. 60.

¹⁸⁹ ANDRADE, Mário. “Paulicea Desvairada”. [1922]. In: _____ *Poesias completas...* p. 73

¹⁹⁰ MEIRELES, Cecília. *Notícia da poesia brasileira...* Apud: GOUVÊA, Leila V. B. *Pensamento e “Lirismo Puro” na poesia de Cecília Meireles...* p. 60. (Itálico nosso).

¹⁹¹ MEIRELES, Cecília. *Notícia da poesia brasileira...* Apud: GOUVÊA, Leila V. B. *Pensamento e “Lirismo Puro” na poesia de Cecília Meireles...* p. 60. (Itálico nosso).

¹⁹² MEIRELES, Cecília. *Notícia da poesia brasileira...* Apud: GOUVÊA, Leila V. B. *Pensamento e “Lirismo Puro” na poesia de Cecília Meireles...* p. 60. (Itálico nosso).

¹⁹³ MEIRELES, Cecília. *Notícia da poesia brasileira...* Apud: GOUVÊA, Leila V. B. *Pensamento e “Lirismo Puro” na poesia de Cecília Meireles...* p. 60.

¹⁹⁴ Afirmou Alfredo Bosi: “Oswald de Andrade representou com seus altos e baixos a ponta de lança do ‘espírito de 22’ a que ficaria sempre vinculado, tanto nos seus aspectos felizes de vanguardismo literário quanto nos seus momentos menos felizes de gratuidade ideológica.” Cf. BOSI, Alfredo. “Oswald de Andrade”. In: _____ *História concisa da literatura brasileira*. [1970]. 50ª ed. São Paulo: Cultrix, 2015, p. 380-381.

¹⁹⁵ Atendo-se ao estudo da relação entre a poesia brasileira e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Murilo Marcondes Moura observou que Cecília Meireles fez-se “uma poeta que, em muitos aspectos, é o oposto exato de Oswald de Andrade.” Cf. MOURA, Murilo Marcondes de. *O mundo sitiado: a poesia brasileira e a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 232.

cúmulo de discordância seria encarnado pelo controverso Agripino Grieco. No mínimo desde 1932, o comentarista embirrava com Cecília, privando-se de realizar uma real inspeção das obras e insistindo em taxá-la – dentre outros qualificativos pouco lisonjeiros - de plagiadora, primeiramente, de Antero de Quental e de Giacomo Leopardi¹⁹⁶; depois, em 1942¹⁹⁷, 1947 e 1952¹⁹⁸, de Pereira da Silva¹⁹⁹ e de Fernando Pessoa. Em um desses momentos, Cecília escreveu a Côrtes-Rodrigues:

Sabe V. uma das ruindades que comigo fez o Agripino Grieco, um de nossos críticos, não sei por que meu inimigo? – Disse em um jornal (e deve andar em livro) que eu iniciei imitando o Pereira da Silva, um poeta que me achava parecida com Mallarmé (veja V.!...) e que agora ‘simiescamente’ imitava o Fernando Pessoa. Devo confessar-lhe que só conheci do Pessoa, até hoje, o que vem na ‘Antologia’ (e que foi catado daqui e dali) e a ‘Mensagem’, onde ele teve a bondade de me escrever uma dedicatória muito amável.²⁰⁰

E expunha seu horror a qualquer mínimo sintoma de plágio, tomando, inclusive, uma atitude como precaução: “Fiquei tão impressionada com isso [a acusação de Grieco]

¹⁹⁶ GRIECO, Agripino. “Quatro poetisas”. In: _____ *Evolução da poesia brasileira*. Ed. Ariel: Rio de Janeiro, 1932, p. 201-204. Sobre esse texto, anotaria Nelly Novaes Coelho, em 1964: “O que não percebera o mordaz espírito crítico de Agripino Grieco foi o que ele tachava de ‘cópia’ barata não era senão uma identidade de atitude diante do mistério cósmico que aproximava a nova poetisa [em 1932] dos dois torturados poetas citados: Leopardi e Antero. Entretanto essa identidade de anseio quase agônico é só o que podemos perceber de semelhante entre os três, pois a maneira pela qual cada um o expressa revela-se única e personalíssima, impedindo toda e qualquer possibilidade de confusão.” (COELHO, Nelly Novaes. “O ‘eterno instante’ na poesia de Cecília Meireles.” In: *Alfa: Revista de Linguística*. Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’ (UNESP). V. 5/6, p. 92-93, (1964). Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/issue/view/265/showToc> Acesso em 10 fev. 2017).

¹⁹⁷ GRIECO, Agripino. “Gente do outro sexo.” In: *O Jornal*. Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1942, p. 4. Como de praxe na história da crítica literária brasileira, esse artigo, reunido com outros, também publicados em periódicos, daria ensejo ao advento de um livro, a saber: GRIECO, Agripino. *Zeros à esquerda*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1947. Nos termos de Grieco, Cecília “é uma ex-discípula do plangente Pereira da Silva, agora interessada na maneira concisa e elíptica do português Fernando Pessoa. Essa poetisa toma ares sibílicos, assim como quem julga estar dialogando com Swedenborg, e está simplesmente num candomblé. Foi ela que nos aturdiu com a espantosa revelação: ‘a chuva chove...’”. No mesmo texto, o autor ainda alfinetou as atividades de educadora e de tradutora da referida poeta. Quanto à história da crítica literária brasileira, ver: CORDEIRO, Rogério. [et. al.]. (Orgs.). *A crítica literária brasileira em perspectiva*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2013.

¹⁹⁸ Nesse ano [1952], quando de sua passagem pela terra de Camões, Agripino Grieco será caracterizado como “panfletário indomável e crítico acerbo”, formulador de “cáusticas” e “imprevistas ironias”. Cf. Seção “Carta de Lisboa”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 jun. 1952, p. 2. Na ocasião, segundo Leila V. B. Gouvêa, Grieco concedeu uma “virulenta entrevista”, acusando Cecília Meireles de imitar Fernando Pessoa. Gouvêa referiu-se à seguinte fonte, à qual ainda na conseguimos acesso: GRIECO, Agripino. “Entrevista”. *Ler*, Lisboa, n. 3, jun., 1952. Cf. GOUVÊA, Leila V. B. *Pensamento e “Lirismo Puro” na poesia de Cecília Meireles...* p. 17.

¹⁹⁹ Antônio Joaquim Pereira da Silva (1876-1944) foi poeta e jornalista, membro, desde novembro de 1933, da Academia Brasileira de Letras. Participou do grupo simbolista que publicou a revista *Rosa-Cruz*. Em 1922, a convite do editor Leite Ribeiro, organizou e passou a dirigir a revista *Mundo Literário*, com Agripino Grieco e Théo Filho. Cf. “Biografia: Pereira da Silva, A. J.” In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/pereira-da-silva-j> Acesso em 14 mai. 2019.

²⁰⁰ Carta de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues. Rio de Janeiro, 18 de março de 1947. In: MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* p. 99.

que não posso abrir os livros do Fernando.”²⁰¹ Agripino Grieco, na realidade, por meio de generalizações, com sua veia cáustica e seu estilo impressionista, distorcia os fatos e não construía um estudo esmerado dos possíveis paralelismos entre a poética cecilianiana e a pessoana.²⁰²

De críticos de temperamento panfletário e de detratores, procurava diferenciar-se Cecília Meireles ao reafirmar seu

Entusiasmo

Por uns caminhos extravagantes
irei ao encontro desses amores
- por que suspiro – distantes.

Rejeito os vossos, que são de flores.
Eu quero as vagas, quero os espinhos
e as tempestades, senhores.

Sou de ciganos e de adivinhos.
Não me conformo com os circunstantes
e a cor dos vossos caminhos.

Ide com os zoilos e os sicofantes.
Mas respeitai vossos adversários,
que nem querem ser triunfantes.

Vou com sonâmbulos e corsários,
poetas, astrólogos, e a torrente
dos mendigos perdulários.

E cantamos fantasticamente,
pelos caminhos extravagantes,

²⁰¹ Carta de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues. Rio de Janeiro, 18 de março de 1947. In: MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* p. 99.

²⁰² Nos termos de Leila V. B. Gouvêa: “Por certo não será difícil encontrar alguma dicção comum em trechos de ambos os discursos poéticos [...]. Também parece impossível que a descoberta da poesia pessoana – ainda que de sucinta amostragem - não tenha tido impacto sobre a jovem Cecília. O leitor atento, porém, não deixará de notar diferenças fundamentais entre os dois, a começar pela própria concepção de lirismo.” GOUVÊA, Leila V. B. *Cecília em Portugal...* p. 74. Nessa obra, Gouvêa também narra a e analisa o encontro, marcado, mas não ocorrido – com feito, um desencontro - entre Fernando Pessoa e Cecília Meireles, na cidade de Lisboa, em dezembro de 1934. Cf. também DOMINGUES, Ana Maria Domingues de. *De caravelas, mares e forcas: um estudo de ‘Mensagem’ e ‘Romanceiro da Inconfidência’*. São Paulo, FFLCH-USP, 1994. Em estudo de fôlego, João Luiz Lafetá avaliou que: “[...] seus julgamentos [de Agripino Grieco], frequentes e dados sempre em tom incisivo, nascem da ‘opinião’ de um leitor de gosto apurado pelo contato cotidiano com as obras, mas nunca de um ‘exame’ do livro em apreciação. [...] Percorrer certos artigos de Agripino é como ler um texto de colagem, um mosaico de associações dos mais diversos tipos, onde a ideia de unidade desapareceu para dar lugar ao devaneio que só não se perde inteiramente por se prender ao fio muito tênue e demasiado elástico do assunto: a literatura. [...] Como um apresentador de TV, Agripino se interessa sobretudo pelo que está mais à mão e — se a entrevista ameaça cair no perigo da profundidade — apressa-se a utilizar os recursos das saídas humorísticas e a amenizar tudo de novo.” (LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000, p. 46 e 53-55. (Coleção Espírito Crítico)).

para Deus, nosso parente.²⁰³

Vestígios de deslocamento embutem toda a composição, que, organizada em tercetos, enuncia a perspectiva do sujeito lírico diante de seus oponentes. Como sinais de virtude são buscados caminhos e amores, feitos de tormentas, e rejeitados outros, mais cômodos (est. 1 e 2). Figuras tidas como desviantes, em relação aos padrões burgueses, tais como ciganos, adivinhos, sonâmbulos, corsários, poetas, astrólogos e mendigos são invocadas como companhia preferencial para se percorrer a jornada da vida (est. 3 e 5). Por esse ideal, em que sonhadores vagueariam pelo mundo na tentativa de transformá-lo, questionando seus esteios de prestígio e de poder, valeria entusiasmar-se. Os que, desprendidos, escolhessem essa trilha “extravagante”, guardariam proximidade e parentesco com Deus (est. 6).

Uma das chaves do poema, quiçá a principal, repousa na quarta estrofe, onde são revelados os que não comungam dos valores da poeta e para os quais esta se volta, exigindo respeito (v. 11) na contramão do triunfalismo (v. 12). São eles os “zoilos” e os “sicofantes” [ou “sicofantas”], termos que significam, respectivamente, “mau crítico; crítico invejoso” e “pessoa mentirosa, caluniadora, velhaca.”²⁰⁴ Os versos desse poema, assim, possuíam endereço certo, encarnando um dos meios empregados pela autora no trato de seus antagonistas.²⁰⁵

Ressalvas de outro cariz realizaram Antônio Cândido e José Aderaldo Castello. Em obra conjunta dos anos 1960, esses autores caracterizaram a poesia cecilianiana: “[...] Rica de imagens, a sua linguagem é demasiado clara, conduzindo-nos a uma visualização rápida e fácil, o que ocorre até nos versos finais de composição, que se apresentam definidores e por isso condenáveis.”²⁰⁶ Além disso, a autora, em tese, se deixaria “seduzir pelo medievalismo”, buscando “as sugestões do lirismo trovadoresco, incorrendo então

²⁰³ Trata-se do 53º poema de um total de 84, que integram a obra, sucessora de *Viagem* (1939), de *Vaga Música* (1942) e de *Mar Absoluto e outros poemas* (1945): MEIRELES, Cecília. “Entusiasmo”. In: _____ *Retrato Natural* [1949]. *Poesia completa*. Vol I... p. 652-653. Em correspondência de 11 de março de 1946, Cecília Meireles apresentara esse poema para Amando Côrtes-Rodrigues. Cf. MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* p. 5.

²⁰⁴ PEQUENO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Organizado por um grupo de filólogos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938, p.1043 e 900. Em um dicionário do século XXI, leem-se as seguintes definições de “zoilo” e “sicofanta”, respectivamente: “crítico que, em sua mordacidade, revela inveja, incompetência ou aversão pessoal injustificada” e “aquele que presta informações falsas; caluniador, mentiroso”. HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa...* p. 1976 e 1741.

²⁰⁵ Dentre outros, figuraram também - como se verá nos capítulos adiante - os intelectuais Alceu Amoroso Lima e Fernando Magalhães.

²⁰⁶ CÂNDIDO, Antônio & CASTELLO, José Aderaldo. “Cecília Meireles”. In: _____ *Presença da Literatura Brasileira* [1968]. 6ª edição revista e corrigida. DIFEL: Rio de Janeiro: 1977, p. 113.

num falso virtuosismo”.²⁰⁷ Conquanto notáveis, os autores apresentavam uma avaliação, por vezes, reducionista da poética em questão, como na atitude de pinçar uma influência – a lírica trovadoresca – e atribuir à virtuose uma apropriação, mais ou menos, passiva. Enquanto Oswald de Andrade bradava contra um inexistente excesso de *rebuscamento*, Cândido e Castello salientaram um suposto exagero da *clareza* da linguagem.²⁰⁸

Destarte, Cecília Meireles continuava sendo alvo de discussões, instigando interpretações, tornando-se *problema*. Ora a inclassificável complexidade, acolhedora de pares antitéticos, tais como técnica e espontaneidade, tradição e modernidade, proximidade e estranheza, enraizamento e fluidez, atavismo e ineditismo, o humano e o inumano, captada com assombro por Andrade Muricy, Mário de Andrade, Roberto Alvim Corrêa, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e outros; ora a intangibilidade a planar na história, conforme Mário da Silva Brito e José Paulo Paes; ora a visão de um cândido conformismo, por Ana Cristina Cesar; ora as ácidas acusações de Oswald de Andrade e de Agripino Grieco; ou ainda as restrições de Antônio Cândido e José Aderaldo Castello. Este breve sobrevoo pela crítica literária denota que a primeira vertente mencionada, mostra-se, por seu caráter interrogativo e inclusivo, como a mais promissora para se chegar a uma efetiva compreensão sobre a poesia e a intelectual.²⁰⁹ Essa tendência contou também com Darcy Damasceno, cujos escritos, ao sugerir a importância do humanismo e da ação política, foram de grande valia para esta tese.

Dos mais qualificados exegetas da poeta e autor de estudos que se tornariam antológicos, divulgados pelo menos desde a década de 1950, Damasceno abordou com afincos aspectos como a sensibilidade, a existência, a brevidade da vida e o misticismo, atentando para a “a atitude de Cecília Meireles frente ao mundo, a maneira como reage aos estímulos da realidade física e as sucessivas etapas de sua sensibilidade e de sua

²⁰⁷ CÂNDIDO, Antônio & CASTELLO, José Aderaldo. “Cecília Meireles”. In: _____ *Presença da Literatura Brasileira...* p. 113.

²⁰⁸ Diversos estudos comprovam, ao contrário, que um dos principais atributos da poesia de Cecília foram justamente os simbolismos de sua linguagem, empapada de um imaginário heterogêneo, em que se imiscuem sentidos, opacidades e transfigurações, de inspiração ocidental e oriental. Cf. GOUVÊA, Leila V. B. *Pensamento e “Lirismo Puro” na poesia de Cecília Meireles...*

²⁰⁹ Não por acaso, essa linha interpretativa tenderá a se tornar predominante, com seus traços surgindo até mesmo em obras de informação e de divulgação como o Almanaque Abril, onde, às portas do século XXI, no verbete “Cecília Meireles”, lia-se: “Escritora fluminense. É uma das maiores poetisas da língua portuguesa. [...] Lírica, intimista e mística, aborda os temas da precariedade da vida, do amor, da morte e da fugacidade do tempo. *Seu estilo é extremamente pessoal e não permite classificar sua obra em uma escola literária específica.*” (“Cecília Meireles”. In: ALMANAQUE ABRIL: quem é quem na história do Brasil. São Paulo: Abril Multimídia, 2000, p. 319. (Itálico nosso)).

inteligência na apreensão e na consideração dessa realidade.”²¹⁰ Atento a conteúdos e a recursos discursivos, observou:

Partindo da feição inicial de sua poesia, profundamente marcada pela convivência neossimbolista e pela influência do pensamento oriental, vemo-la, já amadurecida, evoluir para uma visão mais ampla do mundo e das coisas, numa *ansiosa busca de solidariedade humana e de explicação do sentido da vida*.²¹¹

Em texto de 1958, acentuou ainda:

A pluralidade de assuntos diz bem do *interesse humano da autora* e contraria juízos nem sempre decorrentes de acurado exame da obra poética; do mesmo modo, as mais humildes manifestações da vida, os seres diminutos, os episódios mais singelos são motivos de elevada reflexão por parte de quem, sustentado por exigente filosofia, busca em tudo uma lição de vida.²¹²

Com esses *insights*, Darcy Damasceno retomava, em parte, a perplexidade muricyana-marioandradina e esboçava, direta e/ou indiretamente, vias para futuras explorações de pesquisa. Se em matéria de poesia Cecília mostrava-se empática ao ser humano e aberta ao consórcio entre ação e contemplação, tensionando suas ideias e concepções, o que dizer de sua escrita em prosa, além de suas atuações como jornalista, educadora, professora, ensaísta, tradutora, folclorista, conferencista, pacifista, desenhista?

1.3. Rumo ao centenário e além: novos e múltiplos estudos

À sombra das considerações de Damasceno, Eliane Zagury, em 1973, empregou expressões como “encruzilhada participante”²¹³ e “em busca da participação isenta”²¹⁴ para apreciar as características da poesia de Cecília Meireles. Além disso, Zagury acrescentou, em seu livro, uma *Notícia biográfica*²¹⁵, em que descreveu realizações de Cecília, arrolando, ao lado dos livros de poesia, o ativismo na educação e no jornalismo. Quase dez anos depois, Norma Seltzer Goldstein e Rita de Cássia Barbosa, em trabalho paradigmático - contendo uma seleta de poemas e crônicas, cronologia, exercícios e

²¹⁰ DAMASCENO, Darcy. *Cecília Meireles: o mundo contemplado*. Orfeu: Rio de Janeiro, 1967, p. 7.

²¹¹ DAMASCENO, Darcy. *Cecília Meireles...* p. 7. (Itálico nosso).

²¹² DAMASCENO, Darcy. *Cecília Meireles: o mundo contemplado...* p. 20-21. (Itálico nosso). O estudo que dá nome a essa coletânea de cinco ensaios, reunida em 1967, foi publicado em 1958 com o título de *Poesia do sensível e do imaginário*, como introdução à *Obra Poética* de Cecília Meireles.

²¹³ ZAGURY, Eliane. *Cecília Meireles...* p. 45.

²¹⁴ ZAGURY, Eliane. *Cecília Meireles...* p. 50.

²¹⁵ ZAGURY, Eliane. *Cecília Meireles...* p. 11-19.

panorama de época - apresentaram também uma biografia, que, apesar de muito concisa, trouxe subtópicos como “Fascinação do saber”, “Entre a família, a poesia e a educação”, “Viagens, conferências, jornalismo” e “Interesse pelo folclore”.²¹⁶ Novamente, despontavam alusões sobre a multiplicação de Cecília em vários afazeres.

Pouco depois, em 1983, o Instituto Nacional do Folclore (FUNARTE) lançou *Batuque, samba e macumba*, onde reproduziu desenhos e conferência de Cecília Meireles, feitos de 1926 a 1933 e reunidos, em abril deste último ano, para exposição na sede da *Sociedade Pró-Arte* do Rio de Janeiro. Impressa em papel fotográfico no formato 26x37 cm, a publicação distinguiu-se não só pela qualidade gráfica e pela beleza, como também pela divulgação de talentos cecilianos, ainda pouco conhecidos. A fala introdutória da diretora do referido instituto, Lélia Gontijo Soares, diagnosticou:

[...] Este livro vem trazer à tona dois aspectos *relativamente inéditos* da obra de Cecília Meireles – que todos conhecemos como um dos maiores poetas contemporâneos de língua portuguesa – o seu trabalho de folclorista e o seu dom indiscutível para o desenho.²¹⁷

Outro texto também chamaria a atenção, em 1988, para o potencial de pesquisas referentes à versatilidade intelectual da autora: a dissertação de mestrado de Ana Maria Rodrigues Domingues, com levantamento e sistematização de uma bibliografia, até então, bastante dispersa.²¹⁸ Na década seguinte, mais estudos envidaram esforços para dar visibilidade à polivalência de Cecília Meireles.

No ano de 1992 foi organizada a exposição *Cecília Meireles: visão mineira*, junto às dependências do Departamento de Artes da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). O evento contou com a manifestação de trinta artistas plásticos mineiros, que criaram obras inspiradas no universo ceciliano. No livreto de apresentação, o responsável pelas concepção e curadoria da mostra, José Alberto Pinho Neves, comentou: “A poesia

²¹⁶ GOLDSTEIN, Norma Seltzer & BARBOSA, Rita de Cássia (Orgs.). *Cecília Meireles*: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios. São Paulo: Abril Educação, 1982, p. 3-6. (Literatura comentada).

²¹⁷ SOARES, Lélia Gontijo. “Introdução”. In: MEIRELES, Cecília. *Batuque, samba e macumba*: estudos de gesto e de ritmo, 1926-1934. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1983, p. 8. (Itálico nosso).

²¹⁸ OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. *Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meireles*. 213 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1988. Ana Maria utilizou as seguintes categorias para identificar a tipologia de cada texto referenciado: “Laudatórios e comemorativos”; “Biográficos”; “Introdutórios à obra”; “Resenhas”; “Estudos da obra”; “Referências avulsas”. Alerta à complexidade da tarefa, fez uma ressalva, que levanta importantes questões teóricas: “[...] esta divisão não pretende estabelecer classificações rígidas e estanques: um mesmo título pode se enquadrar em mais de um grupo, segundo a perspectiva pela qual é observado. Há textos que, se em determinado momento dedicam-se a uma explanação biográfica, em outra etapa de seu desenvolvimento voltam-se para o estudo crítico da obra.” (p. 24).

ceciliana, econômica e densa, fornece-nos uma admirável quantidade de imagens visuais e feitos pictóricos que tornam a poeta um pintor que substitui a pincelada pela palavra.”²¹⁹

Por seu turno, Arlindo Daibert, artista plástico e professor da UFJF, concluiu:

O discurso de Cecília Meireles é um discurso a meia-voz, lírico e tenso. Se, na maioria das vezes, a crítica e a inquietação não se explicitam, *existe um incômodo permanente, sutilmente disfarçado sob a enganosa aparência da fragilidade e da delicadeza.*²²⁰

No respeitante ao espírito crítico e à inquietação cecilianos, *A farpa da lira*, de Valéria Lamego, converteu-se em um marco. Defendido como dissertação de mestrado em 1995 e transformado em livro no ano seguinte, o volume incluiu generosos anexos com a transcrição de trechos de crônicas e cartas de Cecília a Fernando de Azevedo.²²¹ A investigação tornou patente o retrato de uma escritora aguerrida, resoluta no enfrentamento de temas controvertidos em sua coluna do *Diário de Notícias*, de junho de 1930 a janeiro de 1933. Em paralelo, Yolanda Lôbo, com artigo intitulado *Memória e educação*, explorou a tese da educadora, publicada em 1929, que viria a ser utilizada como requisito para concorrer à cátedra de literatura vernácula da Escola Normal do Distrito Federal.²²² Ambos os trabalhos sublinharam aspectos da intervenção pública – portanto, política – de Cecília Meireles, distintos da visão de uma escriba, estritamente, distante e aérea.

Com a pesquisa de doutorado de Murilo Marcondes de Moura, em 1998, majorou-se o entendimento de que a poesia de Cecília Meireles envolvia mais nuances do que consentia a estampa de neossimbolista.²²³ O autor investigou os impactos da Segunda Guerra Mundial na poesia de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Murilo

²¹⁹ NEVES, José Alberto Pinho. “Cecília Meireles: visão mineira”. In: *Exposição Cecília Meireles: visão mineira*. Promoção Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Apoio Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Concepção e Curadoria José Alberto Pinho Neves. Consultoria Maria Fernanda. ZAS Gráfica Editora: Juiz de Fora MG, 1992, não paginado, f. 3. Analogias entre a lírica ceciliana e recursos da pintura também havia sido sugeridas por: DAMASCENO, Darcy. “O cromatismo na lírica ceciliana” [1953]. In: _____ *Cecília Meireles: o mundo contemplado*. Orfeu: Rio de Janeiro, 1967, p. 53-122.

²²⁰ DAIBERT, Arlindo. “Anotações de leitura”. In: *Exposição Cecília Meireles: visão mineira...* não paginado, f. 11. (Itálico nosso).

²²¹ LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996. A dissertação da qual se originou o livro foi apresentada no curso de Mestrado em Comunicação da Escola de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em junho de 1995.

²²² LÔBO, Yolanda. “Memória e educação: o Espírito Victorioso de Cecília Meireles.” *R. bras. Est. pedag.*, Brasília, v.77, n.187, p.525-545, set./dez. 1996.

²²³ MOURA, Murilo Marcondes de. *Três poetas brasileiros e a Segunda Guerra Mundial* (Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Murilo Mendes). Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1998.

Mendes, demonstrando que também a criação poética da autora carioca, continha elementos confrontados pelo drama da guerra.

No mesmo ano, ao apresentar o primeiro volume da *Obra em Prosa de Cecília Meireles*, publicado pela editora Nova Fronteira, Leodegário A. de Azevedo Filho asseverou que o estilo da autora

afasta-se do espírito de reportagem, conferindo alto valor literário às suas crônicas, *sempre perplexa diante do espetáculo da vida*, dos seres e das coisas, mas também revoltada, às vezes, *contra o desconcerto do mundo e as injustiças sociais*.²²⁴

Ainda em 1998, com base no pressuposto de que “a obra em prosa de Cecília Meireles é tão significativa quanto a sua obra poética”²²⁵, apareceria o primeiro volume das *Crônicas de viagem*, seguido por mais dois no ano seguinte.²²⁶

Esse movimento de revisão da obra cecilianiana culminou com a celebração do centenário de nascimento da autora, em 2001, acompanhado por eventos e publicações. Na ocasião, apesar das revisões em andamento, ainda era possível constatar a persistência de uma visão generalista. Segundo um balanço de Marisa Lajolo:

[...] na timidez do registro e no quase-silêncio, o que se tem é a propagação em eco de juízos críticos que não costumam ir além de apontar a espiritualidade da poética cecilianiana, na qual também se garimpam e se proclamam procedimentos neo-simbolistas e transfigurações sensoriais da história brasileira.²²⁷

De acordo com Lajolo, o lugar de Cecília Meireles na história literária brasileira, embora incontornável, mostrava-se ainda tímido e espremido entre “um *pós-isto* (modernismo paulista, por exemplo [...]) e um *pré-aquilo* (por exemplo, modernidade

²²⁴ AZEVEDO FILHO, Leodegário de. Apresentação. In: MEIRELES, Cecília. *Cecília Meireles: crônicas em geral*. Apresentação e planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998, p. X-XI. (Cecília Meireles: obra em prosa; v. 1). (Itálico nosso).

²²⁵ AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. Apresentação. In: MEIRELES, Cecília. *Cecília Meireles: crônicas de viagem*, 1. Apresentação e planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998, p. XIII. (Cecília Meireles: obra em prosa).

²²⁶ MEIRELES, Cecília. *Cecília Meireles: crônicas de viagem*, 1. Apresentação e planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998. (Cecília Meireles: obra em prosa). _____ *Cecília Meireles: crônicas de viagem*, 2. Apresentação e planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999. (Cecília Meireles: obra em prosa). _____ *Cecília Meireles: crônicas de viagem*, 3. Apresentação e planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999. (Cecília Meireles: obra em prosa).

²²⁷ LAJOLO, Marisa. “Prefácio.” In: OLIVEIRA, Ana Maria Domingues. *Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas/USP, 2001, p. 13.

[...]).²²⁸ O centenário, pois, foi um momento importante de retomada e de ampliação da fortuna crítica da obra de Cecília.

Ana Maria de Oliveira lançou em livro o resultado da fusão de dois de seus trabalhos, a dissertação de mestrado – citada acima – e a atualização do Arquivo Cecília Meireles do Centro de Documentação Alexandre Eulalio (CEDAE) do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, formado a partir da doação, pela autora, do material coletado durante sua pesquisa.²²⁹

Margarida de Souza Neves, Yolanda Lima Lôbo e Ana Chrystina Mignot articularam trabalhos de diferentes estudiosos.²³⁰ Nesse tomo, a diversidade da homenageada verteu capítulos dedicados, por exemplo, às atuações nos âmbitos da educação, da poesia, da literatura infantil, do folclore, da crônica e da prática missivista. Ainda em 2001, realizou-se o *Seminário Internacional Cecília Meireles*, na Universidade de São Paulo. Parte das apresentações ali discutidas seria reunida e organizada em livro por Leila V. B. Gouvêa, no ano de 2007, e também traçaria um variado painel das atividades cecilianas.²³¹ Por fim, cabe apontar as publicações da *Poesia Completa*, em dois volumes²³², e das *Crônicas de Educação*, em cinco.²³³

A partir de então, em consonância com a expansão dos programas de pós-graduação das universidades brasileiras, aumentou exponencialmente o número de pesquisas sobre os mais variados ângulos do legado de Cecília Meireles²³⁴: de suas

²²⁸ LAJOLO, Marisa. “Prefácio.” In: OLIVEIRA, Ana Maria Domingues. *Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas/USP, 2001, p. 13.

²²⁹ OLIVEIRA, Ana Maria Domingues. *Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas/USP, 2001.

²³⁰ NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima & MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs.). *Cecília Meireles: a Poética da Educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC RJ: Loyola, 2001.

²³¹ GOUVÊA, Leila V. B. (org.). *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas, 2007.

²³² MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Organização, apresentação e estabelecimento de texto Antônio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2001 a. 2 vols.

²³³ MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação*. Apresentação e planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2001. 5 vols. (Cecília Meireles: obra em prosa).

²³⁴ Ver um levantamento a esse respeito, até 2008, em: PIMENTA, Jussara Santos. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934)*. 374 f. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008. De lá para cá, uma consulta ao site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) pode revelar facilmente que o número de estudos em torno de Cecília Meireles continuou a aumentar. Cf. <http://bdtd.ibict.br/vufind/>

experiências de viagem²³⁵ e de tradução²³⁶, passando pelos elos com a Índia²³⁷ e com o folclore²³⁸ até os projetos educacionais²³⁹, a lide cronista²⁴⁰ e a literatura feminina²⁴¹, entre outros.²⁴² A essa série de novos estudos e lançamentos, cuja expansão ainda se encontra em pleno andamento, incluíram-se o volume bilíngue com poemas de Cecília e de Gabriela Mistral, editado por uma parceria entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia Chilena de la Lengua²⁴³, e *Três Marias de Cecília*, com transcrições e reproduções de cartões postais, cartas e álbum fotográfico de viagens e das relações da intelectual e mãe com suas filhas.²⁴⁴

²³⁵ GOUVÊA, Leila V. B. *Cecília em Portugal: ensaio biográfico sobre a presença de Cecília Meireles na terra de Camões, Antero e Pessoa*. São Paulo: Iluminuras, 2001. PIMENTA, Jussara Santos. *As duas margens do Atlântico...* ROMANO, Luís Antônio Contatori. *A poeta-viajante...*

²³⁶ REIS, Ana Amélia Neubern Batista dos. *Cecília Meireles e a Índia: uma experiência de tradução*. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2015. ALENCAR, Maria Eduarda dos Santos. *Tradutoras brasileiras dos séculos XIX e XX*. 191 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2016.

²³⁷ MELLO, Ana Maria Lisboa & UTÉZA, Francis. *Oriente e ocidente na poesia de Cecília Meireles...* OLIVEIRA, Gisele Pereira de. *Cecília Meireles e a Índia...* MARCHIORO, Camila. *Cecília Meireles e os símbolos do absoluto*. 124 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas Estudos Literários, Curitiba, 2014.

²³⁸ VIEIRA, Ana Paula Leite. *Cecília Meireles e a educação da infância pelo folclore*. 182 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói, 2013.

²³⁹ STRANG, Bernadete de Lourdes Streisky. *Sob o signo da reconstrução: os ideais da Escola Nova divulgados pelas crônicas de educação de Cecília Meireles*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003. SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. CUNHA, Marcus V. da & SOUZA, Aline V. de. “Cecília Meireles e o temário da Escola Nova.” *Cadernos de Pesquisa*. Vol 41. n. 144, p. 851-865, set./dez. 2011. FERREIRA, Rosângela Veiga J. *Entre leitores, bibliotecas, campos e jardins: Gabriela Mistral e Cecília Meireles em projetos de educação popular, México (1920) e Brasil (1930)*. 328 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.

²⁴⁰ ALVES, Daniela Utescher. *A crônica de Cecília Meireles: uma viagem pela ponte de vidro do arco-íris*. 188 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, São Paulo, 2012.

²⁴¹ SILVA, Jacicarla Souza da. *Vozes femininas da poesia latino-americana: Cecília e as poetisas uruguaias* [online]. São Paulo: Editora Unesp, 2009. SILVA, Jacicarla Souza da. *Um (in) visible college na América Latina: Cecília Meireles, Gabriela Mistral e Victoria Ocampo*. 213 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2012.

²⁴² Muitos desses aspectos entrecruzam-se nas obras citadas. Cf. também a coletânea: OLIVEIRA Gisele Pereira de & LOPES, Delvanir (orgs.). *Cecília Meireles em diálogos ressonantes: 50 anos de presença em saudade (1964-2014)*. São Paulo: Scortecci, 2014. PEREIRA, Amanda Reis Tavares. *Ressonâncias entre Cecília Meireles e Maria Helena Vieira da Silva: encontros prodigiosos*. 245 f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes, 2017.

²⁴³ MISTRAL, Gabriela. *Gabriela Mistral e Cecília Meireles: poemas*. Ensaio de Cecília Meireles e Adriana Valdés. Poemas traduzidos por Ruth Sylvia de Miranda Salles e Patricia Tejeda. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Santiago de Chile: Academia Chilena de Lengua, 2003. O volume inclui ainda um ensaio de Cecília sobre Gabriela Mistral.

²⁴⁴ MEIRELES, Cecília. *Três Marias de Cecília*. Organização, apresentação e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Moderna, 2006. (Série imagem & texto). Curiosamente, nesse período de renovação do interesse pela obra cecilianiana, devido a desentendimentos entre seus herdeiros, houve uma paralisação das publicações de inéditos e de reedições, de 2007 a 2011. A partir de um acordo entre a Solombra – agência literária que cuida dos direitos intelectuais de Cecília - e a Global Editora, grande parte dos livros

Em 2016, de Murilo Marcondes de Moura irrompeu *O mundo sitiado*²⁴⁵, trabalho originado de sua tese de doutorado. Nele, Marcondes de Moura deu continuidade à análise das relações da poesia brasileira com a Segunda Guerra Mundial, somando aos capítulos tocantes a Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Murilo Mendes, outros dois sobre guerra moderna e poesia de vanguarda e Oswald de Andrade. Com enfoque voltado para os poemas, o autor exerceu uma rigorosa e refinada erudição, esquadrinhando e cruzando fontes sortidas, como crônicas, correspondências e pinturas, em diálogo crítico com larga bibliografia.²⁴⁶ Em passagem a respeito da poeta, repercutindo a linha crítica de acolhimento da complexidade, à Mário de Andrade e Darcy Damasceno, diz o autor:

O ‘pendor à evasão’ em Cecília Meireles, retomando as palavras (elogiosas) de Paulo Rónai [...], se mostra aqui com toda a clareza, mas, ao lado de tal pendor, aparece também um movimento contrário, de *absorção da realidade*.²⁴⁷

Nesse ponto, voltamos ao problema da participação da intelectual na vida da *pólis*, ao processo que aqui indagamos com as noções de *humanismo* e *política*, em que vida e arte são concebidas como dimensões inseparáveis, eximidas de apriorismos ou de subordinação de uma instância a outra. De acordo com André Seffrin, crítico e ensaísta, responsável pela coordenação editorial das obras cecilianas na *Global*, “[...] podemos hoje falar das muitas cecílias em Cecília, e quem sabe até dos vagos, improváveis heterônimos adormecidos em suas multid denominadas figuras [...]”.²⁴⁸ Qual curva política,

voltou a ser reeditada, em geral, com acabamento de alta qualidade, textos introdutórios de especialistas, ilustrações, reprodução de manuscritos, cronologia e bibliografia básica. Destaca-se, especialmente, a edição cuidadosa de *Cecília Meireles: diário de bordo*, em papel couché reflex, 41,5 x 30 cm, com ilustrações de Fernando Correia Dias, marido e companheiro de Cecília em sua viagem a Portugal, em 1934, objeto das 22 crônicas que compõem o livro. Cf. MEIRELES, Cecília. *Diário de Bordo*. Ilustrações Fernando Correia Dias. Apresentação Alberto da Costa e Silva. Prefácio e posfácio Jussara Pimenta. São Paulo: Global, 2015. Sobre os conflitos entre os descendentes de Cecília Meireles, ver: AUTRAN, Paula. “Em meio a disputa de herdeiros, Cecília Meireles volta às livrarias”. In: *O Globo*. Rio de Janeiro, 21 nov. 2017. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/em-meio-disputa-de-herdeiros-cecilia-meireles-volta-as-livrarias-22112759> Acesso em 13 jun. 2019.

²⁴⁵ MOURA, Murilo Marcondes de. *O mundo sitiado*...

²⁴⁶ No texto das abas do livro, com pertinência, escreveu David Arrigucci Jr.: “O livro nasceu como tese de doutorado, depois de muitos anos de estudo; teve de esperar muitos anos mais, por mais estudos e uma demorada decantação, até chegar ao ponto de hoje. Uma escrita limpa, sóbria, combina a clareza ao equilíbrio da visada crítica, alimentada pela vasta erudição sobre as guerras, a poesia, as artes plásticas e a música, de que o texto e as numerosas notas prestam conta.” (ARRIGUCCI JR. David. In: MOURA, Murilo Marcondes de. *O mundo sitiado*... [Texto de abas]). Por suas excepcionais qualidades o livro faturou *Prêmio Mário de Andrade*, categoria Ensaio Literário, da Biblioteca Nacional, em 2016. Cf. <https://www.bn.gov.br/explore/premios-literarios/premio-literario-biblioteca-nacional/murilo-marcondes> Acesso em 11 nov. 2018.

²⁴⁷ MOURA, Murilo Marcondes de. *O mundo sitiado*... p. 272. (Itálico nosso).

²⁴⁸ SEFFRIN, André. “O gosto infinito das respostas que não se encontram”. In: ARGOLLO, José. *Luz para caminhar pela vasta obra de Cecília Meireles*. São Paulo: Global Editora, 2016. [On-line]. Disponível em <https://blog.globaleditora.com.br/estante-global/luz-para-caminhar-pela-vasta-obra-de-cecilia-meireles/> Acesso em 13 jun. 2019.

filosófica e/ou cultural atravessaria, *também mutavelmente, as muitas cecílias*? Pensa-se que a análise da concepção de ser humano e dos alicerces políticos da sociedade possa contribuir com a prospecção de respostas a essa pergunta, ao se referir a um fenômeno que, associado a diferentes temas e temporalidades, imanta o pensamento e as ações de Cecília. Seffrin parece fornecer uma pista, nesse sentido, ao asseverar:

*Essa sua dimensão, digamos, política, em grande parte subjacente nos livros das décadas de 1930 e 1940 e que antecipa os monólogos e diálogos do ‘Romanceiro da Inconfidência’, é preciso, sempre que possível, trazer ao centro do palco. Mesmo que temperada pelo que alternadamente é tido como mais representativo e característico de sua poética [...]*²⁴⁹

Observadas a ampla renovação das pesquisas e a aspersão de assuntos, problemas, objetos e fontes, haveria ainda algo a ser dito sobre Cecília Meireles, suas criações e trajetória?

Desperto aos riscos de, à vista de copioso rol bibliográfico, proceder-se ao “desaparecimento da história na historiografia”²⁵⁰, considerando-se que os sentidos de “uma vida em si se leem no olhar dos outros, não como fidelidade restituída por algum espelho, senão como recriação constante, obra no trabalho, mundo do texto tornado fonte de identidade”²⁵¹, nada melhor do que *escutar e interpretar* a própria autora, falando de si e deixando importantes pistas teórico-metodológicas.

1.4. Retratos de si

Nos primórdios daquele que se tornaria seu mais extenso epistolário, totalizando 246 cartas ao longo de praticamente duas décadas, Cecília Meireles coligiu os seguintes dados para fazer-se conhecer a Armando Côrtes-Rodrigues:

[...] como Mallarmé, não creio que sejamos esses senhores que os outros veem em nós. Estou muito feita de sobrenatural, e acho a realidade uma convenção. V., por exemplo, é uma pessoa imaginária, que se vai inventando pelo que me escreve, e pela poesia que faz. Isto me dá muitos retratos seus, que se podem manusear como um baralho de cartas. No meio pode estar a carta mais exata, não a única exata, que nem nós conheceremos nunca. Mas isto, como se vê, é um ponto de

²⁴⁹ SEFFRIN, André. “O gosto infinito das respostas que não se encontram”...

²⁵⁰ RANCIÈRE, Jacques. *Os nomes da história: ensaio de poética do saber*. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 63.

²⁵¹ DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. [2005]. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 376.

vista muito particular, que pode não ser o seu. Então, *dou-lhe alguns informes, que servirão para me ‘situar’, nunca para me ‘definir’*.²⁵²

Evocando o pensamento de Stéphane Mallarmé (1842-1898), artífice de obras simbólico-hermenêuticas²⁵³, Cecília, além de indicar uma perspectiva mística, interpelava a criação de imagens monolíticas, em que identidade e identificação pudessem se resolver pela estabilidade. Valorizava-se o processo de metamorfose e o acionamento da imaginação na montagem do *eu* e do *outro*. Estes seriam resultado da junção de interpretações do sujeito sobre si e de terceiros sobre o sujeito, em um jogo dinâmico e inexato de aproximações e de distanciamentos. Não haveria, desse ponto de vista, uma plena coincidência entre o conhecer e a incógnita a ser conhecida, isto é, palavras, impressões e imaginários encontrariam um limite na tentativa de enquadrar a vida, que poderia ser situada, porém, não definida.²⁵⁴ Nesse afã, a comparação feita entre o manuseamento de muitos retratos e o de um baralho de cartas relacionava-se com uma das alegorias centrais da reflexão virginiana acerca do gênero biográfico.

Em novembro, a missivista citaria diretamente a escritora, ensaísta e editora britânica: “[...] A vida é uma coisa engraçada, feita de mil coisas superpostas... Como a viu Virgínia Woolf, que V. nunca me disse se conheceu, se conhece, se deseja conhecer...”²⁵⁵ Naquele mesmo ano de 1946, Cecília terminara a tradução de *Orlando: A*

²⁵² MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues, Rio de Janeiro, 11 de março de 1946. In: MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* p. 4. (Itálico nosso).

²⁵³ Otto Maria Carpeaux asseverou: “As metáforas de Mallarmé [poeta e crítico francês] não têm sentido tão exato, tão decifrável como as de Góngora; não representam correspondências materiais, mas espirituais. A sua técnica poética é gongorista; o resultado é parnasiano como uma *arrière-pensée* oculta. Contudo, Mallarmé não é um Baudelaire; é menos inteligente e – por mais estranho que pareça – mais espontâneo. Leu todos os livros, e tem no entanto a coragem de adivinhar atrás das palavras, mil vezes pronunciadas, sentidos novos, nunca descobertos.” (CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008, p. 2117. [v. 4]. (Edições do Senado Federal; v. 107-D)).

²⁵⁴ Com uma acepção similar, respeitante ao ato de definir, Abgar Renault, em 1939, apreciara: “[...] como tentar definir essa fascinante presença poética? Como identificar a cor de ‘the proud full sail of her great verse’? Como descrever esse vago encanto sem nenhuma luminosidade de superfície, essa atmosfera, fluida, fugidia e evanescente em que plange funda, suavemente a ‘vaga música’? A nenhuma poesia se aplicará com mais propriedade que à de Cecília Meireles este *princípio fundamental, que abrange tanto as categorias do intelectual como as categorias do moral: toda a definição mata o que pretende definir*.” (RENAULT, Abgar. “Cecília Meireles”. In: *Antologia da Moderna Poesia Brasileira*. [S.I.]: *Revista Acadêmica*, 1939, p. 154. (Itálico nosso). Acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4381?locale=en> Acesso em 19 nov. 2018). Em tradução livre da frase shakespeariana, apropriada por Renault, lê-se: “a orgulhosa vela cheia de seu grande verso”. Sobre Abgar Renault (1901-1995), mineiro de Barbacena, tradutor, ensaísta, educador e político, Letícia Malard estima que tenha sido “seguramente o poeta mais erudito de sua geração – catedrático de literatura inglesa, especialista em Shakespeare e tradutor de vários escritores para o português [...]” (MALARD, Letícia. ‘Minas Gerais e sua poesia’. In: *Poesia sempre: Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura; Fundação Biblioteca Nacional, n. 36, ano 18, p. 17, 2012).

²⁵⁵ MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues, Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1946. In: MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* p. 67.

*Biography*²⁵⁶ e expunha sua admiração por Woolf, ao mencioná-la como respaldo para suas asserções e como possível recomendação de leitura. Em outra feita, já revelara como tinha “por essa romancista uma profunda ternura, pela sua sensibilidade, pelos seus problemas interiores, pelo seu trágico fim. Tenho uma admiração tão grande pela sua arte quanto essa ternura pela sua vida”.²⁵⁷

A biografia, pensada como *baralho de cartas e mil coisas sobrepostas* fora assim avaliada por Virgínia Woolf, dando vida a seu tricentenário personagem andrógino:

[...] se há (por acaso) setenta e seis tempos diferentes, todos pulsando simultaneamente na cabeça quantas pessoas diferentes não haverá – valha-nos o Céu – todas morando, num tempo ou noutra no espírito humano? Alguns dizem que duas mil e cinquenta e duas. De modo que é a coisa mais natural do mundo uma pessoa chamar, logo que fique sozinha, ‘Orlando?’ (se esse é o seu nome), querendo com isso dizer, ‘Vem, vem! Estou mortalmente cansada deste *eu*. Preciso de outro.’ Daí as mudanças assombrosas que vemos em nossos amigos. Mas isso também não é muito fácil, pois embora se possa dizer como Orlando disse (achando-se no campo, e necessitando talvez de outro eu) Orlando? o Orlando de que talvez ela necessita pode não vir; esses eus de que somos constituídos, sobrepostos uns aos outros como pratos empilhados na mão do copeiro, têm suas predileções, simpatias, pequenos códigos e direitos próprios, chamem-se como quiserem (e muitas dessas coisas não têm nome), de modo que um só virá se estiver chovendo, outro, se for num quarto com cortinas vermelhas, outro, se Mrs. Jones não estiver lá, outro, se lhe pudermos prometer um copo de vinho – e assim por diante; pois cada pessoa pode multiplicar com a sua própria experiência as diferentes condições que impõem os seus diferentes eus [...].²⁵⁸

O vislumbre de vários *eus* empilhados como pratos aponta para um experimento de fragmentação e de pluralidade, desmentindo criticamente uma escrita biográfica ordenada, coerente, passiva e/ou laudatória. Lembre-se, com a historiadora Sabina Loriga, que o termo *new biograph* – empregado para sinalizar um tipo de escrita biográfica, que buscava se distinguir do modelo hegemônico consolidado no século XIX – procedeu de um artigo de Virgínia Woolf de 1927.²⁵⁹

²⁵⁶ A tradução foi encomendada pela Editora Globo, de Porto Alegre, então encabeçada por Érico Veríssimo, o qual, além de romancista, era admirador da literatura de língua inglesa. Veríssimo atuou com faro no comércio de livros, há muito congestionado por traduções de obras francesas. Cf. BALZAN, Carina Fior Postinger. “Érico Veríssimo, editor: contribuições para a história do livro no Brasil.” In: *Nonada*, Porto Alegre, v.1, n.26, p. 94-104, 1º Semestre 2016. O prefácio da tradução foi assinado por Cecília Meireles e datado de julho de 1946. Cf. WOOLF, Virgínia. *Orlando: biografia*. [1928]. Tradução Cecília Meireles. Porto Alegre: Editora Globo, 1948.

²⁵⁷ MEIRELES, Cecília. “Entrevista: Cecília fala de sua vida literária.” In: *Jornal A Manhã*. Rio de Janeiro, Domingo, 20 de janeiro de 1946, p. 3 e 11.

²⁵⁸ WOOLF, Virgínia. *Orlando: biografia*. [1928]. Tradução Cecília Meireles. Porto Alegre: Editora Globo, 1948, p. 247-248. (Itálico original).

²⁵⁹ LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. [2010]. Tradução Fernando Scheibe. Autêntica: Belo Horizonte, 2011, p. 25. (História e historiografia).

Em outra ocasião, Loriga reconheceu que as considerações do sociólogo Pierre Bourdieu sobre a ilusão biográfica foram “extremamente pertinentes”²⁶⁰ ao criticar a busca por uma unidade de sentido, de caráter marcadamente teleológico. Em simultâneo, ressaltou que as ciências sociais nem sempre produziram “uma só e única figura de indivíduo, e o enunciado biográfico não tende sempre, automaticamente, para a forma tradicional de biografia.”²⁶¹ Se o caminho indicado por Bourdieu propenderia a “homologar as condutas individuais e a reforçar os laços normativos, a força do *habitus*”²⁶², intelectuais como Gide, Musil ou Valéry [ou, se poderia acrescentar, Virgínia Woolf], ao contrário, admitiriam “a fragmentação do ser e a divisão do olhar individual”, no intuito de “revelar o virtual e o hipotético.”²⁶³ Chegar-se-ia, dessa maneira, a

um ensinamento muito diferente do proposto por Bourdieu: a saber, utilizar o eu para romper o excesso de coerência do discurso histórico, ou seja, para se interrogar não apenas sobre o que foi, sobre o que aconteceu, mas também sobre as incertezas do passado e as possibilidades perdidas.²⁶⁴

Tendo-se em conta que tais ideias, igualmente caras à Psicanálise freudiana²⁶⁵, vieram a se investir de sinais do mundo moderno, narrativas biográficas demasiado descritivas e unívocas tornar-se-iam antiquadas e alvos de sátira: “[...] já se considera uma biografia completa aquela que simplesmente enumera seis ou sete eus, embora uma pessoa possa ter muitos milhares. [...]”²⁶⁶ Cecília Meireles trafegava por esse universo teórico, apropriando-se de saberes e de representações, por meio dos quais, então, condescendia em discorrer sobre seus itinerários:

Depois daquela fase ditosa da escola, fiz outros estudos – um curso de normalista, línguas, violino, canto. Quase tudo isso se fragmentou quando me casei com o pintor Correia Dias, que talvez V. tenha conhecido das rodas de ‘Orpheu’ e da ‘Águia’. Essa criatura, tão boa e tão artista, sofria, no entanto, de uma incorrigível morbidez. E como a vida não lhe fosse tolerável, suicidou-se. Anos depois, casei-me com um engenheiro-agrônomo, professor de Fitopatologia, que tem passado estes oito anos a construir a nossa Universidade Rural, um

²⁶⁰ LORIGA, Sabina. “A biografia como problema.” In: REVEL, Jacques. (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. [1996]. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 246. O famoso texto de Pierre Bourdieu pode ser encontrado em: BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica.” [1986]. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

²⁶¹ LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”... p. 246-247.

²⁶² LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”... p. 247.

²⁶³ LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”... p. 247.

²⁶⁴ LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”... p. 247.

²⁶⁵ Cf. FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. 5ª reimpressão. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 18).

²⁶⁶ WOOLF, Virgínia. *Orlando*... p. 248.

empreendimento ciclópico. Mas a presente mudança de governo vai decerto afetar essa obra, privando-o do prazer de concluí-la, quando o remate é coisa de mais alguns meses. Isso lhe causa grande mágoa, tanto mais que é pessoa extremamente sensível, e muito apaixonada por seu trabalho. E tenho três filhas, que estudam coisas de biblioteconomia. Isso, muito imperfeitamente, é o que consta pelo lado doméstico. Mas, como lhe digo, *não creio em nada disso que vem nas biografias*.²⁶⁷

Mantida pela liberdade de espírito, a dúvida em relação às biografias que enchem estantes e livrarias surgia também ao se apreciar a linguagem pictórica e os caracteres físico-corporais, que integravam a formação da pessoa:

Eu bem lhe digo que nenhum retrato se parece comigo, - primeiro, porque eu sou mais para ser *vista*, - pelas cores e pelas expressões. Daí, serem mais felizes alguns instantâneos. Hei de arranjar-lhe algum. O nosso maior pintor, que se chama Guignard, um dia andou querendo fazer a minha cabeça. Da cabeça só lhe interessava a cor dos olhos. Saiu um espantinho com duas paisagens fenomenais nas órbitas. Nem pareciam olhos, mas borboletas. Mas não vá pensar com isso coisas maravilhosas. A imaginação do pintor é que inventava esse prodígio. E o retrato perdeu-se, - veja lá! Aquele quadro do Arpad – ele agora está expondo e o quadro foi para lá, e é muito admirado – é uma mistura da cabeça dele com a minha. Sobretudo do nariz para baixo. Mas o que os outros veem em nós, quase nunca é o que somos, e o que somos também não o sabemos bem – pelo menos eu – e tudo isso se complica de tal forma que, quem sabe eu não sou estrábica? Vou um dia visitá-lo, para V. examinar.²⁶⁸

Munida de seus estudos sobre desenho²⁶⁹ e de habilidade literária, Cecília provava ser capaz de exercer uma autoanálise afiada. Estendia seus comentários à utilização de cores, traços, expressões e suportes imagéticos, que pudessem promover um nexo simbiótico entre invenção e concretude, o *eu* visto por si e por *outros*, livre, ao mesmo tempo, de exatidão e de distorção. Se a tela de Alberto da Veiga Guignard (1896-1962), um dos mestres da pintura moderna brasileira, havia desaparecido, os trabalhos do húngaro Arpad Szenes passariam à rubrica de memoráveis. Casado com a artista plástica portuguesa Maria Helena Vieira da Silva, com quem veio para o Brasil em junho de 1940,

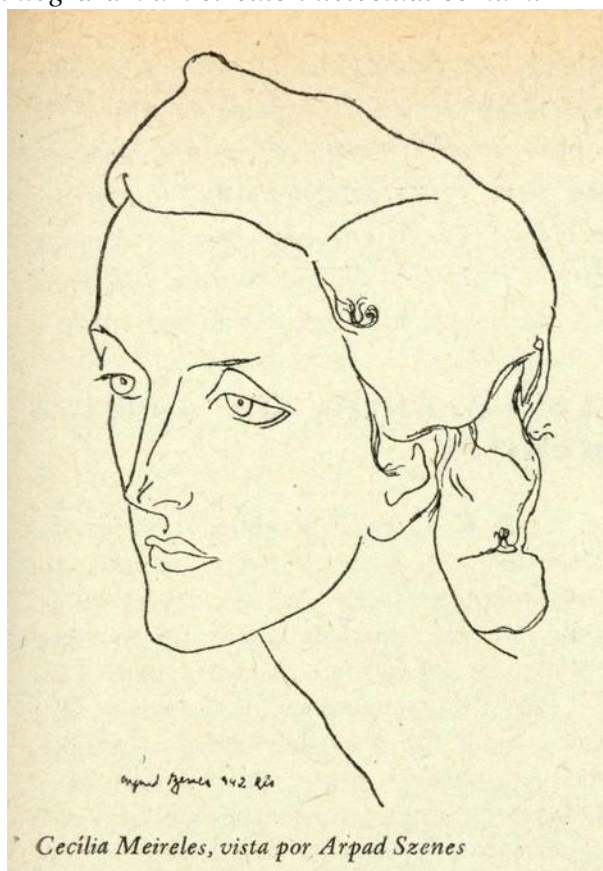
²⁶⁷ MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues, Rio de Janeiro, 11 de março de 1946. In: MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* p. 4-5. (Itálico nosso). Não era incomum a publicação de pequenas biografias ou notícias biográficas sobre Cecília. Ver, por exemplo: *A Manhã*. Rio de Janeiro, domingo, 17 de janeiro de 1943, p. 44. (Suplemento Literário). O segundo marido de Cecília Meireles foi Heitor Vinícius da Silveira Grillo (1902-1971). Para a trajetória profissional do engenheiro agrônomo, especialista em Fitopatologia, ver: GRILLO, Heitor Vinícius da Silveira (1902 – 1971). In: LABORATÓRIO OFICIAL DE DIAGNÓSTICO FITOSSANITÁRIO (L.O.D.F.). Seropédica, RJ: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Disponível em <http://www.fito2009.com/fitop/heitor.pdf> Acesso em 24 mai. 2019.

²⁶⁸ MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1946. In: MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* p. 26. (Itálico original).

²⁶⁹ Cf. MEIRELES, Cecília. *Batuque, samba e macumba...* NEVES, José Alberto Pinho. “Cecília Meireles: visão mineira”. In: *Exposição Cecília Meireles: visão mineira...* Ver ainda: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, domingo, 29 de março de 1931, p. 6.

Szenes escapara à sanha antissemítica e anti-intelectualista do nazifascismo.²⁷⁰ Em 1946 realizou uma exposição na sede do Instituto dos Arquitetos do Brasil, Rio de Janeiro, apresentando o retrato de Cecília. Tendo em vista que Szenes criou mais de um perfil de sua amiga carioca²⁷¹, não se sabe a qual deles ela se referia na carta a Côrtes-Rodrigues. De um modo ou de outro, o registro abaixo, de 1942, popularizou-se, via jornais, revistas e livros, contemporâneos e posteriores à autora.²⁷²

Imagem 4. *Famoso traço de Cecília Meireles, feito pelo artista plástico Arpad Szenes, húngaro judeu, refugiado no Brasil, desde 1940. Ele e sua esposa, a também pintora Maria Helena Vieira da Silva, portuguesa, desenvolveram grande amizade com Cecília e integraram um círculo intelectual comum.*



(Fonte: SZENES, Arpad. “Cecília Meireles”. [1942]. In: *Litoral: Revista Mensal de Cultura*. Lisboa, Editora Litoral, n. 4, p. 471, outubro-novembro, 1944. Disponível em http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Litoral/N04/N04_item1/P135.html Acesso em 15 jun. 2019).

²⁷⁰ Cf. RIBEIRO, José Sommer. *Exposição Arpad Szenes e Vieira da Silva: período brasileiro*. Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva. Scarpa Impressores: Lisboa, 2000. PEREIRA, Amanda Reis Tavares. *Ressonâncias entre Cecília Meireles e Maria Helena Vieira da Silva...*

²⁷¹ Dois outros retratos de Cecília Meireles, por Szenes, podem ser conferidos em: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, domingo, 16 de novembro de 1947. EXPOSIÇÃO CECÍLIA MEIRELES: visão mineira... f. 6.

²⁷² Esse retrato seria reproduzido, por exemplo, em: *A Manhã*. Rio de Janeiro, domingo, 17 de janeiro de 1943, p. 44. (Suplemento Literário); *Litoral: Revista Mensal de Cultura*. Lisboa, Editora Litoral, n. 4, p. 471, outubro-novembro, 1944; *A Manhã*. Rio de Janeiro, Domingo, 20 de janeiro de 1946, p. 3; MEIRELES, Cecília. *Poesia completa* [2001]... folha de rosto; OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. *Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meireles* [2001]... [capa].

Para Cecília Meireles, o retrato nasceria como fruto do cruzamento da imaginação do pintor com o ente corpóreo, objeto de inspiração artística. Nem mesmo a avaliação da retratada sobre si passaria intacta aos senões da razão e da sensibilidade, pois “o que os outros veem em nós, quase nunca é o que somos, e *o que somos também não o sabemos bem.*”²⁷³ Da pintura à letra haveria não mais que um rascunho de captação da vida:

É curioso: eu já tinha pensado em fazer-lhe um diário. Mas sou tão dispersada pelos acontecimentos, que não me fio nessas intenções. Por várias vezes tenho começado a anotar minha vida, seguidamente. Mas vem-me um tédio grande. Tenho a impressão de mecanizar-me. E precisamente a minha ‘loucura’, ao que parece, é uma luta involuntária contra as mecanizações, a rotina, o hábito. Eu sou um ser de liberdade. De espontaneidades, pelo menos. Enfim, eu nem sei o que sou. Você sabe o que é? Sabe-o mesmo? Então, diga-mo.²⁷⁴

Em outras palavras, como a biografia, a autobiografia seria atravessada por leituras, julgamentos e narrativas, que, inerentes aos perigos da mecanização ou da supressão da espontaneidade, explicariam o ser humano. Não se poderia, entretanto, pelo esforço de compreensão, esgotar a malha da existência. Tal concepção teórico-filosófica guardaria vínculos com suas convicções de teor humanista e político. A utilização do vocábulo *liberdade*, desse ângulo, seria emblemática de um *corpus* de ideias, semântico e lexical, mais difuso e arraigado.

A ilustração da vida como um baralho e a desconfiança relativa a certo tipo de escrita biográfica ainda foram revisitadas, em conversa com o escritor, poeta e jornalista Paulo Mendes Campos, em 1950:

Mas agora não me vai pedir que fale dos meus livros...? – ‘Quem sabe?’ – Seria difícil fazer-me falar nisso. O que posso dizer é que eles me representam tal qual sou, nos diversos momentos e através das diversas experiências da minha vida. Os biógrafos não precisam perder tempo com invenções arbitrárias – é só por em ordem o que vai mais ou menos disperso, como um baralho revirado. Mas também se os biógrafos não fizerem isso, como hão de concorrer depois aos prêmios das Academias??²⁷⁵

Destacam-se, nessa fala, ao lado do que já se comentou, indícios de como a enunciadora enxergava a realização de possíveis investigações em redor de seus escritos. A relação entre pessoa, autor e obra dar-se-ia mediante interações múltiplas, nas quais o

²⁷³ MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1946. In: MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* p. 26. (Itálico nosso).

²⁷⁴ MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues, Rio de Janeiro, 3 de novembro de 1946. In: MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* p. 61.

²⁷⁵ MEIRELES, Cecília. Entrevista a Paulo Mendes Campos. “Inquérito: ‘Sempre houve crises’”. In: *Jornal de Notícias*, São Paulo, Domingo, 5 de março de 1950, p. 1. (Segundo caderno).

passar do tempo e o acúmulo de experiências seriam partes constituintes das criações intelectuais e vice-versa. Por essa chave de intelecção é possível observar as criações do espírito como manifestações dotadas de especificidades e, de modo nenhum, simples reflexos das bases materiais, morais ou filosóficas da vida em sociedade.

Em outra entrevista, publicada em 3 de outubro de 1953, na *Revista Manchete*, fundada há pouco mais de um ano, dava azo à sua dúvida aguçada em relação ao possível tom categórico de explicação da realidade e admitia que

a parte mais importante de uma biografia é a direção interior que uma criatura imprime a si própria [...]. Está claro que, por esses caminhos, muitas circunstâncias têm de ser atravessadas, tal qual a história de Alladin... Ora, as circunstâncias não nos pertencem – mas ao mundo exterior. E tudo quanto dizemos delas são simples versões, conjecturas – enfim, o nosso próprio ponto de vista. Se até as versões que temos de nós mesmos são tão precárias de exatidão, que pensar das outras?²⁷⁶

Aos que se arriscassem a escrever sobre ela, recado mais contundente veio em 1957, condensando, em versos, suas impressões e restrições em torno de certo modo de elaboração da

Biografia

Escreverás meu nome com todas as letras,
com todas as datas
- e não serei eu.

Repetirás o que me ouviste,
o que leste de mim, e mostrarás meu retrato
- e nada disso serei eu.

Dirás coisas imaginárias,
invenções sutis, engenhosas teorias
- e continuarei ausente.

Somos uma difícil unidade,
de muitos instantes mínimos
- isso seria eu.

Mil fragmentos somos, em jogo misterioso,
aproximamo-nos e afastamo-nos, eternamente.
- Como me poderão encontrar?

Novos e antigos todos os dias,
transparentes e opacos, segundo o giro da luz
- nós mesmos nos procuramos.

E por entre as circunstâncias fluímos,

²⁷⁶ MEIRELES, Cecília. “Entrevista. Seção As Grandes Mulheres.” In: *Revista Manchete*, nº 76. Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1953, p. 49.

leves e livres como a cascata pelas pedras.
- Que mortal nos poderia prender?²⁷⁷

Com efeito, o desafio de produzir uma biografia de Cecília Meireles é imenso e, provavelmente, em boa medida, responsável pela inexistência de uma obra desse tipo.²⁷⁸ E não será a presente tese um trabalho propriamente biográfico, pleiteando ao mérito de preencher tal lacuna. Apesar disso, almeja-se dar alguns passos nessa direção e, assim, contribuir com novas aproximações acerca da figura de Cecília, desfrutando-se do rastro teórico por ela sugerido. A impossibilidade de *prendê-la* (est. 7) e o forçoso descarte dessa ambição tornariam supérfluos quaisquer ânimos de estudar suas ideias, ações e obras, ao longo de diferentes décadas e lugares? Fia-se que não, e talvez a própria intelectual assim pensasse, tendo em vista que ela, além de se interessar por problemas conceituais do tema, dispôs-se a escrever duas biografias – de Rui Babosa e de Mohandas K. Gandhi – e uma espécie de autobiografia poética dos tempos de infância.²⁷⁹

Cecília era pródiga em encorajar pessoas de seu círculo a realizarem atividades criativas.²⁸⁰ Em 20 de fevereiro de 1947 escreveu a Isabel do Prado:

[...] Recordei os tempos antigos, e perguntei a mim mesma – e a você pelo espaço – por aquele livro que você prometeu escrever sobre a romancista... Tanta coisa que você poderia fazer, Isabel, com um pequeno impulso... Suas experiências são tão grandes, naturalmente tão ricas, e é tão necessário sempre o testemunho da experiência!... Agora, que os dias não são do mesmo modo tensos, você nos poderia contar muitas coisas. Eu bem sei que não seriam coisas animadoras. Mas não é isso também que lhe pedimos. No meio de tantas vidas e tantas mortes, você decerto representa um episódio humano digno de ser narrado.²⁸¹

²⁷⁷ MEIRELES, Cecília. “Biografia” [1957]. In: _____ *Poesia completa*. Organização Antônio Carlos Secchim. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 1785. [Seção “Dispersos”; v. 2].

²⁷⁸ Darcy Damasceno, por exemplo, empenhou-se em fazer um esboço para uma biografia de Cecília Meireles, mas não chegou a escrevê-la. Cf. DAMASCENO, Darcy. “Notas para biografia de Cecília Meireles.” In: *Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil*. Arquivo Darcy Damasceno, Manuscritos.

²⁷⁹ Cf. MEIRELES, Cecília. *Olhinhos de gato*. [1939]. 4ª ed. São Paulo: Global, 2015. _____ *Rui: pequena história de uma grande vida*. [1949]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. _____ “Gandhi”. In: *Apóstolos modernos*. [1959]. São Paulo: Editora Égira, 1977, p. 245-328. (Grandes vocações; v. 4). Em *Olhinhos de gato*, Cecília delineou uma possível imagem da escrita (auto) biográfica: “[...] Quando se vai prender cada coisa, tudo se converte em névoa, muda de forma, some-se...” (MEIRELES, Cecília. *Olhinhos de gato*... p. 20).

²⁸⁰ Dentre amigos e colegas, estudantes e admiradores, que encontraram em Cecília Meireles palavras de apoio, de estímulo e de encorajamento para realizações intelectuais e artísticas, vale citar o poeta, jornalista e tradutor gaúcho, Mário Quintana (1906-1994). Cf. “Para Cecília Meireles”. In: INSTITUTO MOREIRA SALLES (IMS). Disponível em <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/para-cecilia-meireles/> Acesso em 01 jun. 2019. Ver também: *Revista Careta*. Rio de Janeiro, 06 de setembro de 1947, p. 14.

²⁸¹ MEIRELES, Cecília. Carta a Isabel do Prado. Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1947. *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo Isabel do Prado. (Grifo original).

Tendo em conta, com o historiador inglês Edward Palmer Thompson (1924-1993), que a “experiência surge espontaneamente no ser social, mas não surge sem pensamento. Surge porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais, e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo”²⁸², a fala de Cecília Meireles mostra-se reveladora. O enaltecimento do *testemunho da experiência* – expressão grifada à máquina de datilografia, apertando-se, seguidamente, a tecla do travessão – dava a entender que a história era concebida como um palco ocupado e construído por todos os seres humanos e não somente por uma elite ou um grupo minoritário de improváveis eleitos. A história, desse prisma, ao contrário de submissa a uma hierarquia arbitrária, seria feita por iguais, entre iguais e com iguais, respeitadas as diferenças, os interesses e as idiossincrasias de cada pessoa.

A missivista estava a par dos percursos de sua amiga. Sabia que Isabel do Prado experimentara de perto os horrores da Segunda Guerra Mundial e os esforços de reconstrução do Velho Mundo, tomando parte na Resistência contra as forças do Eixo – como funcionária da *British Broadcasting Corporation* (BBC) de Londres (1941-1942) – e no auxílio a pessoas refugiadas em solo alemão, após a guerra na Europa (1945) – como contratada da *United Nations Relief and Rehabilitation Administration* (UNRRA).²⁸³ Diferentemente de relatos de estadistas, comandantes e generais, quiçá induzidos por uma entonação oficial e grandiosa, o depoimento de uma professora de inglês, jornalista e cronista poderia fornecer uma perspectiva mais autêntica e humana, abrangendo a vida e a coragem, e também a morte e a desolação. Relato este que,

²⁸² Referência fundamental para a história social, no Brasil e alhures, o autor completa: “Se tivermos de empregar a (difícil) noção de que o ser social determina a consciência social, como iremos supor que isso se dá? Certamente não iremos supor que o ‘ser’ está aqui, como uma materialidade grosseira da qual toda idealidade foi abstraída, e que a ‘consciência’ (como idealidade abstrata) está ali. Pois não podemos conceber nenhuma forma de ser social independentemente de seus conceitos e expectativas organizadores, nem poderia o ser social reproduzir-se por um único dia sem o pensamento.” (THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. [1978]. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 16.). Embora a tese, ora defendida, situe-se nos macros campos da história do político e da história cultural, afunilando-se na história intelectual e na história dos intelectuais, admite-se que as concepções de social, de política e de cultura, subjacentes às obras thompsonianas, também colaboram com o horizonte teórico e as preocupações analíticas, ora seguidos. Não se trata de um ecletismo indevido e, sim, de uma disposição em aproveitar possíveis contribuições, de diferentes correntes historiográficas, para se atingir os objetivos em alvo. Sobre Thompson, ver: MÜLLER, Ricardo Gaspar & DUARTE, Adriano Luiz (Orgs.). *E. P. Thompson: política e paixão*. Chapecó: Argos, 2012. Uma reflexão teórica concernente à interação entre história cultural e história social, acha-se em: PROST, Antoine. “Social e cultural indissociavelmente”. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François. (Org.). *Para uma história cultural...* p. 123-138.

²⁸³ Informações prestadas por Isabel do Prado, ao descrever os documentos de seu arquivo, doados à Fundação Casa de Rui Barbosa no ano de 1983. As 77 cartas escritas por Cecília – de 1941 a 1953 -, mais crônicas e entrevista, de Isabel do Prado, confirmam os dados declarados. Cf. *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

provavelmente, posta a nervura humanística de ambas as interlocutoras, apresentaria um nítido cerne pacifista.

Pelo que se sabe, Isabel do Prado não chegou a organizar e a sistematizar suas anotações em um trabalho maior ou em um livro. O que se tem são registros avulsos de suas crônicas – lidas e transmitidas em português para o Brasil, via BBC. Cecília Meireles não lograria imaginar que, no distante ano de 2021, por intermédio de sua história, as experiências de sua amiga voltariam à tona, em um estudo acadêmico. E se ela, por despreensão e comedimento, absteve-se de escrever a respeito da importância de seu próprio relato, aqui o fazemos: assim como Isabel do Prado, Cecília Meireles “decerto representa um episódio humano digno de ser narrado.”²⁸⁴

François Dosse, convergindo com a proposta de uma nova biografia, há muito reivindicada por Virgínia Woolf e por Cecília Meireles, concluiu desse modo seu livro sobre a gravidade de escrever uma vida:

[...] em sua era hermenêutica o biógrafo já não tem a ilusão de fazer falar a realidade e de saturar com ela o sentido. Ele sabe que o enigma biográfico sobrevive à escrita biográfica. A porta permanece escancarada para sempre, oferecida a todos em revisitações sempre possíveis das efrações individuais e de seus traços no tempo.²⁸⁵

Depreende-se que seja essa a acepção mais favorável ao desenvolvimento de uma análise do pensamento político, das atividades e das relações intelectuais de uma brasileira, residente no Rio de Janeiro, durante a “era da catástrofe” (1914-1945) e parte da “era de ouro” (1946-1964).²⁸⁶ Inesgotável, o enigma Cecília Meireles há de ser indagado e compreendido. O capítulo, a seguir, propõe-se a estudar outras páginas desse livro inconcluso, dessa esfinge aberta a leituras e a revisitações.

²⁸⁴ MEIRELES, Cecília. Carta a Isabel do Prado. Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1947. *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

²⁸⁵ DOSSE, François. *O desafio biográfico...* p. 410.

²⁸⁶ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. [1994]. 2ª ed. Tradução Marcos Santarrita. Revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 27 e 221.

Capítulo 2 – Camaradagem contra o despotismo

*“A camaradagem é uma participação ativa da vida em conjunto, com todas as graves exigências e responsabilidades que daí decorrem.”*²⁸⁷

2.1. Tensões na Escola Normal

Em suas memórias, organizadas em 1983, o educador carioca Paschoal Lemme recordava a Escola Normal do Distrito Federal de 1919: era uma instituição tradicional, fundada no século anterior, visando preparar professores primários.²⁸⁸ Equiparava-se “em importância aos outros dois colégios de nível médio: o Colégio Pedro II e o Colégio Militar.”²⁸⁹ Quanto aos professores, a maioria “pertencia também aos corpos docentes daqueles dois colégios e também da Escola Politécnica ou da Escola de Medicina.”²⁹⁰ Entre eles, figuravam “os nomes mais representativos do magistério da época, secundário e superior.”²⁹¹

Então com pouco mais de 14 anos de idade, o ingressante Lemme percebeu o domínio de moças no quadro discente. Rapazes somariam um “pequeno grupo”²⁹² dentre as mais de 2.000 estudantes da instituição, as quais identificavam na carreira do magistério uma das restritas oportunidades de exercer um trabalho intelectual, com o qual pudessem negociar margens de autonomia, imersas em uma sociedade fortemente patriarcal, e garantir seu sustento.²⁹³ Lembrou também que “alguns incidentes dessa época quebraram a regularidade das aulas e produziram impactos variados que, por assim

²⁸⁷ MEIRELES, Cecília. “Camaradagem”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 26 de junho de 1932, p. 6.

²⁸⁸ A primeira Escola Normal, particular e gratuita, com autorização e subsídios do Governo, para preparação do magistério de instrução primária, foi criada em 25 de março de 1874, no Rio de Janeiro. Em março de 1880 seria instalada a Escola Normal pública, tendo como primeiro diretor, Benjamim Constant, que se encarregou de imprimir à instituição uma orientação curricular positivista. Cf. ACCÁCIO, Liéte Oliveira. “Formando o professor primário: a Escola Normal e o Instituto de Educação do Rio de Janeiro.” In: GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL” – HISTEDBR. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2011. Disponível em <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/formando-o-professor-primario-a-escola-normal-e-o-instituto-de-educacao-do-rio-de-janeiro> Acesso em 01 mai. 2019.

²⁸⁹ LEMME, Paschoal. *Memórias de um educador*. [1983]. 2ª ed. Brasília: Inep, 2004, p. 119. v. 1. Infância, adolescência, mocidade.

²⁹⁰ LEMME, Paschoal. *Memórias de um educador*... p. 119.

²⁹¹ LEMME, Paschoal. *Memórias de um educador*... p. 119.

²⁹² LEMME, Paschoal. *Memórias de um educador*... p. 119.

²⁹³ Nota-se que, embora o processo de transformação do magistério em “trabalho de mulher” tivesse avançado, sobretudo, a partir de finais do século XIX, a ocupação de cargos de direção continuava a ser controlada, em grande medida, por homens. Cf. LOURO, Guacira Lopes. “Mulheres na sala de aula.” In: DEL PRIORI, Maria (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 460.

dizer, enriqueceram a secura da rotina das aulas.”²⁹⁴ Um desses acontecimentos, segundo Paschoal, foi

a revolta, principalmente dos rapazes, contra a nomeação de Ester Pedreira de Mello para diretora da escola, primeira mulher a ascender a essa posição, apesar de ser professora de renome e também uma das primeiras a ocupar o cargo de inspetora escolar.²⁹⁵

Embora Lemme não tenha explicado as razões de tal comportamento, sabe-se que a insatisfação, não isenta de misoginia,²⁹⁶ teve a ver com a tentativa da renomada professora Esther Pedreira de adotar – em suas palavras - uma “obra criteriosa de higiene, disciplina e moralidade administrativa”²⁹⁷, a qual teria sido “condenada somente pelos amigos da liberdade ampla e absoluta.”²⁹⁸ Seu mandato à frente da Escola Normal ocorreu após a gestão de Ignácio do Amaral, que pedira demissão. Motivo da saída: a recusa do Diretor Geral de Instrução Pública – Raul Leitão Peixoto – em punir, com suspensão temporária, Haydée Corrêa Lopes. Segundo o demissionário Amaral, esta normalista, meses antes, já recebera pena de repreensão, “por ter se portado inconvenientemente em audiência pública do Sr. Prefeito”²⁹⁹, a quem protestara por não ter conseguido dispensa da prestação de exame de Corografia do Brasil (Geografia), e, naquele instante, tinha passado a ofender também o professorado.

Por esses fatos, vê-se que a Escola Normal, como qualquer outro estabelecimento de ensino, era atravessada por tensões. Incorporavam-se regras e padrões de conduta. Ao mesmo tempo, testavam-se limites: autoridade e liberdade, indivíduo e instituição, obediência e rebeldia, ora tracejavam um acordo, ora confrontavam-se de modo mais incisivo. Nesse sentido, não admira que “o grave caso da Escola Normal”³⁰⁰, de 1920, tenha sido precedido por outro, tão ou mais dramático, “escândalo da Escola Normal”³⁰¹, de 1915. Ambos partiram do debate sobre a noção de disciplina. Em 1915, porém, diferentemente do havido em 1920, a liderança coube às moças, com participação massiva de normalistas e de docentes da instituição, bem como de estudantes e educadores de

²⁹⁴ LEMME, Paschoal. *Memórias de um educador...* p. 119.

²⁹⁵ LEMME, Paschoal. *Memórias de um educador...* p. 120.

²⁹⁶ Chegou-se, por exemplo, a rotular a gestão de Esther Pedreira como “ditadura de saias na Escola Normal”. Cf. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 14 de junho de 1920, p. 2.

²⁹⁷ MELLO, Esther Pedreira de. “A Escola Normal.” In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 18 de junho de 1920, p. 7.

²⁹⁸ MELLO, Esther Pedreira de. “A Escola Normal.” In: *Correio da Manhã...* p. 7.

²⁹⁹ AMARAL, Ignácio do. “O grave caso da Escola Normal: importantes declarações do diretor demissionário.” In: *A Noite*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 14 de abril de 1920, p. 1.

³⁰⁰ *A Noite*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 14 de abril de 1920, p. 1.

³⁰¹ *A Rua* – Última hora. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 1.

outros estabelecimentos; veio, para primeiro plano, a luta por valores político-axiológicos, tomados por imprescindíveis, tais como a liberdade e o direito à resistência; e se coadunou com o contexto internacional da Grande Guerra. Além disso, contou com a liderança de uma jovem de 14 anos incompletos, órfã de pai e de mãe, chamada Cecília Benevides de Carvalho Meireles.

Na sexta-feira, dia 11 de junho de 1915, comemorou-se, na capital, o 50º aniversário da Batalha do Riachuelo, com “grande parada de forças de mar e terra.”³⁰² Às 15h30min, do Catete à Praia do Flamengo, “o sr. presidente da República em carro a Daumont, passou em revista às tropas, sendo acompanhado pelos almirantes Alexandrino e Garnier.”³⁰³ Entre hinos, discursos e aplausos, as celebrações adentraram a noite.

Alhures, na Escola Normal, houve quem desejasse a suspensão das aulas. Entendendo que “em data tão gloriosa da nossa história não devia a Escola oferecer o aspecto dos dias comuns, e para aproveitar a circunstância de terem faltado alguns docentes”³⁰⁴, normalistas solicitaram ao diretor Hans Heilborn (1857-1916) a permissão de saírem todas às 13 horas. Com a recusa do pedido, estudantes teriam desatado “em gritos e protestos que tomaram vulto, tendo sido a muito custo acalmados os ânimos.”³⁰⁵ Depois, as aulas continuaram, aparentemente, sem nenhum contratempo.

À noite, porém, uma secundarista, por não ter comparecido um professor entendeu de ler para algumas colegas, versos, em voz alta. Tendo-lhe a inspetora rogado que tal não fizesse, porque perturbava a aula vizinha, viu-se a mesma desobedecida, pelo que levou o fato ao conhecimento do diretor.³⁰⁶

Este, então, pôs-se em ação: “imediatamente compareceu à sala onde se achava aquela aluna a quem pediu não prosseguisse na leitura, sendo-lhe respondido que s. s. não sabia cumprir o regulamento.”³⁰⁷ Provocado, Hans Heilborn – cuja nomeação para a direção escolar ocorrera, pelo prefeito, há menos de um ano - teria agido energicamente, a ponto de “diversas moças normalistas”³⁰⁸, “mlles. Avenina Caldas, Lucinda Ramos,

³⁰² *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 3.

³⁰³ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 3.

³⁰⁴ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 3.

³⁰⁵ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 3.

³⁰⁶ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 3.

³⁰⁷ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 3.

³⁰⁸ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 3.

Rosa Jesus Teixeira e outras”³⁰⁹, terem sido “acometidas de crises nervosas.”³¹⁰ Socorreu-as um professor da casa, dr. Brício Filho, que então se achava em aula.

A atitude do diretor em relação às estudantes não foi esmiuçada por esse relato de *O Imparcial*, jornal que, desde o início, tomou partido a favor da autoridade constituída. Invertendo os termos da análise, a folha afirmava que o diretor teria sido “hostilizado pelas alunas”³¹¹, e não o contrário. Ao suspender “a aluna indisciplinada, convidando-a a retirar-se da escola”³¹², o diretor fora vaiado “por parte de quase todas as normalistas, muito poucos havendo sido os professores que puderam conter os alunos.”³¹³ Alguns, “como os drs. Morales de los Rios Filho e Teixeira da Rocha e lentes de desenho da 3ª e 1ª turmas fecharam as portas das salas, para que os seus alunos não tomassem parte naquela manifestação de desgosto ao diretor.”³¹⁴ A atmosfera eletrizou-se ainda mais com a chegada do “delegado do distrito, dr. Olegário Bernardes e bem assim o 2º auxiliar, dr. Osório de Almeida.”³¹⁵ Aglomerou-se, então, “em frente ao edifício grande massa de povo ansiosa por saber que se passava no estabelecimento.”³¹⁶ Compareceram também o prefeito, Rivadávia Corrêa e seu secretário, Álvaro Rodrigues. Após conferenciar com Hans Heilborn, Rivadávia se retirou, sendo “vaiado pelos alunos”³¹⁷, ocasião em que “foi preso um desses, o sr. Cardoso de Castro.”³¹⁸ “Às 22 horas ainda era grande o ajuntamento em frente à Escola Normal.”³¹⁹

Adotando uma linha editorial análoga em torno do caso, o *Jornal do Comércio* alinhou-se ao prefeito e a Heilborn, mas também permitiu entrever a complexidade da situação e deixou escapar, em um primeiro momento, a descrição do procedimento do diretor, ocultado por *O Imparcial*. Noticiou-se que um “incidente entre uma aluna e a inspetora Marcolina deu causa a todos os fatos escandalosos ali ocorridos e que obrigaram a intervenção da polícia.”³²⁰ A dita inspetora “teve uma desavença qualquer com a aluna do 2º ano, que no momento lia um livro de poesias de Olavo Bilac”³²¹ e foi apresentar

³⁰⁹ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 3.

³¹⁰ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 3.

³¹¹ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 3.

³¹² *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 3.

³¹³ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 3.

³¹⁴ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 3.

³¹⁵ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 3.

³¹⁶ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 3.

³¹⁷ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 3.

³¹⁸ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 3.

³¹⁹ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 3.

³²⁰ *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 4.

³²¹ *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 4.

queixa ao diretor. Este, por sua vez, seguiu para a “sala destinada às alunas do 1º ano e onde se achava a aluna em questão.”³²² Desse momento em diante, as circunstâncias se exacerbaram, pois Hans Heilborn teria se comportado, para as normalistas, de modo inadmissível, ao elevar a voz e recorrer ao contato físico:

O Diretor, em termos ásperos, orientou a menina que se retirasse, sob ameaça de mandá-la por fora da sala por um contínuo.

A moça protestou e o Sr. Hans Heilborn, agarrando-a por um braço, procurou afastá-la da sala.

Em extremo nervosa, a moça foi acometida de um ataque, prorrompendo as demais alunas em assuada contra o Diretor.

Boatos os mais descontraídos começaram logo a correr nas imediações da Escola, provocando grande ajuntamento de povo. E dentro em pouco tanto gritavam as alunas no interior da Escola como o público lá na rua. [...]

Um auto-socorro com uma força de polícia partiu para o local a fim de manter a ordem na rua, pois o povo ameaçava invadir o edifício da Escola e tirar um desforço do respectivo Diretor.

A presença daquela força causou verdadeiro pânico entre as alunas, aumentando a gritaria.³²³

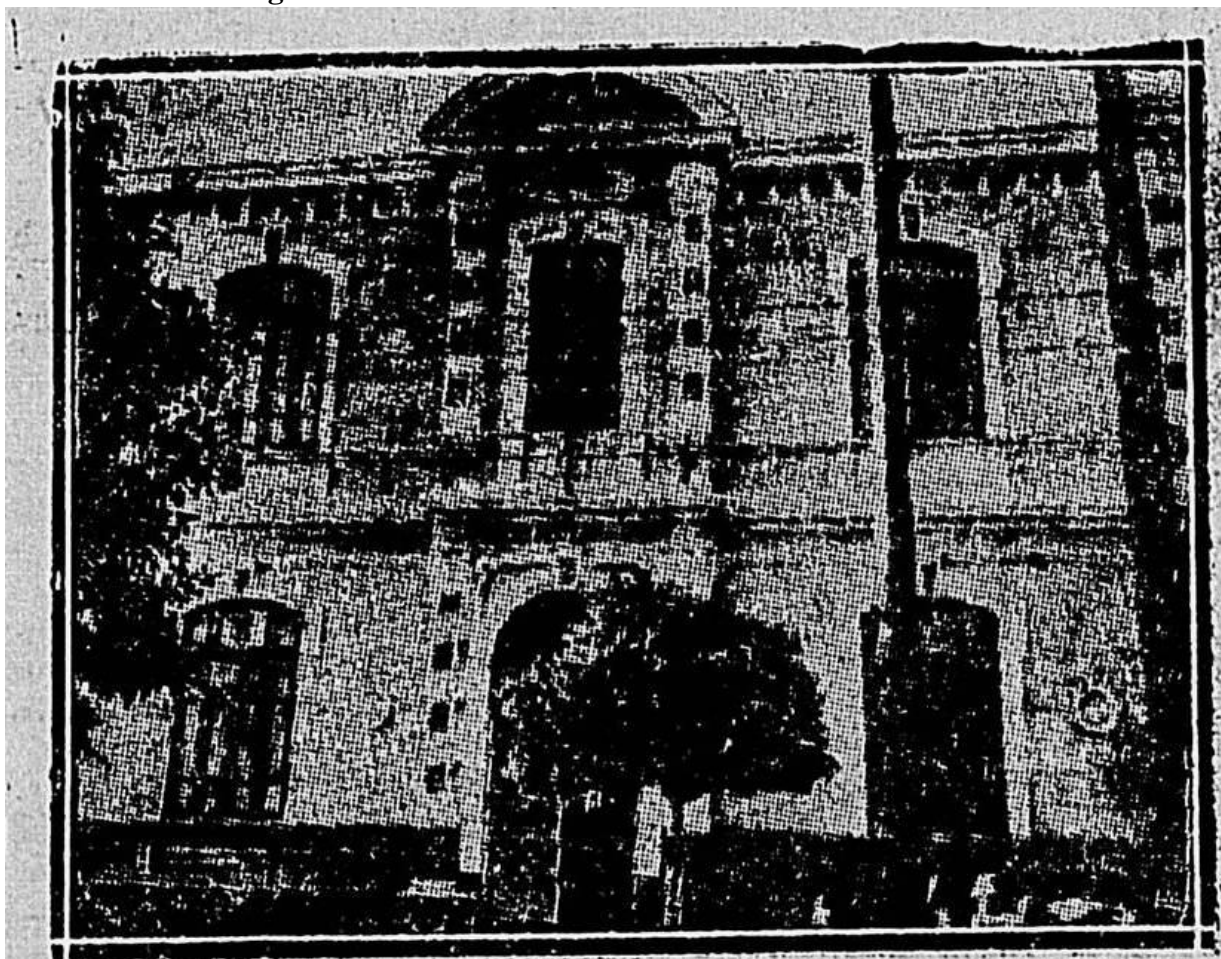
Com a chegada de outras autoridades – prefeito, delegados – o público foi se dispersando, “entrando em inteira calma o largo do Estácio de Sá.”³²⁴ Tranquilidade, porém, passageira.

³²² *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 4.

³²³ *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 4.

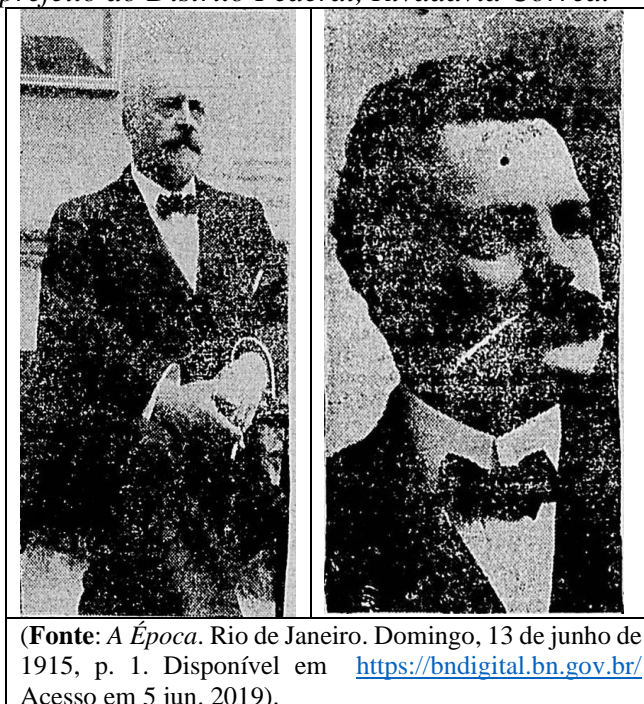
³²⁴ *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 4.

Imagem 5. Fachada da Escola Normal de 1914 a 1930.



(“O Edifício em que funciona a Escola Normal”, à rua São Cristóvão, nº 18, Estácio. Nesse espaço também estava instalada uma unidade de ensino primário da rede pública municipal. Cecília Meireles ali cursara as séries iniciais. As idas e vindas da casa à escola, o ambiente e os personagens locais, portanto, não seriam estranhos à normalista. **Fonte:** A Época. Rio de Janeiro. Domingo, 13 de junho de 1915, p. 1. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 5 jun. 2019).

Imagens 6 e 7. Autoridades contestadas. O diretor da Escola Normal, Hans Heilborn, e o prefeito do Distrito Federal, Rivadávia Corrêa.



2.2. Amotinadas se organizam

Outros veículos de comunicação, em contrapartida, apoiaram a causa das normalistas, a exemplo de *O Século*, *A Rua* e *A Época*. Um dos repórteres deste último, ao final da tarde de sábado, 12, conseguiu coletar o depoimento de uma aluna, cujo nome não revelou. Disse a jovem:

Quase todos os jornais noticiaram o incidente por uma só forma; entretanto, permita-me o senhor que lhe diga, não foram informados do que precisamente se passou. Eu e as minhas colegas do segundo ano recebíamos lições de português, num dos salões que ficam situados no andar térreo do edifício da escola. Justamente, sobre o ponto em que nos achávamos, fica situada a sala do terceiro ano, cujas alunas, então, se achavam em descanso, pois a hora era vaga para elas. Nesse momento, Déa Simões deliciava as demais alunas com uma poesia de Bilac. E os aplausos aos belos versos do consagrado poeta, impecavelmente declamados pela minha colega Déa, produziam um grande *zum-zum*, que chegava à nossa sala, perturbando, assim, a preleção do nosso lente. Este, delicadamente, pediu a um contínuo que chegasse à sala superior e solicitasse das terceiranistas um pouco de silêncio. O senhor compreende que nada mais justo do que a solicitação do nosso lente, diz-nos a gentil entrevistada. O contínuo, porém, um grande adulator do Sr. Heilborn, foi diretamente a ele e inventou coisas tremendas.

O diretor, não desmentindo a sua origem de súdito do Kaiser, em *passo de ganso*, bufando como um dos tais “42” galgou as escadas e, penetrando na sala do terceiro ano prorrrompeu em desmedidas asperezas contra a pobre Déa.

Não contente com a sua façanha, o Sr. Heilborn, dirigindo-se a uma aluna, que não pode conter o pranto ante os modos do diretor, agarrou-a por um braço, retirando-a à força da carteira. Uma verdadeira balbúrdia! só o senhor vendo... Daí o triste incidente que se originou e do qual já estão todos informados.³²⁵

Com pequenas variações em relação às descrições apresentadas por outros jornais, esse relato batia no mesmo ponto: a ação de alunas, apreciando poemas de Bilac em hora vaga, acabou ecoando em outras salas; e a intervenção de Hans Heilborn para acabar com aquela distração. A fala, transcrita pelo repórter, revelou também o nome da aluna que citava versos e que retrucou a abordagem do diretor: Déa Simões. Indicou ainda um dos elementos centrais da antipatia por Hans Heilborn, a saber: sua origem alemã, representada na imagem de “súdito do Kaiser”³²⁶, fumegando qual o famoso obuseiro de 420 mm – utilizado por tropas alemãs na batalha de Liège, em agosto de 1914 – indo, em marcha militar, de encontro às normalistas.

Por outro relato, sabe-se que a aluna mandada para fora do estabelecimento foi Aydê Pacheco da Rocha. Seu pai redigiu a seguinte carta, acrescentando, confirmando e corrigindo informações:

Senhor redator d’A Época

Tendo lido hoje em um local do vosso conceituado vespertino, que havia sido expulsa da Escola Normal a minha filha de nome Aydê, passo a relatar a maneira por que se deu o incidente entre ela e o diretor da referida escola:

Estando ela e suas colegas no pátio da escola, em cumprimento à ordem do diretor, foi sua irmã, Ada, presa de uma crise nervosa. Naturalmente movida pelo sentimento fraternal, aquela procurou amparar esta e acalmá-la, quando delas se aproximou o referido diretor, e intimou-as a abandonar a escola. Então, minha filha ponderou que isso, no momento, não era possível, dado o estado nervoso de sua irmã, que por si estava sendo amparada e que, além disso, não era seu hábito andar à noite, embora com sua irmã, sem que fosse por mim acompanhada. O diretor não quis saber de nada. Intimou-as novamente a abandonar a escola, ao que minha filha recusou-se terminantemente, pelas razões já expostas. Só mais tarde retirou-se, em minha companhia, quando fui buscá-la. Relativamente à expulsão de minha filha da escola, julgo ser mero boato, porquanto ela nada praticou que pudesse merecer essa pena. Além disso, até hoje, nem ela nem eu recebemos qualquer notificação nesse sentido.

Pedindo-vos a publicação desta retificação, desde já vos agradeço. – 13.6.915. *Leopoldo Augusto Pacheco da Rocha*. Rua Goyaz, 276. Piedade.

³²⁵ A *Época*. Rio de Janeiro. Domingo, 13 de junho de 1915, p. 2.

³²⁶ A *Época*. Rio de Janeiro. Domingo, 13 de junho de 1915, p. 2.

Aydê havia sido ordenada a sair do estabelecimento, naquela ocasião, mas não havia tomado pena de expulsão do quadro discente. Esse esclarecimento seria importante para não causar maior prejuízo à aluna e filha. Em paralelo, abonava-se o essencial das críticas à administração escolar, ou seja, os deslizos em relação ao tratamento dado às moças. Aqui, novamente, emerge a cena do nervosismo se apossando de uma jovem e da reação de outra, saindo em defesa da colega, “terminantemente”³²⁷ contra as ações do diretor, que, em seu rompante, “não quis saber de nada.”³²⁸ Se o pai não atacou frontalmente Hans Heilborn, tampouco criticou a atitude de sua filha. Ao invés disso, tentou compreender o cenário e endossou a decisão das jovens em desobedecer às ordens daquele.

Juntando-se e comparando os diferentes relatos, comprova-se que as normalistas se uniram e enfrentaram o diretor. Na prática, ante a comunidade escolar, a autoridade do administrador teria se fragilizado, pondo em questão a viabilidade de sua permanência na função.

Ciente do peso da conjuntura, na qual um incidente, aparentemente, banal – uma autoridade advertir subordinados – acendera um pavio, já encurtado - as tensões ali já vinham se acumulando desde pelo menos março de 1915, quando professoras se tornaram alvos de sindicância sobre afastamentos irregulares do trabalho³²⁹ - Heilborn, na manhã seguinte, dirigiu-se ao gabinete do prefeito e apresentou seu pedido de demissão. Rivadávia Corrêa, porém, negou a solicitação e, a partir de então, passou a envidar esforços para proteger seu funcionário. Ainda pela manhã, Hans Heilborn voltou à Escola Normal. Lá, ao informar que seu pedido de demissão havia sido recusado, escutou de um dos lentes da instituição, Francisco Cabrita, que ele devia insistir na solicitação, posto que estava “incompatível com esta casa”³³⁰, “sendo visível a animosidade contra ele existente em razão de sua origem germânica e dos processos por que procurava implantar a disciplina.”³³¹ Em poucas palavras, Cabrita conseguiu sintetizar os dois principais fatores que, por certo, acendiam o núcleo da onda de críticas em curso. E, assim, mexia-se mais uma peça do tabuleiro político: os professores engrossariam o coro das estudantes, que exigiam a substituição do diretor.

³²⁷ ROCHA, Leopoldo Augusto Pacheco da. “Carta”. In: *O Século*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 14 de junho de 1915, p. 1.

³²⁸ ROCHA, Leopoldo Augusto Pacheco da. “Carta”. In: *O Século*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 14 de junho de 1915, p. 1.

³²⁹ Cf. *O Século*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 9 de março de 1915, p. 1.

³³⁰ *A Época*. Rio de Janeiro. Domingo, 13 de junho de 1915, p. 2.

³³¹ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Domingo, 13 de junho de 1915, p. 2.

Imagem 8. O dia seguinte.



(“Um aspecto da saída das alunas da Escola Normal, hoje, às 3 horas da tarde.” Sábado, 12 de junho de 1915. Fonte: *A Rua – Última hora*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 1. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 5 jun. 2019).

A despeito do incidente da noite anterior, às 18h começaram a chegar à Escola, em grande número, as alunas, acompanhadas por familiares. “Umás comentavam os acontecimentos da véspera, outras, guardando silêncio, deixavam transparecer os receios de que se achavam possuídas.”³³² Às 18h30min tiveram início aulas de música, desenho, literatura e ginástica. Às 19h, de automóvel, chegaram ao estabelecimento Azevedo Sodré, diretor da Instrução Pública, e Hans Heilborn. Logo que avistaram este, as alunas “prorromperam em estrondosa vaia: ““Fora alemão!” Estabeleceu-se imediatamente grande confusão entre alunas e alunos.”³³³ A fim de evitar piores consequências, Heilborn precisou retirar-se da casa de ensino, junto com Sodré.

A essa altura, “várias pessoas que passavam pela rua, atraídas pela assuada, se detiveram em frente à Escola, a comentar o caso, ávidas por novidades.”³³⁴ Em instantes, ao saberem da agitação, compareceram o delegado do 15º distrito policial, Olegário Bernardes, e o segundo delegado auxiliar, Osório de Almeida, o qual, tendo a simpatia das estudantes, foi “recebido debaixo de estrondosa e prolongada salva de palmas.”³³⁵

Nesse ponto foi informado o nome da jovem, que estava se transformando na principal liderança da revolta:

³³² *A Época*. Rio de Janeiro. Domingo, 13 de junho de 1915, p. 2.

³³³ *A Época*. Rio de Janeiro. Domingo, 13 de junho de 1915, p. 2.

³³⁴ *A Época*. Rio de Janeiro. Domingo, 13 de junho de 1915, p. 2.

³³⁵ *A Época*. Rio de Janeiro. Domingo, 13 de junho de 1915, p. 2.

Uma aluna, a senhorita Cecília Meireles, pediu a palavra e saudou, em seu nome e no de suas colegas, o dr. Osório, pela maneira cortês – verdadeiro característico do homem ilustrado – disse, com que as tem tratado.

As últimas palavras dessa aluna foram abafadas por uma prolongada salva de palmas.³³⁶

Osório de Almeida, então, “fez um breve discurso, agradecendo a carinhosa manifestação de apreço de que era alvo.”³³⁷ Na sequência, um senhor, cujo nome o repórter desconhecia, pediu a palavra e disse: ““A dignidade das nossas jovens patricias não pode estar ameaçada por um estrangeiro bandido.” - Muito bem! Bravos! Gritaram todos.”³³⁸ Incendiando ainda mais a atmosfera, “apareceu o insolente contínuo interino da Escola, Abílio de tal”³³⁹, que, na noite anterior, havia “atirado os mais baixos epítetos às alunas. A presença desse grosseiro indivíduo provocou, como era natural, uma exaltação geral, tendo ele fugido imediatamente.”³⁴⁰ Pedindo calma, “amável e sorridente”³⁴¹, o segundo delegado auxiliar conseguiu “serenar os ânimos. Mais tarde, as alunas começaram a deixar a Escola, que foi fechada às 10 horas, sem maiores incidentes.”³⁴²

Desde o início, Cecília pareceu não ter se preocupado com a divulgação de seu nome à frente da mobilização. Nem mesmo depois do comunicado emitido pelo gabinete do prefeito, em patente auxílio ao diretor e em tom de ameaça às partícipes do motim. Alegando ter obtido depoimentos de “vários professores desse estabelecimento de ensino”³⁴³ sobre a suposta inverdade das acusações feitas ao gestor, a nota disparava:

[...] escusado é dizer que o dr. Hans Heilborn não excedeu as atribuições de seu cargo, não praticou arbitrariedade, não desrespeitou quem quer que fosse, não tocou sequer de leve em qualquer aluna da escola, não maltratou, não molestou pessoa alguma. O que o diretor da Escola fez, dentro do regulamento, foi repreender a aluna indisciplinada e o fez desde logo, em presença de outras pessoas, atendendo à gravidade da falta levada a efeito com deplorável insistência, desrespeitosa e atentatória da autoridade da inspetora, primeiro, e, depois, da do diretor chamado a manter a ordem e a disciplina. [...]³⁴⁴

³³⁶ *A Época*. Rio de Janeiro. Domingo, 13 de junho de 1915, p. 2.

³³⁷ *A Época*. Rio de Janeiro. Domingo, 13 de junho de 1915, p. 2.

³³⁸ *A Época*. Rio de Janeiro. Domingo, 13 de junho de 1915, p. 2.

³³⁹ *A Época*. Rio de Janeiro. Domingo, 13 de junho de 1915, p. 2.

³⁴⁰ *A Época*. Rio de Janeiro. Domingo, 13 de junho de 1915, p. 2.

³⁴¹ *A Época*. Rio de Janeiro. Domingo, 13 de junho de 1915, p. 2.

³⁴² *A Época*. Rio de Janeiro. Domingo, 13 de junho de 1915, p. 2.

³⁴³ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 13 de junho de 1915, p. 2.

³⁴⁴ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 13 de junho de 1915, p. 2.

No mesmo parágrafo em que responsabilizou, exclusivamente, as alunas, noticiou a amplitude da adesão ao protesto:

À vista do exposto, perdem de importância os fatos articulados contra o diretor da Escola para ficar de pé tão somente a indisciplina praticada pelas alunas, não, felizmente, em sua totalidade, mas, ainda assim, triste e deploravelmente, realizada por uma grande maioria. [...].³⁴⁵

E arrematava: “Por motivo dos fatos ocorridos, o sr. Prefeito, prestigiando a autoridade do dr. Hans Heilborn e de pleno acordo com o dr. Azevedo Sodré, vai tomar com *segurança e energia* as providências impostas pela gravidade da situação.”³⁴⁶

Quarenta e oito horas depois, mantendo-se intransigente, o prefeito, por meio de seu secretário, alterou a estatística: tentou substituir a estimativa de uma “grande maioria”³⁴⁷ de adeptas da contestação pela projeção de uma “minoría, [...] que vem causar prejuízos aos seus numerosos colegas.”³⁴⁸ O grosso dos discentes teria permanecido “dentro do regulamento e da ordem”.³⁴⁹ Essa contradição entre as falas do Executivo municipal, em tão curto período, não passaria incólume, tendo sido denunciada de “manobra indecente”.³⁵⁰

O anseio de intimidar o alunado, porém, surtiu efeito oposto ao esperado pelas autoridades. Acirraram-se ainda mais os ânimos e, ao invés de dividir a categoria discente, uniu-a, mesmo que pudesse haver uma ou outra voz dissonante a apoiar o diretor e o prefeito. No domingo, já se noticiava que, presente em assembleia extraordinária, para tratar dos eventos desenrolados na Escola Normal, a Confederação de Estudantes - entidade que reunia representantes de diferentes segmentos de ensino - dera “um voto de louvor pela simpática atitude tomada pelas estudantes normalistas, de não comparecer às aulas.”³⁵¹ Os presentes mostraram-se “todos solidários com as normalistas, pretendendo mesmo os mais exaltados fazer uma manifestação de desagrado ao diretor Hans Heilborn.”³⁵² Decidiu-se, assim, que, no dia seguinte, ocorreria um “grande “meeting” acadêmico”³⁵³ de protesto contra o diretor, no largo do Estácio de Sá, às 16h.

Enquanto recebiam cada vez mais apoio de outros estudantes, Cecília Meireles e suas colegas montaram uma comissão para coordenar os próximos passos da resistência.

³⁴⁵ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 13 de junho de 1915, p. 2.

³⁴⁶ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 13 de junho de 1915, p. 2. Itálico nosso.

³⁴⁷ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 13 de junho de 1915, p. 2.

³⁴⁸ *A Época*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 16 de junho de 1915, p. 1.

³⁴⁹ *A Época*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 16 de junho de 1915, p. 1.

³⁵⁰ *A Época*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 16 de junho de 1915, p. 1.

³⁵¹ *A Época*. Rio de Janeiro. Domingo, 13 de junho de 1915, p. 2.

³⁵² *A Época*. Rio de Janeiro. Domingo, 13 de junho de 1915, p. 2.

³⁵³ *A Época*. Rio de Janeiro. Domingo, 13 de junho de 1915, p. 2.

Na manhã de segunda-feira, 14, acompanhadas de pais e irmãos, foram chegando as normalistas para as aulas. Apesar disso, todos falavam dos últimos acontecimentos ali ocorridos, “prevendo a sua repetição, a menos que o dr. Rivadávia tivesse, afinal, resolvido demitir o sr. Hans Heilborn.”³⁵⁴ Na rua, juntavam-se grupos de populares, ansiosos por novos acontecimentos. Entrementes, as alunas tomaram “várias deliberações, tendentes a desagrá-las, isto é, obter a demissão do sr. Heilborn.”³⁵⁵

Dentre as ações concretizadas, logo no início da manhã, constou o envio de um telegrama para o Centro Acadêmico, com o seguinte teor: “As alunas da Escola Normal pedem auxílio dos seus colegas contra o diretor do mesmo estabelecimento – **A comissão**.”³⁵⁶ Formalizava-se, desse modo, a aliança das normalistas com os acadêmicos. A resposta ao pedido chegou por volta das 13h. Um mensageiro da entidade comunicou a “solidariedade de todos os seus companheiros.”³⁵⁷ Ratificando a deliberação tomada na noite anterior, informou que os acadêmicos “ali estariam reunidos, às 4 horas da tarde”.³⁵⁸ Tais palavras “foram acolhidas pelas alunas da Escola Normal com vivas e salvas de palmas à mocidade acadêmica.”³⁵⁹

Avisado por telefone desses acontecimentos e dada a magnitude que o movimento vinha tomando, o prefeito ordenou ao chefe de seção da instituição, sr. Regazzi, que “desse por findas as aulas, fechasse o edifício e afixasse na porta o seguinte boletim: “De ordem do dr. prefeito, fica esta Escola fechada até segunda resolução. – Rio, 14 de junho de 1915.””³⁶⁰ De imediato, em grupos, os alunos foram retirados, chegaram 20 praças da Brigada Policial, “sendo 10 de cavalaria, comandadas por sargentos.”³⁶¹ Com essa medida, uma vez mais, Rivadávia Corrêa esperava enfraquecer o atrevimento da luta de “moças emancipadas”³⁶², acalmar os humores e impor sua ordem.

³⁵⁴ *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1.

³⁵⁵ *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1.

³⁵⁶ *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1. **Negrito original.**

³⁵⁷ *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1.

³⁵⁸ *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1.

³⁵⁹ *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1.

³⁶⁰ *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1.

³⁶¹ *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1.

³⁶² *O Paiz*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 15 de junho de 1915, p. 5.

Imagem 9. *Moças emancipadas com o assunto do dia.*



(“Um grupo de normalistas, comentando a resolução do prefeito, mandando suspender as aulas”. Segunda-feira, 14 de junho de 1915. Fonte: *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 5 jun. 2019).

A mobilização discente, todavia, não se deteve. Conforme previsto, às 16 horas, os acadêmicos chegaram ao largo Estácio de Sá para o *meeting*. Muitos discursaram em defesa das normalistas, contra Heilborn e Rivadávia, seguidos de vivas e palmas. Ao fim, teve voz, com indisfarçável antigermanismo, um dos mais eloquentes estudantes. Tratava-se de um bacharelado de Direito, chamado Oswaldo Aranha. Em sua “vibrante peça oratória”³⁶³, cômico da forte carga simbólica da ação planejada, proferiu:

Prezados colegas! Convido-vos agora a comparecer amanhã, à 1 hora da tarde, à Faculdade de Medicina, a fim de, incorporados, fazermos o “enterro” do prussiano Hans, porque o “enterro” é o símbolo com que a classe acadêmica costuma levar ao necrotério do Nada os indivíduos nulos, como esse alemão.

Eu digo, como o grande mestre conselheiro Rui Barbosa: “Juramos vencer e venceremos”, custando-nos mesmo uma nova “Primavera de sangue”, visto os políticos bandalhos desta terra não terem

³⁶³ *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1.

compreendido ainda o valor da mocidade – o sustentáculo da Pátria!”
(Muito bem! Bravos! Fora Riva! Fora o alemão!).³⁶⁴

De sua parte, Cecília e suas colegas agendaram um encontro com o presidente da República, Wenceslau Braz, para entregarem “um manifesto esclarecendo ao chefe da Nação tudo quanto ocorreu na Escola Normal e solicitando de s. ex. a demissão do sr. Hans Heilborn do cargo.”³⁶⁵

Imagem 10. *O meeting.*

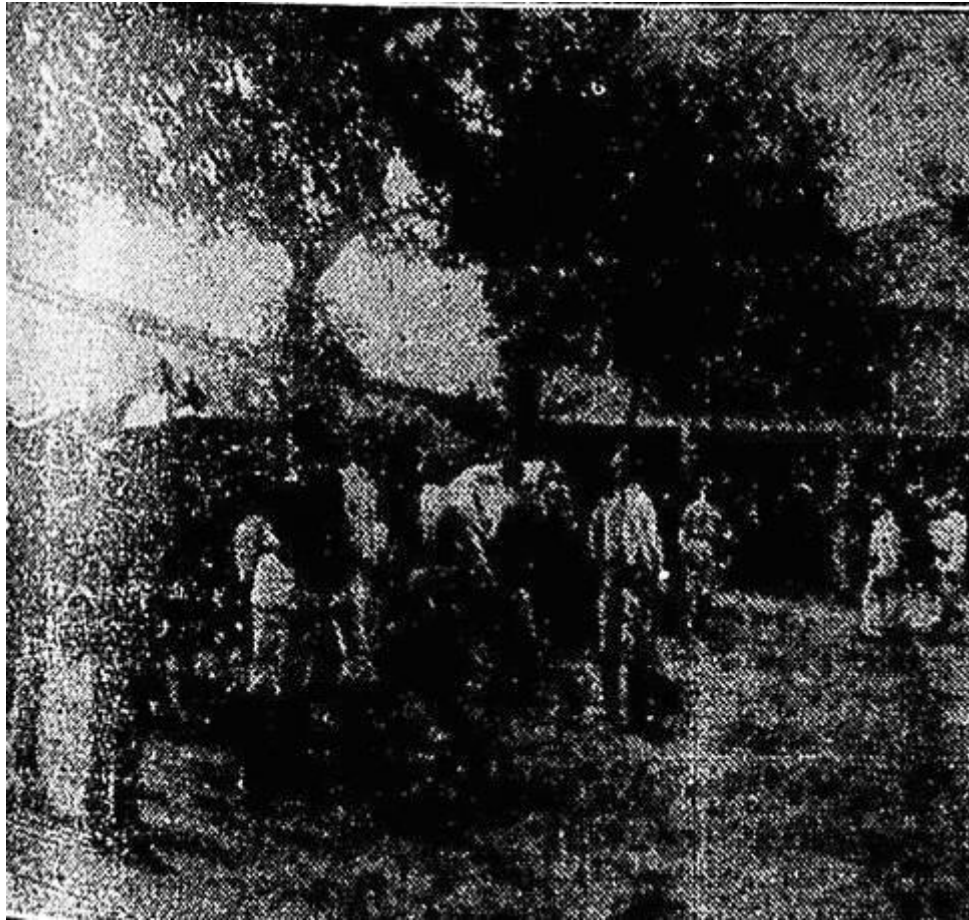


(“O povo aglomerado em frente à Escola, antes do “meeting””. A reunião contou com “estudantes das escolas superiores” para articular apoio à causa das normalistas. Segunda-feira, 14 de junho de 1915. Fonte: *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 5 jun. 2019).

³⁶⁴ *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1.

³⁶⁵ *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 2.

Imagem 11. *Cavalaria acionada.*



(“A cavalaria de polícia no pátio da Escola Normal”: um dos meios com que o prefeito desejava garantir a ordem no estabelecimento. Segunda-feira, 14 de junho de 1915. Fonte: *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 5 jun. 2019).

Então, para o dia seguinte, terça-feira, dois grandes atos foram programados, a saber: o préstito simbólico de enterro do diretor, encabeçado por acadêmicos, e, simultaneamente, a apresentação da queixa ao presidente do país, pela comissão de garotas.

2.3. Autoridade em xeque

Assim foi feito. Por volta das 11h00min do dia 15, após se aglomerarem em frente à Escola, normalistas, acadêmicos, repórteres, fotógrafos e curiosos subiram a rua de São Cristóvão, em direção ao Boulevard de mesmo nome, a fim de tomar um bonde. Com número estimado de duzentas pessoas, os manifestantes precisaram negociar com funcionários da estação da *Light*, empresa responsável pelo sistema de transporte público sobre trilhos. Solicitaram um veículo especial para levá-los ao Palácio Guanabara. Ali,

chegaram às 13h30min. A comissão foi recebida pelo 1º tenente Pedro Cavalcanti, que as introduziu no salão de audiências, onde aguardaram o presidente da República. Ao surgir Wenceslau Braz,

uma das normalistas adiantou-se do grupo, depois de pedir licença ao chefe da Nação, e leu a mensagem, cujo teor já é conhecido, narrando minuciosamente o lamentável incidente que determinou o fechamento da Escola Normal, e tendo como principal objeto a solicitação, à suprema autoridade do país, da exoneração do sr. Hans Heilborn. Finda a leitura, o presidente da República ouviu ainda alguns depoimentos verbais, narrando ocorrências pessoais, os quais, como era de esperar, foram todos contra o Sr. Hans Heilborn.³⁶⁶

Após escutar as moças,

[...] usou da palavra o sr. Wenceslau Braz, que, em rápido discurso, disse ter escutado atentamente as normalistas: que iria estudar a questão, para que pudesse resolver com acerto e justiça. Era hábito seu, para melhor solucionar as questões que se lhe afetavam, ouvir todas as partes interessadas. Sentia-se satisfeito, visto como as alunas procuravam obter com calma uma solução para o caso. Prestara a máxima atenção às reclamações pessoais e, depois de receber as alegações da parte contrária, agiria com o devido respeito a bem da verdade. Por essa razão, irá consultar as autoridades competentes, a fim de fazer um juízo seguro sobre as ocorrências levadas ao seu conhecimento, as quais, ainda, repete s. ex., tinham sido ouvidas com a máxima atenção.³⁶⁷

Por fim, o presidente “terminou aconselhando às alunas que se batam pelo seu direito, mas com a inteira calma e o devido respeito às autoridades superiores, evitando, assim, excessos que não poderiam dar o almejado desejo.”³⁶⁸

Que fosse Cecília Meireles a leitora da referida mensagem, parece certo, dado o destaque que seu nome vinha recebendo e ainda ganharia durante a semana.³⁶⁹ Desse modo, ela voltava a assumir a função de porta-voz do grupo, tal como o fizera na noite de sábado. Ela e as demais integrantes da comissão saíram “visivelmente satisfeitas”³⁷⁰ do encontro, afinal, foram bem recebidas pelo presidente, escutadas e orientadas. Além disso, decerto não ignoravam o simbolismo do ato, sua difusão pela imprensa e suas repercussões na opinião pública. Dava-se, claramente, um recado para o também relutante

³⁶⁶ *A Época*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 16 de junho de 1915, p. 2.

³⁶⁷ *A Época*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 16 de junho de 1915, p. 2.

³⁶⁸ *A Época*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 16 de junho de 1915, p. 2.

³⁶⁹ Tamarha presença no desenrolar da polêmica fez com que Cecília Meireles fosse confundida com Déa Simões Mendes, no estudo de Ronaldo Conde Aguiar, referente a Manoel Bomfim. Ver: AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2000, p. 428.

³⁷⁰ *A Época*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 16 de junho de 1915, p. 2.

prefeito Rivadávia Corrêa: até que se efetivasse a substituição de Hans Heilborn da direção da Escola Normal, não haveria modo de se voltar ao funcionamento regular da instituição.

Imagem 12. *As normalistas no Palácio Guanabara.*



(“As normalistas saindo do Guanabara [...]” Enquanto algumas moças, ao deixar o palácio, negaram-se “terminantemente a dar os nomes aos representantes da imprensa, fugindo ao avistarem fotógrafos”, ou cobrindo seus rostos com a mão - temendo represálias do prefeito - Cecília Meireles, à frente, parecia se sentir à vontade em assumir o protagonismo do protesto. Fonte: A Rua – Última hora. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1 e 5. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 5 jun. 2019).

Concomitantemente, um grupo de acadêmicos reuniu-se, ao meio dia, na Faculdade de Medicina, dando início ao enterro simbólico de Hans Heilborn. Às 13h, com a presença de inúmeros jovens, partiu o cortejo fúnebre em direção à Escola Politécnica e, depois, à Faculdade de Direito, “onde se juntaram ao préstito muitos outros acadêmicos, marchando todos para a Escola Normal.”³⁷¹ O cortejo veio pela praia de Santa Luzia, ruas da Misericórdia, Primeiro de Março e Ouvidor, largo de S. Francisco, ruas Vasco da Gama e Constituição, praça da República, ruas Senador Eusébio e Machado Coelho e Largo Estácio de Sá.

³⁷¹ A *Época*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 16 de junho de 1915, p. 2.

Imagem 13. *Os estandartes.*



(“O “enterro” foi também acompanhado por diversos estandartes, conduzidos pelos acadêmicos. No que seguia à frente, com a caricatura do sr. Rivadávia, lia-se esta quadra: “O tal Esbórnia morreu... / Que tristeza nesta rima! / A terra lhe seja leve / Com o Pão de Açúcar por cima.” No segundo estava desenhado um canhão “420”, estando o prefeito a fazer o mesmo atirar, e em cima, sentado, o sr. Hans, com o escrito embaixo: “Processo moderno de regeneração.” No outro lia-se: “Exigimos a regeneração do caráter brasileiro. - A mocidade.” **Fonte:** A *Época*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 16 de junho de 1915, p. 1. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 5 jun. 2019).

Um dos repórteres, presentes no ato, relatou: “Ao passar o “cadáver” do prussiano Hans pela Prefeitura, irrompeu estrondosa vaia ao sr. Rivadávia Corrêa. As janelas daquele próprio municipal estavam repletas de funcionários, os quais deram gostosas gargalhadas.”³⁷² O resultado desejado pelos que protestavam estava se concretizando: desmoralizar, pelo ridículo, as autoridades legais, em especial, o diretor da escola e, indiretamente, seu apadrinhador, o prefeito.

Se, conforme o relato, até os que trabalhavam na sede do Executivo municipal, deixaram-se rir do grotesco, o ato mostrava-se eficaz, atraindo atenção e simpatia pela causa, confrontando adversários. Como Eça de Queiroz (1845-1900) dissertara em suas mordentes *Farpas*: “Que uma vez se ponha a galhofa a serviço da justiça! Vamos rir, pois. O riso é um castigo; o riso é uma filosofia. Muitas vezes o riso é uma salvação. Na política

³⁷² A *Época*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 16 de junho de 1915, p. 2.

constitucional, o riso é uma opinião.”³⁷³ Eça não se rendera ao receituário caricatural e satírico nem se identificara com a subversão de tipo carnavalesco – a encenar, ciclicamente, a comédia social, voltando, logo em seguida, tudo a seu lugar.³⁷⁴ A promoção do sepultamento simbólico da autoridade de Hans Heilborn, pois, encontrava-se a meio caminho da poética da derrisão queirosiana, ao apresentar um tom mais caricato que as crônicas lisboetas – até mesmo pela performance dramático-teatral da marcha-procissão - e, ao mesmo tempo, convergir com estas ao se abrir mão da “teorização social para que o humor – o riso – lançasse os seus efeitos, não moralizadores, mas sim rasuradores de uma ordem que urgia combater.”³⁷⁵

Os manifestantes valeram-se, dessa maneira, de uma genealogia oitocentista, em que o poder do riso – já deveras explorado no processo da Revolução Francesa – atingira um ápice nas lutas por democracia frente a governos autoritários.³⁷⁶ Além disso, acionaram o imaginário dos funerais cívicos, amplamente, difundidos no Rio de Janeiro. Enterros como os de Floriano Peixoto (1895), Machado de Assis (1908), Euclides da Cunha (1909), Afonso Pena (1909) e Joaquim Nabuco (1910), arrastaram multidões e se tornaram momentos importantes de disputa pela memória, de elaboração da legitimidade do regime e da identidade nacional.³⁷⁷ Os estudantes, porém, invertiam a pompa e a seriedade de tais liturgias, dando vez ao humor, a permitir o desabrochar do riso por entre elementos que, em outras ocasiões, remetiam ao pesar e ao luto. A pedagogia cívica, assim, tomava rota não pela consternação, mas pela contestação.

A troça foi permeada por falas, estandartes, quadras, cantigas. No largo Estácio de Sá, “massa compacta”³⁷⁸ de populares e normalistas aguardava a chegada do séquito, recebendo os acadêmicos “entre estrondosos aplausos”.³⁷⁹ Foi colocada uma escada, que serviu de tribuna, em frente à Escola Normal. Concluídos os discursos, fez-se – suprasumo iconoclasta - a “encomendação do “cadáver” de Hans pelo “padre”, o acadêmico de Medicina Álvaro Brocardo, que tinha como “acólito” o acadêmico de

³⁷³ QUEIRÓS, Eça de. Apud: BERNARDES, Joana Duarte. *Eça de Queirós: riso, memória, morte*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, p. 94.

³⁷⁴ BERNARDES, Joana Duarte. *Eça de Queirós...* p. 98-99.

³⁷⁵ BERNARDES, Joana Duarte. *Eça de Queirós...* p. 94.

³⁷⁶ MINOIS, George. *História do riso e do escárnio*. Tradução de Maria Elena Ortz Assumpção. São Paulo: Editora Unesp, 2003. ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

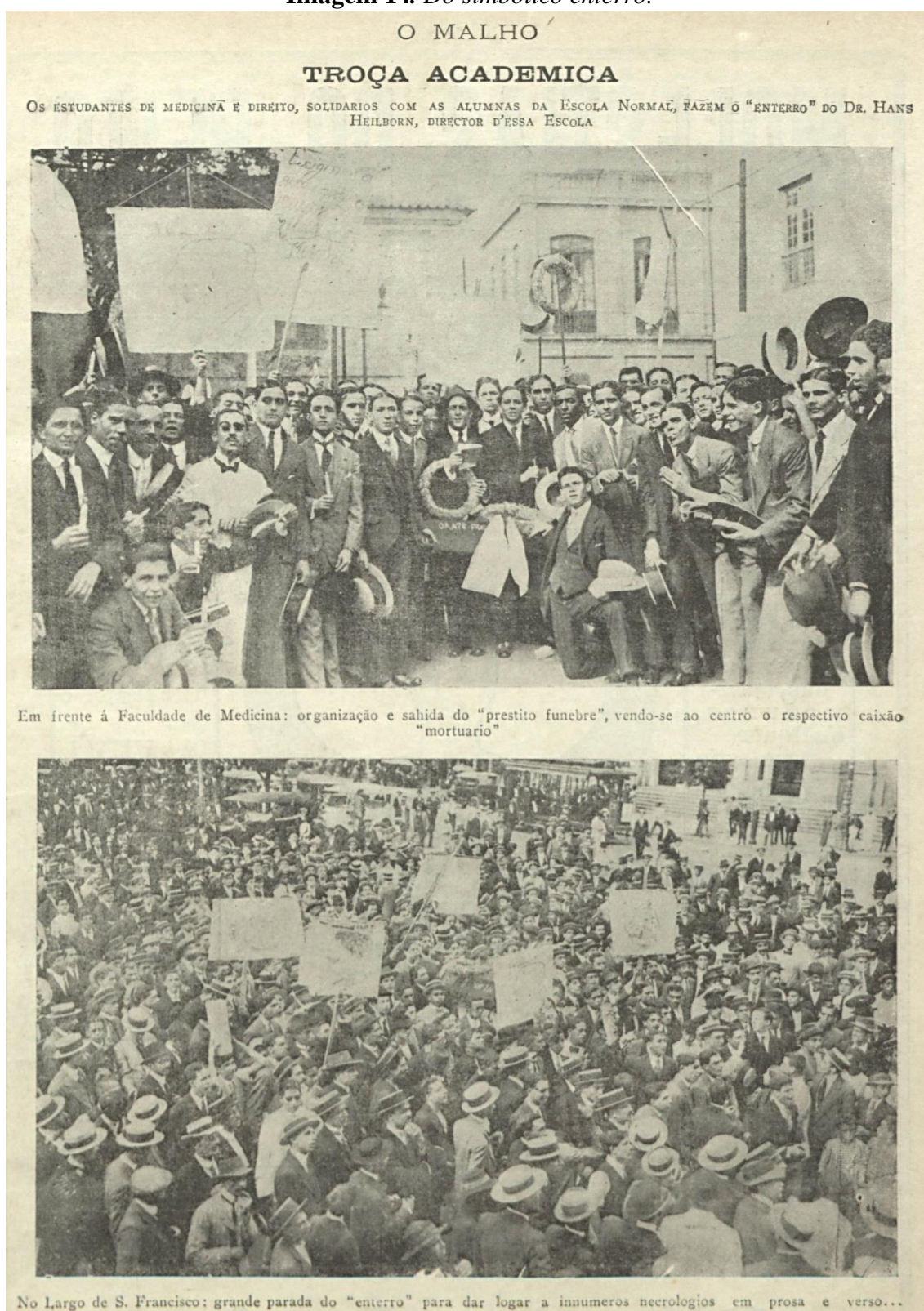
³⁷⁷ Cf. MARCELINO, Douglas Attila. *O corpo da Nova República: funerais presidenciais, representação história e imaginário político*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015, p. 27-61.

³⁷⁸ *A Época*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 16 de junho de 1915, p. 2.

³⁷⁹ *A Época*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 16 de junho de 1915, p. 2.

Direito Rodolpho Borges, sendo depois o caixão atirado para a “sepultura” – o pátio da Escola – bem como os estandartes e velas.”³⁸⁰

Imagem 14. Do simbólico enterro.



³⁸⁰ A *Época*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 16 de junho de 1915, p. 2.

(Nas legendas, leem-se, respectivamente: 1) “Os estudantes de Medicina e Direito, solidários com as alunas da Escola Normal, fazem o “enterro” do Dr. Hans Heilborn, diretor dessa Escola”. 2) “Em frente à Faculdade de Medicina: organização e saída do “préstimo fúnebre”, vendo-se ao centro o respectivo “caixão mortuário””. 3) “No Largo de S. Francisco: grande parada do “enterro” para dar lugar a inúmeros necrológicos em prosa e verso...” Fonte: *O Malho*. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1915, não paginado. Ano XIV. N. 666. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 5 jun. 2019).

Registrou-se, por fim, o discurso do acadêmico de Medicina, Benigno da Silva, que afrontou:

Se o sr. prefeito não conceder a demissão ao sr. Hans e se persistir em seu intuito de conservar fechada a Escola Normal, a classe acadêmica deverá abri-la à força, pela violência, com indignação. É, pois, isto que todos os que aqui estão reunidos deverão fazer, logo que seja divulgado não recuar o sr. prefeito de suas intenções.” (“Vivas”, “morras”, “foras” – uma balbúrdia!).³⁸¹

Terminada a manifestação, dispersou-se a multidão e o tráfego, interceptado durante uma hora, foi restabelecido.

Outra associação, o Grêmio dos Jovens Brasileiros, composta por representantes das classes acadêmica, ginásial e operária, também aderiu ao movimento pela deposição de Hans Heilborn e, em assembleia, resolveu:

1) Enviar um apelo ao senador Rui Barbosa; 2) dirigir um manifesto à mocidade de todas as classes, solicitando-lhes o apoio para a causa justa das normalistas, e 3) realizar uma sessão solene, para desagravo da senhorita Haydée.³⁸²

Como no discurso de Oswaldo Aranha, do dia anterior, os jovens aludiram a Rui Barbosa como esteio para suas ideias. Mais do que as imagens do abolicionista e do Ministro da Fazenda, a figura de Rui, aqui, avultava como a do defensor da liberdade e do Direito, como o representante das convenções de Haia – transgredidas pelo Império Alemão, em 1914 -, como aquele que, em 1915, tornara-se presidente de honra da Liga Brasileira pelos Aliados (LBA).³⁸³ A esta associação ainda se ligavam nomes, como Graça Aranha, Olavo Bilac, José Veríssimo e Manoel Bomfim.³⁸⁴

Estes dois últimos, a propósito, juntaram-se a Francisco Carlos da Silva Cabrita, Alfredo Gomes e Sérvulo Lima – todos eles, professores e ex-diretores da Escola Normal – para rebater as interpretações de redatores de *O Imparcial* e de *O Jornal do*

³⁸¹ *A Época*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 16 de junho de 1915, p. 2.

³⁸² *A Época*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 16 de junho de 1915, p. 2.

³⁸³ Cf. COMPAGNON, Olivier. *O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra*. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014, p. 76.

³⁸⁴ COMPAGNON, Olivier. *O adeus à Europa...* p. 76.

Commércio.³⁸⁵ Saíram eles em defesa da instituição que administraram e na qual lecionavam, posicionando-se contra os desmandos, atribuídos ao diretor Hans Heilborn:

Na Escola Normal sempre houve disciplina escolar, a boa disciplina, a que resulta do prestígio pessoal e da autoridade moral, a única e eficaz. Se não há hoje disciplina é porque, nas condições atuais, fora impossível fazer valer esse fator moral, indispensável.³⁸⁶

Segundo os professores, “o simples fato do epíteto com que o diretor da Escola é designado pela unanimidade dos alunos basta para eliminar toda a possibilidade de verdadeira disciplina.”³⁸⁷ O apelido empregado, se não por todos, decerto por uma grande parte das alunas e dos alunos, para se referirem ao diretor, era o adjetivo pátrio “alemão.” A conjuntura da guerra na Europa, os humores e os temores por ela suscitados, reverberavam na sociedade carioca e inflamava as consciências. Ignorar este fato, no entender dos professores, denotaria grave equívoco, que prejudicaria o funcionamento da instituição e o bom andamento do processo de ensino-aprendizagem.

A articulista Chrysanthème – pseudônimo de Cecília Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos, filha da também escritora Carmen Dolores³⁸⁸ – prestou, igualmente, seu apoio às normalistas, que estudavam “para depois ganharem a sua vida com o suor do seu rosto e sofrendo martírios diários e privações constantes.”³⁸⁹ No seu entender, o “escândalo da Escola Normal ecoou em todo o coração feminino, bem formado e generoso”³⁹⁰ e, apesar de “a menina”³⁹¹ ter sido “talvez imprudente”³⁹², agindo “mal”³⁹³ ao ler “em classe os primorosos versos de Olavo Bilac”³⁹⁴, “não se castiga ninguém que se encanta com as poesias de tão delicioso poeta, com murros nem com gritos.”³⁹⁵

³⁸⁵ Cf. *O Século*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1. *O Século*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 17 de junho de 1915, p. 2.

³⁸⁶ *O Século*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1.

³⁸⁷ *O Século*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1.

³⁸⁸ Cf. COELHO, Nelly Novaes. “Chrysanthème.” In: _____ *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. (1711-2001). São Paulo: Escrituras Editora, 2002, p. 125.

³⁸⁹ CHRYSANTHÈME. “Palestra feminina.” In: *O Paiz*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 21 de junho de 1915, p. 2.

³⁹⁰ CHRYSANTHÈME. “Palestra feminina.” In: *O Paiz*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 21 de junho de 1915, p. 2.

³⁹¹ CHRYSANTHÈME. “Palestra feminina.” In: *O Paiz*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 21 de junho de 1915, p. 2.

³⁹² CHRYSANTHÈME. “Palestra feminina.” In: *O Paiz*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 21 de junho de 1915, p. 2.

³⁹³ CHRYSANTHÈME. “Palestra feminina.” In: *O Paiz*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 21 de junho de 1915, p. 2.

³⁹⁴ CHRYSANTHÈME. “Palestra feminina.” In: *O Paiz*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 21 de junho de 1915, p. 2.

³⁹⁵ CHRYSANTHÈME. “Palestra feminina.” In: *O Paiz*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 21 de junho de 1915, p. 2.

Ademais, “todos sabem que o Sr. Hans Heilborn é um histérico e como tal não guarda a linha muitas vezes. Exalta-se com as professoras, com os professores, com os inspetores, com as alunas, enfim, com todos os seus infelizes subordinados.”³⁹⁶ O prefeito, pois, “não devia permitir que no seu governo se melindrassse a mulher brasileira e isto por um estrangeiro.”³⁹⁷

Imagem 15. *Quem manda somos nós.*



(Nas legendas, leem-se, respectivamente: 1) “As alunas da Escola Normal revoltaram-se contra o Director por causa de uma repreensão disciplinar que este lhes passou com certa veemência. A tal respeito, escreveu o *Jornal do Commércio*, do dia 13 do corrente: Enganávamo-nos, ontem, supondo acabado o incidente da Escola Normal. Os elementos que estão agindo na sombra fomentaram a continuação desse triste espetáculo de indisciplina e o Prefeito não teve outro remédio senão mandar fechar o estabelecimento.” – (Nossas

³⁹⁶ CHRYSANTHÈME. “Palestra feminina.” In: *O Paiz*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 21 de junho de 1915, p. 2.

³⁹⁷ CHRYSANTHÈME. “Palestra feminina.” In: *O Paiz*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 21 de junho de 1915, p. 2.

notas)” 2) “DR. HEILBORN: - Este motim, sem justificação, num estabelecimento de educação está cheirando a cavação!... AS NORMALISTAS: - Não pode! Não pode falar! Aqui, quem manda somos nós!... DR. CABRITA (para o diretor): - Peça demissão! Peça demissão!... ZÉ VERÍSSIMO: - Isso mesmo! Ponha-se no olho da rua!... LEÔNCIO CORRÊA: - Bravos! Apoiado!... MANUEL BOMFIM: - Firme, concidadãs! São nossos, somente nossos, este mundo e o outro!... HEMETÉRIO: - Muito bem! Façamos a reação da cultura ariana!... ZÉ POVO: - Hum!... Eu logo vi que tanto barulho era sermão encomendado... RIVADÁVIA: - Pois, para essas encomendas o despacho é fácil: Trancas na porta!... ZÉ: - Isso mesmo! Água na fervura, até ver em que param as modas!... Fonte: *O Malho*. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1915, não paginado. Ano XIV. N. 666. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 5 jun. 2019).

Em meio a esse fogo cruzado, dois textos procuraram empregar um tom mais ponderado. Ambos concordaram com a equidade da causa em questão e se ativeram ao problema da disciplina, evitando reproduzir a trivial acusação, que pesava sobre a origem germânica de Hans Heilborn.³⁹⁸

O primeiro deles foi assinado pela “distinta professora catedrática”³⁹⁹, Áurea Corrêa de Martinez, a qual, desde o início do século, surgia se engajando pelos direitos de professoras e professores, além de ter atuado “na propaganda do socialismo e nas eleições presidenciais de 1910, pleiteando a participação das mulheres na vida política da nação”.⁴⁰⁰ A autora iniciou o artigo salientando que o “caso ocorrido na Escola Normal não pode, realmente, ficar sem protesto de todos, e ainda mais daqueles que se acham ligados ao ensino.”⁴⁰¹ Tratou logo de afastar-se de um *argumentum ad hominem*, por definição, centrado no ataque à pessoa, para focar o conteúdo dos procedimentos, detonadores do imbróglio. Fez, então, a distinção entre o profissional Heilborn, reconhecendo-lhe boas qualidades, e a atitude por ele tomada na gestão da Escola Normal:

Sem querer contestar a honrabilidade do ilustre professor, que certamente possui requisitos para desempenhar a sua missão, sem desmentir os seus dotes de espírito e de elevada capacidade, justo é encontrar nos seus meios disciplinares atos de violência reprovável numa escola de moças, onde ilustres patrícios nossos deixaram traço de sua passagem nas provas de tino administrativo que sempre souberam dar. As direções Abílio Borges, Cabrita, Medeiros, Sérvulo de Lima, Veríssimo e outras, a par do brilho dos nomes que as amparavam,

³⁹⁸ Tais textos permitem problematizar análises que possam, ocasionalmente, pretender restringir a celeuma a uma disputa dicotomizada entre germanófilos e aliadófilos, ou ainda a uma mobilização, exclusivamente, orientada pela germanofobia. Para um estudo focado neste último aspecto, ver: SANTOS, Heloísa Helena Meirelles dos. “Um traço de graça sem graça nenhuma: Hans Heilborn nas charges dos jornais cariocas (1914-1915).” In: *Revista Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades*. CAEDU/UFPI Teresina, Brasil, v. 1, n. 1, p. 80- 112, janeiro/abril de 2019.

³⁹⁹ *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1.

⁴⁰⁰ RIZZINI, Irma & SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. ““O feminismo transborda”: docência, produção escrita e atuação política de Áurea Corrêa na cidade do Rio de Janeiro”. In: *Revista Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, v. 16, n. 38, p. 44, jan./mar. 2020.

⁴⁰¹ MARTINEZ, Áurea Correa de. “O caso da Escola Normal”. In: *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1.

imprimiram sempre e sempre àquele estabelecimento de ensino o cunho da indispensável disciplina.⁴⁰²

Ao elogiar as administrações anteriores, Áurea, além de corroborar as falas de professores, ex-diretores, identificou, no comportamento de Hans Heilborn, um excesso, atado à falta de bom senso para lidar com o nível de ensino e o perfil da Escola:

Realmente, o novo diretor exorbitou de seus limites. Não se trata de uma escola de crianças; trata-se de um grupo de moças e moços que estudam e que se destinam ao magistério.

O Sr. Heilborn foi além de suas atribuições, procurando amedrontar as alunas e humilhando o orgulho da mulher brasileira, que estuda para desenvolver a sua capacidade intelectual e não para jogar a luta romana com os poderosos músculos do original disciplinador.

E por que acoimar de indisciplina um simples gesto de má vontade e fazer de um argueiro um cavaleiro?

Por que indisciplina?

O sexo evolui naturalmente, com o correr dos tempos; e não é mais possível esperar os efeitos da escravidão por atavismo, quando a sociedade marcha, e com ela o homem.⁴⁰³

A autora utilizou uma estratégia comum aos acadêmicos e a outros articulistas, ao identificar na afronta às normalistas uma ofensa geral às mulheres brasileiras. Se o ato das alunas não deveria ser entendido como indisciplina, e sim como “simples gesto de má vontade”⁴⁰⁴, a disciplina, então, implicaria em acatar a liberdade? Justamente nestas concepções - de disciplina e de liberdade, de ordem e de autonomia - residiu o cerne da discordância de Áurea Corrêa com o agir de Hans Heilborn:

A disciplina exagerada e muda, que faz do indivíduo um manequim, sem vontade, sem independência, sem gestos que lhe definam a personalidade, é uma coisa indigna da nossa evolução, é um princípio neutralizador do caráter e da liberdade.

Compreendo a disciplina, como deve e como pode ser compreendida. Estabelecê-la não é calar os impulsos naturais e justos, que se não calam nunca; é apenas modificar-lhes as manifestações, quando tal seja preciso. E os recursos aplicados não são seguramente os do que o Sr. Heilborn lança mão, tratando-se de moças que sabem o que fazem e para quem bastariam palavras convincentes.⁴⁰⁵

Oposto ao ensaio das autoridades em fazer do episódio um palco de coação ou de exibição de força, o

⁴⁰² MARTINEZ, Áurea Correa de. “O caso da Escola Normal”. In: *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1.

⁴⁰³ MARTINEZ, Áurea Correa de. “O caso da Escola Normal”. In: *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1.

⁴⁰⁴ MARTINEZ, Áurea Correa de. “O caso da Escola Normal”. In: *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1.

⁴⁰⁵ MARTINEZ, Áurea Correa de. “O caso da Escola Normal”. In: *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1.

[...] movimento da Escola Normal não é o da recusa à disciplina e à ordem, que sempre ali reinaram, como é possível obter num avultadíssimo número de alunos. É o de revolta aos meios empregados, meios que deram lugar a que tantas moças passassem por desagradáveis e vexatórios quartos de hora.

Mas... se até se lhes proíbe falar! Onde se viram tamanho império do medo e tão triste atentado ao direito de defesa?

Parece incrível!

Se há elementos desorganizadores do bom andamento das aulas na Escola Normal, que sejam esses elementos postos de lado, mediante os recursos regulamentares. Agora, reduzi-la a um campo de jogo de força ou a coisa semelhante... isso é que não!⁴⁰⁶

Em detrimento da opressão e do individualismo egocêntrico, via-se como “consentâneo à razão e ao legítimo direito que haja um largo brado contra o absolutismo e que todas as classes estabeleçam entre seus membros uma verdadeira cadeia, onde cada qual represente uma força, na inteira união com os outros.”⁴⁰⁷

Utilizando-se de uma gramática política, em que se exaltavam o exercício da liberdade e o esforço persuasivo-dialogal em objeção a sombras escravistas- absolutistas, Áurea Corrêa de Martinez findou sua análise com conselhos e palavras de encorajamento:

Nada de vaias, nem gritos, nem assobios! Nada! Isso não conduz ao fim e é um feio e mau recurso, de que não devemos lançar mão.

Calma enérgica e ação, aconselho destas colunas às futuras professoras. Se a causa é justa, é uma só, assim o deve ser: a reação será unânime.

E todos juntos, num movimento único de reprovação aos tais meios disciplinares, só agora iniciados na Escola Normal, formem o batalhão da própria defesa, na defesa leal e nobre das companheiras ofendidas.

Não fique esquecido destas linhas o belo gesto de solidariedade dos estudantes das academias. A essa brava corporação, os meus entusiásticos aplausos.⁴⁰⁸

Vaias, gritos e assobios, como era de se esperar, no calor do momento, não deixaram de ressoar, seja à presença do diretor na Escola, seja no decurso de seu simbólico cortejo fúnebre, capitaneado pelos elogiados acadêmicos. Já no tocante à resiliência na defesa das companheiras ofendidas, a recomendação da articulista foi, efetivamente, assimilada pelas jovens.

Um segundo texto, com perspectiva próxima à de Áurea Corrêa - e, por conseguinte, propenso a uma concepção de ensino mais crítica e emancipadora - consistiu

⁴⁰⁶ MARTINEZ, Áurea Correa de. “O caso da Escola Normal”. In: *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1.

⁴⁰⁷ MARTINEZ, Áurea Correa de. “O caso da Escola Normal”. In: *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1.

⁴⁰⁸ MARTINEZ, Áurea Correa de. “O caso da Escola Normal”. In: *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1.

de uma “moção de anarquistas e sindicalistas”.⁴⁰⁹ Fruto de uma reunião ocorrida no Centro de Estudos Sociais para se discutir o enredo da controvérsia, subscrito por mais de trinta indivíduos, o documento prestava “apoio moral aos que combatem a permanência do sr. Hans Heilborn na direção daquela Escola.”⁴¹⁰ Condizentes com os princípios da corrente político-filosófica em que se empenhavam, extrapolavam o problema do patriotismo, julgando-o secundário na reprovação a Hans Heilborn:

Não é o fato de ser o sr. Hans Heilborn de origem alemã que o incompatibiliza para o exercício do cargo de diretor de um estabelecimento brasileiro de instrução pública, mas os seus atos de reprovável brutalidade e de profunda imoralidade, pretendendo submeter a Escola Normal aos seus soberanos desígnios de tiranóide, pretendendo militarizá-la, transformá-la em caserna. Procedesse da mesma forma um diretor de nacionalidade brasileira, e a incompatibilidade seria a mesma. Como tudo mais, também as boas e más qualidades não conhecem pátria, nem fronteiras fictícias. Nós nos colocamos, pois, muito por cima dos mesquinhos preconceitos e sentimentos patrióticos.⁴¹¹

A nacionalidade do diretor, em tese, seria irrelevante, porque artificial. O problema real surgiria de suas convicções e atitudes disciplinadoras, supostamente, rentes à tirania e a preceitos militaristas. Uma instituição de ensino possuía uma operacionalidade distinta daquela empregada em quartéis. O texto, pois, procurava desvencilhar-se do apelo ao antigermanismo e explicar como a incompatibilidade de Hans Heilborn com o cargo de diretor dava-se por outras razões político-culturais. Seguindo essa linha raciocínio, explicava:

Não é porque exista um regulamento estabelecendo penalidades para os alunos, nem porque haja quem o cumpra fielmente, que a “disciplina”, tão desejada pelos próprios que combatem o sr. Hans Heilborn, reinará na Escola Normal, como em qualquer outro estabelecimento de instrução e educação. A “disciplina”, ou melhor, a ordem ou equilíbrio entre as funções dos diretores e professores e dos alunos só poderá ser mantida extra-regularmente. A educação, o modo afável e delicado, as maneiras austeras, o grau de cultura, o temperamento ponderado dos dirigentes é que são os fatores dessa ordem desejada.⁴¹²

A disciplina, a ordem, o equilíbrio, não dependiam da rigidez de regulamentos nem de sua estrita aplicação, mas, sim, da capacidade de fazer conviver diferenças, da

⁴⁰⁹ SILVA, Pedro José da et. al. “Uma moção de anarquistas e sindicalistas.” In: *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 22 de junho de 1915, p. 2.

⁴¹⁰ SILVA, Pedro José da et. al. “Uma moção de anarquistas e sindicalistas.” In: *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 22 de junho de 1915, p. 2.

⁴¹¹ SILVA, Pedro José da et. al. “Uma moção de anarquistas e sindicalistas.” In: *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 22 de junho de 1915, p. 2.

⁴¹² SILVA, Pedro José da et. al. “Uma moção de anarquistas e sindicalistas.” In: *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 22 de junho de 1915, p. 2.

habilidade e da competência de ser afável e, ao mesmo tempo, respeitável, isto é, temperado pelo diálogo entre rigor e flexibilidade. A fria letra de normas pouco valeria, se desconectada da experiência da comunidade, se estivesse privada de uma noção compartilhada de justiça, indispensável a um mínimo de consentimento e de consenso.

A Escola Normal, ainda que pudesse comportar implicâncias patrióticas, possuía uma especial relevância, por ser um meio para superação de preconceitos de gênero, raciais e sociais:

A Escola Normal é o único estabelecimento, entre nós, em que a mocidade feminina, de certo modo, pode emancipar-se dos preconceitos prejudiciais da sociedade atual e evoluir na corrente moderna do pensamento humano. Se ali ainda domina o preconceito patriótico, outros são combatidos, como o de raças e o de classes. No mesmo pé de igualdade, pobres e ricos, brancas ou não se ombreiam diariamente nos bancos da Escola, recebendo a mesma educação e o mesmo ensino.⁴¹³

Os responsáveis pela moção apreciavam, inclusive, a pedagogia moderna, de inspiração ferreriana⁴¹⁴, testada na instituição, opondo-se a metodologias tradicionais, de face repressiva:

É fato também constatado que na Escola Normal desta capital e nas dos Estados os métodos e processos da Escola Racionalista vão sendo introduzidos, o que não se nota em nenhum outro estabelecimento de ensino secundário ou superior. É portanto, a Escola Normal, em meio ao descabro geral, a única instituição, mantida pelo governo, que deve merecer uma carinhosa atenção do povo. Nestas condições, procurar estragar essa obra, pela introdução de um regulamento militar, julgando que a ordem entre os alunos só poderá ser mantida pelo pavor aos castigos, é praticar um crime.

E contra esse crime nós levantamos o nosso brado, afirmando a nossa solidariedade às alunas que se revoltaram contra tal regime.⁴¹⁵

Avaliado como “justíssimo e louvável, o gesto de rebeldia dos alunos da Escola Normal”⁴¹⁶ foi interpretado como “afirmação inequívoca de consciência da própria individualidade e de clara compreensão da liberdade, com energia e diretamente defendidas.”⁴¹⁷ À crítica a preconceitos de nacionalidade, de gênero, de raça e de classe,

⁴¹³ SILVA, Pedro José da et. al. “Uma moção de anarquistas e sindicalistas.” In: *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 22 de junho de 1915, p. 2.

⁴¹⁴ Cf. SILVA, Rodrigo Rosa da. *Anarquismo, ciência e educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920)*. 379 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2013.

⁴¹⁵ SILVA, Pedro José da et. al. “Uma moção de anarquistas e sindicalistas.” In: *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 22 de junho de 1915, p. 2.

⁴¹⁶ SILVA, Pedro José da et. al. “Uma moção de anarquistas e sindicalistas.” In: *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 22 de junho de 1915, p. 2.

⁴¹⁷ SILVA, Pedro José da et. al. “Uma moção de anarquistas e sindicalistas.” In: *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 22 de junho de 1915, p. 2.

somava-se a oposição aos males do Estado e a defesa da liberdade, da igualdade e da dignidade. Como Áurea Corrêa, os anarco-sindicalistas terminaram o texto com um chamamento e um conselho:

Apelamos vivamente para essas futuras educadoras do povo: sede sempre ciosas da vossa liberdade e da vossa dignidade pessoal, defendendo-as e mantendo-as pela força de vossa própria vontade, e, sobretudo, sede as libertadoras da consciência do povo nas escolas que amanhã ides tomar a vosso cargo; incuti nas mentes e nos corações infantis a exata noção de liberdade e de dignidade, lembrando-vos sempre do vosso gesto de hoje; não vos limiteis somente a arrancar os pequeninos do desconhecimento do “a b c”, não: fazei deles, primeiro de tudo, criaturas livres e conscientes. Só assim podereis preencher nobremente a alta missão que vos vai ser confiada – apesar do Estado e dos demais instrumentos de compressão existentes na sociedade.⁴¹⁸

Difícilmente se poderia mensurar qual teria sido o alcance dessas palavras e das de Áurea Corrêa de Martinez na formação da consciência política e na trajetória de cada estudante. Apesar disso, talvez seja razoável inferir que, pelo menos para os que encabeçaram as manifestações, e, mais especificamente, para Cecília Meireles, a defesa dos princípios de liberdade e de dignidade, e o discernimento da educação como meio de formação do humano, de transformação da realidade e, logo, como prática cívico-republicana, tornar-se-iam item inerente de sua compreensão de mundo.

2.4. A cabeça

A moção anarco-sindicalista foi assinada a 18 de junho de 1915,⁴¹⁹ mesma data em que, completando-se sete dias do início do alvoroço, Hans Heilborn apresentou seu relatório sobre o caso ao prefeito.⁴²⁰ Na manhã seguinte, sábado, Cecília Meireles foi convidada a comparecer ao gabinete do diretor de Instrução Pública do Distrito Federal,

⁴¹⁸ SILVA, Pedro José da et. al. “Uma moção de anarquistas e sindicalistas.” In: *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 22 de junho de 1915, p. 2.

⁴¹⁹ Subscreveram este documento os seguintes nomes: Pedro José da Silva – Augusto Hypólito Franz – Valentim J. de Brito – Albertino Guerra – Manoel Nascimento Sampaio – Júlio do Rego Lima – André Carril – Orlando Corrêa Lopes – Antônio Ferreira – Pedro Matera – Fernando Carvalhaes – José Magalhães de Barros – José Ayres de Castro – J. Gonçalves da Silva – Victorino Carvalho – José Elias da Silva – Astrogildo Pereira – Ataúpho P. Passos – Abílio J. Gomes – Antônio Joaquim Guerreiro – Pedro Álvares Carneiro Filho – Manoel G. Oliveira – Sotero Abrantes – Antônio Venâncio – Mário Nelson – Leal Júnior – Francisco Henrique – Albino Dias – Nilo Ferreira – Francisco Viotti – Arlindo Drummond – Antônio Rodrigues Maçãs. Cf. SILVA, Pedro José da et. al. “Uma moção de anarquistas e sindicalistas.” In: *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 22 de junho de 1915, p. 2.

⁴²⁰ *O Paiz*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 18 de junho de 1915, p. 3.

ao meio dia, para prestar esclarecimentos acerca das acusações de que era alvo.⁴²¹ Seu nome foi o *único* citado no relatório de Hans Heilborn. A liderança de Cecília, então, avolumou-se ainda mais nos noticiários:

O Dr. Hans Heilborn, diretor da Escola Normal, entregou ontem, ao Dr. Azevedo Sodré, diretor da instrução municipal, o relatório sobre as recentes ocorrências havidas naquela escola e que determinaram o seu fechamento.

Nesse relatório o Dr. Hans Heilborn referiu-se às alunas que tomaram parte mais saliente no motim, destacando-se entre elas a de nome Cecília Meireles, do 2º ano.⁴²²

Aos que se solidarizavam com as normalistas, o referido convite foi visto com desconfiança. Em *A Época*, avaliou-se: “[...]. Ontem, lá esteve ele [Hans Heilborn], com toda a empáfia, nos gabinetes do prefeito e do diretor de Instrução Pública, no seu trabalhinho contra os professores e alunas da Escola Normal.”⁴²³ Dessa ação, “resultou ter sido chamada a normalista Cecília Meireles, apontada pelo alemão como cabeça de motim.”⁴²⁴ E indagou: “Que declarações pretenderá o sr. Heilborn arrancar dessa moça?”⁴²⁵ Prevvia-se que o prefeito e o seu secretário visavam amedrontar as alunas, “para ver se, por esse processo, conseguem permanecer este último na direção da Escola.”⁴²⁶

Não só jornalistas temiam pelas consequências da inquirição para Cecília Meireles. A cobertura jornalística de *O Século*, encabeçada por um jovem e talentoso repórter, Orestes Barbosa⁴²⁷, flagrou o estado da avó materna da estudante. Em um dos raros momentos em que se tem notícia de Jacintha Garcia Benevides, para além das memórias de sua própria neta, lê-se:

Uma avó aflita

Estava hoje bastante aflita a velha avó da aluna Cecília Meireles, chamada, por edital, para depor na Diretoria de Instrução Municipal.

Ela receava que perseguissem a sua neta.

Amedrontada, começou logo a imaginar onde podem achegar os algozes ao serviço do sr. Hans Heilborn.

A menina Cecília saiu cedo de casa a chamado de uma sua colega.

Devia voltar para almoçar, para em seguida partir para a Diretoria de Instrução.⁴²⁸

⁴²¹ “Diretoria Geral de Instrução Pública [...] CONVITE A UMA NORMALISTA. De ordem do sr. Dr. Diretor geral, convido a comparecer hoje, no seu gabinete, ao meio dia, a normalista Cecília Meireles. O secretário geral – Rocha Bastos.” *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 5.

⁴²² *O Paiz*. Rio de Janeiro. Domingo, 20 de junho de 1915, p. 5.

⁴²³ *A Época*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

⁴²⁴ *A Época*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

⁴²⁵ *A Época*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

⁴²⁶ *A Época*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

⁴²⁷ Cf. DIDIER, Carlos. *Orestes Barbosa*: repórter, cronista e poeta. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

⁴²⁸ *O Século*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

O diretor e proprietário dessa folha, e professor da Escola Normal, era Brício Filho, que, inclusive, prestara socorro às normalistas, quando da intervenção do diretor.⁴²⁹ Brício tinha claro interesse em carregar de dramaticidade as críticas a Hans Heilborn, a quem se opunha. Orestes Barbosa, por sua vez, também apreciava uma nota de impacto. A despeito disso, dada toda a repercussão que o caso vinha atingindo, inclusive, mediante outros órgãos de imprensa, afeitos a Rivadávia e a Heilborn, parece bastante plausível que D. Jacintha Garcia estivesse apreensiva com a situação de sua neta. Havia, até mesmo, caudatários do prefeito e do diretor, que defendiam, abertamente, como meio de acabar com o que tratavam como perturbação do ensino, o método de perseguir e de castigar as que compunham o cerne do embate.⁴³⁰ Não era, portanto, infundado tal temor, seja por parte das alunas, de seus familiares ou de jornalistas.

Uma vez convocada pelas autoridades, caberia ao público conhecer um pouco da história daquela jovem, grafada como “cabeça de motim”⁴³¹:

Quem é a aluna Cecília

A aluna Cecília Meireles, que hoje vai ser inquirida pela alta administração da Prefeitura, é órfã de pai e mãe e filha da falecida professora pública d. Mathilde Benevides Meirelles.

Em 1908 entrou para a Escola Estácio de Sá, fazendo neste mesmo ano exame com distinção e louvor.

No ano de 1909 passou para a 2ª classe com distinção e louvor.

Em 1910 passou para o curso médio com distinção e louvor e ainda com esta honraria no exame de 1911, terminando o curso em 1912 nas mesmas condições.

Por tal motivo teve o prêmio *Olavo Bilac* – medalha de ouro, que esse literato lhe colocou no peito quando de regresso da Europa, em 1913.

A aluna Cecília reside com sua avó, uma senhora idosa, numa casa pobre da rua S. Cláudio.⁴³²

Oriunda de um meio familiar varado por mortes precoces e de escassas posses materiais, cuidada e orientada pela avó, Cecília Meireles empenhou-se nos estudos. Os excelentes resultados de sua trajetória escolar não passariam despercebidos por Azevedo Sodré, que colheu “o depoimento da menina Cecília.”⁴³³ Convidada por edital, chegou ela, ao meio dia, ao gabinete do diretor da Instrução Pública. Foi “acompanhada de um

⁴²⁹ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sábado, 12 de junho de 1915, p. 3.

⁴³⁰ Cf. *O Paiz*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 5.

⁴³¹ *A Época*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

⁴³² *O Século*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

⁴³³ *O Século*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

solicitador, de sua senhora e da aluna Corina Lage, que se declarou solidária com a sua colega e a quis acompanhar.”⁴³⁴

“Entraram todos para a sala do dr. Azevedo Sodré, diretor da Instrução”⁴³⁵ e, de maneira solene, “ficaram sentados nas cadeiras que se acham afastadas da mesa do diretor.”⁴³⁶ Apenas Cecília “sentou-se na cadeira ao lado do dr. Azevedo Sodré.”⁴³⁷ Este, então, explicou que ela havia sido chamada a depor

porque o delegado comunicou à diretoria de Instrução que no discurso por ela proferido à mesma autoridade havia a declaração de que a depoente tomara parte no “meeting”, era contra o sr. Hans Heilborn, cuja retirada da Escola achava necessária, bem como a do servente Abílio e de uma inspetora.⁴³⁸

A “menina Cecília confessou ser tudo verdade, menos na parte referente ao ‘meeting’, pois o mesmo não tinha assistido.”⁴³⁹ Ao que parece, Cecília e demais integrantes da comissão de resistência estavam às voltas com outras tarefas, talvez solicitando a Wenceslau Braz uma audiência. Desse modo, “perguntada se tinha comparecido ao Catete para reclamar junto ao presidente da República, respondeu que sim.”⁴⁴⁰ Na realidade, como visto, a reunião das normalistas com Wenceslau ocorrera na residência oficial do presidente, ou seja, no Palácio Guanabara. Uma semana depois desse encontro, seguindo os passos das normalistas, seria a vez dos ex-diretores, professores José Veríssimo, Francisco Cabrita, Alfredo Gomes e Manoel Bomfim apresentarem suas acusações a Hans Heilborn, pessoalmente, ao presidente da República. Desta feita, sim, a reunião ocorrera no Palácio do Catete, sede do Governo Federal.⁴⁴¹

Cecília Meireles foi indagada também acerca do “que sabia sobre o procedimento da menina Déa Simões [a que havia declamado poemas de Bilac, fagulha inicial da agitação]”,⁴⁴² respondendo, estrategicamente, de modo a preservar a colega citada, “nada saber pois não tinha, com a mesma, relações íntimas.”⁴⁴³ A respeito de Corina Lage, colega que a acompanhava, “disse ser a mesma solidária com o seu procedimento.”⁴⁴⁴

⁴³⁴ *O Século*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

⁴³⁵ *O Século*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

⁴³⁶ *O Século*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

⁴³⁷ *O Século*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

⁴³⁸ *O Século*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

⁴³⁹ *O Século*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

⁴⁴⁰ *O Século*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

⁴⁴¹ *A Época*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 22 de junho de 1915, p. 2.

⁴⁴² *O Século*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

⁴⁴³ *O Século*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

⁴⁴⁴ *A Noite*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

Lage, por sua vez, “confirmou inteiramente essa sua asserção.”⁴⁴⁵ A demonstração de união e lealdade de Cecília Meireles e de sua colega foi mais longe, evidenciando o grau de maturidade política das normalistas, que ali se apresentavam enquanto categoria. “Ambas” – Cecília e Corina – “interrogadas sobre as outras companheiras de manifestações, negaram-se a declinar seus nomes, afirmando que foi a maioria das alunas da Escola. O apontá-las, seria uma delação.”⁴⁴⁶

Das depoentes, assim, o perquiridor não obteve nenhuma informação sobre as demais participantes do movimento. Azevedo Sodré teria tratado “as duas normalistas que compareceram ao seu gabinete com a urbanidade própria de um cavalheiro educado, embora as repreendesse como autoridade.”⁴⁴⁷ Como os depoimentos não foram tomados por escrito, as informações teriam sido coletadas com as protagonistas, as quais, “logo que se retiraram do gabinete foram abordadas pela reportagem.”⁴⁴⁸

No mesmo dia, repórter de *A Noite* falou com Azevedo Sodré a respeito do interrogatório. O chefe de Instrução Pública confirmou que uma das normalistas “foi por mim chamada, porque contra ela arguiu o diretor da Escola ter sido *uma das promotoras do movimento subversivo* de 11 do corrente.”⁴⁴⁹ Tratava-se da “primeira-anista do curso noturno, Cecília Meireles. Ouvi-a. *Confessou que tinha, efetivamente, tomado parte saliente nos aludidos acontecimentos.*”⁴⁵⁰ Na realidade, tanto Cecília quanto Corina Lage cursavam o segundo ano, e não o primeiro.⁴⁵¹

Sodré repreendeu ambas por terem quebrado a cadeia hierárquica e recorrido, diretamente, ao presidente da República: “Fiz-lhes ver que, antes de qualquer movimento de rebelião, se elas tinham queixas a fazer contra o diretor do estabelecimento”⁴⁵², deviam ter vindo à diretoria de Instrução, “pois eu saberia agir com isenção de ânimo e independência bastantes, que tenho no cargo que ocupo para servir unicamente ao meu amigo, Sr. Dr. Rivadávia Corrêa.”⁴⁵³ Por este dado, sinaliza-se outra das razões pelas quais Cecília e suas colegas procuraram Wenceslau Braz. De que adiantaria tentar

⁴⁴⁵ *A Noite*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

⁴⁴⁶ *A Noite*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

⁴⁴⁷ *O Século*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

⁴⁴⁸ *O Século*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

⁴⁴⁹ *A Noite*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2. Itálico nosso.

⁴⁵⁰ *A Noite*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2. Itálico nosso.

⁴⁵¹ Ver lista de matrícula de novos alunos da Escola Normal, em 1914: *O Paiz*. Rio de Janeiro, 26 de abril de 1914, p. 12.

⁴⁵² *A Noite*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

⁴⁵³ *A Noite*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2

negociar com uma autoridade intermediária que, previamente, sabia-se atada ao prefeito, este que, por sua vez, declarara apoio incondicional a Hans Heilborn?

Procurado, igualmente, por *O Imparcial* para esclarecer o alarido em torno das penalidades aplicadas às moças, Azevedo Sodré, primeiramente, afirmou que era “falso que a aluna Déa [Simões] Mendes tenha sido suspensa por tempo indeterminado. A única pena que foi imposta a essa aluna foi a de suspensão por três dias”.⁴⁵⁴ A respeito do convite feito a Cecília, disse, levando em conta o ótimo histórico escolar da mesma:

Mandei chamar à Diretoria de Instrução a aluna Cecília Meireles, porque essa aluna fora a única nominalmente apontada no relatório apresentado pelo diretor da Escola Normal, como envolvida nos fatos que ali se verificaram; mandei chamá-la para ouvi-la e aplicar-lhe a pena que merecesse. Suas declarações foram prestadas com sinceridade, demonstrando achar-se arrependida das faltas que praticara. Por esse motivo e atendendo aos seus antecedentes como aluna, apliquei somente a pena de repreensão. Igual pena apliquei à aluna Corina Lage, que havia acompanhado sua colega Cecília Meireles e que esta declarou ser solidária com o seu procedimento.⁴⁵⁵

Em seguida, imbuído de valores tradicionais, que delimitavam papéis sociais para moças e para rapazes, contrastantes com as mudanças pelas quais se batiam as normalistas e outras tantas mulheres em busca de seus direitos, relatou:

Interrogando a aluna Corina Lage e obtendo confirmação de quanto declarara a sua colega, também a repreendi, aconselhando mais como pai, que como diretor de instrução. Fiz-lhes ver que o seu procedimento não fora bonito, pois moças que se destinam ao nobre mister de educadoras não devem andar pelas ruas, em companhias de rapazes, a promover manifestações que não se coadunam com seu sexo, nem com a profissão que pretendem exercer. Mostrei-lhes, enfim, o quanto são censuráveis todas as faltas de disciplina que haviam cometido, tendo tido a satisfação de verificar que os meus conselhos e observações eram ouvidos nas melhores disposições possíveis. Quanto à existência de listas de alunas para serem punidas, é mais uma falsidade que nem merece comentários. [...] ⁴⁵⁶

Cecília Meireles, na cena em que se achava, em um gabinete, com a presença do dirigente, ocupava uma posição de vulnerabilidade. Acompanhada por sua avó, por um solicitante – não identificado pelas fontes consultadas - e por sua colega, Cecília mostrou-se disposta a evitar novas agitações, escutando com atenção a admoestação de Sodré. Porém, teria ela, em substância, se arrependido da luta que empreendera? Provavelmente não, haja vista a atitude e as estratégias abraçadas e realçadas em diferentes momentos da

⁴⁵⁴ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Domingo, 20 de junho de 1915, p. 2.

⁴⁵⁵ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Domingo, 20 de junho de 1915, p. 2.

⁴⁵⁶ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Domingo, 20 de junho de 1915, p. 2.

contenda, inclusive, em sua firmeza durante o interrogatório. Enfeixados entre si, caráter e convicções políticas estruturaram qualidades como coragem, indignação, solidariedade e luta por direitos à fala, à livre manifestação e à resistência ao que se considerava opressão.

Nessa experiência é possível observar aspectos de um civismo republicano, sugerido não só pela referência à figura de Rui Barbosa – evocada por acadêmicos e normalistas⁴⁵⁷ - como, em especial, pelo entendimento em torno da justiça e da virtude de não se curvar ao autoritarismo. Concepção assaz diversa daquela do prefeito, Rivadávia Correa, para quem a ideia de república alicerçava-se, mais do que na participação e na liberdade, na obediência e na severidade. Em resposta ao novo e irrevogável pedido de demissão, feito por Hans Heilborn⁴⁵⁸, Rivadávia expôs seu ideal de governo:

Rio de Janeiro, 28 de junho de 1915:

- Sr. Dr. Hans Heilborn – Prestigiando a vossa autoridade e negando firmemente a exoneração que repetidas vezes solicitastes do cargo de diretor da Escola Normal, obedeci a princípios fundamentais da administração republicana, seguindo ainda, neste particular, a orientação que há norteado, até aqui, minha conduta pública, sempre contrária às perturbações quaisquer da ordem e da disciplina.

Agora, recebendo a carta que me dirigistes e em que me comunicais haver resignado aquele cargo, só me resta homologar uma situação de fato, atento o cunho de inabalável resolução que a esse ato declaradamente imprimis.

Assim, ao fazer lavrar o respectivo título de vossa exoneração, quero e devo manifestar-vos os meus louvores pela direção que soubestes dar àquele estabelecimento e agradecer-vos os bons serviços que assim prestastes à minha administração [...]. Rivadávia Corrêa.⁴⁵⁹

Ao reiterar elogios a Heilborn, tornava também a criticar, ainda que indiretamente, a mobilização de estudantes e professores. Pelo prefeito não foi dito que a cessão ao referido pedido deu-se em motivo da pressão oriunda da comunidade escolar e acadêmica. Não quis, em seu posto de comando, reconhecer a vitória das normalistas e de demais amotinados. Talvez no fito de afastar uma possível revelação de suscetibilidade ou de ilegitimidade, recorreu ao argumento de que se guiava por “princípios fundamentais da

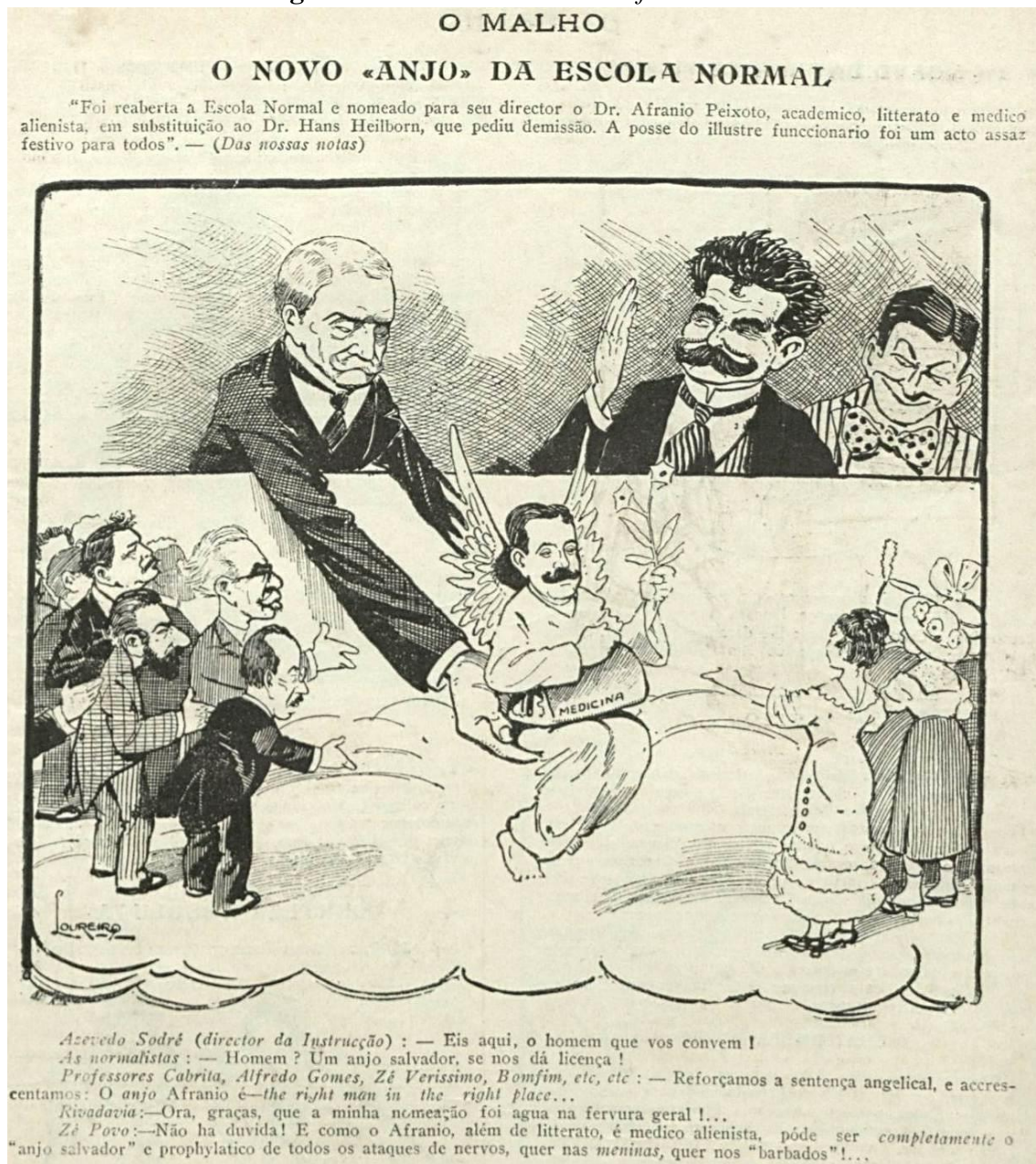
⁴⁵⁷ Duas das principais lideranças do Senado e da Câmara constavam no radar político das normalistas: “**As normalistas apelam para Rui Barbosa** - Ante as intimidações do Sr. Rivadávia Correia que abraça escandalosamente a permanência do atual diretor à frente da Escola Normal, as alunas estão dispostas a pedir a proteção do senador Rui Barbosa e deputado Coelho Netto, para que da tribuna do Senado e Câmara protestem contra os insultos atirados à mulher brasileira.” *A Rua* – última hora. Rio de Janeiro. Terça-feira, 15 de junho de 1915, p. 1.

⁴⁵⁸ Cf. *O Paiz*. Rio de Janeiro. Domingo, 27 de junho de 1915, p. 2.

⁴⁵⁹ *O Paiz*. Rio de Janeiro. Domingo, 6 de julho de 1915, p. 2.

administração republicana”⁴⁶⁰, com uma “conduta pública sempre contrária às perturbações quaisquer da ordem e da disciplina.”⁴⁶¹

Imagem 16. Habemus director: Afrânio Peixoto.



(Fonte: *O Malho*. Rio de Janeiro, 10 de julho de 1915, não paginado. Ano XIV. N. 669. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 5 jun. 2019. Nas legendas, leem-se: *Nas legendas, leem-se, respectivamente:* 1) “Foi reaberta a Escola Normal e nomeado para seu diretor o Dr. Afrânio Peixoto, acadêmico, literato e médico alienista, em substituição ao Dr. Hans Heilborn, que pediu demissão. A posse do ilustre funcionário foi um ato assaz festivo para todos.” – (*Das nossas notas*).” 2) “Azevedo Sodré (diretor de Instrução): - Eis aqui, o homem que vos convém! *As normalistas:* - Homem? Um anjo salvador, se nos dá licença! *Professores Cabrita, Alfredo Gomes, Zé Verissimo, Bomfim etc. etc.:* - Reforçamos a sentença angelical, e acrescentamos: O anjo Afrânio é *the right man in the right place*... *Rivadavia:* - Ora,

⁴⁶⁰ *O Paiz*. Rio de Janeiro. Domingo, 6 de julho de 1915, p. 2.

⁴⁶¹ *O Paiz*. Rio de Janeiro. Domingo, 6 de julho de 1915, p. 2.

graças, que a minha nomeação foi água na fervura geral!... *Zé Povo*: - Não há dúvida! E como o Afrânio, além de literato, é médico alienista, pode ser *completamente* o “anjo salvador” e profilático de todos os ataques de nervos, quer nas *meninas*, quer nos “barbados”!...”).

Em escala municipal, a perspectiva de Rivadávia Correa e sua forma de abordar o problema da Escola Normal, notificava elementos de uma cultura política, afinada com os moldes de “uma ordem liberal, mas profundamente antidemocrática e resistente a esforços de democratização.”⁴⁶² Uma República impregnada por valores oligárquicos e excludentes, em que se assistia à tentativa de relacionar o engajamento político feminino com a alegoria do ataque de nervos⁴⁶³, a requisitar cuidados de um alienista – ver charge acima. Por esses e outros aspectos somavam-se descontentamentos e se multiplicavam elementos contestadores, de anarquistas e sindicalistas, a socialistas e democrático-liberais.⁴⁶⁴ A campanha pela substituição do diretor escolar, ao galvanizar grupos, indivíduos e interesses com diferentes estirpes ideológicas, foi também indício de uma insatisfação mais ampla com os rumos da política, que não se esgotaria naquele instante. Nos anos seguintes e adentrando a década de 1920, outras manifestações, em distintas esferas, expressariam essa inquietude e a expectativa por mudanças. Em 1930, Cecília Meireles apoiaria os movimentos que pretendiam renovar a política nacional, mais ou menos, catalisados pela Aliança Liberal. E Oswaldo Aranha tornar-se-ia um dos principais articuladores da chegada de Getúlio Vargas à chefia da nação, guardando na memória o fato de que, em seu tempo de acadêmico, vivera uma “mocidade forte e vibrante”⁴⁶⁵, que “por uma ideia fazia um *meeting* a cada esquina [...]”⁴⁶⁶

⁴⁶² CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 45.

⁴⁶³ Sobre a atribuição da histeria às normalistas e a qualificação de Afrânio Peixoto como médico alienista, ver também: *O Paiz*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 1 de julho de 1915.

⁴⁶⁴ FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. (O Brasil republicano; v. 3).

⁴⁶⁵ ARANHA, Oswaldo. “Entrevista com o Ministro Oswaldo Aranha.” In: *A Nação*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 13 de março de 1933, p. 13. Nesta entrevista, dada quando ocupava o cargo de Ministro da Fazenda – posteriormente, de 1938 a 1944, chefiaria a pasta de Relações Exteriores – Aranha reafirmou sua convicção de que “a mocidade não deve apenas votar, deve ser burburinho de entusiasmo, efervescência de ação. Ela é que está sempre produzindo e renovando a melhor energia da pátria.” Sobre a trajetória política de Aranha e sua atuação na aproximação do governo Vargas com a democracia estadunidense, ver: LAGO, Pedro Corrêa do. *Oswaldo Aranha: uma fotobiografia*. Rio de Janeiro: Capivara, 2017.

⁴⁶⁶ ARANHA, Oswaldo. “Entrevista com o Ministro Oswaldo Aranha.” In: *A Nação*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 13 de março de 1933, p. 13.

Imagens 17 e 18. *Mocidade do motim. Cecília Meireles em sua formatura de professora, em 1917, e Oswaldo Aranha, com a beca da formatura da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 1916.*



2.5. Imagem pública

A liderança na organização da luta pelos direitos de estudantes da Escola Normal contra seu diretor, em junho de 1915, marcou Cecília Meireles e sua imagem, embora a esse episódio ela não tenha se referido em escritos posteriores. Em 4 de janeiro de 1917, na revista semanal ilustrada, *Jornal das Moças*, foi publicada uma lista, atribuindo a principal característica de determinadas “alunas da Escola Normal da Capital Federal.”⁴⁶⁷ De forma leve e descontraída, a autora, assinando como “a mais Travessa”⁴⁶⁸, classificou outras trinta colegas, com perfis como “a mais elegante”, “a mais prosa”, “a mais acanhada”, “a mais calma”, “a mais generosa”, “a mais orgulhosa”, “a mais aplicada”, “a mais franca”, “a mais estudiosa”, “a mais expansiva”, “a mais inteligente” e até “a mais feia”, a “mais vadia” e a “mais antipática.”⁴⁶⁹ Déa Simões Mendes, que, na noite de 11

⁴⁶⁷ *Jornal das Moças* – Revista semanal ilustrada. Rio de Janeiro. Ano IV. N. 81. Quinta-feira, 4 de janeiro de 1917, não paginado.

⁴⁶⁸ *Jornal das Moças* – Revista semanal ilustrada. Rio de Janeiro. Ano IV. N. 81. Quinta-feira, 4 de janeiro de 1917, não paginado.

⁴⁶⁹ *Jornal das Moças* – Revista semanal ilustrada. Rio de Janeiro. Ano IV. N. 81. Quinta-feira, 4 de janeiro de 1917, não paginado.

de junho de 1915, regozijara as demais colegas com a declamação de poemas de Olavo Bilac e provocara a ira do diretor, foi denominada como “a mais alegre”⁴⁷⁰; e Cecília Meireles, que saíra em socorro de suas comparsas, recusando-se a delatá-las, recebeu o título de “a mais fiel”⁴⁷¹ – qualidades coerentes com as ações de cada uma delas no dito escarcéu.⁴⁷²

Conquanto a vinculação de tal atributo não se devesse, exclusivamente, à função desempenhada naquela ocasião, a projeção de Cecília no embate teria sido fundamental para se criar tal retrato e se fazer conhecer mais pela comunidade escolar. Não só outras normalistas, como alguns professores teriam atentado para as particularidades de Meireles a partir do caso. Em 1919, o professor e ex-diretor Alfredo Gomes – que, junto com Manoel Bomfim, José Veríssimo, Francisco Cabrita, Sérvulo de Lima e outros, protestara em apoio às normalistas – escreveu o prefácio de *Espectros*.⁴⁷³ Para além da obra de estreia, Gomes tratou da “pessoa”⁴⁷⁴ e, assim, forneceu mais uma pista do processo de construção da imagem de Cecília, o qual passava, com ênfase, pelo filtro da polêmica de quatro anos atrás. Ao modo laudatório, testemunhou:

Foi por ocasião de *certa agitação tumultuária na Escola Normal* deste Distrito, em ocorrência em que de todo parecia ter-se eclipsado naquela casa de ensino a noção de disciplina, ali tradicional e única em tempo em que já a anarquia atual estendera a cizânia a todos os estabelecimentos similares – foi então que, pela vez primeira, a meus ouvidos, ecoou o nome de Cecília Meireles.

No bulcão de desagradados, lutas e intrigas que se desencadearam então, envolta na serena luz que sempre dimana de uma alma pura, aureolava-lhe a fronte um nimbo atraente e simpático, misto de amor e de solidariedade moral, que a pusera ao lado de suas colegas perseguidas injustamente.

A doce firmeza com que soube desviar com seu sereno depoimento as insinuações malévolas, mercê das quais, num inquérito administrativo, se visava mascarar a verdade e condenar uma aluna, revelou instantaneamente naquela alma de escol os sentimentos mais nobres que logo após haviam de apontá-la singularmente distinta entre seus colegas de ambos os sexos. Com efeito, Cecília Meireles não se sobrelevava a

⁴⁷⁰ *Jornal das Moças* – Revista semanal ilustrada. Rio de Janeiro. Ano IV. N. 81. Quinta-feira, 4 de janeiro de 1917, não paginado.

⁴⁷¹ *Jornal das Moças* – Revista semanal ilustrada. Rio de Janeiro. Ano IV. N. 81. Quinta-feira, 4 de janeiro de 1917, não paginado.

⁴⁷² Essa virtude foi valorizada por Meireles, por longo tempo. Em 1937, em carta à sua amiga portuguesa Dulci Lupi Osório de Castro (1905-1977), relatou: “Os amigos que tenho são raros. Mas agarro-me a eles com uma fidelidade de cão.” MEIRELES, Cecília. “Carta a Dulce Lupi Osório de Castro. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1937.” In: *Colóquio: revista de artes e letras*. N. 66, p. 67, março de 1982, Lisboa (PT).

⁴⁷³ GOMES, Alfredo. “Prefácio”. In: MEIRELES, Cecília. *Espectros* [1919]. In: MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Organização Antônio Carlos Secchim. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 8-14. [v. 1].

⁴⁷⁴ GOMES, Alfredo. “Prefácio”. In: MEIRELES, Cecília. *Espectros* [1919]. In: MEIRELES, Cecília. *Poesia completa...* p.11.

todos só pelo talento e aplicação ao estudo: criara pouco a pouco em torno de si, graças à sua modéstia e despretensão, crescente e seleta roda de discípulos, seus admiradores e amigos, de sorte que nem uma voz se erguia dissonante ou sequer divergente no coro de elogios que diariamente lhe eram prodigalizados por mestres e colegas.⁴⁷⁵

Descontados o estilo empolado e a saturação de artifícios retóricos, bem como o propósito de exaltação, ressaltam-se a repercussão do nome da jovem, a partir do motim de 1915; as lembranças da solidariedade moral, prestada às colegas, e da firmeza durante o interrogatório, assumindo responsabilidades e resguardando outras participantes; a modéstia e a despretensão, que foram amealhando amizades e admiração, de moças e de moços. Como reforço a suas impressões, Alfredo Gomes recordou ainda o fato de Cecília ter sido eleita, por “sufrágio de todos os colegas, a natural intérprete dos sentimentos dos que se diplomavam com ela, na cerimônia solene da futura colação de grau aos alunos de sua turma,”⁴⁷⁶ vale dizer, fizera-se oradora das/os diplomandas/os.

Nos anos 1920, estudantes que, como Paschoal Lemme⁴⁷⁷, presenciaram outros protestos contra a diretoria da Escola Normal, de certa forma, davam continuidade à apropriação de uma aprendizagem política, extracurricular, como aquela surgida com o motim de 1915. Atuava-se, em tais circunstâncias, na configuração de uma cultura escolar, isto é, na vivência e no redimensionamento de normas e de práticas, por diferentes atores, nas fronteiras da escolarização formal com processos mais amplos de elaboração de saberes, de modos de pensar e de se comportar.⁴⁷⁸

Nesse sentido, Cecília Meireles, desde cedo, também frequentou distintos espaços e atividades formativos. Com outras colegas, fundou e dirigiu uma sociedade, denominada “Diabolô Victor Hugo Club.”⁴⁷⁹ Com sede instalada naquela mesma rua São Cláudio, em que vivia com sua avó, em uma “casa pobre”⁴⁸⁰, o clube visava promover “diversos torneios”⁴⁸¹ deste antigo brinquedo, ofertando aos vencedores “artísticas medalhas de ouro, prata e bronze.”⁴⁸² Ademais, com o nome do grêmio prestava-se

⁴⁷⁵ GOMES, Alfredo. “Prefácio”. In: MEIRELES, Cecília. *Espectros* [1919]. In: MEIRELES, Cecília. *Poesia completa...* p. 9-10. Itálico nosso.

⁴⁷⁶ GOMES, Alfredo. “Prefácio”. In: MEIRELES, Cecília. *Espectros* [1919]. In: MEIRELES, Cecília. *Poesia completa...* p.10-11.

⁴⁷⁷ Cf. LEMME, Paschoal. *Memórias de um educador...* p. 120.

⁴⁷⁸ Cf. FARIA FILHO, Luciano Mendes de et. al. “A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira.” In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

⁴⁷⁹ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 8 de março de 1915, p. 8.

⁴⁸⁰ *O Século*. Rio de Janeiro. Sábado, 19 de junho de 1915, p. 2.

⁴⁸¹ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 8 de março de 1915, p. 8.

⁴⁸² *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 8 de março de 1915, p. 8.

homenagem a um dos grandes vultos da modernidade francesa, o poeta, romancista, dramaturgo e estadista, Victor Hugo,⁴⁸³ de cuja obra Cecília ainda era admiradora e leitora em 1931, quando citou, por exemplo, versos como “[...] Nós carregamos no coração o cadáver podre / da religião que viveu em nossos pais.”⁴⁸⁴ No ano seguinte, recordou que “Victor Hugo disse um dia que ‘em cada aldeia havia uma pessoa que acendia uma luz: o professor. E outra que a apagava: o padre.’”⁴⁸⁵ As afinidades com esta figura-chave do Romantismo permaneceram com Cecília anos a fio, tendo à frente a reivindicação da laicidade e do livre-pensamento, convicções, tanto ou mais enraizadas, desde cedo, pelo exemplo da avó Jacinta, a qual

era de um misticismo muito especial. Tudo se passava dentro do seu coração e da sua casa. Por isso, sempre estive convencida que ela teria conhecido pessoalmente a Cristo e aos santos todos, e teria ajudado a Virgem Maria a cardar e a cuidar do Menino. Até hoje isso não me sai da cabeça. *Mas era anti-clerical, sabe?* Dizia-me sempre que só respeitava os padres no momento em que estavam no altar. Porque estava lidando com as coisas divinas. Fora de lá nem os queria ver. *Eu saí tal qual.* Mas gosto muito dos frades, e com eles me entendo muito bem. Sobretudo com os franciscanos e beneditinos.⁴⁸⁶

Laicidade, anticlericalismo e livre-arbítrio, que, tomados por Cecília Meireles como paradigma de uma atuação humanística, em contraste com a intolerância e a subserviência, ocupariam o núcleo de seu papel junto à Legião da Mulher Brasileira, em 1920.

⁴⁸³ ROBB, Graham. *Victor Hugo: uma biografia*. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Record, 2000.

⁴⁸⁴ No original: “Nous portons dans le coeur le cadavre pourri / de la religion qui vivait dans nos pères.” Livre tradução. Cf. HUGO, Victor *Apud* MEIRELES, Cecília. “À margem de um livro de Victor Hugo.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 2 de abril de 1931, p. 7.

⁴⁸⁵ MEIRELES, Cecília. “Porque a escola deve ser leiga – a segunda conferência da série realizada a convite da Liga Anti-Clerical do Brasil.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 17 de janeiro de 1932, p. 4.

⁴⁸⁶ MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues. Rio de Janeiro, 9 de junho de 1947. In: MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* p. 113. Itálico nosso. Ver também: MEIRELES, Cecília. *Olhinhos de gato*. [1939/1940]. 4. ed. São Paulo: Global, 2015, p. 165.

Capítulo 3 – Livre-pensamento e feminismos

3.1. A Legião da Mulher Brasileira

Com um nome imponente - como se quisesse centralizar em si a organização das mulheres de todo o país - esta sociedade surgiu em março de 1920. Em 30 de outubro do ano anterior, o diário católico *A União*, preocupado com a disseminação de coletivos laicos, noticiara:

Essa associação, projetada há pouco tempo por algumas senhoras, resolveu “entrar no 1º período de sua existência, que deve antes de tudo estabelecer o seu rumo e a sua organização.” Assim escreve a senhorita Bertha Lutz, secretária do Museu Nacional, e diretora da Comissão Administrativa da aludida Sociedade, que:

“Propõe-se a criar um escritório central de alocações para mulheres no comércio, na indústria e no ensino particular etc., e uma exposição e venda de trabalhos femininos, cursos de trabalhos domésticos, costura e outros, destinados ao preparo das moças que querem trabalho.”⁴⁸⁷

Graduada em Ciências Naturais pela Universidade de Paris (Sorbonne) e recém-nomeada, por concurso, como secretária do Museu Nacional⁴⁸⁸, Bertha Lutz tomara a dianteira no esboço da confraria. Apresentou o que parecia ser o objetivo principal em mira. Neste não se hasteava a bandeira do sufrágio universal, muito embora, em artigos pela imprensa, Bertha já se engajasse por esse direito.⁴⁸⁹ Apesar de o movimento sufragista ter se tornado, até então, a face mais difundida do feminismo⁴⁹⁰, haveria diferentes frentes e palcos de atuação em prol das mulheres. Em cada um destes sobressairia determinado nuance de uma luta mais ampla. À Legião da Mulher Brasileira⁴⁹¹ caberia, primordialmente, por meio do fortalecimento de uma cultura do associativismo, pôr-se em defesa grupal de interesses, fomentando oportunidades de trabalho e de instrução. Esta meta mostrava-se ambiciosa, em uma época na qual mulheres

⁴⁸⁷ *A União*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 30 de outubro de 1919, p. 1.

⁴⁸⁸ Cf. LÔBO, Yolanda. *Bertha Lutz*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

⁴⁸⁹ Cf. LÔBO, Yolanda. *Bertha Lutz...* p. 103-108.

⁴⁹⁰ Cf. DUARTE, Constância Lima. “Feminismo e literatura no Brasil.” In: *Estudos Avançados*. Universidade de São Paulo (USP). 17 (49), p. 151-172, 2003.

⁴⁹¹ A primeira referência que encontramos sobre a Legião da Mulher Brasileira (LMB) foi: LAMEGO, Valéria. “Lirismo engajado: um decálogo para Cecília Meireles.” In: *Revista Quatro cinco um*, São Paulo, p. 16-17, maio 2018. Agradeço a Carolina de Oliveira Silva Othero pelo compartilhamento desse artigo. Segundo Valéria Lamego, quem primeiro chamou a atenção para o papel de Cecília junto à LMB foi Sérgio Alcides. Cf. LAMEGO, Valéria. “A extrema liberdade em Cecília Meireles”. Comunicação apresentada junto ao Colóquio Internacional Cecília Meireles: 120 anos, em 26 de outubro de 2021 – Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DvVnAgRdizY> Acesso em 27 out. 2021.

eram preteridas de diversos benefícios, espaços e possibilidades de atuação, pelo simples fato de pertencerem ao gênero feminino.⁴⁹² Para tanto, prosseguiu Lutz, o referido escritório central seria dirigido

por um conselho assim composto:

Presidente honorária, d. Júlia Lopes de Almeida; presidente efetiva, Alice Rego Monteiro; diretora, Bertha Lutz; secretárias, Magnólia Vinhaes e Maria Francisca Lutz; tesoureiras, Olga Doyle e Luzia Serrano; bibliotecária, Addy Simona.

Comissão de Cultura Artística e Intelectual: Diretoras, Margarida Lopes de Almeida e Cecília Meireles.⁴⁹³

Desde a concepção da organização, Cecília esteve presente, comparecendo, nesse relato, como codiretora da Comissão de Cultura Artística e Intelectual. Somava-se ela ao que foi identificado como uma ala predominante da novel congregação. Saudando com “votos para que sejam bem sucedidos os bons intuitos das associadas”⁴⁹⁴, Antônio Felício dos Santos, redator de *A União*, fazia, porém, a ressalva de que

não é só pela falta de espírito religioso no programa, como pelo conhecimento que temos dos nomes da maioria das associadas, umas livres pensadoras, outras protestantes, coligimos que se trata de uma organização fora inteiramente dos moldes da Igreja Católica.⁴⁹⁵

À Cecília, provavelmente, posto que não se identificasse como protestante nem como católica modelar, restava a representação de livre-pensadora. Quanto à Legião, uma vez abrigo senhoras e senhoritas de diferentes perfis e crenças, haveria de ser uma sociedade laica, ou seja, aberta a quem nela interesse tivesse, à revelia de confissão religiosa ou de condição social. Isso parecia estar claro para o redator, que concitava católicas a se empenharem, não na Legião, mas em “institutos femininos católicos de utilidade social”⁴⁹⁶, tal como a Aliança Feminina Brasileira, capitaneada por Amélia Rodrigues.⁴⁹⁷ Desse ângulo, a relação da Legião da Mulher Brasileira com o tema da religião estaria solucionada, uma vez exposto o caráter não confessional da entidade. Nisso, provavelmente, Cecília concordaria com Antônio Felício.

Todavia, no interior da Legião, perdurou uma tensão entre adeptas do catolicismo e as que apostavam na laicidade. Tal problema foi sendo, cuidadosamente, trabalhado e

⁴⁹² DUARTE, Constância Lima. “Feminismo e literatura no Brasil”...

⁴⁹³ *A União*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 30 de outubro de 1919, p. 1.

⁴⁹⁴ *A União*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 30 de outubro de 1919, p. 1.

⁴⁹⁵ *A União*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 30 de outubro de 1919, p. 1.

⁴⁹⁶ *A União*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 30 de outubro de 1919, p. 1.

⁴⁹⁷ *A União*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 30 de outubro de 1919, p. 1. Ver também: RODRIGUES, Amélia. “Às senhoras brasileiras”. In: *A União*. Rio de Janeiro. 2 de março de 1919, p. 3.

negociado pelas correligionárias, cujas diferenças entre si comportavam um tênue equilíbrio entre a simpatia pelo dogma católico e a ruptura com qualquer viés religioso.

Ainda em 1919, um artigo, publicado em *O Malho*, saudava o surgimento da Legião da Mulher Brasileira.⁴⁹⁸ Assinado por Victorio de Castro, o texto iniciou-se com a transcrição, entre aspas, do programa básico da entidade:

“Promover a colocação da mulher necessitada, angariar-lhe trabalho, guiá-la, aconselhá-la, fornecer-lhe informações úteis, e igualmente receber e transmitir encomendas de trabalhos de costura, de arte feminina e doméstica, ou a sua venda, tal será o objeto da primeira instituição da Legião da Mulher Brasileira, empenhada em valer às irmãs necessitadas e realizar uma obra de altruísmo social.”⁴⁹⁹

Tais linhas complementaram as informações divulgadas por *A União*, em outubro, e serviram de mote para o articulista discorrer sobre os rumos do feminismo no Brasil e no mundo. Buscando situar a Legião, Victorio avaliou: “Dentre todos os fenômenos sociais que a guerra provocou, nenhum até hoje assumiu a importância do advento da Mulher, como colaboradora do homem em todas as suas manifestações da vida humana.”⁵⁰⁰ Adepto da causa, não obstante sem se desvencilhar do possível enquadramento da figura da mulher como auxiliar do homem, continuou:

Nas ciências, nas artes, na política, no comércio, nas indústrias e até nos campos de batalha a mulher se revelou de uma vez por todas um ser muito diverso daquele que vivia na nossa imaginação, oriundo de um preconceito secular, de um velho mal-entendido, que só lhe atribuía o papel de máquina procriadora [...].⁵⁰¹

Subestimando o percurso histórico mais longo do feminismo, que vinha se desenvolvendo em sucessivas ondas, desde pelo menos o século XIX⁵⁰², o autor tomou a Grande Guerra como um marco divisor da feição e do ritmo das conquistas do empreendimento:

[...] aquilo que, antes da guerra, era tido pelos homens como utopia, como ideia revolucionária e anarquizadora, que os jornais caricatos do mundo inteiro submetiam a um motejar incessante, com o rótulo de “feminismo”, de “sufragismo” – porque nos comícios na Inglaterra, nos Estados Unidos e através de cartazes espalhados por toda parte, a mulher repetia o seu clamor político, Vote for Women!; aquilo que há

⁴⁹⁸ CASTRO, Victorio de. “O advento da mulher”. In: *O Malho*. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1919, não paginado.

⁴⁹⁹ CASTRO, Victorio de. “O advento da mulher”. In: *O Malho*. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1919, não paginado.

⁵⁰⁰ CASTRO, Victorio de. “O advento da mulher”. In: *O Malho*. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1919, não paginado.

⁵⁰¹ CASTRO, Victorio de. “O advento da mulher”. In: *O Malho*. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1919, não paginado.

⁵⁰² Cf. DUARTE, Constância Lima. “Feminismo e literatura no Brasil”...

cinco anos ninguém poderia aceitar senão como uma possibilidade muito remota, aí está já feito realidade em muitos países e a caminho de sê-lo em todos os demais, que se não poderão furtar aos efeitos da torrente das reivindicações femininas.

E esse movimento dia a dia mais se alastra, mais se estende, se amplia, abrangendo todos os campos da atividade humana, física e mental – desde os rudes trabalhos dos campos até à magistratura, a diplomacia, a política, as ciências e as artes, o comércio e as indústrias... E quanto mais se generaliza, aumentando o caudal, melhor se define, melhor se caracteriza no seu fito de justiça completa – a igualdade dos direitos da mulher aos dos homens, a sua independência, o seu individualismo jurídico, que será a obra mais grandiosa deste século vertiginoso de aperfeiçoamentos.⁵⁰³

O artigo dava indícios de certo otimismo, em 1919, e não previa que a luta das e pelas mulheres seria mais atribulado do que se imaginava, com negociações, avanços, recuos. Muito em breve, não raro encontrar-se-iam discursos que correlacionavam o trabalho feminino fora do lar com um enfraquecimento dos valores morais, além do receio da *masculinização* da mulher, que se acreditava poder conduzir a uma inversão de papeis.⁵⁰⁴ Mesmo a universalização do voto demoraria bem mais do que supunha o tom algo entusiasmado de Victorio de Castro.⁵⁰⁵

Na esteira da profusão de demandas, a Legião apresentava “uma parte das reivindicações femininas”⁵⁰⁶, destinando-se “a amparar as mulheres necessitadas.”⁵⁰⁷ Por isso, em um século de vertiginosas transformações, esta associação não poderia deixar de “merecer o apoio de quem quer que seja que disponha de uma possibilidade de fazer o bem, tanto ela se recomenda pelo escopo visado – desescravizar a mulher e dar-lhe conforto, físico e moral.”⁵⁰⁸ A voz da Legião da Mulher Brasileira, desse modo,

⁵⁰³ CASTRO, Victorio de. “O advento da mulher”. In: *O Malho*. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1919, não paginado.

⁵⁰⁴ Cf. COVA, Anne. “As mulheres foram activistas na guerra, depois voltaram ao lar.” In: *Público*. Lisboa, 20 de agosto de 2014. Versão on-line. Disponível em <https://www.publico.pt/2014/08/20/culturaipilon/noticia/do-activismo-das-mulheres-na-retaguarda-ate-ao-regresso-ao-lar-1666852> Acesso em 28 abr. 2019.

⁵⁰⁵ No Brasil, a garantia ao voto das mulheres foi alcançada por um decreto de 24 de fevereiro de 1932, tornando o país o quarto no hemisfério ocidental a celebrar tal conquista, logo após Canadá, Estados Unidos e Equador. Na França, somente em 1944 foi reconhecido tal direito; na Suíça, em 1971; e em Portugal, 1975. Cf. HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940*. Tradução de Eliane Tejera Lisboa. Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 19-20.

⁵⁰⁶ CASTRO, Victorio de. “O advento da mulher”. In: *O Malho*. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1919, não paginado.

⁵⁰⁷ CASTRO, Victorio de. “O advento da mulher”. In: *O Malho*. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1919, não paginado.

⁵⁰⁸ CASTRO, Victorio de. “O advento da mulher”. In: *O Malho*. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1919, não paginado.

expandiria o coro de um movimento de emancipação, que se espalhava pelo mundo ocidental e que, irrefreável, retiraria as mulheres do jugo de antigos preconceitos.

O artigo foi concluído com a seguinte informação:

Organizada pelas senhoritas Alice Rego Monteiro, Bertha Lutz, Antonietta Haro, Flora Heinzelmann, Margarida Lopes de Almeida e Olga Doyle, que são as suas fundadoras, a “Legião da Mulher Brasileira” já conta muitas dezenas de adesões e é de esperar que, em breve, avulte como uma grande obra social que será.⁵⁰⁹

Diferentemente da nota de outubro, publicada em *A União*, Cecília Meireles não foi mencionada. Cerca de quatro meses depois, tal omissão seria inverossímil. Em março de 1920, Bertha Lutz havia se apartado da organização que ajudara a arquitetar. Seja por divergências entre suas partícipes, seja por adotar outro foco, voltado para a campanha pelo direito ao voto, fato é que o nome de Bertha não mais constou nos informes sobre a Legião. Uma pista sobre essa alteração encontra-se na resposta da professora, escritora e feminista Maria Lacerda de Moura⁵¹⁰, a Bertha Lutz, em outubro de 1920:

Tratemos do movimento feminista de que fala. Acho que tem razão: precisamos outra coisa além das Associações Cristãs ou Legião da Mulher. O meu modo de ver é o seguinte: não se trata agora de limitado campo como sejam – escolas domésticas ou estabelecimentos de filantropia ou qualquer coisa de caráter local – o que de modo algum soluciona a questão. A associação cristã como a Legião tem ainda limitado círculo de ação. Eu desejaria coisa muito mais ampla.⁵¹¹

A ideia de outro modelo, isto é, a concepção de uma associação com intuítos macroscópicos, que ensejasse o enfrentamento da questão da mulher e de seus direitos, para além de um recorte pontual, como o filantrópico, seria concretizada naquele mesmo ano. Bertha Lutz conseguiu reunir um grupo de “mulheres cultas e ricas”⁵¹², para fundar a Liga para Emancipação Intelectual da Mulher, contando com nomes como a própria Maria Lacerda de Moura, Isabel Imbassahy Chermont, Stella Guerra Duval, Jerônima Mesquita, Valentina Biosca, Esther Salgado Monteiro, Corina Barreiros e Júlia Lopes de

⁵⁰⁹ CASTRO, Victorio de. “O advento da mulher”. In: *O Malho*. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1919, não paginado.

⁵¹⁰ Cf. COELHO, Nelly Novaes. “Maria Lacerda de Moura”. In: *Dicionário crítico de escritoras brasileiras...*, p. 441.

⁵¹¹ Carta manuscrita de Maria Lacerda de Moura a Bertha Lutz, 21 de outubro de 1920. Arquivo Nacional – Fundo FBPF – Documentos Privados, Seção Administração, Correspondências, Maço 5, grifo original. Apud KARAWAJCZYK, Mônica. *As filhas de Eva querem votar: dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil (c.1850-1932)*. Tese (doutorado em história), UFRGS, Porto Alegre, 2013, p. 246.

⁵¹² LÔBO, Yolanda. *Bertha Lutz...* p. 32.

Almeida.⁵¹³ Esta última continuaria nas fileiras da Legião, em 1920, na qualidade de presidente honorária, fato que sugere a possibilidade de trânsito entre os dois coletivos.

3.2. Feminina, feminista

Em razão inversa a Bertha Lutz, Cecília Meireles assumiu maior protagonismo na LMB. Visitou redações de jornais para divulgar os princípios da coligação e o convite para a assembleia geral de abertura dos trabalhos.⁵¹⁴ Foi descrita como “um dos baluartes da “Legião””⁵¹⁵ e como “uma das mais ativas propagandistas da “Legião da Mulher”⁵¹⁶ e aquela que foi, por assim dizer, a alma de sua fundação, exercendo, neste momento, as funções de secretária de sua diretoria [...]”⁵¹⁷ Ao *Jornal do Brasil*, à época caracterizado por uma linha editorial tida por moderada⁵¹⁸, Cecília solicitou a transcrição de um artigo, em que procurava estimular suas potenciais leitoras a comparecer à sessão de inauguração da LMB e a se engajar com altruísmo no propósito de amparar mulheres em estado de abandono, desnorreamento e/ou miséria.

Recorrendo à repetição da expressão “Tu, que és altruísta, que és caridosa, que és boa...”⁵¹⁹ para conferir força expressiva à sua fala, sob o título de “Mulher, minha irmã...”⁵²⁰, redigiu: “Mulher, minha irmã, senta-te ao meu lado e escuta. [...] Tu, que és altruísta, que és caridosa, que és boa, deverás ter compreendido a tortura moral das nossas Irmãs desamparadas, desamparadas duplamente: pelos outros e por si mesmas...”⁵²¹ O uso de modelos ideais contrastantes compunha seu repertório retórico: de um lado, potenciais leitoras e adeptas da associação, imaginariamente, detentoras de virtudes; de outro, um público-alvo arquetípico, constituído de mulheres desprovidas de recursos materiais,

⁵¹³ Cf. LÔBO, Yolanda. *Bertha Lutz...* p. 32. HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino...* p. 289.

⁵¹⁴ Cf. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 9 de março de 1920, p. 6. *A Noite*. Rio de Janeiro, 11 de março de 1920, p. 1.

⁵¹⁵ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 9 de março de 1920, p. 6.

⁵¹⁶ *A Noite*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 11 de março de 1920, p. 1.

⁵¹⁷ *A Noite*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 11 de março de 1920, p. 1.

⁵¹⁸ Cf. FERREIRA, Marieta de Moraes & MONTALVÃO, Sérgio. “Jornal do Brasil.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbetes temáticos. Disponível em <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbetes-tematicos/jornal-do-brasil> Acesso em 12 mar. 2020.

⁵¹⁹ MEIRELES, Cecília. “Mulher, minha Irmã...” In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 9 de março de 1920, p. 6.

⁵²⁰ MEIRELES, Cecília. “Mulher, minha Irmã...” In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 9 de março de 1920, p. 6.

⁵²¹ MEIRELES, Cecília. “Mulher, minha Irmã...” In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 9 de março de 1920, p. 6.

intelectuais e morais. Além disso, como exercício de persuasão, o texto foi costurado por suposições: “Deverás ter sentido a aflição da mulher em cujo cérebro não lampeja a luz que ilumina o teu [...] deves ter chorado a miséria das tuas Irmãs, que vão existindo no desânimo de quem tudo descrê, de quem supõe tudo inútil.”⁵²² Em trecho mais contundente, pontuou determinados privilégios, produtos da desigualdade de distribuição do capital econômico, cultural, social e simbólico⁵²³:

Se és feliz, deves ter pensado que a tua felicidade é quase um crime diante de tantas desgraças...

Se és rica, deves ter compreendido que a tua riqueza é quase um roubo aos olhos das tuas Irmãs que cousa alguma têm e que de ti nada recebem.

Se és bela, fica certa, essa beleza é quase uma monstruosidade, se não praticas o bem...⁵²⁴

A fala de Cecília era dirigida à fatia do mundo social que gozava de benefícios acima da média, a membros da elite burguesa. A expressão, de vislumbre proudhoniano⁵²⁵, “tua riqueza é quase um roubo”⁵²⁶, poderia espantar a freguesia. Antes, porém, que o horror prevalecesse, frente ao fato de que o conforto de poucos era obtido pela subjugação e o trabalho de muitos, Meireles sacou uma conjunção adversativa e supôs:

[...]. Mas eu sei, eu vejo minha Irmã, que és altruísta, que és caridosa, que és boa... Doeram-te as minhas palavras. É que estavas muito na sombra e eu não te via bem; por isso, pus-me a divagar, como num solilóquio...⁵²⁷

Com a voz narrativa outorgando-se liderança na condução da iniciativa, ponderou: “Perdoa... Chega-te mais para mim. Eu te ajudarei a fazer o bem que desejas, que queres fazer. – como o leio nos teus olhos cheios de graça e de misericórdia...”⁵²⁸ Cecília aparecia como porta-voz da agremiação e concluía seu convite:

⁵²² MEIRELES, Cecília. “Mulher, minha Irmã...”. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 9 de março de 1920, p. 6.

⁵²³ Sobre as diferentes formas do capital, ver: BOURDIEU, Pierre. “Las formas del capital: capital económico, capital cultural y capital social.” In: _____ *Poder, derecho y clases sociales*. 2ª ed. Trad. Maria José Bernuz Beneitez. Bilbao: Editorial Desclée De Brouwer, 2001, p. 131-164.

⁵²⁴ MEIRELES, Cecília. “Mulher, minha Irmã...”. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 9 de março de 1920, p. 6.

⁵²⁵ Cf. PROUDHON, Pierre Joseph. *A propriedade é um roubo e outros escritos anarquistas*. Tradução de Suely Bastos. Porto Alegre, RS: L&PM, 1998.

⁵²⁶ MEIRELES, Cecília. “Mulher, minha Irmã...”. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 9 de março de 1920, p. 6.

⁵²⁷ MEIRELES, Cecília. “Mulher, minha Irmã...”. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 9 de março de 1920, p. 6.

⁵²⁸ MEIRELES, Cecília. “Mulher, minha Irmã...”. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 9 de março de 1920, p. 6.

Tu serás conosco. Virás para a nossa “Legião da Mulher Brasileira”, que vai partir, vida em fora, rumo à Beleza, sob a égide da Ternura, gritando aos ventos, audaciosamente: “Pela Mulher, para a Mulher!” [...] ⁵²⁹

O cultivo da empatia, da capacidade de se colocar ou de se imaginar no lugar de outrem, de compartilhar angústias e aspirações, deu o tom da mobilização de Cecília, ressaltada a nota assistencialista, de viés aburguesado, com que se estampava a associação. Sem pretender derrubar o *status quo*, questionava o mesmo para atraí-lo e angariar respaldo. Dado seu empenho na ação, o nome de Cecília foi ganhando destaque nas notícias.

Dois dias depois da publicação daquele artigo, e quatro antes da assembleia de inauguração da entidade, isto é, dia 11 de março de 1920, foi publicada uma entrevista com a legionária. Em matéria de capa, com fotografia da jovem (ver abaixo), um repórter do jornal *A Noite*, pertencente a Irineu Marinho (1876-1925), passou a transcrever “as palavras que hoje ouvimos da senhorita Cecília Meireles.” ⁵³⁰

Imagem 19. *Ativa propagandista. Fotografia estampada na capa do jornal A Noite, de 11 de março de 1919, precedida pela exclamação, em letras garrafais: “Pela Mulher! Para a Mulher!” e sucedida por uma entrevista com Cecília Meireles.*



(Fonte: *A noite*. Rio de Janeiro, 11 de março de 1920, p. 1. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 10 mai. 2019. Na legenda, lê-se: “Senhorita Cecília Meirelles.”)

Ela iniciou sua exposição delineando um histórico da associação:

A ideia da fundação, entre nós, da “Legião da Mulher” não é uma ideia recente. Os primeiros projetos nesse sentido datam de princípios de

⁵²⁹ MEIRELLES, Cecília. “Mulher, minha Irmã...”. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 9 de março de 1920, p. 6.

⁵³⁰ *A Noite*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 11 de março de 1920, p. 1.

1919, quando um grupo de distintas senhoras – entre as quais a gloriosa escritora D. Júlia Lopes de Almeida, a Sra. Cacilda Martins, atual diretora do “Nosso Jornal”, e a grande amiga das brasileiras, Sra. Malheiro Dias – sonhou amparar, proteger e conduzir as suas irmãs, num gesto nobilíssimo de fraternidade.⁵³¹

A expressão “gloriosa escritora”⁵³², atribuída a Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) não se deu ao acaso. Àquela altura, Lopes de Almeida gozava de grande prestígio na sociedade, sobretudo, devido ao exercício da escrita, por meio da qual, em romances, contos ou crônicas, publicadas em alguns dos principais periódicos da capital, abordava problemas políticos, sociais, pedagógicos e culturais. A inveterada intelectual exercia, há muito, um olhar atento ao estado da mulher em seu tempo, discorrendo sobre direitos femininos ao desenvolvimento intelectual e à ocupação em quaisquer ofícios, em harmonia com a experiência da maternidade. Defendia, também, valores republicanos, como igualdade e liberdade. Batia-se, politicamente, em prol de um patriotismo antixenófobo, da fraternidade, do pacifismo e da justiça social.⁵³³

Já Cacilda Martins, com o tirocínio de quem presidia o Asilo de Crianças Pobres, de Petrópolis⁵³⁴, também entrelaçava altruísmo e jornalismo, e dera seu contributo para a formulação da LMB. Em matéria sobre a nova associação, ao lado do já citado texto-convite de Cecília Meireles, Martins fora descrita como “um dos vultos mais progressistas do feminismo brasileiro pela sua inteligência e tenacidade à serviço dos seus ideais de emancipação bem orientada.”⁵³⁵ O *Nosso Jornal*, por ela dirigido, não só relatava contatos com a Aliança Internacional Sufragista⁵³⁶, como também acatava em suas páginas dicções diferentes, que, ocasionalmente, concorriam entre si pelo protagonismo

⁵³¹ MEIRELES, Cecília. “Entrevista. Pela Mulher, para a Mulher!”. In: *A Noite*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 11 de março de 1920, p. 1.

⁵³² MEIRELES, Cecília. “Entrevista. Pela Mulher, para a Mulher!”. In: *A Noite*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 11 de março de 1920, p. 1.

⁵³³ Cf. Sobre a valorização de um *ethos* republicano e pacifista, ver a obra, voltada, especialmente, para a educação infantil: ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Histórias de nossa terra*. [1907]. 6ª Edição revista e aumentada. Francisco Alves & Cia: Rio de Janeiro, 1911. Quanto ao empenho pelo protagonismo feminino, ver, entre outras: ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Livro das donas e donzelas*. [1906]. Universidade da Amazônia (UNAMA): Belém, PA: s/d. _____ *Brasil*. Conferencia pronunciada por la autora em la Biblioteca del Consejo Nacional de Mujeres de la Argentina. Buenos Aires, 1922. Análises críticas sobre problemas cotidianos da sociedade podem ser encontradas em crônicas, como as que publicou, regularmente, no jornal *O Paiz*. Cf. ALMEIDA, Júlia Lopes. *Dois dedos de prosa: o cotidiano carioca por Júlia Lopes de Almeida*. Angela di Stasio, Anna Faedrich & Marcus Venicio Ribeiro (Organizadores). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. (Cadernos da Biblioteca Nacional; v. 16).

⁵³⁴ Cf. *O Paiz*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 17 de abril de 1918, p. 3. Mais tarde,

⁵³⁵ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 9 de março de 1920, p. 6.

⁵³⁶ Cf. HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino...* p. 294. Ao longo da década de 1920, Cacilda Martins participará da Federação Brasileira para o Progresso Feminino, fundada em 1922, sendo uma das responsáveis pela Comissão de Polícia Feminina de Costumes. Cf. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. Domingo, 29 de junho de 1930, p. 8.

na defesa das mulheres. Tal era o caso, por exemplo, de Amélia Rodrigues – liderança do movimento feminino católico⁵³⁷ – e de Cecília Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos, vulgo Chrysanthème, questionadora dos chamados bons costumes⁵³⁸, além da própria Júlia Lopes de Almeida.

De forma semelhante, segmentos ideológicos díspares coabitavam as fileiras da Legião, como o de livres-pensadoras, partidárias da laicidade, e o de nacionalistas militantes, o qual, não raro, aglutinava a bandeira do catolicismo. Dissensões, portanto, em torno do entendimento de princípios políticos e de definições da imagem da mulher e de seu comportamento percorriam os quadros da recente associação. No entanto, não vetaram a formulação do coletivo, efetuada pela amarração de determinados interesses em comum.

Um desses sítios de convergência, como informou Cecília Meireles, foi a disposição em romper com a apatia e investir em uma ação conjunta. Para tanto, a inspiração em movimentos de outros países foi importante. Projetos desse tipo, “já se havia estabelecido numa admirável realidade, como sucedeu, por exemplo, na Inglaterra, onde a ‘Legião da Mulher Inglesa’ se desenvolve consideravelmente [...]”⁵³⁹, ao passo que, aqui, compatriotas teriam permanecido “vacilantes até o final do ano passado, devido, principalmente, à timidez e à irresolução com que as nossas patricias encaram qualquer iniciativa feminina.”⁵⁴⁰

Filha de sua época, Cecília, em seguida, teria feito uma advertência sobre a tèmpera da instituição: “*Feminina* – e não *feminista*, porque, ao contrário do que muita gente supõe, não incluímos no nosso programa o assalto aos direitos masculinos de profissões e sufrágio.”⁵⁴¹ Estimava que as associadas queriam “apenas, tornar a mulher perfeitamente apta a enfrentar as dificuldades da vida intensa das grandes capitais e a desempenhar, com segurança e consciência, o seu papel de senhora do lar.”⁵⁴²

⁵³⁷ Cf. A União. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 30 de outubro de 1919, p. 1. Ver também: RODRIGUES, Amélia. “Às senhoras brasileiras”. In: A União. Rio de Janeiro. 2 de março de 1919, p. 3.

⁵³⁸ Cf. COELHO, Nelly Novaes. “Chrysanthème.” In: _____ *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. (1711-2001)... p. 125.

⁵³⁹ MEIRELES, Cecília. “Entrevista. Pela Mulher, para a Mulher!”. In: *A Noite*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 11 de março de 1920, p. 1.

⁵⁴⁰ MEIRELES, Cecília. “Entrevista. Pela Mulher, para a Mulher!”. In: *A Noite*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 11 de março de 1920, p. 1.

⁵⁴¹ MEIRELES, Cecília. “Entrevista. Pela Mulher, para a Mulher!”. In: *A Noite*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 11 de março de 1920, p. 1. Itálico original.

⁵⁴² MEIRELES, Cecília. “Entrevista. Pela Mulher, para a Mulher!”. In: *A Noite*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 11 de março de 1920, p. 1.

Com enfoque caritativo, as fundadoras da LMB não acataram táticas de militância mais agressiva, ao modo de sufragistas inglesas. Orientaram-se, sim, por uma corrente moderada de ação. A de Londres, tomada como inspiração, seria a de comícios pacíficos e ordenados, não a de protestos violentos.⁵⁴³ Olhando-se mais atentamente para tal cenário, mesmo as que se batiam pela conquista do direito ao voto, como Bertha Lutz, faziam concessões a papéis sociais normatizados, conforme já demonstrado por estudo de June E. Hahner.⁵⁴⁴ Ao rebater críticas, como aquela de Cecília Meireles, Lutz comedia suas palavras e cuidava para não ferir possíveis apoios à causa, seja de homens ou de mulheres mais conservadoras:

Não é exato nem procedente declarar que, adquiridos os direitos eleitorais, a mulher abdica do lugar que a natureza lhe concedeu [...]. O domínio da mulher, todas nós feministas concordamos, é o lar. Mas é que [...] hoje em dia o lar não está mais compreendido no espaço de quatro muros.⁵⁴⁵

Ainda que tal contemporização - comum a Meireles e Lutz, e a tantas outras⁵⁴⁶ - naquele instante pudesse resvalar na crença em uma naturalização da condição feminina, ou na adesão parcial a padrões de comportamento patriarcais, uma perspectiva crítica e tática teria sido crucial na articulação de tais discursos. Mais que isso: tributárias das ideias de pioneiras feministas do século XIX⁵⁴⁷, essas intelectuais avaliavam o estado das mulheres por um prisma histórico-cultural, ao invés de por uma acepção ontológica ou imutável. Às pertencentes ao sexo feminino, em princípio, caberia não se opor aos homens, mas também não quedar à sombra destes. Assim eram compreendidas como agenciadoras de suas vidas. Buscavam redimensionar as possíveis visões de lar, de

⁵⁴³ Conforme Zina Abreu, diante da resistência do Parlamento e da imprensa em levar a sério suas reivindicações, parte das mulheres inglesas, sobretudo, a partir de 1908, decidiu pela radicalização das táticas pró-sufrágio. Dentre estas, constaram “vandalizar ou destruir edifícios públicos e privados, igrejas, museus, campos de golfe, etc., vários dos quais incendiaram ou destruíram com explosivos; partir vidraças, como as das janelas da própria residência do Primeiro Ministro, em 10 Downing Street, que as sufragetas Mary Leigh e Edith New estilhaçaram. Os prejuízos atingiram centenas de milhar de libras.” ABREU, Zina. “Lutas das mulheres pelo direito de voto: movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos.” In: *Arquipélago*. Revista da Universidade dos Açores. História, 2ª série, VI, p. 464. (2002).

⁵⁴⁴ Cf. HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940...*

⁵⁴⁵ LUTZ, Bertha. *Rio Jornal*. Rio de Janeiro, 13 dez. 1921. Apud: HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940...* p. 312.

⁵⁴⁶ Nesse aspecto, Júlia Lopes de Almeida também susteve um perfil semelhante. Cf. LUCA, Leonora De. “O ‘feminismo possível’ de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934).” *Cadernos Pagu*. Universidade Estadual de Campinas (SP). N. 12, p.275-299, (1999). Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/issue/view/237> Acesso em 10 jun. 2019.

⁵⁴⁷ Cf. TELLES, Norma. “Escritoras, escritas, escrituras.” In: DEL PRIORI, Maria (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 401-442.

maternidade, de trabalho, de feminilidade, contudo, distante de revoluções ou de cortes repentinos nos moldes culturais hegemônicos.

Por esse arranjo, poderia ser angariada uma extensa gama de apoiadores, mulheres e homens, à direita e à esquerda do horizonte político, validando-se, pela prudência, as iniciativas em andamento. Tal compreensão possuiria um caráter relativamente instrumental, coadunada aos desígnios de expandir o número de simpatizantes de seus agrupamentos e de cumprir suas metas. A moderação não seria um fim, ou seja, não haveria uma defesa da estagnação de costumes, da permanência de códigos de servilismo, do confinamento da mulher em ambientes pré-determinados, senão antes um meio para se aglutinar adesões e promover mudanças, ainda que paulatinamente e por meio de expressivas concessões.

Bertha Lutz e Cecília Meireles estariam a par dessas nuances. As trajetórias pessoais e profissionais de ambas, destoantes do estereótipo de uma vassalagem feminina e orientadas pela autonomia intelectual e financeira⁵⁴⁸, com vozes que excediam os limites da residência, sugerem quão circunstanciais foram tais falas acerca do enquadramento de mulheres às suas funções domésticas. Cecília, inclusive, mobilizou seu discurso visando, nitidamente, demarcar distinções em relação a um possível radicalismo da vertente sufragista. Assinalava, assim, certo ceticismo crítico face a potenciais arrebatamentos políticos.

Ênfase assistencial e luta pelo sufrágio universal, na realidade, constituíam aspectos substantivados, mais do que por mútua exclusão, por imbricações, por relações de complementaridade, a contragosto, ou não, de suas defensoras. A distinção entre os adjetivos, *feminina* e *feminista*, dessa ótica, expunha antes um expediente retórico do que uma antítese, ou seja, tais termos se intercambiavam e, em última instância, se confundiam.

A própria dicionarização da época não foi muito além de uma descrição biológica para o vocábulo “feminino”, definindo-o apenas como “relativo às mulheres.”⁵⁴⁹ Em contrapartida, sabendo-se que o adjetivo “feminista” apontava para “partidário do feminismo”⁵⁵⁰, este último termo incorporava uma definição mais dilatada, aludindo ao

⁵⁴⁸ Cf. LÔBO, Yolanda. *Bertha Lutz*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores). _____. *Cecília Meireles*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana, 2010. (Coleção Educadores).

⁵⁴⁹ Eis a descrição completa do vocábulo: “**Feminino**, *adj.* Relativo ao sexo, caracterizado pelo ovário nos animais e nas plantas. Próprio de fêmea. Relativo às mulheres. (Lat. *femininus*).” FIGUEIREDO, Candido de. *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sociedade Editora, 1924, p. 634.

⁵⁵⁰ FIGUEIREDO, Candido de. *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*... p. 634.

“sistema dos que preconizam a ampliação legal dos direitos políticos e civis da mulher, ou a igualdade dos direitos dela aos do homem.”⁵⁵¹

O fato de os verbetes “feminista” e “feminismo” ainda serem contados como neologismos neste *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*, de 1924⁵⁵², aponta para um momento da história em que a luta pelos direitos das mulheres passava por um de seus ímpetos fundamentais, ainda cercado de estranhamentos e resistências, indefinições e/ou definições estritas.⁵⁵³ Não se dava maior ênfase, por exemplo, às especificidades dos anseios e dos direitos das mulheres, senão no sentido de se divisar uma paridade com relação aos dos homens. Seja como for, nota-se que, embora houvesse controvérsias, quaisquer esforços que se batiam pelos direitos das mulheres poderiam ser situados no movimento feminista.

Não se ignora que as disputas em torno dos significados de tais termos moviam interesses diferenciados, seja para fortalecer as próprias reivindicações em benefício das mulheres, como o fez Cecília Meireles, seja para atacar as variadas frentes do feminismo. Uma ilustração deste último caso encontra-se em resenha do livro *Nunca mais* (1923). Afirmava-se que um dos poemas - *Canção desilusória* - seria “muito mais feminino que o monóculo de Zilah Monteiro, a bengala de Mme. Chrysanthème, os congressos da Srta. Bertha Lutz e o patriotismo da professora Daltro.”⁵⁵⁴ Ao afastar a noção de *feminina* da de *feminismo*, o articulista, Terra de Senna, pseudônimo de Lauro C. Pereira Nunes⁵⁵⁵, em poucas linhas, golpeava alguns dos principais segmentos e modos de ação coletiva das mulheres, representados por suas lideranças.

Em síntese, atravessando batalhas político-semânticas e sociais, a soma de dissensões tomava curso em um mesmo macro movimento de mudança política e cultural a testar os limites de uma realidade em que as mulheres arcavam com opressões de toda ordem.

Dando continuidade à sua entrevista, às vésperas da inauguração da LMB, Cecília listou os fins da entidade. Explicou que a associação se propunha a

⁵⁵¹ FIGUEIREDO, Candido de. *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa...* p. 634. Itálico original.

⁵⁵² FIGUEIREDO, Candido de. *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa...* p. 634.

⁵⁵³ Cf. DUARTE, Constância Lima. “Feminismo e literatura no Brasil.” In: *Estudos Avançados*. Universidade de São Paulo (USP). 17 (49), p. 151-172, 2003.

⁵⁵⁴ DE SENNA, Terra. ““Nunca mais”, de Cecília Meireles”. In: *D. Quixote*. Ano 7. N. 338. Não paginado. Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1923.

⁵⁵⁵ Cf. FRANÇA, Patrícia de Souza. “*Livros para leitores*”: a atuação literária e editorial de Benjamin Costallat no Rio de Janeiro. Programa Nacional de Apoio à Pesquisa. Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/pesquisa/livros-leitores-atuacao-benjamin-costallat-ampliacao-publico/patricia_franca.pdf Acesso em 11 jan. 2020.

propagar entre as diversas classes de mulheres trabalhadoras o espírito associativo como sendo o processo mais eficaz de se coadjuvarem mutuamente: auxiliar e proteger, moral e materialmente, a mulher desvalida, procurando colocação para a quem a solicite, guiando-a e informando-a na procura de trabalho; proporcionar às associadas recreios intelectuais e artísticos, conferências instrutivas e concertos, jogos e recreios esportivos, fornecendo-lhes também uma vasta leitura moral pela composição de uma biblioteca escolhida; organizar, subordinadas a um duplo critério de educação artística e de proveito para a expositora, exposições de arte feminina; instituir cursos de puericultura, higiene e economia doméstica; velar pelos direitos do operariado feminino; criar nos bairros operários dispensários médicos para as crianças e mulheres das classes proletárias; fundar, à medida de seus recursos, escritórios de colocação, bazar para a venda dos trabalhos executados no lar, gabinetes de assistência judicial, cursos de datilografia, estenografia, escrituração comercial etc.⁵⁵⁶

O matiz assistencialista do discurso confirmava o que, até então, vinha sendo divulgado sobre a LMB. Mais: as lideranças se colocavam como um tipo de guia para seu público-alvo, com a missão de direcionar, moral e materialmente, quem fosse depositária do apoio. A voz própria de operárias, de outras assalariadas ou de desempregadas, que necessitassem de alguma proteção, não encontrava vez na carta de intenções da corporação. Em meio à única cidade brasileira, até então, com população superior a 1 milhão de habitantes⁵⁵⁷, previa-se que a ação legionária partiria do polo das condutoras para a outra ponta, de trabalhadoras e/ou de desamparadas, cujos saberes, ideias e crenças, em tese, deveriam se adequar a paradigmas pré-estabelecidos e coordenados.

Meireles, no entanto, assinalou sua objeção ao proselitismo de ordem doutrinária e/ou partidária. Postulou que a entidade deveria ser “revestida [...] de *caráter leigo, sem fins políticos*, destinando-se a pugnar pelos interesses e direitos das mulheres trabalhadoras [...]”⁵⁵⁸ Desse modo, autonomia e pluralidade não seriam vetores excluídos da compreensão da entrevistada, que relatou ainda o anseio de congregar, na LMB, “todas as nossas patrícias, ricas e pobres, titulares e operárias.”⁵⁵⁹

⁵⁵⁶ MEIRELES, Cecília. “Entrevista. Pela Mulher, para a Mulher!”. In: *A Noite*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 11 de março de 1920, p. 1.

⁵⁵⁷ Conforme o Censo realizado em 1920, a cidade do Rio de Janeiro contava com uma população de fato de 1.157.873 pessoas. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA A ESTATÍSTICA (IBGE). *Recenseamento de 1920* (4º Censo geral da população e 1º da agricultura e das indústrias). Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística. Volume IV (1ª parte). População. Rio de Janeiro: Tipografia da Estatística, 1926, p. IV. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=26463> Acesso em 12 abr. 2019.

⁵⁵⁸ MEIRELES, Cecília. “Entrevista. Pela Mulher, para a Mulher!”. In: *A Noite*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 11 de março de 1920, p. 1. Grifo nosso.

⁵⁵⁹ MEIRELES, Cecília. “Entrevista. Pela Mulher, para a Mulher!”. In: *A Noite*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 11 de março de 1920, p. 1.

Terminou sua fala convidando “todas as mulheres para a primeira grande assembleia geral, a realizar-se na próxima segunda-feira, 15 de março, na Associação dos Empregados do Comércio [...]”⁵⁶⁰

3.3. Explosão

O chamado para a aguardada inauguração da entidade ainda foi reiterado por outra das integrantes do quadro de fundadoras, Heloísa Lentz: “Vinde brasileiras! [...] vindes, vós todas que me ledes e vereis que no Brasil não haverá mais Mulher desamparada.”⁵⁶¹ Ao contrário de Cecília Meireles, Heloísa, ao exercer sua eloquência pela repetição do verbo *vir* no imperativo e do emprego da segunda pessoa do plural, invocou o jargão religioso para atrair audiência: “Vinde, amigas! [...] Pensais que sereis também apóstolas da Fé, da Esperança, da Caridade, apóstola que trabalhará para a elevação da Mulher Brasileira.”⁵⁶²

Sabe-se que, desde o início de sua formulação, ao longo de meses, a Legião da Mulher Brasileira abarcara certa variedade de percepções e de convicções. Havia simpatizantes do sufrágio universal e da ação caritativa, com saliência para este último aspecto. Quanto à defesa da laicidade e do catolicismo, do livre-pensamento e do nacionalismo, até então, os embates seguiam sendo contornados ou, pelo menos, não aprofundados, de modo a se permitir a concretização do projeto.

Como previsto, na segunda-feira, 15 de março de 1920, teve início o tão aguardado momento da criação oficial da LMB. No dia seguinte, jornais davam conta de que o Salão Nobre da Associação dos Empregados no Comércio, à Av. Rio Branco, nº 118⁵⁶³, Centro, segundo andar, estava lotado. Conforme a *Gazeta de Notícias*, a assembleia, iniciada às 17 horas, “tinha um aspecto animadíssimo e encantador, completamente cheio de

⁵⁶⁰ MEIRELES, Cecília. “Entrevista. Pela Mulher, para a Mulher!”. In: *A Noite*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 11 de março de 1920, p. 1.

⁵⁶¹ LENTZ, Heloísa. “Um apelo pró-“Legião da Mulher Brasileira.”” In: *A Noite*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 12 de março de 1920, p. 5.

⁵⁶² LENTZ, Heloísa. “Um apelo pró-“Legião da Mulher Brasileira.”” In: *A Noite*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 12 de março de 1920, p. 5.

⁵⁶³ Sobre a história da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, fundada em 1880, ver: AEC – ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em <http://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/associacao-dos-empregados-no-comercio-do-rio-de-janeiro> Acesso em 10 mar. 2019. Jornais da época apontam para o nº 118 como sede da AEC, cujo site, atualmente, indica o nº 120. Tendo em vista uma provável alteração posterior de tal numeração, decidimos manter a informação indicada pela imprensa do período analisado. Cf. *A Razão*. Rio de Janeiro. Sábado, 15 de maio de 1920, p. 3. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 16 de maio de 1920, p. 3.

senhoras e cavalheiros.”⁵⁶⁴ Na mesa havia tomado parte Cacilda Martins, Áurea Pires da Gama, Heloísa Lentz, Júlia Lopes de Almeida e Cecília Meireles, além do prestigiado professor, jornalista e ativista católico, Carlos de Laet⁵⁶⁵ e os padres João Gualberto do Amaral e Maximiliano da Silva Leite.

Este último foi descrito como porta-voz do Cardeal Arcoverde.⁵⁶⁶ Na realidade, mesmo informalmente, os demais homens que integravam a mesa também representavam o interesse da Cúria Romana, seja pela amizade pessoal e pela longa combatividade intelectual de Laet em prol da Igreja⁵⁶⁷ ou pela subordinação sacerdotal de João Gualberto. À ala laica da LMB tal composição, claramente partidária de uma religião, pode ter causado algum desconforto, tolerado, mais uma vez, pela intenção de promover um objetivo maior. Por seu turno, a vertente católica mostrou sua capacidade de influenciar a escolha dos convidados e seu poder para intervir nos rumos da agremiação.

Conforme noticiado, coube a Carlos de Laet o discurso inicial, por meio do qual atribuiu, à nascente obra, grande utilidade na defesa da mulher, em especial, de “criaturas [...] que deixam as fábricas, as oficinas e vivem à míngua, lutando com a insignificância de seus salários.”⁵⁶⁸ Explicitando o perfil de classe média/alta urbana, que prevalecia entre as fundadoras – Cecília era uma exceção - o orador frisou ainda como tal iniciativa não implicava no abandono dos prazeres do ócio, dos “vossos divertimentos”⁵⁶⁹, podendo-se, então, “reservar também alguns momentos para amparar as mulheres desgraçadas.”⁵⁷⁰

⁵⁶⁴ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março, 1920, p. 3. Sobre este jornal, fundado em 1875, e suas relações com as bases governistas da República Oligárquica (1889-1930), que lhe teriam facultado aporte econômico-financeiro e sofisticação na aparelhagem técnica, ver: LEAL, Carlos Eduardo. “Gazeta de Notícias”. In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbete temático. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/gazeta-de-noticias>. Acesso em 5 mar. 2019.

⁵⁶⁵ Sobre Carlos de Laet (1847-1927), um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, a qual presidiu de 1919 a 1922, ver: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. “Carlos de Laet”. Disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/carlos-de-laet>. Acesso em 05 set. 2019. Ver também o trabalho, ganhador do Prêmio CAPES de Teses em 2014. ALVES, Rosana Llopis. *Carlos de Laet: o magistério, a política e a fé*. 376 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense. Faculdade de Educação, 2013.

⁵⁶⁶ Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti (1850-1930) foi o primeiro Cardeal latino-americano, ordenado no Vaticano pelo Papa Pio X, em 1905. Esteve à frente da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, de 1897 até sua morte, quando foi sucedido por Dom Sebastião Leme. Cf. ANDRADE, Maria do Carmo. “*Cardeal Arcoverde*.” Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2009. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php>>. Acesso em: 17 mai. 2020.

⁵⁶⁷ ALVES, Rosana Llopis. *Carlos de Laet: o magistério, a política e a fé...*

⁵⁶⁸ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março, 1920, p. 3.

⁵⁶⁹ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março, 1920, p. 3.

⁵⁷⁰ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março, 1920, p. 3.

A seguir, a poetisa e professora Áurea Pires da Gama⁵⁷¹, chefe da Comissão de Filantropia, leu o discurso-programa da nova sociedade. Tratou ela “detalhadamente da situação da mulher, da necessidade do seu evoluir,”⁵⁷² da sua “sua responsabilidade na formação da vida social”⁵⁷³ e do “aproveitamento do espírito feminino na música, na literatura, na pintura, na escultura, no desenvolver, enfim, da sua bela inteligência, desabrochada em toda a plenitude.”⁵⁷⁴ Áurea exprimia uma concepção dinâmica, de evolução, do ser mulher, ao mesmo tempo em que aludia à responsabilidade pela formação da coletividade e à alocação do gênio feminino em nichos artísticos mais ou menos vistos como canais admissíveis de exercício de atividades intelectuais. Ou seja, mudanças ocupavam, sim, tal horizonte de análise. Rompimentos bruscos, não.

Nessa mesma linha, a diretora da Comissão Administrativa, Mlle. Heloísa Lentz, reproduziu seu apelo, publicado na última sexta-feira e recorreu ao linguajar de ressonância cristã - “apóstolo”, “fê”⁵⁷⁵ - para concitar os presentes a se engajarem na entidade.⁵⁷⁶

Na sequência, pronunciou um discurso “também muito aplaudido e apreciado”⁵⁷⁷, a “talentosa Mlle. Cecília Meireles, uma das mais entusiastas criadoras da instituição.”⁵⁷⁸ Alhures, relatou-se que a

senhorita Cecília Meireles conquistou desde as primeiras palavras a simpatia dos que a ouviam.
Moça, vibrando de entusiasmo pela causa que esposou e à qual dá todo o seu esforço inteligente, concitou as senhoras que ali se encontravam a que auxiliassem quanto possível a obra que se dedicara.⁵⁷⁹

Uma vez mais, como ocorrera em *A Noite*, Cecília foi descrita como uma cabeça de peso da organização e, ao que parece, realizou um discurso, em certa medida, protocolar, reiterando, provavelmente, alguns pontos já ressaltados, tanto por texto e entrevista da semana passada, quanto pelas falas que a antecederam na assembleia. Isso explicaria o fato de a imprensa não ter transcrito ou dado maior destaque a esse seu

⁵⁷¹ Áurea Pires da Gama (1876-1949), nascida em Angra dos Reis, desde muito cedo, escreveu poesia. Em 1898 publicou a coletânea de poemas, intitulada “Flocos de Neve”. Iniciou seus estudos em Minas Gerais e os concluiu no Rio de Janeiro, onde iniciou a carreira no magistério. Casou-se com o escritor Antônio Chichorro da Gama. Cf. COELHO, Nelly Novaes. “Áurea Pires da Gama”. In: *Dicionário crítico de escritoras brasileiras...* p. 80.

⁵⁷² *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março, 1920, p. 3.

⁵⁷³ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março, 1920, p. 3.

⁵⁷⁴ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março, 1920, p. 3.

⁵⁷⁵ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março, 1920, p. 3.

⁵⁷⁶ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março, 1920, p. 3.

⁵⁷⁷ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março, 1920, p. 3.

⁵⁷⁸ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março, 1920, p. 3.

⁵⁷⁹ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março de 1920, p. 10.

enunciado, ao final do qual leu os nomes componentes da diretoria da Legião da Mulher Brasileira.

De acordo com o noticiado, assim ficou estruturado o plano de órgãos e cargos administrativos:

Presidente de honra, a Exma. Sra. Mary Pessoa, esposa do Sr. presidente da República; presidente honorária, D. Júlia Lopes de Almeida; vice-presidente honorária, baronesa de Ibiapaba, representada pela Sra. Áurea [Anna] Cesar; presidente efetiva, condessa de Pereira Carneiro; vice-presidente efetiva, marechala Gomes Pimentel; diretora da comissão administrativa, senhorita Heloísa Lentz; secretária, senhorita Cecília Meireles; 1ª tesoureira, Sra. Olga Doyle; bibliotecária, Cecília Muniz; diretora da comissão artística, senhorita Margarida Lopes de Almeida; secretaria, Sra. Ângela Vargas Barbosa Vianna. Comissão de filantropia: diretora, Sra. Áurea Pires da Gama; secretária, Sra. Flora Heinzelmann.⁵⁸⁰

Proclamada a nova diretoria, discursou ainda Anna Cesar, passando, então, a palavra ao Monsenhor João Gualberto. A preleção deste testou os limites do pacto político-ideológico da LMB e fez estourar o conflito, até então, velado. Criada a expectativa de que fosse “em nome do bispo, abençoar a sociedade”⁵⁸¹, pregou que “a instituição não podia deixar de ser católica.”⁵⁸² Falando da Igreja, segundo o relato da *Gazeta de Notícias*, “entrou a criticar outras religiões, quando inúmeras senhoras levantaram-se em grupos, gesticulando, nervosamente, aos gritos: “Não pode! Não pode! Basta! Basta!””⁵⁸³. Ato contínuo:

Estabeleceu-se, então, grande tumulto. Senhoras desciam as escadas. Todos os assistentes se levantaram, enquanto o Dr. João Gualberto viu-se na necessidade de não continuar o seu discurso.

Momentos depois, o Dr. João Gualberto do Amaral, em companhia do padre Maximiano Leite, descia também as escadas da Associação dos Empregados no Comércio.

No salão continuavam os protestos, pois a nova associação era exclusivamente criada para amparar a mulher e não para discussões sobre religiões.

Mlle. Cecília Meireles, usando, por fim, da palavra, pediu à assistência que se conservasse calma explicando que na ‘Legião’ seriam admitidas todas as pessoas, conservando caráter leigo.

As palavras provocaram palmas e vivas de entusiasmo.

Estava assim terminada a assembleia de ontem da “Legião da Mulher Brasileira.”⁵⁸⁴

⁵⁸⁰ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março, 1920, p. 3.

⁵⁸¹ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março, 1920, p. 3.

⁵⁸² *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março, 1920, p. 3.

⁵⁸³ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março, 1920, p. 3.

⁵⁸⁴ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março, 1920, p. 3. Itálico nosso.

Nos dias que se seguiram, o escarcéu tomou as páginas da imprensa e dividiu opiniões. Para apoiar, enxovalhar ou ironizar, diferentes veículos de comunicação salientaram a atitude de Cecília Meireles de, enquanto livre-pensadora, batalhar pela laicidade da LMB. Ao contrário da entonação favorável à entidade e à Cecília, expressa pela *Gazeta de Notícias*, órgãos como o *A União* e o *Gil Blas* partiram em socorro à religião e para o ataque às adeptas do livre-pensamento.

O primeiro, como já visto, porta-voz do catolicismo, ainda em 1919 observara a ausência de espírito religioso no programa e a presença de protestantes e de livres-pensadoras entre os nomes das associadas, situando a organização fora dos moldes da Igreja.⁵⁸⁵ Apesar disso, reconhecia os bons intuitos das envolvidas e prestava votos de êxito à iniciativa. Após a assembleia de inauguração, porém, a amenidade deu lugar à acusação de recuo de posição, uma vez tendo a diretoria, supostamente, outorgado à obra uma essência católica. Para o redator pouco importava se tal afirmação pudesse se revestir de caráter estratégico na busca de legitimação da entidade. A bênção eclesiástica, teoricamente, havia sido solicitada, mas a recepção, de início, acolhedora, tornara-se hostil.⁵⁸⁶ Fundada “com apreciáveis elementos da nossa melhor sociedade”⁵⁸⁷, nenhuma delas, durante o quiproquó da assembleia, sequer insinuou “uma simpática atitude para com a religião em que todas as mulheres brasileiras foram educadas.”⁵⁸⁸

Na versão de *A União*, o padre João Gualberto não teria, propriamente, atacado outros credos, senão apenas cumprido seu dever ao falar “sobre alguns pontos de doutrina católica”⁵⁸⁹, quando “retiraram-se do recinto algumas senhoras protestantes e espíritas. Uma delas protestou publicamente contra as palavras do sacerdote.”⁵⁹⁰ Em gargalo interpretativo semelhante, outra folha informou que o sacerdote era “orador consumado e impetuoso”⁵⁹¹, que passara a abordar “questões de teologia e referiu-se ao catolicismo e ao protestantismo, deduzindo conclusões”⁵⁹², ponto em que “notou-se certo murmúrio na sala, chegando algumas pessoas a levantar-se.”⁵⁹³

Com o alastramento do bate-boca os sacerdotes foram embora e, em meio à confusão, fez-se escutar a voz de Cecília Meireles, a qual, então, dirigiu-se aos presentes,

⁵⁸⁵ Cf. *A União*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 30 de outubro de 1919, p. 1.

⁵⁸⁶ *A União*. Rio de Janeiro. 18 de março de 1920, p. 3.

⁵⁸⁷ *A União*. Rio de Janeiro. 18 de março de 1920, p. 3.

⁵⁸⁸ *A União*. Rio de Janeiro. 18 de março de 1920, p. 3.

⁵⁸⁹ *A União*. Rio de Janeiro. 18 de março de 1920, p. 3.

⁵⁹⁰ *A União*. Rio de Janeiro. 18 de março de 1920, p. 3.

⁵⁹¹ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março de 1920, p. 10.

⁵⁹² *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março de 1920, p. 10.

⁵⁹³ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março de 1920, p. 10.

“lamentando o deplorável fato e assegurando que a “Legião” prosseguiria nos seus benéficos intuitos, esperando o apoio de todos os corações bem formados, *independentemente de credo religioso.*”⁵⁹⁴ Nesse aspecto, o relato de *A União* não só convergiu com o da *Gazeta de Notícias*, como trouxe mais detalhes daquela intervenção:

Ausente o exmo. vigário geral, a sra. Cecília Meireles, secretária, estando onde se achava a mesa, bateu palmas, reclamou silêncio e declarou:

- A Legião da Mulher Brasileira será uma instituição leiga, acolherá pessoas de todos os credos religiosos. *Eu sou livre pensadora.* Mas a minha maneira de pensar nada tem com a orientação da instituição, que é amparar as mulheres desgraçadas, sem cogitar das crenças religiosas pelas mesmas professadas...⁵⁹⁵

No uso de sua eloquência, Cecília sinalizava o que entendia como laicidade, ou seja, não a exclusão de religiões e de seus seguidores, e, sim, a possibilidade de sua coexistência.⁵⁹⁶ Por meio desse norte, a instituição poderia agregar quaisquer pessoas interessadas, à revelia de crença ou de dogma. A escolha religiosa pertenceria ao âmbito individual, privado, e não deveria ditar os rumos de ações dotadas de espírito público, comprometidas com o bem comum. Para Meireles, a exemplo da ideia de neutralidade do Estado frente à diversidade de fé, à LMB não caberia assumir um exclusivismo confessional nem um declarado anticlericalismo. Tal questão haveria de ser indiferente à acolhida de sócias e ao cumprimento dos objetivos da entidade. Claro é, este anseio foi posto à prova em um cenário dominado por disputas de diferentes perspectivas, inclusive, à da própria Cecília Meireles.

Desde o século XIX, tomando à frente intelectuais, como os franceses Edgar Quinet (1803-1875) e Victor Hugo (1802-1885), a atitude filosófica do livre-pensamento caminhou lado a lado com uma cultura cívico-republicana. Tendo a defesa da laicidade do ensino ocupado um de seus principais motes, tal corrente política abrigava desde prosélitos mais radicais do anticlericalismo, com forte apelo descristianizador, até um espiritualismo laico.⁵⁹⁷ Segundo Fernando Catroga, se “se quiser encontrar uma expressão através da qual os defensores da laicidade dos finais do século XIX gostavam de se definir é a de ‘livres-pensadores’”⁵⁹⁸, com o lembrete de que “o movimento com as suas múltiplas

⁵⁹⁴ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março de 1920, p. 10. Itálico nosso.

⁵⁹⁵ *A União*. Rio de Janeiro. 18 de março de 1920, p. 3. Itálico nosso.

⁵⁹⁶ Sobre os conceitos de laicidade, laicismo, secularização, anticlericalismo e religião civil, ver: CATROGA, Fernando. *Entre deuses e céspedes: secularização, laicidade e religião civil: uma perspectiva histórica*. 2ª ed. Edições Almedina: Coimbra, 2010.

⁵⁹⁷ CATROGA, Fernando. *Entre deuses e céspedes...*

⁵⁹⁸ CATROGA, Fernando. *Entre deuses e céspedes...* p. 327.

formas sociabilárias de combate não foi filosófica, política e socialmente homogêneo.”⁵⁹⁹

Se na França predominaram teses agnósticas e ateias, no Brasil das primeiras décadas do século XX, apologistas da laicidade precisariam negociar mais com a preeminência do catolicismo, se quisessem alastrar seus espaços de atuação. Esse seria o caso de Cecília Meireles, que, como visto, há muito admirava a figura de Victor Hugo e prezava a liberdade de consciência. Não surpreende, portanto, que determinados seguidores do catolicismo reprovassem tal visão de mundo.

O autodenominado “panfleto nacionalista”⁶⁰⁰, fundado em fevereiro de 1919 e dirigido por Alcebíades Delamare Nogueira da Gama, aplaudiu “sem reservas as sensatas e oportunas palavras do ilustre Padre Dr. João Gualberto, proferidas na sessão inaugural da “L.M.B..”⁶⁰¹ Tais palavras teriam levantado “protestos indelicados e incortes por parte da assistência, esquecida dos mais comezinhos deveres de educação e da impropriedade do momento para tais explosões.”⁶⁰² A culpa pelo incidente, desse ponto de vista, pesava, exclusivamente, sobre as que, sentindo-se ofendidas, ousaram expressar seu descontentamento. Além disso, a nota pôs-se a profetizar que a LMB estava “fadada a morrer no nascedouro, se já começa com semelhantes dissídios e dá um caráter tão tumultuário e violento aos seus debates.”⁶⁰³ Recorrendo a um argumento esteado pelas noções de mando masculino e de inferioridade feminina, censurou as adeptas do livre-pensamento, com destaque para Cecília Meireles, identificada por seu papel de chefia do círculo de livres-pensadoras e já também por seu envolvimento com a arte poética:

Os chefes de família, sensatos e precavidos, pais e maridos, não poderão permitir que suas esposas e filhas frequentem um ambiente tão agitado, onde explosões, como a de segunda-feira, se reproduzirão seguidamente, se uma minoria intolerante, como era o *grupelho de exaltadas livre-pensadoras, chefiado pela poetisa Cecília Meireles*, persistir em sopitar, conter e sufocar o sentimento de uma maioria esmagadora, composta de senhoras católicas.⁶⁰⁴

⁵⁹⁹ CATROGA, Fernando. *Entre deuses e césores...* p. 327.

⁶⁰⁰ Cf. *Gil Blas*: panfleto nacionalista. Rio de Janeiro. N. 58. Ano II. 18 de março de 1920.

⁶⁰¹ *Gil Blas*: panfleto nacionalista. Rio de Janeiro. N. 58. Ano II. 18 de março de 1920, não paginado. Sobre o perfil político e editorial do *Gil Blas*, ver, em especial o terceiro capítulo de: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

⁶⁰² *Gil Blas*: panfleto nacionalista. Rio de Janeiro. N. 58. Ano II. 18 de março de 1920, não paginado.

⁶⁰³ *Gil Blas*: panfleto nacionalista. Rio de Janeiro. N. 58. Ano II. 18 de março de 1920, não paginado.

⁶⁰⁴ *Gil Blas*: panfleto nacionalista. Rio de Janeiro. N. 58. Ano II. 18 de março de 1920, não paginado. Itálico nosso.

Crivado por um conservadorismo⁶⁰⁵, a invocar noções arraigadas de casamento e de estirpe, de religião e de ameaças à aparente estabilidade de laços sociais, o enunciado embute-se de teor moralista e varonil. A figura do chefe de família desponta como instância normativa, como autoridade centralizadora de proibições e de permissões, em prejuízo da autonomia do pensar e do agir das mulheres, ocupassem elas as funções de esposas, de mães ou de filhas.

Como integrante desse campo político-ideológico, o articulista inverteu a fala de Cecília sobre a necessidade de se respeitar e fazer conviver diferentes crenças e impingiu àquela o exercício da intolerância, como se não houvesse, na LMB, condições de fala e de decisão para as sócias católicas. Na realidade, Meireles, vista – vale repetir - como prócer de um “grupelho de exaltadas livre-pensadoras”⁶⁰⁶, aquiesceu à influência das legionárias católicas até o limite do que seria razoável para a laicidade da instituição e para seu livre-pensar. Em seu entender e no de tantas outras mulheres, presentes à assembleia, João Gualberto havia se excedido em seu discurso.

Parte da avaliação, feita em *Gil Blas*, foi reproduzida em *A União*, que se referiu aos responsáveis por aquele periódico, como “os nossos muito estimados e ardorosos colegas”.⁶⁰⁷ Com efeito, ambos os órgãos comungavam de valores afins, em especial, a defesa do catolicismo como elemento constitutivo da identidade nacional, em contraposição a outras fés e à laicidade.⁶⁰⁸ *A União* reproduziu ainda uma carta aberta do escritor Austregésilo de Athayde (1898-1993) à “senhora carioca”⁶⁰⁹, publicada, originalmente, em *A Tribuna*, em que também censurava aquelas que se atreviam a desvencilhar-se da tutela doutrinária. Por um lado, correlacionando catolicismo e nacionalismo, e, por outro, livre-pensamento, antipatriotismo e ateísmo diabólico, o cronista arremessou:

⁶⁰⁵ Sobre a noção de conservadorismo, ver: BONAZZI, Tiziano. “Conservadorismo”. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Tradução de Carmen C. Varriale et al. Revisão geral de João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. Brasília: UNB, 1998. p. 242-246. VIANNA, Alexander Martins. “Conservadorismo”. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; MEDEIROS, Sabrina Evangelista & VIANNA, Alexander Martins. (Orgs.) *Dicionário crítico do pensamento da Direita: Ideias, instituições e personagens*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1999, p. 133-136.

⁶⁰⁶ *Gil Blas*: panfleto nacionalista. Rio de Janeiro. N. 58. Ano II. 18 de março de 1920, não paginado.

⁶⁰⁷ *A União*. Rio de Janeiro, 25 de março de 1920, p. 3.

⁶⁰⁸ Sobre o enlace entre nacionalismo militante e catolicismo, ver: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República...*

⁶⁰⁹ ATHAYDE, B. Austregésilo de. “À Senhora Carioca”. In: *A União*. Rio de Janeiro, 25 de março de 1920, p. 2. Sobre a trajetória de Belarmino Maria Austregésilo Augusto de Athayde, que em 1951 ocuparia uma das cadeiras da Academia Brasileira de Letras, ver: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. “Acadêmicos: Austregésilo de Athayde”. Disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/austregesilo-de-athayde/biografia> Acesso em 15 out. 2019.

De tais que querem a liberdade do pensamento, a pátria só pode esperar detrimientos. Não virá delas a geração que há de salvar esta terra. Nenhuma delas terá a virtude cívica da Mãe dos Fonsecas; nenhuma delas concorrerá para elevar o Brasil aonde os nossos peitos anseiam que ele estivesse.

Quando a mulher deixa de crer em Deus, começa logicamente a acreditar no Diabo, a obrar como o diabo, a consultar-se com o diabo. As livre-pensatrizes, que não vão à missa do padre André, vão ao candomblé do pai João fazer “um canjerê”. Não se benzem com o hissope, mas se borrifam com o raminho de arruda.

Não há livres-pensadores, muito menos livres-pensadoras. Há pernósticos e sapecas. Há sujeitos com dois dedos de pataquadas e muitos quilos de toleima, e senhoras sem juízo. Isto é o que há, para desgraça de todos nós.

Pernicioso exemplo, extremosa Mãe carioca, querem as inovadoras levar às vossas filhas. Não há boa intenção, quando o primeiro a ser hostilizado é Deus.⁶¹⁰

Contraposto às forças de inovação, como aquela representada pelas defensoras do livre-arbítrio, Austregésilo vinculou a confissão católica à virtude cívica, que condicionaria perfis como os dos marechais presidentes, Deodoro e Hermes da Fonseca. Igualmente, desmereceu religiões de matriz afro e tomou a figura do clero como Deus, contrastando as imagens de “padre André” e de “pai João”, de “missa” e de “canjerê”, de “hissope” (utensílio para aspergir água benta) e de “raminho de arruda” (usado para banhos de descarrego). Com sua retórica, buscou alarmar potenciais leitoras e confundir o protesto pelas falas do sacerdote na assembleia com a oposição ao próprio ente divino. Nesse rompante, uma vez tomado o catolicismo como elemento intrínseco à brasilidade, Athayde postulou, então, que a associação trocasse de nome. Não haveria uma Legião da Mulher Brasileira, mas sim, quando muito, uma “Legião das Feministas Brasileiras”, ou uma “Legião das Ateístas Brasileiras”, ou ainda, uma “Legião das Livres-Pensadoras Brasileiras.”⁶¹¹ O autêntico modelo de mulher brasileira imaginado caberia somente às que se assumissem cristãs e católicas.⁶¹²

Entre a afabilidade do relato da *Gazeta de Notícias* e o antagonismo dos discursos difundidos por *A União* e *Gil Blas*, houve ainda espaço para a ironia e a acidez de comentaristas como Manuel Bastos Tigre (1882-1957) e Afonso Henriques de Lima

⁶¹⁰ ATHAYDE, B. Austregésilo de. “À Senhora Carioca”. In: *A União*. Rio de Janeiro, 25 de março de 1920, p. 2.

⁶¹¹ ATHAYDE, B. Austregésilo de. “À Senhora Carioca”. In: *A União*. Rio de Janeiro, 25 de março de 1920, p. 2.

⁶¹² A expectativa de que a LMB se transformasse em núcleo irradiador de certa têmpera nacional também foi manifestada pelo Centro Acadêmico Nacionalista, cuja nota saudava “calorosamente a brilhante iniciativa das senhoras patrícias” e avaliava que sua “influência na formação do caráter da nossa nacionalidade é fator decisivo para a vitória do nosso nacionalismo. Cf. *A Noite*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 16 de março de 1920, p. 4.

Barreto (1881-1922). O primeiro, cuja carreira como jornalista iniciara-se em 1902 e vinha se caracterizando pela análise bem-humorada do cotidiano carioca⁶¹³, disse que acompanhou com satisfação as notícias sobre a LMB e avaliou: “[...] Que as damas entraram com decisão na campanha pró-feminina, provam-no as notícias da sessão inaugural em que se declarou, de maneira eloquente, a liberdade absoluta em matéria religiosa.”⁶¹⁴ Ressoando o discurso de Cecília Meireles, expôs: “Nem Deus, nem rei! Plena liberdade de consciência! Cada qual reze aos seus santos, no oratório lá de casa ou na igreja de sua devoção.”⁶¹⁵ Ressaltou ainda o que seria uma novidade da ocasião: “É, que eu saiba, a primeira reunião feminina em que tão claramente se consagra o livre pensamento.”⁶¹⁶

Em que pesassem tais palavras de apreço, o sarcasmo, tão caro ao estilo do autor, ditou toda a estrutura do texto, a começar pela nota de que a LMB era uma “organização feminina que faz questão absoluta de não ser “feminista.””⁶¹⁷ A esse virtual paradoxo da entidade, Bastos Tigre alfinetou os possíveis senões da postura em torno do livre-pensar:

Palavra que invejei os maridos das societárias casadas que, estes, decerto, em casa são livres de ter opinião sobre o molho da carne assada e as contas da modista; a menos que a liberdade de pensamento da Legião seja como a da Igreja do dr. Bagueira Leal: - Liberdade de pensar, de acordo com Augusto Comte. Não o creio, porém; as manifestações de liberdade religiosa foram francas, expressivas e explosivas. Elas não deixaram dúvida possível quanto à sinceridade dos intuítos de maximalismo espiritual que animava as *leaders* da Assembleia.⁶¹⁸

⁶¹³ Cf. FANGUEIRO, Maria do Sameiro. “Bastos Tigre”. In: “Personagens: Periódicos & Literatura”. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/bastos-tigre/> Acesso em 25 nov. 2020.

⁶¹⁴ TIGRE, Bastos. “A Legião”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 18 de março de 1920, p. 2.

⁶¹⁵ TIGRE, Bastos. “A Legião”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 18 de março de 1920, p. 2.

⁶¹⁶ TIGRE, Bastos. “A Legião”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 18 de março de 1920, p. 2.

⁶¹⁷ TIGRE, Bastos. “A Legião”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 18 de março de 1920, p. 2.

⁶¹⁸ TIGRE, Bastos. “A Legião”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 18 de março de 1920, p. 2. Quanto ao citado médico, dr. Joaquim Bagueira do Carmo Leal (1859-1942), foi um dos mais atuantes membros do Apostolado Positivista do Brasil, adepto da Religião da Humanidade, fundada por Auguste Comte. Cf. PEZAT, Paulo Ricardo. “A Revolução Federalista na perspectiva de um médico positivista: cartas do dr. Bagueira Leal a Miguel Lemos e a Teixeira Mendes.” In: *História em revista*. Revista do Núcleo de Documentação Histórica. v. 9 (2003), não paginado. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/issue/view/657/showToc> Acesso em 05 fev. 2020. Ver também: LINS, Ivan. *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964. (Coleção Brasileira, v. 322).

Questionando se as senhoras teriam feito bem ou mal em se rebelar diante dos sacerdotes, o colunista afirmou estar pouco afeito ao papel de juiz e preferiu não sentenciar nenhum dos lados. Insinuava que a pouca clareza do programa da Legião teria colaborado para a irrupção do bate-boca. A despeito disso, percorrendo parágrafos e preconceitos, no geral, há um tom brejeiro favorável ao associativismo das mulheres, que davam, aos homens, taxados de anti-agremiáveis, bons exemplos. Um desses modelos seria o de Leolinda de Figueiredo Daltro (1859-1935), professora que conseguira “organizar uma brigada feminina que tem, pelo menos, mais praças que as nossas guarnições nas fronteiras; se ainda não se bateu em campos de batalha, não é por falta de espírito belicoso; que o digam os vários prefeitos do Distrito.”⁶¹⁹

Figura-guia de passeatas e de pressão sobre políticos, a favor da equiparação de oportunidades educacionais e de direitos como o acesso ao voto, fundadora do Partido Republicano Feminino no início da década de 1910⁶²⁰, Daltro e o movimento feminista, como um todo, incomodavam a muitos, a exemplo de Lima Barreto.⁶²¹ Possuidor de uma verve anarco-libertária, o cronista participava das incoerências de seu tempo e escrevia em prol das mulheres, todavia, contra o feminismo. Em seus textos, combateu a violência praticada por maridos, amantes, sogros e namorados e, ao mesmo tempo, fez-se crítico da campanha feminista, acusando suas lideranças de importadoras de modismos. Ademais, ironizava os conflitos e divisões intestinos do movimento, bem como, por um lado, o que julgava ser o traço burguês e as formas de atuação de seus quadros sociais, e, por outro, o radicalismo de suas integrantes.⁶²²

Seu olhar sobre a reunião da LMB, portanto, não deixou de ser cáustico e de apontar o que avaliava como contrassensos. Começou relatando que não comparecera ao evento porque,

sendo homem, julgava não me ser permitido tomar parte na festa; mas, segundo os acontecimentos nos jornais que publicaram fotogravuras, vi bem que nessa Legião da Mulher tomava parte muitos homens.

Parece – não afirmo coisa alguma – que as nossas senhoras não se julgam perfeitamente aptas para esses trabalhos de sessões solenes;

⁶¹⁹ TIGRE, Bastos. “A Legião”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 18 de março de 1920, p. 2.

⁶²⁰ Cf. KARAWEJCZYK, Mônica. *As filhas de Eva querem votar...* 137-159.

⁶²¹ Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p.357.

⁶²² SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto...* p. 356-359. VASCONCELOS, Eliane. “Mais feminista que as feministas.” *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, p. 58-6. Ano 9. Nº 104. Maio 2014.

precisam, por isso, do auxílio masculino e este foi abundante na partida a que me refiro.⁶²³

Não seria impeditivo perceber que o convite feito a homens para compor a mesa de trabalho de solenidades feministas era uma prática disseminada⁶²⁴, ligando-se a uma busca por aceitação e por legitimação, ou seja, que se tratava de uma tática política, adotada com o propósito de beneficiar a causa. Porém, dado o tumulto presenciado, a caçoada tornou-se, uma vez mais, irresistível para Lima Barreto, que, após assinalar as distintas presenças de Carlos de Laet e de dois sacerdotes católicos, narrou:

A sessão parecia correr magnificamente, perfeitamente mansueta e cheia de beatitude, como era de esperar devido à influência do Espírito Santo que devia naturalmente estar presente. Creio que foi por sua obra e graça que se aclamou – “Presidente de honra” – a ilustre Sra. D. Mary de Sayão Pessoa, digníssima esposa do Sr. Presidente da República. Uma escolha destas está tão acima das faculdades humanas que somente uma inspiração sobrenatural podia ditá-la.⁶²⁵

Crítico de um jornalismo que vinha instituindo textos de colunas sociais, dados à prescrição de moda e comportamento, como a famosa *Binóculo*, da *Gazeta de Notícias*⁶²⁶, o autor também ironizou ao aconselhar que “a política da Igreja devia consistir em aproveitar cada vocação sacerdotal de acordo com as necessidades da catequese.”⁶²⁷ Assegurou estar “certo que esse agradável insucesso da celebrada oratória do Padre João Gualberto em nada influirá na diminuição ou acréscimo de seu auditório feminino, nas igrejas e matrizes dos bairros ricos.”⁶²⁸ Dessa perspectiva social, a escolha da Primeira Dama da República para presidente de honra da associação soaria como obviedade em um quadro de ações tidas como bem-comportadas.

⁶²³ BARRETO, Lima. “Legião da Mulher Brasileira”. In: *Jornal ABC*. Rio de Janeiro. Sábado, 27 de março de 1920, não paginado.

⁶²⁴ Também reuniões do Partido Republicano Feminino, por exemplo, contaram com a colaboração de homens. Cf. *O Paiz*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 30 de julho de 1912, p. 6.

⁶²⁵ BARRETO, Lima. “Legião da Mulher Brasileira”. In: *Jornal ABC*. Rio de Janeiro. Sábado, 27 de março de 1920, não paginado.

⁶²⁶ “Binóculo” era o nome de uma das primeiras colunas sociais da imprensa brasileira, escrita jornalista Figueiredo Pimentel. Cf. DORNELLES, Beatriz. “Evolução da coluna social ao longo do século XX.” In: *Revista Brasileira de História da Mídia*. Vol. 6, nº 2, p. 126-142, jul./dez. 2017. Para a crítica sobre esse tipo de jornalismo, ver: NUNES, Radamés Vieira. *Sobre crônicas, cronistas e cidade*: Rio de Janeiro nas crônicas de Lima Barreto e Olavo Bilac - 1900-1920. Dissertação (Mestrado). 194 f. Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

⁶²⁷ BARRETO, Lima. “Legião da Mulher Brasileira.” In: *A.B.C.* Rio de Janeiro, 27 de março de 1920, não paginado.

⁶²⁸ BARRETO, Lima. “Legião da Mulher Brasileira.” In: *A.B.C.* Rio de Janeiro, 27 de março de 1920, não paginado.

Lima Barreto, porém, deixou de assinalar que a intervenção de Cecília Meireles teria sido fundamental para que as “gentis patricias”⁶²⁹ não protagonizassem, à futebolística, “conflito nem pugilato.”⁶³⁰ Em paralelo, indicou que “esse chiavari de fundo religioso deu fim à sessão”⁶³¹, com a diretoria indicando que se convocaria outra reunião “em que se ponha de lado qualquer credo religioso”⁶³² – fala que, se comparada ao informado por outras folhas, coincidia com a voz de Cecília.

3.4. Resiliência

As legionárias levaram cerca de dois meses para recompor a associação. A barafunda inicial expusera fraturas internas e externas, que não deveriam impedir a concretização do ideal. Em anúncio de retomada dos trabalhos foi lembrada a frase atribuída ao pedagogo alemão Friedrich Fröbel (1782-1852), segundo a qual “é fraqueza desistir-se de coisa começada.”⁶³³ Dessa maneira, as

senhoras que tomaram a peito a causa de proteção e auxílio à mulher não desistiram, não esmoreceram no seu propósito, apesar de todos os contratemplos sobrevindos, malgrado toda a aberta animosidade de alguns, todo o contido ceticismo de muitos.

Não desistiram porque não há contratemplos nem ceticismo capazes de abater um ideal que nasce trazendo consigo a força fecunda do amor e da justiça. Não esmoreceram porque tiveram, desde o princípio, a aparências, a alta coragem de enfrentar preconceitos, opiniões e mal-entendidos, certas, plenamente certas de que com elas estava a razão.⁶³⁴

Admitia-se o abalo causado pelo escândalo da assembleia passada: “[...] Pode a Legião da Mulher Brasileira não se firmar definitivamente com a presteza que as suas fundadoras sonharam”.⁶³⁵ Porém, acionando a interface entre idealismo e materialidade, entre conceitos e existência palpável, informava: “Pode sofrer mais e maiores ataques do que tem sofrido. Resistirá. São as próprias circunstâncias, é o meio, a situação da mulher que lhe garantem duração e desenvolvimento.”⁶³⁶ Perfazia-se o comunicado convidando

⁶²⁹ BARRETO, Lima. “Legião da Mulher Brasileira.” In: *A.B.C.* Rio de Janeiro, 27 de março de 1920, não paginado.

⁶³⁰ BARRETO, Lima. “Legião da Mulher Brasileira.” In: *A.B.C.* Rio de Janeiro, 27 de março de 1920, não paginado.

⁶³¹ BARRETO, Lima. “Legião da Mulher Brasileira.” In: *A.B.C.* Rio de Janeiro, 27 de março de 1920, não paginado.

⁶³² BARRETO, Lima. “Legião da Mulher Brasileira.” In: *A.B.C.* Rio de Janeiro, 27 de março de 1920, não paginado.

⁶³³ *A Razão*. Rio de Janeiro. Sábado, 15 de maio de 1920, p. 3.

⁶³⁴ *A Razão*. Rio de Janeiro. Sábado, 15 de maio de 1920, p. 3.

⁶³⁵ *A Razão*. Rio de Janeiro. Sábado, 15 de maio de 1920, p. 3.

⁶³⁶ *A Razão*. Rio de Janeiro. Sábado, 15 de maio de 1920, p. 3.

a “mulheres de todas as classes e condições sociais”⁶³⁷ a comparecer à próxima sessão, a ocorrer no dia seguinte, dia 16 de maio, domingo, às 3 horas da tarde, no mesmo endereço de antes - sede da Associação dos Empregados no Comércio.

O texto, publicado em *A Razão* – jornal de tendência cristã racionalista, fundado em 1916, pelo ex-comerciante José Luís de Matos⁶³⁸ – não especificava o nome da (s) autora (s) da mensagem, que, hipoteticamente, representaria o coletivo. Nada obstante, é lícito intuir que Cecília Meireles estivesse à frente da redação do documento, seja pelas ideias e palavras, ali frisadas, seja pelo cargo que a mesma ocupava na LMB. No primeiro caso, expressões como “coragem de enfrentar preconceitos, opiniões e mal-entendidos”⁶³⁹, coadunavam-se com a atitude de Meireles, que saíra em defesa da laicidade da associação. No segundo aspecto, conforme art. 24, letra h, dos estatutos sociais da associação, à 1ª Secretária competia, “individualmente”⁶⁴⁰, “fazer convocação das reuniões da diretoria e da assembleia geral pela imprensa.”⁶⁴¹

No encontro seguinte, efetivaram-se algumas mudanças. Na diretoria de honra confirmou presença a sobrinha-herdeira do poderoso político e empresário, Joaquim Murtinho (1848-1911), a *socialite*, apelidada “marechala da elegância”⁶⁴², “princesa de mil vestidos”⁶⁴³, dona de salão, Laurinda Santos Lobo (1878-1946), investida no cargo de vice-presidente honorária. Da diretoria efetiva, o cargo de presidente passou à escritora e jornalista Anna V. Cesar. Mary Sayão Pessoa permaneceu indicada como presidente de honra – embora tenha abdicado do título, pouco depois.⁶⁴⁴ Júlia Lopes de Almeida continuou no cargo de presidente honorária e sua filha, que já vinha se destacando como declamadora, Margarida Lopes de Almeida⁶⁴⁵, à frente da diretoria artística. Cecília

⁶³⁷ *A Razão*. Rio de Janeiro. Sábado, 15 de maio de 1920, p. 3.

⁶³⁸ Este jornal, por meio de seu fundador, convertido ao espiritismo, defendia a melhoria das condições de vida do operariado, recusando-se a aceitar a violência como meio de solução para os problemas sociais. Tais problemas deveriam ser superados pela fraternidade, oriunda da clareza sobre a origem espiritual comum. Cf. *A Razão*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 19 de dezembro de 1916, p. 1 e 2. Ver também: LEAL, Carlos Eduardo. “Razão, A (Rio de Janeiro)”. In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbetes temáticos. Disponível em <https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/razao-a-rio-de-janeiro> Acesso em 29 mar. 2020.

⁶³⁹ *A Razão*. Rio de Janeiro. Sábado, 15 de maio de 1920, p. 3.

⁶⁴⁰ *Jornal do Brasil*. Segunda-feira, 20 de setembro de 1920, p. 4.

⁶⁴¹ *Jornal do Brasil*. Segunda-feira, 20 de setembro de 1920, p. 4.

⁶⁴² MACHADO, Hilda. *Laurinda Santos Lobo: mecenas, artistas e outros marginais em Santa Teresa*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002, p. 108.

⁶⁴³ MACHADO, Hilda. *Laurinda Santos Lobo...* p. 110.

⁶⁴⁴ Cf. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 2.

⁶⁴⁵ Nas décadas de 1920 e 1930, Margarida Lopes de Almeida percorreu palcos de diversos países - como, além do Brasil, Argentina, Uruguai, Portugal, Espanha, França, Bélgica e Egito - nos quais protagonizou espetáculos de recitação. Em 1937 ela reuniu em livro alguns dos principais poemas declamados – sendo um de própria autoria – homenageando autores/as que contribuíram com seu repertório. Integraram a seleta,

Meireles manteve-se como secretária, ofício a partir do qual deu prosseguimento às batalhas por suas convicções. Na ocasião, uma vez mais, sua participação foi destacada por diferentes órgãos de imprensa.

Pela *Gazeta de Notícias* foi mencionado como

Mademoiselle [Cecília Meireles] inicia a sua alocução com uma graça modesta de escolar. ‘É simplesmente a secretária da associação. Vivida humilde, ignorada, na sua posição. Quiseram, porém, que ela dissesse algumas palavras sobre os fins da Legião da Mulher Brasileira e ela ali está, deslocada do seu ambiente, desincumbindo-se de tão pesada missão.’

Aborda, em seguida, o problema do feminismo no Brasil. A mulher, é indiscutível, deve ilustrar-se, bater-se pelo seu engrandecimento no sentido de que umas possam amparar as outras.

Assim, interrompida várias vezes por aplausos, conclui o seu discurso, concitando a mulher brasileira a congregar-se, a fim de que numa ação conjunta ela possa conquistar a vitória dos seus ideais.⁶⁴⁶

Por essa versão, deduz-se que Cecília - despreziosa, todavia, determinada - reiterou seu engajamento em uma ala do feminismo com enfoque gregário e social. O associativismo tornou a ser posto como um dos pilares de seu juízo político sobre a transformação realidade, guiando-se por princípios altruístas.

Descrição mais ampla de sua intervenção foi feita por *O Imparcial*, jornal que, desde quando fundado, em 1912, por José Eduardo de Macedo Soares, foi um dos pioneiros da imprensa carioca a enriquecer suas páginas com ilustrações.⁶⁴⁷ Esta folha

textos de Castro Alves, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho, Alberto de Oliveira, Hermes Fontes, Martins Fontes, Filinto de Almeida, Guilherme de Almeida, Olegário Mariano, Luiz Peixoto, Gilka Machado, Afonso Lopes de Almeida, Bastos Tigre, Maria Eugênia Celso, Cleómenes Campos, Ana Amélia Carneiro de Mendonça, Raul Machado, Álvaro Moreira, Antônio Machado, Eduardo Marquie, Federico Garcia Lorca, Alvaro de las Casas, Juana de Ibarbourou, Luis Cané, João del Deus, Antero de Quental, Antônio Feijó, Augusto Gil, Augusto de Sta. Rita, Fernanda de Castro, Edmond Rostand, M. Zamocois, Charles Cros e Paul Géraudy. Na apresentação da obra, Margarida ressaltou que este seria o primeiro de outros volumes, o que justificaria a ausência, nesta coleção inicial, de determinados poetas. Ver: ALMEIDA, Margarida Lopes de. *Versos que eu digo*. Rio de Janeiro: Edições Rudá, 1937. In: BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MIDLIN. Acervo Digital. Universidade de São Paulo (USP). Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/simple-search?query=lopes+de+almeida> Acesso em 12 mai. 2019. Quanto ao envolvimento de Margarida com o movimento feminista, vale lembrar de sua participação como membro da delegação brasileira do 10º Congresso da Aliança Internacional pelo Sufrágio Feminino (IWSC), ocorrido na cidade de Paris, em 1926. Cf. KARAWAJCZYK, Mônica. *As filhas de Eva querem votar ...* p. 303. Para mais informações sobre essa intelectual, ver: MARGARIDA, Lopes de Almeida. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa216419/margarida-lopes-de-almeida>. Acesso em: 01 de Mar. 2020. Ver também: *Diário de Notícias*. “A grande declamadora brasileira, D. Margarida Lopes de Almeida: fala-nos de sua vida de artista.” Funchal, Ilha da Madeira (PT). Domingo, 8 de maio de 1934, p. 1. Disponível em <https://biblioteca-abm.madeira.gov.pt/media/publicacoesPeriodicas/Jornais/DiarioNoticias/1934/PT-ABM-COLJORN-19340506.pdf> Acesso em 01 mai. 2020.

⁶⁴⁶ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 2.

⁶⁴⁷ José Eduardo de Macedo Soares (1882-1967) foi deputado federal e jornalista. Fez oposição a Hermes da Fonseca, quando da intervenção federal na Sedição de Juazeiro (Ceará), em 1914, e aderiu à chamada

dedicou quase toda uma página à sessão da LMB, seguida de fotos e texto. Analogamente, *A Razão* deu grande destaque ao episódio, conjugando imagens e texto no centro da primeira página.⁶⁴⁸ Já à revista *O Malho* coube a imagem mais nítida das integrantes da mesa, abaixo.

Imagem 20. *Mulheres ilustradas. Lado a lado, jovens e adultas, abastadas e remediadas. Da esquerda para a direita: Olga Doyle, Cecília Meireles, Anna César, Laurinda Santos Lobo, Margarida Lopes de Almeida, Luzia Serrano e Luzia Maris.*



(Fonte: *O Malho*. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1920, não paginado. Ano XIX. N. 923. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 7 jun. 2019. Na legenda, lê-se: “No salão da Associação dos Empregados no Comércio realizou-se, domingo último, a cerimônia da posse da diretoria da Legião da Mulher Brasileira, de que é presidente a Sra. D. Anna César, nossa ilustre colaboradora. Na fotografia acima, vê-se D. Anna César, a terceira à direita, e a Sra. Santos Lobo e as senhorinhas Cecília Meireles, Olga Doyle, Margarida Lopes de Almeida, Luzia Serrano e Luzia Maris.”).

Segundo o noticiado, em certo momento foi dada a palavra a Cecília Meireles, que começou o discurso explicando que, apesar de caber-lhe, basicamente, na qualidade de secretária, a tarefa de lavrar a ata daquela sessão, a ela foram solicitadas algumas palavras sobre os fins da instituição. Afirmou que não poderia se furtar a tanto, posto que “por esse ideal da elevação da mulher venho dedicando as minhas melhores energias.”⁶⁴⁹ Precavida de que seu devotamento à causa e sua evidência pudessem despertar ciúmes, inveja ou

Reação Republicana, em 1922. Cf. PECHMAN, Robert. “SOARES, José Eduardo de Macedo.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbete biográfico. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/soares-jose-eduardo-de-macedo> Acesso em 29 mar. 2020.

⁶⁴⁸ Cf. *A Razão*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 7 de maio de 1920, p. 1.

⁶⁴⁹ *A Razão*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 7 de maio de 1920, p. 1.

arrivismo, importou-se em justificar: “[...] E foi por isso – e geralmente é sempre assim, um simples acaso... – foi por isso que eu passei de ontem para hoje, a oradora e oradora oficial, parece, de uma associação de que era modesta e simplesmente secretária.”⁶⁵⁰ Com eloquência e como que criticando jogos de vaidade no seio da associação e em meio à plateia, salientou mais: “Não irei agora discutir aqui meu mérito: que penso ser muito pequeno e que vós, mais argutos do que eu, deveis saber que é nulo.”⁶⁵¹

A secretária da LMB, na sequência, recobrou o argumento já difundido de que os problemas transcorridos, durante a última assembleia, seriam ou deveriam ser superados, por meio de um obstinado esforço de argumentar, de convencer e de fazer vingar os ideais: “[...] Otimismo chamo eu à perseverança, à firme certeza de vencer – convencendo, persuadindo, na infiltração lenta de um princípio.”⁶⁵² Isso seria a síntese de uma “grande vida, que Vigny definiu como um pensamento da juventude, levado firmemente, pacientemente, a uma realização na idade madura.”⁶⁵³ Ao aludir ao famoso trecho do romance histórico *Cinq-Mars*, do poeta filosófico francês, Alfred de Vigny (1797-1863)⁶⁵⁴, Cecília deu mais um recado de sua resolução em lutar pelo êxito da organização, da qual não desistiria facilmente. Mais do que isso, ao citar o nome de um autor, que havia se desiludido com a dimensão eclesiástico-dogmática da religião e se embrenhado pela especulação de cunho existencial⁶⁵⁵, Meireles, de alguma forma, assinalou a linguagem política que, no seu entender, haveria de nortear os passos da LMB. Desse modo, em seu discurso, não recorreu a um léxico de vestes bíblicas nem a uma autoridade teológica, mas ao pensamento de um escritor, que, ao lado de Victor Hugo, fora um dos principais expoentes do Romantismo de língua francesa.

Passou, então, a relatar como vinha escutando “as palpitações do coração social”⁶⁵⁶, tendo-o “sentido débil”⁶⁵⁷, “sentido doente, sem força nem euritmia.”⁶⁵⁸ Na qualidade de habitante da capital federal, mostrou-se atenta às assimetrias e às angústias

⁶⁵⁰ *A Razão*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 7 de maio de 1920, p. 1.

⁶⁵¹ *A Razão*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 7 de maio de 1920, p. 1.

⁶⁵² *A Razão*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 7 de maio de 1920, p. 1.

⁶⁵³ *A Razão*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 7 de maio de 1920, p. 1.

⁶⁵⁴ No original: “Amis, qu’est-ce qu’une grande vie, sinon une pensée de la jeunesse exécutée par l’âge mûr?” VIGNY, Alfred de. *Cin-Mars* (Une conjuration sous Louis XIII). [1826]. Paris: Ebooks libres et gratuits, 2009, p. 258. Disponível em <http://www.ebooksgratuits.com/> Acesso em 19 abr. 2020.

⁶⁵⁵ Cf. CASTEX, Pierre-Georges. “Alfred-Victor, count de Vigny”. In: *Encyclopedia Britannica*. Disponível em <https://www.britannica.com/biography/Alfred-Victor-comte-de-Vigny> Acesso em 19 abr. 2020.

⁶⁵⁶ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 3.

⁶⁵⁷ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 3.

⁶⁵⁸ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 3.

a seu redor, evocando outra metrópole, a qual, por sua vez, apesar dos impactos da Grande Guerra sobre o imaginário da *Belle Époque*, continuava a fascinar:

Tenho visto entre nós o que um moderno pensador vê em Paris: “criaturas que não pertencem a nenhuma classe, a nenhuma profissão, seres privados de bússola social, espíritos desorientados, que o tédio, o cansaço, a desocupação, a nevrose impelem à procura de sensações novas, à procura de frêmitos emocionais desconhecidos; e são capazes de todas as excentricidades, de todas as aberrações”.⁶⁵⁹

Embora, antepondo o artigo indefinido “um”⁶⁶⁰, não tenha revelado exatamente a qual “moderno pensador”⁶⁶¹ havia se referido, não seria despropositado conceber que se tratasse, de novo, das ideias de Vigny. Ou, ainda, se o que passava em sua mente, pelas referências ao tédio parisiense e à desorientação, eram versos de Charles Baudelaire (1821-1867)⁶⁶², ou, pela nevrose ou neurose, ponderações de Sigmund Freud (1856-1939).⁶⁶³ Nas obras de tais autores se encontram diagnósticos de indivíduos, em especial, daqueles imersos em cenários urbanos, atravessados por um processo de modernização, pelo vazio existencial ou pela frustração da busca de significação para a vida. A tais distúrbios, de ordem psíquica e social, conforme Cecília Meireles, responderia não a adesão cega à religião, mas o estabelecimento de condições favoráveis ao fortalecimento de vínculos familiares, em especial, àqueles entre mães e filhos, tidos como indispensáveis à própria eficácia da ação escolar. Espelhando aquela imagem parisiense no Rio de Janeiro, ponderou:

Como não ser assim, se uma grande parte da mocidade atual não teve a infância amparada pelo exemplo do lar e entrou na vida, a vida febril da capital, tendo para íntimo conforto, apenas, essas palavras consoladoras de dedicação, de fé, que se ouvem na escola, mas que, infelizmente, ditas embora pela boca do mestre mais amigo, não têm o poder que teriam se viessem na ternura e na convicção da voz maternal.⁶⁶⁴

A aceleração do ritmo de vida e a precariedade das condições de trabalho das mulheres estariam modificando, negativamente, a relação das mesmas com seus/suas filhos/filhas: “E como podem as mães falar aos filhos, se a necessidade as arrasta às oficinas, aos armazéns, aos escritórios: É a azáfama, o torvelinho da vida cada vez mais

⁶⁵⁹ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 3.

⁶⁶⁰ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 3.

⁶⁶¹ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 3.

⁶⁶² Cf. BAUDELAIRE, Charles. *O spleen de Paris*: pequenos poemas em prosa. [1868]. Tradução de Alessandro Zir. Porto Alegre: LP&M, 2016. (Pocket). Ver também: SVENDSEN, Lars. *Filosofia do tédio*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2006.

⁶⁶³ Ver, por exemplo: FREUD, Sigmund. *Conferências introdutórias à Psicanálise* (1916-1917). Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Obras completas, v. 13).

⁶⁶⁴ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 3.

difícil...”⁶⁶⁵ Com efeito, na vertiginosa capital, mulheres ocupavam cerca de 26,8% da mão de obra industrial.⁶⁶⁶ Nas 37 fábricas do ramo têxtil, recenseadas em 1920, cerca da metade da classe trabalhadora pertencia o sexo feminino.⁶⁶⁷ Ressalte-se ainda o registro de 4.592 menores de 14 anos de idade, atuando como operários jornaleiros.⁶⁶⁸ O trabalho infantil, o achatamento do nível médio dos salários e a carestia⁶⁶⁹, agravariam uma situação em que, segundo oratória de Cecília, “não há tempo”⁶⁷⁰, em que mães seriam impelidas a esquecer “o gesto de carícia”⁶⁷¹, com “a voz perdendo a inflexão das frases de amor e de coragem...”⁶⁷²

Adiantando-se à possível interpretação de que tal enunciado soasse como oposição ao trabalho feminino ou como anuência à opinião de que às mulheres caberia somente serviços domésticos - tese, de resto, refutada pela premência dos meios materiais de sobrevivência – Meireles elucidava, em nome da LMB:

[...] não condenamos a oficina, o escritório, os armazéns – mas condenamos o utilitarismo absorvente, o utilitarismo que ameaça confundir os sexos ou criar um gênero neutro, amorfo em que as mulheres e os homens, não são homens nem mulheres – mas inqualificáveis concorrentes a esta feira da vida, e cada qual mais interessado pelo próprio lucro, pela vantagem própria. [...] achamos muito digno o trabalho feminino, mas queremos que em vez de mulheres artistas, operárias, funcionárias ou professoras – haja a professora, a funcionária, a operária, a artista – mulher. Esse é o ideal que nos congrega.⁶⁷³

⁶⁶⁵ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 3.

⁶⁶⁶ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA A ESTATÍSTICA (IBGE). *Recenseamento de 1920* (4º Censo geral da população e 1º da agricultura e das indústrias). Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística. Volume IV (1ª parte). População. Rio de Janeiro: Tipografia da Estatística, 1926, p. 163. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=26463> Acesso em 12 abr. 2019.

⁶⁶⁷ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA A ESTATÍSTICA (IBGE). *Recenseamento de 1920* (4º Censo geral da população e 1º da agricultura e das indústrias). Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística. Volume IV (1ª parte). População. Rio de Janeiro: Tipografia da Estatística, 1926, p. 163. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=26463> Acesso em 12 abr. 2019.

⁶⁶⁸ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA A ESTATÍSTICA (IBGE). *Recenseamento de 1920* (4º Censo geral da população e 1º da agricultura e das indústrias). Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística. Volume IV (1ª parte). População. Rio de Janeiro: Tipografia da Estatística, 1926, p. 163. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=26463> Acesso em 12 abr. 2019.

⁶⁶⁹ Cf. SCHWARCZ, Lília Moritz. “População e sociedade.” In: _____ (Dir.). *A abertura para o mundo* (1889-1930). Rio de Janeiro: Editora Objetiva/Fundación Mapfre, 2012, p. 35-84. (Coleção História do Brasil Nação: 1808-2010).

⁶⁷⁰ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 3.

⁶⁷¹ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 3.

⁶⁷² *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 3.

⁶⁷³ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 3.

De acordo com a visão da jovem, o esmaecimento da identidade de gêneros, encarnada na díade masculino-feminino, fomentaria disputas egoístas, de monta a afrouxar laços sociais, de cuidados mútuos. Sua fala parecia buscar um difícil ponto de equilíbrio entre o apoio à mulher batalhadora, autônoma, agente de sua própria história, e a valorização do aspecto maternal, isto é, do zelo para com o lar e a família. Dificuldade esta que impregnaria a própria experiência de ser mulher naquele momento de mudanças sociais, econômicas e culturais, tensionando a acumulação de diversas exigências, laborais e afetivas.⁶⁷⁴ Àquelas coagidas pelas circunstâncias, atingidas pela debilitação material e psicológica, voltar-se-ia a LMB. Explicando melhor:

[...] que a mulher, no seio da Legião, desenvolva ao lado do pensamento, o sentimento e o caráter! E que, para felicidade das gerações futuras, sejamos para nossas irmãs, não a camarada, não a colega, não a companheira, que temos sido – mas a amiga, que lhe compreenda as fraquezas, o desalento, as irresoluções e possa dar-lhe coragem, ânimo e confiança para olhar frente a frente a vida e a morte.⁶⁷⁵

Com essas palavras, Cecília encerrou seu discurso. Antes dela, na condição de convidado, discorrera o eminente político, advogado e jornalista rio-grandense, Artur Pinto da Rocha (1860-1930).⁶⁷⁶ A lição fora aprendida: a presença deste homem público, em vez de algum religioso ou sacerdote, afastaria maiores riscos de polêmicas sobre questões de fé e preservaria o aspecto laico da associação; ao mesmo tempo, reanimaria a credibilidade da iniciativa, arranhada pela celeuma de sua primeira assembleia.

A exposição de Pinto da Rocha promoveu uma articulação entre valores tradicionais e modernos e, nesse aspecto, assemelhou-se ao balanceamento trazido pela fala da secretária. Contudo, o orador destacou tópicos distintos: por um lado, “fez a apoteose da família e da Pátria”⁶⁷⁷, reiterando o arraigado papel social da mulher, enquanto núcleo fundamental da ordem e do patriotismo; por outro, mostrou-se favorável a certos avanços do tempo, em especial, ao atacar o art. 6º do Código Civil, em vigor

⁶⁷⁴ Cf. PRIORE, Mary Del. & PINSKY, Carla Bassanezi. *História das Mulheres no Brasil...* HOLANDA, Heloísa Buarque de.(Org.) *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

⁶⁷⁵ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 3.

⁶⁷⁶ Cf. FORTES, Betty Borges. “Arthur Pinto da Rocha.” In: ACADEMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS. Disponível em <http://www.arl.org.br/academicos/quadro-academico/arthur-pinto-da-rocha> Acesso em 6 ago. 2020. Ver também: LOPES, Raimundo Helio Lopes & NOLL, Izabel. “ROCHA, Artur.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionário da Elite Republicana (1889-1930). Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica/7> Acesso em 6 ago. 2020.

⁶⁷⁷ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 3.

desde 1917.⁶⁷⁸ Este artigo definia como relativamente incapazes, ao lado de pródigos – quem dilapida seus bens de forma compulsiva – silvícolas – indígenas - maiores de 16 (dezesesseis) e menores de 21 (vinte e um) anos, “as mulheres casadas, enquanto subsistir a sociedade conjugal.”⁶⁷⁹ Por tal instrumento, a mulher, legalmente, dependia da autorização do marido para exercer profissão e para administrar seus próprios bens e os bens comuns do casal. O marido, enquadrado como chefe da sociedade conjugal, era o representante legal da família.⁶⁸⁰

Detendo-se nesse problema, Pinto da Rocha, de forma um tanto arrojada para sensibilidades mais conservadoras, asseverou: “O casamento, assim, é um martírio para a mulher: deveis, portanto, namorar sempre, não vos casando nunca.”⁶⁸¹ E concluiu “pedindo à Legião da Mulher Brasileira que tomasse para si a incumbência de solicitar a supressão do art. 6º do Código, por injusto e irritante, a fim de que possa a mulher ficar, no seio da família, em idênticas condições às do homem.”⁶⁸²

Ao fim da reunião, noticiou-se que, naquele mesmo dia, 15 de maio de 1920, a associação passara um telegrama ao Presidente da República, Epitácio Pessoa (1865-1942). Ao “primeiro magistrado da República”⁶⁸³ foram comunicados votos de que o Brasil desse “ao mundo e, especialmente, aos nossos irmãos paraguaios, um público testemunho dos nossos sentimentos de fraternidade”⁶⁸⁴, com a solicitação de que fossem suprimidas “as cerimônias comemorativas das vitórias de 24 de maio e 11 de junho”⁶⁸⁵, bem como designado

um dia para se render, em todo o Brasil, culto cívico de gratidão a todos aqueles que nos diferentes domínios da atividade humana, quer nos

⁶⁷⁸ Após se arrastar, desde o século XIX, a codificação das leis civis, enfim, veio a se concretizar pelas mãos de Clóvis Beviláqua (1859-1944), autor do projeto que culminou no primeiro Código Civil brasileiro, promulgado em 1º de janeiro de 1916 e vigente a partir de 1º de janeiro de 1917. Cf. DINIZ, Maria Helena. “Código Civil de 1916”. In: BITTAR, Eduardo C. B. (Org.). *História do Direito Brasileiro: Leituras da Ordem Jurídica Nacional*. 2ª Ed. Rev. ampl. São Paulo: Editora Atlas, 2010, p. 229-240.

⁶⁷⁹ LEI Nº 3.071, DE 1º DE JANEIRO DE 1916. Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1910-1919/lei-3071-1-janeiro-1916-397989-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em 4 fev. 2020.

⁶⁸⁰ Somente em 1962, com a promulgação do Estatuto da Mulher Casada – que incorporaria dispositivos do projeto do Estatuto da Mulher, proposto por Bertha Lutz, em 1937 - as mulheres tornaram-se parte igualitária na administração da sociedade conjugal, passando a ter plena capacidade nas suas ações jurídicas. Cf. AIRES, Kássio Henrique dos Santos. “A mulher e o ordenamento jurídico: uma análise do tratamento de gênero pela legislação civil brasileira.” In: *Revista Âmbito Jurídico*. nº 166. Ano XX, não paginado. Nov. 2017. Disponível em <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-civil/a-mulher-e-o-ordenamento-juridico-uma-analise-do-tratamento-de-genero-pela-legislacao-civil-brasileira/> Acesso em 7 fev. 2020.

⁶⁸¹ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 3.

⁶⁸² *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 3.

⁶⁸³ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 3.

⁶⁸⁴ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 3.

⁶⁸⁵ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 3.

campos de batalha, como nas lides da Paz, no mar e em terra, defenderam e serviram à nossa pátria como soldados ou estadistas, homens de ciência ou de letras, artistas ou industriais.⁶⁸⁶

A mensagem expressava parte dos anseios de um mundo ainda sob os efeitos da Grande Guerra (1914-1918), das tratativas e das tentativas de construção de alguma paz. Em consonância com um pacifismo ativo, crítico de justificações belicistas, que exaltavam a valentia guerreira, em desfavor de atividades civis, o documento batia-se pela elaboração de outras práticas simbólicas. Em vez de se celebrar as datas da Batalha do Tuiuti (24 de maio de 1866) e da Batalha Naval do Riachuelo (11 de junho de 1865) – determinantes para a vitória do Brasil e de seus aliados contra o Paraguai, de Solano López⁶⁸⁷ – ousava-se propor a criação de outro marco comemorativo, em homenagem não só a militares, como também a estadistas, cientistas, literatos, artistas e industriais. Igualar-se-iam em importância tanto os que defenderam a pátria com armas, em face de agressões externas, quanto os que a serviram, de modo exemplar, por meios civis e não-violentos. Apesar de surgir em um momento de aproximação diplomática entre Brasil e Paraguai, em que se discutia, inclusive, o perdão da dívida de guerra deste último e a minoração da influência da Argentina em terras paraguaias⁶⁸⁸, a petição não logrou o efeito desejado⁶⁸⁹. Fez-se franco, em compensação, mais um elemento das ideias políticas, que cruzava a LMB e nela encontrava partidárias.

Havia, enfim, chegada a hora de pôr em prática o programa da congregação e, mais uma vez, Cecília Meireles empenhou-se por se manter à frente do trabalho. Durante a primeira quinzena de julho, por exemplo, labutou, junto à diretoria, pela aprovação “do programa de ensino e da inauguração de diversos cursos”⁶⁹⁰, confiando “a um habilitado corpo docente, a direção das aulas, para as quais se acha inscrito elevado número de

⁶⁸⁶ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 3.

⁶⁸⁷ Cf. DORATIOTO, Francisco Fernando M. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

⁶⁸⁸ Ressalte-se que a suspensão da dívida de guerra do Paraguai para com o Brasil ocorreria somente 1943. Cf. DORATIOTO, Francisco Fernando M. *Relações Brasil-Paraguai: afastamento, tensões e reaproximação (1889-1954)*. Brasília: FUNAG, 2012.

⁶⁸⁹ Ver, por exemplo: *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 14 de junho de 1920, p. 8. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Domingo, 12 de junho de 1921, p. 8. Ainda hoje, o Exército Brasileiro toma o 24 de maio como o Dia da Infantaria; e a Marinha comemora sua Data Magna em 11 de junho. Cf. MINISTÉRIO DA DEFESA. EXÉRCITO BRASILEIRO. “Alusivos e Ordem do Dia - 24 de maio, Dia da Infantaria.” Disponível em https://www.eb.mil.br/web/noticias/alusivos-e-ordem-do-dia/-/asset_publisher/QKzf8DsobUm1/content/24-de-maio-dia-da-infantaria/16541 Acesso em 8 abr. 2020. MINISTÉRIO DA DEFESA. MARINHA DO BRASIL. “Datas comemorativas.” Disponível em <https://www.marinha.mil.br/datas-comemorativas> Acesso em 8 abr. 2020.

⁶⁹⁰ *O Paiz*. Rio de Janeiro. Domingo, 18 de julho de 1920, p. 12. Notícia referente à assembleia da Legião da Mulher Brasileira, ocorrida em 15 de julho de 1920.

alunas.”⁶⁹¹ No uso da palavra, em nova reunião, “apresentou aos assistentes as professoras nomeadas, a cujo cargo está a educação das alunas da Legião da Mulher Brasileira.”⁶⁹² Ficou acertado que os cursos e as aulas funcionariam “em dias que forem designados, das 9 às 17 horas”⁶⁹³, e que constariam de “português, francês, inglês, aritmética, datilografia, taquigrafia, cursos manual e comercial, trabalhos femininos e corte.”⁶⁹⁴ Cecília reiterava seu compromisso com a associação, “incitando as pessoas presentes a trabalhar a favor da Legião.”⁶⁹⁵

Ainda em julho, as associadas reuniram-se para celebrar o dia 14, considerado, oficialmente, dia de festa nacional, “consagrado à comemoração da República, da Liberdade e da Independência dos povos americanos.”⁶⁹⁶

3.5. Implosão

Entretanto, a aparente tranquilidade durou pouco. No interior do coletivo correriam concepções discrepantes de República, de liberdade e de independência, que foram se agravando. Presume-se que não tenha agradado a todas as sócias, por exemplo, Joana D’arc ter sido tomada como patrona, descrita como “a santa, o grande espírito que se imortalizou pelo amor da pátria – a guerreira, divina e inspirada donzela de Órleans, cuja imagem será inaugurada na nova sede dessa patriótica associação.”⁶⁹⁷ A guinada da LMB ao nacionalismo militante e ao catolicismo estava, pois, em plena marcha. A decisão de seguir, efetivamente, por essa senda e de abandonar o esforço de convivência com outras vozes políticas, destoantes de tal concepção, seria reforçada, inclusive, pela mudança de endereço.

O problema da laicidade, percebido ainda em 1919 e estourado em março do ano seguinte, continuou aceso. Por se tratar de um embate, ao mesmo tempo cultural e político, foi um dos fatores cruciais para que se instalasse, efetivamente, uma cisão entre

⁶⁹¹ *O Paiz*. Rio de Janeiro. Domingo, 18 de julho de 1920, p. 12. Notícia referente à assembleia da Legião da Mulher Brasileira, ocorrida em 15 de julho de 1920.

⁶⁹² *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 16 de julho de 1920, p. 8.

⁶⁹³ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 16 de julho de 1920, p. 8.

⁶⁹⁴ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 16 de julho de 1920, p. 8.

⁶⁹⁵ *O Paiz*. Rio de Janeiro. Domingo, 18 de julho de 1920, p. 12. Notícia referente à assembleia da Legião da Mulher Brasileira, ocorrida em 15 de julho de 1920.

⁶⁹⁶ *O Malho*. Rio de Janeiro. 24 de julho de 1920. Não paginado. Para legislação sobre datas comemorativas, ver: DECRETO nº 155-B, de 14 de janeiro de 1890. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-155-b-14-janeiro-1890-517534-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em 17 ago. 2019.

⁶⁹⁷ *A Noite*. Rio de Janeiro. Sábado, 26 de junho de 1920, p. 6.

dois grupos. Um deles liderado pela presidente efetiva, Anna César; outro pela secretária, Cecília Meireles.

A primeira, representando o segmento católico e nacionalista, nos moldes de *Gil-Blas*, cuja redatora, aliás, Maria Rosa Moreira Ribeiro, será indicada pela ala a se tornar secretária artística da LMB,⁶⁹⁸ cargo, antes, ocupado por Margarida Lopes de Almeida. Ademais será tornada vice-presidente efetiva a “Sra. Dr. Alcebiades Delamare”⁶⁹⁹, isto é, a esposa do diretor do referido periódico, que, como se sabe, propunha-se a ser caixa-de-ressonância da ortodoxia católica e do chauvinismo, perpassado por ataques de xenofobia, voltados, em especial, contra portugueses.⁷⁰⁰

A segunda, reunindo consigo simpatizantes do livre-pensamento e de uma visão laica, pacifista e universalista, crítica do nacionalismo exacerbado e da ingerência religiosa na organização de assuntos de interesse da sociedade.

Durante o segundo semestre de 1920, os dois círculos chegaram a reivindicar a legitimidade do controle da instituição, havendo a lavra de duas diretorias paralelas e concorrentes, dando entrada em uma batalha judicial, que se prolongará até os meses iniciais de 1921.⁷⁰¹

Cecília e suas apoiadoras realizaram, em 11 de setembro, uma reunião para escolher uma nova diretoria.⁷⁰² A secretária abriu os trabalhos com a declaração de que, “determinando os estatutos a eleição da diretoria efetiva no dia 16 de maio, já passado, é insubsistente o mandato da diretoria provisória [traçada por Ana César] e está comprometida a existência legal da associação.”⁷⁰³ No decurso da análise da desavença, acusou “a sua presidente de ocultar balancetes apresentados pela tesoureira, deixando a senhora – incumbida do exercício desse cargo, indefesa ante os murmúrios e as insinuações malévolas [...]”.⁷⁰⁴ Justificou ainda a “atitude das 36 associadas que, na forma dos estatutos, havia requerido aquela assembleia para eleição da diretoria efetiva.”⁷⁰⁵ Mostrando-se precavida, Meireles acentuou, por fim, “o caráter legal de todos os atos ali

⁶⁹⁸ Cf. *Gil Blas*: panfleto nacionalista. Rio de Janeiro. Nº 94. Ano II. 25 de novembro de 1920. Não paginado.

⁶⁹⁹ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 08 de outubro de 1920, p. 8.

⁷⁰⁰ Cf. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República...* p. 150.

⁷⁰¹ Cf. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 17 de setembro de 1920, p. 5. *Jornal do Brasil*. Segunda-feira, 20 de setembro de 1920, p. 4.

⁷⁰² *Jornal do Brasil*. Segunda-feira, 20 de setembro de 1920, p. 4.

⁷⁰³ *A Noite*. Rio de Janeiro. Sábado, 11 de setembro de 1920, p. 2.

⁷⁰⁴ *A Noite*. Rio de Janeiro. Sábado, 11 de setembro de 1920, p. 2.

⁷⁰⁵ *A Noite*. Rio de Janeiro. Sábado, 11 de setembro de 1920, p. 2.

praticados hoje, com o parecer de um advogado em abono da atitude jurídica assumida pelas convocadoras da reunião [...].”⁷⁰⁶

Anna César não se fez de rogada e convocou, para o dia 6 de outubro, uma “assembleia geral extraordinária.”⁷⁰⁷ Nesta, além de instituir um novo endereço para a sede da LMB – realocada para a rua da Quitanda, nº20, 1º andar – deu-se a conhecer outra diretoria, composta por nomes como “Sra. Condessa de Afonso Celso”⁷⁰⁸, no cargo de presidente de honra; “Sra. Ministro Vicente Seiva”⁷⁰⁹, presidente honorária; “Sra. Dr. Henrique Duque”⁷¹⁰, 1ª secretária; além de “Sra. Dr. Alcebíades Delamare”⁷¹¹, na qualidade de vice-presidente efetiva, e de Anna César, presidente efetiva. Por meio da abertura de uma sindicância para “averiguar faltas das ex-diretoras e sócias”⁷¹², relatou-se ter sido apuradas “com urgência as responsabilidades das sócias que procuraram implantar a anarquia na sociedade.”⁷¹³ Um dos alvos principais desta manobra, Cecília Meireles, descrita como “ex-sócia”⁷¹⁴, foi convidada “a entregar o livro de atas.”⁷¹⁵ Ficou aprovada, assim, por esta assembleia

a eliminação das ex-diretoras: Sras. Viúva Reynaldo Maia, Olga Doyle, Cecília Meireles, Motta de Oliveira, Regina Motta de Assumpção, Josefa Pinheiro da Motta e todas as demais sócias que fizeram parte da assembleia clandestina do dia 11 de setembro de 1920 na Associação dos Empregados no Comércio, na Avenida Rio Branco, sem conhecimento da presidente e conselho administrativo, assim como prévio aviso às Sras. Associadas; sendo, portanto, nula esta assembleia não só pela falta que incorram como por determinação do muito digno Juiz da 2ª Vara Cível.⁷¹⁶

Por esse prisma, Cecília e suas correligionárias seriam não só promotoras da anarquia, como potencialmente anti-patrióticas. Para legitimar tal cenário e consolidar o alinhamento ideológico daquela bancada, foi “proposto o voto de apoio e reconhecimento à presidente Sra. D. Anna César, a quem a assembleia reconhece como única Presidente da Legião da Mulher Brasileira, no esteio da sua vida orgânica [...].”⁷¹⁷ Aprovou-se ainda o envio de

⁷⁰⁶ *A Noite*. Rio de Janeiro. Sábado, 11 de setembro de 1920, p. 2.

⁷⁰⁷ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 08 de outubro de 1920, p. 8.

⁷⁰⁸ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 08 de outubro de 1920, p. 8.

⁷⁰⁹ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 08 de outubro de 1920, p. 8.

⁷¹⁰ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 08 de outubro de 1920, p. 8.

⁷¹¹ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 08 de outubro de 1920, p. 8.

⁷¹² *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 08 de outubro de 1920, p. 8.

⁷¹³ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 08 de outubro de 1920, p. 8.

⁷¹⁴ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 08 de outubro de 1920, p. 8.

⁷¹⁵ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 08 de outubro de 1920, p. 8.

⁷¹⁶ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 08 de outubro de 1920, p. 8.

⁷¹⁷ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 08 de outubro de 1920, p. 8.

um ofício à Associação Nacionalista, de simpatia e união aos seus marcos, ao nacionalismo, culto cívico dos grandes vultos que prestaram serviços à nossa pátria, combater caracteres anti-patrióticos, o incentivo do serviço militar, combater o analfabetismo, o saneamento dos sertões e emancipação da mulher. [...].⁷¹⁸

Na mesma toada de repúdio a suas oponentes, Anna César dirigiu à barra do tribunal a alegação de que “havia sido violentamente turbada”⁷¹⁹ de seus direitos de presidente, “por um grupo de sócias, que, contra as disposições dos estatutos da Legião da Mulher, fizeram um simulacro de eleição de uma nova diretoria, procurando, assim, afastar a requerente do cargo que ocupava.”⁷²⁰

Por seu turno, Cecília e demais não se intimidaram. A cerimônia de posse da diretoria que elegeram em 11 de setembro, ocorreu a 13 de outubro de 1920. Foi relatado, sem maiores detalhes, que Meireles, “em linguagem clara fez minuciosa exposição do incidente com a Sra. D. Anna Cesar,”⁷²¹ sendo aplaudida ao final de sua fala. Margarida Lopes de Almeida, então, dirigindo os trabalhos da mesa, empossou o quadro, no qual Júlia Lopes de Almeida e Laurinda Santos Lobo permaneceram, respectivamente, como presidente honorária e vice-presidente honorária. Cecília Meireles também continuou no cargo de 1ª secretária.⁷²² A principal mudança ocorreu, como esperado, no posto de presidente efetiva, com a substituição de Anna César por Adelina Motta de Oliveira, cujo discurso reafirmou valores do agrupamento e mandou seu recado para as adversárias.

As semelhanças das palavras de Adelina com falas anteriores de Cecília, como aquelas proferidas na assembleia de 16 de maio, saltaram à frente. Motta de Oliveira acionou a gramática da modéstia e se mostrou disposta a superar quaisquer entraves para o triunfo da LMB:

[...] Tenho eu, porventura, a capacidade suficiente das almas elevadas para vencer nas escabrosidades dessa missão quando tempestuosas paixões se avultam em torno de uma ideia?! Não. Só uma coisa eu espero encontrar em cada uma de vós: uma amiga, uma companheira dedicada, uma vontade firme e resoluta. Sei que encontrarei em vós o que me falta: a capacidade e a inteligência.⁷²³

⁷¹⁸ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 08 de outubro de 1920, p. 8.

⁷¹⁹ *O Jornal*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 26 de maio de 1921, p. 6.

⁷²⁰ *O Jornal*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 26 de maio de 1921, p. 6.

⁷²¹ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Domingo, 17 de outubro de 1920, p. 13.

⁷²² *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Domingo, 17 de outubro de 1920, p. 13.

⁷²³ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Domingo, 17 de outubro de 1920, p. 13.

Os bloqueios de entendimento e as insídias, manifestos, em menor ou maior grau, desde o esboço da entidade, diante da recente contenda, ganharam cores mais fortes e a alocação da nova presidenta delineou uma síntese do que aquele grupo acreditava:

Bem reconheço a vossa bondade; mas vejo neste momento desdobrar-se um tumulto de obstáculos: *sabeis que as paixões se agitam em torno de nós*; todas as vistas, todas as atenções se voltam para nós; e para merecermos francas simpatias teremos que lutar e lutar muito.⁷²⁴

O momento, segundo Adelina, exigia o enaltecimento de valores como coragem, resiliência e mesmo patriotismo. Ou, pelo menos, de uma espécie de patriotismo, vivido por cidadãos livres e por consciências autônomas, ou seja, sem exclusividade dogmática de quaisquer ordens.

A mim, anima-me o desejo ardente de ver realizados os nossos almejados sonhos. Domina-me a coragem indissolúvel dos grandes lutadores; e percorrendo com a vida em torno dos acontecimentos da última hecatombe mundial, mais do que nunca eu me sinto animada, lembrando o heroísmo e a coragem daquele nobre povo belga que, tão pequeno como era, não esmoreceu diante do julgo poderoso que o esmagava: e desde então, as simpatias do mundo inteiro se voltaram para ele; e, como nunca, eles foram acatados e reconhecidos. Amavam a sua pátria, cumpriam os seus tratados, eram *cidadãos livres*; nada os podia impedir de cumprir com os seus deveres para salvar o mundo inteiro. *Sofreram as barbaridades atrozes da vingança*; viram seus lares desmoronados e perdidos os seus haveres; mas tinham as suas consciências mais tranquilas que nunca, queriam vencer com *justiça*, morrer pela *verdade*, salvar com *honra* o que com honra haviam tratado e firmado.⁷²⁵

Compreendendo-se que tal preleção deu-se em meio ao confronto com a equipe de Anna César, a advertência era evidente: não haveria capitulação com quem ameaçasse a associação com a fusão, em seu cerne, de nacionalismo e catolicismo, contra a liberdade de pensamento e de crença. Tal jogo de linguagem também sugeria certa assimetria de poder entre as partes litigantes, ou seja, se a ala de Cecília e de Adelina figurava a fragilidade e a bravura da diminuta Bélgica, o campo de Anna César e de Delamare incorporaria o poder e a soberba do Império Alemão. A metáfora bélica – na época,

⁷²⁴ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Domingo, 17 de outubro de 1920, p. 13. Itálico nosso.

⁷²⁵ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Domingo, 17 de outubro de 1920, p. 13. Itálicos nossos. A invasão da Bélgica marcou a ofensiva alemã e os combates na cidade de Liège formaram a primeira batalha da Grande Guerra (1914-1918). Os belgas resistiram ao avanço alemão de 5 a 16 de agosto de 1914. Embora derrotados, os belgas serviram de exemplo moral para os Aliados, tendo em vista que, apesar de sua clara inferioridade militar, ousaram enfrentar o poderoso Segundo Reich. A esta resistência os alemães retaliaram com o extermínio de civis, inclusive, de mulheres e de crianças. Os massacres de cidades e de povoados estenderam-se por diferentes pontos do território belga, durante e após a campanha de Liège. Cf. SONDHAUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial: história completa*. Tradução de Roberto Cataldo. São Paulo: Contexto, 2015, p. 83-87.

contumaz - cedia vez, porém, a um foco pacifista e apaziguador, sendo empregada de modo a se valorizar a determinação, a firmeza e o enfrentamento, a partir de uma disposição interior em se abrir à solidariedade e construir a paz:

Companheiras, sejamos unidas; *deixai de parte as paixões e a intriga; trabalhai pela fraternidade, pela coletividade humana*; só de paz necessitamos; só de amor devem estar repletos os nossos corações porque, então, nada nos desunirá, nada nos separará. [...] ⁷²⁶

Passado um mês, em 20 de novembro de 1920, as paixões políticas, tão relatadas no discurso de Adelina Motta, permaneciam inflamadas. Em um comunicado, Cecília Meireles reafirmou a legitimidade de sua confraria e protestou “contra o inqualificável abuso de um grupo de senhoras que, chefiado pela sra. ex-presidente, se intitula Legião da Mulher Brasileira junto à Ação Social Nacionalista.” ⁷²⁷ Fundado neste mesmo ano e tendo por presidente Afonso Celso – cuja esposa, como visto, era presidente de honra da parte legionária de Anna César - a Ação Social Nacionalista apregoava a exaltação do amor à pátria, o anti-lusitanismo, a amizade dos povos americanos e o compromisso com a ordem política instituída – Epitácio Pessoa era seu presidente de honra. O movimento, que tinha em *Gil Blas* um baluarte para a difusão de seus ideais, comprometia-se, especialmente, com o catolicismo, defendendo, por exemplo, a presença do ensino religioso nas escolas públicas e a do nome de Deus na Constituição brasileira. ⁷²⁸

Como se não bastasse tal orientação, oposta à laicidade, à isonomia e à tolerância, conforme Cecília Meireles, o agrupamento de Anna César andaria “a espalhar circulares e listas, com o fim de angariar donativos para futuros festivais de problemáticos benefícios.” ⁷²⁹ Nos termos da secretária:

[...] Dada a situação em que se encontra esta oposição, faço público serem consideradas nulas e abusivas quaisquer resoluções fantásticamente tomadas por esse grupo, antes da sentença que brevemente pronunciará o juiz da 2ª vara Cível. ⁷³⁰

Pelo menos até janeiro de 1921, Cecília seguiu contestando as ações de suas rivais e as notícias a esse respeito, sempre com a ressalva de que ainda pendia a disputa judicial. ⁷³¹ Anna César e suas apoiadoras, por sua vez, pareciam bem seguras de uma

⁷²⁶ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Domingo, 17 de outubro de 1920, p. 13. Itálico nosso.

⁷²⁷ *O Jornal*. Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1920, p. 11.

⁷²⁸ Cf. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República...* p. 154-156.

⁷²⁹ *O Jornal*. Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1920, p. 11.

⁷³⁰ *O Jornal*. Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1920, p. 11.

⁷³¹ *O Jornal*. Rio de Janeiro, quinta-feira, 6 de janeiro de 1921, p. 6: “Legião da Mulher Brasileira – De ordem da Sra. D. Adelina Motta de Oliveira, Presidente efetiva da Legião da Mulher Brasileira, faço público não se entender com a Diretoria efetiva desta Associação, o fato ontem registrado em ‘A Noite’, sob o título

sentença favorável, agindo, em nome da LMB, como se já fossem, legalmente, reconhecidas como representantes da associação, o que, de fato, viria a ocorrer no final de maio.⁷³² A partir daí, ao que parece, a altercação perdeu fôlego e cada qual seguiu seu caminho.

3.6. Livre-pensadora pela afirmação das mulheres

Anna Cesar continuou presidente da LMB e, em 1931, lançou o livro *Fragmentos*, uma coletânea de textos, que, em cerca de duas décadas, tomaram parte na imprensa, preconizando direitos das mulheres.⁷³³ Com temas variados, em forma de crônicas, críticas e comentários, os 57 capítulos, ao longo de 236 páginas, tinham como eixo político estrutural o patriotismo e a religião, por meio dos quais deveria se guiar o feminismo. A revista *Brazileia*, por um de seus diretores, Arnaldo Damasceno Vieira, qualificou o lançamento de autoria da “esposa do ilustrado General Ernesto Carlos César”⁷³⁴ como “um livro de fé patriótica.”⁷³⁵ A revista *Fon-Fon*, que reproduziu a foto da autora incluída no livro, afirmou ali haver “páginas de grande vibração patriótica”⁷³⁶, merecendo “louvores pela elevação dos seus conceitos, sobretudo na parte em que se ocupa dos deveres e direitos da mulher.”⁷³⁷ Em *A Noite*, por sua vez, foram transcritos trechos do volume, nos quais se lia: “Competência possuímos: a questão é saber exercitá-la com equidade, justiça e patriotismo.”⁷³⁸ E ainda:

‘As esmolas chegaram tarde e não chegaram’, como o provam notícias anteriormente publicadas, que davam como organizadoras desse certame as Sras. Anna Cesar, Abigail Lima e Ernestina Guimarães, malgrado ainda pender sobre a Legião da Mulher Brasileira, a conhecida questão judicial. Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 1921. CECÍLIA MEIRELES. Secretária.”

⁷³² O juiz dr. Antônio Paulino da Silva teceu várias considerações para proferir sua sentença. Em uma delas, refutou a legalidade e a legitimidade da posse da diretoria, composta pelo grupo de Cecília Meireles. No entender do juiz, tal ato “não pode ser apoiado em juízo porque foi evidentemente um ato ilegal e desleal com que se pretendem despojar a A. (Anna César) do seu cargo; [...]”. A sentença foi expedida no dia 25 de maio de 1921 e publicada, na íntegra, no dia 30, em: *O Jornal*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 26 de maio de 1921, p. 6.

⁷³³ *O Jornal*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 6 de maio de 1931, p. 7. Informou-se ainda que o livro teria sido resultado do esforço de uma comissão de senhoras, admiradoras do valor moral e intelectual de Anna César, que se empenharam em reunir em uma coletânea alguns de seus trabalhos e publicá-los em livros. Infelizmente, não conseguimos localizar e consultar esta obra, tomando contato com ela por meio das notícias de seu lançamento em jornais.

⁷³⁴ *Brazileia* – Mensário Nacionalista – Sociologia, Arte e Crítica. Rio de Janeiro. Ano III da 2ª fase. Nº 18 e 19, p. 23, jan. Fev. 1923.

⁷³⁵ *Brazileia* – Mensário Nacionalista – Sociologia, Arte e Crítica. Rio de Janeiro. Ano III da 2ª fase. Nº 18 e 19, p. 23, jan. Fev. 1923. Seus diretores eram Álvaro Bomílcar – militante nacionalista inveterado, fundador, em 1919, de um movimento chamado Propaganda Nativista, que teria como porta-voz a revista *Gil Blas*, dirigida por Alcebiádes Delamare – Arnaldo Damasceno Vieira e Raymundo D. Padilha.

⁷³⁶ *Revista Fon-Fon*. Rio de Janeiro. Ano XXV, p. 40, 16 de maio de 1931.

⁷³⁷ *Revista Fon-Fon*. Rio de Janeiro. Ano XXV, p. 40, 16 de maio de 1931.

⁷³⁸ *A Noite*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 8 de maio de 1931, p. 6.

O sacerdote e o legislador são fatores do bem, da verdade e da justiça; labutam na mesma dourada senda que tem por fim coordenar leis e preceitos regeneradores. A lei é o freio do mundo exterior, agindo com critério, castigando, sem restrições. A religião é o favo de mel que adoça as amarguras da vida, é o mundo subjetivo, conduzindo a alguma [SIC] por intérrminos páramos à progressão moral do ser, até a perfeição. É a chama sagrada, a flor imarcescível, o liame sempre verde que enlaça os corações.⁷³⁹

O tom religioso predominante, aliado ao sentimento patriótico e à uma concepção de legislação um tanto severa, destoavam das ideias políticas de Cecília Meireles, para quem a defesa dos direitos das mulheres não deveria se submeter a imperativos patriótico-religiosos. Embora o amor à terra e a religiosidade pudessem ter sua importância na realização do ser humano e na constituição da sociedade, suas imposições ameaçariam a liberdade, a igualdade de condições, a coexistência justa e não-violenta. O mesmo valeria para certa interpretação do feminismo, que pudesse insinuar quaisquer privilégios, exclusões ou intolerâncias.

Desiludida, provavelmente, com sua experiência junto à Legião da Mulher Brasileira, Cecília não retornará a essa plataforma de atuação, não mais se engajará em diretorias de organizações femininas ou feministas. Em compensação, suas convicções em torno da liberdade de pensamento se aprofundaram, nela alimentando, inclusive, coragem para criticar o feminismo, quando julgasse pertinente.

Tal foi o caso, por exemplo, em 1931, ocasião em que denominou de mesquinha uma proposta aprovada no Segundo Congresso Internacional Feminista, recém-encerrado no Rio de Janeiro. A moção, aprovada, referia-se à criação de uma “Liga de Assistência Social das Meninas Pobres”,⁷⁴⁰ com o objetivo de “socorrer com roupa e livros as crianças pobres do sexo feminino para que possam fazer o curso primário das escolas e ainda o secundário e superior [...]”.⁷⁴¹ Posto que a entidade favoreceria as meninas, Meireles indagava: “E os meninos?”⁷⁴² A coeducação não instituída “nenhum obstáculo à entrada das meninas na escola.”⁷⁴³ Como, então, se dispor a “sacrificar uma parte da infância que não tem culpa nenhuma de nascer com um sexo que, se as feministas provam que não é

⁷³⁹ *A Noite*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 8 de maio de 1931, p. 6.

⁷⁴⁰ MEIRELES, Cecília. “Vida sem limites”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 1 de julho de 1931, p. 6. Essa crônica foi citada e comentada em: LAMEGO, Valéria. *A farpa da lira...* p. 21-22.

⁷⁴¹ MEIRELES, Cecília. “Vida sem limites”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 1 de julho de 1931, p. 6.

⁷⁴² MEIRELES, Cecília. “Vida sem limites”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 1 de julho de 1931, p. 6.

⁷⁴³ MEIRELES, Cecília. “Vida sem limites”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 1 de julho de 1931, p. 6.

superior ao seu, terão decerto mais dificuldades em provar que lhe é inferior?”⁷⁴⁴ Ademais, com iniciativas assim abria-se precedente para se criar “duas facções definidas: meninas e meninos que, mais tarde, serão homens e mulheres, eivados de um preconceito que o feminismo se encarrega de positivar bem, agravando-o.”⁷⁴⁵ Para reforçar quão inoportuna soava tal proposta, ironizou: “[...]. Não houve, por exemplo nenhuma tese sobre divórcio. Isso significa, sem dúvida, que todas as mulheres, estão contentes com os seus maridos [...]”⁷⁴⁶

Cecília tomou para si a convicção de que somente seria “legítimo”⁷⁴⁷ e “digno de ser defendido”⁷⁴⁸ um “feminismo que não tem fronteiras. Que não imita esse exclusivismo masculino que justamente vem combatendo.”⁷⁴⁹ Como bem sintetizou Valéria Lamego, “o sectarismo e a divisão da sociedade por classes e por qualquer tipo de grupo, fosse ele religioso, político, artístico ou racial, trazia grande indignação à jornalista.”⁷⁵⁰ Talvez por não ter compreendido isto e/ou por ser refratário ao feminismo, Carlos Lacerda definiria Cecília, em necrológio de 1964, como “uma mulher escritora que não era e se recusava a ser feminista [...]”⁷⁵¹ Claro está que uma análise mais acurada da questão aponta para nuances, que o ex-simpatizante do comunismo não captou.⁷⁵²

Se esta postura matizada de autonomia crítica com relação ao movimento feminista já se achava em curso desde os tempos da Legião da Mulher Brasileira, o entendimento sobre o estado da mulher e seus direitos foi se alargando. Em várias ocasiões, Cecília interveio nos debates públicos, deixando expressa sua opinião, apontando equívocos e soluções possíveis, e se policiando para não tombar à tentação de crer que seu entendimento fosse o único legítimo.

⁷⁴⁴ MEIRELES, Cecília. “Vida sem limites”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 1 de julho de 1931, p. 6.

⁷⁴⁵ MEIRELES, Cecília. “Vida sem limites”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 1 de julho de 1931, p. 6.

⁷⁴⁶ MEIRELES, Cecília. “Vida sem limites”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 1 de julho de 1931, p. 6.

⁷⁴⁷ MEIRELES, Cecília. “Vida sem limites”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 1 de julho de 1931, p. 6.

⁷⁴⁸ MEIRELES, Cecília. “Vida sem limites”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 1 de julho de 1931, p. 6.

⁷⁴⁹ MEIRELES, Cecília. “Vida sem limites”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 1 de julho de 1931, p. 6.

⁷⁵⁰ LAMEGO, Valéria. *A farpa da lira...* p. 22.

⁷⁵¹ LACERDA, Carlos. “Cecília Meireles”. In: *Manchete*, Rio de Janeiro, Ano 12, p. 95, n. 658, 28 nov. 1964.

⁷⁵² Sobre o perfil político e as mudanças ideológicas de Carlos Lacerda, ver: KELLER, Vilma. “Carlos Frederico Werneck de Lacerda.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. *Dicionários. Verbetes biográficos*. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/carlos-frederico-werneck-de-lacerda> Acesso em 08 ago. 2020.

No decorrer da década de 1930, duas movimentações realçaram o nexo de Meireles com vertentes do feminismo. A primeira delas foi o cultivo de admiração pelo trabalho da União Universitária Feminina, entidade fundada no Distrito Federal, em 1929. Como um dos frutos dos trabalhos da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, a UUF, sediada na Cinelândia, Edifício Odeon, sala 717⁷⁵³, destinava-se a

coordenar os esforços das mulheres diplomadas ou matriculadas em universidades ou escolas superiores, no sentido de auxiliarem-se mutuamente na carreira, defenderem os interesses femininos nas profissões liberais, desenvolverem a intelectualidade feminina brasileira e colaborarem na solução dos problemas relacionados com o progresso.⁷⁵⁴

Por intermédio, sobretudo, de sua amizade com Isabel do Prado, Cecília colaborou com a *Revista de Cultura e Técnica* - o órgão oficial da UUF - com poemas, até então, inéditos.⁷⁵⁵ Prado se filiou à organização em 1931, quando ocupou o cargo de secretária internacional. Posteriormente, tornou-se uma das diretoras da publicação, além de tesoureira e, em 1938/1939, presidente da organização.⁷⁵⁶ Em 1933, com a engenheira Nídia Moura e a acadêmica de Direito, Carmen Moura, representou a UUF no congresso de Piriápolis no Uruguai. Nesse mesmo ano, obteve o “Fellowship latino americano Margaret G. Harder”⁷⁵⁷ oferecido pela *Ohio Federation of Women’s Clubs*, e seguiu para os Estados Unidos, onde esteve durante um ano, estudando ciências sociais na “Ohio State University.”⁷⁵⁸ Em 1937 formou-se Bacharel em Ciências Jurídicas pela Escola Normal de Direito da Universidade do Brasil e completou o curso de Formação de Professor Secundário de Inglês da Universidade do Distrito Federal.⁷⁵⁹

⁷⁵³ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 5 de julho de 1939, p. 12.

⁷⁵⁴ *Revista de Cultura e Técnica*. Rio de Janeiro. Vol. III, Nº 3, p. 24, jun. 1939.

⁷⁵⁵ Logo na edição de inauguração da revista já constava uma contribuição de Cecília, com um poema, então, inédito – que reapareceria no livro *Viagem*, de 1939. Ver: MEIRELLES, Cecília. “A última cantiga.” In: *Revista de Cultura e Técnica*. Rio de Janeiro. Ano I, Nº 1, p. 17, ago. 1937. Acervo da *Fundação Casa de Rui Barbosa*, Rio de Janeiro. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado. Cerca de dois anos depois, outro poema apareceu, em: MEIRELLES, Cecília. “Canção para remar.” In: *Revista de Cultura e Técnica*. Rio de Janeiro. Vol. III, Nº 3, p. 7, jun. 1939. Acervo da *Fundação Casa de Rui Barbosa*, Rio de Janeiro. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado. Este poema será incluído em *Vaga Música*, de 1942, com dedicatória para Isabel do Prado. Ressalte-se que Prado que era Chefe de Expediente da revista, e integrante da Comissão de Relações Internacionais da UUF, e se tornou uma das principais amigas de Cecília Meireles.

⁷⁵⁶ *Revista de Cultura e Técnica*. Rio de Janeiro. Vol. III, Nº 3, p. 24, jun. 1939.

⁷⁵⁷ *Revista de Cultura e Técnica*. Rio de Janeiro. Ano I, Nº 5, p. 20, dez. 1937.

⁷⁵⁸ *Revista de Cultura e Técnica*. Rio de Janeiro. Ano I, Nº 5, p. 20, dez. 1937.

⁷⁵⁹ *Revista de Cultura e Técnica*. Rio de Janeiro. Ano I, Nº 5, p. 20, dez. 1937.

Tendo em vista tal trajetória, a cooperação com a *Revista de Cultura e Técnica* e a profunda afinidade que aproximava Cecília de Isabel⁷⁶⁰, é lícito deduzir que ambas partilhavam dos valores de uma política comprometida com o combate por liberdade, igualdade e solidariedade, em favor dos direitos das mulheres e do bem comum.

A propósito, uma das fundadoras da União Universitária Feminina, Bertha Lutz, cuja ênfase no sufrágio fora visto com reservas por Cecília, em 1920, recebeu uma referência elogiosa em 1939. Neste segundo momento, Meireles trabalhava como jornalista para o *O Observador Econômico e Financeiro* - revista mensal, dirigida e criada, em 1936, pelo empresário e economista autodidata, Valentin Bouças, na esteira do processo de industrialização, fomentado pelo regime varguista.⁷⁶¹ Em uma de suas reportagens, ao cobrir a situação do trabalho feminino no Brasil, Cecília reconheceu em Lutz a louvável “chefia do movimento de reivindicações femininas no Brasil”⁷⁶², ligando “seu nome a uma série de iniciativas de interesse para a emancipação da mulher.”⁷⁶³ Revelando profundo conhecimento das lutas feministas, destrinchou, minuciosamente, as principais bandeiras e ações do movimento no país, ao longo das décadas de 1920 e 1930, abordando desde a fundação da Federação pelo Progresso Feminino, em 1922, até a elaboração e a discussão do Estatuto da Mulher, de 1937, passando por cada um dos vários congressos internacionais feministas, articuladores de esforços internos com seus congêneres de fora.⁷⁶⁴ Nenhuma palavra foi dirigida à Legião da Mulher Brasileira e à Anna César.

Na mesma reportagem, desenvolvida ao longo de quinze páginas e enriquecida com fotografias e gráficos, Cecília assim intitulou um dos tópicos: “Um mal, o feminismo?”⁷⁶⁵ Provida de perspectiva histórica, analisou a questão:

Verificadas as suas possibilidades de vencer na luta pela vida, a mulher, que, desde o tempo de Adão, guardava queixas e mágoas de seu

⁷⁶⁰ Tal afinidade é comprovada não só pelas colaborações à *Revista de Cultura e Técnica*, como também pelas 77 cartas, escritas por Cecília – de 1941 a 1953 – endereçadas a Isabel do Prado. Cf. *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

⁷⁶¹ Sobre esta publicação, ver: CORRÊA, Maria Letícia. “Jornalismo econômico no Brasil: um estudo a partir da revista *O Observador Econômico e Financeiro* (1936-1945).” In: BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta; CHAVES, Mônica Piccolo Almeida & CORREA, Maria Letícia. *História econômica e imprensa*. Rio de Janeiro: Contracapa: 2016, p. 113-130.

⁷⁶² MEIRELES, Cecília. “Trabalho feminino no Brasil”. In: *O Observador Econômico e Financeiro*. Rio de Janeiro, nº 42, p. 101, jul. 1939.

⁷⁶³ MEIRELES, Cecília. “Trabalho feminino no Brasil”. In: *O Observador Econômico e Financeiro*. Rio de Janeiro, nº 42, p. 101, jul. 1939.

⁷⁶⁴ MEIRELES, Cecília. “Trabalho feminino no Brasil”. In: *O Observador Econômico e Financeiro*. Rio de Janeiro, nº 42, p. 93-107, jul. 1939.

⁷⁶⁵ MEIRELES, Cecília. “Trabalho feminino no Brasil”. In: *O Observador Econômico e Financeiro*. Rio de Janeiro, nº 42, p. 100, jul. 1939.

companheiro, compreendeu que podia dispensá-lo das suas funções de marido, no que diz respeito à manutenção do lar. Isso lhe deu a formosa independência de não fazer transações com sua vida em casamentos de interesse. Nas famílias difíceis – dessas que se diz servirem apenas para fotografias – uma grande operação se produziu, com essa ruptura de laços econômicos.⁷⁶⁶

Na sequência, expôs argumentos dos que se opunham à libertação das mulheres e passou a refutá-los:

Protestou-se contra os resultados da independência feminina – desprestígio do marido ou dos mais velhos, desorganização do lar – mas não se deu atenção a que a mulher emancipada não criava esses lamentáveis problemas em virtude da sua emancipação: revelava, apenas, a sua existência, anterior a ela; e até lhes dava solução honrosa, libertando-se de situações falsas e humilhantes, pelo caminho nobilitante do trabalho.

Por outro lado, aos lares felizes, o trabalho feminino não pode acarretar desordens: e, nesses casos, a mulher não se mostraria rival ou inimiga do homem, mas sua amiga e colaboradora, contribuindo com o produto da sua atividade para melhorar a situação comum.⁷⁶⁷

E concluiu, expondo a maturação de seu pensamento em comparação a algumas de suas colocações da época da Legião da Mulher Brasileira, quando criticara o que avaliava como uma tentativa de converter os direitos das mulheres em um assalto à masculinidade e/ou ao trabalho dos homens. Em coro às pelejas e conquistas do feminismo, asseverou:

O advento da mulher nas várias atividades antes privativas do homem não veio, pois, perturbá-las nos seus caracteres femininos, como não a havia perturbado nos misteres que, a princípio caseiros, se transformaram, pela evolução social, em grandes indústrias. E isto lhe valeu uma regulamentação especial de trabalho, particularidade legislativa que atende à diferenciação do sexo, entre medidas que equiparam os seus direitos aos do trabalhador homem.⁷⁶⁸

Um ano antes, em 1938, atendendo a uma pesquisa de opinião sobre o divórcio no Brasil, declarou que pertencia “ao número dos que acreditam ser indispensável a completação humana pela união dos dois sexos.”⁷⁶⁹ Paralelamente, colocou-se a favor da separação, que, no seu ponto de vista, não atentava contra as uniões harmônicas, não impedindo “que continuem sofrendo, por gosto ou por interesse, os que assim o

⁷⁶⁶ MEIRELES, Cecília. “Trabalho feminino no Brasil”. In: *O Observador Econômico e Financeiro*. Rio de Janeiro, nº 42, p. 100, jul. 1939.

⁷⁶⁷ MEIRELES, Cecília. “Trabalho feminino no Brasil”. In: *O Observador Econômico e Financeiro*. Rio de Janeiro, nº 42, p. 100, jul. 1939.

⁷⁶⁸ MEIRELES, Cecília. “Trabalho feminino no Brasil”. In: *O Observador Econômico e Financeiro*. Rio de Janeiro, nº 42, p. 100, jul. 1939.

⁷⁶⁹ *O Globo*. Rio de Janeiro, 28 nov. 1938, p. 5. Agradeço a Amélia Neubern Batista dos Reis a indicação e a disponibilização desta fonte.

desejarem.”⁷⁷⁰ Não obrigaria, pois, “a se desunirem os que, malgrado suas angústias, vejam na indissolubilidade do casamento a demonstração da sua renúncia ou da sua dedicação.”⁷⁷¹ Porém, “evita as insinuações diabólicas, a mentira, a hipocrisia, com todas as suas conseqüências”⁷⁷², sendo a solução “dos que verificam ter errado, e se comprometem a corrigir-se.”⁷⁷³

Suas reflexões a respeito das relações de gênero também alcançaram a produção poética, como nos versos de “Andrógino”, de 1949, em que problematizou a artificialidade do fracionamento dos sexos: “Sua face é o corpo / de uma dúbia pomba: / uma asa de luz / e outra de sombra.”⁷⁷⁴ O apreço que sustinha por Virgínia Woolf e a tradução que fizera de *Orlando*, protagonista identificado, fluidamente, ora como homem, ora como mulher, indicavam também sua interpretação sobre a (des) construção de gêneros.⁷⁷⁵ Em conferência pronunciada na Sala do Conselho da Universidade do Brasil, sobre a expressão feminina da poesia na América Latina, em 1956, recobrou essa sua tese, ao cogitar:

[...] O espírito – e a arte que é uma de suas manifestações – talvez seja essencialmente andrógino. As condições sociais, no entanto, separaram por muito tempo o homem e a mulher em campos específicos.⁷⁷⁶

Anos depois, por meio, novamente, de Isabel do Prado, foi convidada a palestrar no Congresso da Federação Internacional de Mulheres Universitárias, realizado na Cidade do México, em julho de 1962. Há muito articulada com a intelectualidade feminina latino-americana⁷⁷⁷, renovou sua defesa dos direitos das mulheres e sublinhou o risco de se banalizar uma luta, que ainda estava longe de terminar:

⁷⁷⁰ *O Globo*. Rio de Janeiro, 28 nov. 1938, p. 5.

⁷⁷¹ *O Globo*. Rio de Janeiro, 28 nov. 1938, p. 5.

⁷⁷² *O Globo*. Rio de Janeiro, 28 nov. 1938, p. 5.

⁷⁷³ *O Globo*. Rio de Janeiro, 28 nov. 1938, p. 5.

⁷⁷⁴ MEIRELES, Cecília. “O andrógino”. In: _____ *Retrato Natural* [1949]. *Poesia completa*. Organização Antônio Carlos Secchim. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 667. [v. 1].

⁷⁷⁵ Cf. MEIRELES, Cecília. “Entrevista: Cecília fala de sua vida literária.” In: *Jornal A Manhã*. Rio de Janeiro, Domingo, 20 de janeiro de 1946, p. 3 e 11. MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues, Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1946. In: MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* p. 67. WOOLF, Virgínia. *Orlando: biografia*. [1928]. Tradução Cecília Meireles. Porto Alegre: Editora Globo, 1948. Ver capítulo 1 desta tese.

⁷⁷⁶ MEIRELES, Cecília. “Expressão feminina da poesia na América.” In: _____, BANDEIRA, Manuel & VARGAS, Augusto Tamayo. *3 conferências sobre cultura hispano-americana*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional; Ministério da Educação e Cultura, 1959, p. 102.

⁷⁷⁷ Cf. SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. SILVA, Jacicarla Souza da. *Vozes femininas da poesia latino-americana: Cecília e as poetisas uruguaias*. São Paulo: Editora Unesp, 2009. _____ *Um (in) visible college na América Latina: Cecília Meireles, Gabriela Mistral e Victoria Ocampo*. 213 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2012.

Tudo já foi dito sobre a importância da mulher na construção da vida e na organização do mundo, e é natural que este discurso no encerramento de um congresso feminino procurasse, por amor à boa literatura, evitar esse lugar-comum.

Acontece, porém, que os pensamentos mais certos e os conceitos mais justos transformam-se em lugar-comum sem terem realizado o seu conteúdo e passam a ser uma linguagem rotineira antes de se verem cumpridos. Celebra-se com palavras lisonjeiras o valor da mulher e da sua colaboração nos diferentes setores de trabalho do mundo; mas todos sabemos como tem sido difícil fazer respeitar a contribuição feminina num mundo tradicionalmente organizado e administrado por forças masculinas ciosas de sua supremacia e sensíveis a rivalidades e competições.⁷⁷⁸

Estimava que, desde o início do século, a sociedade, em geral, tornara-se mais permeável ao discurso da emancipação feminina. No entanto, alertou, essa aparente simpatia com a causa, camuflava uma realidade ainda muito árdua, fechada e impregnada por resistências machistas. Daí a necessidade de se recuperar o valor das palavras, de modo a se suplantar preconceitos, violências e injustiças, e de se formar pessoas mais humanas, pois “[...] só pela Educação para a liberdade e para a humanização do homem conseguiremos vencer esse mar de loucura que nos rodeia, com suas vozes de sedução [...]”.⁷⁷⁹

O empenho de Meireles pelos direitos das mulheres foi atravessado por uma concepção política, que tomava uma educação humanística como chave capital para a transformação e a melhoria da vida em comum. Por conseguinte, ao tratar de pautas específicas, partia dessa visão mais universalista, portadora de forte senso de comunidade. Da posição de escritora e de educadora, de poetisa e de jornalista, articulava seus argumentos, de modo a não se limitar a um nicho nem a reivindicar para si o título de feminista, cuja noção histórica foi-se definindo com o tempo, de modo que, hoje, provavelmente, ela se reconheceria como tal.

A forma com que reinterpretava valores humanistas fazia com que, ao agir politicamente, correlacionasse problemas, como, por exemplo, as lutas pela emancipação feminina e pela laicidade. A mútua vinculação dessas duas frentes fora acentuada pelo tirocínio da Legião da Mulher Brasileira, dada a flagrante infiltração de problemas religiosos em uma associação que, na perspectiva de Cecília, se ambicionava laica. A

⁷⁷⁸ MEIRELES, Cecília. “Palavras”. Texto escrito para o congresso da International Federation of University Women, realizado na Cidade do México, em julho de 1962, f.1. Fundação Casa de Rui Barbosa RJ. Arquivo Isabel do Prado.

⁷⁷⁹ MEIRELES, Cecília. “Palavras”. Texto escrito para o congresso da International Federation of University Women, realizado na Cidade do México, em julho de 1962, f.3. Fundação Casa de Rui Barbosa RJ. Arquivo Isabel do Prado.

atribuição vivida junto à cúpula do mencionado grêmio representaria uma das pontas de uma questão de fundo.

A Constituição do país, em vigor desde 1891, declarava, em seu Art. 72, § 6º: “Será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos.”⁷⁸⁰ E no § 7º: “Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção oficial, nem terá relações de dependência, ou aliança com o Governo da União, ou o dos Estados.”⁷⁸¹ Todavia, em vista dos séculos de regime de padroado, a laicização da República não se consolidaria sem resistências. Pelo contrário, nas décadas de 1920 e 1930 houve intensa reação de setores tradicionalistas, ligados à Igreja Católica, com discursos contrarrevolucionários, perpassados por conceitos, como os de autoridade, tradição, nacionalismo, hierarquia.⁷⁸²

A defesa política do catolicismo fizera a revista *A Ordem* de núcleo difusor, criada em 1921 pelo advogado, jornalista e político, Jackson de Figueiredo.⁷⁸³ No ano seguinte, surgiu o Centro Dom Vital, associação civil para estudo e apostolado, também criado por Figueiredo, contando com o apoio do então Arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro, Sebastião Leme (1882-1942),⁷⁸⁴ e tendo por matriz ideológica o ultramontanismo,

⁷⁸⁰ CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, decretada e promulgada pelo Congresso Nacional Constituinte, em 24/02/1891. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao-35081-24-fevereiro-1891-532699-publicacaooriginal-15017-pl.html> Acesso em 23 abr. 2020.

⁷⁸¹ CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, decretada e promulgada pelo Congresso Nacional Constituinte, em 24/02/1891. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao-35081-24-fevereiro-1891-532699-publicacaooriginal-15017-pl.html> Acesso em 23 abr. 2020.

⁷⁸² Cf. COMPAGNON, Antoine. *Os antimodernos...* OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República...*

⁷⁸³ Nascido em Aracaju (SE), em 1891, e convertido em 1918, Jackson de Figueiredo Martins tornou-se um ponto de referência da história do catolicismo brasileiro, em especial, por seu papel como organizador do movimento católico leigo. Apoiou o governo de Arthur Bernardes (1922-1926) na repressão aos movimentos tenentistas. Cf. CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC FGV). “Jackson de Figueiredo”. In: *Dossiê – A Era Vargas: dos anos 20 a 1945*. Disponível em https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/jackson_de_figueiredo Acesso em 20 abr. 2019.

⁷⁸⁴ Sobre Sebastião Leme de Oliveira Cintra, registra-se: “Em 1922, apoiou Jackson de Figueiredo na criação do Centro Dom Vital, órgão voltado para o estudo e difusão do catolicismo. Sempre em busca de uma participação maior dos católicos na vida do país, fundou, ainda em 1922, a Confederação Católica, com o objetivo de melhor coordenar a ação dos leigos e das associações católicas. Procurado por familiares de militares envolvidos no levante tenentista daquele ano, sugeriu ao governo que anistiasse os revoltosos, mas não teve o seu pedido atendido. Em 1925, junto com Jackson de Figueiredo, buscou introduzir duas modificações na Constituição: a instituição da obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas públicas e o reconhecimento oficial do catolicismo como religião da maioria dos brasileiros. Ambas as propostas foram, contudo, rejeitadas. Em julho de 1930, foi elevado a cardeal pelo Papa Pio XI e, após a morte do cardeal Arcoverde, assumiu a arquidiocese do Rio de Janeiro.” MOREIRA, Regina da Luz. “LEME, Sebastião.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbete temático. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/sebastiao-leme-de-silveira-cintra> Acesso em 22 abr. 2019.

inspirado, entre outros, em Joseph de Maistre (1753-1821).⁷⁸⁵ Com forte atividade proselitista e nacionalista, o grupo tendia a abominar as mudanças advindas das revoluções – como a francesa e a russa – combatendo tanto o liberalismo democrático, quanto o comunismo, enxergando na Igreja hierarquizada um sinal de estabilidade e de ordem.⁷⁸⁶

Após a morte de Jackson, em 1928, o advogado, empresário e crítico literário Alceu Amoroso Lima (1893-1983), recém-convertido, tornou-se uma das lideranças mais combativas da intelectualidade católica. Alimentado por sua troca de correspondência com Figueiredo e por referências como a Encíclica *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII, o novo presidente do Centro combateu o Estado laico, a perda de espaço público do catolicismo, as ideias de igualdade e de liberdade e de tudo mais que julgasse compor ameaças à propriedade privada e à doutrina eclesiástica. Aos que não se alinhavam a tal pensamento, restaria a pecha de agentes do socialismo e do comunismo.⁷⁸⁷ Os ideais de resignação dos pobres e de caridade dos ricos, a obediência dócil e o mando incontestado, a paz social, obtida pela sujeição, não se coadunavam com o livre-pensamento, com um humanismo cívico-republicano, em que se reuniam outras noções de isonomia, igualdade, liberdade e, logo, de indignação e luta contra as disparidades sociais. Não tardaria muito para que Amoroso Lima cruzasse os caminhos de Cecília Meireles.

⁷⁸⁵ Cf. KORNIS, Mônica. “Centro Dom Vital”. In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbetes temáticos. Disponível em <http://fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/centro-dom-vital> Acesso em 22 abr. 2019.

⁷⁸⁶ LIMA, Cláudio Medeiros. “Apresentação”. In: LIMA, Alceu Amoroso. *Memórias improvisadas: diálogos com Medeiros Lima*. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 23.

⁷⁸⁷ Cf. PEREIRA, Marco Antônio Machado Lima. “A revista *A Ordem* e o “flagelo comunista”: na fronteira entre as esferas política, intelectual e religiosa.” In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 35, nº 69, p.279-300, 2015. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882015000100279&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 22 abr. 2020.

Capítulo 4 – Do espírito cívico-republicano

4.1. Um momento oportuno

No final da década de 1920, Cecília já havia se casado com o renomado artista-plástico português, Fernando Correa Dias (1922) e dado à luz suas três filhas, Maria Elvira (1923), Maria Mathilde (1924) e Maria Fernanda (1925). Nesse ínterim tentou conciliar seu trabalho de professora com a de poetisa, escritora e jornalista, lançando livros como *Nunca Mais... e Poema dos Poemas* (1923), *Criança, meu amor...* (1924) e *Baladas para El-Rei* (1925). Também contribuiu, regularmente, por meio de crônicas, com *O Jornal*⁷⁸⁸ e com a criação da revista *Festa*.⁷⁸⁹

Em meio a essas experiências, Meireles tomou o projeto de renovação educacional como uma de suas chaves primordiais de atuação política. Pelo exposto até aqui, é factível afirmar que, desde seus anos de normalista, admirava a docência baseada no diálogo, na testagem de novos métodos didático-pedagógicos, no estudo das inovações da Pedagogia, da Psicologia e da Didática. A expectativa de que, através da educação, o Brasil se tornasse um país mais equitativo e próspero para todos, sintonizava-se com as reformas regionais de ensino, que vinham se configurando ao longo da década, tais como aquelas lideradas por Sampaio Dória (São Paulo, 1920), Lourenço Filho (Ceará, 1922-1923), Anísio Teixeira (Bahia, 1924), José Augusto Bezerra de Menezes (Rio Grande do Norte, 1925-1928), Lisímaco Costa (Paraná, 1927-1928), Francisco Campos (Minas Gerais, 1927-1928) e Fernando de Azevedo (Rio de Janeiro, 1927-1930).⁷⁹⁰

Este último, ao tomar posse, em janeiro de 1927, como Diretor Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, encabeçou uma campanha pela implantação de uma ampla remodelação de ensino na capital da República. Convidado pelo presidente Washington Luís e nomeado pelo prefeito recém-eleito, Antônio Prado Júnior, Fernando de Azevedo executou um censo escolar, com ajuda do qual definiu seu plano de ação. Empenhou-se na captação de apoio político e de recursos humanos e financeiros. Buscou alianças com a imprensa e outras organizações civis, com destaque para a Associação Brasileira de Educação, fundada em 1924. Concedeu várias entrevistas e promoveu palestras e

⁷⁸⁸ Cf. MEIRELES, Cecília. *Episódio Humano*. Prosa – 1929-1930. Rio de Janeiro: Editora Batel, 2007.

⁷⁸⁹ CACCESE, Neusa Pinsard. *Festa...*

⁷⁹⁰ Cf. ARAÚJO, José Carlos Souza; MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; VIDAL, Diana Gonçalves. *Reformas educacionais: as manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 a 1946)*. (Orgs.). Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2001. (Coleção memória da educação).

conferências, nas quais apresentava a filosofia educacional e as medidas, que conduziriam a reforma no enfrentamento de problemas, como a concepção de ensino, a preparação docente, o ensino profissional, a inspeção médico-sanitária, o cooperativismo, os prédios e bibliotecas escolares e a tabela de vencimento do pessoal.⁷⁹¹

No derradeiro trimestre de 1927, a justificação e a defesa da reforma avançaram no âmbito do Conselho Municipal – antigo nome da Câmara de Vereadores. Escudado por um discurso suprapartidário - apoiado, enfaticamente, pelo intendente (vereador) Maurício de Lacerda (1888-1959)⁷⁹² - o projeto, superando resistências, foi sancionado em 23 de janeiro de 1928.⁷⁹³

Em abril deste ano, animada pela perspectiva de arejamento da educação, Cecília, após um período de afastamento, resolveu voltar à sala de aula.⁷⁹⁴ Reassumiu o posto, como adjunta de terceira classe⁷⁹⁵ e, um mês depois, foi designada para a Escola de Aplicação.⁷⁹⁶ Esta instituição, anexa à Escola Normal, era *locus* de pesquisa, de prática de sala de aula, de descoberta e de verificação, ou seja, do pensamento científico-humanista reformista. Em dezembro, Cecília filiou-se à Associação Brasileira de Educação.⁷⁹⁷ Portanto, a professora acompanhou de perto os debates e as ações em torno da nova bússola do ensino, inspirada em ideias de Émile Durkheim, de Georg Kerschensteiner, de John Dewey, e em experiências como as de Lunatscharsky, na

⁷⁹¹ Cf. AZEVEDO, Fernando. *Novos caminhos e novos fins*: subsídios para uma história de quatro anos. [1932]. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958. (Obras completas. Vol. VII).

⁷⁹² AZEVEDO, Fernando. *Novos caminhos e novos fins*... p. 225. Maurício Paiva de Lacerda foi um advogado, político e jornalista carioca. Nos anos 1920, influenciado pelo triunfo da Revolução Russa de 1917, “passou a estimular movimentos grevistas e operários e a desdobrar-se numa permanente luta pelas reivindicações proletárias, participando, inclusive, da fundação da Liga Socialista.” Apoiou as revoltas de 1922 e de 1924, bem como a Aliança Liberal (1930) e a Aliança Nacional Libertadora (1935). Seu filho, Carlos Lacerda, foi assistente de Cecília Meireles junto à Página de Educação do *Diário de Notícias* e interlocutor de Fernando Correia Dias. PECHMAN, Robert. “LACERDA, Maurício de.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbete biográfico. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/mauricio-paiva-de-lacerda>. Acesso em 18 mai. 2020. Sobre os contatos entre Correia Dias e Carlos Lacerda, ver: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 29 de dezembro de 1931, p. 3.

⁷⁹³ Cf. AZEVEDO, Fernando. *Novos caminhos e novos fins*... CAMARA, Sônia. “A Reforma Fernando de Azevedo e as colmeias laboriosas no Distrito Federal de 1927 a 1937”. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; VIDAL, Diana Gonçalves. *Reformas educacionais*... p. 177-196.

⁷⁹⁴ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁷⁹⁵ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Domingo, 29 de abril de 1928, p. 2. O termo “terceira classe” referia-se a um dos níveis do plano de carreira docente.

⁷⁹⁶ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 9 de maio de 1928, p. 6.

⁷⁹⁷ A lista de novos sócios da ABE, constando o nome de Cecília Meireles, encontra-se em: *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 14 de dezembro de 1928, p. 2. Este dado vai de encontro à afirmação de que Cecília “nunca se filiou à Associação Brasileira de Educação (ABE).” VIEIRA, Ana Paula Leite. *Cecília Meireles e a educação da infância pelo folclore*... p. 12.

Rússia, de Otto Glöckel, em Viena, e de José Vasconcelos, no México.⁷⁹⁸ Pretendia-se vincular, junto ao sistema de ensino em estruturação, o entendimento de que a educação era um fato social, de que as escolas públicas deveriam ser laicas, gratuitas, democráticas, para ambos os sexos, de que o ensino, obrigatório, deveria quebrar a monotonia e envolver estudantes, professoras/es e famílias em atividades de aprendizagem, em ambiente propício ao trabalho e à cooperação.

Em tal atmosfera, dois anos depois, Cecília enxergou no concurso de Literatura Vernácula para a Escola Normal a oportunidade de subir mais um degrau de seu engajamento pela humanização do humano e de melhorar suas condições de sobrevivência e de trabalho.

Em vista das anunciadas novidades dos processos de provimento de cargos públicos e dos muitos interesses envolvidos na questão, os concursos para ingresso no magistério da Escola Normal do Rio de Janeiro, de 1928 a 1930, repercutiram na imprensa e aticaram discussões. Foram abertas vagas para diversas disciplinas, tais como Educação Física, Sociologia, História do Brasil, História da Civilização, Geografia Geral, Inglês, Aritmética e Álgebra, e, como dito, Literatura.⁷⁹⁹

Cabia preparar-se com afinco para o desafio de conseguir regressar, como professora efetiva, à instituição em que se formara.⁸⁰⁰ O concurso, iniciado em 1929, com entrega de tese, por escrito, foi organizado em outras três fases, realizadas no prédio da Escola Normal ao longo do mês de agosto de 1930: a primeira, defesa oral da tese, aberta ao público; a segunda, prova escrita; a terceira, também pública, preleção em forma de aula para alunas e banca.

De um só golpe, três dos oito candidatos inscritos foram desclassificados na primeira etapa.⁸⁰¹ A partir daí, começaram a surgir questionamentos sobre a idoneidade do certame. Oswaldo Orico, livre docente da Escola Normal, acompanhado pelos professores Homero Pires e Silvio Júlio, abandonaram o processo seletivo, devido às

⁷⁹⁸ Cf. AZEVEDO, Fernando. *Novos caminhos e novos fins...* p. 22. SEGUEL, Gerardo. “O concurso de Literatura da Escola Normal: uma carta à Diretora desta Página.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Sábado, 30 de agosto de 1930, p. 7.

⁷⁹⁹ ACCÁCIO, Liéte Oliveira. *Docentes e Catedráticos: os concursos para professor da Escola Normal do Distrito Federal*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2002. Ano de obtenção: 2002.

⁸⁰⁰ Conforme Yolanda Lôbo: “Cecília confidenciou ao marido, em correspondência, a intenção de se submeter ao concurso para ocupar a cátedra de literatura vernácula, para o qual se preparava com afinco, preparação essa considerada condição primordial para realizá-lo.” LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles...* p. 15.

⁸⁰¹ *O Paiz*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 5.

notas recebidas e em protesto contra dois dos quatro membros da banca examinadora - Nestor Victor e Antenor Nascente. Os referidos examinadores teriam declarado, a Orico e à plateia que acompanhava sua defesa, “absoluta ignorância dos assuntos versados pelo candidato em sua tese.”⁸⁰² Consequentemente – alegou-se - estaria dada a incompetência dos mesmos para emitir notas ao conteúdo apresentado.

4.2. Espírito de igualdade

De sua parte, Cecília Meireles apresentou uma tese, intitulada *O espírito vitorioso*, em que adotou uma postura terminante em defesa dos princípios da Escola Nova. O próprio título remetia a um vocábulo em voga, usual nas intervenções de Azevedo, que se referia ao “espírito da reforma”⁸⁰³, ao “espírito pedagógico e social”⁸⁰⁴, ao “espírito de comunidade”⁸⁰⁵, ao “espírito científico e espírito literário”⁸⁰⁶, à “largueza de espírito”⁸⁰⁷, ao “espírito novo”.⁸⁰⁸ O substantivo, nessas circunstâncias, emanava sinônimas, como intelecto, mentalidade, alma, imaginação, ideia, esclarecimento, vida, que se mesclavam na exposição e na sustentação de um projeto político: “Instruir para educar, educar para viver, e viver para quê?”⁸⁰⁹

Para Cecília, vitorioso era o espírito, brotado do Renascimento, de fins da Idade Média, assumido como “[...] o início de um ciclo de que se assiste, no tempo atual, à última fase.”⁸¹⁰ A cultura clássica renascentista e o Romantismo – do qual o prefácio de *Cromwell*, de Victor Hugo, não seria o anunciador, senão antes a verificação de um movimento, que “vinha de longe”⁸¹¹ – ligavam-se ao mundo contemporâneo. A esse devir histórico, a autora denominou “ciclo das tentativas”,

porque descobrimos nele o esforço do espírito definindo-se. Porque vemos nele a consequência da mesma inquietação que a filosofia comprova e que, paralelamente, acompanha. Porque sentimos, dando-lhe uma realidade de sistema, a repercussão dos mesmos fenômenos nas literaturas ocidentais de após a Renascença, quando, efetivamente, pelo maior contato dos povos, com as descobertas e com a imprensa,

⁸⁰² *Diário da Noite*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 2.

⁸⁰³ AZEVEDO, Fernando. *Novos caminhos e novos fins...* p. 94.

⁸⁰⁴ AZEVEDO, Fernando. *Novos caminhos e novos fins...* p. 95.

⁸⁰⁵ AZEVEDO, Fernando. *Novos caminhos e novos fins...* p. 95.

⁸⁰⁶ AZEVEDO, Fernando. *Novos caminhos e novos fins...* p. 96.

⁸⁰⁷ AZEVEDO, Fernando. *Novos caminhos e novos fins...* p. 97.

⁸⁰⁸ AZEVEDO, Fernando. *Novos caminhos e novos fins...* p. 103. Tais expressões foram recorrentes em discursos de Fernando de Azevedo ao longo dos quatro anos de sua gestão à frente da Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal.

⁸⁰⁹ MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso*. Rio de Janeiro, Editora Anuário do Brasil, 1929, p. 21.

⁸¹⁰ MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso...* p. 29-30.

⁸¹¹ MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso...* p. 41.

começou a existir essa coesão de desenvolvimento que aproximou os homens numa simpatia mais unânime pela espécie.⁸¹²

Cecília deu a conhecer sua compreensão da “marcha da vida humana, que tem na poesia sua mais sublimada revelação”.⁸¹³ A capacidade do humano de pensar e de fazer-se a si, com, para e nos outros, de escrever sua própria história, seria a senha para a abertura de possibilidades de mudança. Por essa premissa, a irrupção do novo, enquanto condição existencial e política, estaria dada, em detrimento da letargia de imposições autoritárias de dogmas. O exame de si e dos outros no desbravar do mundo foi descortinando a unidade da espécie humana, traçando um recorte universal. Segundo a concepção de Cecília, o desejo de saber, de investigar, de encontrar respostas para os problemas, individuais e coletivos, ensejaria oportunidades de comunicação e de elaboração de solidariedades. Ainda que a realidade andasse, no mais das vezes, em sentido contrário ao da liberdade, da justiça e da paz – daí as angústias de poetas de todos os tempos – a literatura dava prova de outros possíveis.

A tese, publicada pela Editora Lux e avaliada por Nestor Victor como trabalho resultante “principalmente da intuição”⁸¹⁴, com “ares de um poema em prosa”⁸¹⁵, “obra de poeta”⁸¹⁶, estruturou-se mediante os seguintes tópicos: a escola moderna; a formação do professor; a literatura e a vida; o ciclo das tentativas; e o espírito vitorioso.⁸¹⁷ Começando com a afirmação de que “todos os dias é tempo de se fazer elogio da nova educação”⁸¹⁸, Cecília analisou cada um desses pontos, nos quais, percorrendo aspectos técnicos - educacionais e literários, históricos e psicológicos - articulou sua concepção humanística.

No seu entendimento, o perfil desejável do professor era aquele que se guiava pelo respeito, pela interlocução, pelo livre exercício do pensamento, despido de preconceitos:

Não pode imprimir às vidas em formação uma íntegra noção do seu próprio *sentimento de liberdade*, não pode receber com encanto a infância nova, nem fazê-la despertar *livre de tiranias e dogmatismos* quem não esteja numa situação análoga a essa que deseja criar, quem não tenha, espontânea ou voluntariamente, abdicado das ideias feitas, dos moldes de pensamento já encontrados [...].⁸¹⁹

⁸¹² MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso...* p. 30.

⁸¹³ MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso...* p. 28.

⁸¹⁴ VICTOR, Nestor. “O espírito vitorioso.” In: _____ *Obra crítica de Nestor Victor*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979, p. 317. V. 3.

⁸¹⁵ VICTOR, Nestor. “O espírito vitorioso.” In: _____ *Obra crítica de Nestor Victor...* p. 321.

⁸¹⁶ VICTOR, Nestor. “O espírito vitorioso.” In: _____ *Obra crítica de Nestor Victor...* p. 317.

⁸¹⁷ MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso*. Rio de Janeiro, Editora Lux, 1929.

⁸¹⁸ MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso...* p. 7.

⁸¹⁹ MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso...* p. 17. Itálico nosso.

Cumpriria ao mestre ser capaz de “amar largamente o passado, sem se acurvar a ele”⁸²⁰ e de compreender com simpatia o ser humano, “com todo o seu heroísmo de virtudes e vícios”.⁸²¹ Em vez de romper com o antes, urgiria conhecê-lo e modificá-lo no agora para que se fizesse surgir um outro depois. A esse exercício da liberdade, que acolheria as conquistas de outras épocas, reinterpretando-as à luz das vicissitudes do presente, aliava-se a valorização da igualdade entre todas as pessoas. A constatação da existência de uma condição humana comum, constituída e enriquecida pela diversidade de gentes e de povos, por singularidades e subjetividades, seria um pressuposto fundamental para se atuar no e sobre o mundo. Tal atuação, contudo, só seria autêntica se fosse fruto da liberdade, cujo exercício, por sua vez, dependeria da *status* de igualdade.

Chegamos a uma *época de nivelamentos sociais que reconhece em cada indivíduo, antes de tudo, a sua qualidade de homem*. E essa qualidade lhe deve conferir *vantagens igualitárias* ou, pelo menos, a permissão para livremente conquistar essas vantagens.⁸²²

De certo modo, tais ideias faziam ressoar a fala do personagem Enjolras, de *Os miseráveis*, obra de um dos autores admirados por Cecília.

Em discurso proferido para seus correligionários republicanos, em armas contra a tirania monárquica, na Paris de junho de 1832, Enjolras imaginou um futuro em que houvesse “pensadores em plena liberdade”⁸²³, “crentes em plena igualdade”⁸²⁴, com trabalho, justiça e paz para todos. No alto da barricada, o jovem idealista caracterizou a Fraternidade como “a proteção de todos brilhando sobre o direito de cada um”⁸²⁵, “a proteção de todos sobre cada um”⁸²⁶, e observou:

Entendamo-nos a respeito da igualdade, porque se a liberdade é o ápice, a igualdade é a base. A igualdade, cidadãos, não é absolutamente toda a vegetação à mesma altura, uma sociedade de longas hastes de ervas e carvalhos-anões; é uma aproximação de injevas cortando-se mutuamente; é, *civilmente*, as mesmas oportunidades para todas as aptidões; *politicamente*, todos os votos com idêntico peso; *religiosamente*, todas as consciências com os mesmos direitos. A *igualdade tem um órgão: a instrução gratuita e obrigatória*. O direito

⁸²⁰ MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso...* p. 18.

⁸²¹ MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso...* p. 18.

⁸²² MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso...* p. 19. Itálico nosso.

⁸²³ HUGO, Victor. *Os miseráveis*. [1862]. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Apresentação de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 1406.

⁸²⁴ HUGO, Victor. *Os miseráveis*. [1862]. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Apresentação de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 1406.

⁸²⁵ HUGO, Victor. *Os miseráveis*. [1862]. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Apresentação de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 1408.

⁸²⁶ HUGO, Victor. *Os miseráveis*. [1862]. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Apresentação de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 1408.

ao alfabeto; por aí é que devemos começar. A escola primária imposta a todos, a escola secundária oferecida a todos aí está a lei. Da escola idêntica sairá uma sociedade igual. Sim, ensino! Luz! Luz!⁸²⁷

Victor Hugo, por meio de seu personagem, denunciava as iniquidades e a rígida divisão social, a opressão e o privilégio, a intolerância e o despotismo. Combatia, em suma, aquela desigualdade, artificialmente, estabelecida, em proveito de poucos e em prejuízo de muitos. Com tons rousseauianos, Enjolras arriscou-se pela criação de uma sociedade, constituída por cidadãos livres, partícipes de um contrato social de cunho democrático. Estes habitantes da *pólis*, por sua vez, seriam frutos de uma mesma educação para todos e ao alcance de todos. Combater-se-iam, assim, as profundas assimetrias sociais e os desmandos.

Cabe considerar que o princípio da igualdade não é absoluto, mas relativo, e deve, nas palavras do pensador político italiano, Norberto Bobbio, responder a três perguntas basilares, quais sejam: “igualdade, sim, mas entre quem, em relação a que e com base em quais critérios?”⁸²⁸ Perscrutando estas questões, Meireles alinhava-se ao reconhecimento de uma igualdade fundamental entre todas as pessoas, em relação à sua condição humana e à sua dignidade. Nenhuma desigualdade, seja de que feitio for – físico-fenotípica, econômico-financeira, intelectual, de gênero, política etc – no sentir de Cecília, se superpunha ao fato de que todos eram iguais. Por isso, os direitos civis, políticos e sociais seriam, antes de mais nada, direitos humanos, devendo estar ao alcance de todos. Respingaria, aqui, certa proximidade ao jusnaturalismo, em sentido lato, enquanto um conjunto de direitos, preexistentes à positivação de leis, a ser reconhecido e garantido pelo Estado e por seus cidadãos.⁸²⁹

Oriunda, como se sabe, de uma família de poucos recursos materiais, Cecília não confundia a ideia de igualdade com um aceno à eliminação das características individuais e o pretense forjar de uma uniformização. Pelo contrário: prezava, junto com a pedagogia moderna, as peculiaridades de cada ente, suas aptidões e seus interesses, a partir dos quais se incrementaria a coexistência e a prestação de serviços à comunidade. O esforço no

⁸²⁷ HUGO, Victor. *Os miseráveis*. [1862]. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Apresentação de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 1407-1408. Itálicos nossos.

⁸²⁸ BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 3ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 112-113.

⁸²⁹ Segundo Milton Meira do Nascimento, a “afirmação do direito natural sempre veio acompanhada da exigência de erigir um tribunal superior às leis positivas, e ao qual se pudesse recorrer em última instância. Os modernos, certamente, levaram às últimas consequências essa exigência, e abriram as portas para a formulação das teorias sobre os direitos humanos, herdeiros do jusnaturalismo.” NASCIMENTO, Milton Meira do. “Jusnaturalismo.” In: AVRITZER, Leonardo... [et. al.] (Orgs.). *Dimensões políticas da justiça*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p.45.

desenvolvimento de talentos e o mérito poderiam servir de baliza à diferenciação social, desde que surgidas em condições horizontais e equânimes de oportunidades. Ao mesmo tempo, não seria admitido o assalto do interesse coletivo pelo interesse individual nem a distribuição de vantagens e de ônus, por meio da hereditariedade ou do privilégio.

O substrato político-axiológico e o arranjo institucional, a preparar as pessoas para a convivência e a vida cívica, seriam providos pela educação. Em livro voltado para o ensino primário, Cecília já dera mostra destas convicções.

Adotado pela Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, *Criança meu amor* foi composto por trinta e oito pequenos textos. A autora buscou incutir em seus pequenos leitores, valores como empatia, solidariedade e igualdade. Entre histórias e mandamentos, havia um diálogo entre dois tipos ideais, o menino rico e o menino pobre, com este provando àquele que, mais importante que *ter* objetos, como brinquedos e roupas novas, era *ser* realizado pelo afeto, “com o sol, com as *crianças iguais a mim* e com os animais [...]”⁸³⁰ Combatia-se, assim, as ilusões de quem, como já criticara Thomas More, pudesse se julgar “melhor do que as demais pessoas porque se veste melhor do que elas.”⁸³¹ O real valor de um indivíduo seria identificado em seu zelo em desenvolver, pelo humanismo, virtudes cívico-republicanas.

Concomitantemente, proteção e conforto materiais foram retratados como quesitos indispensáveis. Em outra feita, ao tratar da chegada da estação fria, fez um convite para se pensar “nos teus irmãozinhos, nos meninos e meninas que vão ficar tristes no inverno, por não terem um casaquinho de lã, por não terem uns tamanquinhos de pau...”⁸³² Em tal situação, conforme a autora, sequer o acesso à escola estava assegurado. Ao expor essas imagens, Cecília visava despertar nas crianças um sentimento de camaradagem, que não se limitaria ao âmbito nacional: “E lembra-te, depois, das crianças de *outros países*, onde o inverno é tão cruel que lhes faz as mãozinhas roxas, os pezinhos feridos...”⁸³³

Em “Devo fazer dos meus colegas meus irmãos”⁸³⁴, sobrelevou-se a importância da escola como instância promotora da igualdade na dessemelhança. Em primeira pessoa do singular e do plural, a ser seguida pelos leitores, declarou:

⁸³⁰ MEIRELES, Cecília. *Criança meu amor*. [1924]. 3. ed. São Paulo: Global, 2013, p. 56. Itálico nosso.

⁸³¹ MORE, Thomas. *A utopia*. [1516]. Tradução Alda Porto. São Paulo: Martin Claret, 2013, p. 92. (Coleção a obra-prima de cada autor, 40).

⁸³² MEIRELES, Cecília. *Criança meu amor...* p. 47.

⁸³³ MEIRELES, Cecília. *Criança meu amor...* p. 47. Itálico nosso.

⁸³⁴ MEIRELES, Cecília. *Criança meu amor...* p. 34.

Quando vim para a escola, vieram comigo outros que não conhecia, mas que também aqui estão para trabalhar e aprender.
 Vivo entre os filhos dos ricos e dos pobres; vivo entre adiantados e atrasados, bons e maus, inteligentes ou não...
 Todos nós aqui temos os nossos deveres, *todos somos iguais aqui*.
 [...] ⁸³⁵

Anos depois, ao dissertar sobre o acesso de crianças a boas bibliotecas, insistiria que “o sentido democrático da educação tende a levar a todas as classes sociais os benefícios que, em tempos idos, eram exclusivamente de algumas.”⁸³⁶

Meireles não era uma revolucionária nem se dispunha a pegar em armas. Nisto, diferia-se de Enjolras. Mas com este ou com Hugo, convergia na defesa da liberdade, da igualdade e da crença no atributo transformador do conhecimento, na ilustração dos seres humanos, como trilha para o aperfeiçoamento e para a solução dos males. Também por isso, ela encontrou no movimento escolanovista um espaço de sociabilidade e de afinidades políticas. Uma síntese, feita por Fernando de Azevedo, em 1932 – ressalvada a provável tendência do autor em enaltecer os próprios feitos, durante os anos da reforma no Distrito Federal - expressa a linha do movimento, heterogêneo, da qual Cecília mais se aproximou:

A educação nova, nas suas bases, na sua finalidade e nos seus métodos, não podia fugir, de um lado, às *ideias de igualdade*, de *solidariedade social* e de *cooperação* que constituem os fundamentos do regime democrático, e por outro às ideias de pesquisa racional, trabalho criador e progresso científico, que guiam a *sociedade cada vez mais libertada da tirania das castas e da servidão dos preconceitos*.⁸³⁷

As profundas discrepâncias sociais deveriam ser combatidas pela equalização de oportunidades, por meio de uma educação pública de qualidade. Em um Rio de Janeiro fragmentado, socialmente, assinalado pelas alterações urbanísticas, em curso desde o início do século⁸³⁸, a reforma educacional reivindicaria um esforço de enfrentamento da desordem e da miséria do sistema.

Ainda sobre o *Espírito vitorioso*, ao abordar a poesia brasileira da segunda metade do século XIX, comentando sobre as características e as relações entre as vagas

⁸³⁵ MEIRELES, Cecília. *Criança meu amor...* p. 34. Itálico nosso.

⁸³⁶ MEIRELES, Cecília. “Uma biblioteca infantil.” *A Manhã*. Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1941. In: _____ *Crônicas de educação*. v. 5. ... p. 236.

⁸³⁷ AZEVEDO, Fernando. *Novos caminhos e novos fins...* p. 17. Itálico nosso.

⁸³⁸ SEVCENKO, Nicolau. “Capital irradiante: técnica, ritmo e ritos do Rio.” In: _____ (Org.). *República...* p. 513-620. NUNES, Clarice. “Modernidade pedagógica e política educacional: a gestão de Anísio Teixeira na Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro (1931-1935)”. In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; VIDAL, Diana Gonçalves & ARAUJO, José Carlos Souza (Orgs.). *Reformas educacionais: as manifestações da Escola Nova no Brasil (1920-1946)*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2011, p. 291-313. (Coleção memória da educação).

romântica, parnasiana, naturalista e simbolista, Meireles atentou para a realidade social daquele período. Sublinhou como as experimentações literárias concatenavam-se à “visão das possibilidades humanas, dentro da esfera individual e no grande cenário da coletividade.”⁸³⁹ Aludindo-se ao rastro da sensibilidade de Victor Hugo nas letras brasílicas, indagou: “A mais eloquente das vozes condoreiras, Castro Alves, não ficara, ao longe, declamando *hugoanamente* contra as escravidões?”⁸⁴⁰

Acerca do que nomeou de a “atual corrente literária”⁸⁴¹, que atravessaria “todas as partes do globo”⁸⁴², manifestando-se por meio das particularidades, explicitou sua percepção sobre o local e o global, o nacional e o universal. Afiançou a existência de

[...] uma tendência geral para o universalismo e o espiritualismo, ainda quando muitas vezes se revista de um aspecto regionalista, que é, apenas, uma espécie de restauração de cada fisionomia nacional, para sua posterior participação no grande convívio humano.⁸⁴³

A autora opunha-se ao nacionalismo encarniçado, que repugnava todo elemento estrangeiro, e ao universalismo homogeneizante, indiferente às particularidades locais.⁸⁴⁴ Tal posicionamento colidia tanto com a iconoclastia do antropofagismo oswaldiano, quanto com a do Verde-Amarelismo.⁸⁴⁵ Nesse contexto, Cecília não estava tão distante de Mário de Andrade, quando este, um ano antes, criticara determinada concepção provinciana de regionalismo ou de nacionalismo.⁸⁴⁶ Para Andrade, naquele momento, a relação entre arte e identidade nacional só seria viável pela porosidade entre a parte e o todo, a exemplo do que se via nas obras brasileiras de Lasar Segall, em que se “tira do

⁸³⁹ MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso...* p. 114.

⁸⁴⁰ MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso...* p. 114. Itálico nosso. As afinidades entre o poeta baiano e o bardo francês são flagrantes no uso da grandiloquência, de topônimos, das antíteses, na enunciação de tribuno, na temática social, inclusive, no tocante à causa republicana e a convocação à luta contra as escravidões. Ver: PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Castro Alves e o aplicativo Victor Hugo.” In: _____ *Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 97-107.

⁸⁴¹ MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso...* p. 124.

⁸⁴² MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso...* p. 125.

⁸⁴³ MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso...* p. 124-125.

⁸⁴⁴ Ver também: SILVA, Denilson de Cássio. “O ‘afeto das palavras’: Pátria, Nação e Estado em Fernando Pessoa, Mário de Andrade e Cecília Meireles (Lisboa, São Paulo, Rio de Janeiro, primeira metade do século XX).” In: *Revista Cantareira*. Niterói, edição 27, jul-dez., p. 82-94, 2017.

⁸⁴⁵ Embora contrapostos entre si, o movimento antropofágico – beligerante e irreverente - e o verde-amarelismo – sério e nacional-conservador – comungavam da busca pela identidade nacional, por meio da recusa ao que julgavam ser dominação estrangeira, sobretudo, europeia. Cf. SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 2008, p. 557-575.

⁸⁴⁶ ANDRADE, Mário de. “Regionalismo”. In: *Diário Nacional*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 14 de fevereiro de 1928, p. 2.

elemento regional um conceito mais largo”⁸⁴⁷, uma arte que “alastra o documento, humanizando-o.”⁸⁴⁸

Corroborava a percepção de um ressurgimento espiritualista, a aferição de que o período histórico do pós-Grande Guerra facultaria um repensar próprio sobre a condição humana, sobre as frustrações e os sentidos da existência. Naquela circunstância específica, em que faltava à Europa a antiga aura do monopólio da civilização, instaria sondar respostas para as incertezas do mundo, que não voltassem aos erros, geradores da barbárie. O provincianismo e o chauvinismo, o militarismo e a intransigência, haveriam de ceder a uma espiritualidade, umbilicalmente, concatenada ao pacifismo e ao intercâmbio cultural dos povos. Por meio desta ênfase, Cecília participara da revista *Festa* (1927-1928), que preconizava, vale lembrar, a emergência de um novo modo de compreender, pela totalidade e pela multiplicidade, a tensão entre corpo e espírito, natureza e sonho, homem e Deus.⁸⁴⁹ Não admira, portanto, que, junto a este grupo e além, Cecília “propendesse para a misticidade oriental”⁸⁵⁰, quiçá, inspirada, desde cedo, pelos sons, imagens, cheiros e relevos de *Le Orientales*, coletânea de poemas com que Victor Hugo açodou ainda mais o secular fascínio sobre o Outro, reinventado pelo Ocidente.⁸⁵¹

Finalizando sua tese, Cecília estimou: “Percorre toda a Terra um vento de renovação, que unanimemente se reflete a cada gesto sensível – arte, ciência, filosofia ou religião.”⁸⁵² A Educação Nova e, em seu interior, o ensino de Literatura, adviriam como resposta aos desafios colocados pelo presente:

Esta fase de generalizada espiritualidade, de desejo veemente e delimitado de transmitir a todas as criaturas o sentido de beleza que os

⁸⁴⁷ ANDRADE, Mário de. “Regionalismo”. In: *Diário Nacional*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 14 de fevereiro de 1928, p. 2.

⁸⁴⁸ ANDRADE, Mário de. “Regionalismo”. In: *Diário Nacional*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 14 de fevereiro de 1928, p. 2.

⁸⁴⁹ Em suas fileiras, *Festa* reunia de católicos a agnósticos. Cf. *Festa*: mensário de pensamento e de arte. Rio de Janeiro. Ano I, nº 1, p. 1, 1º de agosto de 1927. Ver também: CACCESE, Neusa Pinsard. *Festa...*

⁸⁵⁰ MURICI, Andrade. “Entrevista”. In: CACCESE, Neusa Pinsard. *Festa...* p. 229.

⁸⁵¹ Esta hipótese precisa ser aprofundada, muito embora já se saiba que a ligação de Cecília com o imaginário sobre o Oriente tenha remontado às conversas com sua avó e se desenvolvido ao longo de sua vida, por meio da poesia e da prosa. Sobre a obra, ainda sem tradução para o português, ver: HUGO, Victor. *Les Orientales*. [1829]. Paris: Gale Ncco Print Editions, 2017. No tocante à atração de Cecília por culturas de outro hemisfério, ver: MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* OLIVEIRA, Gisele Pereira de. *Cecília Meireles e a Índia...* REIS, Ana Amélia Neubern Batista dos. *Cecília Meireles e a Índia no modernismo brasileiro...* Ressalte-se que, não obstante a relação de Meireles com a Índia tenha rendido ótimas pesquisas – dada a importância das questões, daí promanadas - há uma ausência de estudos sobre a releitura da intelectual acerca das culturas chinesa, japonesa e - de uma perspectiva mais ampla do que a, estritamente, religiosa - hebraica. A respeito da invenção do Oriente por ocidentais, ver: SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. [1978]. Tradução de Rosaura Eichenberg. 1. ed. 8. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁸⁵² MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso...* p.125.

homens descobriram na vida, encontra a sua forma de realização mais direta, na Educação [...].”⁸⁵³

Atuando sobre a criança, estar-se-ia preparando “os futuros conjuntos humanos, isentando-os da repetição de muitos erros amargamente combatidos e nem sempre devidamente extintos.”⁸⁵⁴ Para tanto, os mestres deveriam se “adaptar à visão da obra que os espera”.⁸⁵⁵ Do contrário, fracassaria “a grande esperança destes tempos, esperança de regeneração, de trabalho, de liberdade e união fraternal de todas as raças e todos os povos.”⁸⁵⁶ Ao defender a educação moderna, a autora esboçava algo mais: um projeto de país, “um programa vivo, seguido sobre fatos vivos. [...] A evidenciação do presente. O chamado imperativo à atualidade”⁸⁵⁷, formando-se “as almas com esforço igual àquele com que se constroem os grandes poemas.”⁸⁵⁸

Em um momento em que hostes reacionárias cerravam fileiras contra a filosofia reformista, Cecília tomava seu partido no embate. Alimentava a esperança de que o perfil do professorado, pretendido pela administração, fosse coerente com o projeto instituído. Ademais era de se esperar que o sentido republicano, pelos princípios da razão e da justiça, guiasse a execução do pleito. Em uma gestão, teoricamente, comprometida com a modernização do ensino, a qualificação do professorado e a promoção do bem-estar social, não haveria vez para favoritismos políticos nas nomeações, muito menos, para preferências de viés dogmático-religioso. A isonomia e a impessoalidade, a meritocracia e a imparcialidade seriam os critérios esperados para se promover a seleção de docentes.⁸⁵⁹

4.3. Espírito público

Na primeira fase houve empate entre os dois candidatos, que avançaram no páreo, Cecília Meireles e Clóvis do Rego Monteiro, professor catedrático de Português no Colégio Pedro II.⁸⁶⁰ Este obteve pequena vantagem na segunda etapa, que versou sobre Machado de Assis, como poeta, tendências modernas do romance em Portugal, Bernardo Guimarães em relação à nossa novelística, tendências fonéticas do português falado no

⁸⁵³ MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso...* p.126.

⁸⁵⁴ MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso...* p.126.

⁸⁵⁵ MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso...* p.126.

⁸⁵⁶ MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso...* p.126.

⁸⁵⁷ MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso...* p.127.

⁸⁵⁸ MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso...* p.128.

⁸⁵⁹ Cf. AZEVEDO, Fernando. *Novos caminhos e novos fins...*

⁸⁶⁰ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 20 de agosto de 1930, p. 2.

Brasil, João Francisco Lisboa e sua influência, e as cartas de Mariana Alcoforado.⁸⁶¹ Por fim, no dia 26, ocorreram as provas didáticas de aula. Veio o resultado: Clóvis Monteiro ficou em primeiro lugar, com um total de 93 pontos e média final de 7,75, contra 89 pontos e média final de 7,41, da candidata. Chegara a hora de Cecília protestar.

No dia seguinte, à página que dirigia no *Diário de Notícias*, estampou a crônica, “Idealismo...”⁸⁶². O uso de reticências no título convidava o leitor, após inteirar-se do problema tratado, a tirar suas próprias conclusões. Quanto à autora, de sua parte, nenhuma hesitação havia em discorrer sobre os conceitos nos quais acreditava, reafirmando-os. Posto que notório o resultado final do concurso para a cadeira de Literatura da Escola Normal, a colunista advogou:

[...] Somos uma luta constante contra o passado que nos quer vestir de velhice e o futuro que nos renova.
Essa ânsia de nos sentirmos “realmente” vivos, de não nos esquecermos da nossa condição evolutiva, sob a *aglomeração dos preconceitos e dos interesses*, deve ser a revelação constante do nosso idealismo.⁸⁶³

Conquanto influentes, barreiras à realização de aspirações humanísticas não durariam eternamente: “Haverá um dia para os idealistas: longínquos, mas certíssimos. Que importa a distância do tempo para uma esperança infinita?”⁸⁶⁴ O sonho é maior do que qualquer atentado, atravessa os tempos, encontra novos cultores e demanda sua materialização:

Ainda quando se morre sem a realização concreta do que se sonhou, nem por isso se conclui que ficou morto o sonho. Ele irrompe mais tarde, depois de nós, com a força que lhe transmitiu nossa amargura – força de fecundidade do solo que vai produzir, afinal, pela primeira vez...⁸⁶⁵

Em um primeiro olhar, o texto expôs a disposição de sua autora em permanecer na luta política e educacional, norteadas por um ideal humanista, cívico-republicano. A relativa derrota no concurso não abateria suas convicções. Certa de que não se arredara do projeto de renovação educacional e social, sua consciência estaria tranquila. Tal quadro, por outro lado, tenderia a contrastar com os responsáveis pela realização da

⁸⁶¹ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 22 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁶² MEIRELES, Cecília. “Idealismo...” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁶³ MEIRELES, Cecília. “Idealismo...” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4. Itálico nosso.

⁸⁶⁴ MEIRELES, Cecília. “Idealismo...” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4. Itálico nosso.

⁸⁶⁵ MEIRELES, Cecília. “Idealismo...” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

seleção. Mais do que a seus antagonistas, o artigo voltava-se para os que, como membros do escolanovismo, pudessem, ocasionalmente, recuar em seus propósitos. Nesse aspecto, as reticências do título poderiam sugerir a existência de diferentes maneiras de se interpretar e de se viver o idealismo: sendo-se leal ao propósito – doa a quem doer; ou aceitando, de outro modo, sua dilapidação e, portanto, o constante adiamento de sua concretização. A autora seria identificada com o primeiro perfil; Fernando de Azevedo, em tese, com o segundo.

Ao lado da crônica, Cecília endereçou a este uma carta aberta. Expôs o que julgou ser, mais do que uma injustiça, um atentado a valores republicanos e uma traição aos ideais da moderna pedagogia, representada pela reforma de ensino do Distrito Federal. Não se tratou de resmungo de má perdedora. Ao contrário, a manifestação denunciou problemas do certame e demonstrou como a luta política entre projetos de país e de educação foi determinante para o desfecho a que se chegara.

Dirigindo-se ao “Exmo. Sr. Dr. Fernando de Azevedo”⁸⁶⁶, Cecília introduziu seu texto esclarecendo que partia do pressuposto de que o Diretor Geral de Instrução Pública havia acompanhado o referido caso, posto que se tratava de escolher um professor para a Escola Normal, isto é, um dos “realizadores da Escola Primária moderna, que a sua Reforma sonhou.”⁸⁶⁷ De sua parte, a remetente afirmou que também seguiu com atenção a disputa, “com mais interesse pela obra da Reforma que V. Ex. aqui implantou do que pela minha situação de candidata.”⁸⁶⁸ Para sustentar essa afirmação de desapego e de idealismo, apresentou dados de sua trajetória de luta por mudanças na educação, iniciada anos antes da atual administração:

Talvez não saiba V. Ex. que eu vim dos tempos daquela Pedagogia que a sua administração condenou: que fiz a minha formação na Escola Normal com uma finalidade pedagógica alheia ao tempo; que tentei, dentro das velhas escolas irrespiráveis, ser um elemento de transformação, anterior à Reforma de V. Ex., mas com muitos pontos de contato com ela. E que *tal foi a oposição encontrada* pelos que do alto se limitam a pontificar, que, *constrangida entre a minha consciência e a necessidade de obedecer a ordens sem inteligência*, pedi a minha exoneração do cargo de adjunta de 2ª classe.⁸⁶⁹

⁸⁶⁶ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁶⁷ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁶⁸ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁶⁹ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

Com efeito, pelo menos desde o motim das normalistas, em 1915⁸⁷⁰, Cecília vinha confrontando uma tradicional e autoritária concepção de autoridade e de disciplina. Em 1920, incomodara determinados círculos midiáticos e familiares de alunos, ao se recusar a acatar, em suas aulas, orientações preconceituosas em relação à origem portuguesa da língua nacional.⁸⁷¹ Em 1924, como já visto, publicara obra didática⁸⁷², com veio político-pedagógico, que seria incorporado pela reforma azevediana. Após muito labutar por mudanças na educação, vendo-se destituída de apoio institucional para resistir aos que protegiam um modelo de escola adestrador, austero e enfastiante, a professora resolvera recolher-se de seu mister. Ganhos, talvez, de suas colaborações para jornais e da vendagem de seus livros podem ter ajudado com a própria subsistência e à de sua família. Seu marido, Correa Dias, e sua avó, Jacyntha, provavelmente, também colaboravam com a composição da renda. Fato é que, por dever consciência, a educadora abriu mão do magistério municipal e da receita daí oriunda.

Por tudo isso, a tarefa de reestruturação do ensino, encetada por Fernando de Azevedo, atingiu em cheio Cecília Meireles:

Quando a sua Reforma apareceu nesta cidade, o meu ingênuo idealismo acordou. Pensei que era o momento oportuno para trabalhar quem já tentara, em tempos hostis, alguma coisa do que a Reforma de V. Ex. pretendia.⁸⁷³

Em 1928, efetivamente, voltara a lecionar.⁸⁷⁴ Seu empenho na função, ao que parece, foi expressivo, vez que julgava ter chegado, ao Diretor, notícias de sua atuação, que não teria sido “pouca nem estéril.”⁸⁷⁵

Após reiterar seu entendimento acerca da formação do professor como um problema basilar da Reforma de Ensino, não só no Rio de Janeiro, como em todo o Brasil e no mundo, e que, por isso, candidatara-se à cadeira de Literatura da Escola Normal, adentrou o ponto crucial de sua crítica: “Não sei como foi organizada a banca

⁸⁷⁰ Ver capítulo 2.

⁸⁷¹ Foi noticiado, em *Gil Blas*, que “as professoras sras. Leonor Posada, Sizina do Nascimento e Cecília Meireles têm provocado descontentamentos nas famílias dos alunos.” A notícia se referia ao cumprimento, pelas citadas professoras, de um decreto municipal sobre a adoção da ortografia fonética de Portugal, combatida por órgãos antilusitanos, como o próprio *Gil Blas*. Cf. *Gil Blas*: panfleto nacionalista. Rio de Janeiro. N. 73. Ano II. 2 de julho de 1920, não paginado.

⁸⁷² MEIRELES, Cecília. *Criança meu amor*. [1924]. 3. ed. São Paulo: Global, 2013.

⁸⁷³ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁷⁴ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Domingo, 29 de abril de 1928, p. 2. *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 9 de maio de 1928, p. 6.

⁸⁷⁵ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

examinadora: mas penso que deve ter merecido a sua atenção também esse problema, pois do critério dos julgadores depende sempre o resultado acertado dos concursos.”⁸⁷⁶ Desde a publicação dos nomes dos examinadores, prosseguiu o relato, “os rumores circularam”⁸⁷⁷, fazendo parecer que “já se sabia o candidato que devia ser aprovado.”⁸⁷⁸

Teria sido

tal a certeza com que se garantiu essa aprovação que eu não deveria ter concorrido às provas, se a minha boa fé no sentido de que a administração de V. Ex. iria imprimir a esse concurso não me recusasse a acreditar nos boatos em circulação.⁸⁷⁹

A seguir, Cecília ponderou sobre cada uma das etapas do páreo. A prova de defesa da tese, “mereceu da banca as mais altas referências, como o podem provar quantos a ela assistiram”⁸⁸⁰, não se levantando “a mínima objeção”⁸⁸¹ ao exposto, centrado na “literatura de Portugal e no Brasil, da Renascença até hoje, contendo uma parte de apreciação pedagógica da influência da Literatura na formação do professor moderno.”⁸⁸² A mesa, que “tanto exaltou o meu trabalho, como todos ouviram, deu-me as seguintes notas: 8, 8, 9, 9”⁸⁸³ Não estava em discussão “se me deveriam dar melhor grau. Estou demonstrando, apenas, que ou não houve sinceridade nas declarações com que acolheram a minha tese ou... (V. Ex. completará...)”⁸⁸⁴ As reticências, já empregadas na crônica contígua, agora provocavam, diretamente, o destinatário, situando-o entre duas escolhas problemáticas. Assumir ter faltado honestidade aos membros da banca deslegitimaria o concurso. Se isso não ocorrera, como explicar a discrepância entre louvores presenciais e o cálculo das notas? No mínimo, teria faltado transparência no método da avaliação. Ou coisa pior ali se produzira, como a preterição da candidata e o apadrinhamento de seu

⁸⁷⁶ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁷⁷ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁷⁸ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁷⁹ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁸⁰ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁸¹ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁸² MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁸³ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁸⁴ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

concorrente, com base em critérios filosófico-religiosos, alheios à seara didático-pedagógica.

Para Meireles, é o que bastava dizer sobre esse passo inicial do concurso. A incoerência entre rasgados elogios orais e notas correlatas, abaixo do esperado, poderiam, talvez, ser relevados.

No tocante à prova escrita, outro contrassenso: uma grande divergência na maneira de “expressar uma opinião em algarismos.”⁸⁸⁵ Um examinador deu-lhe nota 4, outro 5, outro 6, outro 7. Meireles recorreu à exclamação para enfatizar seu estranhamento: “Há doze anos que eu sou professora, Sr. Diretor da Instrução Pública! Não compreendo que uma mesma prova possa merecer ao mesmo tempo grau 7 e grau 4...”⁸⁸⁶

Se, até este ponto, afiguravam-se incongruências da banca, a análise do exame de aula e o resultado daí advindo, explicitou aspectos mais graves. De acordo com o relato, os “rumores do princípio se agravaram muito com a desistência de três candidatos. V. Ex. deve ter tido notícia disso.”⁸⁸⁷ A autora noticiou que, no dia do sorteio do ponto para a aula, o diretor da Escola Normal informara que as provas eruditas haviam passado e que a próxima seria julgada dentro de um critério didático. E afirmou, Meireles, não mais saber o que pensa os examinadores sobre pedagogia, pois ela fora a única que desenvolveu o teste “dentro dos moldes modernos, prova documentada, até com gráficos da época”⁸⁸⁸, prova em que foi “estudada a obra dos autores em que se leram trechos das suas obras, em que se comentou o espírito de cada uma, essa, - todos o viram – não foi a mesma apreciada...”⁸⁸⁹ Com franqueza, já dirigida, inclusive, a seu concorrente, narrou:

Sem desejar ferir o candidato mais bem classificado, devo declarar a V. Ex., como a ele mesmo o fiz, e como o atestaram os que entendem de pedagogia, e assistiram às duas provas, que a sua aula não salientou as quatro figuras centrais do ponto sorteado, e que ficaram envolvidas pelo assunto secundário, que era um exame retrospectivo da literatura do século 18, e, como exame retrospectivo que era, não podia ter, como teve, a proximidade que o candidato lhe deu. O candidato, além disso, não comentou a obra dos autores; não leu um trecho – onde é que já se viu aula de literatura sem apresentação de obra literária? - e fez na pedra

⁸⁸⁵ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁸⁶ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁸⁷ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁸⁸ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁸⁹ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

um quadro sinótico que V. Ex., permitirá que lhe diga, como estudiosa de pedagogia moderna que sou, é recurso de que só se lança mão em certos casos, e deve ser feito pelo aluno.⁸⁹⁰

E completou: “Essas duas provas tão diferentes mereceram estas notas: uma, 8, 8, 8, 9. Outra... 8, 9, 9, 9.”⁸⁹¹ Meireles considerou tudo o que foi exposto, “absolutamente em desacordo com as intenções de quem, como V. Ex., deseja reformar a Instrução Pública entre nós.”⁸⁹² Mencionou ainda não poder compreender os motivos pelos quais o subdiretor técnico, foi assistir “*apenas* à minha defesa de tese”⁸⁹³ e, depois, às provas de aula, “quando todos já esperavam não fosse eu a escolhida.”⁸⁹⁴ Talvez este auxiliar do Diretor Geral pudesse “explicar o critério novo, por que foram julgados os candidatos neste concurso”.⁸⁹⁵

Conquanto não pudesse ser taxativa em relação às razões do que considerava um desvirtuamento do espírito público e da remodelagem educacional, deixou expressa, inequivocamente, a causa precípua de tal situação. Se os critérios da “boa pedagogia”⁸⁹⁶ e da “boa lógica”⁸⁹⁷ não recomendavam aquele proceder, a triagem de “coisas metafísicas...”⁸⁹⁸, “mais escolásticas”⁸⁹⁹, teriam sido decisivas,

porque observei que a todos os candidatos foi apresentada uma objeção de ordem filosófico-religiosa. A mim, por exemplo, disseram, contestando a minha afirmação sobre um novo surto altamente espiritual no mundo, que “a vida não pode tender a espiritualidades uma vez que as escolas ainda são *laicas*...”⁹⁰⁰

⁸⁹⁰ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁹¹ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁹² MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁹³ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4. Itálico original.

⁸⁹⁴ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁹⁵ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁹⁶ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁹⁷ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁹⁸ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁸⁹⁹ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁹⁰⁰ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4. Itálico original.

O parâmetro filosófico-religioso, segundo o relato, foi sistematicamente aplicado na avaliação dos trabalhos e dos candidatos. O arguidor deu a entender que um dos pilares da agenda reformista seria impeditivo ao desenvolvimento da espiritualidade, induzindo à conclusão de que o ensino laico barrava o desenvolvimento espiritual. Da parte de Cecília, obviamente, essa observação mostrava-se equivocada. A ela parecia claro que a laicidade das instituições públicas permitia a coexistência de diferentes correntes espirituais, religiosas ou não, por se absterem de tomar partido, a favor ou contra quaisquer denominações de fé. Seria pertinente, então, pensar nos interesses e no perfil político-pedagógico dos quatro integrantes da banca. Eram eles: Nestor Victor, literato; Antenor Nascente, professor do Colégio Pedro II; Coelho Netto, escritor renomado⁹⁰¹; e Tristão do Athayde (Alceu Amoroso Lima), crítico literário.⁹⁰² Tudo leva a crer que o papel desempenhado por este último foi decisivo para as repercussões, os comentários e o desenlace do concurso, no qual, então, teria assumido um tipo de liderança da mesa examinadora.

Na comissão, Amoroso Lima é o que mais se destacava pela notória militância em prol do catolicismo e do ensino confessional. Ele, efetivamente, tomara para si o legado de seu antecessor político – Jackson de Figueiredo – endossando o combate do catolicismo contra o laicismo/laicidade, do nacionalismo contra o cosmopolitismo, da tradição contra a inovação, da hierarquização contra a mobilidade, da reação da autoridade contra o liberalismo democrático.⁹⁰³ Essa feição tornava sua figura um dos principais oponentes dos princípios da Reforma Educacional. Tal fato, provavelmente,

⁹⁰¹ Conforme síntese de Ubiratan Machado: “Henrique Maximiano Coelho Neto viveu uma das fases mais ricas da literatura brasileira, contemporâneo de Machado de Assis, Euclides da Cunha, Olavo Bilac, Cruz e Sousa. Desfrutou de imenso prestígio. Reverenciado como uma força da natureza, reconhecido por Machado de Assis como um “dos nossos primeiros romancistas”, publicou mais de cem obras, muitas delas com várias edições, o que afirma a simbiose entre autor e público. Como escritor, foi homem de seu tempo e de outros tempos, graças à imaginação fértil e, por vezes, descontrolada. Se gozou da glória em vida, conheceu também o inferno (ou apenas o desdém) literário, a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, quando sua obra passou a ser negada e ridicularizada. A ofensiva, articulada pelos jovens modernistas, acabou se impondo como uma espécie de juízo definitivo da posteridade. Coelho Neto tornou-se sinônimo de escritor empolado, retrógrado e de mau gosto. [...]” MACHADO, Ubiratan. *Coelho Neto*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 7. Disponível em <https://www.academia.org.br/publicacoes/coelho-neto> Acesso em 17 mai. 2020.

⁹⁰² *Diário Carioca*. Rio de Janeiro. Domingo, 3 de agosto de 1930, p. 7.

⁹⁰³ Cf. LIMA, Cláudio Medeiros. “Apresentação”. In: LIMA, Alceu Amoroso. *Memórias improvisadas...* p. 17-30.

contribuiu para que a candidata, em um intervalo da prova, tenha recebido, “de um elemento da banca”⁹⁰⁴, “desiludido”⁹⁰⁵, a declaração: ““Prepare-se para a decepção!””⁹⁰⁶

Provida com todas essas informações e insinuações, Cecília apresentou ao Diretor os seus “pêsames pela forma porque está sendo interpretada a sua Reforma, e pelos colaboradores que V. Ex. nela tem.”⁹⁰⁷ E inferiu, assertivamente: “Ou V. Ex. foi traído na sua obra da Reforma, ou se esqueceu de lhe dar a sua autoridade de Reformador.”⁹⁰⁸ A carta não seria uma simples defesa de causa pessoal – o que levaria a replicante a incorrer a expediente por ela condenado. O que estava em discussão, salientou, era “a causa da Educação brasileira.”⁹⁰⁹ Por isso, retoricamente, pedia perdão pela “ingenuidade de lhe escrever. Há coisas, porém, que devem ficar registradas publicamente. E este concurso é uma delas.”⁹¹⁰

Ao dar publicidade ao que se passara no certame, pondo em aberto sua versão dos acontecimentos, a candidata expôs seu empenho no debate de ideias e na escolha da esfera pública como domínio, por excelência, de construção de um humanismo cívico. Enfrentou o arcaísmo de costumes, costurados por apadrinhamentos políticos, predileções partidário-ideológicas e patrimonialismo, tão deletérios ao espírito republicano. Desabafou:

Para que toda a encenação de tão longos dias? Não acha V. Ex. que a pessoa que agiu nisso tudo com o seu poder deveria também simplificar toda essa falsidade de provas, nomeando, simplesmente, o seu protegido?⁹¹¹

O verniz do discurso de transparência e de isonomia no trato da coisa pública poderia até ser dispensado para processos em que o privilégio e as inclinações pessoais fossem flagrantes e determinantes. Nesse ambiente, muitas seriam as ameaças à reforma

⁹⁰⁴ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁹⁰⁵ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁹⁰⁶ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4. Provavelmente, para evitar constrangimentos, Cecília não revelou o nome deste examinador, que a alertara.

⁹⁰⁷ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁹⁰⁸ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁹⁰⁹ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁹¹⁰ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁹¹¹ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

educacional, “tão claramente desrespeitada neste concurso.”⁹¹² Ao expressar seus “protestos e profundo pesar”⁹¹³ por tal situação, a segunda colocada afirmou não haver esmorecido, tendo conservado seu apego ao ideal da Escola Nova e se considerado, “moralmente”⁹¹⁴, “perfeitamente vitoriosa.”⁹¹⁵ Tal postura, como visto, ocupou toda a sua crônica na mesma página da carta.⁹¹⁶

Cecília Meireles conseguiu diagnosticar o ponto central do problema, qual seja, o fato de o Diretor Geral não haver atentado, devidamente, para a compleição dos membros da banca examinadora, que acatou, em seu bojo, um dos principais adversários da vertente reformista, prócer da pedagogia, dita tradicional, em que o ensino religioso encontrava abrigo.

Dois dias após o surgimento da carta veio à tona, no *Diário da Noite* – vespertino carioca, pertencente ao conglomerado de Assis Chateaubriand, apoiador da campanha de Vargas⁹¹⁷ - uma entrevista com o primeiro colocado. Indagado sobre quem organizava as bancas examinadoras nos concursos da Escola Normal, o fiel católico⁹¹⁸, Clóvis Monteiro, respondeu crer ser

sempre o diretor geral. Pelo menos a banca de Literatura e a de Sociologia foram constituídas por pessoas da sua direta confiança, sobre quem não pediu, nem precisava de pedir informações a quem quer que fosse. Que foi o único organizador dessas bancas declarou por escrito em resposta a uma carta que lhe dirigiu o dr. Jonathas Serrano. Eu mesmo tive ocasião de ver hoje em mãos do subdiretor técnico a carta com a resposta. E, para terminar, saiba meu amigo que nem sempre é certo o que dizem dos concursos.⁹¹⁹

A fala, indiscutivelmente, surgiu como reação ao burburinho e às críticas que cercavam o exame, em especial, à manifestação de Cecília Meireles. Foi confirmada, por Clóvis, a suposição de Meireles de que Fernando de Azevedo estava a par do processo de organização e de efetivação do concurso, bem como da escolha dos examinadores. Como,

⁹¹² MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁹¹³ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁹¹⁴ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁹¹⁵ MEIRELES, Cecília. “O concurso de Literatura na Escola Normal. Carta aberta ao Diretor Geral da Instrução Pública.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁹¹⁶ Cf. MEIRELES, Cecília. “Idealismo...” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de agosto de 1930, p. 4.

⁹¹⁷ MOREIRA, Maria Ester Lopes. “Diário da Noite.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbetes temáticos. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-da-noite> Acesso em 14 mar. 2020.

⁹¹⁸ Cf. *O Malho*. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1931, p. 16.

⁹¹⁹ *Diário da Noite*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 29 de agosto de 1930, p. 2.

então, o Diretor Geral poderia ter aceitado a presença decisiva de um ativista, como Alceu Amoroso Lima, na bancada?

Primeiramente, há de se considerar que este, além de patrão e presidente da Companhia de Fiação e Tecidos Cometa, e de cabeça da intelectualidade católica, também era um crítico literário conhecido e respeitado.⁹²⁰ Ou seja, tratava-se de uma figura intelectual de prestígio, combativo e polemista. *Pari passu* os mesmos predicados que serviriam para embasar a escolha de seu nome para o trabalho em questão, também poderiam se prestar como justificativa para se evitar sua presença em um pleito da reforma educacional.

Uma pista para entender tal escolha encontra-se no citado nome de Jonathas Serrano (1885-1944). Professor, formado em ciências jurídicas e sociais, Serrano era um intelectual católico, que, entretanto, apoiava os novos métodos educacionais. Tratava-se de uma figura empenhada em costurar diálogos, uma zona mínima de entendimento entre as correntes educacionais, católica e moderna. Esse esforço fica explícito no título do livro que, pouco depois, em 1932, lançaria, já em um contexto em que as possibilidades de conciliação entre os dois movimentos se esboroavam ainda mais: *A Escola nova: uma palavra serena, em um debate apaixonado*.⁹²¹ Como apoiador da Reforma e adepto do conservadorismo catolicista, Serrano pode ter contribuído, de alguma forma, para que, aos olhos do Diretor Geral, o nome de Alceu se tornasse aceitável para a tarefa de examinador.

Com essa aquiescência, Fernando de Azevedo teria buscado pôr em prática princípios de equilíbrio e de tolerância, sem excluir, *a priori*, de sua alçada, a possibilidade da atuação de intelectuais com pensamentos diferentes do seu. Sob esse prisma, Azevedo orgulhou-se de não ter realizado nenhum tipo de ingerência no resultado dos concursos da Escola Normal, “em que as nomeações obedeceram, sem uma exceção única, à ordem rigorosa de classificação.”⁹²² Por essa via, ter-se-ia banido “das nomeações e promoções o favoritismo político, que cedeu o lugar ao império da razão, da lei e da justiça; [...]”⁹²³

Se, realmente, foram acatados os pareceres finais dos pleitos, os critérios de seleção dos avaliadores e as possíveis cartas marcadas ou preferências pessoais dos mesmos podem ter escapado à objetividade, reivindicada por Azevedo. Não parece restar

⁹²⁰ Cf. LIMA, Alceu Amoroso. *Companheiros de viagem*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1971.

⁹²¹ SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 4ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013, p. 272. (Coleção Memória da Educação).

⁹²² AZEVEDO, Fernando. *Novos caminhos e novos fins...* p. 104.

⁹²³ AZEVEDO, Fernando. *Novos caminhos e novos fins...* p. 104.

dúvida de que, sobre o saldo de Cecília Meireles no concurso, pesaram fatores, como sua qualidade de livre-pensadora e de defensora da Escola Nova, sem descartar os possíveis efeitos de sua condição de mulher sobre a banca masculinizada.

A falha no processo de seleção docente para integrar os quadros da reforma educacional foi corroborada por outra carta pública, desta feita, de apoio à Cecília. Assinado por Gerardo Seguel, educador chileno, que estudou, acompanhou e apoiou reformas no Chile, na Argentina, no Brasil, na Espanha e na Áustria, o texto trouxe uma análise minuciosa das etapas do concurso. Mencionando nomes que inspiraram a Escola Ativa, como Rousseau e Pestalozzi, e que vinham construindo-a, contemporaneamente, como Kerchensteiner, Gloeckel e Dewey, ponderou:

A banca que examina estes concursos, hoje, não deve ser, como a do passado, constituída pelas chamadas “autoridades”, que, em geral, são elementos que se estagnaram na consideração que porventura hajam merecido “noutro tempo”, e, por isso mesmo, reconhecidamente em desacordo com os tempos novos. Quando não possa ser constituída – o que seria o ideal – por educadores notáveis, conhecedores do assunto e da época em que atuam, deve ser formada por pessoas que se tenham salientado, em atividades outras que a educação, mas acusando conhecer o problema da atualidade, dentro da sua especialidade, o que é uma vantagem para perceber as intenções da nova educação.⁹²⁴

Posta a precariedade da qualificação de membros da banca, que, ou não seriam educadores notáveis, ou não estariam sintonizados com as transformações didático-pedagógicas, o resultado final fazia-se discutível. Sem negar que “influências doutrinário-políticas”⁹²⁵ se fizessem presentes, tal como aludido por Meireles, Seguel afirmou ter nítido que a banca tomara por base uma concepção educacional oposta à preconizada pela reforma: “Quero crer que a banca foi coerente: apenas escolhendo o senhor Clovis para servir à cadeira de literatura agiu com o critério condenado pela Reforma. Escolheu o único que estava dentro de sua natureza compreender.”⁹²⁶

Cecília tão cedo não esqueceria o pleito, que, no seu entender, afrontara princípios republicanos, caros à sua concepção humanístico-política. Nove meses mais tarde, em crônica de 12 de maio de 1931, “agora, que as tardes andam róseas e leves como flores

⁹²⁴ SEGUEL, Gerardo. “O concurso de Literatura da Escola Normal: uma carta à Diretora desta Página.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Sábado, 30 de agosto de 1930, p. 7.

⁹²⁵ SEGUEL, Gerardo. “O concurso de Literatura da Escola Normal: uma carta à Diretora desta Página.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Sábado, 30 de agosto de 1930, p. 7.

⁹²⁶ SEGUEL, Gerardo. “O concurso de Literatura da Escola Normal: uma carta à Diretora desta Página.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Sábado, 30 de agosto de 1930, p. 7.

de pêssego”⁹²⁷, retornou ao problema. O farto emprego de ironia e de reticências no texto, começava pelo título: “Um concurso de Literatura na China...”⁹²⁸ Ao recordarem a história do Estado, milenarmente, caracterizado pela contenda entre privilégios aristocráticos, de um lado, e valorização da competência, de outro, no que se refere ao recrutamento do funcionalismo burocrático⁹²⁹, as linhas divisavam alvos precisos: os examinadores e o primeiro colocado do concurso de Literatura da Escola Normal:

[...] No tempo de Li-Tai-Po, havia na China, de três em três anos, um exame que permitia obter o mais alto grau literário: o de tsiu jenn. Mas, no tempo de Li-Tai-Po também havia, na China, *como há ainda hoje no Brasil*, maneira de se obter aprovação num exame não pelo talento, mas pela astúcia. E alguns candidatos se apresentaram (e onde é que estão os seus nomes na literatura chinesa?!) contando com os presentes que, geralmente, têm resultados muito mais certos que o talento...⁹³⁰

Presentes simbólicos, ideológicos ou materiais, que Li-Tai-Po – dando voz à Cecília – “teria repugnado, ainda que não tivesse confiança em si...”⁹³¹ Os juízes chineses, conforme a narrativa, sequer deram-se o trabalho de ler a composição de quem não lhes havia brindado. Um deles chegou a reconhecer o grande valor da obra de Li Po, mas andou “manchado de covardia...”⁹³², detendo-se na hesitação sobre o que “dizer, depois das palavras dos seus colegas”⁹³³, que desprezaram, por razões descabidas, aquele mesmo trabalho. Tais referências espelhariam o páreo carioca: a resignação do examinador pusilânime, que aconselhara Meireles a estar pronta para a decepção, a discrepância das notas emitidas, as objeções de ordem diversa ao propósito da seleção, o favorecimento, de partida, de quem se apresentasse subordinado aos ditames da predileção pessoal e ideológica.

A crônica terminou com o poeta do século VIII d. C., recuperando-se do golpe sofrido, obtendo, por seu talento e por seu trabalho, reconhecimento do soberano e

⁹²⁷ MEIRELES, Cecília. “Um concurso de Literatura na China.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 12 de maio de 1931, p. 7.

⁹²⁸ MEIRELES, Cecília. “Um concurso de Literatura na China.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 12 de maio de 1931, p. 7.

⁹²⁹ Cf. FAIRBANK, John King & GOLDMAN, Merle. *China: uma nova história*. Tradução de Marisa Motta. Porto Alegre, RS: LP&M, 2006, p. 100-102.

⁹³⁰ MEIRELES, Cecília. “Um concurso de Literatura na China.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 12 de maio de 1931, p. 7. Itálico nosso.

⁹³¹ MEIRELES, Cecília. “Um concurso de Literatura na China.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 12 de maio de 1931, p. 7.

⁹³² MEIRELES, Cecília. “Um concurso de Literatura na China.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 12 de maio de 1931, p. 7.

⁹³³ MEIRELES, Cecília. “Um concurso de Literatura na China.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 12 de maio de 1931, p. 7.

tornando-se “até hoje, uma das glórias mais puras da poesia chinesa”⁹³⁴; os juízes foram despojados de seus cargos e seus apaniguados, relegados ao esquecimento. Ao agir virtuoso, respaldado pelo equilíbrio e pela justeza no trato da coisa pública, pertenceria a vitória, malgrado as estocadas da adversidade.

Os embates políticos de Meireles, em seu processo de trabalho e de consagração, porém, foram mais longos e complexos do que a narrativa de Li-Po deixou entrever. Um projeto fundado na premissa da liberdade, da igualdade e da fraternidade, confrontador de extremismos e de soluções fáceis, haveria de encontrar e de reencontrar opositores.

4.4. Espírito de liberdade

Em seu livro de memórias, Alceu Amoroso Lima afirmou, lamentando, que o resultado do concurso, “com a vitória de Clóvis Monteiro, com mínima diferença de pontos sobre cinco ou seis concorrentes, inclusive, Cecília Meireles, me valeu a inimizade desta até morrer.”⁹³⁵ Esta interpretação, apesar de correta, é incompleta. A “intolerância”⁹³⁶ do então recém-convertido, “com todo ímpeto de cristão, senão novo pelo menos revertido às suas raízes”⁹³⁷, trazendo consigo “certas posições extremadas”⁹³⁸, voltou-se novamente contra Cecília em 1932. Em maio, aludindo, sem citar nomes, ao grupo ao qual Cecília se vinculava, acusou-o de propalar a “nossa *Nep*”⁹³⁹, a “nova política educacional”⁹⁴⁰. No intuir do diretor de *A Ordem*, o “materialismo filosófico”⁹⁴¹ e o “absolutismo pedagógico”⁹⁴² estruturariam

a doutrina pedagógica desses modernistas, bebida diretamente na “pedagogia nova” de Dewey, de Nartop, do Instituto Jean-Jacques Rousseau, mas já consagrada explicitamente pela Revolução Francesa,

⁹³⁴ MEIRELES, Cecília. “Um concurso de Literatura na China.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 12 de maio de 1931, p. 7.

⁹³⁵ LIMA, Alceu Amoroso. *Memórias improvisadas: diálogos com Medeiros Lima*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973, p. 223.

⁹³⁶ LIMA, Alceu Amoroso. *Memórias improvisadas...* p. 227.

⁹³⁷ LIMA, Alceu Amoroso. *Memórias improvisadas...* p. 226.

⁹³⁸ Palavras do próprio Alceu. LIMA, Alceu Amoroso. *Memórias improvisadas...* p. 226.

⁹³⁹ Referência à Nova Política Econômica, formulada por Lênin, após o fim da guerra civil russa, em 1921, vigente até 1924. LIMA, Alceu Amoroso. “Absolutismo pedagógico.” In: In: *A Ordem*. Ano XIII, mai. 1932, p. 317, Rio de Janeiro. *Itálico original*.

⁹⁴⁰ LIMA, Alceu Amoroso. “Absolutismo pedagógico.” In: In: *A Ordem*. Ano XIII, mai. 1932, p. 317, Rio de Janeiro.

⁹⁴¹ LIMA, Alceu Amoroso. “Absolutismo pedagógico.” In: In: *A Ordem*. Ano XIII, mai. 1932, p. 317, Rio de Janeiro.

⁹⁴² LIMA, Alceu Amoroso. “Absolutismo pedagógico.” In: In: *A Ordem*. Ano XIII, mai. 1932, p. 317, Rio de Janeiro.

defendida, desde então, com encarniçamento, pela Maçonaria e já agora em plena realização, pelo menos teórica, na pedagogia comunista.⁹⁴³

Ao listar algumas das principais figuras de inspiração do escolanovismo, forçando a ligação das mesmas com a maçonaria e o comunismo, Alceu mesclou linhas ideológicas distintas entre si. Formatando-as a um todo inconsútil, o autor traçou um quadro reducionista, adequado ao objetivo de incendiar os ânimos contra os signatários do *Manifesto dos Pioneiros*, há pouco divulgado.⁹⁴⁴

Cecília se embraveceu com tais ataques. Em carta a Fernando de Azevedo, relatou o alastramento de uma epidemia de gripe, no Rio, que a havia deixado de cama por uma semana. A febre e o cansaço daqueles dias, porém, logo passariam. “Muito pior”⁹⁴⁵ que aquela doença, nas palavras da remetente,

é o Sr. Tristão de Ataíde, por exemplo.[...]. Está, evidentemente, resolvido a desmoralizar a Escola Nova, e isso de procurar confundi-la com o comunismo parece-lhe decerto um método de eficácia [...]. Ainda a confusão é, na verdade, um método de resultados certos, entre nós.⁹⁴⁶

Um mês depois, novo artigo metralhou o movimento escolanovista e alguns de seus principais representantes. Nele Alceu pôs-se a profetizar: “[...] se, por desgraça nossa, o comunismo se apoderasse do Brasil, todos esses que hoje desmentem a sua posição marxista, estariam então proclamando a sua qualidade de precursores do novo regime...”⁹⁴⁷ Mencionou, então, nominalmente, Cecília:

Não é defesa nenhuma, portanto, do Sr. Anísio Teixeira ou da Sra. Cecília Meireles, dizer que nenhum deles pertence ao P.C. [Partido Comunista]. É cedo demais para isso. Por ora, quando estão de boa-fé, pensam apenas em renovar a educação pública brasileira, pelo espírito “moderno”, pelos métodos “modernos”. E, quando de má fé, procuram iludir os tolos com o seu reformismo muito manso, com a sua boa vontade de chamar os pais a colaborar com o Estado, com suas palavras de cordeirinhos da educação nova [...].⁹⁴⁸

⁹⁴³ LIMA, Alceu Amoroso. “Absolutismo pedagógico.” In: *A Ordem*. Ano XIII, mai. 1932, p. 317, Rio de Janeiro.

⁹⁴⁴ O *Manifesto* foi divulgado em março de 1932. Cf. AZEVEDO, Fernando de... [et.al.]. *Manifestos dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores (1959)*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana, 2010.

⁹⁴⁵ MEIRELES, Cecília. Carta a Fernando de Azevedo. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1932. Disponível em: *Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo* (IEB USP). Arquivo Fernando de Azevedo.

⁹⁴⁶ MEIRELES, Cecília. Carta a Fernando de Azevedo. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1932. Disponível em: *Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo* (IEB USP). Arquivo Fernando de Azevedo.

⁹⁴⁷ LIMA, Alceu Amoroso. “O Instituto Oficial de Psicologia.” In: *A Ordem*. Ano XIII, jun. 1932, p. 402, Rio de Janeiro.

⁹⁴⁸ LIMA, Alceu Amoroso. “O Instituto Oficial de Psicologia.” In: *A Ordem*. Ano XIII, jun. 1932, p. 402, Rio de Janeiro.

A educadora reformista e o militante católico ocupavam campos ideológicos em rota de colisão, não só no tocante a questões, estritamente, educacionais, como também a problemas políticos mais amplos, a tradições de pensamento sobre a vida cívica e os direitos do cidadão. À proporção que, naquele instante, Amoroso Lima ultrajava os ideais revolucionários do final do século XVIII⁹⁴⁹, Cecília os exaltava. O elogio, por ela feito, ao princípio de liberdade, evidencia uma das fontes centrais da elaboração de suas convicções políticas.⁹⁵⁰ Tal afinidade com ideais da Revolução Francesa perpassou o ambiente de trabalho de Meireles, junto ao *Diário de Notícias*. Um mês após sua fundação, em junho de 1930, o periódico estampou a gravura, abaixo.

Imagem 21. *Espírito das Luzes. O 14 de julho como dia de festa pública no Brasil. Em dezembro, o chefe do Governo Provisório excluiria a data do calendário cívico.*



(Fonte: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 14 de julho de 1930, p. 5. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 7 jun. 2018. Na legenda, lê-se: “Um alto relevo significando a marcha do povo para a Bastilha”).

⁹⁴⁹ LIMA, Alceu Amoroso. “Absolutismo pedagógico.” In: *A Ordem*. Ano XIII, mai. 1932, p. 317-319, Rio de Janeiro.

⁹⁵⁰ Valéria Lamego, em diferentes ocasiões, tem dado destaque à centralidade da ideia de liberdade no pensamento e na obra de Cecília Meireles. Vejam-se, por exemplo, a palestra “Liberdade e parresia em Cecília Meireles – das páginas da educação ao Romanceiro”, proferida no âmbito do Grupo de Pesquisa Retórica e Argumentação, Faculdade de Letras (Fale), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 13 de setembro de 2018; e, mais recentemente, a comunicação “A extrema liberdade em Cecília Meireles”, apresentada junto ao *Colóquio Internacional Cecília Meireles: 120 anos*, em 26 de outubro de 2021 – Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DvVnAgRdizY> Acesso em 27 out. 2021.

À imagem seguiu-se um artigo, imbuído de linguagem política, caudatária da Ilustração. Fez-se um resumo do “movimento revolucionário que, há 141 anos, vingava os direitos do homem.”⁹⁵¹ Não se furtou a descrever detalhes da fúria da “reação popular que derrubou a tirania da Bastilha”⁹⁵², com gritos de “Armas! Armas!”⁹⁵³ contra os “inimigos do bem público”⁹⁵⁴, e a execução do governador local e de seus aliados, cujas cabeças, depois de cortadas, enfiadas “na ponta dos chuços”⁹⁵⁵ e exibidas por toda Paris, “sob delírio da multidão que blasfema.”⁹⁵⁶ Esse sangrento 14 de julho “ficaria na história da Humanidade como a etapa inicial e gloriosa do seu aperfeiçoamento social”.⁹⁵⁷ Pois, ali, concretizava-se, pela ação de homens, “mulheres, crianças e velhos”⁹⁵⁸, a “frase imortal”⁹⁵⁹, constante na Declaração dos Direitos: “A natureza fez todos os homens livres e iguais.”⁹⁶⁰ E finalizava com a afirmação de que o “golpe do povo no sistema tirânico da realeza”⁹⁶¹ tornara aquele dia “mais uma data dos povos do que uma efeméride da história da França.”⁹⁶²

A publicação ocupou duas colunas da página 5, dividindo-a com notícias sobre “fatos diversos”⁹⁶³, ocorridos nas últimas “vinte e quatro horas.”⁹⁶⁴ Posto que não foi situado em uma seção especial nem mencionou o nome de seu autor, deduz-se, que, provavelmente, o conteúdo expressava o ponto de vista da direção do jornal, encabeçada por Nóbrega da Cunha, Figueiredo Pimentel e O. R. Dantas. Mesmo se, formalmente, não configurasse um editorial, a análise, no mínimo, indicava a existência de um consentimento a tais ideias. Cecília, decerto, sentia-se à vontade em se aliar a um periódico em que a divulgação dos princípios de liberdade e de igualdade era abonada.

Dada a posição que estas convicções preenchiam no tabuleiro semântico, não espanta que Getúlio Vargas, subscrito por seu Ministro da Educação, o assumidamente fascista⁹⁶⁵, Francisco Campos, tenha preterido a data do calendário de feriados e de festas

⁹⁵¹ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 14 de julho de 1930, p. 5.

⁹⁵² *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 14 de julho de 1930, p. 5.

⁹⁵³ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 14 de julho de 1930, p. 5.

⁹⁵⁴ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 14 de julho de 1930, p. 5.

⁹⁵⁵ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 14 de julho de 1930, p. 5.

⁹⁵⁶ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 14 de julho de 1930, p. 5.

⁹⁵⁷ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 14 de julho de 1930, p. 5.

⁹⁵⁸ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 14 de julho de 1930, p. 5.

⁹⁵⁹ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 14 de julho de 1930, p. 5.

⁹⁶⁰ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 14 de julho de 1930, p. 5.

⁹⁶¹ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 14 de julho de 1930, p. 5.

⁹⁶² *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 14 de julho de 1930, p. 5.

⁹⁶³ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 14 de julho de 1930, p. 5.

⁹⁶⁴ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 14 de julho de 1930, p. 5.

⁹⁶⁵ Em carta a Fernando de Azevedo, Cecília Meireles relatou haver se encontrado com Francisco Campos, em um jantar social. Na ocasião, o ministro voltou-se à diretora da *Página de Educação*, ciente da oposição

nacionais.⁹⁶⁶ Acerca deste proceder, a explicação oficial escorou-se em dois pontos. Um deles, de caráter econômico, considerou a redução dos feriados uma vantagem para o “trabalho nacional”.⁹⁶⁷ Menos folga, mais produção, circulação e troca. Outro, de feição social e simbólico, tentou legitimar a decisão pela manutenção dos feriados, que, “por sua mais larga significação humana e nacional, sensibilizam mais profundamente a consciência coletiva.”⁹⁶⁸ O 7 de setembro e o 15 de novembro, por exemplo, foram preservados. Todavia é razoável pensar que os significados do 14 de julho fossem malvistas por alas mais autoritárias do Governo Provisório e que este aspecto teria também atuado na elaboração do decreto. O mesmo vale para o dia em que se comemorava a abolição da escravidão.

Por ocasião do primeiro mês de maio, desde 1890⁹⁶⁹, em que não se celebrou, oficialmente, o dia 13, Cecília atentou:

Extinto o feriado (e, entre o 13 de maio, o 15 de novembro e o 7 de setembro, hesito em distinguir qual o mais digno de ser altamente comemorado), tudo se reduziu a uma romaria ao túmulo dos abolicionistas, e a uma celebração na Sociedade dos Homens de Cor.⁹⁷⁰

Mais do que notar um encolhimento das comemorações em torno daquele dia, a intelectual discutiu a escolha do governo, que alegou pinçar datas, cabe repetir, “por sua mais larga significação humana e nacional”⁹⁷¹, as quais, presumivelmente, sensibilizariam “mais profundamente a consciência coletiva”.⁹⁷² Pelo crivo das convicções políticas da cronista, festejar a liberdade e a fraternidade valeria tanto ou mais do que solenizar, *per se*, a instituição de um regime político. Infere-se que, dessa

da mesma ao decreto sobre o ensino religioso em escolas públicas. Segundo Meireles: “*Ele me disse que é fascista*, e quis por todos os modos explicar as origens do seu decreto.” MEIRELES, Cecília. Carta a Fernando de Azevedo. Rio de Janeiro, 12 de abril de 1932. Disponível em: *Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo* (IEB USP). Arquivo Fernando de Azevedo. Ainda sobre o perfil político de Francisco Campos, ver: MALIN, Mauro. “Francisco Luis da Silva Campos.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. *Dicionários. Verbetes biográficos*. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biograficos/francisco-luis-da-silva-campos> Acesso em 08 ago. 2020.

⁹⁶⁶ Cf. DECRETOb, nº 19.488, de 15 de dezembro de 1930. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19488-15-dezembro-1930-508040-republicacao-85201-pe.html> Acesso em 17 ago. 2019.

⁹⁶⁷ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 17 de dezembro de 1930, p. 3.

⁹⁶⁸ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 17 de dezembro de 1930, p. 3.

⁹⁶⁹ Para o documento que estabeleceu o calendário de festas nacionais do novo regime republicano de 1889, ver: DECRETOb, Decreto nº 155-B, de 14 de janeiro de 1890. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19488-15-dezembro-1930-508040-republicacao-85201-pe.html> Acesso em 15 jun. 2020.

⁹⁷⁰ MEIRELES, Cecília. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 15 de maio de 1931, p. 7.

⁹⁷¹ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 17 de dezembro de 1930, p. 3.

⁹⁷² *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 17 de dezembro de 1930, p. 3.

perspectiva, a *forma* republicana não poderia prescindir de seu *conteúdo* libertador, sob o risco de malograr em seus fundamentos. A importância de determinadas datas no calendário cívico, pois, não pertencia a um automatismo protocolar, eivado de saudosismo, mas a uma pedagogia cívica, baseada em referências emblemáticas, tendo por meta a formação de cidadãos, sensíveis à vida da *pólis*.

Meireles estimou que “há fatos e nomes do passado que podem continuar a ser uma permanente luz, no tempo que avança, e tantas vezes se obscurece perniciosamente, por falta da sugestão feliz de um belo exemplo.”⁹⁷³ Não se considerando “completamente passadista”⁹⁷⁴, apregoou: “O 13 de maio, nas escolas, [...] era um motivo favorável à explicação do sentido da fraternidade, do respeito do homem pelo homem, indiferentes ao preconceito de cor.”⁹⁷⁵ E, à face das autoridades, responsáveis pela alteração do calendário, lançou o questionamento: “Será esse preconceito, ainda, que impele a mão das gerações de agora a apagar do seu calendário a data luminosa, com receio de revelarem com a sua simpatia algum compromisso de sangue?”⁹⁷⁶

Em linha interpretativa semelhante, no calor dos embates políticos e educacionais, Cecília abordou o 14 de julho, em 1932. Em crônica de teor, fortemente, político, fez-se propagandista da liberdade. Convergindo com a argumentação do artigo do *Diário*, de 1930, e alfinetando as autoridades, que cobiçavam monopolizar os significados da experiência pública, louvou os princípios, simbolizados pela “data verdadeiramente universal. Ainda que os governos não decretassem o feriado. Por ser uma data profundamente humana.”⁹⁷⁷ O sentido dramático da história também tocava a lembrança dos que se sacrificavam pela liberdade, “com as humanas inquietudes, com os humanos desesperos, com toda a força dos sonhos com que os homens caminham para além de si, e todas as consequências trágicas resultantes de tão audaciosa aventura.”⁹⁷⁸

⁹⁷³ MEIRELES, Cecília. “Abolição!”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 15 de maio de 1931, p. 7.

⁹⁷⁴ MEIRELES, Cecília. “Abolição!”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 15 de maio de 1931, p. 7.

⁹⁷⁵ MEIRELES, Cecília. “Abolição!”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 15 de maio de 1931, p. 7.

⁹⁷⁶ MEIRELES, Cecília. “Abolição!”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 15 de maio de 1931, p. 7.

⁹⁷⁷ MEIRELES, Cecília. “14 de julho”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 14 de julho de 1932, p. 6. Crônica originalmente citada em: LAMEGO, Valéria. *A farpa da lira...*

⁹⁷⁸ MEIRELES, Cecília. “14 de julho”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 14 de julho de 1932, p. 6.

Como escrevera um ano antes, se Tiradentes continuava “a ser o nosso grande herói da liberdade”⁹⁷⁹, com sua morte configurando “um resplendor imperecível, marcando-o como a vítima principal, numa eclosão de idealismo”⁹⁸⁰, é porque aquele imaginário de emancipação, entre interpretações concorrentes, advertia o presente. Assim compreendidos os liames entre passado, presente e futuro, poder-se-ia consumir uma leitura crítica, herdeira de valores da Ilustração, e postular:

Somos, afinal, um permanente 14 de julho. Uma permanente aspiração para a liberdade, seja qual for o rumo por que nos orientarmos essa palavra. Dentro de nós existem sombrias bastilhas: a que os outros edificaram em nosso espírito, e aquelas que nós mesmos, sem o sabermos, andamos edificando.⁹⁸¹

Cecília esboçou um conceito filosófico, discutido desde a Antiguidade. Nas palavras da filósofa e escritora brasileira, Marilena Chauí, liberdade vem sendo definida “como autonomia, capacidade de dar a si mesmo normas e regras de conduta – *autonomós* -, e por isso oposta à servidão.”⁹⁸² Apreendida esta última “como submissão tanto a um poder externo (como o escravo) quanto a forças passionais internas (impulsos e paixões) que submetem a vontade de um agente”⁹⁸³, a Revolução Francesa, para Cecília, representou um marco no processo histórico de autodeterminação racional das próprias ações, refratárias ao constrangimento interno e externo.

Ao abordar tais ideias, o texto projetava faíscas em uma conjuntura explosiva, em que as tensões entre o Governo Provisório - relutante em dispor ao país uma nova Constituição - e o estado de São Paulo, desdobravam-se em guerra civil. Convicta pacifista, Cecília, no entanto, mostrou não desconhecer a possibilidade de haver violência no devir da liberdade, ao metaforizar: “[...] trazemos sempre um farrapo de bandeira na mão, e uma cabeça de aristocrata na ponta da baioneta...”⁹⁸⁴ Mais:

[...] sonhamos com a liberdade.
Sonho de tanta certeza, que nos armamos para o realizar.

⁹⁷⁹ MEIRELES, Cecília. “Tiradentes”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 22 de abril de 1931, p. 8. Itálico nosso.

⁹⁸⁰ MEIRELES, Cecília. “Tiradentes”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 22 de abril de 1931, p. 8.

⁹⁸¹ MEIRELES, Cecília. “14 de julho”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 14 de julho de 1932, p. 6.

⁹⁸² CHAUI, Marilena. “Liberdade: vida ética e ação política.” In: SCHWARCZ, Lilia & STARLING, Heloísa M. (Orgs.) *Dicionário da República: 51 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 198.

⁹⁸³ CHAUI, Marilena. “Liberdade: vida ética e ação política.” In: SCHWARCZ, Lilia & STARLING, Heloísa M. (Orgs.) *Dicionário da República...* p. 198.

⁹⁸⁴ MEIRELES, Cecília. “14 de julho”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 14 de julho de 1932, p. 6.

Vamos para a frente com um ritmo confiante. Olhos repletos de vitória. Mãos crispadas de entusiasmo. É o nosso 14 de julho de cada momento. Agora, sim, esmagaremos os nossos tiranos, chegaremos a este poder de ação que uma herança de séculos inibiu ou prejudicou...
14 de julho: todo o nosso esforço. Nosso sangue. Nosso espírito... Talvez uma bastilha em fogo... E a liberdade?
'*Liberté, liberté, chérie...*'⁹⁸⁵

A cronista referia-se às prisões internas, mentais e emocionais, de cada um. Este parece ter sido o sentido primeiro dessas colocações, as quais, no entanto, apontaram também para realidades exteriores, para onde se dirigia o sonho humano de liberdade. Àquela altura, Meireles já se desiludira com os descaminhos do movimento dito revolucionário, de outubro de 1930, que tanto vinha sendo influenciado por setores políticos, simpáticos ao autoritarismo, conservadores e ligados à Igreja Católica.⁹⁸⁶

Cecília e o grupo escolanovista, ao qual se ligava, repudiaram o decreto nº 19.941, de 30 de abril de 1931, que dispôs sobre a instrução religiosa em escolas públicas nos cursos primário, secundário e normal.⁹⁸⁷ Observaram, provavelmente, com preocupação a aliança do governo com o catolicismo ser ainda fortalecida pela cerimônia oficial de proclamação de Aparecida como padroeira do Brasil, ocorrida em 31 de maio de 1931⁹⁸⁸, e pela inauguração do Cristo Redentor em 12 de outubro do mesmo ano.⁹⁸⁹

Na esteira desse clima de combatividade, não surpreende que Cecília, em contraposição à fixidez escolástica, tenha identificado no humanismo, “essa vontade de não esquecer a Antiguidade, essa saudade de ser humano, de pertencer à vida com alegria e com liberdade.”⁹⁹⁰ E chegou a Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), a quem

⁹⁸⁵ MEIRELES, Cecília. “14 de julho”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 14 de julho de 1932, p. 6.

⁹⁸⁶ Cf. LAMEGO, Valéria. *A farpa da lira...*

⁹⁸⁷ DECRETO nº 19.941, de 30 de abril de 1931. Disponível em

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19941-30-abril-1931-518529-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em 15 jun. 2020. Cf. LAMEGO, Valéria. *A farpa da lira...*

⁹⁸⁸ Cf. MOREIRA, Fuviane Galdino. “Mantos de Aparecida: religião, política e identidade nacional.” In: ANAIS DO XXIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: contra preconceitos: história e democracia. Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF: Associação Nacional de História, 24 a 28 de julho de 2017. Brasília, 2017.

⁹⁸⁹ GIUMBELLI, Emerson A. “Brasileiro e europeu: a construção da nacionalidade em torno do monumento ao Cristo Redentor do Corcovado.” *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 24/1, p. 35-63, 2011.

⁹⁹⁰ MEIRELES, Cecília. “Porque a escola deve ser leiga – a segunda conferência da série realizada a convite da Liga Anti-Clerical do Brasil.” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 17 de janeiro de 1932, p. 4.

denominou de “criatura genial”⁹⁹¹, “de que ainda hoje estamos sendo discípulos em todas as verdades que preparou no seu século.”⁹⁹²

Imagem 22. *Jean-Jacques Rousseau em traços de Correia Dias para texto de Cecília Meireles: “criatura genial.”*



(Fonte: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 17 de janeiro de 1932, p. 4. A ilustração compôs a transcrição da segunda conferência de Cecília à Liga Anti-Clerical do Brasil. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 7 jun. 2018.)

O pensador genebrino, conforme Meireles, atravessava épocas, porque o processo histórico de enfrentamentos restaria infundável:

A luta dos que querem a liberdade com os que desejam o cativo é uma luta que vem de sempre e que nunca se terminará. Tem suas fases de vitória, para um ou para outro dos adversários, conforme a força de que cada um está resolvido a dispor.⁹⁹³

Os triunfos, dessa ótica, seriam “sempre os merecidos: os que a vontade humana escolhe e resolutamente quer.”⁹⁹⁴ Afere-se, dessa forma, que a tradição de pensamento, a que Cecília se associava, e a partir da qual mobilizava os termos de suas análises e de

⁹⁹¹ MEIRELES, Cecília. “Porque a escola deve ser leiga – a segunda conferência da série realizada a convite da Liga Anti-Clerical do Brasil.” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 17 de janeiro de 1932, p. 4.

⁹⁹² MEIRELES, Cecília. “Porque a escola deve ser leiga – a segunda conferência da série realizada a convite da Liga Anti-Clerical do Brasil.” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 17 de janeiro de 1932, p. 4.

⁹⁹³ MEIRELES, Cecília. “Porque a escola deve ser leiga – a segunda conferência da série realizada a convite da Liga Anti-Clerical do Brasil.” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 17 de janeiro de 1932, p. 4.

⁹⁹⁴ MEIRELES, Cecília. “Porque a escola deve ser leiga – a segunda conferência da série realizada a convite da Liga Anti-Clerical do Brasil.” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 17 de janeiro de 1932, p. 4.

suas proposições, derivava de um humanismo cívico-republicano, desdobrado na “era das revoluções.”⁹⁹⁵

Após dois anos e meio de vigoroso trabalho no *Diário de Notícias*, tomando para si os riscos da luta política em seus mais de 800 textos⁹⁹⁶, ali publicados, Cecília transferiu-se para outro jornal. Valéria Lamego observa que “não há provas de que Cecília tenha sido pressionada a deixar a *Página* [de Educação, do *Diário*], por motivos políticos, ainda que essa hipótese não seja de todo desarrazoada.”⁹⁹⁷ Uma pista robustece esta hipótese. Em carta ao escritor e diplomata mexicano, Alfonso Reyes, de 13 de janeiro de 1933, Cecília relatou haver deixado o *Diário* para trabalhar em *A Nação*, tendo

a impressão de ter saído de um navio em naufrágio para um avião que vai fazer um looping e cair. Esta *sensação de perigo* dá um gosto melhor à vida; vai-se experimentando, com ela, até onde a natureza humana é capaz de ordenar e de *resistir*.⁹⁹⁸

O substantivo *perigo* e o verbo *resistir* atrelavam-se, aqui, a uma conotação política, enquanto prolongamentos da atividade intelectual da jornalista, que, de uma forma ou de outra, sentia-se premida e ameaçada – sem, contudo, deixar-se acuar. Esta situação, não melhorou muito em *A Nação*, onde, de largada, Cecília foi instruída a escrever sobre acontecimentos do dia a dia, “menos política.”⁹⁹⁹ Esta censura antecipada incomodou o “ser de liberdade”¹⁰⁰⁰, “de espontaneidade, pelo menos”¹⁰⁰¹, que habitava a articulista: “O que eu acho difícil é deixar de falar em política, estando reunida a Constituinte, e depois das eleições de Hitler, das angústias da França, da aliança russo-americana etc.”¹⁰⁰² Houve hesitação em aceitar o convite: “Ainda não aceitei nem recusei.

⁹⁹⁵ HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções: 1789-1848*. Tradução Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 20ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

⁹⁹⁶ Nesse trabalho, Cecília publicou conferências, entrevistas e, sobretudo, crônicas, cujos títulos estão listados em: LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles...* p. 93-139.

⁹⁹⁷ LAMEGO, Valéria. *A farpa da lira...* p. 109.

⁹⁹⁸ MEIRELES, Cecília. *Carta a Alfonso Reyes*. Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1933. Disponíveis em: Capilla Alfonsina – INBA. Ciudad De Mexico. Itálicos nossos.

⁹⁹⁹ MEIRELES, Cecília. Carta a Fernando de Azevedo. Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1932. Disponível em: *Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo* (IEB USP). Arquivo Fernando de Azevedo. Grifo original. Trecho também citados em: LAMEGO, Valéria. *A farpa da lira...*

¹⁰⁰⁰ MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues, Rio de Janeiro, 3 de novembro de 1946. In: MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* p. 61.

¹⁰⁰¹ MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues, Rio de Janeiro, 3 de novembro de 1946. In: MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...* p. 61.

¹⁰⁰² MEIRELES, Cecília. Carta a Fernando de Azevedo. Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1932. Disponível em: *Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo* (IEB USP). Arquivo Fernando de Azevedo. Grifo original. Trecho também citados em: LAMEGO, Valéria. *A farpa da lira...*

Mas talvez acabe aceitando [...]”¹⁰⁰³ E assim o fez, pondo-se a desafiar a orientação inicial da empresa, tendo em vista que, ao escrever a respeito de educação e de outros temas, continuou a dissertar sobre política. O programa do jornal, divulgado em seu primeiro número, em 14 de janeiro de 1933, já mostrava que a tarefa de Cecília não seria fácil, sequer, talvez, exequível.

A linha editorial norteou-se por “um espírito inteligentemente conservador e ao mesmo tempo consciente das necessidades novas do momento nacional”¹⁰⁰⁴, propugnando reformas e medidas “que concorram para reforçar a coesão nacional, para valorizar o homem brasileiro e para intensificar o aproveitamento do patrimônio constituído pelas riquezas naturais da nossa terra”¹⁰⁰⁵. Cecília, nesse meio jornalístico, tensionado pelo par “renovação e tradição”¹⁰⁰⁶, apostou que pudesse ocupar o flanco reformista de *A Nação*, lançando dali seus ataques contra as Bastilhas de cada dia, dando continuidade, por outra via, à campanha empreendida no *Diário*.

De uma perspectiva universalista, em que o regional e o nacional tornavam-se pontes para a união do todo, pugnou pela humanização do ser humano¹⁰⁰⁷, advogou pelo pacifismo¹⁰⁰⁸, discutiu – tendo por horizonte tanto a França revolucionária, quanto a mudança política de 1930, no Brasil - o conceito de revolução¹⁰⁰⁹, combateu o nacionalismo sectário¹⁰¹⁰, celebrou o 400º ano de nascimento de Michel de Montaigne (1533-1592) - tomado como representante do “fervor de agir livremente, com aquela liberdade que é uma concessão feita aos deuses para se manifestarem por seu intermédio”¹⁰¹¹ - e apregoou a escola única, de modo a promover a igualdade e minorar

¹⁰⁰³ MEIRELES, Cecília. Carta a Fernando de Azevedo. Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1932. Disponível em: *Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo* (IEB USP). Arquivo Fernando de Azevedo. Grifo original. Trecho também citados em: LAMEGO, Valéria. *A farpa da lira...*

¹⁰⁰⁴ A NAÇÃO. “Rumo a seguir”. In: *A Nação*. Rio de Janeiro. Sábado, 14 de janeiro de 1933, p. 4. O responsável pelo jornal era José Soares Maciel Filho, o diretor, Artur Neiva, e o redator-chefe, Azevedo Amaral. Cf. FERREIRA, Marieta de Moraes. “A Nação.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbetes temático. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/nacao-a> Acesso em 16 mar. 2020.

¹⁰⁰⁵ A NAÇÃO. “Rumo a seguir”. In: *A Nação*. Rio de Janeiro. Sábado, 14 de janeiro de 1933, p. 4.

¹⁰⁰⁶ A NAÇÃO. “Renovação e tradição”. In: *A Nação*. Rio de Janeiro. Sábado, 15 de janeiro de 1933, p. 4.

¹⁰⁰⁷ MEIRELES, Cecília. “Pelo homem humano”. In: *A Nação*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 17 de janeiro de 1933, p. 7.

¹⁰⁰⁸ MEIRELES, Cecília. “Bismarck... Bismarck...”. In: *A Nação*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 18 de janeiro de 1933, p. 7.

¹⁰⁰⁹ MEIRELES, Cecília. “O impossível milagre”. In: *A Nação*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 1º de fevereiro de 1933, p. 13.

¹⁰¹⁰ MEIRELES, Cecília. “Adaptação ao meio”. In: *A Nação*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 15 de fevereiro de 1933, p. 12.

¹⁰¹¹ MEIRELES, Cecília. “Nosso amigo Montaigne”. In: *A Nação*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 2 de fevereiro de 1933, p. 7.

os impactos de escolas “tradicionalmente destinadas ao preparo exclusivista de gerações favorecidas pela fortuna ou pelo sangue”¹⁰¹².

Em outro de seus textos, exprimiu convicção na aptidão humana de agir frente aos condicionamentos da existência, de enfrentar a sorte, seja ela qual fosse, por meio da experiência de se libertar. Cecília, então, revelou apostar na *Virtù*, ainda que constatada a gravidade da *Fortuna*:

[...] É verdade que viver é andar de certo modo ao acaso, por muito alerta que se esteja, e muito prevenido que se vá. Mas outra coisa é ir de um ou de outro modo: entregue à fatalidade ou libertado dela, recebendo passivamente os seus efeitos, ou suportando-os ativamente, com esta clarividência que, mesmo diante do inevitável e irresistível é, ainda, a expressão da dignidade humana.¹⁰¹³

Esta condição humana seria o pressuposto da prática da liberdade e da verificação da igualdade na diversidade individual, regional ou nacional, selando uma necessária camaradagem, ou uma inteligência fraternal. Os dirigentes de *A Nação*, contudo, tinham outro entendimento. Em um crescente, passaram a apertar os espaços para quem não se sujeitasse a um viés político, estritamente, nacionalista, refratário ao que condenava como “laboratório de pedagogia futurista”¹⁰¹⁴, a atrofiar “nas novas gerações o instinto da nacionalidade para cultivar em lugar dele um espírito cosmopolita [...]”¹⁰¹⁵ Este ataque implícito ao movimento escolanovista foi reiterado pela publicação de uma entrevista com Pe. Leonel Franca – muitíssimo elogiada em editorial¹⁰¹⁶ – e outra com Alceu Amoroso Lima¹⁰¹⁷, ambos, aliados na cruzada pelo ensino religioso e pelo conservadorismo. Quando, em 14 de março, a investida tornou-se escancarada, com editorial vituperando a reforma de ensino do Distrito Federal, de Fernando de Azevedo ao, então, atual Diretor Geral de Instrução Pública¹⁰¹⁸, Anísio Teixeira, Cecília tomou uma

¹⁰¹² MEIRELES, Cecília. “Porque a Escola Única”. In: *A Nação*. Rio de Janeiro. Sábado, 4 de março de 1933, p. 12.

¹⁰¹³ MEIRELES, Cecília. “Projeto de provérbio”. In: *A Nação*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 7 de fevereiro de 1933, p. 15.

¹⁰¹⁴ A NAÇÃO. “Problema da educação”. In: *A Nação*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 7 de fevereiro de 1933, p. 4.

¹⁰¹⁵ A NAÇÃO. “Problema da educação”. In: *A Nação*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 7 de fevereiro de 1933, p. 4.

¹⁰¹⁶ A entrevista encontra-se em: *A Nação*. Rio de Janeiro. Domingo, 12 de fevereiro de 1933, p. 1 e 3. O editorial, enaltecendo a concepção político-educacional do sacerdote, saiu em: *A Nação*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 14 de fevereiro de 1933, p. 4.

¹⁰¹⁷ Cf. *A Nação*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 9 de março de 1933, p. 1 e 6.

¹⁰¹⁸ Integrantes do mesmo movimento, adeptos do ideário escolanovista, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira imprimiram, cada qual, ênfases específicas, em suas respectivas gestões. Acerca da preparação para o magistério, junto à Escola Normal, por exemplo, ao passo que Azevedo destacou a difusão das balizas filosófico-políticas da Educação Moderna e uma formação cultural geral e humanística (1928-1930), Anísio Teixeira deu maior foco na especialização docente e no aspecto técnico-científico da referida

decisão drástica. Em outra carta a Alfonso Reyes, noticiou: “Desde o dia 15 [de março] não trabalho mais na *Nação*, onde uma política deplorável tentou derrubar a própria obra educacional a que estou ligada.”¹⁰¹⁹

A curta passagem de dois meses, por *A Nação*, rendeu trinta e duas crônicas, que, somadas aos textos, anteriormente, vertidos no *Diário de Notícias*, evidenciaram o comprometimento de Cecília com o ideal humanista, a lapidar seu projeto político-pedagógico. Se a porta do periodismo parecia se retrair, a ânsia por liberdade criava outras trilhas para sua expansão.

Um mês após romper com *A Nação* teve início a “Exposição Cecília Meireles”¹⁰²⁰, na sede da Pró-Arte, associação cultural fundada pela colônia germânica, situada à Av. Rio Branco, 118-120, 5º andar do Edifício da Associação dos Empregados do Comércio – o mesmo em que, 1920, ocorreram as agitadas reuniões da Legião da Mulher Brasileira.¹⁰²¹ O jornal que a colocara sob suspeita de antinacionalismo, vinha dar notícias da abertura da “interessantíssima exposição”¹⁰²², “fixando os ritmos do samba, através de uma grande coleção de desenhos, aquarelas e estudos, bem como as figuras típicas da baiana e do bamba.”¹⁰²³ Informou-se que, por ocasião da abertura da mostra, haveria uma “Noite de Samba”¹⁰²⁴, com a participação da “Escola ‘Portela’”¹⁰²⁵, tornando “interessante a comparação entre a concepção artística da original pintora e os modelos

formação (1931-1935). Cf. VIDAL, Diana Gonçalves. *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2001. (Coleção Historiografia).

¹⁰¹⁹ MEIRELES, Cecília. Carta a Alfonso Reyes. Rio de Janeiro, 1º de abril de 1933. Disponível em: Capilla Alfonsina – INBA. Ciudad De Mexico.

¹⁰²⁰ Cecília enviou um convite para a inauguração da exposição para Alfonso Reyes e família. Cf. Cartas a Alfonso Reyes. Disponível em: Capilla Alfonsina – INBA. Ciudad De Mexico. Reyes foi embaixador do México no Brasil de 1930 a 1937. Sobre sua atuação, nesse período, e os laços que manteve com os intelectuais brasileiros, incluindo Cecília Meireles, ver: ELLISON, Fred P. *Alfonso Reyes e o Brasil: um mexicano entre cariocas*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2002. NORTE, Angela Lopes. *Alfonso Reyes: mexicano, intérprete do Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

¹⁰²¹ Sobre a Sociedade Pró-Arte e seu papel na fermentação artística e intelectual do Rio, agregando, além de Cecília, nomes, como o de seu marido, Fernando Correia Dias, Alberto da Veiga-Guignard, Emiliano Di Cavalcanti, Oswaldo Goeldi, Celso Kelly, Silvia Meyer, Noemia Mourão e Cândido Portinari, ver: *O Radical*. Rio de Janeiro, 4 de julho de 1933, p. 2. Sobre a Legião da Mulher Brasileira, ver Capítulo 3.

¹⁰²² A NAÇÃO. “Exposição Cecília Meireles”. *A Nação*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 13 de abril de 1933, p. 5. Em setembro de 1934, *A Nação* faria uma elogiosa cobertura da viagem – a trabalho e familiar - de Cecília e Correia Dias a Portugal, publicando crônicas e desenhos do casal. Isso também demonstra a volatilidade com que se relacionavam empresa jornalística e colaboradores, ora divergindo, ora convergindo, sobre diferentes temas. Cf. MEIRELES, Cecília. *Diário de Bordo*. Ilustrações de Fernando Correia Dias. [1934]. São Paulo: Global Editora, 2015.

¹⁰²³ A NAÇÃO. “Exposição Cecília Meireles”. *A Nação*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 13 de abril de 1933, p. 5.

¹⁰²⁴ A NAÇÃO. “Exposição Cecília Meireles”. *A Nação*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 13 de abril de 1933, p. 5.

¹⁰²⁵ A NAÇÃO. “Exposição Cecília Meireles”. *A Nação*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 13 de abril de 1933, p. 5.

vivos do samba, cantado e dançado pelos membros daquela escola.”¹⁰²⁶ A festa ocorreu no sábado, dia 16 de abril. Segunda-feira, às 16 horas, deu-se o *vernissage*, com presença de representantes da imprensa, artistas e intelectuais, e, no dia seguinte, a mostra foi aberta ao público.

A exitosa exposição foi encerrada em 5 de maio de 1933, com palestra de Nóbrega da Cunha sobre “Ritmos e indumentária do samba.”¹⁰²⁷ No final desse mesmo ano, o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987) lançaria a obra seminal, “Casa-Grande & Senzala”.¹⁰²⁸ Pouco depois, o historiador paulista, Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), apresentava seu “Raízes do Brasil.”¹⁰²⁹ Outros tantos livros e projetos se multiplicavam no tufão de crescimento do mercado editorial e das disputas políticas.¹⁰³⁰ Equipados de olhares e linguagens, de matrizes de pensamento e de lugares de fala variados, estes e outros tantos intelectuais buscavam investigar, conhecer e explicar o país, o mundo e a si próprios. Cecília compartilhou dessas preocupações e, ao versar com denodo e com talento as tarefas a que se propunha, logrou reconhecimento e notoriedade, apesar da recalcitrância de seus adversários, dentre os quais continuava a figurar Alceu Amoroso Lima.

4.5. Virtude e Fama

Em 1937, a pedido de Fernando de Azevedo, Cecília traduziu um livro, que prevenia sobre as aflições do momento histórico: *Os mitos hitleristas (problemas da Alemanha contemporânea)*.¹⁰³¹ Paralelamente, em 24 de novembro, a uma semana de concluir o curso de Técnica e Crítica Literárias, que ofertara na Escola de Filosofia e Letras, da Universidade do Distrito Federal¹⁰³², Cecília escreveu à sua amiga, poeta

¹⁰²⁶ A NAÇÃO. “Exposição Cecília Meireles”. *A Nação*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 13 de abril de 1933, p. 5.

¹⁰²⁷ Cf. *O Radical*. Rio de Janeiro, 3 de maio de 1933, p. 2.

¹⁰²⁸ Cf. FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime patriarcal*. [1933]. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.

¹⁰²⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. [1936]. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹⁰³⁰ Cf. MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: DIFEL, 1979. FREITAS, Eliana de & MOLLIER, Jean-Yves. (Orgs.) *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006.

¹⁰³¹ PERROUX, François. *Os mitos hitleristas: problemas da Alemanha contemporânea*. Tradução de Cecília Meireles. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1937. (Biblioteca Pedagógica Brasileira; série 4, iniciação científica; v. 16). Ver capítulo 5 desta tese.

¹⁰³² MEIRELES, Cecília. *Curso de Técnica e Crítica Literárias*. Escola de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal, ministrado de junho a novembro de 1937. (Aulas taquigrafadas por Vera Teixeira, sem revisão). Disponível em: Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo Isabel do Prado. As duas últimas aulas do curso ocorreram em 26 e 29 de novembro de 1937.

portuguesa, Dulce Lupi Osório de Castro (1905-1977), vulgo Maria Valupi: “[...]. Vou tentar um prêmio pela Academia com os meus versos. Não pela glória, mas (perdoa-me!) para ver se posso pagar uma das minhas dívidas.”¹⁰³³ Viúva¹⁰³⁴, com três filhas para criar, assistira, no mês anterior, a polícia varguista ocupar o Pavilhão Mourisco. Ali funcionava o Centro de Cultura Infantil, que idealizara e inaugurara, em agosto de 1934, e que, até então, dirigia.¹⁰³⁵ Nos albores do Estado Novo, Cecília via-se premeida pela perda de um de seus trabalhos, interrompido sob a acusação de abrigar, dentre seus títulos, obra de conotação comunista.¹⁰³⁶ Nesse cenário, a quantia de 2:000\$000, a ser ofertada ao primeiro colocado do prêmio de poesia da ABL, seria muito bem-vinda.

Simultaneamente, ao decidir participar do concurso, Meireles não ignorava os efeitos de fama e de consagração, decorridos de uma possível vitória. Prova disso foi a ressalva de que não priorizava a obtenção de glória, aspecto indissociável deste tipo de disputa. Mais: de uma perspectiva humanística, cívico-republicana, independentemente de linhagem familiar ou de volume de riquezas, ao talento seriam adequados o brilho e o reconhecimento.¹⁰³⁷ Meireles, de tal modo, ao labutar pela excelência, também buscava se destacar e pertencer ao rol dos grandes poetas. Sua trajetória intelectual é um testemunho desse contínuo esforço. A vaidade não seria causa primeira para aspirar ao triunfo, cuja conquista viria, antes, como consequência elementar do exercício de virtudes.

Foram 29 concorrentes ao prêmio. A comissão responsável pelo julgamento dos trabalhos foi composta por Guilherme de Almeida (1890-1969), João Luso (1874-1950) e Cassiano Ricardo (1894-1974), todos eles, conhecidos jornalistas, ensaístas e poetas. A este último coube a missão de redigir o parecer da banca. Sobre o volume *Viagem*, com o qual se inscreveu Cecília, Ricardo destacou a capacidade da autora em se conectar com

¹⁰³³ MEIRELES, Cecília. “Carta a Dulce Lupi Osório de Castro. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1937.” In: *Colóquio*: revista de artes e letras. N. 66, p. 67, março de 1982, Lisboa (PT).

¹⁰³⁴ Cf. LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles...*

¹⁰³⁵ Para maiores detalhes sobre a Biblioteca Infantil do Distrito Federal, ver: PIMENTA, Jussara. “Leitura e encantamento: a Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco.” In: NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima & MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). *Cecília Meireles: a Poética da Educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC RJ: Loyola, 2001, p. 105-120.

¹⁰³⁶ Tal acusação pesou contra o livro “Tom Sawyer”, de Mark Twain, clássico da literatura infantil mundial. Cf. PIMENTA, Jussara. “Leitura e encantamento: a Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco.” In: NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima & MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). *Cecília Meireles...*

¹⁰³⁷ Cf. SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. Tradução Renato Janine Ribeiro e Laura Teixeira Motta. 7ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 p. 121-122. DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa, PT: Edições 70, p. 311.

o mundo, destilando, do caos, sua poesia: “O livro espelha o instante dramático do mundo em que estamos vivendo. É todo ele feito de uma inquietação que é um grito surdo e silencioso posto em rimas também surdas e silenciosas.”¹⁰³⁸ A obra estava marcada, conforme o parecerista, por um “inconformismo que não encontra remédio na desordem do mundo atual [...]”¹⁰³⁹ Portadora de uma “nítida compreensão das coisas”¹⁰⁴⁰, a poesia de Cecília recortava paisagens com um “espírito agudo”¹⁰⁴¹, com o “dom de reduzir as coisas a um mínimo de matéria e de cor. Sem desprezar a música incorrigível e secreta [...] que ficou em nós, neste país que é um tesouro de ritmos.”¹⁰⁴² Mais adiante, atento ao fervilhar poético de outros países da América Latina e às redes de sociabilidade intelectual, que aproximavam talentos femininos, Ricardo declarou que Cecília era “digna de figurar ao lado de uma Juana de Ibarbourou, de uma Alfonsina Storni, de uma Gabriela Mistral.”¹⁰⁴³

Ao apontar estas e outras qualidades, Cassiano concluiu pela premiação única da obra de Meireles, renunciando à distribuição de láurea ao segundo lugar, bem como de menções honrosas. Visava-se, com isso, dar maior destaque ao “valor solitário de Cecília Meireles, deixando-a que cante sozinha”¹⁰⁴⁴, pois, conforme expressão popular, provocativamente, empregada por Cassiano, “quando canta o iapurú, os outros pássaros ficam quietos...”¹⁰⁴⁵ Seguido pelos outros julgadores, o parecer foi datado de 20 de novembro de 1938. No dia 13 do mês seguinte, o médico, acadêmico, Fernando Magalhães (1878-1944)¹⁰⁴⁶, pediu vista do processo.

O tom categórico de Ricardo em prol da vitória de Cecília acirrou ânimos. Magalhães, acusou-o de “generosidade excessiva e pessoal”¹⁰⁴⁷, admitindo “a hipótese de

¹⁰³⁸ RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna*. São Paulo: E.G. Revista dos Tribunais, 1939, p. 13. Agradeço a Ana Amélia Neubern Batista dos Reis por me facultar o acesso a esta fonte.

¹⁰³⁹ RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna*... p. 13.

¹⁰⁴⁰ RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna*... p. 13.

¹⁰⁴¹ RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna*... p. 13.

¹⁰⁴² RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna*... p. 13.

¹⁰⁴³ RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna*... p. 96. Sobre a interação dessa rede intelectual feminina, latino-americana, intermediada pela imprensa, por encontros presenciais e pela prática epistolar, ver: SILVA, Jacicarla Souza da. *Vozes femininas da poesia latino-americana*... _____ *Um (in) visible college na América Latina*...

¹⁰⁴⁴ RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna*... p. 17.

¹⁰⁴⁵ RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna*... p. 17.

¹⁰⁴⁶ Cf. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. “Biografia: Fernando Magalhães.” Disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/fernando-magalhaes/biografia> Acesso em 4 jul. 2020.

¹⁰⁴⁷ MAGALHÃES, Fernando. “O voto do Sr. Fernando Magalhães (Discurso pronunciado em sessão na Academia Brasileira de Letras).” In: BUENO, Alexei & ERMAKOFF (Orgs.). *Duelos no serpentário: uma antologia da polêmica intelectual no Brasil (1850-1950)*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2005, p. 720.

favoritismo.”¹⁰⁴⁸ A polêmica, polarizada por Cassiano e Fernando, arrastou-se por meses, transbordou da Academia para a imprensa e chegou, com a troca de ofensas individuais, à iminência dos contendores irem às vias de fato.¹⁰⁴⁹ Noticiou-se que a objeção de Magalhães ao êxito de Cecília tratava-se de retaliação, devido ao lance de, anos antes, ter sido derrotado em um debate com a educadora sobre assuntos de pedagogia.¹⁰⁵⁰ Cassiano asseverou que seu opositor estava “moralmente impedido de impugnar o prêmio por ser inimigo pessoal da insigne poetisa”¹⁰⁵¹ e se defendia das acusações, frisando que, quanto à Cecília, “eu não a conhecia pessoalmente.”¹⁰⁵²

Para além da avaliação do problema da análise das obras inscritas e do calor das discussões, há de se ressaltar que Fernando Magalhães pertencia a uma ala ideológica contrária à de Cecília. Desde os anos 1920, o médico integrou o grupo católico da Associação Brasileira de Educação, unindo-se a Alceu Amoroso Lima na defesa do ensino religioso e no combate ao livre-pensamento.¹⁰⁵³ Não parece descabido verificar, nesse aspecto, um fator determinante para a relutância de Magalhães em acatar o parecer do concurso. A camaradagem entre os dois intelectuais já se explicitara também por ocasião do discurso de recepção a Amoroso Lima aos quadros da ABL, realizado por Magalhães, em dezembro de 1935.¹⁰⁵⁴

Por esses dados compreende-se mais claramente as razões pelas quais Amoroso Lima ter sido o único acadêmico a acompanhar a moção de Fernando, no sentido de desclassificar *Viagem*, de Cecília, e de coroar *Pororoca*, do poeta paraense, Wladimir Emanuel. Noticiou-se, aliás, que Alceu assim agira, “alegando, não motivos de ordem literária, mas ponto de vista religioso.”¹⁰⁵⁵ Ecos do concurso para a cadeira de literatura brasileira da Escola Normal, de 1930, também teriam respingado aqui.

Outras duas emendas foram apresentadas. Gustavo Barroso (1888-1959) fez apelo – não atendido - pela retirada da dissecação crítica das obras não premiadas, dada a

¹⁰⁴⁸ MAGALHÃES, Fernando. “O voto do Sr. Fernando Magalhães (Discurso pronunciado em sessão na Academia Brasileira de Letras).” In: BUENO, Alexei & ERMAKOFF (Orgs.). *Duelos no serpentário: Duelos no serpentário...* p. 720.

¹⁰⁴⁹ Cf. RICARDO, Cassiano. *Viagem no tempo e no espaço: memórias*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970, p. 118.

¹⁰⁵⁰ RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 96 e 163.

¹⁰⁵¹ RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 96.

¹⁰⁵² RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 96.

¹⁰⁵³ SAVIANI, Demerval. *História das ideias pedagógicas no Brasil...* CUNHA, Carlos Alberto Nóbrega da. *A Revolução e a Educação*. [1931]. Brasília: Plano Editora, 2003.

¹⁰⁵⁴ Cf. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. “Biografia: Fernando Magalhães.” Disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/fernando-magalhaes/biografia> Acesso em 4 jul. 2020.

¹⁰⁵⁵ *Folha da Manhã*. São Paulo, 3 de junho de 1939. Apud: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 147.

confessada crueldade com que Cassiano excluía os trabalhos. Por sua vez, Olegário Mariano (1889-1958) e Oswaldo Orico (1900-1981) – o mesmo que, em 1930, tomara parte no supracitado concurso da Escola Normal - propuseram que, conservando-se vitoriosa a obra assinalada pela Comissão, fosse premiado, em segundo lugar, *Pororoca*. Acatada esta última demanda, teve fim a polêmica, com a reafirmação da superioridade de *Viagem*, em assembleia do dia 1º de junho de 1939.¹⁰⁵⁶ À Cecília, porém, tocaria ainda enfrentar a censura prévia ao texto, que redigira para ser lido na sessão de entrega das honras, a transcorrer um mês depois.¹⁰⁵⁷

Em carta a Cassiano Ricardo, respondendo ao pedido de autorização para a publicação do discurso, em um livro-documento sobre os imbróglis do concurso, Cecília anotou:

A Academia designou-me para oradora, prevenindo-me de que havia censura acadêmica, mas referente apenas a ataques à Pátria, à Família e à pessoa dos acadêmicos. Escrevi esse discurso. Cortaram os trechos que vão indicados. Achei que a censura se tenha excedido. Não falei.¹⁰⁵⁸

Ao aceitar publicar seu discurso, Meireles fez desagravo ao cerceamento e enalteceu o valor da liberdade. No curto texto, teceu considerações sobre a ação humana e a força do acaso, o esplendor e a ignomínia, o opinar e o criticar, a tradição e a renovação, que reiteraram seu comprometimento com um humanismo cívico-republicano. Com a franqueza que lhe era peculiar, ao mesmo tempo, serena e severa, Cecília não quis se queixar de falar por seus companheiros. À medida em que reconheceu as determinações do Destino, que, de alguma forma, entre oscilações e incertezas, consentira sua chegada àquela situação de premiada e de oradora, salientou a capacidade do talento em se fazer prevalecer. A oportunidade seria de “festa completa”¹⁰⁵⁹, mas que “só é de glória pelo que teve de luta.”¹⁰⁶⁰ Com um olhar largo e empático sobre a sociedade, Meireles tomou como “desprezíveis as vitórias fáceis: que chegam a ser um opróbrio, num mundo em que todos sofrem, muitos se esforçam, e onde nem sempre há recompensas.”¹⁰⁶¹ No parágrafo seguinte vieram à tona traços de mitologia antiga para

¹⁰⁵⁶ *Correio Paulistano*. São Paulo. Sábado, 3 de junho de 1939, p. 1.

¹⁰⁵⁷ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 2 de junho de 1939, p. 2.

¹⁰⁵⁸ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 175-180.

¹⁰⁵⁹ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 175.

¹⁰⁶⁰ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 175.

¹⁰⁶¹ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 175.

intensificar o argumento de que o laurel não era uma concessão, mas uma conquista, a vencer os golpes do infortúnio. Os censores se incomodaram com tais ideias de índole renascentista, que davam claro recado à Academia, e vetaram todo o parágrafo:

*Os prêmios de hoje, pelo menos os principais, não foram apenas prêmios concedidos. Foram prêmios conquistados. Duramente conquistados – por um tal jogo de forças heroicas, pensa-se nos velhos espetáculos mitológicos, nesses espetáculos em cuja estrutura íntima os combates se reduzem ao encontro elementar e eterno do divino e do satânico – na alegoria do Bem e do Mal.*¹⁰⁶²

Sem recorrer a explicações transcendentais, Cecília depositou na agência humana a esperança de contornar resistências à sua concepção política e artística. Mencionando que a presente premiação coincidia com os festejos de centenário de Machado de Assis, asseverou que o valor do primeiro presidente da Casa, sobrevivia “não por ter pertencido a esta ou àquela escola – mas por se encontrar fora de todas elas, em plena solidão.”¹⁰⁶³ Com essa ponderação, Meireles tanto rebateu os que, aferrados ao passado, atacaram seu trabalho – como Fernando Magalhães – quanto demonstrou sua teoria acerca das correntes estéticas. De certo modo, ela projetou na figura de Machado suas convicções, a respeito do estabelecimento de pontes entre diferentes tendências literárias, que deveriam se constituir como espaços de diálogo e de dinamismo, jamais como cárceres. Segundo Meireles, as escolas artísticas “estão destinadas a passar, umas após outras, como tentativas que são de dizer melhor.”¹⁰⁶⁴ Todavia, “dentro de cada uma, e fora também de todas, existe a mágica de dizer-se de maneira excepcional.”¹⁰⁶⁵ O real artista não se sacrificaria por regras prefixadas nem estaria a serviço de proselitismo, mas se sobrelevava, extrapolando as limitações do meio, e, com sua arte, a deterioração do tempo.

Ao se referir à “repercussão excepcional”¹⁰⁶⁶ do concurso, “como não se sabe de outra no Brasil, e só de algumas no estrangeiro”¹⁰⁶⁷, Meireles especulou que a Academia

¹⁰⁶² MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 176. Os trechos censurados, indicados por Cecília, foram assinalados com o uso de itálico na edição do livro.

¹⁰⁶³ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 176.

¹⁰⁶⁴ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 176.

¹⁰⁶⁵ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 176.

¹⁰⁶⁶ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 176.

¹⁰⁶⁷ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 176.

pareceu ter-se colocado a serviço da “divulgação das letras fora dos seus setores próprios.”¹⁰⁶⁸ Daí averiguou-se,

realmente, que, fora dos meios estritamente literários, a compreensão da obra de arte encontra imensas dificuldades, e qualquer inovação produz choques violentos, pelo desequilíbrio entre o conforto do hábito e a surpresa do insólito.¹⁰⁶⁹

Nesse trecho a autora apontou tanto para o vozerio de observadores, grassado pela imprensa, quanto para a competência de um autor, dedicado à obstetrícia, em se impor em matéria de poesia.¹⁰⁷⁰ Assim, “qualquer pequena transformação artística é recebida como uma agressão pelos distraídos e pelos tranquilos, por todos quantos confiam numa receita única e satisfatória para resolver os problemas desta vida.”¹⁰⁷¹ Para respaldar sua análise, Cecília recordou “o grande escândalo do *Hernani*”¹⁰⁷², na Paris de 1830, em que se digladiaram moços e velhos, românticos e classicistas, debruçados sobre questões de “fundo e forma, tema e técnica: a fatura do verso, o conteúdo poético, a integridade da língua”¹⁰⁷³ – pontos também discutidos por Cassiano Ricardo, Fernando Magalhães e outros, em torno de *Viagem*.¹⁰⁷⁴

Em um quadrante no qual, conforme o biógrafo Graham Robb, “um público de um teatro em Paris era um ouvido gigantesco, que ressoava à mínima alusão subversiva”¹⁰⁷⁵, *Hernani* “foi um vírus que modificou o mundo à sua volta”¹⁰⁷⁶, eletrizando ainda mais a atmosfera política da capital francesa, sendo, “até mesmo, em algumas mentes, uma causa direta do que estava prestes a acontecer nas ruas.”¹⁰⁷⁷ Com estreia em 25 de fevereiro, a encenação, em versos, rendeu significativas e agitadas 39 apresentações, que compuseram o que passou à história como a Batalha de *Hernani*. Conta Robb que, quando os dois protagonistas da peça, Hernani e Doña Sol “davam o último suspiro nos braços um do outro, no fim do Ato V, algo muito mais trágico ocorria

¹⁰⁶⁸ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 176.

¹⁰⁶⁹ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 177.

¹⁰⁷⁰ Cf. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. “Biografia: Fernando Magalhães.” Disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/fernando-magalhaes/biografia> Acesso em 4 jul. 2020.

¹⁰⁷¹ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 177.

¹⁰⁷² MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 177.

¹⁰⁷³ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 177.

¹⁰⁷⁴ Cf. RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...*

¹⁰⁷⁵ ROBB, Graham. *Victor Hugo...* p. 145.

¹⁰⁷⁶ ROBB, Graham. *Victor Hugo...* p. 152.

¹⁰⁷⁷ ROBB, Graham. *Victor Hugo...* p. 153.

além da ribalta: aplausos e vaias simultâneos; brigas de socos e prisões.”¹⁰⁷⁸ Eram vésperas de uma série de levantes do povo parisiense, sincronizado com republicanos e burgueses, contra o autoritarismo de Carlos X, que, no final de julho, se viu forçado a abdicar do trono.¹⁰⁷⁹

Conquanto, em seu discurso, não tenha adentrado a análise mais específica sobre tais acontecimentos, Cecília não ignorava a importância de *Hernani* para a compreensão dos complexos vínculos entre arte e política e do confronto entre “uma forma de literatura mais velha, presa às regras, e outra baseada na sensibilidade individual [...]”¹⁰⁸⁰ Tinha, provavelmente, noção de que o autor - que, desde cedo, tanto apreciava¹⁰⁸¹ - expunha contornos de “um ser político”¹⁰⁸², de “um indivíduo perigoso”¹⁰⁸³, de “um anarquista com gênio para a organização,”¹⁰⁸⁴ e *Hernani*, de um “manifesto de rebelião”.¹⁰⁸⁵ A forte conotação política com que Hugo conduzia suas ideias, marcou o romantismo, a “voz da jovem geração, republicana”¹⁰⁸⁶, a representar “a liberdade, a imaginação, um furioso temor de entediar-se, e a determinação de jamais envelhecer e virar conservador.”¹⁰⁸⁷ Em linhas gerais, pode-se dizer que Meireles acolhia com simpatia tais noções.

Lamentou, ela, que “todas as propositais novidades [de *Hernani*] foram tomadas por ignorância e negligência”.¹⁰⁸⁸ Este fato, contudo – ressaltou, em tom de reverência:

não impediu que houvesse, na literatura francesa esse acontecimento que se chamou Victor Hugo, e esse outro que foi o Romantismo, de cujas audácias, que tanto horrorizaram os clássicos, sorrimos hoje quase todos nós...¹⁰⁸⁹

O exemplo de *Hernani* foi lembrado para que se elucidassem “as lutas literárias da atualidade.”¹⁰⁹⁰ Esta foi a chave política através da qual o discurso se desenrolou.

¹⁰⁷⁸ ROBB, Graham. *Victor Hugo...* p. 151.

¹⁰⁷⁹ Esse processo ficou conhecido como a Revolução de Julho de 1830 e marcou o fim do período da Restauração (1815-1830). Cf. ROBB, Graham. *Victor Hugo...* p. 155. HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções: 1789-1848*. Tradução Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 20ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006, p. 159-188.

¹⁰⁸⁰ ROBB, Graham. *Victor Hugo...* p. 142.

¹⁰⁸¹ Cf. Capítulo 2.

¹⁰⁸² ROBB, Graham. *Victor Hugo...* p. 142.

¹⁰⁸³ ROBB, Graham. *Victor Hugo...* p. 142.

¹⁰⁸⁴ ROBB, Graham. *Victor Hugo...* p. 142.

¹⁰⁸⁵ HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções...* p. 372.

¹⁰⁸⁶ ROBB, Graham. *Victor Hugo...* p. 142.

¹⁰⁸⁷ ROBB, Graham. *Victor Hugo...* p. 142.

¹⁰⁸⁸ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.”

In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 177.

¹⁰⁸⁹ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.”

In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 177.

¹⁰⁹⁰ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 177.

Meireles argumentou pelos movimentos de renovação artística, que decorreriam “da própria renovação da vida”¹⁰⁹¹, em contraste com a surpresa e a irritação dos que teimavam em se opor a mudanças, “por falta de informação devida, ou por displicência em meditá-la.”¹⁰⁹²

Teriam também, estes últimos, o benefício de pensar o que quisessem? Afinal, não fora no prefácio de *Hernani*, que Hugo aprofundou seu afastamento da monarquia e seu alinhamento ao republicanismo, proclamando que “o romantismo é o liberalismo na literatura”¹⁰⁹³? Apologista da liberdade, Cecília admitiu que a parte da humanidade que se agarrava a modelos, pretensamente, estáticos, em si, “nada teria de condenável”¹⁰⁹⁴, cabendo a “cada um o direito de pensar o que entender, embora em prejuízo seu.”¹⁰⁹⁵ Com base nessa premissa, o conceito de liberdade, para a autora, implicaria completa ausência de limites? Como que comentando a supracitada frase de Hugo, ponderou: “Quanto mais liberal se é, mais se exige que a liberdade do indivíduo, ampliada até o máximo, - não alcance a órbita de outra liberdade a quem é conferido um poder de expansão igual.”¹⁰⁹⁶ Para Cecília, a única restrição da liberdade era a própria liberdade: o processo de tornar-se livre se daria por relações de reciprocidade, pela convivência social, ou seja, através da não violação da liberdade alheia. Caso contrário, a semântica da liberdade se pulverizaria, cedendo lugar ao despotismo indisfarçado.

À vista disso, Cecília distinguiu opinião de crítica, devendo a primeira ser disciplinada, a fim de que “a turbulência de uns não desorienta a apreciação de outros, quando se encontra em jogo qualquer produto do espírito humano.”¹⁰⁹⁷ O simples opinar seria coisa desimportante, acessível, sem grande esforço, a qualquer um. Esse tipo de agir, por se achar sujeito às oscilações de sensibilidade, de saúde e de interesses momentâneos, reunia, em si, “tudo quando pode haver de mais precário para o *interesse geral*.”¹⁰⁹⁸ Dessa

¹⁰⁹¹ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 177.

¹⁰⁹² MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 177.

¹⁰⁹³ HUGO, Victor. *Hernani*. Apud: HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções...* p. 372.

¹⁰⁹⁴ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 178.

¹⁰⁹⁵ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 178.

¹⁰⁹⁶ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 178.

¹⁰⁹⁷ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 178.

¹⁰⁹⁸ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 178. *Itálico nosso.*

perspectiva, opinantes pouco ou nenhum compromisso assumiam com a precedência do bem comum na formulação do juízo.

Por seu turno, ao ser exercida, a crítica lidaria com algo muito sério. Cecília parecia falar, diretamente, a Fernando Magalhães e a Amoroso Lima: criticar era coisa “tão grave quanto fazer obra criadora, porque o verdadeiro crítico não ignora que seu gosto pessoal, suas ideias – filosóficas, políticas, religiosas, morais – suas preferências por gênero ou por autor – nada têm a ver com o julgamento final.”¹⁰⁹⁹ De certa maneira, a crítica abrangeria um tipo de opinião, embasada, todavia, por disciplina, por método, “por rigor na análise e na interpretação”¹¹⁰⁰, aproximando-se de um *modus operandi* científico. Ao passo que a racionalidade e a reflexão se faziam necessárias a uma efetiva compreensão da realidade, o arremesso de insultos e de distorções fáticas, o ardor em confundir, ao sabor de paixões político-ideológicas, revelar-se-iam estéreis e equivocados. Os agressores de Cassiano Ricardo e de Cecília estariam decididos a menosprezar as lições da história e a se escravizarem por suas predisposições:

Os erros, os debates inúteis trazidos ao terreno da arte, simplesmente pelo exercício de uma falsa atividade crítica, verificam-se em julgamentos do passado, e deviam servir de aviso para os juízos apressados do presente.¹¹⁰¹

Demonstrando domínio da temática, como quem, há pouco, ministrara um curso a esse respeito¹¹⁰², Meireles sintetizou o vigor de sua análise no parágrafo seguinte, por sinal, também vetado pela Academia:

*Os que vivem em atraso sobre a evolução de um assunto são responsáveis por projetarem em redor de si, como vivos e atuais, conceitos mortos, que serviram a uma época e estão inutilizados por outras. São esses os que cometem a velha imprudência de não gostarem do que não entendem, e acusarem de obscuro, inconveniente ou inartístico o que escape aos cânones de uma estética em que se fixaram – quando se fixaram em alguma. Porque sabeis, senhores, que, sendo a arte imortal, a verdade estética é variável no espaço e no tempo. Nem é outra a imortalidade da arte, se não essa sobrevivência apesar da moda e do gosto do momento.*¹¹⁰³

¹⁰⁹⁹ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 178.

¹¹⁰⁰ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 178.

¹¹⁰¹ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 178.

¹¹⁰² Cf. MEIRELES, Cecília. Curso de Técnica e Crítica Literárias. Escola de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal, ministrado de junho a novembro de 1937. (Aulas taquigrafadas por Vera Teixeira, sem revisão). Disponível em: *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

¹¹⁰³ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 178-179.

Não que a autora fosse oposta à pluralidade de pontos de vista e ao exercício da polêmica. Pelo contrário: enalteceu como a escolha dos patronos, pelos fundadores de 1897¹¹⁰⁴, expressava o convívio de perfis e tendências, tão díspares como “a fria perfeição dos sonetos de Cláudio”¹¹⁰⁵ e “a largueza do verso branco de Basílio da Gama”¹¹⁰⁶, “a sensibilidade tumultuosa de Gregório de Matos”¹¹⁰⁷ e o “tumulto, mórbido e agudo de Álvares de Azevedo”¹¹⁰⁸, “o indianismo de Gonçalves Dias”¹¹⁰⁹ e “a graça ingênua de Casimiro de Abreu”¹¹¹⁰, “a pompa verbal de Castro Alves”¹¹¹¹ e “a música sonhadora de Gonzaga”.¹¹¹² Analogamente, ao promover polêmicas, a Academia cumpria a importante função, exaltada por Joaquim Nabuco, “de agitar o problema literário como um dos problemas humanos, de aceitá-lo em sua complexidade, como se aceita a vida – indiferente às nossas ambições, e às nossas dores.”¹¹¹³

Depreende-se, pois, que, da percepção da premiada, os que negavam as qualidades da poesia moderna, erigindo barreiras ao diálogo e propalando opiniões sem fundamento, traíam a índole da coexistência na heterogeneidade, do concordar em discordar, preconizado na origem da instituição. A partir desse entendimento, recordando, com Rilke e Lorca, que o poeta se faz por dom, mas também por esforço e técnica, assegurou que “os premiados neste concurso ficam isentos de agradecer seus prêmios, porque um agradecimento, nessas condições, não teria sentido.”¹¹¹⁴ Na sequência de sua fala, novo corte:

O que eles agradecem, porém, é que a Academia não os tenha desencantado, apesar do pessimismo geral. Que ela tenha coincido

¹¹⁰⁴ Ano de fundação da Academia Brasileira de Letras.

¹¹⁰⁵ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 179.

¹¹⁰⁶ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 179.

¹¹⁰⁷ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 179.

¹¹⁰⁸ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 179.

¹¹⁰⁹ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 179.

¹¹¹⁰ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 179.

¹¹¹¹ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 179.

¹¹¹² MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 179.

¹¹¹³ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 179.

¹¹¹⁴ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 180.

*com os pontos de vista destes que, assim pensando, a procuraram. Que tenha votado com os que renovam, contra os que destroem ou estacionam.*¹¹¹⁵

A vitória de *Viagem*, ao surpreender a disseminada impressão de que a Academia era indiferente ou pouco fecunda¹¹¹⁶, proporcionou, conforme Meireles, o reencontro da instituição com seus princípios fundantes, tendo sido “fiel a Nabuco e a Machado de Assis”.¹¹¹⁷ Ademais, concluiu, “que se tenha encontrado com os mais modernos, também; que não desprezam a tradição, mas que a transformam. Que não fogem da vida, pela arte, - mas que mostra a arte nos caminhos graves da vida.”¹¹¹⁸

Em artigo de 1939, Mário de Andrade deu testemunho da “madrigalesca lição da maior ‘sinuca’ literária destes últimos meses: a Academia acaba de ser premiada por ter concedido um prêmio à poetisa Cecília Meireles.”¹¹¹⁹ Com efeito, ao premiar Cecília por 22 votos contra 2¹¹²⁰, a Academia poderia passar a se apresentar como instituição arejada e aberta a novas ideias. Afinal, além de haver consagrado uma obra, tida como moderna, laureara uma poetisa. Seja como for, cabe constatar que, não só as mulheres continuaram, por muito tempo, impedidas de entrar para a Academia¹¹²¹, como a vitória de Cecília havia sido espinhosa, conquistada a duras penas. Nessa direção, embora não aspirasse à controvérsia, em si, dela se valeu para expressar sua concepção de literatura e seu projeto político. Para tanto, pôs em prática o ideal que tanto prezava, o de liberdade, cuidando para que não se deixasse dominar, de um lado, por seus impulsos – o que a fazia descer ao nível dos ataques de seus adversários - nem, de outro, pela sanha da censura. Ao decidir não pronunciar um discurso mutilado, alhures publicando-o na íntegra, repudiou a mordaca e tomou o partido de defesa da liberdade.

¹¹¹⁵ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 180.

¹¹¹⁶ Cf. ANDRADE, Mário de. “Cecília e a poesia.” [16 de julho de 1939]. In: _____ *O empalhador de passarinho*. 4ª ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, p.75-80.

¹¹¹⁷ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 180.

¹¹¹⁸ MEIRELES, Cecília. “Discurso que Cecília Meireles devia pronunciar no dia da entrega dos prêmios.” In: RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna...* p. 180.

¹¹¹⁹ ANDRADE, Mário de. “Cecília e a poesia.” [16 de julho de 1939]. In: _____ *O empalhador de passarinho...* p. 75.

¹¹²⁰ Cf. RICARDO, Cassiano. *Viagem no tempo e no espaço: memórias*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970, p. 119.

¹¹²¹ Somente em 1976, com a alteração do art. 17 do Regimento Interno, permitiu-se a candidatura e a eleição de uma mulher na ABL, sendo Rachel de Queiroz a agraciada. Cf. FANINI, Michele Asmar. “As mulheres e a Academia Brasileira de Letras.” In: *História (São Paulo)*. ed. 176, vol. 29, nº 1, p. 345-367, Franca, SP, out. 2010.

Nos diferentes momentos e ocasiões em que agiu no espaço público, do concurso para a Escola Normal ao da Academia Brasileira de Letras, entretanto o engajamento via imprensa, Cecília recorreu a ideias e palavras, embebidas de um ideal cívico-republicano, igualmente, manifesto em sua disposição em servir à sociedade. Outro não seria, no seu pensar, o autêntico sentido da grandeza e da fama individuais.

4.6. Espírito cívico

O jornal *A Manhã*, em 29 de outubro de 1944, noticiou que, em breve, seria inaugurado um curso de literatura, aberto ao público, e apresentou uma entrevista com a idealizadora do projeto, a diretora do Departamento de Literatura da Associação dos Servidores Cívicos do Brasil, Cecília Meireles.¹¹²² Àquela altura, Cecília já testemunhara a extinção da Universidade do Distrito Federal (UDF) (1939)¹¹²³, desenvolvera matérias para a revista *O Observador Econômico e Financeiro* (1939-1940)¹¹²⁴, contraíra segunda núpcias com o engenheiro agrônomo Heitor Vinícius da Silveira Grillo (1940)¹¹²⁵, lecionara Literatura e Cultura Brasileira na Universidade do Texas (1940)¹¹²⁶, dirigira a revista *Travel in Brazil* (1941-1942)¹¹²⁷, do Departamento de Imprensa e Propaganda, publicara, regularmente, artigos em *A Manhã* (1941-1944)¹¹²⁸ e lançou o livro de poemas *Vaga Música* (1942).¹¹²⁹

¹¹²² *A Manhã*. Rio de Janeiro. Domingo, 29 de outubro de 1944, p. 3.

¹¹²³ Fundada em abril de 1935, tendo como reitor Anísio Teixeira, A Universidade do Distrito Federal (UDF) recebeu, desde cedo, ataques de intelectuais católicos, como Alceu Amoroso Lima. Este, em carta ao Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, sugeriu que o governo fechasse a instituição recém-fundada. De janeiro a agosto de 1938, Amoroso Lima foi posto como reitor da UDF. Pouco depois, pelo Decreto n. 1.063, de 20 de janeiro de 1939, de iniciativa de Capanema, a referida universidade foi desfeita e absorvida pela Universidade do Brasil. Em fevereiro, Mário de Andrade escreveu ao Ministro: “[...]. Deixe também que lhe diga, com a maior lealdade, que não foi o menor destes reveses a destruição da UDF. Não pude me curvar às razões dadas por você pra isso; lastimo dolorosamente que se tenha apagado o único lugar de ensino mais livre, mais moderno, mais pesquisador que nos sobrava no Brasil [...]” ANDRADE, Mário de. Carta a Gustavo Capanema. Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1939. Apud: SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria B. & COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra: 2000, p. 386. Sobre a reação de Amoroso Lima à criação da UDF e seu período na reitoria, ver: LIMA, Alceu Amoroso. Carta a Gustavo Capanema. Rio de Janeiro, 16 de junho de 1935. Apud: SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria B. & COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema...* p. 313-314. SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil...* p. 257.

¹¹²⁴ *O Observador Econômico e Financeiro*. Rio de Janeiro, 1939-1940. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em 15 jul. 2019.

¹¹²⁵ MEIRELES, Cecília. *Três Marias de Cecília*. Organização, apresentação e notas de Marcos Antônio de Moraes. São Paulo: Moderna, 2006, p. 29. (Série imagem & texto).

¹¹²⁶ MEIRELES, Cecília. *Três Marias de Cecília...* p. 20.

¹¹²⁷ MEIRELES, Cecília. *Cecília e Mário*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p. 293.

¹¹²⁸ MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação*. Apresentação e planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. v. 5.

¹¹²⁹ MEIRELES, Cecília. *Poesia completa...* p. 325-442.

Adentrado o ano de 1944, traduziu *Bodas de Sangue*, de Federico Garcia Lorca, contribuindo com a encenação da obra, interpretada pela renomada atriz Dulcina de Moraes (1908-1996).¹¹³⁰ Além disso, organizou e prefaciou a seleta *Poetas novos de Portugal*.¹¹³¹

A interpretação destes dados leva a algumas considerações importantes. A primeira delas é a afirmação da *vita ativa* pela óbvia dedicação da intelectual a seu trabalho, assumindo grande volume de tarefas, tanto em cargos de direção, quanto em funções auxiliares, tanto em produções autorais, quanto em projetos de popularização do conhecimento. Em segundo lugar, sua proximidade com a estrutura burocrática da ditadura varguista, com a qual susteve uma relação tensionada pela necessidade de emprego e pela guarda de valores ético-políticos, conflitantes com o autoritarismo. Nesse sentido, Cecília compartilhou da inquietude de numerosos intelectuais, que, sob os impedimentos da repressão, tateavam margens de liberdade.¹¹³² Uma das pistas que confirmam esta disposição em resistir, por dentro do Estado, ao próprio regime, encontra-se em sua ação à frente do Departamento de Literatura da Associação dos Servidores Cívicos do Brasil (ASCB).

Criada em 1943, sob a égide de Luiz Simões Lopes (1903-1994), presidente do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), a Associação dos Servidores Cívicos tinha como finalidade promover atividades culturais e de recreação, estabelecendo intercâmbio entre membros de diferentes quadros funcionais no território nacional. Envolvido com a tarefa de reformar a administração pública, desde a criação do Conselho Federal do Serviço Público Civil, em 1936 – dois anos depois, transformado em DASP¹¹³³ – Simões Lopes entendia que a ASCB possuía “diante de si uma existência a preencher

¹¹³⁰ Ver capítulo 5.

¹¹³¹ MEIRELES, Cecília. (Org.). *Poetas novos de Portugal*. Seleção e prefácio de Cecília Meireles. Rio de Janeiro: Dois Mundos Editora, 1944.

¹¹³² A inserção de intelectuais nas estruturas do Estado Novo tem surtido pesquisas e debates múltiplos, que ora enfatizam a submissão aos ditames do regime, ora as estratégias de autonomia exploradas pelos intelectuais. Aqui, ao invés de aderir a chaves explicativas dicotômicas e/ou simplistas, adotamos o viés teórico sumarizado por Ângela de Castro Gomes, segundo o qual: “A questão do envolvimento de intelectuais com regimes políticos – sobretudo autoritários, como o Estado Novo - é algo bem mais complexo e instigante”, comportando “uma variada gama de aproximações, distanciamentos e negociações.” GOMES, Ângela de Castro. “Cultura política e cultura histórica no Estado Novo”. In: ABREU, Martha et. al. (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 46-47. Ver também: BOMENY, Helena (Org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2001.

¹¹³³ Cf. RABELO, Fernanda Lima. *De experts a bodes expiatórios: a elite técnica do DASP e a reforma administrativa no Estado Novo (1938-1945)*. Curitiba: Editora CRV, 2020.

com as mais patrióticas atividades, em prol dessa grande classe que tão bem se integrou nos postulados do Estado Nacional, colaborando com o Presidente Vargas [...].”¹¹³⁴

Distinguindo-se dessa postura adesista de submissão ao governo, Cecília Meireles identificou na literatura uma finalidade e um meio de preparação de cidadãos críticos, capazes de romper com processos de alienação. Em janeiro de 1944, Meireles sucedeu o escritor José Lins do Rego na diretoria da ASCB.¹¹³⁵ Em julho, ao regressar ao Brasil, após um mês no Uruguai,¹¹³⁶ deu início à organização e execução de seu plano, em duas dianteiras, entrelaçadas: a oferta de um curso de Literatura, ministrado pela própria diretora, e a realização de palestras com alguns dos principais estudiosos da arte literária no país.

Esta foi a solução que Cecília encontrou para concretizar o desejo de que o curso fosse “eficiente e agradável”¹¹³⁷, de modo que mesmo os que não pudessem “dispensar muito tempo às letras nele encontrassem as informações [...] para estar ao corrente dos acontecimentos literários, que, afinal, fazem parte da própria vida.”¹¹³⁸ O curso, na sua avaliação, tratava-se de “um serviço de utilidade intelectual”¹¹³⁹, voluntário, gratuito, e estava “despertando um interesse muito maior do que se poderia calcular, não apenas no funcionalismo, mas entre aqueles que acreditam ser a *literatura uma fonte de ilustração indispensável à formação humana*.”¹¹⁴⁰

Desde a concepção do plano, tornou-se central a compreensão de literatura como matriz de esclarecimento, como fenômeno que diz respeito à vida das pessoas, que informa sobre o mundo e nele atua para mudá-lo. Quis, assim, afastar a possível imagem do estudo literário como prática inócua, despida de maior significação para a existência. As palestras deveriam “servir de esclarecimento e iniciação ao assunto”¹¹⁴¹, de modo que

¹¹³⁴ *A Manhã*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 11 de junho de 1943, p. 8. O primeiro presidente efetivo da ASCB foi João Carlos Vital, segundo o qual a Associação pretendia reunir “os numerosos servidores públicos, federais, estaduais, municipais, do Distrito Federal, das entidades para-estatais e das sociedades de economia mista”, realizando “atividades de intercâmbio, assistência e cultura, procurando desenvolver a capacidade intelectual dos associados e famílias, incentivando entre os mesmos a prática da cultura física, e mantendo contato com as congêneres nacionais e estrangeiras”. Simões Lopez foi declarado Presidente de Honra da entidade. No ano seguinte, em 1944, tornou-se presidente efetivo da sociedade. João Carlos Vital passou a vice-presidente. *A Manhã*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 16 de junho de 1943, p. 3.

¹¹³⁵ *A Manhã*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 11 de junho de 1943, p. 3. *A Manhã*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 18 de janeiro de 1945, p. 9.

¹¹³⁶ Cecília viajara em companhia de seu marido Heitor Grillo, então, a serviço do Ministério da Agricultura. *A Manhã*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 16 de julho de 1944, p. 8.

¹¹³⁷ MEIRELES, Cecília. “Entrevista”. *A Manhã*. Rio de Janeiro. Domingo, 29 de out. de 1944, p. 3.

¹¹³⁸ MEIRELES, Cecília. “Entrevista”. *A Manhã*. Rio de Janeiro. Domingo, 29 de out. de 1944, p. 3.

¹¹³⁹ MEIRELES, Cecília. “Entrevista”. *A Manhã*. Rio de Janeiro. Domingo, 29 de out. de 1944, p. 3.

¹¹⁴⁰ MEIRELES, Cecília. “Entrevista”. *A Manhã*. Rio de Janeiro. Domingo, 29 de out. de 1944, p. 3. Itálico nosso.

¹¹⁴¹ MEIRELES, Cecília. “Entrevista”. *A Manhã*. Rio de Janeiro. Domingo, 29 de out. de 1944, p. 3.

os frequentadores tivessem oportunidade de se situar no debate sobre livros, movimentos e escolas literárias, e se capacitar em dar prosseguimento aos estudos, caso pretendessem.

A abertura de inscrições para o curso foi feita em novembro. Os interessados deveriam se dirigir à sede dos Cursos de Administração do DASP, no Edifício Hollerith, à Av. Graça Aranha, nº 1823, 3º andar, diariamente, das 10 às 18 horas. Noticiou-se que a iniciativa partia de Cecília Meireles – intelectual já renomada – com o intuito de “melhorar o nível intelectual dos funcionários públicos.”¹¹⁴² O recorte do conteúdo seria introdutório, voltado para não-especialistas, abordando “a literatura em todos os seus aspectos, através do espaço e do tempo, numa visão panorâmica de suas origens, desenvolvimento, finalidade e principais expressões.”¹¹⁴³ Como forma de encorajamento à participação, ressaltou-se que “os que nele se inscreverem estarão isentos de provas e exames.”¹¹⁴⁴ O curso, pelo visto, despertou interesse e contou com o expressivo número de 175 inscritos.¹¹⁴⁵

Ao todo, além de um encontro de inauguração foram ministradas 10 aulas, conforme exposto no quadro abaixo.

Quadro 1 – *Datas e títulos das aulas do curso, ofertado por Cecília Meireles.*

Data	Título
12/01/1945	Inauguração do curso
19/01/1945	*
26/01/1945	Literatura Oral, Literatura Primitiva e nascimentos dos gêneros.
02/02/1945	Desenvolvimento dos gêneros. Temas e formas de literatura culta.
16/02/1945	À margem da literatura oriental
23/02/1945	À margem da literatura grega
09/03/1945	À margem da literatura latina
25/03/1945	À margem do romantismo
27/04/1945	À margem da literatura clássica
01/06/1945	Depois do Romantismo
15/06/1945	Do Simbolismo à atualidade**

(**Fonte:** *A Manhã*. Rio de Janeiro. Jan./jun. 1945. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 7 jun. 2019. *O título desta aula não constou nos anúncios consultados. **Palestra de encerramento do curso.)

¹¹⁴² *A Manhã*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 28 de novembro de 1944, p. 5.

¹¹⁴³ *A Manhã*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 12 de janeiro de 1945, p. 3.

¹¹⁴⁴ *A Manhã*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 8 de dezembro de 1944, p. 8.

¹¹⁴⁵ *A Manhã*. Rio de Janeiro. Sábado, 6 de janeiro de 1945, p. 8.

Ao longo do primeiro semestre de 1945, enquanto a fúria bélica mundial reverberava o desatino de seres humanos em se excederem em brutalidade, Cecília expôs os fundamentos da literatura. Viajou da Antiguidade à atualidade, da oralidade à escrita, dos gêneros às escolas, do Ocidente ao Oriente. Apontou para outro futuro. Investiu tempo e energia em qualificar servidores públicos, em humanizar pela literatura, criando uma nova visão de sociedade, em que beleza e empatia, liberdade e fraternidade, encontrassem abrigo. Agiu, assim, politicamente.

Imagem 23. *Diretora do Departamento de Literatura da Associação dos Servidores Cíveis do Brasil. Registro da primeira aula de Cecília Meireles, inaugurando o curso de Literatura da ASCB.*



(Fonte: *A Manhã*. Rio de Janeiro. Domingo, 21 de janeiro de 1945, p. 3. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 7 jun. 2019)

Ocorridas no horário das 18 às 19 h, as palestras do curso foram realizadas no auditório da Av. Graça Aranha 35-A, 11º andar, e, a partir do dia 16 de fevereiro, no anfiteatro do Ministério da Educação. Neste mesmo espaço sucederam as conferências dos convidados, intercaladas às preleções de Cecília.

Quadro 2 – *Conferências organizadas por Cecília Meireles, na qualidade de diretora do Departamento de Literatura da Associação dos Servidores Cíveis do Brasil*

Data	Conferencista	Atividade*	Título
20/11/1944	Manuel Bandeira	Poeta e crítico literário	Alguns poetas brasileiros contemporâneos
19/12/1944	Roberto Alvim Corrêa	Poeta e crítico literário	Homenagem ao centenário de Verlaine

04/01/1945	Andrade Muricy	Crítico literário e musical	Atmosfera do Simbolismo
24/01/1945	Barros Vidal	Escritor e jornalista	Três precursoras da literatura brasileira
07/02/1945	Josué Montello	Escritor e jornalista	A vida romântica de Gonçalves Dias
23/07/1945	Andrade Muricy	Crítico literário e musical	O poeta B. Lopes
03/08/1945	Roberto Alvim Corrêa	Poeta e crítico literário	Poderes da poesia
17/08/1945	Josué Montello	Escritor e jornalista	Influência de Antônio Nobre
30/08/1945	Barros Vidal	Escritor e jornalista	A poetisa que os homens esqueceram
14/09/1945	Manuel Bandeira	Poeta e crítico literário	Sóror Juana Inés de la Cruz
28/09/1945	Abgar Renault	Poeta e tradutor	Influência de Antônio Nobre

(Fonte: *A Manhã*. Rio de Janeiro. Jan./Jun. 1945. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 7 jun. 2019. *Atividade intelectual de maior destaque.)

Pelo quadro acima, afere-se a ausência de mulheres palestrantes. Se, no geral, as instâncias de consagração e os meios intelectuais priorizavam homens, na esfera da crítica literária, ao que parece, esse predomínio tendia a se tornar ainda mais acentuado. Ademais, apenas três das onze conferências detiveram-se sobre trajetórias e obras de escritoras. Barros Vidal dedicou suas duas contribuições ao enaltecimento do protagonismo feminino e, pela camaradagem com “suas colegas humanas”¹¹⁴⁶, seria elogiado, em crônica, por Meireles.¹¹⁴⁷

A plêiade contou com alguns dos nomes mais importantes, no Brasil, dentre os que se dedicavam a pesquisar, discutir, interpretar e avaliar a literatura. Basta salientar as presenças de Manuel Bandeira (1886-1968), Roberto Alvim Corrêa (1901-1983), Andrade Muricy (1895-1984) e Abgar Renault (1903-1995) para se ter ideia da envergadura do time. Os três primeiros repetiram sua participação, versando sobre

¹¹⁴⁶ MEIRELES, Cecília. “Precursoras brasileiras”. *Folha Carioca*. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1945. In: _____ *Cecília Meireles: crônicas de viagem*, 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998, p. 227-229. (Cecília Meireles: obra em prosa).

¹¹⁴⁷ Cf. MEIRELES, Cecília. “Precursoras brasileiras”. *Folha Carioca*. Rio de Janeiro, 19 de junho de 1945. In: _____ *Cecília Meireles: crônicas de viagem*, 1. ... p. 227-229. Na crônica, Cecília saúda o lançamento do livro de Barros Vidal, que pesquisou e analisou sobre precursoras brasileiras, em diversas áreas, como literatura, medicina, aviação, teatro etc. As conferências que o autor proferiu, junto ao Departamento de Literatura da ASCB, parecem ter partido do mesmo material, que originou a publicação.

diferentes temas em cada ocasião. Barros Vidal e Josué Montello também dissertaram por duas vezes. Ao todo foram seis intelectuais os responsáveis pelas onze conferências.¹¹⁴⁸

Os títulos das falas revelam um perfil transnacional das obras e dos autores pautados, alternando-se nomes como Gonçalves Dias (brasileiro), Paul Verlaine (francês), Antônio Nobre (português) e Juana Inés de la Cruz (mexicano-espanhola). Ademais, o gênero poesia foi priorizado, sintoma de uma provável influência da coordenadora dos trabalhos.

Todos os conferencistas, antes de iniciarem sua fala, eram apresentados pela diretora. Não raro, o evento também contava com apresentações musicais, sempre com entrada franca.

Em janeiro de 1946, após cumprir seu propósito e entregar o cargo, Meireles, em uma conversa, fez um balanço da iniciativa e reafirmou a importância da literatura para a formação de pessoas comprometidas com um ideal ético-humanista. A entrevistadora, Solêna Benevides Vianna, ao introduzir o assunto, forneceu também um relato das ressonâncias das palestras: “Ouvi as melhores referências ao seu curso de literatura da Associação dos Servidores Civis do Brasil.”¹¹⁴⁹ E questionou: “Foi, realmente, uma iniciativa louvável e que alcançou vasta repercussão?”¹¹⁵⁰ A entrevistada ponderou: “É muito difícil qualquer associação vingar no Brasil, mas convidaram-me para trabalhar nessa, e raramente me recuso a cooperar, quando se trata de um serviço de cultura.”¹¹⁵¹ De seu ponto de vista, a experiência havia sido satisfatória: “Tive a impressão de que os meus esforços, neste caso, foram bem compreendidos por parte daqueles a quem se destinavam.”¹¹⁵²

Nessa fala, Meireles deu mostras de sua estima pelo associativismo, pelo trabalho cooperativo, voltado para o bem comum. O caráter político desse trabalho, tomado como dispositivo para a mudança de perspectivas, salta, novamente, na retomada de sua concepção de literatura: “O intuito [do curso e das conferências] foi situar a literatura

¹¹⁴⁸ É possível que Abgar Renaut também tenha dado mais uma conferência, pois Cecília relatou, em entrevista, que foram doze palestras realizadas. Só conseguimos apurar as onze, descritas no quadro. Cf. MEIRELES, Cecília. Entrevista a Solêna Benevides Vianna. In: *A Manhã*. Rio de Janeiro, Domingo, 20 de janeiro de 1946, p. 3.

¹¹⁴⁹ MEIRELES, Cecília. Entrevista a Solêna Benevides Vianna. *A Manhã*. Rio de Janeiro, Domingo, 20 de janeiro de 1946, p. 11.

¹¹⁵⁰ MEIRELES, Cecília. Entrevista a Solêna Benevides Vianna. *A Manhã*. Rio de Janeiro, Domingo, 20 de janeiro de 1946, p. 11.

¹¹⁵¹ MEIRELES, Cecília. Entrevista a Solêna Benevides Vianna. *A Manhã*. Rio de Janeiro, Domingo, 20 de janeiro de 1946, p. 11.

¹¹⁵² MEIRELES, Cecília. Entrevista a Solêna Benevides Vianna. *A Manhã*. Rio de Janeiro, Domingo, 20 de janeiro de 1946, p. 11.

num plano em que não é vista geralmente. Como um *meio de compreensão humana e do mundo...* que Deus, decerto, fez, mas o homem complicou...”¹¹⁵³ Disse ainda que esse trabalho de mediação, partira de uma crença no poder libertador do conhecimento. Isso não seria pouco, ainda mais sob uma ditadura:

Esta experiência de divulgação cultural foi, sobretudo, confortadora, porque, em geral, se presume que o funcionário é um escravo passivo da burocracia, de cuja modorra apenas o arranca, uma ou outra vez, alguma diversão frívola. Não é verdadeiramente assim.¹¹⁵⁴

Ao funcionário público caberiam o direito a uma “maior e melhor cultura”¹¹⁵⁵ e o dever cívico de realizá-la. Até porque, concluiu, “verdadeiramente só creio numa coisa: na educação. Educação: com todas as interpretações e direções que a palavra comporte.”¹¹⁵⁶

Ações práticas e discursivas, desse calibre, entram em conflito com outras atitudes possíveis, como a de defesa do Estado autoritário e a de combate ao mesmo pelo emprego da força. A partir da área de sua especialidade, Meireles empenhou-se em resistir à polarização das paixões políticas e, a seu modo, combater o autoritarismo, a opressão, o individualismo extremado, a avareza, corruptores da sociedade e da República. Com uma simpatia à participação em trabalhos conjuntos, nutrida de longa data – do Diabolô Victor Hugo Club¹¹⁵⁷ à Legião da Mulher Brasileira¹¹⁵⁸, passando pela Associação Brasileira de Educação - Cecília buscou dar forma e vida a seu projeto humanista, confrontando, sempre que necessário, seus oponentes.

Continuou a perseguir seus ideais ao integrar a delegação carioca, junto ao Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em São Paulo, de 22 a 27 de janeiro de 1945, em defesa da democracia e contra ditadura varguista.¹¹⁵⁹ Em diapasão semelhante, aceitou se tornar presidente da Sociedade Brasileira dos Amigos da Índia,

¹¹⁵³ MEIRELES, Cecília. Entrevista a Solêna Benevides Vianna. *A Manhã*. Rio de Janeiro, Domingo, 20 de janeiro de 1946, p. 11. Itálico nosso.

¹¹⁵⁴ MEIRELES, Cecília. Entrevista a Solêna Benevides Vianna. *A Manhã*. Rio de Janeiro, Domingo, 20 de janeiro de 1946, p. 11.

¹¹⁵⁵ MEIRELES, Cecília. Entrevista a Solêna Benevides Vianna. *A Manhã*. Rio de Janeiro, Domingo, 20 de janeiro de 1946, p. 11.

¹¹⁵⁶ MEIRELES, Cecília. Entrevista a Solêna Benevides Vianna. *A Manhã*. Rio de Janeiro, Domingo, 20 de janeiro de 1946, p. 11.

¹¹⁵⁷ Ver capítulo 2.

¹¹⁵⁸ Ver capítulo 3.

¹¹⁵⁹ Cf. LIMA, Felipe Victor. *O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores: movimento intelectual contra o Estado Novo (1945)*. 239 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Ver capítulo 5, adiante.

entidade instalada em 4 de maio de 1949, promovendo a interlocução entre as culturas brasileira e indiana, por meio de exposições, conferências, exibição de filmes etc.¹¹⁶⁰

Esse espírito cívico-republicano das ideias de Meireles e seu humanismo, elevaram-se, sobremaneira, quando foram discutidas e analisadas questões, acerca da crise de sentido da modernidade, da guerra e da paz. Esse é o cerne do próximo capítulo.

¹¹⁶⁰ Cf. MEIRELES, Cecília. Carta a Isabel do Prado. Rio de Janeiro, 3 de maio de 1949. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo Isabel do Prado. MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues. Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1948. In: _____ *A lição do poema...* p. 168-169.

Capítulo 5 – Tempos de crises, tempos de guerras

5.1. A náusea

Em carta a Armando Côrtes-Rodrigues, de 2 de outubro de 1954, pouco mais de um mês após a morte de Getúlio Vargas, Cecília testemunhou:

Confesso-lhe com a mão no coração: a Humanidade – esta que me rodeia – deixou de interessar-me. Passei um mês com náusea – não no sentido figurado: náusea espasmódica, do diafragma, enjoada com as coisas que aconteceram aqui. Tomei montes de pílulas, para o estômago voltar ao lugar, sem ter nada com isto! Sem ter partido! Nem interesses! Nem depender de ninguém – nem eu nem a minha gente!¹¹⁶¹

Embora seja difícil documentar o trauma psíquico, haja vista o fio íntimo da vivência de dado evento ou processo, desabafos como este sugerem, no mínimo, uma situação de estresse, ainda não exaurida.¹¹⁶² Como toda a população brasileira, Meireles estava diante de uma circunstância inédita e violenta, o suicídio da autoridade máxima da República. A sensação de perplexidade e de impotência, não seria incomum entre os que, por meio de jornais, emissoras de rádio e de TV, e/ou presencialmente, acompanharam os acontecimentos.¹¹⁶³ Em dezembro reiterou como partilhava das angústias de tudo o que fosse humano, recordando um antigo poeta romano: “Andei adoentada com todos esses deploráveis acontecimentos dos últimos meses. Eu ainda sou humana. E Terêncio descobriu que, aos que são assim, tudo quanto é humano atinge e afeta...”¹¹⁶⁴

Imersa no agitado ambiente político da Capital, ela participou de uma época, que se habituou ao signo da guerra mundial, dos confrontos ideológicos entre comunismo, fascismo e liberalismo. Esse *Zeitgeist*, ou espírito do tempo, do que já foi chamado de “A Era da Catástrofe”¹¹⁶⁵ ajuda a compreender, ao menos, em parte, a coincidência do relato de Cecília sobre sua náusea psicofísica com a interpelação da náusea metafórico-emocional, do poema *A flor a náusea* (1945), de Carlos Drummond de Andrade – “Preso

¹¹⁶¹ MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues. Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1954. In: _____ *A lição do poema...* p. 137.

¹¹⁶² LA CAPRA, Dominick. *Writing history, writing trauma*. Baltimore, Maryland, USA: Johns Hopkins University Press, 2014.

¹¹⁶³ Sobre a comoção popular e a intensidade da participação do povo no cortejo fúnebre de Vargas, subvertendo os protocolos de pompa e circunstância, ver: MARCELINO, Douglas Attila. *O corpo da Nova República: funerais presidenciais, representação história e imaginário político*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015, p. 247-257.

¹¹⁶⁴ MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues. Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1954. In: _____ *A lição do poema...* p. 218.

¹¹⁶⁵ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2ª ed. Tradução Marcos Santarrita. Revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 27.

à minha classe e a algumas roupas,/vou de branco pela rua cinzenta./Melancolias, mercadorias espreitam-me./Devo seguir até o enjojo?/Posso, sem armas, revoltar-me?”¹¹⁶⁶ (2012, p. 13) - e do romance filosófico, *A Náusea* (1938), de Jean-Paul Sartre - “vou ao acaso, vazio e calmo, sob este céu inutilizado.”¹¹⁶⁷

A angústia de Meireles evoca também *O mal-estar da civilização* (1930), de Freud. Em chave interpretativa distinta daquela do existencialismo francês, mas igualmente confrontado com um estado em que os seres humanos haviam dominado os recursos natureza, a ponto de conseguirem se exterminar até o último representante da espécie, o psicanalista terminou seu texto de modo emblemático. Estimou que fossem empreendidos esforços para que o eterno Eros se afirmasse na luta contra o desassossego, a infelicidade, o medo, derivados do, igualmente, perene, Tânatos. E deixou em aberto a interrogação: “Mas quem pode prever o sucesso e o desenlace?”¹¹⁶⁸

Derivada da raiz etimológica grega, *krinein* (“decidir”), *krisis* (“crise”) remete a uma dupla acepção, representada pelas imagens de *kronos*, ou o contínuo temporal, no qual as ações humanas se desenrolam, e *kairós*, o instante singular do agir, o momento oportuno para a efetivação de escolhas entre distintas possibilidades.¹¹⁶⁹ Se a ideologia do progresso, com sua crença na inexorabilidade de um tempo linear, aglutinadora de uma humanidade genérica, havia predominado nos séculos XVIII e XIX, a ideia de crise, enquanto iminência decisória e eminência de rupturas, tomou maior vulto no XX.¹¹⁷⁰ Em vista dessa diferença assimétrica, não admira o fato de que parte da imprensa tenha promovido debates acerca dos significados de crise, com adjetivos contíguos, que o termo

¹¹⁶⁶ ANDRADE, Carlos Drummond. “A flor e a náusea”. In: _____ *A rosa do povo*. [1945]. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 13-14.

¹¹⁶⁷ SARTRE, Jean-Paul. *A Náusea*. Tradução António Coimbra Martins. Lisboa, Portugal: Publicações Europa-América, 2010, p. 91.

¹¹⁶⁸ FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*... p. 122.

¹¹⁶⁹ Acerca da etimologia de “crise”, “crítica” e “critério”, ver: SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 17-22. (Virando Séculos; 7). A dialética entre *kronos* e *kairós* foi estudada por: RAMALHO, Walderez. “A urgência do tempo histórico.” In: RANGEL, Marcelo de Mello & LEITE, Augusto Bruno de Carvalho Dias. (Orgs.) *História e filosofia: problemas ético-políticos*. Vitória, ES: Editora Mil Fontes, 2020, p. 138-157. RAMALHO, Walderez Simões Costa. *Outros tempos, outras histórias: Kairós, manifesto, crise*. 178 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. Mariana MG, 2021.

¹¹⁷⁰ Nas palavras de Koselleck: “O século da crítica e do progresso moral não conheceu a ‘crise’ como um conceito central.” KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise*...p. 137. Sobre a ideologia do progresso, ver também: BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história.” In: _____ *Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8ª ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2002, p. 241-252.

comporta: espiritual, civilizatória, cultural, econômica, política, social.¹¹⁷¹ O fenômeno do suicídio, igualmente, tornou-se alvo de inquérito.

Foi possível identificar três momentos em que a ideia de crise espiritual – político-cultural, ética, civilizatória – ou o mal-estar da contemporaneidade ocuparam o discurso intelectual, por meio da realização de enquetes. Este tipo de publicação já vinha se tornando mais conhecido, pelo menos, desde o final do século XIX, com o trabalho do jornalista francês, Jules Huret, organizador da *Enquête sur l'évolution littéraire em France*, para *L'écho de Paris*, em 1891.¹¹⁷² João do Rio, inspirado em Huret, passou a lançar mão desta formatação, em 1905, para iniciar sua própria enquete literária, endereçando, a famosos escritores, questões sobre leituras de formação, momento atual da literatura brasileira, literaturas regionais e relação entre literatura e imprensa.¹¹⁷³ Algum tempo depois, em 1924, outro inquérito tornar-se-ia célebre, prestando-se a ser uma espécie de radiografia da República, com seus problemas de ordem política, econômica, social e cultural. Trata-se de “À margem da história da República”, organizado por Vicente Licínio Cardoso.¹¹⁷⁴

Diferentemente dessas enquetes, que priorizavam, respectivamente, aspectos literários e da vida íntima de escritores ou matérias mais amplas, ligadas ao levantamento de planos de país, os inquéritos, indicados no quando abaixo, não se transformaram em livros e manifestaram interesse em explorar a intuição, mais ou menos, compartilhada, de crise.

¹¹⁷¹ Cf. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, jun./jul. 1932. *Jornal de Notícias*. São Paulo, dez. 1949/mar. 1950. Disponíveis em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em jul. 2019.

¹¹⁷² Cf. AZEVEDO, Silvia Maria & LUCA, Tânia de. “Do jornal ao livro: o inquérito literário de 1909.” In: RIO, João do. *O momento literário*. [1909]. Organização de Silvia Maria Azevedo e Tania de Luca. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2019, p. 1-34.

¹¹⁷³ Cf. RIO, João do. *O momento literário*...

¹¹⁷⁴ CARDOSO, Vicente Licínio. (Org.). *À Margem da História da República*. [1924]. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981. 2 v.

Quadro 3 – Veículos de imprensa, organizadores e questões propostas por inquéritos sobre crise de sentido no mundo moderno

Diário de Notícias (RJ) – jun./jul. 1932	Diretrizes (RJ) – mar. 1942	Jornal de Notícias (SP) – dez. 1949/mar. 1950
Organizadores		
Renato Almeida (1895-1981)	Álvaro Moreyra (1888-1964), Alceu Marinho Rego (1912-1955), Francisco de Assis Barbosa (1914-1991) e Joel Silveira (1918-2007).*	Paulo Mendes Campos (1922-1991)
Perguntas		
Haverá uma crise de espírito no mundo moderno?	Vale à pena viver?	Há uma crise do espírito no mundo moderno?
Quais seus efeitos no Brasil?	-	Como a crise do espírito se caracteriza no Brasil?
-	-	Como você vê a relação entre as diversas formas da crise atual?
-	-	A quem responsabilizar por essa crise? Quais nomes, livros e ideias são responsáveis por essa crise?
-	-	Que nomes, livros e ideias abrem novos caminhos?

(Fontes: *Diário de Notícias*; *Diretrizes*; *Jornal de Notícias*. Disponíveis em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em jul. 2019.

* Não foi informado o nome específico do responsável pela matéria. No expediente da edição constaram os referidos nomes como redatores.

Observação: Daqui adiante, todas as citações desses depoimentos originam-se das mesmas fontes aqui indicadas. Citações de fontes diversas seguem referenciadas no corpo do texto.)

Os três órgãos de imprensa surgiram em circunstâncias de convulsão política. O *Diário de Notícias*, dirigido por Figueiredo Pimentel, O.R. Dantas e Nóbrega da Cunha, chegou em 12 de junho de 1930, “num momento que bem se poderia chamar de convalescença da alma nacional”¹¹⁷⁵, “sacudida pela campanha presidencial mais atentatória de quantas já se feriram, no cenário político do Brasil”.¹¹⁷⁶ Por seu turno, *Diretrizes* foi lançada em abril de 1938, cinco meses após o golpe do Estado Novo. Dirigida por Azevedo Amaral e secretariada por Samuel Wainer, a publicação, mensal e

¹¹⁷⁵ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 12 de junho de 1930, p. 2. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em jul. 2019.

¹¹⁷⁶ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 12 de junho de 1930, p. 2. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em jul. 2019.

de semblante acadêmico, passou à periodicidade semanal, em 1941, com um formato mais popular e uma posição, explicitamente, antifascista.¹¹⁷⁷ Já o *Jornal de Notícias*, sediado em São Paulo, sob o comando de Fernando Marrey, foi inaugurado em 12 de abril de 1946. Em seu primeiro edital, referiu-se ao assombro da destruição que a guerra, recém-terminada, causara, tornando a de 1914-1918, “um leve zumbido de abelhas”.¹¹⁷⁸ Sem mencionar o vocábulo *crise*, descreveu a sensação de angústia, salientando que “não é fácil aos contemporâneos discernir o espírito de nosso tempo”¹¹⁷⁹, uma vez que presumia estar em choque “na mesma fração do Tempo duas épocas profundamente contraditórias em si mesmas”.¹¹⁸⁰

Muito embora os levantamentos tenham sido efetivados após a primeira aparição dessas publicações, o clima de apreensão e de instabilidade perdurava. Os três inquéritos, de certa forma, repercutiam inquietudes, alimentadas, em 1932, pela tragédia da Guerra de 1914, pelo *crash* de 29 e pelas desilusões com o Governo Provisório; em 1942, pela Segunda Guerra Mundial e pela ditadura varguista; em 1949/1950, pela Era Atômico-Nuclear e pela democracia incipiente. Filha de seu tempo, Cecília presenciou e discutiu este estado de coisas.

Os trabalhos em questão foram organizados por jornalistas de destaque no cenário intelectual, como Álvaro Moreyra, Alceu Marinho Rego, Francisco de Assis Barbosa e Joel Silveira, Paulo Mendes Campos e Renato Almeida. Com este último, aliás, nos anos 1940 e 1950, Cecília trabalharia lado a lado na promoção dos estudos e da comissão nacional de folclore.¹¹⁸¹ As perguntas trazidas à tona, assim, expressavam preocupações de importante parcela da intelectualidade, tomando como público-alvo prioritário, provavelmente, uma camada média letrada.

¹¹⁷⁷ Antifascista e favorável à democracia, a publicação teve muitos problemas com a polícia e com o Departamento de Imprensa e Propaganda Cf. LEAL, Carlos Eduardo. “Diretrizes.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbetes temático. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/diretrizes> Acesso em 18 mai. 2020.

¹¹⁷⁸ JORNAL DE NOTÍCIAS. São Paulo. Sexta-feira, 12 de abril de 1946, p. 2. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em jul. 2019.

¹¹⁷⁹ JORNAL DE NOTÍCIAS. São Paulo. Sexta-feira, 12 de abril de 1946, p. 2. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em jul. 2019.

¹¹⁸⁰ JORNAL DE NOTÍCIAS. São Paulo. Sexta-feira, 12 de abril de 1946, p. 2. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em jul. 2019.

¹¹⁸¹ Cf. COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE DO I.B.E.C.C. (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura). Comissão brasileira da Organização educacional, científica e cultural das Nações Unidas (UNESCO). III Semana Nacional de Folclore, de 22 a 29 de agosto de 1950, Porto Alegre. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1953. Ver também: VIEIRA, Ana Paula Leite. *Cecília Meireles e a educação da infância pelo folclore...*

Ao se acender debates com distintos pontos de vista, em sintonia entre si ou em franca e mútua oposição, pautando indagações sobre crise e os sentidos da existência, as entrevistas reagiam a determinadas demandas. Paralelamente, atuavam para cativar leitores a se aterem aos problemas expostos.

Em que pese a relevância da temática para determinado estrato da sociedade, não se deve subestimar a capacidade de as pessoas levarem sua vida, sem, necessariamente, se defrontarem com a perda de sentido.¹¹⁸² Simultaneamente, ao menos no campo intelectual, a consciência de se viver em uma época disruptiva, em um “intervalo de tempo totalmente determinado por coisas que não são mais e por coisas que não são ainda”¹¹⁸³, pode ter sido mais comum do que se imagina. Ao que parece, não raros intelectuais se viram impelidos a habitar um mundo, no qual a realização escolhas, livre de quaisquer garantias, mostrava-se urgente para a superação do estado crítico atravessado.¹¹⁸⁴ O quadro, abaixo, identifica quem integrou as discussões propostas.

Quadro 4 – Perfil dos depoentes de inquéritos sobre crise de sentido no mundo moderno

Diário de Notícias (RJ) – jun./jul. 1932		Diretrizes (RJ) – mar. 1942		Jornal de Notícias (SP) – dez. 1949/mar. 1950	
Depoentes/Período de vida/Apresentação*					
Gilberto Amado (1887-1969)	“Professor da faculdade de Direito na Universidade do Rio de Janeiro, escritor, ex-deputado e ex-senador federal”	Cecília Meireles (1901-1964)	“Escritora e poetisa. Do Ministério da Educação”	Cecília Meireles (1901-1964)	Poetisa, educadora e jornalista
Alceu Amoroso Lima (1893-1983)	“Homem de pensamento e de ação”	Genolino Amado (1902-1989)	“Ensaísta e jornalista de grande público”	Alceu Amoroso Lima (1893-1983)	“Um escritor participante”
Afrânio Peixoto	“Professor das Faculdades de	José Pancetti	“Grande pintor moderno.	Otávio de Faria	“Romancista”

¹¹⁸² BERGER, Peter L. & LUCKANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. [1995]. Tradução de Edgar Orth. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 53.

¹¹⁸³ ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. [1954]. Tradução de Mauro W. Barbosa. 7. ed., 1. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 35-36. (Debates; 64).

¹¹⁸⁴ KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. [1959]. Tradução de Luciana Villas-Boas Castelo-Branco. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999, p. 111.

(1876-1947)	Medicina e de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, membro da Academia Brasileira de Letras, romancista e escritor, ex-deputado federal”	(1902-1958)	Prêmio “Viagem ao Estrangeiro” no Salão de 1941”	(1908-1980)	
Miguel Osório de Almeida (1890-1952)	“Professor e cientista, do Instituto Oswaldo Cruz, escritor”	Ribas Carneiro (1894-1962)	“Juiz da 1ª vara da Fazenda Pública. Professor da Faculdade de Direito de Niterói”	Oswald de Andrade (1890-1954)	Poeta, ensaísta, dramaturgo
Mário de Andrade (1893-1945)	“Escritor e poeta. Professor do Conservatório de Música de São Paulo”	Ernesto Feder (1881-1964)	“Grande jornalista internacional, atualmente no Brasil”	Ciro dos Anjos (1906-1994)	“Romancista”
-	-	Beatriz Costa (1907-1996)	“Atriz portuguesa, radicada no Brasil, onde goza de grande popularidade”	Murilo Mendes (1901-1975)	“Poeta”
-	-	Jean Mazon (1915-1990)	“Antigo fotógrafo do ‘Vu’ e vários outros jornais franceses, atualmente no Brasil”	Santiago Dantas (1911-1964)	“Professor, pensador e mestre de Direito”
-	-	Manoel de Abreu (1891-1962)	“Grande poeta e figura de relevo na medicina tradicional”	Mário Pedrosa (1900-1981)	“Um de nossos intelectuais de mais ampla e profunda experiência política”
-	-	Jorge de Lima (1893-1953)	“Poeta, romancista e médico”	Pedro Dantas (1904-1977)	“Escritor”

-	-	Augusto Frederico Schmidt (1906-1965)	“Um dos maiores poetas modernos do Brasil”	Augusto Frederico Schmidt (1906-1965)	“Poeta”
Número total de depoimentos			25		
Número total de depoentes			22		

Fontes: *Diário de Notícias*; *Diretrizes*; *Jornal de Notícias*. Disponíveis em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em jul. 2019.

*As apresentações dos depoentes, que estão entre aspas, são transcrições do original.

Antes de tudo, nota-se um evidente desequilíbrio de gênero entre os partícipes. Na primeira e menor pesquisa, de 1932, nenhuma mulher obteve espaço, apesar de Cecília, por exemplo, trabalhar na empresa.¹¹⁸⁵ No levantamento de 1942, constaram Cecília e a atriz portuguesa Beatriz Costa. No de 1949-50, somente Meireles. Ao todo, foram vinte homens escutados e apenas duas mulheres. Essa desproporção não se deu ao acaso e constitui sintoma de uma sociedade patriarcal, baseada na exacerbação do orgulho masculino, que não reconhecia na mulher o exemplar prioritário do pensamento e do debate público. Apesar disso, a luta do feminismo e de mulheres¹¹⁸⁶, como Meireles e Beatriz, foi, aos poucos, abrindo sítios de atuação e de reconhecimento. Esse esforço, individual e coletivo, carregado pelo talento, ajuda a entender a presença, ainda que exígua, dessas mulheres nos inquéritos.

Três indivíduos responderam a mais de um: Alceu Amoroso Lima, em 1932 e 1949/50; José Lins do Rego e Cecília Meireles, ambos, em 1942 e 1949/50. Tais reincidências indicam que esses intelectuais, a partir de seus círculos de sociabilidade, eram lembrados como sujeitos capazes de dar uma contribuição relevante à pauta. No caso de Meireles, havia um considerável histórico de campanha em favor da paz, contra a barbárie, pela educação pública, pela literatura e pela humanização do ser humano. Suas centenas de crônicas e seus poemas reverberavam esse humanismo.¹¹⁸⁷ Tal perfil permite compreender melhor sua dupla participação em questionários desse tipo.

¹¹⁸⁵ Meireles foi diretora na Página de Educação do *Diário de Notícias*, de junho de 1930 a janeiro de 1933. Cf. LAMEGO, Valéria. *A farpa da lira...*

¹¹⁸⁶ Cf. DUARTE, Constância. “Feminismo: uma história a ser contada”. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). *Pensamento feminista: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 25-48.

¹¹⁸⁷ SILVA, Denilson de Cássio. “Pacifismo, educação e dimensões políticas na América Latina: Cecília Meireles em diálogo com Alfonso Reyes (Rio de Janeiro, década de 1930).” In: *Em tempo de histórias*. PPGHIS UnB. Brasília, n° 32, p. 103-124, jan-jul. 2018.

Quanto à apresentação dos depoentes, verifica-se que a imprensa utilizava o prestígio dos intelectuais para legitimar e vender sua matéria, e os intelectuais, em troca, aumentavam sua presença nas discussões de interesse coletivo, tornando a si e suas ideias, mais conhecidos. Foram ressaltados o saber, a experiência e a notoriedade das testemunhas, com treze menções a atividades letradas e/ou literárias – escritor, poeta, romancista, ensaísta, conjugadas, ou não, com outras ocupações. Ressalte-se que, na última enquete, foram dispensadas referências prévias a Cecília e a Oswald de Andrade, talvez, pela popularidade dos mesmos. Sabendo-se que o trabalho de maior vulto, de ambos, pertencia à arte literária, a prática da escrita ganha ainda maior projeção, denotando a influência dessa atividade na construção da imagem dos colaboradores. Professor, jornalista, cientista, ex-deputado federal, homem de pensamento e ação, juiz, atriz, pintor, fotógrafo, dramaturgo, são outros substantivos que, não raro adjetivados, completam esse mapa de ilustres.

Um último ponto a assinalar nesse panorama, diz respeito à faixa etária. Dezesete dos vinte e dois intelectuais nasceram de 1890 a 1910. Não participaram da campanha abolicionista nem presenciaram o ocaso do Império. Cresceram em uma República oligárquica, excludente, sustentada por eleições fraudulentas, com uma população, majoritariamente, analfabeta e uma legislação trabalhista pífia. Com as repercussões da Grande Guerra, muitos deles adquiriram cicatrizes para a vida inteira.¹¹⁸⁸

5.2. Crise de espírito, questão de vida ou morte

A despeito de Cecília, como visto, não haver respondido ao primeiro inquérito, este diz muito sobre o clima intelectual, no qual ela atuou, e parece ter servido, mesmo que indiretamente, como inspiração para os demais levantamentos. Em especial, chama a atenção a retomada da questão central de Renato Almeida, em 1932, por Paulo Mendes Campos, adentrando 1950. Esta primeira enquete suscitou também, explicitamente, o problema-chave daquela de 1942. Por isso, e por lançar luzes sobre as vicissitudes em andamento, cabe um breve sobrevoo por esses testemunhos.

Dos cinco depoentes, Gilberto Amado foi um dos mais taxativos em sua resposta: “O mundo atual é todo ele uma crise. Não só do espírito, mas de tudo. [...]”¹¹⁸⁹ Segundo

¹¹⁸⁸ Ver tópico 5.4., abaixo.

¹¹⁸⁹ AMADO, Gilberto. “Inquérito”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 10 de julho de 1932, p. 1.

Amado, a ideia de crise abrangia as esferas filosófica, moral, religiosa, política e de espírito. Miguel Osório de Almeida convergiu com Amado e acrescentou uma observação importante, ao problematizar a relação entre a subjetividade da percepção e o mundo objetivo: “Que a crise exista realmente, ou que nós tenhamos apenas o sentimento de sua existência, o resultado é praticamente o mesmo. Ora, é inegável que esse sentimento se manifesta bastante claro e extenso.”¹¹⁹⁰ Afrânio Peixoto – o mesmo que, em 1915, substituíra Hans Heilborn na direção da Escola Normal¹¹⁹¹ - centrou, por sua vez, atenção no componente literário. Este, no seu sentir, à Benda¹¹⁹², estaria rendido a valores imediatos, de cunho político-social, em dano da literatura desinteressada, a qual estimava.¹¹⁹³ O pressentimento de declínio, latente no relato de Peixoto, alargou-se com Alceu Amoroso Lima.

Para este, a civilização moderna trazia consigo uma “decadência relativa dos valores imateriais”¹¹⁹⁴, ao promover, historicamente, a ruptura entre o plano natural e o sobrenatural. Antítese política de Cecília, Alceu repudiou os valores do humanismo renascentista, que, segundo ele, “levaram o homem a considerar-se cada vez mais o centro do universo.”¹¹⁹⁵ Em suas palavras, “o *humanismo*, embora se conservasse ainda cristão, já revelava sintomas que, à luz dos acontecimentos posteriores, eram precursores da apostasia espiritual e intelectual do mundo atual”.¹¹⁹⁶ Criticou ainda o livre-pensamento e o legado franco-revolucionário, em contraste com a enfática defesa dos princípios da Revolução Francesa, feita por Meireles, por ocasião do 14 de julho.¹¹⁹⁷

Não muito distante, talvez, da perspectiva de Cecília, Mário de Andrade relatou a “castigante contradição”¹¹⁹⁸ de “um ser que raciocina”¹¹⁹⁹ e que precisa “viver de meios

¹¹⁹⁰ ALMEIDA, Miguel Osório de. “Inquérito”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 19 de junho de 1932, p. 1.

¹¹⁹¹ Ver capítulo 2.

¹¹⁹² Cf. BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. [1927]. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2007.

¹¹⁹³ PEIXOTO, Afrânio. “Inquérito”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 26 de junho de 1932, p. 1.

¹¹⁹⁴ LIMA, Alceu Amoroso. “Inquérito”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 14 de junho de 1932, p. 1.

¹¹⁹⁵ LIMA, Alceu Amoroso. “Inquérito”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 14 de junho de 1932, p. 1.

¹¹⁹⁶ Itálico original.

¹¹⁹⁷ Ver capítulo 4.

¹¹⁹⁸ ANDRADE, Mário de. “Inquérito”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 3 de julho de 1932, p. 1.

¹¹⁹⁹ ANDRADE, Mário de. “Inquérito”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 3 de julho de 1932, p. 1.

materiais na materialíssima Terra.”¹²⁰⁰ Portanto, para Mário, “o espírito humano sempre esteve em crise e estará sempre em crise até o fim do que tiver fim. [...]”¹²⁰¹ No final de sua fala, sublinhou o que julgou ser o problema capital da crise contemporânea, a saber: os sentidos do viver, do homem diante da existência. Mário referiu-se ao caso de um jovem intelectual, muito promissor, que “não conseguia em si, nem menos os livros conseguiam lhe dar uma convicção.”¹²⁰² Sequer o comunismo, que abraçara com fervor, fora capaz de equalizar a busca do moço por “um perfil que o definisse como ser moral e social.”¹²⁰³ E eis que, por “um pretextinho à toa”¹²⁰⁴ – não descrito – o personagem adquirira “uma desesperada convicção, a mais inútil”¹²⁰⁵ e meteu “uma bala na cabeça.”¹²⁰⁶ Diante disso, Andrade afirmou ter tomado consciência da insignificância de suas lides literárias, não havendo justificção moral nem social para os “brinquedos da arte”¹²⁰⁷, que não poderiam, nenhum, “evitar a morte do homem.”¹²⁰⁸

Em consonância com a questão frisada por Mário, Albert Camus, em 1942, assinou *O mito de Sísifo*, dissertando sobre a natureza absurda da existência humana, sequiosa por sentido, por unidade e por clareza, em um mundo sem sentido, sem unidade e sem clareza. Camus abriu o ensaio com a afirmação: “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia”.¹²⁰⁹ Nesse mesmo ano, isto é, uma década após a reflexão marioandradina sobre a autodestruição, o segundo inquérito na berlinda tratou, exatamente, desta questão.

¹²⁰⁰ ANDRADE, Mário de. “Inquérito”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 3 de julho de 1932, p. 1.

¹²⁰¹ ANDRADE, Mário de. “Inquérito”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 3 de julho de 1932, p. 1.

¹²⁰² ANDRADE, Mário de. “Inquérito”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 3 de julho de 1932, p. 4.

¹²⁰³ ANDRADE, Mário de. “Inquérito”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 3 de julho de 1932, p. 4.

¹²⁰⁴ ANDRADE, Mário de. “Inquérito”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 3 de julho de 1932, p. 4.

¹²⁰⁵ ANDRADE, Mário de. “Inquérito”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 3 de julho de 1932, p. 4.

¹²⁰⁶ ANDRADE, Mário de. “Inquérito”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 3 de julho de 1932, p. 4.

¹²⁰⁷ ANDRADE, Mário de. “Inquérito”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 3 de julho de 1932, p. 4.

¹²⁰⁸ ANDRADE, Mário de. “Inquérito”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 3 de julho de 1932, p. 4.

¹²⁰⁹ CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. [1942]. 15ª ed. Rio de Janeiro: Edições Best Bolso, 2020, p. 19.

5.3. Vale à pena viver?

A interrogação emergiu em um mundo, que assistia, estupefato, ao poder de aniquilamento do Terceiro Reich. O continente americano havia se tornado porto de refugiados da guerra, em especial, para os de origem judaica. O intelectual mais célebre, aqui exilado, foi Stefan Zweig.¹²¹⁰ Após peregrinar por Inglaterra e Estados Unidos, com breves passagens por Argentina e Brasil, o escritor austríaco para cá retornou, em agosto de 1941, sendo saudado com euforia pela intelectualidade e por representantes do Estado Novo.¹²¹¹ A exemplo de Gabriela Mistral - poetisa e diplomata chilena, amiga de Cecília Meireles¹²¹² - Zweig fixou-se em Petrópolis, acompanhado de sua esposa, Charlotte Elizabeth Altmann, vulgo Lotte. Em 22 de fevereiro de 1942, o casal cometeu suicídio, com uso de barbitúricos. Tinham, respectivamente, 61 e 33 anos. As últimas frases de sua breve carta de despedida, assinalam o sofrimento por que passava: “Saúdo a todos os meus amigos. Que lhes seja dado ver a aurora desta longa noite. Eu, demasiadamente impaciente, vou-me antes”.¹²¹³

A notícia do suicídio sacudiu os meios intelectuais. A enquete surge do atordoamento, em face dessas mortes inesperadas e dramáticas. Dentre os depoentes, incluíam-se dois expatriados, o fotógrafo francês Jean Mazon, e o jornalista e ativista alemão, Ernst Feder, um dos mais próximos interlocutores de Zweig em Petrópolis.¹²¹⁴ Saliente-se que, na matéria, o primeiro nome de Feder foi abasileirado para “Ernesto”¹²¹⁵ e sua origem germano-berlinense, devidamente, omitida. Mazon fez uma pungente

¹²¹⁰ Para um estudo sobre exilados de fala alemã no Brasil dos anos 1930-1940, ver: KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Exílio e literatura: escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. Tradução de Karola Zimmer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. (Ensaio de Cultura; 22).

¹²¹¹ DINES, Alberto. *Morte no Paraíso: a tragédia de Stephan Zweig*. 4ª ed. ampl. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

¹²¹² Parte da correspondência entre Cecília e Gabriela está disponível na Biblioteca Nacional Digital do Chile, em <http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl> Acesso em 20 fev. 2019. Para análises sobre as afinidades e especificidades poéticas e educacionais entre as duas intelectuais, ver: MISTRAL, Gabriela. *Gabriela Mistral e Cecília Meireles: poemas*. Ensaio de Cecília Meireles e Adriana Valdés. Poemas traduzidos por Ruth Sylvia de Miranda Salles e Patricia Tejada. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Santiago de Chile: Academia Chilena de Lengua, 2003. SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. SILVA, Jacicarla Souza da. *Vozes femininas da poesia latino-americana: Cecília e as poetisas uruguaias* [online]. São Paulo: Editora Unesp, 2009. FERREIRA, Rosângela Veiga J. *Entre leitores, bibliotecas, campos e jardins: Gabriela Mistral e Cecília Meireles em projetos de educação popular, México (1920) e Brasil (1930)*. 328 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.

¹²¹³ ZWEIG, Stefan. “Declaração. Petrópolis, 12/02/1942”. Apud: DINES, Alberto. *Morte no Paraíso...* p. 412.

¹²¹⁴ Cf. KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Exílio e literatura...* p. 90-94.

¹²¹⁵ FEDER, Ernesto. “Depoimento”. In: *Diretrizes*. “Inquirito: vale a pena viver?” Rio de Janeiro, p. 4 e 5, 12 de março de 1942. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 27 dez. 2018.

análise das angústias que assombravam a alma de Zweig - “O homem atingido pela guerra sente o peso de um fardo do qual ele não pode se desembaraçar”¹²¹⁶ - e Feder pôs-se contra o ódio e a crueldade, que assolavam a humanidade, enaltecendo a tradição pacifista da diplomacia brasileira.

A exemplo das ponderações de Mário de Andrade e de Albert Camus, a de Genolino Amado, em tom mais afirmativo, acentuou que viver é a questão fundamental e que o “resto é de uma importância muito secundária, quando chega a ter importância.”¹²¹⁷ Manoel de Abreu justapôs motivos para não viver e para viver. Jorge de Lima apontou sua aflição com “o destino dos que, ao meu lado, sofrem mais do que eu.”¹²¹⁸ Frederico Schmidt comparou a disposição do filósofo Henri Bergson em se expor como judeu e permanecer em Paris, quando da invasão nazista, com a dor insuportável e a desesperança de Zweig. A tônica de, praticamente, todos os relatos, pode ser resumida no dizer de José Pancetti, segundo o qual, vale à pena viver, pois “só vivendo poderemos assistir ao fim daqueles que pretendem escravizar o mundo, tornando impossível o viver.”¹²¹⁹ A única fala que não realçou o tormento pautado foi a de Beatriz Costa. Limitou-se a assinalar seu amor pela vida e seu desejo de viver “calmamente, ‘cultivando o meu jardim’”.¹²²⁰ Constituindo, ou não, uma forma de evasão, a alegria de Costa soa também como uma resistência ao horror.

Com esperança semelhante à de Beatriz, contudo, atenta ao assombro do ato de Zweig e do cenário bélico, Cecília Meireles ponderou que a questão colocada, sequer, talvez, admitisse opinião. Ante o desconsolo e os mistérios da vida, inapreensíveis pela razão instrumental, tantas vezes, asfixiadora do sentido místico-poético da existência, caberia a determinação em seguir vivendo. Decerto, Meireles recordou o trauma da morte de seu primeiro marido, com quem teve suas três filhas nos anos 1920. O artista plástico português, Fernando Correia Dias, por longo tempo, vítima de aguda depressão, enforcou-se em casa, em novembro de 1935, aos 42 anos.¹²²¹ Este fato, inclusive, talvez,

¹²¹⁶ MAZON, Jean. “Depoimento”. In: *Diretrizes*. “Inquérito: vale a pena viver?” Rio de Janeiro, p. 4 e 5, 12 de março de 1942. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 27 dez. 2018.

¹²¹⁷ AMADO, Genolino. “Depoimento”. In: *Diretrizes*. “Inquérito: vale a pena viver?” Rio de Janeiro, p. 4 e 5, 12 de março de 1942. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 27 dez. 2018.

¹²¹⁸ LIMA, Jorge de. “Depoimento”. In: *Diretrizes*. “Inquérito: vale a pena viver?” Rio de Janeiro, p. 4 e 5, 12 de março de 1942. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 27 dez. 2018.

¹²¹⁹ PANCETTI, José. “Depoimento”. In: *Diretrizes*. “Inquérito: vale a pena viver?” Rio de Janeiro, p. 4 e 5, 12 de março de 1942. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 27 dez. 2018.

¹²²⁰ COSTA, Beatriz. “Depoimento”. In: *Diretrizes*. “Inquérito: vale a pena viver?” Rio de Janeiro, p. 4 e 5, 12 de março de 1942. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 27 dez. 2018.

¹²²¹ Cf. MEIRELES, Maria Matilde. “Minha mãe, Cecília Meireles.” Reportagem de Jorge de Aquino. Foto de Gilda Estellita. In: *Revista Manchete*. Rio de Janeiro. Ano 30, nº 1553, p. 48-51, 23 de janeiro de 1982.

também tenha concorrido para que Meireles se tornasse alvo da pesquisa. Portando essa bagagem trágica em seu percurso, Cecília argumentou pela necessidade e pela coragem de se decidir viver:

Creio que a vida ‘deve’ ser vivida, mesmo quando pareça que não vale à pena. Ela é um dom que nos foi concedido sem sabermos porquê. Nossas noções e julgamentos são todos transitórios e mais ou menos individuais; e a vida, universal e eterna.¹²²²

A rejeição ao suicídio, segundo a depoente, à Camus, passaria pelo acolhimento do insondável e pela consciência do absurdo, pelo exercício da inteligência e pela admissão do irracional, pela prática da liberdade e pela inquietude ante uma realidade plural e incoerente. Contra todas as probabilidades, à revelia dos juízos dos deuses ou da fortuna, quando não restasse nada além do que a inutilidade de qualquer esforço, em uma existência sem esperança, seria preciso “imaginar Sísifo feliz”¹²²³, assumindo seu destino, fazendo da rocha - dia e noite, empurrada até o cume da montanha para rolar de volta à base, longo em seguida – sua morada.

O perguntar-se sobre o porquê da vida retornou com maior intensidade e amplitude em 1945. Cerca de duas semanas após as explosões de Hiroshima e de Nagasaki, Meireles ressentiu-se de, “nesses últimos dias”¹²²⁴, o mundo ter envelhecido “de uma decrepitude rápida”.¹²²⁵ Havia-se compreendido “a razão destas fadigas, destas *melancolias*, deste *mal-estar* dos mais sensíveis”.¹²²⁶ Chegava-se, finalmente, à constatação de que “assim como está, não é mais suportável o mundo”.¹²²⁷ Não se tratava, prossegue Meireles, de algum caso pessoal nem de desordem social, mas, sim, da “*falta de sentido da existência humana*”.¹²²⁸ O que se impunha, naquele instante, era “o problema total, cujos fundamentos as filosofias e religiões têm explorado e entretido com

¹²²² MEIRELES, Cecília. “Depoimento”. In: *Diretrizes*. “Inquérito: vale a pena viver?” Rio de Janeiro, p. 4 e 5, 12 de março de 1942. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 27 dez. 2018.

¹²²³ CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*... p. 124.

¹²²⁴ MEIRELES, Cecília. “Ainda sobre a bomba atômica”. [*Folha Carioca*, RJ, 25 de agosto de 1945]. In: _____. *Obra em prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 190-191.

¹²²⁵ MEIRELES, Cecília. “Ainda sobre a bomba atômica”. [*Folha Carioca*, RJ, 25 de agosto de 1945]. In: _____. *Obra em prosa*... p. 190.

¹²²⁶ MEIRELES, Cecília. “Ainda sobre a bomba atômica”. [*Folha Carioca*, RJ, 25 de agosto de 1945]. In: _____. *Obra em prosa*... p. 190. Itálico nosso.

¹²²⁷ MEIRELES, Cecília. “Ainda sobre a bomba atômica”. [*Folha Carioca*, RJ, 25 de agosto de 1945]. In: _____. *Obra em prosa*... p. 190.

¹²²⁸ MEIRELES, Cecília. “Ainda sobre a bomba atômica”. [*Folha Carioca*, RJ, 25 de agosto de 1945]. In: _____. *Obra em prosa*... p. 190. Itálico nosso,

uma certa piedade pelo desespero dos mais fracos, e cautela contra as agressões dos violentos”.¹²²⁹ Gastar-se-ia

muito cérebro ainda para elucidar o sentido da condição humana. Será preciso muito cérebro, muito tempo, e algumas universidades. Universidades! Ah, como está velho o mundo visto daqui! – Como está velho! Triste, caduco e indigente...¹²³⁰

Esta experiência e esta sensação de desorientação, de crise de sentido, que vinham se avultando e desafiando o ideal humanista de Cecília, ainda não teriam sido dissipadas em 1950.

5.4. Em busca de um equilíbrio

O instante era de se fazer um balanço da primeira metade do século. O terceiro e mais completo inquérito, ora abordado, retoma a preocupação de um grupo de intelectuais em diagnosticar sintomas do mal-estar e prospectar soluções. Pedro Dantas foi o único a negar a existência de uma crise do espírito: “Se uma teoria desmente outra, por mais perplexos que fiquemos, o espírito não entra em crise. O debate, o conflito, fazem parte da própria natureza do espírito humano.”¹²³¹ Segundo o depoente, o que, geralmente, se chamava de crise do espírito, dizia respeito a problemas socialmente relevantes, à adoção de posições contraditórias, permeadas por interesses passionais, na busca por respostas para as adversidades. A real questão do espírito, para Dantas, seria uma só, o conhecimento, do qual viriam soluções possíveis, não crise. Essa avaliação, aparentemente, otimista, tentava contrapesar um ponto de vista mais sombrio sobre a condição humana. Autodefinindo-se como liberal, por admitir “a coexistência de todas as ideias possíveis”¹²³², e partidário da democracia, por nela enxergar “o único regime que permite essa coexistência, possibilitando a modificação das ideias dominantes, com um mínimo de descontentamento”¹²³³, Dantas afirmou que o problema essencial, antes de

¹²²⁹ MEIRELES, Cecília. “Ainda sobre a bomba atômica”. [*Folha Carioca*, RJ, 25 de agosto de 1945]. In: _____. *Obra em prosa...* p. 190.

¹²³⁰ MEIRELES, Cecília. “Ainda sobre a bomba atômica”. [*Folha Carioca*, RJ, 25 de agosto de 1945]. In: _____. *Obra em prosa...* p. 191.

¹²³¹ DANTAS, Pedro. “Inquérito.” In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 15 de janeiro de 1950, p. 1.

¹²³² DANTAS, Santiago. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 12 de fevereiro de 1950, p. 2.

¹²³³ DANTAS, Santiago. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 12 de fevereiro de 1950, p. 2.

tudo, se situava na “perversidade do homem: o homem, sendo mau, não pode haver bom governo.”¹²³⁴

É de se cogitar que esse diagnóstico - de índole hobbesiana, mas cético, inclusive, em relação à capacidade do Estado em gerir a coletividade – fosse compreendido, pelos demais depoentes, como sintoma da própria noção de crise, qualquer que fosse seu aspecto. Cecília Meireles comungou com os demais a impressão de como a passagem do tempo trazia a manifestação de transformações, que preconizavam o novo, sem que se soubesse as variáveis do passado a integrar o futuro, visto como imponderável. Afirmou já não conseguir complementar o substantivo com “de espírito”¹²³⁵: “Sei que há uma crise. Sei que não se sabe com quem contar, o que esperar, por onde tentar um equilíbrio.”¹²³⁶ Nessa direção, confluíu com a explanação de Murilo Mendes, segundo o qual

a palavra crise comporta várias acepções. Entretanto, como se tornou de *uso corrente no sentido de mal-estar, desajustamento e angústia social*, observaremos o seguinte: existe, a nosso ver, uma convergência de crises de diversas ordens, crises essas provenientes de alterações profundas, surgidas no transcurso das idades, crises que revelam a falta de harmonia existente desde os primeiros dias de sua criação, entre o interior e o exterior do homem. [...] ¹²³⁷

Em tom, igualmente, explicativo, Ciro dos Anjos acertou o núcleo etimológico-semântico do termo crise, que “tem em suas raízes o sentido primitivo de ‘decisão’”. Suponho que a marca de nosso tempo seja, precisamente, a perplexidade em que se acham os povos diante de uma escolha que se lhes impõe como decisiva.”¹²³⁸ Assinalando a premência da questão, Santiago Dantas testemunhou: “Nenhum tema tem absorvido tanto a inteligência contemporânea como o diagnóstico da crise de que sofre o nosso tempo.”¹²³⁹ Esta situação, segundo Santiago, alimentava-se de uma era atravessada pela concentração da “consciência no estudo do contemporâneo”¹²⁴⁰, pela “intepretação do

¹²³⁴ DANTAS, Santiago. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 12 de fevereiro de 1950, p. 1.

¹²³⁵ MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 5 de março de 1950, p. 1.

¹²³⁶ MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 5 de março de 1950, p. 1.

¹²³⁷ MENDES, Murilo. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 29 de janeiro de 1950, p. 1. *Itálico* nosso.

¹²³⁸ ANJOS, Ciro dos. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 22 de janeiro de 1950, p. 1.

¹²³⁹ DANTAS, Santiago. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 12 de fevereiro de 1950, p. 1.

¹²⁴⁰ DANTAS, Santiago. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 12 de fevereiro de 1950, p. 1.

momento histórico que passa”¹²⁴¹, pela percepção ampliada do processo de desnaturalização de princípios e instituições, pelas oscilações e vacilações de visões e de divisões de mundo, concorrentes. Oswald de Andrade aludiu à “morte de um certo espírito, de uma certa cultura”¹²⁴², em vias de substituição por uma “cultura da liberdade”¹²⁴³, assinalada pela suspensão do passado de servidão e pela instabilidade das experimentações do presente.

Cecília partiu de um manancial político próprio, munida de um léxico carregado de valores cívico-republicanos: “Sei que há uma corrupção de caráter, e um egoísmo cada vez mais feroz. Sei que há um desejo de triunfar, de qualquer maneira, à custa de quem for. Ambição de prestígio, de dinheiro. Ambição de mando ou comando.”¹²⁴⁴ Há três anos, em carta a Côrtes-Rodrigues, comentara sobre o descuido com a *coisa pública*, o desacato das leis por quem as decreta, a recusa da responsabilidade, o atrofiamento da isonomia, práticas, por definição, antirrepublicanas:

O ambiente geral aqui é ameaçador. Política incerta, desconcertante. Uma cupidez ilimitada. As autoridades fazem as leis e as autoridades desrespeitam as leis. Ameaças de medidas drásticas. Todas as crises, mas sobretudo a de caráter. Panorama tão sombrio que o melhor que se pode desejar é botar os livros às costas e ir cantar noutra freguesia. (Mas que freguesia?)¹²⁴⁵

Tais atitudes sinalizavam, segundo Meireles, a crise política, ética, civilizatória, que se sentia cruzar. A avidez por fama, dominação e numerário, o materialismo apressado e opressor, haveria de destoar de uma real República democrática.

Em 1940, escrevera, de Nova Iorque, um cartão-postal para suas filhas, em que criticava o excesso de peles e de joias de transeuntes da famosa 5ª Avenida: “[...] além de dinheiro, creio que não pensam em mais nada – e é o pensamento que dá beleza, e é o dinheiro que corrompe tudo.”¹²⁴⁶ A corrupção não seria mero atributo individual, de particulares e/ou de agentes públicos – como prega certa vertente liberal¹²⁴⁷ - mas, sim,

¹²⁴¹ DANTAS, Santiago. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 12 de fevereiro de 1950, p. 1.

¹²⁴² ANDRADE, Oswald. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 8 de janeiro de 1950, p. 1.

¹²⁴³ ANDRADE, Oswald. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 8 de janeiro de 1950, p. 1 e 2.

¹²⁴⁴ MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 5 de março de 1950, p. 1.

¹²⁴⁵ MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues. Rio de Janeiro, 26 de março de 1947. In: _____ *A lição do poema...* p. 102.

¹²⁴⁶ MEIRELES, Cecília. *Três Marias de Cecília...* p. 107.

¹²⁴⁷ Cf. BIGNOTTO, Newton. “Republicanism”. In: AVRITZER, Leonardo et. al. (Orgs.) *Corrupção: ensaios e críticas*. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 87-93.

fenômeno atinente à perda de referenciais ético-políticos, fundados no interesse pelo bem comum, na beleza que repõe o compromisso com a vida na cidade, com a prevalência do cuidado mútuo sobre o egocentrismo. O fenecimento dessa orientação cívico-republicana, tão valorizada por Cecília, implicaria a supressão da liberdade política, como sugeriu Maquiavel, e a destruição da vontade soberana, tal como assinalado por Rousseau.¹²⁴⁸

No mesmo instante em que respondia às perguntas de Paulo Mendes Campos, Cecília maturava seu *Romanceiro da Inconfidência*, no qual exaltava as ideias de liberdade, de igualdade e de fraternidade, na contramão do autoritarismo e da covardia, identificados com a sede de riqueza e de poder. Não porventura, o vocábulo “ouro” aparece mais de cem vezes na obra, quase sempre, em acepção negativa, ao encarnar, plasticamente, valores antirrepublicanos, como a ganância cega, a deslealdade, o aprisionamento do pensamento e do corpo pelo desejo de se locupletar em detrimento da comunidade e do trabalho alheio: “Que a sede de ouro é sem cura, / e, por ela subjugados, / os homens matam-se e morrem, / ficam mortos, mas não fartos.”¹²⁴⁹ Mais: “De seu calmo esconderijo, / O ouro vem, dócil e ingênuo; / torna-se pó, folha, barra, / prestígio, poder, engenho.../ É tão claro! - e turva tudo: / honra, amor e pensamento.”¹²⁵⁰ Ou, de modo ainda mais veemente, contrastando haveres e liberdade:

Vão cavalos, vêm cavalos,
por cima da Mantiqueira.
Donas espreitando as ruas,
pelas grades de urupema.
Padres escrevendo cartas,
doutores lendo Gazetas...
Uns querendo ouro e diamantes,
*outros, liberdade, apenas...*¹²⁵¹

Alberto da Costa e Silva considerou que, nos enredos dos romances em versos, desde a Idade Média, é comum a presença do demônio. No *Romanceiro da Inconfidência*, prossegue, acertadamente, o historiador e diplomata brasileiro, o ouro faz a vez do maligno, entrelaçando versos, sussurrando nos ouvidos dos personagens, determinando-lhes, muitas vezes, a ação. Cabe acrescer a esta observação que a antítese política do ouro, para Cecília, eram os ideais e as práticas humanistas, cívico-republicanas.

¹²⁴⁸ Cf. MAQUIAVEL, Nicolau. *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*. [1517]. Tradução Ed. Martins Fontes. Revisão técnica de Patrícia Fontoura Aranovich. São Paulo: Martins Fontes, 2007. ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do contrato social*. [1757]. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Os pensadores).

¹²⁴⁹ MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. [1953]... p. 26.

¹²⁵⁰ MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. [1953]... p. 27.

¹²⁵¹ MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. [1953]... p. 111.

Mais do que os outros depoentes, ela se mostrou indignada, após décadas de luta por um projeto de país, respaldado pela empatia, pela equidade social, pelo livre-pensar, pela responsabilidade com a gente futura: “Já estou cansada de dizer que o problema da educação foi esquecido. Pergunto quem vai se ocupar das gerações que chegam.”¹²⁵² A seu ver, pela coação de um individualismo extremado, estavam postos em questão o zelo para com o mundo comum, a compreensão dos laços de interdependência, o próprio respeito a si e aos outros: “Não falo já de temor a Deus, mas de respeitar-se a si próprio e respeitar os homens.”¹²⁵³ Disse sofrer imensa tristeza com tal estado de coisas e, com o cuidado característico de sua conduta ético-política, fazia-se, socraticamente, indagadora de suas próprias intelecções e possíveis limitações: “Nem que eu soubesse onde está o remédio poderia socorrer porque o mal é de muitos, e eu sou uma só. Correndo ainda o risco de ser eu a que esteja errada...”¹²⁵⁴

Ecoando, de certa maneira, a avaliação marioandradina na enquete de 1932 – “o espírito humano sempre esteve em crise”¹²⁵⁵ - sustentou que “sempre houve crises”.¹²⁵⁶ Para ambos, o tempo cronológico corria, irrefreável, mas tingido por angústias, por instabilidade, por litígios, a conjugar matéria e espírito, cárcere e liberdade, altruísmo (amor à humanidade) e misantropia (ódio pela humanidade). Contudo, diferentemente de Mário e de todos os demais depoentes, de qualquer dos três inquéritos abarcados, Meireles enfatizou a literatura como uma espécie de termômetro dos rumos das sociedades e do Estado.

A arte, em geral, e o fenômeno literário, em particular, não constituiriam atividades simplesmente gratuitas, um mero cultivo de entretenimento, senão antes um modo de desenvolvimento da beleza e da inteligência, de conhecimento de si e de outros, de humanização, logo, de transformação da realidade: “É só ler os poetas, e de século em século se escutará a sua queixa, a que raramente os estadistas dão importância”¹²⁵⁷, sendo

¹²⁵² MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 5 de março de 1950, p. 1.

¹²⁵³ MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 5 de março de 1950, p. 1.

¹²⁵⁴ MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 5 de março de 1950, p. 1.

¹²⁵⁵ ANDRADE, Mário de. “Inquérito”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 3 de julho de 1932, p. 1.

¹²⁵⁶ MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 5 de março de 1950, p. 1.

¹²⁵⁷ MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 5 de março de 1950, p. 1.

fato também que “os estadistas dão quase sempre pouca importância a tudo, e que muitos poetas se queixam justamente do que não vale à pena...”.¹²⁵⁸

Não existiria, de acordo com Meireles, uma regra fixa para o pensar e para avaliar os desacertos, e sim um esforço crítico de observação e de tateamento de respostas, de contínuos autoexame e formulação da compreensão. Sem pretender controlar a verdade, mas ofertando sua contribuição para, ao menos, acautelar-se do engano, reiterou:

É uma coisa tão clara que se os estadistas quisessem ter um ‘gráfico humano’ da situação a que conduzem os povos bastava lerem os poetas, andarem pelas exposições de pintura, irem aos concertos... Mas a maioria das pessoas julga que a arte é assim como quem joga ‘golf’, uma distração ou um exercício para emagrecer o cérebro...¹²⁵⁹

Os que desmereciam a arte e a educação, drenavam, além do mais, a relevância e os significados de instituições e de palavras, de preceitos e de atitudes. Em tom de crítica, a reivindicar coerência entre discurso e prática, ou uma republicanização da República, inquiriu: “Onde estão as Universidades? Onde está o confronto de opiniões? Onde está a tão vastamente louvada e apregoadada Democracia?”¹²⁶⁰ Favorável à prática do debate, avessa ao facciosismo e a preconceitos, Meireles indagou através de qual ótica ético-política poder-se-ia “indicar o valor de cada pessoa, sem primeiro perguntar se ela é da nossa confraria, nossa parente, nossa parceira de pif-paf”.¹²⁶¹ Pareceu achar-se em um ermo ao interrogar: “Onde está o desejo de acertar, de ser sincero, de ser dignamente humano?”¹²⁶²

5.5. Da encruzilhada

Pouco antes, Cecília manifestara a Isabel do Prado seu descontentamento com o processo de adulteração e de esvaecimento de vocábulos, caros à sua concepção humanístico-republicana, bem como sua intuição sobre o soçobrar de parâmetros ético-políticos, fundadores da coexistência: “Eu creio, como você, que a humanidade já está

¹²⁵⁸ MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 5 de março de 1950, p. 1.

¹²⁵⁹ MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 5 de março de 1950, p. 1.

¹²⁶⁰ MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 5 de março de 1950, p. 1.

¹²⁶¹ MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 5 de março de 1950, p. 1.

¹²⁶² MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*. São Paulo. Domingo, 5 de março de 1950, p. 1.

louca. As pessoas não enlouquecem mais: já nascem assim. [...].”¹²⁶³ Não seria de somenos importância o estabelecimento de intercâmbios culturais, enquanto ações eficazes para uma organização política ideal: “Se as embaixadas mandassem adidos culturais que promovessem um trabalho de cooperação intelectual entre os povos...”¹²⁶⁴ Contudo, ocorreria uma banalização de palavras, manipuladas a esmo, simplesmente, por parecerem de bom tom. No entender de Cecília, assistia-se a um torpor do propósito em dar concretude, pelo agir, ao ideário cívico-republicano: “Tudo se perde em palavras, em boas intenções – falta uma fé, uma coragem, uma determinação de realizar. Todas as palavras abstratas estão desmoralizadas.”¹²⁶⁵

A esta mesma carta, de 10 de maio de 1948, Cecília anexou duas cópias de um texto recente, espécie de pequeno conto, em forma de parábola, intitulado *Alguém na encruzilhada*: uma, datilografada, em português, outra, impressa, em espanhol, retirada da revista *Escritura*, de Montevideu, Uruguai.¹²⁶⁶ Escrito em primeira pessoa, o artigo apresentava a autora como aquele alguém em meio a uma encruzilhada, concebida como uma situação-problema, espaço de perplexidades e de decisões, ponto crítico em que se delineavam caminhos a seguir, o tipo de sociedade, de cidadãos e de Estado, que se haveria de configurar. Deste *lócus*, de onde era possível identificar, experimentar e extrair uma consciência de crise, Meireles pôs-se a observar a multidão apressada, indo a lugar nenhum. Seguiam, quase todos, pelo mesmo declive, tristes ou alegres, descrentes ou vaidosos, uns sedentos de originalidade, outros de dominar seus semelhantes, “sem nenhum propósito verídico, além da própria dominação.”¹²⁶⁷

Nessa marcha ensandecida, tão pavorosas quanto as guerras, com seus uniformes e armas, eram “as palavras bifrontes, as mãos cheias de ódio e de mentira, e a paixão de cada criatura por si mesma”¹²⁶⁸, a se imaginar superior às demais, por seus sonhos de

¹²⁶³ MEIRELES, Cecília. Carta a Isabel do Prado. Rio de Janeiro, 10 de maio de 1948. *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

¹²⁶⁴ MEIRELES, Cecília. Carta a Isabel do Prado. Rio de Janeiro, 10 de maio de 1948. *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

¹²⁶⁵ MEIRELES, Cecília. Carta a Isabel do Prado. Rio de Janeiro, 10 de maio de 1948. *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo Isabel do Prado.

¹²⁶⁶ Cf. MEIRELES, Cecília. “Alguém na encruzilhada.” MEIRELES, Cecília. “Alguien en la encrucijada”. In: *Escritura*. Nº 3. Marzo de 1948, p. 8-12, Montevideo, Uruguay. Disponíveis em *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

¹²⁶⁷ MEIRELES, Cecília. “Alguém na encruzilhada.”, p. 1. Disponível em *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

¹²⁶⁸ MEIRELES, Cecília. “Alguém na encruzilhada.”, p. 1. Disponível em *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

posse e de poder. Governados pelo espírito chamado “Turbilhão”¹²⁶⁹, todos queriam ter riquezas, jamais, porém, se satisfazendo, “embora as arrancassem, como vi, sem nenhum escrúpulo, dos lugares mais inesperados.”¹²⁷⁰ Deslumbrados por Glória, Beleza e Verdade, a serem apropriadas a qualquer custo, os indivíduos criavam máscaras momentâneas e ensinavam falsos conceitos, compondo cenas espantosas: “Vi o rico roubar o pobre, o filho espancar o pai, a mãe matar o filho, o sacerdote enganar a Deus.”¹²⁷¹ A justiça social, o cuidado mútuo e o livre-pensamento encontravam-se sob o fogo de seus antípodas e a felicidade, tão almejada, dissolvia-se.

Além de *ver*, a personagem/autora *escutou* o som de palavras, sacadas ao acaso, debilitadas em sua potência transformadora. Deste trecho, Cecília extraíra a ideia, citada na carta a Isabel, acerca da desmoralização de discursos bem-intencionados:

Ouvi mil conceitos sobre coisas eternas como a Vida, o Amor, a Liberdade. Mas eram como senhas de passagem. Diziam e andavam. Ninguém dava grande importância ao que ia dizendo. E quanto mais os ouvia, mais me certificava de que não sabiam mais nada – já não digo de ideias – mas de palavras.¹²⁷²

A paridade entre vocábulos e seus efetivos significados perdia-se em ecos distantes, desprovidos de seus efeitos de reflexão e de renovação. Os passantes “repetiam as últimas vibrações de um som que ouviam de muito longe, sem relação nenhuma com o que, sob sua suposta inspiração, iam fazendo.”¹²⁷³

No contrafluxo, havia, conforme a autora, “criaturas diferentes, que tentavam fazer parar os passantes, com proposições que achavam preciso decifrar.”¹²⁷⁴ Para isto haviam adentrado na horda. Em raros instantes de silêncio e de superação da fadiga, apresentavam suas ideias, sendo, porém, logo atacados pela fúria da multidão, para quem os problemas seriam outros e “não queriam ser atravessados por nenhuma pergunta, e se sentiam ameaçados de morte, se consentissem em alguma reflexão.”¹²⁷⁵

¹²⁶⁹ MEIRELES, Cecília. “Alguém na encruzilhada.”, p. 2. Disponível em *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo Isabel do Prado.

¹²⁷⁰ MEIRELES, Cecília. “Alguém na encruzilhada.”, p. 2. Disponível em *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

¹²⁷¹ MEIRELES, Cecília. “Alguém na encruzilhada.”, p. 2. Disponível em *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo Isabel do Prado.

¹²⁷² MEIRELES, Cecília. “Alguém na encruzilhada.”, p. 2. Disponível em *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

¹²⁷³ MEIRELES, Cecília. “Alguém na encruzilhada.”, p. 2. Disponível em *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

¹²⁷⁴ MEIRELES, Cecília. “Alguém na encruzilhada.”, p. 2. Disponível em *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

¹²⁷⁵ MEIRELES, Cecília. “Alguém na encruzilhada.”, p. 2. Disponível em *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

Em face desse mundo quase distópico, Cecília admitiu ser “bem triste ver, de uma encruzilhada, a multidão que passa em torrente, quando se sabe de que forças está construída sua caudalosa queda.”¹²⁷⁶ No entanto estava determinada a dar seguimento à luta por seus ideais, arcando com possíveis ônus e bônus da contracorrente: “Ouço o clamor, e não desanimo, apesar de saber como está cheio de pragas.”¹²⁷⁷ O conto, de certo modo, um desabafo, deu azo à reafirmação das convicções humanísticas, do comprometimento político com um espírito cívico-republicano, com a solidariedade, a igualdade, a liberdade, a empatia, a vida em comum, apesar do pandemônio: “Há certas devoções incompreensíveis. E há quem não morra tranquilo se não sofreu por alguém.”¹²⁷⁸ Meireles acalentou a esperança de que fosse possível alterar o curso da história. Ao ser humano ainda caberia algum ensejo de autonomia: “Como os rios têm seus remansos, já pensei que mais adiante a multidão se espriará fatigada de suas estranhas loucuras, que os inocentes recuperarão sua energia e sua lucidez.”¹²⁷⁹ Nesta hora, “nós todos, os das encruzilhadas, romperíamos a densa torrente exausta, e aumentaríamos com eles a esperança de caminhar de um outro modo, para algum lugar, por alguma razão.”¹²⁸⁰

No final do texto, indicou possíveis formas de resistir à eliminação do pensar e da autonomia, modos de proceder, que já vinha adotando em sua própria jornada:

Quem parou nas encruzilhadas, sem ser por motivo pusilânime, acredita que a primeira coisa é parar; a segunda, refletir; a terceira, andar. Mas sabe também que esforço tremendo é deter-se, quando tudo gira em redor numa vertigem turva; que sobre-humano poder exige o dom de pensar isento de insinuações e de ameaças; e que grande provação é a de andar pelos próprios pés, sem ser para agredir nem dominar: mas para conquistar e ensinar liberdade.¹²⁸¹

O texto de Cecília promove uma releitura de parte da história Hércules, herói da mitologia grega. Em dado momento da narrativa de sua *Memorabilia*, Xenofonte (430-354 a.C.), seguidor de Sócrates, relata que o sofista Pródico, da ilha de Ceos, ao dissertar

¹²⁷⁶ MEIRELES, Cecília. “Alguém na encruzilhada.”, p. 3. Disponível em *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo Isabel do Prado.

¹²⁷⁷ MEIRELES, Cecília. “Alguém na encruzilhada.”, p. 3. Disponível em *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

¹²⁷⁸ MEIRELES, Cecília. “Alguém na encruzilhada.”, p. 3. Disponível em *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

¹²⁷⁹ MEIRELES, Cecília. “Alguém na encruzilhada.”, p. 3. Disponível em *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

¹²⁸⁰ MEIRELES, Cecília. “Alguém na encruzilhada.”, p. 3. Disponível em *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

¹²⁸¹ MEIRELES, Cecília. “Alguém na encruzilhada.”, p. 3. Disponível em *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

sobre a virtude, evocava a passagem em que o jovem Hércules precisou escolher entre dois caminhos distintos. Cada um deles representado por uma figura feminina, que encarnava, respectivamente, o Volúpia e a Virtude.¹²⁸² A primeira identificava-se com a vaidade sem limites, personagem autocentrada, exibicionista, atenta “até para sua própria sombra”¹²⁸³, defensora de um percurso mais agradável e fácil, repleto de prazeres e “livre de dificuldades”.¹²⁸⁴ Uma vez marchando por este rumo, o herói não mais precisaria se preocupar com problemas coletivos, a exemplo da paz e da guerra, mas apenas com leves assuntos triviais, como escolher os melhores alimentos, bebidas e companhias para satisfações pessoais, “sem nenhum esforço”.¹²⁸⁵ Esta Mulher, que se autodenominava Felicidade - por outros, porém, chamada de Maldade – tranquilizava Hércules quanto ao receio ante um inesperado advento da pobreza. A abastança seria obtida sem nenhum tipo de sofrimento próprio, nenhuma exigência individual “de trabalho árduo de corpo e alma”¹²⁸⁶, pois “outros hão-de fazer o trabalho de que tu terás o proveito e não te privarás de nada que te possas trazer benefícios.”¹²⁸⁷ Assegurava ainda, ao semideus, que, “àqueles que convivem comigo, eu dou a capacidade de obterem lucros em qualquer situação.”¹²⁸⁸

Outra jovem, porém, surgiu, propondo que Hércules tomasse a direção indicada por ela, a fim de que ele pudesse se tornar “um excelente artífice de obras belas e dignas.”¹²⁸⁹ Contestando os dizeres de sua concorrente, a Virtude asseverou que sem dor e sem cuidado, sem responsabilidade e sem trabalho, não existiriam coisas boas e belas. O compromisso com a comunidade, a realização de serviços úteis ao bem comum, por meio dos quais obter-se-iam fama e reconhecimento, deveriam orientar as ações do semideus:

[...] se queres ser estimado pelos teus amigos, terás de oferecer os teus préstimos a esses amigos; se desejas ser honrado por alguma cidade, terás de ser útil a essa cidade; se esperas que a Hélade inteira reconheça o teu valor, terás de esforçar pelo bem da Hélade; [...].¹²⁹⁰

¹²⁸² Esta parábola encontra-se também em Cícero e se tornou um mote importante para pensadores do Renascimento italiano. Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Dos deveres*. Tradução de Angélica Chiapeta. Revisão da tradução de Gilson Cesar Cardoso Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 58-59. BIGNOTTO, Newton. *Origens do republicanismo moderno...*

¹²⁸³ XENOFONTE. *Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas de Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, p. 123. (Autores Gregos e Latinos).

¹²⁸⁴ XENOFONTE. *Memoráveis...* p. 124.

¹²⁸⁵ XENOFONTE. *Memoráveis...* p. 124.

¹²⁸⁶ XENOFONTE. *Memoráveis...* p. 124.

¹²⁸⁷ XENOFONTE. *Memoráveis...* p. 124.

¹²⁸⁸ XENOFONTE. *Memoráveis...* p. 124.

¹²⁸⁹ XENOFONTE. *Memoráveis...* p. 124.

¹²⁹⁰ XENOFONTE. *Memoráveis...* p. 124-125.

Nota-se que os valores éticos-políticos, escudados por aquela primeira abordagem a Hércules são similares aos da multidão, descrita por Cecília. As atrações do Vício com suas miragens de prazer e de poder fáceis, egocentrados e avessos ao exercício do pensamento crítico, estabeleciam correlações com as características do mundo, salientadas por Meireles. De modo similar, os princípios da Virtude, lembrada por Xenofonte, coincidiam com os ideais defendidos pela autora de *Alguém na encruzilhada*. Em ambos os textos são flagrados, como qualidades positivas, o empenho em tarefas condizentes com o interesse geral, a recusa em abdicar da capacidade reflexiva, a persistência em construir alternativas para a melhoria da vida, individual e coletiva, um *modus vivendi* torneado pelo cuidado, pela coragem e pelo trabalho árduo, fiador da conquista de reconhecimento público.

Há de se ressaltar, no entanto, que, diferentemente do que um primeiro olhar sobre o escrito de Meireles possa insinuar, a perspectiva da autora não aponta para nenhum tipo de exclusividade, ou restrição do acesso ao desenvolvimento de virtudes. Estas não seriam atributos adstritos a heróis e semideuses, nem a um corpo de especialistas nem a nenhuma elite com acesso especial às qualidades ideais para uma boa vida, uma boa sociedade, um bom governo. Por ser um predicado aberto a todos que se decidirem por ele, a esperança em uma guinada no movimento da história permanecia palpitante. Desta perspectiva, Hércules não estava só, pois compartilhava o preceito da responsabilidade para com a Cidade, o trabalho, a equidade, a lucidez, com todos os que se dispusessem a habitar as encruzilhadas e romper com as alucinações e as coações de um caminho destruidor da liberdade, da convivência, da solidariedade, da justiça.

Nesse sentido, Cecília também se aproxima da tese de Étienne de la Boétie (1530-1563), segundo a qual são os próprios povos que “se deixam, ou, ainda, se fazem maltratar, pois ao pararem de servir estariam livres”.¹²⁹¹ A liberdade, bem maior, sem o qual quaisquer proveitos restariam irrelevantes, dependeria, antes de mais nada, do desejo em acessá-la. O problema, diz La Boétie, emerge da indiferença e até da busca pelo infortúnio, levada a cabo por pessoas e sociedades, acomodadas à servidão, ou, conforme Cecília, ao ciclone da pressa, da ganância, da egolatria, em suma, do Vício, de tudo o que se opõe à Virtude.

No âmago de *Alguém na encruzilhada* podem ainda ser inferidos traços da tese de Immanuel Kant (1724-1804), para quem o Iluminismo seria a saída do indivíduo de

¹²⁹¹ LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso sobre a servidão voluntária*. [1576]. Tradução Evelyn Tesche. Introdução e notas Paul Bonnefon. São Paulo: Edipro, 2017, p. 39.

sua menoridade, vale dizer, de sua “incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem”¹²⁹², de, conforme Meireles, andar com os próprios pés, conquistando e ensinando liberdade. Para Kant, como para Cecília, pensar por si, alcançar a maioria, exige coragem e uma tomada de decisão, recusando o conformismo e a covardia, mediante o uso público da razão. No texto de Cecília, a multidão chateia-se com o esforço do pensamento, desprestigia e/ou hostiliza os que se atrevem à reflexão; no de Kant, ouve-se “exclamar de todos os lados: *não raciocines!* Diz o oficial: não raciocines, mas faz exercícios! Diz o funcionário de Finanças: não raciocines, paga! E o clérigo: não raciocines, acredita!”¹²⁹³

Por essa linha de interpretação, em 1951, quando avançava a passos largos rumo à finalização do *Romanceiro da Inconfidência*, Meireles revelou a Côrtes-Rodrigues o receio de que ninguém entendesse o livro. Temia que os leitores, assaltados pela azáfama e pelas pressões de dado modo de vida e de organização social e política, não pudessem sentir a obra nem compreender a inquietude da qual nasceram os versos. Reavendo e sustentando, basicamente, a mesma percepção, manifesta no artigo sobre as encruzilhadas e na carta a Isabel do Prado, Cecília se indagava sobre quem, dentre tantas pessoas, haveria de se interessar pela história de um grupo de sujeitos, que arriscaram suas vidas por um ideal republicano de liberdade.

Todas estas coisas jazem de tal modo esquecidas! – Às vezes, na rua, olho a multidão e pergunto-me: “Quantas, destas pessoas, teriam interesse por aquelas ações?” (Já não falo “pelos meus versos”, mas pelo assunto em si...) E ocorre-me que... nenhuma. Quem quer lá saber de Justiça, Honra, Pátria, Humanidade... não há mais substantivos abstratos...¹²⁹⁴

Ao analisar esse mesmo trecho da correspondência, a pesquisadora Margarida Maia Gouveia, com um enfoque poético-filosófico, salientou que, para Cecília, “a tragédia não é apenas uma arte, é a própria realidade.”¹²⁹⁵ Tomada em sua dimensão política, essa percepção do trágico ligou-se, de certa forma, às apreciações de Meireles em torno do mal-estar da modernidade, no qual poderiam se esboroar palavras valiosas,

¹²⁹² KANT, Immanuel. “Resposta à pergunta: Que é o Iluminismo?” [1784]. In: _____ *A paz perpétua e outros opúsculos*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2013, p. 9.

¹²⁹³ KANT, Immanuel. “Resposta à pergunta: Que é o Iluminismo?” [1784]. In: _____ *A paz perpétua e outros opúsculos*... p. 11. Itálico original.

¹²⁹⁴ MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1951. In: _____ *A lição do poema*... p. 201.

¹²⁹⁵ GOUVEIA, Margarida Maia. “Cecília Meireles, um auto-retrato: a correspondência com Côrtes-Rodrigues”. In: OLIVEIRA, Gisele & LOPES, Delvanir (Orgs.). *Cecília Meireles em diálogos dissonantes*... p. 156-157.

requeredoras de atenção e de atos de destemor. Sob essa ótica, o atravessamento de uma situação indefinida, em que os eixos norteadores das sociedades estivessem digladiando-se, à deriva, sinalizaria para uma necessária reavaliação do poder da reflexão, do pensamento, das palavras. Se, como visto, no *Romanceiro*, o ouro representa, tantas vezes, a desgraça, as letras e as ideias bem podem identificar a virtude, as elaborações pelas quais os agentes e os povos se emancipam, se movem e promovem o conhecimento de si e dos outros. Pelas palavras poder-se-ia exercer escolhas, capazes de transformar a realidade, enfrentando a crise com a arma da crítica, recriando sentidos para o caos da existência:

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Todo o sentido da vida
principia à vossa porta;
o mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois a audácia,
calúnia, fúria, derrota...

A liberdade das almas,
ai! com letras se elabora...
E dos venenos humanos
sois a mais fina retorta:
frágil, frágil como o vidro
e mais que o aço poderosa!
Reis, impérios, povos, tempos,
pelo vosso impulso rodam...¹²⁹⁶

5.6. Reflexão e vida ativa

De volta ao inquérito, a depoente deu vazão à mesma linha pensamento, presente em suas cartas, em seu artigo, em seus romances em versos, ressentindo-se de que

há muitas doutrinas, muitos juramentos, muitos códigos, e nem precisava haver tantos, porque desde o princípio do mundo todos mais ou menos se equivalem. Mas, à hora de cumpri-los, é que não se encontra ninguém.¹²⁹⁷

Ao retomar os sintomas, já tangenciados no início de sua fala, concernentes à corrosão ou à suspensão de parâmetros ético-políticos, minimamente, razoáveis para uma vida em comum, relatou enxergar como “todos querem o fácil, o vantajoso, o imediato.

¹²⁹⁶ MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*... p. 150.

¹²⁹⁷ MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*, São Paulo. Domingo, 5 de março de 1950, segundo caderno, p. 1.

Há uma grande peste de ladroagem em tudo. As pessoas avançam umas contra as outras, que nem é preciso que as luzes se apaguem para que desapareçam os açucareiros.”¹²⁹⁸

Pelo que se depreende das intelecções de Meireles, a solução política para o estado de crise passaria pela reinvenção de princípios e de práticas de raízes humanistas, cívico-republicanas. Ao ser indagada sobre livros, nomes e ideias, responsáveis pela conjunção crítica, atravessada, Cecília pesou a complexidade da questão: “Não me parece que se possa apontar tão nitidamente as coisas. Ou as pessoas. Tudo é complicado demais.”¹²⁹⁹

Por sua vez, Alceu Amoroso Lima, embora houvesse reavaliado seus arroubos político-religiosos de anos atrás, adotando uma entonação mais equilibrada, tornou a bater nos mesmos pontos de seu relato de 1932 – o comunismo e o naturalismo – com uma novidade: o existencialismo sartreano. Seriam essas, segundo Alceu, as doutrinas responsáveis pela crise do século, carreadoras do ateísmo desumanizador e do materialismo totalitário.¹³⁰⁰ Já Oswald de Andrade, não obstante, como Amoroso Lima, tenha evocado a responsabilidade da intelectualidade pela crise, o fez em sentido inverso. Citando Lênin, Oswald destacou a missão revolucionária dos intelectuais, em meio a trabalhadores braçais, que, dada a deficiência de instrução, não poderiam articular a vanguarda da revolução. A crise adviria, em parte, da falha da intelectualidade em cumprir tal propósito.¹³⁰¹ Questionando tanto uma, quanto outra posição, Murilo Mendes afirmou viver em “uma civilização de contrastes, uma grande civilização bárbara”¹³⁰², em que, de um lado, “os cristãos de modo geral subestimam a parte positiva das doutrinas econômicas socialista e comunista”¹³⁰³; de outro, “os socialistas e comunistas acreditam-se e proclamam-se herdeiros do cristianismo decretando a sua morte e superação.”¹³⁰⁴ Para Murilo, ambas as atitudes eram “pueris”¹³⁰⁵ e escapavam à razoabilidade. Uma

¹²⁹⁸ MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*, São Paulo. Domingo, 5 de março de 1950, p. 1.

¹²⁹⁹ MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*, São Paulo. Domingo, 5 de março de 1950, p. 1.

¹³⁰⁰ LIMA, Alceu Amoroso. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*, São Paulo. Domingo, 25 de dezembro de 1949, p. 2.

¹³⁰¹ ANDRADE, Oswald. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*, São Paulo. Domingo, 08 de janeiro de 1950, p. 2.

¹³⁰² MENDES, Murilo. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*, São Paulo. Domingo, 29 de janeiro de 1950, p. 2.

¹³⁰³ MENDES, Murilo. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*, São Paulo. Domingo, 29 de janeiro de 1950, p. 2.

¹³⁰⁴ MENDES, Murilo. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*, São Paulo. Domingo, 29 de janeiro de 1950, p. 2.

¹³⁰⁵ MENDES, Murilo. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*, São Paulo. Domingo, 29 de janeiro de 1950, p. 2.

correta batalha intelectual deveria, de seu ponto de vista, mais do que cravar incompatibilidades, aproveitar o que tais vertentes - cristianismo e comunismo - pudessem oferecer à solução dos problemas do mundo, dialogando entre si e complementando-se, reciprocamente.

Cecília, em sua resposta, não se ateu a este dualismo, tão alastrado durante os anos de Guerra Fria. Entretanto, posicionou-se de maneira firme. Apesar de, como afirmou, ser problemático querer definir nomes e coisas responsáveis pela crise, sob o risco de se cometer alguma injustiça, urgia explicitar: “Qualquer pessoa que, sendo responsável por um problema de interesse geral, procura resolvê-lo em termos pessoais, devia ser entregue aos abutres.”¹³⁰⁶ Castigo este que, talvez, fosse “alto demais, desde que Prometeu foi devorado por um. Escolha-se, pois, suplício mais de acordo.”¹³⁰⁷

A depoente seguiu um comportamento análogo ao ser indagada sobre quais livros ou autores poderiam abrir novas perspectivas para se ultrapassar aquele estado de coisas. Se Otávio de Faria, para quem o Ocidente precisava reencontrar-se com Cristo, indicou obras de Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima) e de Plínio Salgado¹³⁰⁸; se Augusto Frederico Schmidt pinçou escritos de Gustav Flaubert, Jacobsen e Franz Kafka, Stendhal e Marcel Proust, Cervantes e Machado de Assis;¹³⁰⁹ se Ciro dos Anjos, como Schmidt, recordou Machado de Assis e Stendhal, e também Anatole France, Bergson, Gide e Valéry;¹³¹⁰ se Murilo Mendes citou, dentre outros, a Bíblia, Platão, Kierkegaard, Victor Hugo, Antero de Quental, Baudelaire, Camões, Stendhal e Santo Agostinho;¹³¹¹ Meireles foi além e avaliou que o real problema se concentrava no desenvolvimento da capacidade reflexiva das pessoas e na deliberação de mudar mentalidades e atitudes. Uma vez mais, de certo modo, sublinhou a necessidade de se colocar em marcha, no movimento da vida e da história, ensinamentos e ideais, há muito, e abundantemente, redigidos:

Não há um só grande livro no mundo – verdadeiramente grande – seja de que época e de que autor, que não contenha justamente o que é preciso aos espíritos e aos povos em crise. É uma questão de saber ler, e ter coragem de cumprir. E quando pensamos, como o poeta pensa, que

¹³⁰⁶ MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*, São Paulo. Domingo, 5 de março de 1950, p. 1.

¹³⁰⁷ MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*, São Paulo. Domingo, 5 de março de 1950, p. 1.

¹³⁰⁸ FARIA, Otávio de. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*, São Paulo. Domingo, 1 de janeiro de 1950, p. 1-2.

¹³⁰⁹ SCHMIDT, Augusto Frederico. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*, São Paulo. Domingo, 26 de fevereiro de 1950, p. 1-2.

¹³¹⁰ ANJOS, Ciro dos. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*, São Paulo. Domingo, 22 de janeiro de 1950, p. 1.

¹³¹¹ MENDES, Murilo. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*, São Paulo. Domingo, 29 de janeiro de 1950, p. 2.

numa folha de erva está escrita toda a sabedoria, mais que nos livros, temos de concluir que o que está faltando ao mundo é sobretudo o poder de reflexão. Tudo já está dito. Nem há mais nada a dizer. É se aplicar.¹³¹²

E interpelou: “Mas quem lê? Quem sabe ler? Quem quer, verdadeiramente, encontrar o remédio para os seus males e os alheios?”¹³¹³ A seguir, fez uma das afirmações mais significativas e reveladoras de seu humanismo. Se a situação de crise nascia de fraquezas humanas, ao *Sapiens* ser era dada a possibilidade de continuar a reproduzir equívocos, mas também a chance de mudar de rumo. A mulheres e homens pertenceria a faculdade de, em meio à *Fortuna*, valer-se da *Virtù* e arcar com as consequências de suas escolhas: “Eu creio é na capacidade dos homens que se modelam por suas mãos, dos que conhecem os caminhos, escolhem o seu, e dizem: ‘Por aqui quero ir.’ E vão. Mesmo que na esquina o seu melhor amigo esteja de emboscada.”¹³¹⁴ À crise caberia uma resposta, que fosse capaz de desafiar as desditas do fado, de, como explica o historiador do Renascimento italiano, Eugenio Garin, dar ao mundo um rosto novo, “com essa *arte* humana que conjuga ciência e poesia”¹³¹⁵ e se perfaz em “metafísica do homem criador”.¹³¹⁶

A experiência da náusea, metafórica e literal, o desgosto pelo destino humano, a constatação de que tudo pelo que lutava, tudo o que lhe parecia mais caro – a educação, a justiça, a igualdade, a liberdade, a solidariedade, a arte, a generosidade, o trabalho, o talento, o respeito, o engajamento pelo bem comum - via-se, incessantemente, vilipendiado, angustiava Cecília. As intrigas por poder e por riqueza, o egocentrismo, o suicídio, as guerras, nela causavam revolta e tristeza. Sabidamente, Meireles encontrava apoio espiritual e intelectual em um misticismo ascético, em que se cruzavam leituras de tradições religiosas ocidentais e orientais.¹³¹⁷ Não se resignou, entretanto, a uma vida,

¹³¹² MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*, São Paulo. Domingo, 5 de março de 1950, p. 1.

¹³¹³ MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*, São Paulo. Domingo, 5 de março de 1950, p. 1.

¹³¹⁴ MEIRELES, Cecília. “Inquérito”. In: *Jornal de Notícias*, São Paulo. Domingo, 5 de março de 1950, p. 1.

¹³¹⁵ GARIN, Eugenio. *Idade Média e Renascimento*. [1954]. Trad. Isabel Teresa Santos e Hossein S. Shooja. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1994, p. 85.

¹³¹⁶ GARIN, Eugénio. *Idade Média e Renascimento...* p. 85.

¹³¹⁷ Cf. MEIRELES, Cecília. “Curso de Técnica e Crítica Literárias. Escola de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal, ministrado de junho a novembro de 1937.” (Aulas taquigrafadas por Vera Teixeira, sem revisão). Disponível em: *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado. GOUVÊA, Leila V. B. “Cecília Meireles: avatares da espiritualidade.” In: YUNES, Eliana & BINGEMER, Maria Clara L. (Orgs.). *Murilo, Cecília e Drummond...* p. 123-132. FONTELES, Graça Roriz. *Cecília Meireles...* OLIVEIRA, Gisele Pereira de. *Cecília Meireles e a Índia...* REIS, Ana Amélia Neubern Batista dos. *Cecília Meireles e a Índia no modernismo brasileiro*. 235 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2019.

estritamente, contemplativa, apartada dos problemas da Cidade. Pelo contrário, em interação com um acervo místico, percorreu uma espécie de compaixão ativa pelo mundo, uma disposição em agir e intervir na esfera e no espaço públicos, enfrentando questões caras à existência da *pólis*. Também por isso, afetava-se tanto pelos acontecimentos políticos, ciente de que as formas pelas quais eram tratados assuntos de interesse geral divergiam de matrizes humanísticas. A própria laicidade com que concebia seu projeto de República indicava a latência de um ideário político, mobilizado para abordar a vida em sociedade.

Assim, por mais que o estado de crise fornecesse elementos para o desânimo e a descrença em torno dos predicados do ser humano, agente principal das mazelas observadas, trazia à tona, igualmente, oportunidades para tomada de decisões diversas. Imersa no *kronos*, no tempo que passa e a todos arrasta, Cecília manteve os olhos no *kairós*, na potencialidade de emergência do novo, do agir transformador, a tatear visões de mundo, projetos de país, em que o passado se configurasse como legado libertador, a iluminar o presente e a enriquecer de sentidos a existência, parteira de outros futuros.

Por conseguinte, ante o mal-estar da civilização, propenso a nausear os mais sensíveis, restaria sempre, como alternativa à morte, assumir a coragem de viver e de lutar por seus ideais, de se indignar e de resistir. Por essa chave interpretativa, a experiência da Guerra Mundial, ponto nevrálgico da difusão da noção de crise, demandaria engajamento em campanhas pela paz.

5.7. Guerra e pacifismo

A Grande Guerra (1914-1918) exerceu profunda influência na formação da juventude e da intelectualidade brasileiras. Cecília, como visto, em 1915, tornara-se pivô de um motim estudantil, potencializado pelo choque europeu, contra um diretor de origem germânica.¹³¹⁸ No ano seguinte, em Belo Horizonte, estudantes, em protesto, fecharam o Colégio Arnaldo, dirigido por padres alemães, marcando a trajetória do jovem Gustavo Capanema (1900-1985).¹³¹⁹ Em 1917, Mário de Andrade (1893-1945) justificara seu primeiro livro de poemas, um opúsculo de cunho pacifista, explicando que “chorava pela

¹³¹⁸ Ver capítulo 2.

¹³¹⁹ SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria B. & COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra: 2000, p. 285-286.

França que o educara e pela Bélgica que se impusera à admiração do universo.”¹³²⁰ Nesse mesmo ano, Meireles matriculara-se no curso de Esperanto, concluindo-o em novembro.¹³²¹ Esta língua internacional, criada pelo polonês Ludwik L. Zamenhof, em 1887, possuía forte apelo filantrópico, eivado por uma religiosidade laica, tendo recebido apoio apaixonado do escritor e pacifista russo Tolstói.¹³²² O ideal de busca de entendimento entre povos e culturas diversos, intermediado por um idioma em comum, parece ter atraído Meireles. Ainda na adolescência procuraria também nos versos de Tagore e no ativismo de Gandhi respostas para a violência descontrolada, que grassava o mundo.¹³²³

Em 1920, a Legião da Mulher Brasileira, secretariada por Cecília, já dera mostras de pendor pacifista ao sugerir a supressão de datas comemorativas, relativas às vitórias na Guerra do Paraguai e a criação de homenagens aos agentes cívicos, construtores do desenvolvimento da pátria pelos caminhos da paz.¹³²⁴ De mais a mais, viu-se que um grupo de legionárias, encabeçado por Cecília, já apelava para o trabalho em prol da “coletividade humana”¹³²⁵ e da fraternidade.

Por sua vez, Amoroso Lima (1893-1983) se disse “absolutamente convicto”¹³²⁶ de que foi o “espírito da tragédia”¹³²⁷ de 1914-1918 que o fez “cair na realidade”.¹³²⁸ Outro relato, de Andrade Muricy (1895-1984), companheiro de Cecília junto à revista *Festa*, assim sintetizou, em 1928, as marcas de seu tempo:

Minha geração é uma geração feliz e uma geração trágica.
Ao chegar aos vinte anos, encontrou o mundo presa da vertigem bélica,
a civilização (como naquele tempo todos, quase, pensavam) em perigo,
a revolução bolchevista prestes a fazer-se.

¹³²⁰ ANDRADE, Mário. *Há uma gota de sangue em cada poema...* p.53. Para uma análise deste esforço de poesia de guerra de Mário de Andrade, ver: MOURA, Murilo Marcondes. *O mundo sitiado...* p. 91-95.

¹³²¹ Cf. *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Domingo, 1 de abril de 1917, p. 3. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 5 de novembro de 1917, p. 2.

¹³²² Cf. ECO, Umberto. *A busca da língua perfeita na cultura europeia*. Tradução de Antonio Angonese. São Paulo: Editora Unesp, 2018, p. 353-365.

¹³²³ Cf. MEIRELES, Cecília. “Conferência realizada na Embaixada da Índia, Rio de Janeiro, em homenagem à Mohandas Gandhi, por ocasião da data de aniversário do Mahatma em 2 de outubro de 1948.” Apud: KRIPALANI, Krishna. “Across the oceans”. In: *The Visva-Bharati Quarterly*. Shantiniketan, West Bengal, India. Vol. XIV, Nº 4, p. 293-300, 1948/1949.

¹³²⁴ *O Imparcial*. Rio de Janeiro. Segunda-feira, 17 de maio de 1920, p. 3. Ver capítulo 3.

¹³²⁵ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Domingo, 17 de outubro de 1920, p. 13. Ver capítulo 3.

¹³²⁶ LIMA, Alceu Amoroso. *Memórias improvisadas: diálogos com Medeiros Lima*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1973, p. 55.

¹³²⁷ LIMA, Alceu Amoroso. *Memórias improvisadas...* p. 55.

¹³²⁸ LIMA, Alceu Amoroso. *Memórias improvisadas...* p. 55.

‘Morreu na Guerra’, disse-se de tanta vítima da furiosa convulsão dos ambientes espirituais daquele duro período do Novecentos.¹³²⁹

Ao lado dos efeitos etários, a compor a ideia de geração, a Grande Guerra constituiu-se em evento fundador de experiência compartilhada dos que nasceram, mais ou menos, entre 1890 e 1905.¹³³⁰ Cecília se lembraria dos “tristes anos da adolescência”¹³³¹ em que precisou “conviver com a guerra”¹³³², do “infundável abismo que foi a Grande Guerra”¹³³³ e lamentaria: “Que destino, o da minha geração, de viver entre guerras!”¹³³⁴

Por tais depoimentos já se vê que a carnificina de 1914 abalou não apenas os povos europeus, perplexos com a destruição duradoura de laços comunitários, com a derrocada do Direito Internacional, com a liberação dos maus apetites¹³³⁵, como também as ideias e as emoções de pessoas, física e geograficamente, distantes dos principais palcos de batalha. Os impactos desse conflito sobre o imaginário, a política e a arte, a diplomacia, as relações de gênero e de trabalho, permitem compreendê-lo em termos de revolução mundial, de marco de um novo tempo da história humana.¹³³⁶ Diferentes partes da América Latina não escaparam às tensões, às diatribes e às modificações, daí emanadas, a ponto de Olivier Compagnon, em importante estudo, concluir que esta parte do mundo construiu sua alteridade no rastro da Grande Guerra.¹³³⁷ Com especial foco na

¹³²⁹ MURICY, Andrade. “Geração adolescente.” In: *Festa: mensário de pensamento e de arte*. Ano I. N. 12. Rio de Janeiro, 15 set. 1928, p. 3-4.

¹³³⁰ Sobre a noção de “geração”, ver: SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. *Por uma História Política*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 254-256.

¹³³¹ MEIRELES, Cecília. “Conferência realizada na Embaixada da Índia, Rio de Janeiro, em homenagem à Mohandas Gandhi, por ocasião da data de aniversário do mahatma em 2 de outubro de 1948.” Apud: KRIPALANI, Krishna. “Across the oceans”. In: *The Visva-Bharati Quarterly*. Shantiniketan, West Bengal, Índia. Vol. XIV, Nº 4, p. 295, 1948/1949.

¹³³² MEIRELES, Cecília. “Conferência realizada na Embaixada da Índia, Rio de Janeiro, em homenagem à Mohandas Gandhi, por ocasião da data de aniversário do mahatma em 2 de outubro de 1948.” Apud: KRIPALANI, Krishna. “Across the oceans”. In: *The Visva-Bharati Quarterly*. Shantiniketan, West Bengal, Índia. Vol. XIV, Nº 4, p. 295, 1948/1949.

¹³³³ MEIRELES, Cecília. “Um sintoma talvez grave”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 17 de maio de 1931, p. 7.

¹³³⁴ MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues. Rio de Janeiro, 9 nov. 1947. In: _____ *A lição poema...* p. 137.

¹³³⁵ FREUD, Sigmund. “Considerações atuais sobre a guerra e a morte (1915).” In: _____ *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). 4ª reimpressão. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 209-246. (Obras completas, v. 12).

¹³³⁶ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. [1994]. 2ª ed. Tradução Marcos Santarrita. Revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. SONDHAUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial*. Trad. Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Contexto, 2015. CORREIA, Sílvia. *Entre heróis e mortos: políticas da memória da I Guerra Mundial em Portugal (1918-1933)*. Rio de Janeiro: 7 Letras: FAPERJ, 2015.

¹³³⁷ COMPAGNON, Olivier. *O adeus à Europa: A América Latina e Grande Guerra (Argentina e Brasil, 1914-1939)*. Tradução Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2014.

Argentina e no Brasil, Olivier, por meio da análise de jornais, revistas, obras e autores diversos, comprova a hipótese de que o conflito contribuiu, decisivamente, para o aflorar de diversas crises de identidade e para a cristalização do nacionalismo nos anos 1920 e 1930. Antes de Compagnon, a historiadora Patricia Funes já reparara como, “por muitas razões, a Primeira Guerra Mundial ampliou a geografia do mundo, mas também matizou calendários, medidores e relativizou todas as letras maiúsculas do século XIX: Razão, Civilização, Progresso, Ciência.”¹³³⁸ Segundo Funes, “através dos interstícios dessas incertezas surgiram caminhos indisciplinados e heterodoxos para considerar esta parte do mundo.”¹³³⁹

Se a Europa continuou a habitar o imaginário de brasileiros, argentinos e outros, as representações de progresso e de refinamento, relativos ao Velho Mundo, ficaram estremecidas. José Ingenieros (1877-1925), psiquiatra e escritor ítalo-argentino, prontamente, em setembro de 1914 – portanto, há cerca de apenas um mês após o início da guerra – anunciou o “suicídio dos bárbaros”.¹³⁴⁰ Em uma clara inversão da imagem, comumente, difundida, em torno da Europa, Ingenieros – pensador admirado e citado por Meireles¹³⁴¹ - viu na conflagração uma oportunidade de se projetar novas sociedades, nas quais, civilizadas, de fato, pelo trabalho e pela cultura, “o mérito e a glória rodearão aos que servirem seu povo nas artes da paz; nunca aos que ousarem levá-lo à guerra e à desolação.”¹³⁴²

É importante destacar as ressonâncias da Grande Guerra, porque isso permite que se compreenda de maneira mais adequada as razões pelas quais Cecília debruçou-se sobre a questão da guerra e da paz, tecendo crônicas e poemas¹³⁴³, ao longo de sua vida, em torno do que julgou como o “mais grave problema do mundo”.¹³⁴⁴

¹³³⁸ Livre tradução. No original: “Por muchas razones la Primera Guerra Mundial ensanchó la geografía del orbe pero también matizó calendarios, metros, y limó todas las mayúsculas decimonónicas: Razón, Civilización, Progreso, Ciencia.” FUNES, Patricia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política em los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires, Prometeo Libros, 2006, p. 13.

¹³³⁹ Livre tradução. No original: “por los intersticios de esas incertidumbres surgieron caminos indisciplinados y heterodoxos para considerar esta parte del mundo.” FUNES, Patricia. *Salvar la nación...* p. 13.

¹³⁴⁰ INGENIEROS, Jose. “O suicídio dos bárbaros”. Setembro de 1914. In: _____ *Os tempos novos: reflexões otimistas sobre a Grande Guerra e a Revolução Russa*. Buenos Aires: Edições América Latina, 1921.

¹³⁴¹ Dentre outros, ver o especial para a *Página de Educação*, escrito por Cecília Meireles, sob o título: “José Ingenieros e o seu legado à mocidade latino-americana.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Sábado, 31 de outubro de 1931, p. 6.

¹³⁴² INGENIEROS, Jose. “O suicídio dos bárbaros”. Setembro de 1914. In: _____ *Os tempos novos...* p. 14.

¹³⁴³ Cf. MOURA, Murilo Marcondes. *O mundo sitiado...*

¹³⁴⁴ MEIRELES, Cecília. “Cruzada da Juventude.” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 8 de abril de 1932. In: _____ *Crônicas de Educação*. v. 4... p. 258.

No decorrer da década de 1920, diversos debates e iniciativas vieram à baila para interpretar a nova ordem internacional, tributária dos tratados de 1919. Nessa direção, vale ressaltar as iniciativas para erigir uma paz possível e evitar novas guerras, a exemplo da criação da Liga das Nações, em 1919, da Comissão Internacional de Cooperação Intelectual, reunida em 1922, dos Acordos de Locarno, assinados em 1925, e dos Cursos Universitários de Davos, realizados nos anos de 1928 a 1931.¹³⁴⁵ O Brasil, ao mesmo tempo em que testemunhava várias agitações políticas, sociais e culturais internas, participava ativamente desse panorama internacional.¹³⁴⁶

Antenada com esse quadro político mais amplo, à frente da Página de Educação, por meio da qual, conforme Lamego, atuava “em prol de uma sociedade menos apaixonada pelos símbolos de uma pátria construída na base da exclusão, da desvalorização de seus cidadãos e cidadãs e das guerras”¹³⁴⁷, Meireles pôs-se a serviço do pacifismo.¹³⁴⁸

O quadro, abaixo, permite visualizar uma amostra das principais sustentações de Cecília.

Quadro 5 – Características gerais das crônicas cecilianas sobre guerra e paz (1931-1933) - *Diário de Notícias* - RJ

Data	Título	Expressões
12/06/1931	Uma página de Remarque	“inferno da guerra”; “crimes contra a liberdade de espírito”; “o conceito de professor”; “sinistros tempos”; “novos prenúncios de carnificina”.
23/12/1931	Natal	“a paz não é uma conquista fácil”; “uma guerra latente”; “sugestões sanguinárias”; “almas românticas”; “crueldade inconsciente”.
06/01/1932	Gandhi	“ideal de educação humana”; “herói sem armas”; “coragem de resistir”; “graves momentos do passado”.

¹³⁴⁵ EINSTEIN, Albert. *Como vejo o mundo*. [1922-1934]. Tradução de H. P. de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. (Coleção Clássicos para Todos). PEDERSEN, Susan. *The guardians: the league of nations and the crisis of empire*. Oxford: Oxford University Press, 2015. HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos...*

¹³⁴⁶ Cf. RESENDE, José Armando Zema de. *A cooperação intelectual internacional da Sociedade das Nações e o Brasil (1922-1938): dinâmicas de um processo*. 146 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em História, Brasília, 2013. DORATIOTO, Francisco. *O Brasil no mundo: idealismos, novos paradigmas e voluntarismo*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (coord.). *História do Brasil-Nação (1808-2010): a abertura para o mundo (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2012, p. 133-171. Vol. 3.

¹³⁴⁷ LAMEGO, Valéria. *A farpa da lira...* p. 23.

¹³⁴⁸ Ver também: PIMENTA, Jussara Santos. “Educação para a paz: construir o mundo que se espera.” In: *Educação, Sociedade E Culturas*, (53), 83–96 Disponível em <https://doi.org/10.34626/esc.vi53.66> Acesso em 30 out. 2021.

10/01/1932	O brinquedo da guerra	“imitações dos mais modernos aparelhos técnicos de guerra”; “o mal da guerra vindo de longe”; “visão de Wells”.
13/01/1932	Desarmamento	“É o espírito que precisa se desarmar, antes da mão”; “vida humana”; “sombra dos tempos”; “sonho pacifista”.
15/01/1932	Uma questão de solidariedade	“grande catástrofe internacional”; “anulação dos sonhos pacifistas”; “prova dessa solidariedade”; “lembranças trágicas da guerra”.
24/01/1932	Desarmamento...	“tão cheia de problemas complexos”; “sonho de paz”; “fermento de nova guerra”; “prólogo de uma tragédia”; “pensamento pacifista”; “ideias chauvinistas”; “cooperação internacional”.
03/02/1932	A desilusão da mocidade	“guerra sino-japonesa”; “fim da grande guerra”; “clamor unânime contra a destruição e a morte”; “escuras ameaças”; “moços desiludidos”; “campos sem glória da morte”.
12/02/1932	O recurso extremo...	“capacidade pacifista”; “tragédias do passado”; “a Grande Guerra”; “caminhos para a certeza da paz”; “nova Educação”; a guerra pensada como “uma questão técnica” ou “como um problema humano?”
26/02/1932	Dois poemas chineses	“melancolia de um poema do século oitavo...”; “subir para montanha nenhuma”; “tempo da grade paz”; “do troar dos canhões ao cair dos corpos”.
08/04/1932	Cruzada da juventude	“força da mocidade”; “direito de falar”; “inquietação do melhor”; “problemas que interessam à humanidade”; “mais grave problema do mundo”.
01/05/1932	O destino das esperanças	“a esperança da paz”; “tempos bem extraordinários”; “a última guerra”; “lembrança da decadência”; “estado de esquecimento: um estado de fadiga e talvez de desorientação”.
29/06/1932	Cartas de estudantes mortos na guerra	“sugestivas considerações sobre a paz”; “visão trágica da guerra”; “cenas atrozes de Remarque”; “adoração patriótica”; “preconceito cívico”; “fanatismo da nacionalidade”; “ação educativa”; “mocidade crédula”.
02/07/1932	Cartas de estudantes alemães mortos na guerra [I]	“na alma destes soldados-meninos, o grande conflito moral”;
03/07/1932	Cartas de estudantes alemães mortos na guerra [II]	“compreender e aceitar a morte; mas sem estar de acordo com ela”; “degrado para os campos sangrentos”.

05/07/1932	Cartas de estudantes alemães mortos na guerra [III]	“alimentados de ideias violentas”; “depois do horror do espetáculo, o primeiro grito desses moços de vinte anos é pela paz”.
21/07/1932	Pró-paz...	“A paz não se decide: constrói-se”; “redução qualitativa e quantitativa do material bélico”; “interesses pacifistas”; “a orientação educacional”, a formação humana, o desarmamento do espírito”.
29/07/1932	À hora do fogo	“mais pavoroso dos massacres”; “guerra civil”; “Grande Guerra”; Nova Educação”.
03/08/1932	Paz	“Grande Guerra”; “enorme cemitério”; “grande catástrofe”; “forças de ódio que levam a antagonismos”; “educador verdadeiro”; “um pacifista arrebatado por essa inquietação”.
06/08/1932	Mussolini e a paz	“última catástrofe”; “anúnciação trágica de próximas catástrofes maiores e mais terríveis”; “mensagens das crianças francesas”.
09/08/1932	Continuação de Mussolini e a paz	“grande guerra”; “loucura dos ambiciosos”; “fanáticos do poder”; “cultores da força brutal”; “adoradores dos sanguinários triunfos”; “o luto de todas as outras guerras, de todas as incompreensões de cada dia”.
10/08/1932	Brinquedos...	“uma pacificação da natureza combativa”; “uma renúncia às conquistas de força e às explosões de rancor”; “redução de armamentos”; “desarmamento do espírito”.
11/08/1932	A paz pela educação	“compromisso duradouro de paz”; “o preço das guerras”; “longa marcha da humanidade”; “espíritos universais, que sentem sua pátria no mundo todo”; “obra educacional”.
27/08/1932	Notas de um caderno de guerra	“soldado ocasional”; “criatura humana escravizada a uma técnica”; “a liberdade humana é substituída por uma imposição”; “trincheiras sombrias”.
30/08/1932	Os educadores e a paz	“luta de brasileiros”; “deviam ser os educadores os primeiros a pedirem paz”; “nova esperança”; “horas sombrias”; “momento de apreensões e de sonhos”.
29/10/1932	Para acabar com a guerra	“moços sem nenhuma vocação para o massacre”; “resolver a questão entre os chefes ofendidos, sem sacrifícios de vidas alheias a esses interesses”; “morticínio de inocentes”.
03/11/1932	Esse fantasma da guerra	“a Grande Guerra”; “fantasias de heroísmo e de conquista”; “trágico mar de imperialismo”; “testemunho do massacre”; “transações com a morte”; “profissão do crime”; “pobre voz humana”; “lamentável covardia”;

		“veneno do patriotismo”; “sangrento culto”; “macabro fantasma”.
08/11/1932	Os químicos e a paz	“sonhos de pacifismo e de beleza”; “grande trama complexa em que todas as vidas cooperam”; “desprendem-se da atividade da guerra”; “criminosa atividade”;
17/12/1932	A escola e a obra da paz	“momento de tamanhas apreensões”; “última catástrofe”; “feição pacifista da educação nacional”; “cooperação internacional”; “visão nova de história e de geografia”; “intercâmbio universitário e escolar”.
12/01/1933	Despedida	“construção de um mundo melhor”; “formação mais adequada que o habita”; “O passado não é assim tão passado porque dele nasce o presente com que se faz o futuro”.

(Fonte: MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação*. v. 4. ... p. 215-322.)

Em geral, Meireles empregou títulos curtos e objetivos em suas crônicas, com algumas exceções, a exemplo de “Cartas de estudantes alemães mortos na guerra”. Como este, outros tentaram explicitar o problema a ser tratado: “O brinquedo da guerra”, “Desarmamento”, “Pró-paz”, “Paz”, “Notas de um caderno de guerra”, “Os educadores e a paz”, “Para acabar com a guerra”, “O fantasma da guerra”, “Os químicos e a paz”, “A escola e a obra da paz” e “Despedida.” Nesse último texto, por exemplo, Cecília realizou um balanço de sua atuação frente à Página da Educação e se despediu de seus leitores, reiterando seus ideais em torno de como tornar o mundo mais habitável e conceber a história como processo indefinido, sensível à possibilidade de irrupção de mudanças.

Outros títulos poderiam ser mais genéricos, sutis no que concerne à revelação do conteúdo específico abordado. Nessa categoria podem se encontrar “Natal”, “Uma questão de solidariedade”, “A desilusão da mocidade”, “O recurso extremo...”, “Dois poemas chineses”, “O destino das esperanças”, “À hora do fogo” e “Brinquedos”. Outros ainda apresentaram nomes próprios, como “Uma página de Remarque”, “Gandhi” e “Mussolini e a paz”. Tais títulos sinalizam contornos do humanismo de Cecília frente aos fenômenos da guerra e da paz, suas afinidades e seus dissabores.

Foi possível aferir que os problemas abarcados poderiam ser estendidos para mais de um artigo, seja indicando o termo “continuação”, como “Continuação de Mussolini e a paz”, seja tornando semelhantes os títulos como “Desarmamento” e “Desarmamento...”; “O brinquedo da guerra” e “Brinquedos...”; “Pró-paz” e “Paz”; “A paz pela educação” e “A escola e a obra da paz”. Esse transbordamento relacionava-se ao interesse da autora em discutir de forma mais detida aqueles temas e/ou acontecimentos e também ao fato de

que o tamanho da coluna “Comentários” era limitado, seguindo uma extensão padronizada, que, se, por um lado, amplificava a inserção da fala da articulista na esfera pública, por outro, também desafiava sua capacidade de síntese.

Tal foi também o caso de “Cartas de estudantes mortos na guerra” e “Cartas de estudantes alemães mortos na guerra”, uma sequência de quatro crônicas, baseadas na leitura de mensagens de jovens germânicos tombados na hecatombe. Reunidos em obra pelo escritor e crítico literário alemão Philipp Witkop (1880-1942)¹³⁴⁹ e prefaciado por Paul Desjardins (1859-1940), estes relatos comoveram Meireles. Os textos revelam como a autora aquiescia ao esforço de interlocução entre franceses, alemães e outros, que ensejavam o rompimento com a radical desumanização do inimigo (a Alemanha), difundida durante a Grande Guerra. Nesse sentido, ela se aproximava tanto dos interesses da Comissão Internacional de Cooperação Intelectual, quanto das diretrizes das Conferências ou Cursos de Estudos Universitários de Davos, devotados à compreensão internacional. Dentre os participantes das Conferências de Davos, constaram nomes como Albert Einstein, Marcel Mauss, Jean Piaget, Ernest Cassirer e Paul Desjardins, citado por Cecília. Com efeito, tal como as obras de Remarque, a seleção de cartas de estudantes, feita por Witkop, humaniza os que participaram da guerra e denunciam a crueldade física e mental do massacre. Meireles, ao comentar tais escritos, pôs-se a problematizar pares conceituais, como “amigo” e “inimigo”, “civilização” e “barbárie”.¹³⁵⁰

A guerra desponta como uma “visão trágica”¹³⁵¹, um “horror”¹³⁵², consequência não de um movimento necessário para o desenvolvimento das nações, como espalhavam argumentos belicistas, e, sim, da “[...] adoração patriótica, [do] exagero do preconceito cívico, [do] fanatismo da nacionalidade [...]”.¹³⁵³ Cecília, com tal assertiva, ia de encontro tanto às ideias de apologia à guerra quanto àquelas que propagavam a veneração acrítica

¹³⁴⁹ Consultamos a versão em inglês, traduzida do original alemão em 1928. Nessa obra, evidencia-se o teor pacifista intentado por Witkop, que escreve na introdução: “[...] Should these letters help towards the establishment of justice and better understanding between nations, their deaths will not have been in vain.” WITKOP, Philipp (org.). *German students' war letters*. Translated and arranged from the original edition of Dr. Philipp Witkop [by] A. F. Wedd. Foreword by Jay Winter. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2002, p. XXVII. (Originally published: [London]: Methuen, 1929).

¹³⁵⁰ Cf. SCHMITT, Carl. *O conceito do político*. Tradução, introdução e notas de Alexandre Franco de Sá. Lisboa: Edições 70, 2015. DAGAN, Yäel. “Civilizados, bárbaros, europeus: três homens de letras em face do inimigo – 1914-1925.” *Vária História*, Belo Horizonte, vol. 21, nº 34: p. 371-394, julho 2005.

¹³⁵¹ MEIRELES, Cecília. “Cartas de estudantes mortos na guerra.” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 de junho de 1932. In: _____ *Crônicas de Educação*. v. 4. ... p. 261.

¹³⁵² MEIRELES, Cecília. “Cartas de estudantes mortos na guerra.” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 de junho de 1932. In: _____ *Crônicas de Educação*. v. 4. ... p. 261.

¹³⁵³ MEIRELES, Cecília. “Cartas de estudantes mortos na guerra.” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 de junho de 1932. In: _____ *Crônicas de Educação*. v. 4. ... p. 262.

ao nacionalismo no Brasil e em outros países.¹³⁵⁴ Depreende-se que, da perspectiva ceciliana, o patriotismo, o civismo e o nacionalismo não eram valores absolutos e somente poderiam concorrer para o benefício coletivo se carregassem em seu bojo a abertura para a tolerância, o diálogo e a apreciação das diferenças e das semelhanças entre os diversos povos. A concepção cosmopolita e universalista, que remanejava as noções de Pátria e de Nação, sinalizaria a via desejável para se precaver contra a emersão do ódio e se afinava ao entendimento de Mohandas K. Gandhi, que asseverara, em 1929:

Meu patriotismo não é uma coisa exclusiva. É abrangente e repudiaria esse patriotismo que procurou se erguer sobre a angústia ou a exploração de outras nacionalidades. A concepção do meu patriotismo não é nada se não for sempre, em todos os casos sem exceção, consistente com o bem mais amplo da humanidade em geral.¹³⁵⁵

Em obra de 1927, intitulada “Cânticos” - publicada, postumamente, em 1981 - dentre os 27 poemas, lê-se no primeiro:

Cântico

I

Não queiras ter Pátria,
 Não dividas a Terra.
 Não dividas o Céu.
 Não arranques pedaços do mar.
 Não queiras ter.
 Nasce bem alto,
 Que as coisas todas serão tuas.
 Que alcançarás todos os horizontes.
 Que o teu olhar, estando em toda parte,
 Te ponha em tudo.
 Como Deus.¹³⁵⁶

Aqui, a visão de patriotismo, mais complexa do que a pretensa uniformidade intestina, hasteada por outros intérpretes, dava conta da artificialidade das convenções

¹³⁵⁴ Por exemplo, vale ressaltar que, em 1924, José Antônio Nogueira, em um capítulo do livro “À margem da história da República”, observara que: “[...] nacionalismo é sinônimo de patriotismo. [...] Foi preciso que surgissem ameaçadoramente atitudes mentais conhecidas por cosmopolitismo, humanitarismo, ou universalismo anarquista, para que o sentimento de pátria perdesse a tranquilidade e segurança de outrora e desfaldasse uma bandeira de luta – o nacionalismo.” NOGUEIRA, José Antônio. Apud: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (coord.). *Elite intelectual e debate político nos anos 30: uma bibliografia comentada da Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980. Sobre o nacionalismo ufanista e o cosmopolitismo na república precedente ao movimento político de 1930, ver: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na primeira república...*

¹³⁵⁵ Livre tradução. No original: “My patriotism is not an exclusive thing. It is all-embracing and I should reject that patriotism which sought to mount upon the distress or exploitation of other nationalities. The conception of my patriotism is nothing if it is not always, in every case without exception, consistent with the broadest good of humanity at large.” GANDHI, Mohandas K. *The Mind of Mahatma Gandhi: Encyclopedia of Gandhi’s Thoughts*. Compiled & Edited by: R. K. Prabhu & U. R. Rao. Ahmedabad (Índia): Desai & Mudranalaya, 1966, p. 38-39. Disponível em www.mkgandhi.org Acesso em 20 jan. 2017.

¹³⁵⁶ MEIRELES, Cecília. *Cânticos*. Apresentação Suzana Vargas. 4. ed. São Paulo: Global Editora, 2015, p. 19.

políticas, fronteiriças e identitárias. A poeta afrontava a homogeneidade preconizada pelo radicalismo chauvinista. Por outro lado, não deixou de se identificar como brasileira e sofrer pelas mazelas de seu país, como revelou em carta a Fernando de Azevedo no início de 1935, ao chegar de Portugal e constatar a ocorrência de ataques políticos feitos contra Anísio Teixeira e a Escola Nova, no Rio de Janeiro:

Chego, piso em terras e logo o tédio do mundo se põe a nublar-me. Encontro o Brasil desvairado, sem sentido, num tumulto que não entendo. *Que tristeza, ter pátria! E eu que, malgrado todos os intuitos estoicos, tinha chegado a sentir uma ternura saudosa por esta terra e esta gente!*¹³⁵⁷

As noções de “pátria”, de “terra”, de “gente”, nesse relato, plasmam acepções positivas e explicitam laços afetivos, que escapam ao pleno controle de seus partícipes, pois sentidos como elementos constitutivos do próprio sujeito. A admoestação “Não queiras ter Pátria”, de certa forma, encontrava resistência na própria autora, cujo empenho “estoico” em não sofrer por “esta terra” e “esta gente”, havia malgrado. Por conseguinte, a “tristeza” não se referiria ao fato de se ter uma pátria em si, mas ao de que essa pátria, porque amada, despertaria o anseio - não atendido, em dadas circunstâncias - de que aquela comunidade de sentido seguisse por outros caminhos.

Linhas desse humanismo cívico-republicano também deitariam raiz na crônica intitulada “À hora do fogo”¹³⁵⁸, de 29 de julho de 1932. Nesse texto, a articulista empreendeu um movimento analítico, que vai do conceito de guerra, manifesta ao redor do mundo, para a realidade nacional, naquele instante, também marcada por um conflito armado de caráter civil. Essa tipologia de confronto é descrita como “o mais pavoroso dos massacres”¹³⁵⁹, visto como “loucura”.¹³⁶⁰ A autora usa como mote um comunicado oficial, relativo aos embates armados da Revolução Constitucionalista, de São Paulo, então recentemente ocorrida e reprimida com rigor pelo Governo Provisório. E avalia:

¹³⁵⁷ MEIRELES, Cecília. *Apud*: VIDAL, Diana Gonçalves. “Da sonhadora para o arquiteto: Cecília Meireles escreve a Fernando de Azevedo (1931-1938).” In: NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima & MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs.). *Cecília Meireles: a Poética da Educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC RJ: Loyola, 2001, p. 98. Itálico nosso.

¹³⁵⁸ MEIRELES, Cecília. “À hora do fogo.” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 de julho de 1932. In: _____ *Crônicas de Educação*. v. 4. ... p. 287-288.

¹³⁵⁹ MEIRELES, Cecília. “À hora do fogo.” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 de julho de 1932. In: _____ *Crônicas de Educação*. v. 4. ... p. 288.

¹³⁶⁰ MEIRELES, Cecília. “À hora do fogo.” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 de julho de 1932. In: _____ *Crônicas de Educação*. v. 4. ... p. 288.

“[...] a luta de brasileiros é, para nós, tão lamentável e cruel como a Grande Guerra [...]”.¹³⁶¹

O quadro 6 permite delinear de forma ainda mais clara as características das noções e das estratégias argumentativas, elaboradas por Meireles.

Quadro 6 – Vocábulo empregados para analisar o processo histórico da guerra, (1931-1933) – *Diário de Notícias* - RJ

Verbos	Substantivos		Adjetivos	
Cantando	Abismo	Heroísmo	Amarga	Lamentável
Desejam	Adoração	Humanidade -	Antiga	Latente
Envolver	Ameaças	Homens	Atrozes	Macabro
Experimentaram	Antagonismos	Horror	Bárbaros	Memorável
Foram	Apreensões	Ilusão	Bélico	Militares
Irrompa	Armas	Ideias	Brutal	Monstruosa
Marchando	Atrocidade	Imposição	Chauvinistas	Moral
Pensada	Automatismo	Inferno	Combativa	Precários
Precipitar	Aventura	Juventude	Cruéis	Retrógradas
Queremos	Barbaridade	Loucura	Devastadora	Romanceadas
Recordada	Calamidade	Mal	Doloroso	- Românticas
Recusem	Carnificina	Mentira	Enlouquecidas	Sangrentos -
Sabia	Catástrofe	Morte	Escuras	Sanguinárias
Sofre	Ceticismos	Massacre	Estéril	Sinistros
Viver	Covardias	Obscuridade	Exaustos	Sombria -
	Conflito	Ódio	Falsa	Sombrios
	Crime	Partidários	Fanáticos	Surdos
	Crueldade	Pátria -	Grave	Trágica
	Culto	Patriotismo	Horrível	Triste
	Decadência	Perigo	Humano	
	Degredo	Pessimismos	Infernal	
	Desamparo	Poder	Internacional	
	Desânimos	Precariedade		
	Desgraça	Preconceito		
	Desilusão	Professores		
	Desorientação	Rancor		
	Devastação	Sacrifício		
	Educação	Sangue		
	Erros	Sentimentos		
	Espírito	Sufrimento		
		Sombras		

¹³⁶¹ MEIRELES, Cecília. “À hora do fogo.” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 de julho de 1932. In: _____ *Crônicas de Educação*. v. 4. ... p. 288.

	Esquecimento	Submissão		
	Exaltação	Tempos		
	Fanatismo	Tragédia		
	Força	Vaidade		
	Fraqueza	Veneno		
	Glória	Vergonha		
	Guerra	Violência		

(Fonte: MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação*. v. 4. ... p. 215-322.)

Parte significativa das classes de palavras utilizadas e combinadas por Cecília endossava um discurso de repúdio à guerra. As ações verbalizadas, as denominações de seres e de coisas, e as qualidades enfatizadas, integravam um esforço de compreensão e um discurso inflexível de oposição a quaisquer feitos das contendidas e dos enleios belicistas.

Avaliação diametralmente oposta foi feita em relação à ideia de *paz*, considerada como um constructo difícil, mas necessário, dinâmico e desejável, conforme sinalizado abaixo.

Quadro 7 – Vocábulo empregados para analisar o processo histórico da paz (1931-1933) – *Diário de Notícias* – RJ

Verbos	Substantivos		Adjetivos
Cooperam	Ação	Inteligência	Amistoso
Constrói	Alma	Intercâmbio	Comum
Decide	Adolescente	Juventude	Duradouro
Desarmar	Ambições	Lembrança	Educacional
Desejam	Amizade	Liberdade	Frágil
Falar	Amor	Memória	Fraternal
Harmonizar	Argumentos	Mocidade	Futura - Futuras -
Humanizar	Camaradagem	Mundo	Futuro
Interessam	Compreensão	Obra	Harmonioso
Querer	Compromisso	Pacificação - Pacifismo	Humana -
Pacifiquem	Condição	Paixão	Humanidade -
Pedindo	Confraternização	Paz	Humano
Proteste	– Fraternidade –	Pensamento	Idealista
Realizar	Fraternização	Povos	Intelectual
Resiste	Conquista	Protesto	Internacional
Sentir	Convívio	Realidade	Justo
Sonhar	Cooperação	Reconstrução	Maternal
			Mundial

Criança	Renovação	Mútuo
Desarmamento	Renúncia	Novas - Novo - Novos
Destino	Resistência	Pacifista
Educação	Respeito	Unidos
Esforço	Responsabilidade	Universais
Esperança -	Rumores	
Esperanças	Sabedoria	
Espírito -	Sacrifício	
Espíritos	Sentimentos	
Formação	Serenidade	
Gerações	Solidariedade	
Herói	Sonhos	
Humanidade -	Tentativa	
Homens	Verdade	
Ideal -	Vida	
Idealismo -	Virtude	
Idealização	Vontade	
Infância	Unidade	
Inocência		
Inquietação -		
Inquietude		

(Fonte: MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação*. v. 4. ... p. 215-322.)

A comparação entre os dados expostos nos quadros 6 e 7 evidencia um contraste entre as características da guerra e da paz, com a primeira sendo rejeitada e a segunda, defendida. Em ambas as análises, Meireles exerceu um esforço de entendimento racional, valendo-se, igualmente, de uma tomada de posição ético-moral, inerente à sua visão de mundo humanística. Em mais de um momento, valeu-se de termos antitéticos assimétricos¹³⁶², revigorando seu discurso e sua atuação política, ligada ao pacifismo ativo, apregoando que “é o espírito que precisa se desarmar, antes da mão”.¹³⁶³

Àquela altura pairava certo ceticismo geral frente a esforços diplomáticos para estabelecer a segurança internacional e o desarmamento. A década de 1930 começava, inquieta, sob repercussões da crise econômico-financeira, rebentada em 1929, pela invasão da Manchúria pelo Japão, em 1931, e pelas intermináveis hesitações da

¹³⁶² Cf. KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Maas; Carlos Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. SCHMITT, Carl. *O conceito do político*. Tradução Alexandre Franco de Sá. Lisboa: Edições 70, 2015.

¹³⁶³ MEIRELES, Cecília. “Desarmamento”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1932. In: _____ *Crônicas de educação*. v. 4... p. 237.

Conferência de Desarmamento, ocorrida em Genebra, em 1932.¹³⁶⁴ Tal desconfiança remontava à Conferência de Paz de 1919, que culminara com a assinatura do Tratado de Versalhes.¹³⁶⁵ Cecília ansiava acreditar no potencial da via diplomática e conferia ênfase para a urgência em se desarmar não só as forças e as disposições militares, como também, e principalmente, as formas de sentir e de pensar:

Qualquer tentativa de desarmamento que não esteja fundamentada, de princípio, numa visão nova e mais compreensiva da vida, que não represente, na realidade, o pensamento pacifista e a vontade de confraternização dos países interessados, - poderá ser um pretexto, quando muito, para discussões brilhantes do assunto, mas não assentará nenhuma construção firme, na obra da paz mundial que o espírito moderno reclama.¹³⁶⁶

Ainda nesse texto, Meireles evocou Mary Emma Woolley (1863-1947), atentando para uma declaração da educadora, pacifista e defensora do sufrágio feminino¹³⁶⁷, que assumiria o cargo de delegada dos Estados Unidos na Conferência para a Redução e Limitação de Armamentos, em Genebra. Meireles observou que a aproximação internacional, “a ação do intercâmbio intelectual e da amizade feminina são, para essa mulher idealista, elementos capazes de uma influência poderosíssima para a aspiração a que atende a próxima Conferência de Genebra.”¹³⁶⁸ Na entrevista, citada pela cronista, Woolley lembrou “as estudantes que, da Índia, da China, do Japão, da França, da Alemanha, têm vindo à sua escola de Mount Holyoke, como exemplo da maneira de alcançar os países mais distantes, pelo convívio e pela camaradagem do estudo.”¹³⁶⁹

Compactuando desses ideais, Cecília parecia unir sua voz à de outras tantas pacifistas, de diferentes perfis, mas condizentes no combate à guerra e na defesa da paz. O serviço prestado ao que denominou de a maior das causas, da baronesa Bertha von Suttner (1843-1914), pacifista austríaca e ganhadora do Prêmio Nobel da Paz, em

¹³⁶⁴ Cf. NOGUEIRA, João Pontes & MESSARI, Nizar. *Teoria das relações internacionais: correntes e debates*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

¹³⁶⁵ NOGUEIRA, João Pontes & MESSARI, Nizar. *Teoria das relações internacionais...* p. 20-104.

¹³⁶⁶ MEIRELES, Cecília. “Desarmamento...”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1932. In: _____ *Crônicas de educação*. v. 4... p. 243.

¹³⁶⁷ Cf. MITCHELL, Martha. “Woolley, Mary Emma.” In: *Encyclopedia Brunoniana*. Brown University Library, 1993. Disponível em https://www.brown.edu/Administration/News_Bureau/Databases/Encyclopedia/search.php?serial=W0340 Acesso em 02 mai. 2020.

¹³⁶⁸ MEIRELES, Cecília. “Desarmamento...”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1932. In: _____ *Crônicas de educação*. v. 4... p. 244.

¹³⁶⁹ MEIRELES, Cecília. “Desarmamento...”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1932. In: _____ *Crônicas de educação*. v. 4... p. 244-245.

1905¹³⁷⁰; a agitação antimilitarista e contra os créditos de guerra, que lhe rendeu um ano de prisão, de 1915 a 1916, advogando pelo socialismo democrático e pela solidariedade internacional, da pensadora polaco-alemã, Rosa Luxemburgo (1871-1919)¹³⁷¹; a denúncia da irracionalidade e do horror da guerra, concretizada, o mais das vezes, por homens, em prejuízo das mulheres, realizada pela escritora inglesa Virgínia Woolf (1882-1941) no conto “Uma sociedade”¹³⁷², de 1922; todas essas mulheres, atitudes e falas, provavelmente, teriam conquistado a admiração de Cecília, por meio do fundamento compartilhado de necessidade da paz, da liberdade, da justiça e da cooperação universal.

Em sua Página de Educação, Meireles, vale lembrar, colaborou com a divulgação dos trabalhos da União Universitária Feminina¹³⁷³, organização voltada para a defesa dos interesses femininos nas profissões liberais e para o desenvolvimento da intelectualidade feminina brasileira, com articulação internacional.¹³⁷⁴ Por essa mesma via de compreensão, poucos meses após comentar e apoiar a fala de Mary Woolley, entabulou uma série de artigos e reportagens em diálogo com Alfonso Reyes (1889-1959).¹³⁷⁵

Em uma dessas ocasiões, reproduziu, em sua crônica, as seguintes palavras, então recém proferidas pelo diplomata mexicano: “Não nos conhecemos. A antologia dos erros que cometemos em matéria de informação precisa, quando falamos uns com os outros, envergonharia o Continente.”¹³⁷⁶ Essa crítica de Reyes encarava um Brasil, cujas tradições culturais, desde o Império, pareciam tornar a América Latina muito distante e

¹³⁷⁰ Cf. SONDHAUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial...* p. 45-46. Ver também: <https://www.nobelprize.org/prizes/peace/1905/suttner/facts/> Acesso em 05 mai. 2020.

¹³⁷¹ LUXEMBURGO, Rosa. *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos – Volume 1 (1899-1914)*. Tradução de Stefan Fornos Klein et. al. Organização e revisão técnica de Isabel Loureiro. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2018. LUXEMBURGO, Rosa. *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos – Volume 2 (1914-1919)*. Organização, tradução do alemão e notas de Isabel Loureiro. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

¹³⁷² WOOLF, Virgínia. “Uma sociedade.” In: _____ *As mulheres devem chorar... ou se unir contra a guerra: patriarcado e militarismo*. Organização, tradução de notas de Tomaz Tadeu. Posfácio de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 9-28. (éFe; 1).

¹³⁷³ Ver, por exemplo: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Sábado, 28 de maio de 1932, p. 9.

¹³⁷⁴ Ver capítulo 3.

¹³⁷⁵ SILVA, Denilson de Cássio. “Pacifismo, educação e dimensões políticas na América Latina: Cecília Meireles em diálogo com Alfonso Reyes (Rio de Janeiro, década de 1930).” In: *Em tempo de histórias*. PPGHIS UnB. Brasília, nº 32, p. 103-124, jan-jul. 2018.

Crônicas de Cecília Meireles Uma recordação da juventude, 06 mar. 1931:6. O exemplo do México, 15 mar. 1931:6. Fraternidade, 23 jan. 1932:6. Sobre um discurso de Alfonso Reyes, 16 abr. 1932:6. “Atenea Política”, 03 mai. 1932:6 Para Alfonso Reyes, 04 mai. 1932:6. Esse glorioso México, 06 out. 1932:6. A extensão das pátrias, 14 dez. 1932:6. Notícias e reportagens O momento internacional: o dia pan-americano, 14 abr. 1932:2. Alfonso Reyes. O intercâmbio universitário e a obra da paz, 16 abr. 1932:6. Movimento Universitário, 03 de maio de 1932: 6. Guerra de conquista, 08 out. 1932:2. Disponíveis em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acessos: 31 out. 2017 a 25 mar. 2018.

¹³⁷⁶ MEIRELES, Cecília. “Sobre um discurso de Alfonso Reyes.” In: *Diário de Notícias*. Sábado, 16 de abril de 1932, p. 6.

estranha para os brasileiros, como avaliou Maria Lígia Coelho Prado.¹³⁷⁷ Contudo, as reflexões de Alfonso Reyes sinalizavam também para as possíveis alterações em andamento, almeçadas e incorporadas, de igual modo, por Meireles:

De algum tempo para cá é muito agradável reconhecer que se desenvolveu uma efervescência de curiosidade mútua entre os escritores e os meios intelectuais de nossa América, singularmente entre os literatos e os poetas, que são, de todos os trabalhadores do espírito, os que operam com valores mais universais, os que abarcam maiores zonas da alma, e também aqueles cujo labor é mais vivaz e ostensível. *Ouçam-nos bem os gogos que se vingam da palavra declarando-a impotente: este começo de solidariedade não foi produto do comércio nem da política de agora, mas da poesia, isto é, do espírito.*¹³⁷⁸

Nesse trecho, traduzido e transcrito por Cecília, nota-se que a ideia de atuação política em espaços públicos, por meio do uso da palavra e da arte, extrapolava o nicho partidário, o estrato oficial, denotando, para esses intelectuais, mais eficácia na realização de mudanças históricas do que acordos econômicos e diplomáticos, comumente imbuídos de suspeita mútua. A palavra, sob esse prisma, seria tão decisiva quanto as dimensões materiais e governamentais, investindo-se de legítima expressão política. Como mais tarde viria a ressaltar em entrevista e em cartas a Isabel do Prado e Côrtes-Rodrigues, as palavras deveriam ser tratadas com esmero ao invés de manipuladas para o ódio e a mentira e, tanto pior, esvaziadas e desmoralizadas.¹³⁷⁹

¹³⁷⁷ Maria Lígia Coelho Prado elenca dois momentos importantes em que se destacou a formação de um imaginário nacional em torno da “outra”, da “distante” América hispânica. Foram eles as décadas seguintes à proclamação da independência política, em 1822, e os primeiros anos da república, proclamada em 1889. Analisando textos e comentários de diferentes intelectuais desses períodos – como, por exemplo, no primeiro, Von Martius, Vanhagen, José Soares de Souza; e no segundo, José Veríssimo, Oliveira Lima – a autora avalia que “[...] eram duas Américas, uma da ordem, da paz e da unidade e a outra, do individualismo nefasto [...], do caos, da anarquia, da fragmentação. Mesmo em plena República, o imaginário sobre a identidade nacional combinava à ideia de unidade, a de ordem garantida pelo regime monárquico.” (p.144). A autora aponta também que, à corrente hegemônica de concepção em torno de uma “outra” América hispânica, opunham-se entendimentos mais matizados e favoráveis à aproximação do Brasil com os demais países latino-americanos. Lembra-se, por exemplo, de Manoel Bomfim, cuja obra intitulada “A América Latina: males de origem”, publicada em 1903, expunha simpatia pela ligação entre Brasil e América espanhola, vindo a suscitar críticas ferozes de Silvio Romero. (p. 140). Vale lembrar que Manoel Bomfim foi professor de Cecília Meireles na Escola Normal do Distrito Federal, nos anos 1910. Com essa observação, não se pretende estabelecer nenhum tipo de relação mecânica entre o possivelmente ensinado e o possivelmente aprendido, ou um vínculo causal simplista, unilateral. Espera-se, antes, sinalizar o clima cultural de formação de Cecília Meireles, no qual, se havia interpretações predominantes, ocorriam igualmente embates, que, ocasionalmente, poderiam informar as pessoas e complexificar o imaginário em curso. PRADO, Maria Lígia Coelho. “O Brasil e a distante América do Sul.” In: *Revista de História*. São Paulo, n.145, p. 127-149, 2001. Ver também: BAGGIO, Kátia Gerab. *A “outra” América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. Tese (Doutorado). 226 f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998.

¹³⁷⁸ REYES, Alfonso. Apud: MEIRELES, Cecília. “Sobre um discurso de Alfonso Reyes.” In: *Diário de Notícias*. Sábado, 16 de abril de 1932, p. 6.

¹³⁷⁹ Cf. Tópico 5.4. e 5.5.

5.7.1. Leituras de Nada de novo no front

Um dos recursos de maior impacto para a consciência pacifista da época foi o surgimento de testemunhos da carnificina, carreado em formas de narrativas memoriais e/ou de romances históricos.¹³⁸⁰ Ao mesmo tempo em que a Grande Guerra se caracterizou por inovações e aprimoramentos tecnológicos de destruição em larga escala, como gás, tanques, lança-chamas, aviões, metralhadoras, bombas, granadas de mão e rifles, contou com um contingente de soldados com um nível de escolaridade inédito. Daí a multiplicação de cartas, diários, relatos, poemas e anotações variadas, que registraram os bastidores da hecatombe.¹³⁸¹

Uns difundiam uma concepção de guerra à oitocentista, enaltecendo valores, supostamente, heroicos das campanhas militares, tais como sacrifício em nome da pátria, coragem mítica, entusiasmo guerreiro¹³⁸²; outros denunciavam os horrores da matança, mostrando-a, inglória, como um inferno. Entre os primeiros salienta-se o *Tempestades de aço*, de Ernst Jünger, publicado em 1920.¹³⁸³ Entre os segundos, ainda no calor das explosões, *O fogo*, de Henri Barbusse¹³⁸⁴, e, mais tarde, *Adeus às armas*, de Ernst Hemingway.¹³⁸⁵ Contudo, nenhum deles ricocheteou como *Nada de novo no front*, de Erich Maria Remarque (1898-1970).¹³⁸⁶

Originada de rascunhos do autor sobre os traumas do que viu e viveu no front, em sua juventude, a obra foi publicada em folhetins na Berlim de 1928. Com o êxito alcançado, receberia o formato de livro no ano seguinte e teria uma repercussão sem precedentes na literatura moderna alemã.¹³⁸⁷ O romance, mistura de inventividade e de relato memorialístico, de liberdade criativa e de acuidade histórica, conta a trajetória de

¹³⁸⁰ Cf. CORNELSEN, Elcio & BURNS, Tom. (Org.). *Literatura e guerra*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. (Invenção).

¹³⁸¹ Cf. BARBUSSE, Henri. *O fogo*. [1916]. Tradução de Lívia Bueloni Golçalves. São Paulo: Editora Madalena, 2015. (Coleção Linha do Tempo). SONDHANUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial...* VICENT, Davi. *The rise of mass literacy: reading and writing in modern Europe*. Cambridge: Polity, 2000.

¹³⁸² Douglas Attila Marcelino lembra que “a morte, sobretudo em tempos de guerra, é uma verdadeira fábrica de heróis, produtora de virtudes, de modelos a serem imitados.” MARCELINO, Douglas Attila. *Historiografia, morte e imaginário: estudos sobre racionalidades e sensibilidades políticas*. São Paulo: Alameda, 2017, p. 13.

¹³⁸³ JÜNGER, Ernst. *Tempestades de aço*. [1920]. Tradução e notas de Marcelo Backes. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

¹³⁸⁴ BARBUSSE, Henri. *O fogo...*

¹³⁸⁵ HEMINGWAY, Ernst. *Adeus às armas*. [1929]. Tradução de Monteiro Lobato. 13. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

¹³⁸⁶ REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. [1929]. Tradução de Helen Rumjaneck. Porto Alegre: L&PM, 2004. (Coleção L&PM Pocket). Título original: *Im Westen nichts Neues*.

¹³⁸⁷ O livro foi traduzido para 58 idiomas e já vendeu mais de dez milhões de cópias no mundo todo. Cf. REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. [1929]... p. 7.

um grupo de jovens, protagonizado e narrado por Paul Bäumer, filho de família alemã humilde. A narrativa expõe a propaganda de guerra na sociedade, a influência da figura do professor, atijando os jovens a correr para a junta de alistamento, sob o risco de serem enquadrados como covardes, o entusiasmo juvenil, o sonho de aventuras heroicas, o enaltecimento da defesa da pátria. Este cenário inicial, rapidamente, esboroa-se em face da crueza e da brutalidade da guerra. Os personagens vão desafiando suas vivências de criaturas assustadas, maltrapilhas, subalimentadas, com medo e com um feroz instinto de sobrevivência, cercadas pelo fantasma da perda de pudores, por piolhos e ratos, doenças e cadáveres. E um forte desejo de não se privar por completo de sua humanidade. Uma concepção radicalmente avessa à idealização otimista da guerra.

O livro tornou-se um manifesto pacifista instantâneo. Não porventura foi acusado de propaganda antipatriótica pelos nazistas em ascensão e, seu autor, pressionado a deixar o país, em 1931.¹³⁸⁸ A retumbância da obra ainda foi amplificada por sua adaptação ao cinema, em 1930, dirigida por Lewis Milestone, com arrebatador sucesso de crítica e de bilheteria.¹³⁸⁹

Cecília leu e releu o *Nada de novo no front*, bem como assistiu à versão ganhadora das estatuetas de melhor filme e de melhor diretor do recém-instituído Prêmio da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, o Oscar.¹³⁹⁰ Em contato com anúncios e com outros comentários do *Nada de novo no front*, Cecília não só citou, analisou e estabeleceu interfaces com o livro e a película, como fez o mesmo no tocante ao *O caminho de volta*, obra seguinte de Remarque, de 1930¹³⁹¹, que contou as experiências dos soldados no retorno à vida civil. Considerando-se, com Roger Chartier, que “[...] a

¹³⁸⁸ Remarque foi para a Suíça e, em 1939, emigrou para o Estados Unidos, onde naturalizou-se, em 1947. Cf. REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. [1929]... EVANS, Richard. J. *A chegada do Terceiro Reich*. Tradução de Lúcia Brito. 3ª ed. São Paulo: Planeta, 2016.

¹³⁸⁹ Cf. REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. [1929]... UNIVERSAL STUDIOS. *Nada de novo no front*. Direção de Lewis Milestone. Estrelando Lew Aires, Louis Wolheim, com John Wray, Slim Summerville, William Bekewell. Livro de Eric Maria Remarque. Roteiro de George Abbott. Direção de fotografia de Arthur Ederson. Universal City, Los Angeles: Universal Pictures, 1929/1930. 1 disco blu-ray, remasterizado, 2012 (ca: 133 min. Preto e branco). CORNELSEN, Elcio. “Cenas literárias da Primeira Guerra Mundial: Ernst Jünger e Eric Maria Remarque.” In: _____ & BURNS, Tom. (Org.). *Literatura e guerra*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 29-54. (Invenção).

¹³⁹⁰ Cf. REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. [1929]... p. 5-7. Ver também: UNIVERSAL STUDIOS. *Nada de novo no front*. Direção de Lewis Milestone. Estrelando Lew Aires, Louis Wolheim, com John Wray, Slim Summerville, William Bekewell. Livro de Eric Maria Remarque. Roteiro de George Abbott. Direção de fotografia de Arthur Ederson. Universal City, Los Angeles: Universal Pictures, 1929/1930. 1 disco blu-ray, remasterizado, 2012 (ca: 133 min. Preto e branco).

¹³⁹¹ REMARQUE, Erich Maria. *O caminho de volta*. [1930]. Tradução de Bêlchior Cornelio da Silva. Rio de Janeiro: Record, 1958.

leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados [...]”¹³⁹², situada no entroncamento polissêmico entre as intenções do autor e a liberdade do leitor, Cecília estabeleceu uma aguda relação com as obras e os autores que a cativavam, buscando compartilhar emoções e pensamentos:

[...] há muitas maneiras de ler. A mais simples e generalizada é a que se resume em unir consoantes às vogais, formando sílabas que, por sua vez, formam palavras. Daí adiante é que começa a ser difícil, porque a palavra é um organismo vivo, segundo a maneira por que está colocada, mas, principalmente, segundo a maneira por que foi pensada, e aquela pela qual possa ser lida...¹³⁹³

Antes mesmo da estreia da obra nos cinemas brasileiros, parte da imprensa já açodava a curiosidade do público sobre o filme, exibido pela primeira vez, em abril, nos Estados Unidos. O *Diário de Notícias* foi pródigo em divulgar e discutir o trabalho. Expressando as repercussões do livro e do filme, em setembro de 1930, noticiou-se na sessão “Cinematografia”¹³⁹⁴: “‘Sem novidade no front’, o título, é inútil repetir, é o do romance famoso de Eric Maria Remarque, que a Universal transplantou, com enorme sucesso, para o cinema. É uma das maiores realizações do cinema sonoro.”¹³⁹⁵ E antevia: “É provável que sua estreia entre nós seja feita no próximo mês de outubro.”¹³⁹⁶ No dia 5 propagandeava-se com expectativa:

É muito provável que no fim deste mês [outubro] ou no princípio do próximo a Universal apresente ao nosso público o seu grande filme, inspirado na famosa obra de Eric Maria Remarque: “Sem novidade no front”. Interpretado por um pugilo de artistas brilhantes, entre os quais estão Lew Ayres, que vimos ao lado de Greta Garbo, em *O Beijo*, e Louis Wolheim, que ainda há pouco nos apareceu em “O Veleiro de Shanghai”, “Sem novidade no front”, que é, sem dúvida, a página mais forte de realismo até hoje desenvolvida no cinema, vale por um espetáculo em que as emoções intensas se desenvolvem da primeira cena ao desfecho. Dirigido por Lewis Milestone, esse filme formidável está alcançando, na América, o maior êxito, e sua apresentação no Rio de Janeiro está sendo aguardada com impaciência por todos os ‘fãs’. A fábrica de Carl Laemmle tem, em “Sem novidade no front”, uma obra de que sempre se orgulhará.¹³⁹⁷

¹³⁹² CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. [1997]. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 77.

¹³⁹³ MEIRELES, Cecília. “Dia a dia”. In: *Correio Paulistano*, 12 de abril de 1945. In: _____ *Cecília Meireles: obra em prosa*. V. 1. ... p. 132.

¹³⁹⁴ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. Domingo, 14 de setembro de 1930, p. 24.

¹³⁹⁵ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. Domingo, 14 de setembro de 1930, p. 24.

¹³⁹⁶ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. Domingo, 14 de setembro de 1930, p. 24.

¹³⁹⁷ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. Domingo, 5 de outubro de 1930, p. 24.

Mostrando-se a par das consequências do lançamento, Cecília reservou um espaço da Página de Educação, em 13 de dezembro, para reproduzir notícia do dia anterior, vinda de Berlim:

“NADA DE NOVO NA FRENTE OCIDENTAL”

Interrompida a exibição do filme retirado da obra de Remarque

Berlim, 12 – (A. B.) – Já ontem à noite fizeram-se sentir os primeiros efeitos da decisão da Repartição Superior de Censura, mandando interromper a exibição do filme retirado da obra de Maria Remarque, “Nada de novo na Frente Ocidental”.

Após uma sessão de cinco horas, a Censura decidiu por julgar o filme, incriminado pelos nacionais-socialistas como prejudicial ao bom nome da Alemanha e à honra do exército nacional.

A decisão, acentuou a Repartição Superior de Censura, não sofreu qualquer influência, quer das demonstrações chefiadas pelos nacionais-socialistas, quer de parte de grandes casas norte-americanas de filmes.¹³⁹⁸

A despeito da afirmação das autoridades alemãs, isentando-se de ceder a coações de grupos de interesse, claro está que a furiosa campanha, por parte dos ultranacionalistas foi levada em conta para a decisão de suspender a exibição do filme.¹³⁹⁹ No Brasil, a película, estreada em outubro de 1930, gozou de popularidade. No embalo das notícias do longa-metragem foi publicada a maior parte do capítulo quarto do livro, tomando metade de uma página, acompanhada pela fotografia, abaixo.

¹³⁹⁸ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Página de Educação. Rio de Janeiro. Sábado, 13 de dezembro de 1930, p. 7.

¹³⁹⁹ Confrontos de rua entre policiais e nazistas e invasão de teatros e salas de cinema por estes últimos marcaram a campanha contra o filme. Cf. EVANS, Richard. J. *A chegada do Terceiro Reich...* p. 173. URWAND, Ben. *A colaboração: o pacto entre Hollywood e o Nazismo*. [2013]. Tradução de Luis Reyes Gil. São Paulo: Leya, 2014, p. 17-53. DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. Terça-feira, 9 de dezembro de 1930, p. 3.

Imagem 24. *Eric Maria Remarque, autor de Nada de novo no front.*



(Fonte: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 1 de fevereiro de 1931, p. 26.)

Cecília dedicou uma crônica específica à sua experiência no cinema, intitulada "Nada de novo na frente ocidental", de 26 de abril de 1931. Demonstrando conhecimento de todos os dez capítulos da obra, Meireles pôs-se, aflita, a imaginar "como pensam essas multidões que todos os dias desta semana assistiram à passagem do filme sobre a notável obra de Remarque."¹⁴⁰⁰ O embaraço deveu-se à constatação de adultos levarem "criancinhas de até uns cinco anos"¹⁴⁰¹ para ver um filme daquele quilate. Na sala de projeção, Cecília relata ter escutado os pequenos balbuciarem: "Que é aquilo, hein? Os alemães são espertos, são? Quem foi aquele que morreu agora? Foi francês?"¹⁴⁰² Ali situada,

entre a enorme tragédia que se derramava pela tela, e a pequenina voz medrosa das crianças que avidamente a absorviam pelos grandes olhos

¹⁴⁰⁰ MEIRELES, Cecília. "Nada de novo na frente ocidental". In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 26 de abril de 1931, p. 6. Grifo original.

¹⁴⁰¹ MEIRELES, Cecília. "Nada de novo na frente ocidental". In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 26 de abril de 1931, p. 6.

¹⁴⁰² MEIRELES, Cecília. "Nada de novo na frente ocidental". In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 26 de abril de 1931, p. 6.

atentíssimos, tive esse constrangimento de coração que nos advém diante dos acontecimentos dolorosos e inevitáveis.¹⁴⁰³

Os demais parágrafos do texto, então, com exceção do último, arrolaram perguntas, realçando aspectos dramáticos e propensos a despertar nos leitores empatia com o ser humano e repúdio ao belicismo. Cecília indagou a si: “Como pensarão, agora, a respeito desses velhos professores que fazem tiradas retóricas sobre civismo e militarismo, defesa da Pátria, heroicidade etc?”¹⁴⁰⁴ A cronista remetia à função crucial do professor Kantorek em estimular a índole bélica e convencer Paul, Kaczinsky, Kropp, Müller e outros jovens a comporem as fileiras do exército. O questionamento de Cecília vinha ao encontro da compreensão do protagonista, para o qual a culpa pelo desastre não repousava em um só indivíduo, pois “houve milhares de Kantoreks, todos convencidos de que procediam da melhor forma e de maneira cômoda para eles.”¹⁴⁰⁵ Por ações deste tipo, segundo Bäumer, “estávamos cheios de ideias vagas, que emprestam à vida, e também à guerra, um caráter idealista e quase romântico.”¹⁴⁰⁶

Na sequência a colunista interrogou: “Como pensarão a respeito dos oficiais inflados de vaidade pelo número de galões, - que ficam para traz, socorrendo um dedo ferido, mas gritando aos soldados que avancem, que avancem?”¹⁴⁰⁷ Mais: “Como pensarão a respeito desses senhores cheios de ideias, que discutem sobre mapas, e têm – *lá muito longe da linha de frente* - o seu plano estratégico de uma infalibilidade perfeita?...”¹⁴⁰⁸ Tais perguntas trouxeram à baila mais de uma cena do longa-metragem e remeteu às inquietações de Bäumer: “Em alguma mesa, é assinado um documento, por pessoas que nenhum de nós conhece, e então, durante anos, o nosso objetivo supremo é aquilo que, em tempos normais, é objeto da abominação universal e da mais enérgica reprovação.”¹⁴⁰⁹ A crítica aos governantes e poderosos, distantes da realidade das batalhas e indiferentes ao massacre do cidadão comum é também recorrente na obra de Remarque e foi reiterada por Meireles.

¹⁴⁰³ MEIRELES, Cecília. “Nada de novo na frente ocidental”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 26 de abril de 1931, p. 6.

¹⁴⁰⁴ MEIRELES, Cecília. “Nada de novo na frente ocidental”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 26 de abril de 1931, p. 6.

¹⁴⁰⁵ REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. [1929]... p. 17.

¹⁴⁰⁶ REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. [1929]... p. 24.

¹⁴⁰⁷ MEIRELES, Cecília. “Nada de novo na frente ocidental”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 26 de abril de 1931, p. 6.

¹⁴⁰⁸ MEIRELES, Cecília. “Nada de novo na frente ocidental”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 26 de abril de 1931, p. 6. Itálico original.

¹⁴⁰⁹ REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. [1929]... p. 151.

A articulista continuou: “Como pensarão dessa vida de campanha que reduz um homem a um objeto? Não sei se ainda vos lembrais da frase: - Mas ele era nosso amigo! – Aqui não há amigos... São todos soldados e nada mais...”¹⁴¹⁰ Bäumer conta que, desde o período preparatório para seguir para as trincheiras, “tornamo-nos duros, desconfiados, impiedosos, vingativos e brutais [...]”¹⁴¹¹ Meireles captou, em sua observação, a medula do que Remarque denunciava, o terrível efeito da guerra em desumanizar o humano, em tornar a vida descartável, em reduzir o semelhante à categoria de objeto, e a si à condição de animal, despido da mais tênue “camada de decência.”¹⁴¹² Complementando a questão anterior:

Como pensarão a respeito desse dever de matar aqueles a quem nem sequer se deseja mal, que nem sequer se conhecem, e cujos pés depois se abraçam, com arrependimento, chorando por não se possuir o poder de os ressuscitar?¹⁴¹³

Em determinada passagem, em meio ao fogo cruzado, ao alvorecer, Paul vê-se em uma cratera enlameada com um francês e, no combate ferino por sobrevivência, o apunhala três vezes. O soldado, entretanto, não morre de imediato, agoniza por horas e Bäumer, transtornado, arrepende-se de ter chegado a tais extremos:

À tarde, atinjo o limite dos pensamentos. A fome me devora: é tanta, que sinto vontade de chorar, não consigo lutar contra isto. Por várias vezes, vou buscar mais água para o moribundo, e eu mesmo bebo também. Este é o primeiro homem que matei com minhas próprias mãos e cuja morte, posso constatá-lo sem sombra de dúvida, foi obra minha.¹⁴¹⁴

Quando, enfim, às 15h – emblematicamente, mesma hora em que Jesus, conforme relato bíblico, teria morrido¹⁴¹⁵ - o homem dá o último suspiro, Paul conversa com o cadáver: “Companheiro, não queria matá-lo. Se saltasse novamente aqui para dentro, não o faria, se você também fosse razoável. [...] Perdoe-me, companheiro, como é que você pôde ser meu inimigo? [...]”¹⁴¹⁶ O pesar por haver tomado parte naquela tragédia é outro elemento que sustenta e atravessa a narrativa, também percebido por Meireles, que foi adiante:

¹⁴¹⁰ MEIRELES, Cecília. “Nada de novo na frente ocidental”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 26 de abril de 1931, p. 6.

¹⁴¹¹ REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. [1929]... p. 28.

¹⁴¹² REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. [1929]... p. 41.

¹⁴¹³ MEIRELES, Cecília. “Nada de novo na frente ocidental”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 26 de abril de 1931, p. 6.

¹⁴¹⁴ REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. [1929]... p. 171.

¹⁴¹⁵ Marcos, 15:25. Cf. THE NEW AMERICAN BIBLE. Revised Edition. Washington, DC: World Catholic Press, 2011, p. 1136-1137.

¹⁴¹⁶ REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. [1929]... p. 173.

Como pensarão sobre esse homem que volta da experiência terrível do fogo e do sangue, - em que os inocentes se debatem com a morte, querendo, antes de tudo, a vida, a vida, - e têm de dizer aos meninos de uma classe, já deformada pelas ideias do professor, que todo o seu heroísmo se resume em *matar para não morrer*?¹⁴¹⁷

A cronista recordou o momento em que Bäumer, após duros combates, conseguiu uma licença de duas semanas para voltar para sua cidade e sua família. Na adaptação para a tela consta que Paul, ao passar pela escola em que estudara, o mesmo professor continuava a exercitar sua retórica belicista para rapazes ainda mais moços. Convidado por Kantorek a dar testemunho de sua experiência guerreira, Paul afirmou não haver nada para falar: “Vivemos nas trincheiras, tentamos não ser mortos... Algumas vezes somos. Isso é tudo.”¹⁴¹⁸ Diante desta fala, o professor e seus alunos taxaram-no de covarde, indiferentes à ruína psíquica do depoente, que parece não haver se surpreendido com a reação, dada a lavagem cerebral coletiva, em curso: “naquela época, até os nossos próprios pais usavam facilmente a palavra ‘covarde’.”¹⁴¹⁹ Na elucubração de Meireles: “Como pensarão desses que o não compreendem, que o julgam que o repelem como um criminoso – a ele que soube ver com os mais doloridos olhos, o massacre fatal em que as personalidades se submergiram dentro de uma farda qualquer?...”¹⁴²⁰

De uma perspectiva mais ampla, ponderou:

Como pensarão sobre todas essas coisas as multidões que soluçaram baixinho diante da obra de Remarque – obra que não é de imaginação, mas de experiência, não de fantasia, mas de realidade, de uma realidade horrível que todos os votos de paz futura ainda serão poucos para redimir?

Como pensarão da Guerra todos esses que a viram ali, sobre uma tela, ainda muito longe, ainda com poucos gritos, ainda com poucas mortes, como um simples episódio de si mesma, repetido durante longos anos, grandes, infinitos como a vida e a morte?¹⁴²¹

Mais do que se ater aos atributos artísticos do livro e do filme, Meireles priorizou uma leitura engajada, com foco na realidade, que servira de base para a literatura e para o cinema. A ela importava frisar, acima de tudo, a experiência humana e histórica, que

¹⁴¹⁷ MEIRELES, Cecília. “Nada de novo na frente ocidental”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 26 de abril de 1931, p. 6. Itálico original.

¹⁴¹⁸ UNIVERSAL STUDIOS. *Nada de novo no front*. Direção de Lewis Milestone. Estrelando Lew Ayres, Louis Wolheim, com John Wray, Slim Summerville, William Bekewell. Livro de Eric Maria Remarque. Roteiro de George Abbott. Direção de fotografia de Arthur Ederson. Universal City, Los Angeles: Universal Pictures, 1929/1930. 1 disco blu-ray, remasterizado, 2012 (ca: 133 min. Preto e branco).

¹⁴¹⁹ REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. [1929]... p. 17.

¹⁴²⁰ MEIRELES, Cecília. “Nada de novo na frente ocidental”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 26 de abril de 1931, p. 6.

¹⁴²¹ MEIRELES, Cecília. “Nada de novo na frente ocidental”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 26 de abril de 1931, p. 6.

cicatrizara sua geração e cuja hediondez mal poderia ser comunicada ou representada. A cronista indicou, assim, que o acontecimento excedia tentativas de verbalização, as quais, válidas e louváveis, não logravam, contudo, abarcar a totalidade de algo intraduzível. O próprio Paul Bäumer, ao retornar à sua casa, durante seu curto e traumático período de licença, relatou que seu pai sustinha uma curiosidade “ao mesmo tempo tola e comovente”¹⁴²² sobre o que se passava no front. E observou:

Compreendo que [meu pai] não saiba que essas coisas não podem ser contadas, apesar de ter vontade de agradecer-lhe; mas é muito perigoso para mim transformar os acontecimentos em palavras: tenho medo de que eles então se agigantem de tal modo que eu não consiga mais dominá-los. Onde estaríamos, se tudo que nos acontece no campo de batalha fosse muito claro para nós?¹⁴²³

Adiante, ao adentrar seu quarto, o emudecimento das palavras escancarou o vazio de sentido vivenciado:

Cansado, levanto-me e olho pela janela. Depois, pego um dos livros e o folheio, tentando ler, mas abandono-o e pego outro. Há trechos que estão sublinhados. Procuo, folheio, retiro novos livros. Já se forma uma pilha a meu lado. Outros se juntam ainda mais depressa aos primeiros... e também papéis, cadernos, cartas. Silencioso estou diante deles. Como num tribunal. Sem forças. *Palavras, palavras, palavras... elas não me alcançam*. Lentamente, reponho os livros nos seus lugares. Acabou-se. Sem ruído, saio do quarto.¹⁴²⁴

Em 1933, outro alemão escreveria sobre a geração “que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história universal”¹⁴²⁵, notando que “os combatentes voltavam mais silenciosos do campo de batalha”¹⁴²⁶, “mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos.”¹⁴²⁷ Para Walter Benjamin, à grande maioria das pessoas, apartada do pequeno grupo dos poderosos, caberia se reinventar, traçar um recomeço, por entre os escombros do patrimônio humano, a barbárie do dito progresso e a pobreza de experiências da humanidade. Cecília não se distanciava desse entendimento e concluiu sua crônica, tentando vislumbrar, justamente, a partir das reações dos expectadores do longa, as possibilidades de interconexão, de vínculos significativos para a coexistência, de pensar e de agir de outro modo na vida da *pólis*:

¹⁴²² REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. [1929]... p. 132.

¹⁴²³ REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. [1929]... p. 132.

¹⁴²⁴ REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. [1929]... p. 138. Itálico nosso.

¹⁴²⁵ BENJAMIN, Walter. “Experiência e pobreza”. In: _____ *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8ª ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 123. (Obras escolhidas v. 1).

¹⁴²⁶ BENJAMIN, Walter. “Experiência e pobreza”. In: _____ *Magia e técnica, arte e política...* p. 124.

¹⁴²⁷ BENJAMIN, Walter. “Experiência e pobreza”. In: _____ *Magia e técnica, arte e política...* p. 124.

Queria perguntar isto a cada pessoa que assistiu ou leu o “Nada de novo na frente ocidental”. Porque, pela resposta a essa pergunta, se pode conhecer o que um indivíduo pensa de outro indivíduo, nestes limites terrenos em que se localiza a humanidade, e o que essa humanidade pode esperar neste futuro indecifrável que nos aguarda...¹⁴²⁸

Três dias depois de publicado o artigo de Meireles apareceu uma crítica cinematográfica, de autoria de Simões Coelho, ressaltando as melhorias tecnológicas do material, que, a seu ver, também poderia ter sido chamado de “A Guerra como ela é!”¹⁴²⁹ Embora, diferentemente de Cecília, tenha buscado explorar os aspectos técnicos da película, Coelho, como aquela, inseriu considerações de ordem ético-política e finalizou:

O filme “Sem novidade no front” deve ser visto por toda a gente. Penso que o mundo inteiro vê-lo-á com interesse moral, porque talvez o filme com os meios convincentes da sua “ação direta”, contribua, ao menos, para evitar que outra catástrofe abata as novas gerações.¹⁴³⁰

A análise foi ilustrada com o frame, abaixo, com o ator Lew Aires, interpretando Paul Bäumer.

Imagem 25. *Frame de Nada de novo no front*



(Fonte: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 29 de abril de 1931, p. 3)

Em 12 de junho, Cecília voltou, novamente, à Remarque. Citando um longo trecho de *O caminho de volta*, a colunista tornou a tratar das perdas da guerra, que foram

¹⁴²⁸ MEIRELES, Cecília. “Nada de novo na frente ocidental”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 26 de abril de 1931, p. 6.

¹⁴²⁹ COELHO, Simões. “Técnica cinematográfica: “Sem novidade no front””. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 29 de abril de 1931, p. 3.

¹⁴³⁰ COELHO, Simões. “Técnica cinematográfica: “Sem novidade no front””. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 29 de abril de 1931, p. 3.

muito além da destruição material, fustigando, igualmente, a capacidade de comunicação e de criação de significados. Na transcrição apresentada pela crônica, lê-se sobre as dificuldades de reinserção de ex-combatentes à vida civil, em especial, aos que se dedicavam ao ofício de ensinar:

Volto à minha classe. Os pequeninos estão sentados em seus bancos, com as mãozinhas cruzadas. Em seus olhares se reflete ainda todo o assombro tímido da infância. E olham-me com tal confiança que quase me sinto mal.

Aqui estou eu diante de vós; aqui está um desses cem mil fracassados a quem a guerra despojou de toda a sua fé e de quase toda a sua energia...

[...]

Que vos poderia eu ensinar? Vou ensinar-vos como se manejam as granadas de mão e se lançam contra um semelhante? Qual é a melhor tática para cravar a faca no peito de outro, matá-lo de uma coronhada ou deixá-lo morto com um golpe de pá? [...] Ou contar-vos como se clama quando se tem um tiro no ventre, como se estertora quando se recebeu uma bala no pulmão, como se silva entre os dentes, com um estilhaço de metralha na cabeça? É tudo que sei! Foi tudo quanto me ensinaram! [...] ¹⁴³¹

A escolha de um trecho tão potencialmente chocante não se deu ao acaso. Meireles procurava, com Remarque, inquietar seus leitores, retirá-los do comodismo, da insensibilidade, dos embustes militaristas-belicistas, e conclamá-los para a edificação de uma paz efetiva, fruto da liberdade, da igualdade e da fraternidade. Urgia reelaborar o valor da palavra, da dignidade humana, de pessoas capazes de renovar o próprio conceito de professor. Este que, no sentir de Cecília, deveria se desvencilhar do peso da burocracia do cargo e se fazer professor-criador, professor-artista, apto a inspirar gente nova para um mundo novo. A página de Remarque, no dizer de Meireles, “o homem que viveu experiências tão grandiosas, antes, durante e após a guerra, tem um sentido grave e doloroso, como tudo que fala na Verdade.” ¹⁴³² Sentido que ainda não havia sido bem absorvido, em vista do agora, “nestes sinistros tempos em que há novos prenúncios de carnificina nos horizontes do mundo [...]” ¹⁴³³

Apesar e por causa dos maus auspícios daquele início de década, a obra de Remarque transformou-se em aliada de peso para o pacifismo e Cecília, em agosto de 1931 abriu espaço para que o jornalista e educador paranaense, Raul Gomes (1889-1975),

¹⁴³¹ MEIRELES, Cecília. “Uma página de Remarque”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 12 de junho de 1931, p. 7. No livro a citação completa, feita por Cecília, situa-se em: REMARQUE, Erich Maria. *O caminho de volta*. [1930]... p. 191-193.

¹⁴³² MEIRELES, Cecília. “Uma página de Remarque”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 12 de junho de 1931, p. 7.

¹⁴³³ MEIRELES, Cecília. “Uma página de Remarque”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 12 de junho de 1931, p. 7.

também contribuisse para a discussão das ideias de Eric Maria. Gomes analisou as críticas do autor à deficiência de certo modelo de ensino, baseado na “decoreção de nomes inúteis, sem o exercício das faculdades de observação, essenciais na campanha da existência.”¹⁴³⁴ Para o colaborador da Página de Educação, tanto a juventude alemã, quanto a brasileira, ainda eram assoladas por esse sistema.

Em novembro, mês de assinatura do armistício de 1918, distinguia-se na capital a Semana da Paz. Meireles debateu as acepções daquela celebração e, uma vez mais, referiu-se a Remarque, situando-o na mesma linha de trabalho de Barbusse. O desespero de matar e morrer, a obediência a autoridades, portadoras de interesses alheios ao bem geral, a desgraça de sobreviver ao martírio, o amor que não se pode mostrar:

Tudo está diante de nós, de Barbusse a Remarque, e tudo isso apela para o fundo da nossa vida, condenando o crime de morrer sem dignidade na loucura geral das guerras, vindas de obscuras e impenetráveis fermentações.¹⁴³⁵

No entender de Meireles, “toda a literatura sangrenta da Grande Guerra”¹⁴³⁶, com seu clamor pacifista, ainda não havia sido, efetivamente, levada a sério, pois naqueles dias em que se almejava lembrar da paz, aportavam telegramas com notícias de que o mundo começava a “banhar-se de novo em sangue humano.”¹⁴³⁷ Se a semana corrente requeria um minuto de silêncio e de reflexão era imprescindível ir-se além:

Pensar apenas na paz é, certamente, uma ótima intenção. Mas pensar procurando dar-lhe corpo numa resolução eficiente é virtude maior, que pode nascer da aliança do desejo humano, esse desejo todo poderoso, autor e dono para sempre do mundo e da vida.¹⁴³⁸

A verve humanística de Cecília emergiu com toda a pujança nesse trecho, atribuindo à ação humana a capacidade de guiar-se por seus próprios pés, sem interferências sobre-humanas, valendo-se de seus desejos, de sua inventividade, de sua virtude em participar de um destino comum, dando-lhe forma mais adequada. Até mesmo em meio à loucura de impulsos destrutivos, haveria condições de se encontrar outros possíveis, pois a história não estaria fechada, determinada de antemão.

¹⁴³⁴ GOMES, Raul. “A escola e a vida: através a obra de Remarque.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 7 de agosto de 1931, p. 6.

¹⁴³⁵ MEIRELES, Cecília. “Semana da paz”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 8 de novembro de 1931, p. 7.

¹⁴³⁶ MEIRELES, Cecília. “Semana da paz”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 8 de novembro de 1931, p. 7.

¹⁴³⁷ MEIRELES, Cecília. “Semana da paz”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 8 de novembro de 1931, p. 7.

¹⁴³⁸ MEIRELES, Cecília. “Semana da paz”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 8 de novembro de 1931, p. 7.

Nesta crônica sobre a Semana da Paz, Cecília compadeceu-se do prosseguimento da guerra sino-japonesa, iniciada em 1931 com a invasão do Japão à região chinesa da Manchúria.¹⁴³⁹ Voltando a dissertar sobre o conflito em fevereiro do ano seguinte, em “Dois poemas chineses”¹⁴⁴⁰, a articulista avaliou: “[...] a China diz: ‘Nós não queremos a guerra. Mas combateremos até o último homem.’ E o Japão replica: ‘Nós não queremos a guerra. Mas precisamos defender-nos dos ultrajes.’”¹⁴⁴¹ Nessa troca de acusações e de dúvidas, segundo Meireles, continua-se praticando a guerra, atualizando o diagrama traçado por Tu-Fu e Tchong há mais de quinhentos anos. A guerra não seria uma fatalidade, mas uma escolha mantida pelos seres humanos, atingindo a todos os povos. Por isso, a esperança seria “frágil”¹⁴⁴², mas também indispensável à mudança, sempre possível, porque histórica, dos rumos da humanidade.

Em junho de 1932, Cecília retornou a Remarque para argumentar que a camaradagem poderia surgir e resistir contra todas as probabilidades. Foram lembradas as memórias de guerra, em *Nada de novo no front*, nas quais Paul Bäumer e seus colegas, submersos em angústias, violências e remorsos, sentiam “uma palpitação fraternal”¹⁴⁴³, a animá-los, uma experiência de horizontalidade, de igualdade na precariedade, a tornar toda e qualquer vida digna de luto:¹⁴⁴⁴ “todos sentiam a sua unidade, sofrendo. Todos sentiam os seus deveres e seus direitos, sem fraude, sem hipocrisia, sem véus. E sabiam o que fazer uns pelos outros.”¹⁴⁴⁵ Esse parâmetro de relação social, norteado pelo autocuidado mútuo, poderia, do ponto de vista de Meireles, servir de elemento organizador da sociedade. A camaradagem, afinal, seria “um nome atenuado do

¹⁴³⁹ Este fato, posteriormente, será considerado um dos marcos sinalizadores da disposição de retomada de um conflito generalizado. Conforme sintetiza Eric Hobsbawm, em retrospectiva: “Os marcos miliários na estrada para a guerra foram a invasão da Manchúria pelo Japão em 1931; a invasão da Etiópia pela Itália em 1935; a intervenção alemã e italiana na Guerra Civil Espanhola em 1936-9; a invasão alemã da Áustria no início de 1938; o estropiamento posterior da Tchecoslováquia em março do mesmo ano; a ocupação alemã do que restava da Tchecoslováquia em março de 1939 [...]; e as exigências alemãs à Polônia que levaram de fato ao início da guerra.” HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos...* p. 44.

¹⁴⁴⁰ MEIRELES, Cecília. “Dois poemas chineses”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1932. In: _____ *Cecília Meireles: crônicas de educação*. v. 4. ... p. 253.

¹⁴⁴¹ MEIRELES, Cecília. “Dois poemas chineses”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1932. In: _____ *Cecília Meireles: crônicas de educação*. v. 4. ... p. 255.

¹⁴⁴² MEIRELES, Cecília. “Dois poemas chineses”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1932. In: _____ *Cecília Meireles: crônicas de educação*. v. 4. ... p. 254.

¹⁴⁴³ MEIRELES, Cecília. “Camaradagem”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 26 de junho de 1932, p. 6.

¹⁴⁴⁴ Cf. BUTLER, Judith. *A força da não-violência: um vínculo ético-político*. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.

¹⁴⁴⁵ MEIRELES, Cecília. “Camaradagem”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 26 de junho de 1932, p. 6.

amor”¹⁴⁴⁶, da consideração e da valorização de cada cidadão em sua singularidade, a contribuir para o bem comum.

Quase um ano depois de sua estreia no Rio de Janeiro, *Nada de novo no front* continuava em cartaz, com uma espécie de propaganda, que expunha a percepção de uma intrínseca ligação entre o livro e o filme, a ponto deste ser denominado de “o maior ‘livro’ do cinema”,¹⁴⁴⁷ conforme se vê abaixo.

Imagem 26. *Nada de novo no front: o livro do cinema*



(Fonte: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 7 de agosto de 1932, p. 16. A falha de impressão do caractere “r” não impede que se reconheça, patentemente, o termo “livro”)

Um último texto de Cecília em diálogo com Eric Maria pode ser aferido em “Para acabar com a guerra.”¹⁴⁴⁸ Nesta crônica foi mencionada outra passagem importante do livro, em que os soldados se questionam sobre a razão de ser da matança, dos motivos para ali estar e agir daquela maneira. A relativização das justificações belicistas, a

¹⁴⁴⁶ MEIRELES, Cecília. “Camaradagem”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 26 de junho de 1932, p. 6.

¹⁴⁴⁷ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. Domingo, 7 de agosto de 1932, p. 16.

¹⁴⁴⁸ MEIRELES, Cecília. “Para acabar com a guerra”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1932. In: MEIRELES, Cecília. *Cecília Meireles: crônicas de educação*. v.4. ... p. 311-312.

compreensão de que noções de pátria e de Estado são artificiais e suscetíveis a manipulações, a onipresença de propaganda enganosa, os interesses escusos das lideranças políticas e militares surgem no capítulo, acionado por Meireles, no qual, entre outros pontos, lê-se:

— Pensando bem, é curioso — continua Kropp. - Estamos aqui para defender a nossa pátria. Mas os franceses também estão aqui para defender a deles. Quem tem razão?

— Talvez ambos estejam certos — digo, sem muita convicção.

— Sim — prossegue Albert, e vejo que ele quer me envolver -, mas nossos professores, sacerdotes e jornais dizem que só nós temos razão, e espero que seja verdade; mas os professores, sacerdotes e jornais franceses afirmam que a razão está do lado deles. Como é possível?

— Não sei — digo. — De qualquer maneira, o certo é que há guerra e que cada vez mais países aderem a ela.

Tjaden reaparece. Continua agitado e mete-se imediatamente na conversa, perguntando como começa na realidade uma guerra.

— Geralmente, é assim: um país ofende gravemente o outro — responde Albert, com um certo ar de superioridade.

Mas Tjaden faz-se de bobo e finge não compreender.

— Um país? Não entendo isso. Uma montanha na Alemanha não pode ofender uma montanha na França. Nem um rio, nem uma floresta, nem um campo de trigo.

— Você é mesmo tão ignorante, ou está só fingindo? — pergunta Kropp, irritado. — Não quis dizer isto. Um povo insulta o outro...

— Então, não tenho nada a fazer aqui — responde Tjaden -, porque não me sinto ofendido!¹⁴⁴⁹

Em dado momento, um dos jovens sugere que, tendo em mira como a grande maioria das populações não sustenta, em si, nada contra países vizinhos, a questão deveria ser resolvida entre os chefes ofendidos, “sem sacrifícios de vidas alheias a esses interesses.”¹⁴⁵⁰ A proposta, inverossímil, surpreendeu Meireles ao receber a notícia de que, em Quito, Equador, um ministro demissionário desafiou outro para um duelo, por motivações de ordem política. Ao fim um deles recuou e retirou sua queixa. O telegrama informava que “as dissensões políticas poderão, doravante, passar a ser resolvidas por meio de duelos entre duas pessoas, evitando-se as guerras civis.”¹⁴⁵¹ Cecília estimava que exemplos assim, deveras curiosos, se multiplicassem pelo continente, evitando-se o morticínio de inocentes.

¹⁴⁴⁹ REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. [1929]... p. 158-159.

¹⁴⁵⁰ MEIRELES, Cecília. “Para acabar com a guerra”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1932... p. 311.

¹⁴⁵¹ MEIRELES, Cecília. “Para acabar com a guerra”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1932... p. 311-312.

5.7.2. Antifascismo sem ódio

Eric Maria Remaque assim apresentou *Nada de novo no front*:

Este livro não pretende ser um libelo nem uma confissão, e menos ainda uma aventura, pois a morte não é uma aventura para aqueles que se deram face a face com ela. Apenas procura mostrar o que foi uma geração de homens que, mesmo tendo escapado às granadas, foram destruídos pela guerra.¹⁴⁵²

A obra, como se vê, materializava ideias e enunciados, contrapostos à doutrina nazifascista: repudiava o militarismo, o expansionismo e a guerra, apontava para o reconhecimento da igualdade fundamental entre todos os seres humanos, do mais aquinhoado ao mais humilde, ansiava por uma sociedade justa, inclusiva e solidária. Não surpreende que, em 10 de maio de 1933, o livro fosse lançado na fogueira em praça pública, por estudantes alemães, sob a égide de Joseph Goebbels - há pouco empossado Ministro da Propaganda. O slogan reservado a Remarque e à sua obra foi: “Contra a traição literária dos soldados da Guerra Mundial, pela educação da nação no espírito do preparo militar.”¹⁴⁵³

Antes disso, Cecília já se colocara em alerta ante o fascismo e o nazismo. Fazia-se, ela, antípoda do que Umberto Eco nomeou de Ur-Fascismo ou fascismo eterno, isto é, do tradicionalismo reacionário, postulante da inércia, negador das transformações da modernidade, do Iluminismo e dos direitos humanos, apegado à preeminência de sangue e de terra; do irracionalismo, do culto da ação pela ação, apartada do pensamento e do espírito crítico; do consenso obtido pelo medo da diferença; da frustração individual e social, em especial, das classes médias, assustadas em face da mobilização de grupos sociais subalternos; do nacionalismo cego, definidor de inimigos e de complôs fantasiosos, a inflamar a xenofobia; do elitismo, do militarismo belicista, da miragem do heroísmo guerreiro, da mentira descarada como método, do machismo.¹⁴⁵⁴

Cecília pôs-se ao lado dos que identificavam no fascismo uma organização opressora e despótica, como apontado por Edgar Süsskind, em conferência junto à Liga Anticlerical, frequentada por aquela.¹⁴⁵⁵ Em janeiro de 1932, ao receber a notícia de que na Itália um professor universitário havia sido exonerado, por ter se recusado a prestar

¹⁴⁵² REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. [1929]... p. 8.

¹⁴⁵³ ATO CONTRA O ESPÍRITO NÃO ALEMÃO. Apud: EVANS, Richard. J. *A chegada do Terceiro Reich*. Tradução de Lúcia Brito. 3ª ed. São Paulo: Planeta, 2016, p. 515.

¹⁴⁵⁴ ECO, Umberto. “O fascismo eterno”. In: _____ *Cinco escritos morais*. [1997]. Tradução de Eliana Aguiar. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 29-54.

¹⁴⁵⁵ Cf. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 28 de janeiro de 1932, p. 8. MEIRELES, Cecília. “Porque a escola deve ser leiga – a segunda conferência da série realizada a convite da Liga Anti-Clerical do Brasil.” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 17 de janeiro de 1932, p. 4. Ver capítulo 4.

juramento fascista, endossou, de sua coluna, o protesto de vários intelectuais, de diferentes países, pedindo apoio ao Instituto Internacional de Cooperação Intelectual e condenando o estrangulamento da liberdade.¹⁴⁵⁶ No seu entendimento as escolas e universidades deveriam ser leigas para não se tornarem

instrumento de um credo político, social ou religioso, formando servidores resignados desse credo, ao invés de criaturas humanas, destinadas a conhecer a vida, e a escolher a sua justa situação dentro dela.¹⁴⁵⁷

Em agosto, questionou os termos de Benito Mussolini, segundo os quais, no futuro, a guerra seria inevitável, “porque nunca foi registrada a passagem de um século sem guerras.”¹⁴⁵⁸ O líder político dos italianos acreditava ou tentava fazer crer em uma espécie de segunda essência do ser humano, naturalizando o habitual, a força do passado, a confirmar suas premissas beligerantes. Na sequência da menção, em tom de reprovação, a cronista disparou: “Quer dizer que o passado é uma regra absoluta. Que só terá de ser, para sempre, o que já foi. Portanto, o que aconteceu não acontecerá... Enfim, uma negação total de evolução.”¹⁴⁵⁹ O pessimismo e a ironia do Duce sobre as possibilidades humanas eram representativos dos equívocos daquela doutrina política, que não haveria de sepultar a esperança de um equilíbrio para uma vida fraternal. A reminiscência dos que padeceram, a partilha de uma experiência comum, em que tantos confrontaram a morte do corpo e do espírito sob o julgo de autoridades irresponsáveis e egoístas, alicerçariam a possibilidade de outros caminhos para a humanidade:

É preciso não esquecer que, além dos pacifistas desinteressados, que só viram morrer na Grande Guerra os sonhos e os trabalhos do seu pensamento e do seu coração, há uma realidade de carne sofrendo com lágrimas de sal a miséria que recebeu da loucura dos ambiciosos, dos fanáticos do poder, dos cultores da força brutal, dos adoradores dos sanguinários triunfos.¹⁴⁶⁰

A inquietude de Cecília em relação à onda nazifascista adentrou também sua correspondência com Fernando de Azevedo, a quem, em carta de 15 de novembro de 1932, revelou ser basicamente impossível não falar em política em suas crônicas – como

¹⁴⁵⁶ MEIRELES, Cecília. “Fascismo e educação”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de janeiro de 1932, p. 6.

¹⁴⁵⁷ MEIRELES, Cecília. “Fascismo e educação”. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 27 de janeiro de 1932, p. 6.

¹⁴⁵⁸ MUSSOLINI, Benito. Apud: MEIRELES, Cecília. “Continuação de Mussolini e a Paz”. In: MEIRELES, Cecília. *Cecília Meireles: Crônicas de educação*. v. 4. ... p. 296.

¹⁴⁵⁹ MEIRELES, Cecília. “Continuação de Mussolini e a Paz”. In: MEIRELES, Cecília. *Cecília Meireles: Crônicas de educação*. v. 4. ... p. 296.

¹⁴⁶⁰ MEIRELES, Cecília. “Continuação de Mussolini e a Paz”. In: MEIRELES, Cecília. *Cecília Meireles: Crônicas de educação*. v. 4. ... p. 296. *Itálico nosso*.

desejava a diretoria do jornal *A Nação*, no qual começaria a trabalhar no ano seguinte – em vista do hitlerismo em ascensão.¹⁴⁶¹ O mesmo Azevedo, à frente de um arrojado projeto editorial, a Biblioteca pedagógica brasileira, encomendou à Meireles a tradução de um livro do professor e economista francês, François Perroux (1903-1987).¹⁴⁶² A obra, publicada em 1937, compôs a série Iniciação Científica e ganhou o título de “Mitos hitleristas: problemas da Alemanha contemporânea.”¹⁴⁶³ Ao longo de 249 páginas, o estudo explorou diferentes aspectos do nacional-socialismo germânico, desde a política racial, os mitos arianistas, a escolha de alvos, o forjamento de inimigos, a tentativa de fazer dos dogmas partidários uma religião, passando pelas adaptações da economia capitalista, da indústria e da agricultura à tirania, até à doutrina expansionista, a ameaçar não só franceses, como a humanidade.¹⁴⁶⁴ Meireles, na condição de tradutora, pois, estava à par das ameaças representadas pelo nazifascismo.

Persuadida de um pacifismo ativo, com a Segunda Guerra Mundial em desenvolvimento, ela se uniu a outros intelectuais para render homenagem a Federico García Lorca (1898-1936). Assassinado por falangistas, em sua terra natal, Granada, a morte do poeta e dramaturgo espanhol causara comoção na intelectualidade de diversos países e sua memória se converteria em bandeira da luta antifascista.¹⁴⁶⁵ O tributo tomou forma na revista *Leitura*, de fevereiro de 1944¹⁴⁶⁶, quando a ala fascistóide da ditadura varguista já não possuía a ousadia de outrora.

¹⁴⁶¹ Cf. MEIRELES, Cecília. Carta a Fernando de Azevedo. Rio de Janeiro, 15 nov. 1933. In: LAMEGO, Valéria. *A farpa da lira...* p. 236. Disponível em Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB USP). Arquivo Fernando de Azevedo. Ver capítulo 4.

¹⁴⁶² A “Biblioteca Pedagógica Brasileira”, planejada em cinco séries, tinha o objetivo de difundir o saber científico para um público amplo e foi dirigida por Azevedo de 1931 a 1946. Ver: DUTRA, Eliana de Freitas. “A nação em livros: a biblioteca ideal na coleção Brasileira.” In: FREITAS, Eliana de & MOLLIER, Jean-Yves. (Orgs.) *Política, nação e edição...* p. 299-314. GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. “Fernando de Azevedo e a renovação cultural dos anos 1930 e 1940.” In: CARULA, Karoline, ENGEL, Magali Gouveia & CORRÊA, Maria Letícia. (Orgs.). *Os intelectuais e a nação: educação, saúde e a construção de um Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013, p. 141-176.

¹⁴⁶³ PERROUX, François. *Mitos hitleristas: problemas da Alemanha contemporânea*. Tradução de Cecília Meireles. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. (Biblioteca Pedagógica Brasileira; série 4, iniciação científica; v. 16).

¹⁴⁶⁴ Cf. PERROUX, François. *Mitos hitleristas...*

¹⁴⁶⁵ Lorca foi executado na madrugada de 17 ou 18 agosto de 1936. Cf. MELLO, William Agel de. “Apresentação”. In: LORCA, Federico García. *Antologia poética*. Tradução de William Agel de Mello. Porto Alegre: L&PM, 2011.

¹⁴⁶⁶ *Leitura*: crítica e informação bibliográfica. n. 15, fev. 1944, Rio de Janeiro. Curiosamente, a publicação foi vítima de boato de guerra e também honrou a memória do escritor francês, ganhador do Nobel de Literatura, biógrafo de Gandhi e amigo de Tagore, Romain Rolland. Acreditava-se que este havia morrido em um campo de concentração em fins de 1943, quando, na realidade, viria a falecer em 30 de dezembro de 1944. Sobre a amizade de Romain Rolland com Tagore e Gandhi, e seus laços com a Índia, ver: RODRIGUES, José Paz. “Romain Rolland, o grande pacifista amigo de Tagore.” In: *Portal Galego da Língua* (PGL). Disponível em <https://pgl.gal/romain-rolland-grande-pacifista-amigo-tagore/> Acesso em 28 dez. 2019. A biografia sobre Gandhi, publicada em 1924, contribuiu para difundir a reputação do Mahatma

Um ano e meio antes, o país declarara, formalmente, guerra ao Eixo, com significativo apoio da sociedade, revoltada com as mais de 700 vidas de brasileiros, ceifadas por ataques de submarinos italianos e alemães.¹⁴⁶⁷ Em 1944 o coro em favor dos Aliados, da democracia e da liberdade contra as forças de opressão havia se robustecido e o clima político, se tornado propício às manifestações da cidade das letras¹⁴⁶⁸, antes silenciadas mais intensamente.¹⁴⁶⁹ Cecília, que, como tantos intelectuais, empregara-se no Estado varguista, seja como colunista de *A Manhã* ou como diretora da *Travel in Brazil*, todavia, não se vendera, nem à sua dignidade intelectual nem à sua autonomia de pensamento, à ideologia autoritária.¹⁴⁷⁰ Pelo contrário: por meio desses trabalhos e de outros, como o curso de Literatura, ofertado a servidores públicos¹⁴⁷¹, atuou nas fímbrias do poder para difundir sua perspectiva cívico-humanística.

Oriundo desse cenário, o nº 15 de *Leitura* reuniu textos de nomes como, além de Meireles, Mário de Andrade, Luiza Barreto Leite, Raquel de Queiroz e Dulcina de Moraes. Esta última, então, estrela maior do teatro nacional, proprietária, com seu marido, Odilon Azevedo, da Companhia Teatral Dulcina-Odilon¹⁴⁷², encomendara a Cecília a tradução da peça *Bodas de Sangre*, de Lorca. Como de costume, a poeta abraçou a oportunidade de cooperar, em mais um serviço prestado à cultura do país.

no Ocidente. Cf. ROLLAND, Romain. *Mahatma Gandhi*. Édition nouvelle augmentée d'une Posface. 46^a édition. Paris: Librairie Stock, 1924.

¹⁴⁶⁷ Para nomes, locais, datas, número de passageiros e tripulantes das embarcações afundadas de fevereiro a agosto de 1942, ver: FERRAZ, Francisco César. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 39-41. A declaração oficial de guerra do Brasil ao Eixo ocorreu em 31 de agosto de 1942.

¹⁴⁶⁸ Cf. RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2015.

¹⁴⁶⁹ Cf. LUCA, Tânia Regina de. "O 1º Congresso de Escritores e o Arquivo Astrogildo Pereira." In: *Cadernos CEDEM: Documento acerca*. v. 1., p. 101-110, n. 1. Unesp, 2008. Disponível em <http://revistas.marilia.unesp.br> Acesso em 20 mai. 2019. LIMA, Felipe Victor. *O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores: movimento intelectual contra o Estado Novo (1945)*. 229 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em História, São Paulo. 2010.

¹⁴⁷⁰ Ver capítulo 4 e também: CANDIDO, Antônio. "Prefácio". In: MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: DIFEL/Difusão Editorial, 1979, p. IX-XIII. BOMENY, Helena (Org.). *Constelação Capanema...*

¹⁴⁷¹ Ver capítulo 4.

¹⁴⁷² Cf. VIOTTI, Sérgio. *Dulcina e o teatro de seu tempo*. Rio de Janeiro: Lacerda Editora, 2000. BASTOS, Michelle. *Dulcina de Moraes: memórias de um Teatro Brasileiro*. Brasília: LGE Editora, 2007.

Imagem 27. *Tríade artística: Dulcina de Moraes, Cecília Meireles e Federico García Lorca, reunidos no espetáculo de Bodas de Sangue, em 1944*



(Fonte: *Carioca*. Rio de Janeiro. n. 468, p. 30, 23 set. 1944. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 10 out. 2018)

A mobilização em torno da preparação e da execução do espetáculo, apresentado pela primeira vez ao público carioca no Teatro Ginásio, em 06 de setembro de 1944¹⁴⁷³, foi um dos vetores a reacender discussões sobre a obra e a pessoa de Federico, como observou Mário de Andrade.¹⁴⁷⁴ Ana Maria Domingues de Oliveira e Antonio Roberto Esteves identificaram a tradução de Lorca por Meireles, como um “ato político.”¹⁴⁷⁵ Os autores não discutiram, propriamente, tal noção [de ato político], preferindo tangenciá-la, por meio da contextualização da iniciativa e da análise sobre a tradução em si. Seja como for, perceberam, acertadamente, como a dimensão do político transbordava o âmbito oficial partidário e atravessava a literatura e o teatro.

¹⁴⁷³ Cf. *Diretrizes*. Rio de Janeiro, 3

¹⁴⁷⁴ ANDRADE, Mário de. “Lorca, pobre de nós!”. *Leitura: crítica e informação bibliográfica*. n. 7, p. 28, fev. 1944, Rio de Janeiro.

¹⁴⁷⁵ OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de & ESTEVES, Antonio Roberto. “Cecília Meireles, tradutora de Federico García Lorca: un acto político.” In: MUÑOZ MARTÍN, Ricardo [ed.] *I AIETI. Actas del I Congreso Internacional de la Asociación Ibérica de Estudios de Traducción e Interpretación*. Granada 12-14 de Febrero de 2003. Granada: AIETI. Vol. n.º 1, pp. 507-515. Disponível em <https://www.aieti.eu> Acesso em 02 jan. 2018.

O estreitamento de afinidades artístico-literárias, como as presenças da lembrança dos anos de infância, da musicalidade e das relações entre vida e morte, fez com que Cecília se maravilhasse com Lorca. Nos termos de Soraya Borges Costa,

ao remitologizar Eros e Tântatos, García Lorca e Cecília Meireles constroem uma mitopoética, forjando duas situações distintas no verso: por um lado, o embate, a luta, o duelo de Eros e Tântatos ancorado na antítese que mantém viva a opressão; e, por outro lado, a união, a conciliação do amor e da morte ancorada na síntese que tem em mira a totalidade ou a integração.¹⁴⁷⁶

Imerso nesse duplo movimento de uma poética de embate e de conciliação, Lorca e Meireles também partilhavam um repertório semelhante de valores humanísticos, como a concepção pacifista, o apreço pela cultura popular e por temas orientais, a exaltação da liberdade, da igualdade e da fraternidade. Como Cecília, Federico não se filiou a nenhum partido político, ressabiado dos jogos dos poderosos de ocasião e foi acusado de comunista por direitistas, religiosos antirrepublicanos.¹⁴⁷⁷

Em seu artigo, a tradutora fez questão de emancipar a pessoa e a obra do poeta granadino de seus algozes, isto é, sublinhou a necessidade de se apreciar Lorca, sem submeter sua grandeza às circunstâncias, conquanto funestas, de sua morte. Para respaldar seu ponto de vista, Cecília lembrou uma fala do amigo e biógrafo do dramaturgo, Guilherme de Torre, para o qual Lorca era alheio à política partidária, explicando sua presença em meios de esquerda, porque a tais meios pertenciam, privativamente, os autênticos valores da inteligência da Espanha.¹⁴⁷⁸ Caberia, decerto, questionar as razões pelas quais artistas e intelectuais de proa situavam-se no campo progressista e, não, no reacionário.

O círculo de sociabilidade de Lorca era constituído, basicamente, por amigos vinculados ao Partido Comunista, como Pablo Neruda, Rafael Alberti e María Teresa León. Federico apoiara a campanha da Frente Popular, vitoriosa em fevereiro de 1936; em março, assinou o telegrama enviado a Vargas, solicitando a liberdade de Prestes; participou das comemorações do 1º de maio e, no dia 22, da organização de um jantar oferecido a representantes da Frente Popular francesa; em junho, condenou a ocupação

¹⁴⁷⁶ COSTA, Soraya Borges. *Eros e Tântatos na poética de Federico García Lorca e Cecília Meireles*. 185 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2015, p. 19-20.

¹⁴⁷⁷ Cf. MELLO, William Agel de. “Apresentação”. In: LORCA, Federico García. *Antologia poética...*

¹⁴⁷⁸ MEIRELES, Cecília. “Federico Garcia Lorca”. In: *Leitura: crítica e informação bibliográfica*. n. 7, p. 5, fev. 1944, Rio de Janeiro.

de Granada pelos Reis Católicos, em 1492.¹⁴⁷⁹ Porém, não se filiou a nenhuma estrutura partidária, nela, provavelmente, identificando, como Simone Weil e a própria Cecília, uma instância de engessamento do pensar e do espírito crítico.¹⁴⁸⁰

Meireles não queria que o arrebatamento político toldasse os méritos próprios de Federico e sua obra, mas, como de praxe, feita esta ressalva inicial, matizou sua análise: “[...] se sua morte nada acrescenta e em nada deve influir para o julgamento de sua obra, - também não pode deixar de lhe conferir uma auréola de inocência martirizada, que é outro motivo de ternura entristecida, para quando pensarmos no seu rosto.”¹⁴⁸¹ A consciência de que a política envolvia a obra e o óbito do poeta foi reconhecida e a própria peça, *Bodas de Sangue* – escrita, originalmente, em 1932/1933 - recomendava o posicionamento pacifista de seu autor, desde as primeiras palavras, primeiro ato, primeiro quadro:

NOIVO (entrando) — Mãe.
 MÃE — Que é?
 NOIVO — Já vou.
 MÃE — Aonde?
 NOIVO — À vinha. (Dispõe-se a sair)
 MÃE — Espera.
 NOIVO — Queres alguma coisa?
 MÃE — Filho, o almoço.
 NOIVO — Deixá-lo... Comerei uvas. Dá-me a navalha.
 MÃE — Para quê?
 NOIVO — Para cortá-las.
 MÃE (entre dentes, procurando-a) — A navalha, a navalha... Malditas sejam todas, mais o patife que as inventou...
 NOIVO — Mudemos de assunto.
 MÃE — ... e as escopetas e as pistolas, e a menor das facas, e até as enxadas e garrações da eira.
 NOIVO — Bem.
 MÃE — Tudo o que pode cortar o corpo de um homem. Um homem formoso, com a sua flor na boca, que vai às vinhas, ou aos olivais que lhe pertencem, porque são seus, porque os herdou...
 NOIVO (abaixando a cabeça) — Não fales.
 MÃE — ... e esse homem não volta. Ou, se volta, é só para se lhe por uma palma em cima, ou um prato de sal grosso, para que não inche. Não sei como te atreves a levar uma navalha no teu corpo, nem como deixo tal serpente na arca.
 NOIVO — Ainda não basta?
 MÃE — Cem anos que vivesse, não falaria de outra coisa. Primeiro, teu pai, que cheirava a cravo, e apenas três anos gozei. Em seguida, teu irmão. E é justo, e é possível que uma coisa tão pequena como uma

¹⁴⁷⁹ GONZÁLES, Mário M. “Federico García Lorca: tragédia na obra e na vida.” In: *Teoria e Debate*. ed. 38., jul. 1998, não paginado. Disponível em <https://teoriaedebate.org.br/1998/07/01/garcia-lorca-tragedia-na-obra-e-na-vida/> Acesso em 23 jan. 2019.

¹⁴⁸⁰ Cf. WEIL, Simone. *Pela supressão dos partidos políticos...*

¹⁴⁸¹ MEIRELES, Cecília. “Federico Garcia Lorca”. In: *Leitura: crítica e informação bibliográfica*. n. 7, p. 5, fev. 1944, Rio de Janeiro.

pistola ou uma navalha dê cabo de um homem, que é um touro? Não me calaria nunca. Passam-se os meses, e o desespero pica-me nos olhos e até nas pontas do cabelo.

NOIVO (forte) — Vamos acabar?

MÃE — Não. Não vamos acabar. Pode-me alguém trazer teu pai? E teu irmão? E depois, o presídio. Mas o que é o presídio? Ali comem, fumam, ali tocam instrumentos! Meus mortos, cheios de ervas, sem fala, reduzidos a pó. Dois homens que eram dois gerânios... Os assassinos, no presídio, calmamente, olhando a paisagem...

NOIVO — Queres que os mate?

MÃE — Não... Se falo é porque... Como não hei de falar, vendo-te sair por essa porta? É que não gosto que leves navalha. É que. . . que não queria que saíesses para o campo.

NOIVO (rindo) — Ora! [...]¹⁴⁸²

A dor trazida por mortes violentas, a contrariedade com o uso de quaisquer armas ou instrumentos, capazes de lesar o corpo humano, a renúncia à retaliação, apelam para a paz em meio às tragédias. Já se prenunciam novas mortes e rivalidades em meio ao bem-querer em comum. A disputa fatídica entre o Noivo e o ex-amante da Noiva, Leonardo, a deixar a nubente, a Mãe e a Viúva (de Leonardo) como depositárias da consequência do ódio, enlutadas frente ao inexorável, faz com que pese em todas as personagens “essa angústia de um estado fatal, que elas mesmas reconhecem a cada instante como destino, sina, fado – e que lhes imprime a grandeza mitológica do drama grego.”¹⁴⁸³ Meireles sonhava em “criar plateias para a tragédia; acordar os homens para um sentido mais grave da vida”¹⁴⁸⁴, como revelou a Gabriela Mistral, em abril de 1947. Nesse sentido, novamente, a sensibilidade da tradutora confluía com a de Lorca, também visto como fonte de inspiração.

Cecília terminou seu artigo por onde os demais começaram: atendo-se à morte de Federico, compreendida como um sinal da crise política e civilizatória por que passava o mundo, fazendo compadecer os que, a partir da *Fortuna*, viciosa, ameaçadora, destrutiva, ainda apostavam na *Virtù*, na ação virtuosa, capaz de, a partir dos reveses, instituir mudanças de rumo:

Confrange-se nosso coração quando, sob a última linha do drama, corre o nome de Federico García Lorca. É o nome do autor assinando sua peça, e é o nome do homem risonho, carregado de imagens líricas, caído sem seus amigos, sem argumentos e sem explicações, no prado frio de um cemitério, com seu coração traspassado por uma bala bem menor

¹⁴⁸² LORCA, Federico Garcia. *Bodas de Sangue*. Tradução de Cecília Meireles. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1968, p. 9-13.

¹⁴⁸³ MEIRELES, Cecília. “Federico Garcia Lorca”. In: *Leitura: crítica e informação bibliográfica*. n. 7, p. 5, fev. 1944, Rio de Janeiro.

¹⁴⁸⁴ MEIRELES, Cecília. Carta a Gabriela Mistral. Rio de Janeiro, 7 de abril de 1947. In: BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL DE CHILE. Disponível em <http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl> Acesso em 20 fev. 2019.

que qualquer faquinha... E pensamos em seu grito, que não pudemos ouvir nem socorrer, em seu grito de menino assassinado, que nunca mais esqueceremos, e de que falaremos sempre, aos que vierem depois, como exemplo sombrio destes tempos bárbaros.¹⁴⁸⁵

A atriz Luíza Barreto Leite (1899-1996), como estivesse se referindo a Meireles, avaliou que a força da obra de Lorca “é o conteúdo humano que transborda de todas as suas frases. E esse conteúdo humano, evidente mesmo em suas páginas mais líricas [...] atinge o ‘clímax’ em suas tragédias.”¹⁴⁸⁶ Por essa vitalidade, “transbordante no seu ilimitado amor à liberdade”¹⁴⁸⁷, o poeta teria sido fuzilado. Andrade também observou que “[...] o assassinato de Lorca inventa a supressão da Inteligência – essa inteligência que ainda pode pensar calada, que acusa ainda quando muda, e que é a única forma de liberdade nas ideologias totalitárias.”¹⁴⁸⁸ Com raciocínio semelhante, Dulcina, ao justificar a escolha da peça para seu repertório, afirmou que, desde a época do atentado de Granada, “fazia crescer em meu espírito, que não aceita a violência (sobretudo, quando a vê dirigida contra o pensamento), uma espécie de sentimento de dívida para com o poeta imolado.”¹⁴⁸⁹ Raquel de Queiroz (1910-2003), que, à época, ainda sustinha um posicionamento à esquerda, consignou: “Poucas vezes uma obra de teatro consegue provocar o leitor – sim, no leitor, não me refiro aqui ao espectador – uma emoção poética tão genuína quanto a que deixa em nós esse drama.”¹⁴⁹⁰

O sentimento de admiração, de pesar e de indignação assentou-se em todos os textos de *Leitura* e contribuiu tanto com a difusão da obra de García Lorca no Brasil, quanto para a mobilização política em favor da liberdade e da paz. Quando, em 30 de setembro de 1945, um grupo de intelectuais articulou a criação do *Ateneu García Lorca*, Cecília, novamente, tomou parte nas ações, mas preferiu se abster de cargos na entidade,

¹⁴⁸⁵ MEIRELES, Cecília. “Federico Garcia Lorca”. In: *Leitura: crítica e informação bibliográfica*. n. 7, p. 5, fev. 1944, Rio de Janeiro.

¹⁴⁸⁶ LEITE, Luíza Barreto. “O Poeta Assassinado”. *Leitura: crítica e informação bibliográfica*. n. 15, p. 16, fev. 1944, Rio de Janeiro.

¹⁴⁸⁷ LEITE, Luíza Barreto. “O Poeta Assassinado”. *Leitura: crítica e informação bibliográfica*. n. 15, p. 16, fev. 1944, Rio de Janeiro.

¹⁴⁸⁸ ANDRADE, Mário de. “Lorca, pobre de nós!”. *Leitura: crítica e informação bibliográfica*. n. 7, p. 28, fev. 1944, Rio de Janeiro.

¹⁴⁸⁹ MORAES, Dulcina de. “Por que escolhi García Lorca.” In: *Leitura: crítica e informação bibliográfica*. n. 7, p. 29, fev. 1944, Rio de Janeiro.

¹⁴⁹⁰ QUEIROZ, Raquel. “‘Bodas de Sangue’”. *Leitura: crítica e informação bibliográfica*. n. 15, p. 28, fev. 1944, Rio de Janeiro. Posteriormente, passando da esquerda à direita, Rachel apoiou o golpe e a ditadura de 1964-1985. Cf. MENDES, Fernanda Coelho. “Rachel de Queiroz e suas correspondências: relações com o poder e redes de sociabilidade (1960-1985).” In: *Anais do XVII Encontro de História da ANPUH – Rio: entre o local e o global*. De 8 a 11 de agosto de 2016, Instituto Multidisciplinar, UFRRJ, Campus Nova Iguaçu. Disponível em <http://www.encontro2016.rj.anpuh.org/site/anaiscomplementares> Acesso em 15 dez. 2017.

cujo uso político, com sinais de rancor antifascista, não lhe apetecia. Como que lembrando Terêncio (195 a.C. – 159 a.C.), citado, futuramente, em outra carta¹⁴⁹¹, Meireles, como a Mãe do Noivo, em *Bodas de Sangue*, recusava-se a alimentar o ódio, que tão facilmente inebria seus cultores. Violência geraria sempre mais violência, sendo preciso interromper esse círculo vicioso. Em carta a Côrtes Rodrigues, comentou:

Hoje à noite vão fundar um “Ateneu Garcia Lorca”, onde tenho de ir falar. Eu admiro muito a obra do Lorca, mas este Ateneu se funda mais como um desagravo à sua morte, na revolução. De modo que é uma fundação não de puro amor, mas com algum ódio. Eis uma coisa que eu detesto. Por isso, fugi a todos os convites para os postos que lá me ofereciam, e só participo da solenidade, porque, na qualidade de tradutora de “Bodas de Sangre”, - uma espécie de tradutora oficial – não posso evitar o acontecimento.¹⁴⁹²

A inauguração da entidade, que tinha como finalidade promover a aproximação cultural hispano-brasileira, ocorreu no Teatro Regina, rua Alcindo Guanabara, 17, Centro, a partir das 20:30 h. Com o recinto lotado, declamaram versos de Lorca, Murilo Mendes, Manuel Bandeira e Cecília, seguidos por um concerto musical e representação de duas cenas de *Bodas de Sangue*, por Dulcina e Odilon. Também compuseram a mesa Aníbal Machado, Genolino Amado e Barbosa de Melo. No dia seguinte, Meireles fez um balanço positivo do evento, com o presidente da associação, Carlos Drummond de Andrade, tendo feito um discurso “muito bem, com moderação, sinceridade, clareza”¹⁴⁹³, explicando os fins da iniciativa, apesar de uma dicção abaixo do esperado para uma conferencista afiada, como Meireles.¹⁴⁹⁴

Naquele momento, Drummond flirtava com o comunismo, mas não alienou sua autonomia de pensamento e sua verve criativa às coações da estrutura partidária. A sua maneira de compreender a política, por um recorte mais dilatado, não colidia com a perspectiva ceciliana: “Minha suspeita é que o partido, como forma obrigatória de engajamento, anula a liberdade de movimentos, a faculdade que tem o espírito de guiar-se por si mesmo e estabelecer ressalvas à orientação partidária.”¹⁴⁹⁵ Mais tentado à

¹⁴⁹¹ MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues. Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1954. In: _____ *A lição do poema...* p. 218. Ver início deste capítulo.

¹⁴⁹² MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues. Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1954. In: _____ *A lição do poema...* p. 50.

¹⁴⁹³ MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues. Rio de Janeiro, 1 de outubro de 1946. In: _____ *A lição do poema...* p. 53.

¹⁴⁹⁴ “É pena que não articule muito bem, e dê a impressão de que tem a boca cheia de farinha de trigo.” MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues. Rio de Janeiro, 1 de outubro de 1946. In: _____ *A lição do poema...* p. 53.

¹⁴⁹⁵ ANDRADE, Carlos Drummond. *O observador no escritório*: páginas de diário. Rio de Janeiro: Record, 1985, p. 31. Esta anotação data de 12 de abril de 1945.

militância político-partidária do que Meireles, com esta compartilhava, atormentado, escrúpulos dos quais não abriria mão:

Não quero ser um energúmeno, um sectário, um passional ou um frio domesticado, conduzido por palavras de ordem. Como posso convencer a outros, se não convengo a mim mesmo? Se a inexorabilidade, a malícia, a crueza, o oportunismo da ação política me desagradam, e eu, no fundo, quero ser um intelectual político sem experimentar as impurezas da ação política?¹⁴⁹⁶

A criação do *Ateneu*, pois, tensionava uma política do *contra*, anti-fascista, com uma do *a favor*, pró-García Lorca, promotora do diálogo intercultural. Essas duas dimensões mostravam-se entremeadas e Cecília, que repudiava o nazifascismo, acolhia tal concomitância, cuidando para que o segundo aspecto liderasse a superação do terror, da intolerância, da desinteligência. Esse posicionamento pelo qual a arte não se subjugava à mera utilização política foi uma das características do humanismo de Meireles. Ela apostava no poder do belo e da palavra em formar e transformar cidadãos e sociedades e, ao mesmo tempo, desaprovava a instrumentalização da criação artística para fins políticos, *stricto sensu*, ainda que, eventualmente, induzidos por boas intenções.

Em agosto de 1942, em São Paulo, onde recebeu homenagem dos estudantes da Academia de Letras da Faculdade de Direito, foi confrontada com uma pergunta: caberia “à literatura e à poesia, em especial, tomar, nos dias atuais, uma atitude política, de ação, participando dos acontecimentos que se desenrolam no mundo”¹⁴⁹⁷? A resposta diferiu de qualquer simplificação ou extremismo, tão fáceis e triviais naquela conjuntura. Para a entrevistada não seria incumbência da poesia ou da literatura protagonizar ações de ofensiva ao Eixo e de encerramento da Segunda Guerra Mundial. Cecília questionou-se se a adaptação das artes às contingências seria mesmo permitida e possível. Sabendo-se que o escritor é, “antes de tudo, um ser humano, e como tal, é lógico que ele sinta e sofra a angústia que nos imprime o mundo ensanguentado pela guerra, devastado pelo ódio,”¹⁴⁹⁸ a poeta inferiu: “será lógico que esses acontecimentos atuando sobre a sua sensibilidade, façam com que a sua arte seja um reflexo natural dos fatos.”¹⁴⁹⁹ Tal processo, no entanto, diferenciar-se-ia de uma adaptação premeditada do artista aos

¹⁴⁹⁶ ANDRADE, Carlos Drummond. *O observador no escritório...* 1985, p. 31. Esta anotação data de 12 de abril de 1945.

¹⁴⁹⁷ *Correio Paulistano*. São Paulo. Quinta-feira, 13 de agosto de 1942, p. 3.

¹⁴⁹⁸ MEIRELES, Cecília. “Entrevista”. In: *Correio Paulistano*. São Paulo. Quinta-feira, 13 de agosto de 1942, p. 3.

¹⁴⁹⁹ MEIRELES, Cecília. “Entrevista”. In: *Correio Paulistano*. São Paulo. Quinta-feira, 13 de agosto de 1942, p. 3.

acontecimentos, distorcendo sua real sensibilidade para se colocar a cargo do pragmatismo.

Indagada se a figura do escritor deveria ser a de um guia, Meireles problematizou tal juízo, revelando-se cética em relação à existência de orientadores, de esclarecedores de uma solução pretensamente perfeita, afinal, “é preciso não esquecer que a situação atual do mundo, de confusão total, não permite que se possa, acertadamente, indicar caminhos e rumos certos a seguir.”¹⁵⁰⁰ Talvez aturdido com a resposta ou somente disposto a provocar sua interlocutora, o repórter quis inteirar-se se Cecília pregava “uma completa abstenção do escritor pelos fenômenos políticos, se a atitude dos escritores deve ser de isolamento, refugiados na torre de marfim de sua arte.”¹⁵⁰¹ De imediato Meireles asseverou: “Absolutamente”¹⁵⁰², elucidando que, em momentos como os que se atravessava, de desentendimento e confusão, “a atitude mais acertada a ser mantida pelos escritores é a de uma expectativa vigilante em torno dos acontecimentos.”¹⁵⁰³ E ressaltou: “Lembre-se que sempre fui partidária da paz, que depois do conflito de 1914 defendi sempre uma educação da juventude, baseada na paz.”¹⁵⁰⁴ Assim também pensaram, segundo Meireles, muitos de seus companheiros e vários países, como a Inglaterra e os Estados Unidos. Posta a carnificina em curso, a entrevistada fez um exame de consciência, quase um *mea-culpa* e se questionou onde, também os pacifistas e educadores renovados, teriam se equivocado, a ponto de não haver impedido a nova matança de escala global: “Não terei eu e todos os que assim pensávamos laborado num grave erro? Que adianta preparar um país para uma civilização de paz, se outros há que preparam para a guerra?”¹⁵⁰⁵

No entender de Cecília urgiria estabelecer-se “um acordo geral entre as nações para que a educação de todos os povos fosse feita sobre princípios insofismáveis de paz”¹⁵⁰⁶, o que não foi verificado na década anterior. Este seria um exemplo de que, por

¹⁵⁰⁰ MEIRELES, Cecília. “Entrevista”. In: *Correio Paulistano*. São Paulo. Quinta-feira, 13 de agosto de 1942, p. 3.

¹⁵⁰¹ *Correio Paulistano*. São Paulo. Quinta-feira, 13 de agosto de 1942, p. 3.

¹⁵⁰² MEIRELES, Cecília. “Entrevista”. In: *Correio Paulistano*. São Paulo. Quinta-feira, 13 de agosto de 1942, p. 3.

¹⁵⁰³ MEIRELES, Cecília. “Entrevista”. In: *Correio Paulistano*. São Paulo. Quinta-feira, 13 de agosto de 1942, p. 3.

¹⁵⁰⁴ MEIRELES, Cecília. “Entrevista”. In: *Correio Paulistano*. São Paulo. Quinta-feira, 13 de agosto de 1942, p. 3.

¹⁵⁰⁵ MEIRELES, Cecília. “Entrevista”. In: *Correio Paulistano*. São Paulo. Quinta-feira, 13 de agosto de 1942, p. 3.

¹⁵⁰⁶ MEIRELES, Cecília. “Entrevista”. In: *Correio Paulistano*. São Paulo. Quinta-feira, 13 de agosto de 1942, p. 3.

mais convicta que estivesse a intelectualidade, a respeito das orientações a se seguir em sociedade, falhas poderiam surgir. Nesse sentido, nenhum escritor estaria em posse de uma panaceia para os problemas daquela humanidade, outra vez, esfacelada: “Por isso é que acho dever o escritor se manter numa atividade de expectativa”¹⁵⁰⁷ - e reiterou – “não de isolamento, de abstenção, de expectativa vigilante, para que não contribua para um maior desentendimento entre os homens.”¹⁵⁰⁸

Por essa fresta interpretativa, de uma expectativa vigilante, de um zelo com a existência humana e crítica quanto à ambição de descoberta e de monopólio da verdade, por um indivíduo, grupo ou doutrina, compreende-se a diretriz do poema “Contemplação”, do mesmo período da citada entrevista e do tributo a Lorca:

Não acuso. Nem perdoar.
Nada sei. De nada.
Contemplo.

Quando os homens apareceram,
eu não estava presente.
Eu não estava presente
quando a terra se desprende do sol.
Eu não estava presente
quando o sol apareceu no céu.
E, antes de haver céu,
EU NÃO ESTAVA PRESENTE.

Como hei de acusar ou perdoar?
Nada sei.
Contemplo.

Parece que às vezes me falam.
Mas também não tenho certeza.
Quem me deseja ouvir, nestas paragens
onde somos todos estrangeiros?

Também não sei com segurança, muitas vezes,
da oferta que vai comigo, e em que resulta,
pois o mundo é mágico!
Tocou-se o Lírio e apareceu um Cavalo Selvagem.
E um anel no dedo pode fazer desabar da lua um temporal.
Já vês que me enteneço e me assusto,
entre as secretas maravilhas.
E não posso medir todos os ângulos do meu gesto.

Noites e noites, estudei devotamente
nossos mitos, e sua geometria.

¹⁵⁰⁷ MEIRELES, Cecília. “Entrevista”. In: *Correio Paulistano*. São Paulo. Quinta-feira, 13 de agosto de 1942, p. 3.

¹⁵⁰⁸ MEIRELES, Cecília. “Entrevista”. In: *Correio Paulistano*. São Paulo. Quinta-feira, 13 de agosto de 1942, p. 3.

Por mais que me procure, antes de tudo ser feito,
 eu era amor. Só isso encontro.
 Caminho, navego, voo,
 - sempre amor.
 Rio desviado, seta exilada, onda soprada ao contrário,
 - mas sempre o mesmo resultado: direção e êxtase.

À beira dos teus olhos,
 por acaso detendo-me,
 que acontecimentos serão produzidos
 em mim e em ti?

Não há resposta.
 Sabem-se os nascimentos
 quando já foram sofridos.
 Tão pouco somos, - e tanto causamos,
 com tão longos ecos!
 Nossas viagens têm cargas ocultas, de desconhecidos vínculos.
 Entre o desejo do itinerário, uma lei que nos leva
 age invisível e abriga
 mais que o itinerário e o desejo.

Que te direi, se me interrogas?
 As nuvens falam?
 Não. As nuvens tocam-se, passam, desmancham-se.
 Às vezes, pensa-se que demoram, parece que estão paradas...
 Confundiram-se.
 E até se julga que dentro delas andam estrelas e planetas.
 Oh, aparência...Pode talvez andar um tonto pássaro perdido.
 Voz sem pouso, no tempo surdo.

Não acuso nem perdoo.
 Que faremos, errantes entre as invenções dos deuses?

Eu não estava presente, quando formaram
 a voz tão frágil dos pássaros.

Quando as nuvens começaram a existir,
 qual de nós estava presente?¹⁵⁰⁹

Tal atitude seria poética, ligada à experiência do belo e do místico; epistemológica, relativa às limitações de realização do anseio por tudo conhecer; e também política, de modo que as consequências do agir deveriam ser sopesadas: “Tão pouco somos – e tanto causamos, / com tão longos ecos!”¹⁵¹⁰ Em uma oscilação retesada entre o sujeito lírico e a intelectual irrequieta, a contemplação se faria ação e a ação,

¹⁵⁰⁹ MEIRELES, Cecília. “Contemplação”. In: _____ *Mar Absoluto e outros poemas*. [1945]. *Poesia completa...* p. 453-455.

¹⁵¹⁰ MEIRELES, Cecília. “Contemplação”. In: _____ *Mar Absoluto e outros poemas*. [1945]. *Poesia completa...* p. 455.

contemplação, aproximando e deslocando o ver e o fazer, os tempos do dentro e do fora, o *tocar* um lírio e o *enxergar* um cavalo selvagem. Como observou Darcy Damasceno:

Sobre o mundo se estendem seus olhos, que tudo aceitam no espetáculo do real; o espírito, entretanto, está em permanente vigília, indagando, concluindo, atento à sabedoria de que no concerto geral cada coisa existe porque independe de si e tudo se subordina à mecânica do universo.¹⁵¹¹

Em sentido adjacente, também sugerindo alguma resignação no agir e atuação no aceitar, angustiado, Marcondes Moura verificou:

O mundo, com seu excesso de ruídos, e mesmo de aromas e de cores, parece contrariar a poeta, que mantém com ele, portanto, uma indisposição fundamental; e essa indisposição é criadora, isto é, autêntica fonte de poesia, além de ser, à sua maneira recolhida, *profundamente política*.¹⁵¹²

Cecília não se alistou em nenhuma organização antifascista, como a Frente Única Antifascista (FUA) e o PCB.¹⁵¹³ Entretanto, por meio da defesa de um pacifismo ativo, de uma educação emancipadora, de uma constante disposição em debater ideias, em publicar crônicas e poemas, e em se envolver em diversas atividades culturais, atuou para humanizar o humano e, logo, frear o rompante nazifascista. Tal cuidado com a existência, com a vida em sociedade, envergando a responsabilidade de suas ideias, de suas ações, de sua arte na criação de um mundo comum partilhado, seguiu Meireles quando de seu envolvimento com a obra e a homenagem a García Lorca, em 1944 e, provavelmente, com o Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores, em 1945.¹⁵¹⁴ A mesma concepção a teria acompanhado também na efeméride dos 20 anos de morte do poeta espanhol, quando, em 5 de novembro de 1956, no Teatro Dulcina, proferiu a conferência “Aspectos da obra de García Lorca.”¹⁵¹⁵

¹⁵¹¹ DAMASCENO, Darcy. “Poesia do sensível e do imaginário.” In: MEIRELES, Cecília. *Flor de poemas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1972, p. 16.

¹⁵¹² MOURA, Murilo Marcondes de. *O mundo sitiado...* p. 253. Itálico nosso.

¹⁵¹³ OLIVEIRA, Ângela Meirelles de. *Palavras como balas: imprensa e intelectuais antifascistas no Cone Sul (1933-1939)*. São Paulo: Alameda, 2015.

¹⁵¹⁴ Cf. LIMA, Felipe Victor. *O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores...* MELO, Ana Amélia de Moura Cavalcante de. “Associação Brasileira de Escritores: dinâmica de uma disputa.” In: *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 27, nº 46: p. 711-732, jul/dez 2011.

¹⁵¹⁵ *Diário Carioca*. Rio de Janeiro. Terça-feira, 30 de outubro de 1956, p. 6.

5.7.3. Pacifista inveterada

Como em Drummond, o sentimento do mundo¹⁵¹⁶ varou a poesia de Cecília, cujos versos afirmaram-na, nos termos de Murilo Marcondes, como, “mais do que qualquer outra entre os nossos poetas, visceralmente pacifista.”¹⁵¹⁷ Considerando-se apenas *Mar Absoluto e outros poemas*, lançado em 1945, poemas como “Lamento da noiva do soldado”, “Balada do soldado Batista”, “Lamento do oficial por seu cavalo morto”, “Guerra” e “Jornal, longe”¹⁵¹⁸, ratificam o compromisso da autora em pertencer a seu tempo e a partilhar do desconsolo da humanidade, flagelada pelo morticínio. Em “Os homens gloriosos”¹⁵¹⁹, o pacifismo reverbera tons remarqueanos, fixando a dor do eu lírico em relação diretamente proporcional à ambição desmesurada dos senhores da guerra, a cartografar planos de grandeza às expensas da grande maioria dos povos. A memória e a experiência do denso sangue, derramado por espadas, levariam a vida à beira do insuportável, exigindo mudança pelo apagamento irrealizável do trauma ou pela metamorfose em outra forma de vida ou matéria:

Sentei-me sem perguntas à beira da terra,
e ouvi narrarem-se casualmente os que passavam.
Tenho a garganta amarga e os olhos doloridos:
deixai-me esquecer o tempo,
inclinando nas mãos a testa desencantada,
e de mim mesma desaparecer,
— que o clamor dos homens gloriosos
cortou-me o coração de lado a lado.

Pois era um clamor de espadas bravias,
de espadas enlouquecidas e sem relâmpagos,
ah, sem relâmpagos...
pegajosas de lodo e sangue denso.

Como ficaram meus dias, e as flores claras que pensava!
Nuvens brandas, construindo mundos,
como se apagaram de repente!

Ah, o clamor dos homens gloriosos
atravessando ebriamente os mapas!

Antes o murmúrio da dor, esse murmúrio triste e simples
de lágrima interminável, com sua centelha ardente e eterna.

¹⁵¹⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. [1940]. 12ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

¹⁵¹⁷ MOURA, Murilo Marcondes de. *O mundo sitiado...* p. 249.

¹⁵¹⁸ MEIRELES, Cecília. *Mar Absoluto e outros poemas*. [1945]. In: _____ *Poesia completa...* p. 448-595.

¹⁵¹⁹ MEIRELES, Cecília. *Mar Absoluto e outros poemas*. [1945]. In: _____ *Poesia completa...* p. 545-546.

Senhor da Vida, leva-me para longe!
 Quero retroceder aos aléns de mim mesma!
 Converter-me em animal tranquilo,
 em planta incomunicável,
 em pedra sem respiração.

Quebra-me no giro dos ventos e das águas!
 Reduze-me ao pó que fui!
 Reduze a pó minha memória!

Reduze a pó
 a memória dos homens, escutada e vivida...¹⁵²⁰

Ao passo que a poeta cerraria resistência aos poderosos, cujo triunfo seria na realidade, inglório, coparticiparia do sofrimento dos que se achavam desfigurados, no corpo e/ou no espírito pelo ímpeto beligerante. Os dois versos iniciais pareciam retinir a imagem das trincheiras, registrada há cerca de quinze anos, em poema, ilustrado por Correia Dias:

Imagem 28. *À beira da terra, dentro da terra: de volta ao pó nas trincheiras*



¹⁵²⁰ MEIRELES, Cecília. “Homens gloriosos”. In: *Mar Absoluto e outros poemas*. [1945]. In: _____ *Poesia completa...* p. 545-546.

(Fonte: Diário de Notícias. Rio de Janeiro. Domingo, 30 de novembro de 1930, p. 1. Suplemento. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 16 jan. 2019)

Se, em 1945, o eu lírico está à beira da terra, imerso em lembranças e reflexões sobre a época, em 1930, dá voz aos que reviram o solo, não mais para cultivar trigo e colher abundância, mas para semear, com suas vidas e suas mortes, cavando a própria cova, a desdita do século. Os dois poemas se inter cruzam ainda na representação do pó, a abranger soldados e civis, como destino último de tudo o que é vivo.

Quiçá pela notória entrega de Cecília à luta pacifista, e, certamente, por sua consagração literária, outro poeta, Ary de Andrade (1910-2002)¹⁵²¹, presenteou-a com seu livro *Canto do Tempo Presente*, lançado pela Editora José Olympio, em 1946.¹⁵²² O título remetia, claramente, aos versos de Drummond, do mesmo período: “O tempo é minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, / a vida presente.”¹⁵²³ A obra, composta por 52 poemas, escritos de 1941 a 1946, dividiu-se em seis partes - “Poemas da noite”, “Poemas do Amigo”, “Cantos e Elegias”, “Poemas da autora”, “Poemas para o mundo de amanhã”, “Mas a luta continua...”¹⁵²⁴ – com uma dedicatória reveladora do ensejo da publicação:

EM MEMÓRIA

dos moços da minha geração que foram mortos, nos céus e nos mares,
nos campos e nas montanhas de todos os quadrantes do mundo, nos
gloriosos combates da nossa
GUERRA PATRIÓTICA¹⁵²⁵

Tratava-se, com efeito, de um libelo pacifista, a conder-se com os mortos, os mutilados, os órfãos e se irmanar com as forças vitoriosas sobre o Eixo, em especial, com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Em “Aos moços da minha geração”, Ary expressou uma aspiração coletiva da intelectualidade progressista de então, ou seja, paz e liberdade:

Ela passou por mim...
E por todos os homens preocupados,
demasiadamente perdidos em si mesmos.
Ela passou atada à carreta do canhão.
Açaimada.

¹⁵²¹ Autor de *Balada de Campos do Jordão*, também publicada por José Olympio, em 1942, Ary de Andrade foi amigo pessoal de Carlos Drummond. Cf. SATO, Nelson. “O poeta ganha vozes.” In: *Folha de Londrina*, 22 de setembro de 2002. Disponível em <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/o-poeta-ganha-vozes-417198.html> Acesso em 25 set. 2019.

¹⁵²² ANDRADE, Ary de. *Canto do Tempo Presente*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1946. Cecília, frequentemente, recebia livros dos próprios autores, que nela identificavam uma leitora atenta e uma crítica de excelência. Cf. MEIRELES, Cecília. *A lição do poema...*

¹⁵²³ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Mãos dadas.” In: _____. *Sentimento do mundo*. [1940]... p. 161.

¹⁵²⁴ ANDRADE, Ary de. *Canto do Tempo Presente...*

¹⁵²⁵ ANDRADE, Ary de. *Canto do Tempo Presente...* p. 5.

Desgrenhada.
E sangrando...
E chorando...
Ela passou por mim...

Por mim desesperado,
por mim desanimado,
por mim vencido pela minha angústia,
por mim também amordaçado.

Ela passou por mim...

Por mim e por vós, meus companheiros.
Por mim, por vós, moços da minha geração,
da minha ensanguentada geração.

E nenhum de nós, ai de nós!, soube, ao vê-la,
que era a Liberdade que passava.

A Liberdade, a Liberdade meus irmãos,
que estava passando,
que estava passando
atada ao canhão.

Ensanguentada!
Amordaçada!
Escravizada!¹⁵²⁶

Como este, os demais poemas do volume - sem entrar no mérito do aspecto formal dos mesmos - vertiam com franqueza a indignação, o senso de justiça, a sensibilidade empática de seu autor. Meireles, ao agradecer a atenção de Ary, retribuiu a gentileza com uma nota, terna e instigadora:

Rio, 18 de junho de 1947. Sr. Ary de Andrade: Andei à procura de seu endereço, mas não o encontro – e por isso lhe deixo com o editor meu agradecimento pelo “Canto do Tempo Presente”. Lê-se o seu livro, tão palpitante de carinho e sinceridade, e fica-se à espera de que alguém responda às suas perguntas e queixas – queixas e perguntas não apenas de uma geração, mas de todas as gerações de homens autenticamente humanos. Quem responde jamais? Envio-lhe, com toda a simpatia, meus cordiais cumprimentos.
Cecília Meireles.¹⁵²⁷

Para a leitora, o processo de se tornar gente é de longa duração. No decurso da história, gerações se sucedem, indagando-se sobre a melhor forma de se viver e qual o tipo de organização social, política e econômica desejável. Dessa perspectiva, compreende-se mais efetivamente as inquietudes de antigos poetas chineses, como Li Po

¹⁵²⁶ ANDRADE, Ary de. *Canto do Tempo Presente...* p. 38-39.

¹⁵²⁷ *O Jornal*. Rio de Janeiro. Domingo, 17 de agosto de 1947, p. 23.

– “Combate-se nas planícies: mata-se, morre-se, / os cavalos dos mortos relinçam, levando queixas ao céu”¹⁵²⁸ – e de poetas israelitas, como Uri-Tzwi Grinberg – “E quando tiraram meu pai para a colina dos cadáveres / nas neves do Prado estrangeiro, / o general alemão berrou: *Ausziehen!* / e meu pai compreendeu o veredito”¹⁵²⁹ – traduzidos por Meireles. Diferentes gerações, povos distintos, em tempos e espaços profusos, ver-se-iam diante da possibilidade de se humanizar pela paz, pela fraternidade, pela liberdade, ou de se embrutecer pela rivalidade e pela guerra. Entrementes a poesia toma parte na ação humana, pois, “além de outras virtudes, possui a de tornar as criaturas compreensíveis umas às outras, na sua íntima verdade, que é a verdade do espírito. Compreender é de certo modo amar.”¹⁵³⁰

Com este intento, Meireles lavrou suas palavras e agiu, acalentando a convicção de que, conforme síntese de Judith Butler:

[...] embora nem a imagem nem a poesia possam libertar ninguém da prisão, nem interromper um bombardeio, nem, de maneira nenhuma, reverter o curso da guerra, podem, contudo, oferecer as condições necessárias para libertar-se da aceitação cotidiana da guerra e para provocar um horror e uma indignação mais generalizados, que apoiem e estimulem o clamor por justiça e pelo fim da violência.¹⁵³¹

Acolher a insuficiência da palavra não redundava em torná-la dispensável e, sim, fazer inteligível seu alcance e seu poder. Em crônica publicada em *A Manhã*, em 12 de setembro de 1941, perguntava aos leitores em que um cronista da educação poderia servir à sociedade. Segundo o texto, na ausência de respostas, devido ao “profundo sono”¹⁵³² em que tantos se encontravam, imersos em um estado de esquecimento, aventava-se que “[...] Tudo isso deve ser da barulhada dos canhões, da convulsão dos mares, da agonia dos homens.”¹⁵³³ E encerrava, fitando a expectativa de um novo começo, à maneira agostiniana¹⁵³⁴, com um apelo: “[...] apesar da desgraça do mundo, todos os dias novas

¹⁵²⁸ LI PO & TU FU. *Poemas chineses*. Tradução de Cecília Meireles. Introdução de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p. 31.

GRINBERG, Uri-Tzwi. “Para a colina dos cadáveres na neve.” In: MEIRELES, Cecília. (org.). *Poesia de Israel*. Tradução de Cecília Meireles. Desenhos de Cândido Portinari. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962, p. 45.

¹⁵³⁰ MEIRELES, Cecília. “Prefácio”. In: _____ (org.). *Poesia de Israel*. Tradução de Cecília Meireles. Desenhos de Cândido Portinari. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962, p. 7.

¹⁵³¹ BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Tradução de Sérgio Lamarão e Arnaldo M. da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 26-27.

¹⁵³² MEIRELES, Cecília. “Perguntas.” In: *A Manhã*. Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1941. In: _____ *Crônicas de educação*. v.5. ... p. 52.

¹⁵³³ MEIRELES, Cecília. “Perguntas.” In: *A Manhã*. Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1941. In: _____ *Crônicas de educação*. v.5. ... p. 52.

¹⁵³⁴ No dizer de Agostinho: *Initium ut esset homo creatus est* – “o homem foi criado para que houvesse um começo”. Tal expressão é uma das mais valorizadas por Hannah Arendt. Ver: ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 639.

crianças abrem os olhos, e esperam. Mas esperam o quê? Se todos continuarem calados e adormecidos, que vai ser feito das gerações sobreviventes?”¹⁵³⁵

Cerca de três anos e meio depois, em abril de 1945, a onipresença da guerra é indubitável: “Debruço-me sobre o mapa, ouvindo o noticiarista. De um lado e de outro, o mundo avança para esmagar Berlim.”¹⁵³⁶ Publicando sua crônica no *Correio Paulistano*, em um momento no qual a Europa estava prestes a se libertar do nazismo, a autora lembrava-se dos belicistas: “Os apologistas da guerra extrairão desses acontecimentos mais uma razão favorável: pois desses encontros sangrentos não resultam sempre conhecimentos compensadores? [...]”¹⁵³⁷ Em seguida, desconstrói tal discurso, apontando outros meios para se promover os saberes e a sabedoria. Com um argumento de fundo kantiano¹⁵³⁸, a ecoar, igualmente, a advertência de John Maynard Keynes (1883-1946), que, nos idos de 1919, propôs a superação do ódio e a formação de um mercado comum para vencedores e vencidos, com base na ideia de solidariedade para a prosperidade¹⁵³⁹, Meireles apreciou:

Favorecidos por situações econômicas, geográficas ou culturais privilegiadas, os povos podem chegar facilmente a uma natural e compreensível autossuficiência. Mas veio esta guerra. E como os homens já estavam esquecidos do que se ensinara na outra!¹⁵⁴⁰

Adiante, cinco dias após a bomba nuclear de urânio ter sido arremessada sobre Hiroshima e dois dias após a explosão da bomba de plutônio em Nagasaki, Meireles comentou o assunto da hora:

[...] as damas que, para invernos imaginários se envolvem em peles da Sibéria, e não contemplam as fotografias dos campos de concentração para não terem pesadelos, até essas sensíveis senhoras se detiveram um momento – embora levemente incrédulas – divagando sobre as consequências da formidável explosão.¹⁵⁴¹

¹⁵³⁵ MEIRELES, Cecília. “Perguntas.” In: *A Manhã*. Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1941. In: _____ *Crônicas de educação*. v.5. ... p. 52.

¹⁵³⁶ MEIRELES, Cecília. “Dia a dia”. In: *Correio Paulistano*. São Paulo, 20 de abril de 1945. In: _____ *Cecília Meireles: obra em prosa*. v. 1. ... p. 133.

¹⁵³⁷ MEIRELES, Cecília. “Dia a dia”. In: *Correio Paulistano*. São Paulo, 20 de abril de 1945. In: _____ *Cecília Meireles: obra em prosa*. v. 1. ... p. 133.

¹⁵³⁸ Cf. NOUR, Soraya. *À paz perpétua de Kant: Filosofia do direito internacional e das relações internacionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

¹⁵³⁹ NAOUR, Jean-Yves Le. “A Primeira Guerra Mundial: o batismo do século (1914-1918).” In: HECHT, Emmanuel & SERVENT, Pierre (Orgs.). *O século de sangue (1914-2014): as vinte guerras que mudaram o mundo*. Tradução Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2016, p. 7-22.

¹⁵⁴⁰ MEIRELES, Cecília. “Dia a dia”. In: *Correio Paulistano*. São Paulo, 20 de abril de 1945. In: _____ *Cecília Meireles: obra em prosa*. v. 1. ... p. 133.

¹⁵⁴¹ MEIRELES, Cecília. “Oh! A bomba...” In: *Folha Carioca*. Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1945. In: _____ *Cecília Meireles: obra em prosa*. v. 1. ... p. 188.

Com tom de ironia e crítica ao *frisson* causado pelo novo explosivo, adiante a autora torna grave sua escrita, salientando o poder de destruição e a perda de sentido:

O que a bomba encontra para arrasar [...] são as casas, as ruas, as criaturas, e os pobres animais, alheios à aventura humana, e ao mesmo tempo a ela tristemente escravizados. Mas somente isso. Porque o resto tem sido violentado, quebrado, esquecido propositadamente [...]. E o resto era muito mais importante que as casas e os arsenais. Era o nosso sentido de amor humano.¹⁵⁴²

Neste ponto, o relato de Cecília assemelhava-se ao de tantas mulheres soviéticas, cujas experiências foram narradas à Svetlana Aleksievitch. Em contato com testemunhos de dezenas de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, a escritora bielorrussa foi percebendo que, diversamente do flagrado em depoimentos de homens, nas falas das mulheres “não há heróis nem pessoas incríveis, há apenas pessoas ocupadas com uma tarefa desumanamente humana.”¹⁵⁴³ Ademais, “ali não sofrem apenas elas (as pessoas!), mas também a terra, os pássaros, as árvores. Todos os que vivem conosco na terra. Sofrem sem palavras, o que é mais terrível.”¹⁵⁴⁴ Por essa fissura vislumbra-se também o que Marcondes de Moura denominou de “a guerra menor”¹⁵⁴⁵ ou “guerra miúda”¹⁵⁴⁶, cuja escala reformula-se no íntimo da poética ceciliana.

No trecho da crônica acima e em tantos outros artigos e poemas, como aqueles de temática equestre¹⁵⁴⁷, há em Cecília um olhar afetuoso sobre todas as manifestações de vida, um tipo de inclinação a humanizar todos os seres, concebendo-os, à franciscana e/ou à Vedanta¹⁵⁴⁸, como irmãs e irmãos.

¹⁵⁴² MEIRELES, Cecília. “Oh! A bomba...”. In: *Folha Carioca*. Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1945. In: _____ *Cecília Meireles: obra em prosa*. v. 1. ... p. 188.

¹⁵⁴³ ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. Tradução de Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 12.

¹⁵⁴⁴ ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher...* p. 12.

¹⁵⁴⁵ MOURA, Murilo Marcondes. *O mundo sitiado...* p. 248.

¹⁵⁴⁶ MOURA, Murilo Marcondes. *O mundo sitiado...* p. 248.

¹⁵⁴⁷ Ver, por exemplo: MEIRELES, Cecília. “O cavalo da estátua”. In: *Diário de Notícias*. Terça-feira, 1 de março de 1932, p. 5. MEIRELES, Cecília. “Lamento do oficial por seu cavalo morto.” In: *Mar Absoluto e outros poemas*. [1945]. In: _____ *Poesia completa...* p. 540. MEIRELES, Cecília. “O cavalo morto.” In: *Retrato Natural*. [1949]. In: _____ *Poesia completa...* p.676-677. MEIRELES, Cecília. “Romance LXXXIV ou Dos cavalos da Inconfidência.” In: _____ *Romanceiro da Inconfidência*. [1953]... p. 231-233.

¹⁵⁴⁸ De acordo com Ana Amélia Reis, a corrente espiritual Vedanta, dentro do hinduísmo, “se funda no conceito de *advaita*, que significa não dualidade, ou seja, ela sustenta a ideia de que há uma manifestação eterna e perene (invisível aos olhos comuns) subjacente a todas as coisas que se manifestam no mundo físico.” REIS, Ana Amélia. *Cecília e a Índia no modernismo brasileiro...* p. 22. Sobre Francisco de Assis, ver: LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Tradução de Marcos de Castro. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

O humanismo de Cecília foi descentrado do *antropo*, buscando considerar a espécie humana em sua relação de interdependência e de ganho mútuo com os elementos da biosfera:

Com a criatura humana, por enquanto, não é possível fazer nada, chegar a nenhum acordo, - estão todos errados, tortos, querem ser gente, mesmo, estão vencidas por essa ideia. E o que a criatura humana deveria querer, em minha opinião, era ser bicho, planta, céu, terra, matéria universal.¹⁵⁴⁹

Em outra feita, ao chegar em casa, após passagem por Montevidéu, em 1944, relatou:

[...] vi os cavalos que queria. Cavalos sem conta. Cavalos humanos, que compensam de todos os homens-cavalos que conhecemos. Ofereceram-me até um “rodeo”. Volto muito emocionada com os animais. Não direi o mesmo a respeito da humanidade...¹⁵⁵⁰

Por esse raciocínio com que se comunicou com Gabriela Mistral (1889-1957), representantes da própria espécie humana evidenciavam as mazelas de seu gênio, em contraste com a formosura de plantas, animais e minerais, os quais, em dadas situações, poderiam ser percebidos como mais humanos do que o próprio *Homo sapiens* com sua fúria ensandecida:

Senhor da Vida, leva-me para longe!
Quero retroceder aos aléns de mim mesma!
Converter-me em animal tranquilo,
em planta incomunicável,
em pedra sem respiração.¹⁵⁵¹

Uma fração dos humanos expressou aquilo que, realmente, passava em seus corações e seus atos: “A bomba atômica não deve causar tanta admiração nem tanto susto. Ela é apenas a representação plástica do que uma parte da humanidade tem surdamente realizado [...]”¹⁵⁵²

Duas semanas após discorrer sobre o artefato inovador, exteriorização de uma interioridade, há muito, sedenta de seus efeitos, voltou a analisar o produto da “ciência”,

¹⁵⁴⁹ MEIRELES, Cecília. Carta a Gabriela Mistral. Rio de Janeiro, 30 de abril de 1944. In: BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL DE CHILE. Disponível em <http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl> Acesso em 20 fev. 2019.

¹⁵⁵⁰ MEIRELES, Cecília. Carta a Gabriela Mistral. Rio de Janeiro, 16 de julho de 1944. In: BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL DE CHILE. Disponível em <http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl> Acesso em 20 fev. 2019.

¹⁵⁵¹ MEIRELES, Cecília. *Mar Absoluto e outros poemas*. [1945]. In: _____. *Poesia completa...* p. 546.

¹⁵⁵² MEIRELES, Cecília. “Oh! A bomba...”. In: *Folha Carioca*. Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1945. In: _____. *Cecília Meireles: obra em prosa*. v. 1. ... p. 189.

que põe “na mesa em que se joga o destino humano, a carta com que talvez se ganhe o destino universal”.¹⁵⁵³ Dando prosseguimento à linha de pensamento, presente naquele primeiro texto, conferiu maior ênfase, entretanto, à imprescindibilidade do “trabalho livre do pensamento”¹⁵⁵⁴, a tatear saídas para os impasses do tempo, à crise de sentido em voga.¹⁵⁵⁵ Pensamento que se perfazia em palavras, as quais, por sua vez, desencadeavam o pensar.

5.7.4. Um herói desarmado

As discussões a respeito da paz e do combate à violência foram retomadas por Cecília na crônica “Raiz das catástrofes”¹⁵⁵⁶, uma espécie de prestação de contas à sociedade brasileira sobre as conclusões formuladas pelo coletivo do “Seminário em contribuição da perspectiva e das técnicas de Gandhi para a solução das tensões entre e dentro das nações.”¹⁵⁵⁷ Ela foi a única intelectual latino-americana a ser convidada a tomar parte neste evento, realizado de 5 a 17 de janeiro de 1953, na cidade de Nova Delhi.¹⁵⁵⁸

O entusiasmo de Meireles por Gandhi veio de muito antes. Como dito a Côrtes-Rodrigues, o Mahatma “foi um dos meus maiores amores da adolescência.”¹⁵⁵⁹ Nos anos

¹⁵⁵³ MEIRELES, Cecília. “[Ainda sobre a bomba atômica].” *Folha Carioca*. Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1945. In: _____ *Cecília Meireles: crônicas em geral...* p. 190-191.

¹⁵⁵⁴ MEIRELES, Cecília. “[Ainda sobre a bomba atômica].” *Folha Carioca*. Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1945. In: _____ *Cecília Meireles: crônicas em geral...* p. 190-191.

¹⁵⁵⁵ Ver tópico 5.3. Vale à pena viver?

¹⁵⁵⁶ MEIRELES, Cecília. “Raiz das catástrofes.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de maio de 1954, p. 1. (Letras e Artes).

¹⁵⁵⁷ Tradução livre. No original: “Seminar in the contribution of Gandhian outlook and techniques to the solution of tensions between and within nations.”

¹⁵⁵⁸ O seminário contou com nomes ilustres, como, além de Meireles, dois vencedores do prêmio Nobel da Paz, Lord John Boyd Orr (1880 a 1971; Grã-Bretanha / Escócia) e Ralph Bunche (1903 a 1971; EUA); Louis Massignon (de 1883 a 1962; França) e Giuseppe Tucci (de 1894 a 1984; Itália); três políticos, Acharya Kripalani (1888 a 1982; Índia), Ahmad Matin-Daftari (1896 a 1971; Irã) e Mohamed Hussein Heikel (1888 a 1956; Egito); e o líder da dieta e advogado do conselho das Relações do Pacífico, Yusuke Tsurumi (de 1885 a 1973; Japão.) Participaram também com discursos específicos sobre a personalidade e as ações de Gandhi, o primeiro-ministro da Índia, Jawaharlal Nehru, e o educador indiano, Humayun Kabir. Notavelmente ausente eram delegados da URSS e da China, que haviam sido convidados, mas recusaram-se a comparecer. Cf. PEÑA, Karen. “Brazil, the Bomb and the Poet: Cecília Meireles and the Gandhi Seminar (1953).” In: *InterDISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies*. Vol. 1, p. 143-167. (2012). Disponível em <https://eprints.gla.ac.uk/70507/>. Acesso em 4 ago. 2019. O relatório do seminário encontra-se em: GANDHIAN OUTLOOK AND TECHNIQUES. A verbatim report of the proceedings Seminar in the contribution of Gandhian outlook and techniques to the solution of tensions between and within nations held at New Delhi from the 5th to the 17th January, 1953. Ministry of Education: Government of India. Disponível em **Erro! A referência de hiperlink não é válida.** Acesso em 12 fev. 2019.

¹⁵⁵⁹ MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues. Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1948. In: _____ *A lição do poema...* p. 147.

1930 denominara-o de “herói sem armas”¹⁵⁶⁰, sabendo que excessos também poderiam surpreendê-lo, justificados pelo enfrentamento ao colonialismo. Resistia-se à lei britânica, conforme posição de Cecília, “porque a lei se tornou inferior ao homem, ou o homem se tornou superior a ela.”¹⁵⁶¹ Futuramente, ao participar da Coleção Grandes Vocações, lançada pela Donato Editora, com foco no público infanto-juvenil, escreveu uma biografia, com um título próximo à expressão empregada em 1932: “Gandhi, um herói desarmado.”¹⁵⁶²

Em 1949, Cecília tornou-se uma das fundadoras e presidenta da Sociedade dos Amigos da Índia no Rio de Janeiro, sendo a vice-presidência da entidade ocupada por Gilberto Freyre (1900-1987).¹⁵⁶³ Um ano antes, ao saber do assassinato de Gandhi, escreveu o sublime “Elegia sobre a morte de Gandhi”¹⁵⁶⁴, que, vertido para o inglês por Isabel do Prado, então, funcionária da Unesco, chegou ao poeta indiano Baldoon Dhingra, o qual, por seu turno, fez publicá-lo em seu país de origem.¹⁵⁶⁵

Por sua longa trajetória de imersão no universo indiano, por seus estudos e textos acerca de Tagore e de Gandhi, por seu inarredável apoio à prática da não-violência ativa, por seu empenho de décadas em debater a superação da guerra e os caminhos para a paz, Cecília foi convidada a contribuir com o Seminário, e recebeu das mãos de Jawaharlal Nehru (1889-1964), o título de Doutor *Honoris causa* pela Universidade de Nova Delhi.¹⁵⁶⁶

Desse modo, Meireles diagnosticou que as catástrofes, antes de se configurarem e assombrar a humanidade, sustinham um período de fermentação, em que o ódio, o preconceito, o racismo e as seduções do sectarismo criavam condições para sua expansão. O pós-Segunda Guerra Mundial, em determinados aspectos, assemelhava-se ao pós-1918, com o ressurgimento de iniciativas de intercâmbio cultural, de uma nova organização internacional – ONU, herdeira da SdN – de acordos, congressos e conferências, a anunciar

¹⁵⁶⁰ MEIRELES, Cecília. “Gandhi”. *Diário de Notícias*, 6 de janeiro de 1932. In: _____ *Crônicas de educação*. v. 4. ... p. 227.

¹⁵⁶¹ MEIRELES, Cecília. “Gandhi”. *Diário de Notícias*, 6 de janeiro de 1932. In: _____ *Crônicas de educação*. v. 4. ... p. 227.

¹⁵⁶² MEIRELES, Cecília. “Gandhi: um herói desarmado.” In: LIMA, Alceu Amoroso et. al. *Grandes Vocações: Apóstolos Modernos*. [1959]. São Paulo: Editora Égira, 1977, p. 245-328. (Grandes Vocações; 4).

¹⁵⁶³ MEIRELES, Cecília. Carta a Isabel do Prado. Rio de Janeiro, 06 de janeiro de 1949. p. 4.

¹⁵⁶⁴ Uma análise cuidadosa desse poema foi feita por: REIS, Ana Amélia Neubern Batista dos. *Cecília Meireles e a Índia no modernismo brasileiro...* p. 38-45.

¹⁵⁶⁵ PRADO, Isabel do. Carta a Cecília Meireles. Unesco, Paris, 11 de fevereiro de 1948. Disponível em: *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

¹⁵⁶⁶ Cf. LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles...*

outro tempo, em que a paz, enfim, havia sido obtida. Quem sabe para espanto de desavisados, Meireles afirmou que tal modo de conceber as relações internacionais e intranacionais jazia obsoleto:

Examinando-se, pois, sem preconceitos, e com respeitoso equilíbrio, as catástrofes que vêm devastando a humanidade, somos conduzidos à verificação de que elas não podem ser exterminadas pela rama, simplesmente com discursos ou tratados, por melhores que sejam as intenções, - e sugestivas, as palavras, - e prestigiosas, as pessoas que as empregam. Tudo isso está ultrapassado.¹⁵⁶⁷

Às palavras caberia explicar as tensões internacionais, “mas não se deve esperar que as resolvam, apesar da magia que se lhes atribui.”¹⁵⁶⁸ Os integrantes do Seminário manifestaram-se a favor de que todas as nações pacíficas fizessem um esforço de redução, ainda que simbólica, de armamentos e se decidissem a um acordo de nunca mais tomar a iniciativa de uma guerra total. Pegar em armas constituiria ação legítima somente em casos de defesa contra uma agressão.

Uma análise menos atenta poderia concluir que, então, a cronista julgava inócua a função das palavras, apostando em um pragmatismo objetivista, incapaz de substituir a emulação pela cooperação. Porém, na realidade, o que ela propôs foi o contrário disso. As palavras não poderiam ser banalizadas e instrumentalizadas como discursos sem pregnância pelo real, desnudos de concretude. As palavras tinham o poder de agir em profundidade, atingindo a raiz dos problemas, antes de mirar a copa com suas ramarias ostensivas. Embora o desarmamento e os acordos diplomáticos fossem importantes, insuficientes, pois armas não se produzem, nem funcionam, nem são distribuídas por si. A violência humana é a operadora desse círculo. Como, então, compreendê-la? Quais suas causas e condições? Como atuar para sua contenção?

Posta a dificuldade da questão, Cecília não ousou emitir uma resposta cabal. A violência “é já uma explosão de mil causas. Em cada criatura humana há mil aspectos da violência: frustrações físicas, materiais, sociais, morais, intelectuais, políticas...”¹⁵⁶⁹ Seja como for, enredada por fatores de ordem vária, a violência parte dos indivíduos para se alastrar por povos e nações. Por esse motivo, os componentes do Seminário propuseram medidas como “a elevação do nível de vida da população, nas regiões menos

¹⁵⁶⁷ MEIRELES, Cecília. “Raiz das catástrofes.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de maio de 1954, p. 1. (Letras e Artes).

¹⁵⁶⁸ MEIRELES, Cecília. “Raiz das catástrofes.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de maio de 1954, p. 1. (Letras e Artes).

¹⁵⁶⁹ MEIRELES, Cecília. “Raiz das catástrofes.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de maio de 1954, p. 1. (Letras e Artes).

desenvolvidas, bem como a extinção do espírito de exclusivismo racial e o sentimento de superioridade racial”¹⁵⁷⁰, os quais formam “obstáculos à liberdade de movimento das populações.”¹⁵⁷¹ A emigração para países desenvolvidos de pessoas em situações de fragilidade, insegurança ou ameaça em seus territórios de origem também foi sugerida, com a ressalva de que tal medida acarretaria sérias resistências de países industrializados, com potenciais conflitos entre imigrantes e população local. Questões econômicas tenderiam a contrastar indivíduos e povos, defrontando ricos e pobres, os que ajudam e os ajudados e, portanto, seria indispensável a parceria com a ONU, que, conforme os participantes do Seminário, deveria admitir todo e qualquer país que subscrevesse a Carta da entidade.

Para Cecília, guarnecida de valores cívico-republicanos, tudo isso vocalizava “um apelo aos povos para a compreensão de sua humanidade, de seu convívio na terra”¹⁵⁷², e mais, “das vantagens para que esse convívio seja, tanto quanto possível, amável, próspero, humano. (*Humano*, - isto é, mais do que simplesmente zoológico, como se está tornando).”¹⁵⁷³ A vida em sociedade, sob esse prisma, é articulada, predominantemente, pela colaboração e, não, pela competição, pelo cuidado recíproco e, não, pelo individualismo, por justiça e empatia, e, não, por uma estrita racionalidade econômica. As singularidades de cada pessoa atuam, aqui, para fortalecer os vínculos sociais ao invés de contraí-los ao ponto da atomização: “Devíamos ter, ao mesmo tempo, a visão bem nítida de pertencermos à mesma família terrena, - com as diferenças de toda a espécie que caracterizam, mas não separam, os irmãos.”¹⁵⁷⁴ Décadas atrás, já havia reparado como o “culto do individualismo”¹⁵⁷⁵ tinha “o mal de fazer o homem perder de vista o mundo que habita, e de o desinteressar pelo resto da humanidade com que, afinal, tem de conviver.”¹⁵⁷⁶

¹⁵⁷⁰ MEIRELES, Cecília. “Raiz das catástrofes.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de maio de 1954, p. 1. (Letras e Artes).

¹⁵⁷¹ MEIRELES, Cecília. “Raiz das catástrofes.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de maio de 1954, p. 1. (Letras e Artes).

¹⁵⁷² MEIRELES, Cecília. “Raiz das catástrofes.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de maio de 1954, p. 1. (Letras e Artes).

¹⁵⁷³ MEIRELES, Cecília. “Raiz das catástrofes.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de maio de 1954, p. 1. (Letras e Artes). *Itálico original*.

¹⁵⁷⁴ MEIRELES, Cecília. “Raiz das catástrofes.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de maio de 1954, p. 1. (Letras e Artes).

¹⁵⁷⁵ MEIRELES, Cecília. “O homem mais forte.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1932. In: _____ *Crônicas de Educação*. v. 1. ... p. 94.

¹⁵⁷⁶ MEIRELES, Cecília. “O homem mais forte.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1932. In: _____ *Crônicas de Educação*. v. 1. ... p. 94.

O conhecimento de direitos e deveres, o respeito recíproco, o controle sobre o desejo de impor a própria vontade aos demais, admitindo “que os outros também têm razão, - ou razões”¹⁵⁷⁷, educando e sendo educado “para viver humanamente”¹⁵⁷⁸, instituíam os fundamentos sociais e políticos para a realização dos fins do pacifismo. Tais princípios dialogavam, diretamente, com o “espírito das Luzes”¹⁵⁷⁹, com a “era dos direitos”¹⁵⁸⁰, difusores do valor da inteligência, da capacidade de erigir outra história, da universalidade da condição humana em torno da luta por liberdade, igualdade e fraternidade dentre violências, disparidades, maquinações.

Em conclusão, com um quê de impaciência e senso de urgência, Meireles indagou:

Encerra-se um congresso destes, olha-se para o Ocidente e pergunta-se: onde, quando, se repetirá o que se fez aqui, para se insistir, mais uma vez, na vitória do Bem sobre o Mal, numa vitória sem violência, a vitória que o coração e a inteligência pedem, o que não pode tardar mais, porque estamos cobertos de vergonha diante de um mundo coberto de sangue, desmoralizados e cheios de terror? Por muito longe e confuso que esteja o Ocidente, há de alcançá-lo este depoimento de boa vontade e esta esperança que reuniram os participantes do Seminário Gandhi em Nova Delhi?¹⁵⁸¹

Significativamente, enquanto Cecília participava do referido Seminário, no Brasil era lançado o *Romanceiro da Inconfidência*¹⁵⁸², resultado de cerca de dez anos de trabalho, durante os quais se debruçou sobre a leitura de Jefferson, Franklin, Rousseau, Diderot, Montesquieu, Voltaire e outros expoentes da Ilustração.¹⁵⁸³ A autora, assim, por meio de suas obras e também de sua pessoa pública, propunha-se a ser um elo entre Ocidente e Oriente, problematizando essas repartições, sonhando - enquanto, em 30 de

¹⁵⁷⁷ MEIRELES, Cecília. “Raiz das catástrofes.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de maio de 1954, p. 1. (Letras e Artes).

¹⁵⁷⁸ MEIRELES, Cecília. “Raiz das catástrofes.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de maio de 1954, p. 1. (Letras e Artes).

¹⁵⁷⁹ TODOROV, Tzvetan. *O espírito das Luzes...*

¹⁵⁸⁰ BOBBIO, Norberto. *A Era dos Direitos*. [1992]. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Apresentação de Celso Lafer. Nova ed. 10. reimp. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

¹⁵⁸¹ MEIRELES, Cecília. “Raiz das catástrofes.” In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 30 de maio de 1954, p. 1. (Letras e Artes).

¹⁵⁸² Cf. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 4 de abril de 1953, p. 41.

¹⁵⁸³ Lembre-se, por exemplo, do relato a Côrtes-Rodrigues: “Estou toda século 18, com raízes pelo 17. Porque esses inconfidentes eram meio enciclopedistas, meio pedreiros-livres; e é preciso estar dentro da Revolução Francesa, da Independência dos Estados Unidos, ler Franklin e Jefferson, Voltaire, Montesquieu, Diderot; ir aos arcades italianos; estudar Portugal desde D. João V, pelo menos; ir aos clássicos espanhóis, principalmente Gracián, ir à política peninsular do tempo, Deus meu!” MEIRELES, Cecília. Carta a Armando Côrtes-Rodrigues. Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1947. In: _____ *A lição do poema...* p. 125. Ver também: MEIRELES, Cecília. “Como escrevi o Romanceiro da Inconfidência.” 20 de abril de 1955. In: _____ *Romanceiro da Inconfidência*. [1953]. Organização e apresentação de Ana Maria Lisboa de Mello. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013, p. 15-36.

dezembro de 1952, voava para a Índia - com “a fraternidade dos deuses e dos homens”¹⁵⁸⁴, com “a arte e a ciência abraçadas e compreendidas: os dois hemisférios integrados numa só família, como a cabeça bifronte de Shiva e Vishnu!”¹⁵⁸⁵

Conclusão

O pacifismo ativo, distintamente do passivo, segundo Bobbio, é caracterizado por “uma tomada de posição que engaja pessoalmente, como toda tomada de posição moral, aquele que o assume.”¹⁵⁸⁶ Tal pacifismo busca resolver o problema central da “eliminação da guerra e [da] instauração de uma paz perpétua”¹⁵⁸⁷, movendo-se em três direções, a saber: “agindo sobre os *meios* ou sobre as *instituições* ou sobre os *homens*.”¹⁵⁸⁸ Respectivamente, ter-se-ia um *pacifismo instrumental*, voltado para os meios de se evitar a guerra, como o desarmamento e o uso da não violência; um *pacifismo institucional*, relativo às tensões entre a autoridade do Estado e o estabelecimento da paz mediante a criação e a atuação de organizações supranacionais ou mediante revoluções sociais; e o *pacifismo finalista*, ligado à reforma ético-moral do ser humano, à criação de uma disposição para a convivência pacífica, mediante uma pedagogia centrada na tolerância e no diálogo.

Estas diferentes ênfases estiveram interconectadas nos discursos e nas ações de Cecília, que se pôs a criticar as justificações da guerra e defender meios, instituições e finalidades em prol da paz. Escamoteando um pacifismo passivo ou fatalista, Cecília revestiu-se de um pacifismo ativo, caracterizado pela convicção de que a paz deveria ser resultado de uma constante luta para se dirimir diferenças sem apelar para armas e se fortalecer laços de cooperação. Também sob esse ângulo, a autora estava próxima de um humanismo cívico-republicano, que apostava na transformação do ser humano e não se furtava a encarar a realidade tal como se apresentava. A base argumentativa empregada pela autora apresentou convergência com o pensamento kantiano sobre paz e

¹⁵⁸⁴ MEIRELES, Cecília. “Pelo Mahatma.” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 3 de agosto de 1953, p. 4. (Letras e Artes).

¹⁵⁸⁵ MEIRELES, Cecília. “Pelo Mahatma.” *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. Domingo, 3 de agosto de 1953, p. 4. (Letras e Artes).

¹⁵⁸⁶ BOBBIO, Norberto. *O problema da guerra e as vias da paz*. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 175.

¹⁵⁸⁷ BOBBIO, Norberto. *O problema da guerra e as vias da paz...* p. 97.

¹⁵⁸⁸ BOBBIO, Norberto. *O problema da guerra e as vias da paz...* p. 97.

cosmopolitismo, manifestando a crença de que, a partir do uso da razão, as pessoas poderiam construir outra história, refratária às injunções da guerra. Nesse processo, o princípio da não-violência, de inspiração gandhiana, implicou em um comprometimento permanente em considerar a igualdade primordial entre todas as pessoas e em exigir que toda e qualquer vida fosse considerada valiosa, partícipe de uma teia relacional de interdependência.¹⁵⁸⁹

Biografado por Cecília, Gandhi foi descrito como “um advogado justo. Um cidadão exemplar. Um revolucionário sincero. [...]”¹⁵⁹⁰ Analogamente, em outra *grafia de vida*, Rui Barbosa – vale frisar, evocado por normalistas e acadêmicos, no motim de 1915 - avultou-se como “A Águia de Haia”¹⁵⁹¹, aquele que, durante o Segundo Congresso da Paz, em 1907, investiu na “tese de que todas as nações são iguais”¹⁵⁹²; que durante a Grande Guerra pensou “com mais clareza”¹⁵⁹³, arguindo “a ideia de que o direito é superior à força, e que, nas lutas dos povos, como nas pequenas lutas dos homens, a vitória final não pertence ao mais forte, mas ao mais sábio, ao mais justo.”¹⁵⁹⁴

O Gandhi e o Rui de Cecília compareceram, aqui, em obras voltadas para o público infanto-juvenil. Se, em ambos os trabalhos, pode ter havido alguma concessão de estilo, as convicções políticas da autora não titubearam em se impor. Tais personagens foram lembrados como pessoas que entregaram suas vidas a virtudes cívicas, priorizando o bem comum ao invés do próprio interesse. Em razão desta escolha viram-se rejeitados por poderosos, sofreram perseguições e derrotas, mas atravessaram a história, conforme a autora, como vencedores. Como ela já assinalara, os corpos sucumbem. Subsiste, porém, o “Espírito Vitorioso”¹⁵⁹⁵ da educação humanística, dos anseios de justiça, de autonomia, de participação na vida coletiva, de *amicitia*.

¹⁵⁸⁹ BUTLER, Judith. *A força da não-violência: um vínculo ético-político*. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.

¹⁵⁹⁰ MEIRELES, Cecília. “Gandhi: um herói desarmado.” In: LIMA, Alceu Amoroso et. al. *Grandes Vocações* [1959]... p. 326.

¹⁵⁹¹ MEIRELES, Cecília. *Rui: pequena história de uma grande vida*. São Paulo: Gráfica Revista dos Tribunais, 1949, p.80. (Edição comemorativa do centenário de Rui Barbosa). Sobre os trabalhos realizados em homenagem ao centenário de Rui, ver: FILHO, Luciano Mendes de Faria. *Edição e sociabilidades intelectuais: a publicação das obras completas de Rui Barbosa (1930-1949)*. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Editora UFMG, 2017.

¹⁵⁹² MEIRELES, Cecília. *Rui...* p. 79.

¹⁵⁹³ MEIRELES, Cecília. *Rui...* p. 81.

¹⁵⁹⁴ MEIRELES, Cecília. *Rui...* p. 87.

¹⁵⁹⁵ MEIRELES, Cecília. *O espírito vitorioso*. [1929]. ...

A essa fileira dos que se sacrificavam pelo bem maior de seus povos, Meireles adicionou ainda Joaquim José da Silva Xavier.¹⁵⁹⁶ Os heróis encarnariam o papel de mártires cívicos, de “pioneiros das ideias mais justas”¹⁵⁹⁷, como derrotados-vencedores ao lado de vencedores-derrotados. No próprio livro sobre Rui a autora explicitou o paralelo entre os que no seu sentir gastaram suas vidas em causas públicas: “Não foi assim com Tiradentes? Não foi assim com as vítimas das revoluções?”¹⁵⁹⁸

Nestas biografias de Rui e Gandhi ressoam estratégias discursivas e valores ético-políticos de uma obra que exerceu um impacto decisivo nos pensadores humanistas do Renascimento, qual seja, *De officiis*, ou *Dos deveres*, de Marco Túlio Cícero (106 a.C.-43 a.C.).¹⁵⁹⁹ Segundo o estadista e orador da República Romana,

a elevação e grandeza d’alma, a bondade, a justiça, a generosidade são, sem dúvida, muito mais conforme a natureza que a riqueza, a volúpia, a própria vida que uma alma bem formada deve conter, desprezando tudo pelo bem público.¹⁶⁰⁰

Como Cícero, que endereçou seus pensamentos à formação de seu filho, em uma narrativa recheada de exemplos, reflexões e conselhos, Cecília assim procedeu em relação a seus jovens leitores. Nem Gandhi, nem Rui, nem Tiradentes opulentaram-se às custas das comunidades em que viviam. Ademais, carregaram suas ideias por um horizonte político-social, por uma forma de coabitar a *pólis* para além de preocupações estritamente particulares ou egocêntricas.

Tal modo de compreender o mundo permitiu a Cecília relativizar a tradicional figura do herói aureolado e reinventar a heroicidade em outras bases de modelo de virtude:

Passaram os reis coroados de ouro,
e os heróis coroados de louro:
passaram por estes caminhos.

Depois, vieram os santos e os bardos.
Os santos, cobertos de espinhos.

¹⁵⁹⁶ Sobre a construção da imagem de Tiradentes como herói e membro do panteão cívico nacional, bem como das disputas ocorridas nesse processo, ver: CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas...* FRAGA, André Barbosa. *Os heróis da pátria: política cultural e história do Brasil no governo Vargas*. Curitiba/PR: Ed. Prismas, 2015.

¹⁵⁹⁷ MEIRELES, Cecília. *Rui...* p. 19.

¹⁵⁹⁸ MEIRELES, Cecília. *Rui...* p. 19.

¹⁵⁹⁹ Sobre o impacto de Cícero e desta sua obra nos humanistas de Florença dos séculos XIV e XV, ver: BIGNOTTO, Newton. *Origens do republicanismo moderno...* p. 90.

¹⁶⁰⁰ CÍCERO, Marco Túlio. *Dos deveres*. Tradução e notas de João Mendes Neto. São Paulo: Edipro, 2019, p. 125.

Os poetas, cingidos de cardos.¹⁶⁰¹

Em cada uma das estrofes do *Epigrama n.º 13*, há uma forma de se entender o humano e suas qualidades, respectivamente: a de uma narrativa enaltecida dos feitos de celebrizados, retratados na imagem de reis e heróis; e, em contraste, a de uma compreensão dos oprimidos, incorporados pelas figuras dos santos e poetas. Na qualidade de síntese desses eixos interpretativos, o poema parece acentuar uma afinidade com a segunda perspectiva, dando a entender que o poder e a glória, fugazes, passavam – verbo este utilizado duas vezes na primeira estrofe – à proporção que ainda vigia a ação dos que padeciam. Desse ponto de vista, os heróis, mais do que em imponentes ícones oficiais, seriam identificados na figura dos que se sacrificavam em favor do bem comum e da beleza.

Reverberando essa consideração a autora assumiu um

Compromisso

Transportam meus ombros secular compromisso.
Vigílias do olhar não me pertencem;
trabalho dos meus braços
é sobrenatural obrigação.

Perguntam pelo mundo
olhos de antepassados;
querem, em mim, suas mãos
o inconseguido.
Ritmos de construção
enrijeceram minha juventude,
e atrasaram-se na morte.
Vive! – clamam os que se foram,
ou cedo ou irrealizados.
Vive por nós! – murmuram suplicantes.

Vivo por homens e mulheres
de outras idades, de outros lugares, com outras falas.
Por infantes e por velhinhos trêmulos.
Gente do mar e da terra,
Suada, salgada, hirsuta.
Gente da névoa, apenas murmurada. [...]

Esta sou eu – a inúmera.
Que tem de ser pagã como as árvores
e, como um druida, mística. [...]

Andam arados, longe, em minh'alma.

Andam os grandes navios obstinados.

¹⁶⁰¹ MEIRELES, Cecília. “Epigrama n.º 13.” In: _____ *Viagem: poesia (1929-1937)*. [1939]. In: _____ *Poesia completa...* p. 323. v. 1.

Sou minha assembleia,
noite e dia, lucidamente.

Conduzo meu povo
e a ele me entrego.
E assim nos correspondemos.

Faro do planeta e do firmamento,
bússola enamorada da eternidade,
um sentimento lancinante de horizontes,
um poder de abraçar, de envolver
as coisas sofredoras,
e levá-las nos ombros, como os anhos e as cruces. [...] ¹⁶⁰²

Abrir-se à dimensão mística da relação com o passado, como que reconhecendo os limites do racionalismo (v. 4; 20 a 23); viver pelos mortos (v. 12 a 14), representando homens e mulheres, com suas falas esquecidas pela história (v. 15 e 16); corresponder-se com os mesmos (v. 30), assumindo o papel de porta-voz da gente comum, da classe trabalhadora (v. 17 a 20), dos sofredores (v. 35): eis algumas proposições de Cecília. Tais diretrizes confluem com as teses de um seu contemporâneo, que, na Europa de 1940, avaliava:

O passado traz consigo um índice secreto, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro de ar que envolveu nossos antepassados? Não existem, nas vozes a que agora damos ouvidos, ecos de vozes que emudeceram? [...] Se assim é, então existe um encontro secreto marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Então, alguém na terra esteve à nossa espera. ¹⁶⁰³

Nesse texto derradeiro, Walter Benjamin reparou o predomínio de um tipo de história, empática ao triunfo dos poderosos, sendo, por isso, necessário inverter essa orientação, isto é, “escovar a história a contrapelo” ¹⁶⁰⁴ e atentar para a “tradição dos oprimidos.” ¹⁶⁰⁵ Bem antes do filósofo alemão, o historiador francês Jules Michelet já defendera o projeto de uma história “daqueles que sofreram, trabalharam, definharam e morreram sem ter a possibilidade de descrever seus sofrimentos.” ¹⁶⁰⁶

¹⁶⁰²MEIRELES, Cecília. “Compromisso.” In: _____ *Mar Absoluto e outros poemas* [1945]. In: _____ *Poesia completa...* p. 462-463. v. 1.

¹⁶⁰³BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: _____ *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8ª ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 242. (Obras escolhidas v. 1).

¹⁶⁰⁴BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: _____ *Magia e técnica, arte e política...* p. 245.

¹⁶⁰⁵BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: _____ *Magia e técnica, arte e política...* p. 245.

¹⁶⁰⁶MICHELET, Jules. (1842). Apud: BURKE, Peter. *A Escola dos Annales* (1929-1989): a revolução francesa da historiografia. Tradução Nilo Odalia. 2ª ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2010, p. 19. Mais recentemente, a expressão a *história vista de baixo* atuará, segundo Jim Sharpe, para “convencer aqueles de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum

Cecília avizinhou-se desta perspectiva porque estava segura de que todos os seres humanos são iguais, independentemente de cor, classe, gênero ou religião. Tomou para si, então, a tarefa de recordar histórias de pessoas e de projetos de país, que pudessem polir e fazer brilhar princípios humanísticos, cívico-republicanos, como se houvesse recebido das mãos de um condenado a herança de seus ideais:

Dizem que saiu dessa casa
com uma crisólita na mão.
Era de noite, era já tarde,
era numa triste ocasião.
As sentinelas escutavam
seu passo pela escuridão. [...]

Ele era o Alferes Tiradentes,
enforcado naquela praça:
muitas coisas não se compreendem,
tudo se esquece, o tempo passa...
Mas essa crisólita, sempre,
parece diamante sem jaça.

E era uma simples pedra fosca,
e ficou sem lapidação.
Quando se fala nela, a sombra
desfaz-se como cerração.
E sua luz bate no rosto
do homem que a levava na mão.¹⁶⁰⁷

Tem-se, talvez, uma educação pela *pedra*, à Cabral, de fora para dentro e de dentro para fora¹⁶⁰⁸, e, mais do que isso, a formação política pela *luz* das ideias. Permearam a trajetória e os pensamentos da jovem normalista, da inveterada pacifista, da educadora engajada, da poeta consagrada as luzes da razão e da emoção, da vida contemplativa e da vida ativa, do arcaísmo a ser rompido e do passado a ser revivido e reinventado. Diferentemente de intelectuais que efetivaram uma guinada político-ideológica, como Rachel de Queiroz e Carlos Lacerda, os quais transitaram do campo comunista para a ala conservadora¹⁶⁰⁹, Cecília não realizou nenhuma mudança de curso radical em seus

lugar.” SHARPE, Jim. “A história vista de baixo”. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p. 39-62. Ver também: SILVA, Denilson de Cássio. “Em História sou simplesmente poeta: Cecília Meireles e o passado presente como escrita da história.” In: MARCELINO, Douglas Attila. (Org.). *Ritualizações do passado: a história como prática escrita e rememorativa*. Curitiba: Editora CRV, 2020, p. 47-74.

¹⁶⁰⁷ MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. [1953]... p. 175-176.

¹⁶⁰⁸ NETO, João Cabral de Melo. *A educação pela pedra* (1962-1965). In: _____ *Poesia completa*. Organização, estabelecimento de texto, prefácio e notas de Antônio Carlos Secchin; com a colaboração de Edneia R. Ribeiro. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2020, p. 358-359.

¹⁶⁰⁹ Cf. MENDES, Fernanda Coelho. “Rachel de Queiroz e suas correspondências: relações com o poder e redes de sociabilidade (1960-1985).” In: Anais do XVII Encontro de História da ANPUH – Rio... KELLER, Vilma. “Carlos Frederico Werneck de Lacerda.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. *Dicionários...*

conceitos. As experiências do levante estudantil em 1915 e dos debates junto à Legião da Mulher Brasileira, em 1920, suscitaram convicções e palavras, que, redimensionadas, marcaram a atuação da intelectual na formação de consensos e de controvérsias nas décadas seguintes. As alterações, nessa direção, apresentam-se mais como um processo de maturação no tateamento de estratégias, espaços, alianças e oposições, do que como viragens bruscas.

Todos os horrores testemunhados, como o autoritarismo, a intolerância, o racismo, a discriminação social, as negociatas da política rasteira, os privilégios de antiga ordem, a deterioração dos mais básicos princípios para uma convivência possível, golpearam Cecília. Com o passar das décadas foi se questionando, cada vez mais, sobre o destino dos seres humanos e garimpando respostas em filosofias, histórias e culturas à Ocidente e à Oriente. Bebeu em muitas fontes políticas e espirituais. Referenciais de um humanismo cívico, tal como aqui discutidos, constituem apenas um manancial – conquanto, acreditamos, importante – dentre outros mobilizados e reapropriados por Meireles. Desdobrou-se múltipla, inúmera, enigma. Seus recorrentes atos e apelos por justiça, diálogo, paz, felicidade, educação, solidariedade, abnegação, beleza, enfim, acompanharam-na até o limiar de sua existência terrestre. Seu humanismo fez-se antípoda de discursos universalistas abstratos, justificadores do colonialismo e de tiranias locais,¹⁶¹⁰ e deu concretude a substantivos como liberdade, igualdade e fraternidade, com

¹⁶¹⁰ Segundo Merleau Ponty, seguido de perto por Frantz Fanon e autores do pensamento anticolonialista: “[...] o humanismo das sociedades capitalistas, por mais real e mais precioso que ele possa ser para aqueles que deles se beneficiam, não descem do cidadão até o homem, não suprime o desemprego nem a guerra, nem a exploração colonial e que, conseqüentemente, recolocado na história de *todos os homens*, é, como a liberdade da cidade antiga, o privilégio de alguns e não o bem de todos.” PONTY, Merleau. *Humanismo e terror*: ensaio sobre o problema comunista. [1947]. Tradução de Naume Ladosky. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1968, p. 170. Itálico original. Já nos anos 1990, pensadores tão diferentes como Pierre Bourdieu, Edward Said e Judith Butler parecem convergir na efetuação de uma releitura da universalização das condições de acesso ao universal, de uma precariedade compartilhada, a reforçar compromissos éticos de igualdade e universalização das condições de sobrevivência e prosperidade. A observação de Said é bastante representativa dessa linha de raciocínio. O autor pondera que “é possível ser crítico ao humanismo em nome do humanismo e que, esmolados nos seus abusos pela experiência do eurocentrismo e do império, poderíamos dar forma a um tipo diferente de humanismo que fosse cosmopolita e preso-ao-texto-e-linguagem.” No entender de Said este humanismo deveria ser democrático, aberto à autocrítica, como um processo incessante de descoberta e libertação. SAID, Edward W. *Humanismo e crítica democrática*. Tradução de Rosa Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 29. BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. [1997]. Tradução Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 87. BUTLER, Judith. *Quadros de guerra...* p. 50. Esta revalorização crítica de um certo humanismo não-hipócrita e descentrado também pode ser encontrada em: CHAKRABARTY, Dipesh. *El humanismo en la era de la globalización...* MBEMBE, Achile. *Políticas da inimizade*. Tradução Marta Lança. Lisboa, 2017.

a esperança de que entre um Rio de Janeiro melancólico¹⁶¹¹ e a Ilha do Nanja¹⁶¹², entre a “harpa imóvel”¹⁶¹³ e a “arte de ser feliz”¹⁶¹⁴, o ser humano se humanizasse, esse ser admirado, “maravilhosamente, vão, diverso e ondulante.”¹⁶¹⁵

Referências bibliográficas

Fontes primárias

Crônicas, poemas, entrevistas, cartas, reportagens, ensaios, biografias

ANDRADE, Ary de. *Canto do Tempo Presente*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1946.

ANDRADE, Carlos Drummond. *O observador no escritório: páginas de diário*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

ANDRADE, Mário. “Paulicea Desvairada”. [1922]. In: _____ *Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, p. 55-127.

ANDRADE, Oswald. *Telefonema*. Organização, introdução e notas de Vera Maria Chalmers. 2ª ed. aum. São Paulo: Globo, 2007. (Obras completas de Oswald de Andrade).

ANDRADE, Mário de. *Há uma gota de sangue em cada poema*. São Paulo: POGAI & Companhia, 1917. Biblioteca Brasileira Guita e José Midlin. Disponível em <https://www.bbm.usp.br/pt-br/>

AZEVEDO, Fernando. *Novos caminhos e novos fins: subsídios para uma história de quatro anos*. [1932]. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958. (Obras completas. Vol. VII).

¹⁶¹¹ Cf. MEIRELES, Cecília. “Lamento pela cidade perdida.” [1952]. In: _____ *Crônicas de Viagem*, 2. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999, p. 5-6. (Cecília Meireles: obra em prosa).

¹⁶¹² Cf. MEIRELES, Cecília. “A Ilha do Nanja.” In: MURILO, Miranda (Org.). *Quadrante 1*. Rio de Janeiro: Editora do Autora, 1962, p. 152-153.

¹⁶¹³ MEIRELES, Cecília. “Pelos ondas do mar, pelas ervas e as pedras.” In: *Solombra*. [1963]. _____ *Poesia completa...* p. 1264.

¹⁶¹⁴ MEIRELES, Cecília. “Arte de ser feliz”. In: MURILO, Miranda (Org.). *Quadrante 1...* p. 10-11.

¹⁶¹⁵ MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios*. Uma seleção. Tradução e notas de Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 45. Essa frase foi citada por Cecília em pelo menos duas ocasiões, em 1933 e 1947. Cf. MEIRELES, Cecília. “Nosso amigo Montaigne.” In: *A Nação*. Rio de Janeiro. Quinta-feira, 2 de março de 1933, p. 7. MEIRELES, Cecília. “Carta del Brasil”. In: *Realidade*: Revista de Ideias. Publicación bimestral. Director: Francisco Romero. Buenos Aires. Ano 1, v. 1, p. 91-104, enero-febrero, 1947. Disponível em <http://www.ahira.com.ar/revistas/realidad/> Acesso em Acesso em 20 fev. 2019.

_____. *Na batalha do humanismo: aspirações, problemas e perspectivas*. [1952]. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967. (Obras completas; 15)

_____. [et al.]. *Manifestos dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores (1959)*. Recife: Editora Massagana, 2010.

VICTOR, Nestor. *Obra crítica de Nestor Victor*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979. V. 3.

DAMASCENO, Darcy. “Notas para biografia de Cecília Meireles.” In: *Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil*. Arquivo Darcy Damasceno, Manuscritos.

GANDHIAN OUTLOOK AND TECHNIQUES. A verbatim report of the proceedings Seminar in the contribution of Gandhian outlook and techniques to the solution of tensions between and within nations held at New Delhi from the 5th to the 17th January, 1953. Ministry of Education: Government of India. Disponível em <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.499877> Acesso em 12 fev. 2019.

INGENIEROS, Jose. “O suicídio dos bárbaros”. Setembro de 1914. In: _____ *Os tempos novos: reflexões otimistas sobre a Grande Guerra e a Revolução Russa*. Buenos Aires: Edições América Latina, 1921, p. 13-15.

LIMA, Alceu Amoroso. *Humanismo Pedagógico: estudos de filosofia de educação*. Rio de Janeiro: Stella Editora: 1944. (Coleção Presença; XI).

LI PO & TU FU. *Poemas chineses*. Tradução de Cecília Meireles. Introdução de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MEIRELES, Cecília. (org.). *Poesia de Israel*. Tradução de Cecília Meireles. Desenhos de Cândido Portinari. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962.

MEIRELES, Cecília. (Org.). *Poetas novos de Portugal*. Seleção e prefácio de Cecília Meireles. Rio de Janeiro: Dois Mundos Editora, 1944.

MEIRELES, Cecília. “Como escrevi o Romanceiro da Inconfidência.” 20 de abril de 1955. In: _____ *Romanceiro da Inconfidência*. [1953]. Organização e apresentação de Ana Maria Lisboa de Mello. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013, p. 15-36.

MEIRELES, Cecília. “Conferência realizada na Embaixada da Índia, Rio de Janeiro, em homenagem à Mohandas Gandhi, por ocasião da data de aniversário do mahatma em 2 de outubro de 1948.” Apud: KRIPALANI, Krishna. “Across the oceans”. In: The Visva-Bharati Quarterly. Shantiniketan, West Bengal, India. Vol. XIV, Nº 4, p. 295, 1948/1949.

MEIRELES, Cecília. “Apresentação”. In: Homenagem a Rabindranath Tagore. *Da Índia distante* - boletim quinzenal distribuído gratuitamente pela Embaixada da Índia. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, p. 1-4, 7 de maio de 1961.

MEIRELES, Cecília. “Entrevista a Pedro Bloch.” In: BLOCH, Pedro. *Vida, pensamento e obra de grandes vultos da cultura brasileira: entrevistas*. Rio de Janeiro: Bloch Ed., 1989, p. 31-35.

MEIRELES, Cecília. “Entrevista. Seção As Grandes Mulheres.” In: *Revista Manchete*, nº 76. Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1953, p. 48-52. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

MEIRELES, Cecília. “Entrevista.” In: GASTÃO, Marques. *Rumo às estrelas do Cruzeiro do Sul*. Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia, 1954, p. 167-176.

MEIRELES, Cecília. “Gandhi”. In: *Apóstolos modernos*. [1959]. São Paulo: Editora Égira, 1977, p. 245-328. (Grandes vocações; v. 4)

MEIRELES, Cecília. *Batuque, samba e macumba: estudos de gesto e de ritmo, 1926-1934*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1983.

MEIRELES, Cecília. *Cânticos*. Apresentação Suzana Vargas. 4. ed. São Paulo: Global Editora, 2015.

MEIRELES, Cecília. *Cecília Meireles: crônicas de viagem, 1*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998. (Cecília Meireles: obra em prosa).

MEIRELES, Cecília. *Cecília Meireles: crônicas de viagem, 2*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999. (Cecília Meireles: obra em prosa).

MEIRELES, Cecília. *Cecília Meireles: crônicas de viagem, 3*. Editora Nova Fronteira, 1999. (Cecília Meireles: obra em prosa).

MEIRELES, Cecília. *Cecília Meireles: crônicas em geral*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998. (Cecília Meireles: obra em prosa; v. 1).

MEIRELES, Cecília. *Criança meu amor*. [1924]. 3. ed. São Paulo: Global, 2013.

MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2001. 5 vols. (Cecília Meireles: obra em prosa).

MEIRELES, Cecília. Curso de Técnica e Crítica Literárias. Escola de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal, ministrado de junho a novembro de 1937. (Aulas taquigrafadas por Vera Teixeira, sem revisão). Disponível em: Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo Isabel do Prado. As duas últimas aulas do curso ocorreram em 26 e 29 de novembro de 1937.

MEIRELES, Cecília. *Diário de Bordo*. Ilustrações Fernando Correa Dias. Apresentação Alberto da Costa e Silva. Prefácio e posfácio Jussara Pimenta. São Paulo: Global, 2015.

MEIRELES, Cecília. Entrevista a Paulo Mendes Campos. “Inquérito: ‘Sempre houve crises’”. In: *Jornal de Notícias*, São Paulo, Domingo, 5 de março de 1950, p. 1. (Segundo caderno). Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

MEIRELES, Cecília. “Entrevista”. In: *Correio Paulistano*. São Paulo. Quinta-feira, 13 de agosto de 1942, p. 3. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

MEIRELES, Cecília. Entrevista a Solêna Benevides Vianna. *A Manhã*. Rio de Janeiro, Domingo, 20 de janeiro de 1946, p. 3 e 11. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

MEIRELES, Cecília. *O espírito victorioso*. Rio de Janeiro, Editora Anuário do Brasil, 1929.

MEIRELES, Cecília. *Olhinhos de gato*. [1939]. 4ª ed. São Paulo: Global, 2015.

MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Organização, apresentação e estabelecimento de texto Antônio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2001 a. 2 vols.

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. [1953]. Organização André Seffrin. Apresentação Alberto da Costa e Silva. [13. ed.]. São Paulo: Global, 2015.

MEIRELES, Cecília. *Rui*: pequena história de uma grande vida. São Paulo: Gráfica Revista dos Tribunais, 1949. (Edição comemorativa do centenário de Rui Barbosa).

MEIRELES, Cecília. *Três Marias de Cecília*. Organização, apresentação e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Moderna, 2006. (Série imagem & texto).

MEIRELES, Cecília et. al. In: MURILO, Miranda (Org.). *Quadrante 1*. Rio de Janeiro: Editora do Autora, 1962.

PERROUX, François. *Os mitos hitleristas*: problemas da Alemanha contemporânea. Tradução de Cecília Meireles. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1937. (Biblioteca Pedagógica Brasileira; série 4, iniciação científica; v. 16).

RICARDO, Cassiano. *A Academia e a poesia moderna*. São Paulo: E.G. Revista dos Tribunais, 1939.

WOOLF, Virgínia. *Orlando*: biografia. [1928]. Tradução Cecília Meireles. Porto Alegre: Editora Globo, 1948.

Jornais

Disponíveis em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

A Nação

Diário de Notícias

A Rua

O Imparcial

A Manhã

Jornal do Comércio

A Noite

A União

Gazeta de Notícias

Jornal do Brasil

Jornal das Moças

O Século
A Época
Correio da Manhã
O Paiz
ABC
A Razão
O Jornal
O Globo
Diário Nacional

Revistas e panfletos

Escritura – Disponível : Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

Revista de Cultura e Técnica – Disponível em: Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

Realidad - Disponível em <http://www.ahira.com.ar/revistas/realidad/> Acesso em Acesso em 20 fev. 2019.

Revista Acadêmica. Acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4381?locale=en>

Os demais estão disponíveis em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

Manchete
Careta
Diretrizes
Gil-Blas
D. Quixote
O Observador Econômico e Financeiro.
Festa
A Ordem
Leitura
Brazílea
Fon Fon
Travel in Brazil
Litoral

Correspondências

MEIRELES, Cecília. Cartas de Cecília Meireles a Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB USP). Arquivo Fernando de Azevedo. LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

MEIRELES, Cecília. *A lição do poema: cartas de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues*. Organização e notas de Celestino Sachet. Ponta Delgada, Açores: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.

MEIRELES, Cecília. *Cartas de Cecília Meireles a Isabel do Prado*. Disponíveis em: Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Arquivo Isabel do Prado.

MEIRELES, Cecília. *Cartas de Cecília Meireles a Gabriela Mistral*. Biblioteca Nacional do Chile. Disponível em <http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl> Acesso em 20 fev. 2019.

MEIRELES, Cecília. *Cartas a Dulci Lupi Osório de Castro*. *Revista Colóquio: revista de artes e letras*. N. 66, p. 64-71, março de 1982, Lisboa (PT).

MEIRELES, Cecília. *Cartas de Cecília Meireles a Alfonso Reyes*. Disponíveis em: Capilla Alfonsina – INBA.

Memórias

LEMME, Paschoal. *Memórias de um educador*. [1983]. 2ª ed. Brasília: Inep, 2004, p. 119. v. 1. Infância, adolescência, mocidade.

LIMA, Alceu Amoroso. *Memórias improvisadas: diálogos com Medeiros Lima*. Petrópolis: Vozes, 1973.

LIMA, Alceu Amoroso. *Companheiros de viagem*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1971.

RICARDO, Cassiano. *Viagem no tempo e no espaço: memórias*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970.

Crítica literária contemporânea de Cecília Meireles

ANDRADE, Carlos Drummond. “O livro de julho: ‘Retrato Natural’ – Cecília Meireles”. In: *Jornal das Letras*, Rio de Janeiro, jul. 1949, p. 3. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

ANDRADE, Mário. *O empalhador de passarinho*. 4. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira: seguida de uma pequena antologia*. Rio de Janeiro: Edições CEB, 1946.

CORRÊA, Roberto Alvim. *Anteu e a crítica: ensaios literários*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1948.

DAMASCENO, Darcy. “Poesia do sensível e do imaginário.” In: MEIRELES, Cecília. *Flor de poemas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1972.

DAMASCENO, Darcy. *Cecília Meireles: o mundo contemplado*. Orfeu: Rio de Janeiro, 1967.

GRIECO, Agripino. *Evolução da poesia brasileira*. Ed. Ariel: Rio de Janeiro, 1932.

GOMES, Alfredo. “Prefácio”. In: MEIRELES, Cecília. *Espectros [1919]*. In: MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Organização Antônio Carlos Secchim. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 8-14. [v. 1].

MILLIET, Sérgio. *Panorama da moderna poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1952.

MONTEIRO, Adolfo Casais. *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da USP, 1972.

MURICY, Andrade. *A nova literatura brasileira: crítica e antologia*. Porto Alegre: Editora Livraria do Globo, 1936.

NEMÉSIO, Vitorino. *Conhecimento de poesia*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958.

Leis e decretos

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, decretada e promulgada pelo Congresso Nacional Constituinte, em 24/02/1891. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao-35081-24-fevereiro-1891-532699-publicacaooriginal-15017-pl.html> Acesso em 23 abr. 2020.

DECRETO b, Decreto nº 155-B, de 14 de janeiro de 1890. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19488-15-dezembro-1930-508040-republicacao-85201-pe.html> Acesso em 15 jun. 2020.

DECRETO a, nº 19.488, de 15 de dezembro de 1930. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19488-15-dezembro-1930-508040-republicacao-85201-pe.html> Acesso em 17 ago. 2019.

DECRETO nº 19.941, de 30 de abril de 1931. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19941-30-abril-1931-518529-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em 15 jun. 2020.

Obras de referência

BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Tradução de Carmen C. Varriale et al. Revisão geral de João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. Brasília: UNB, 1998. v. 1 e 2.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbetes temático. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/>

CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbetes biográfico. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/>

CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionário da Elite Republicana (1889-1930). Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/>

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. Disponível em <https://www.britannica.com/>

FIGUEIREDO, Candido de. *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sociedade Editora, 1924.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA A ESTATÍSTICA (IBGE). *Recenseamento de 1920* (4º Censo geral da população e 1º da agricultura e das indústrias). Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística. Volume IV (1ª parte). População. Rio de Janeiro: Tipografia da Estatística, 1926, p. IV. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=26463> Acesso em 12 abr. 2019.

PEQUENO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Organizado por um grupo de filólogos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

SCHWARCZ, Lilia & STARLING, Heloísa M. (Orgs.) *Dicionário da República: 51 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; MEDEIROS, Sabrina Evangelista & VIANNA, Alexander Martins. (Orgs.) *Dicionário crítico do pensamento da Direita: Ideias, instituições e personagens*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1999.

THE NEW AMERICAN BIBLE. Revised Edition. Washington, DC: World Catholic Press, 2011.

Teses e dissertações

ACCÁCIO, Liéte Oliveira. *Docentes e Catedráticos: os concursos para professor da Escola Normal do Distrito Federal*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2002. Ano de obtenção: 2002.

ALENCAR, Maria Eduarda dos Santos. *Tradutoras brasileiras dos séculos XIX e XX*. 191 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2016.

ALVES, Daniela Utescher. *A crônica de Cecília Meireles: uma viagem pela ponte de vidro do arco-íris*. 188 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, São Paulo, 2012.

ALVES, Rosana Llopis. *Carlos de Laet: o magistério, a política e a fé*. 376 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense. Faculdade de Educação, 2013.

BAGGIO, Kátia Gerab. *A “outra” América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicadas*. Tese (Doutorado). 226 f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998.

FERREIRA, Rosângela Veiga J. *Entre leitores, bibliotecas, campos e jardins: Gabriela Mistral e Cecília Meireles em projetos de educação popular, México (1920) e Brasil (1930)*. 328 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.

KARAWEJCZYK, Mônica. *As filhas de Eva querem votar: dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil (c.1850-1932)*. Tese (doutorado em história), UFRGS, Porto Alegre, 2013.

LIMA, Felipe Victor. *O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores: movimento intelectual contra o Estado Novo (1945)*. 239 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MARCHIORO, Camila. *Cecília Meireles e os símbolos do absoluto*. 124 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas Estudos Literários, Curitiba, 2014.

MOURA, Murilo Marcondes de. *Três poetas brasileiros e a Segunda Guerra Mundial (Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Murilo Mendes)*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1998.

NUNES, Radamés Vieira. *Sobre crônicas, cronistas e cidade: Rio de Janeiro nas crônicas de Lima Barreto e Olavo Bilac - 1900-1920*. Dissertação (Mestrado). 194 f. Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. *Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meireles*. 213 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1988.

PEREIRA, Amanda Reis Tavares. *Ressonâncias entre Cecília Meireles e Maria Helena Vieira da Silva: encontros prodigiosos*. 245 f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes, 2017.

PIMENTA, Jussara Santos. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934)*. 374 f. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008.

RAMALHO, Walderez Simões Costa. *Outros tempos, outras histórias: Kairós, manifesto, crise*. 178 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. Mariana MG, 2021.

REIS, Ana Amélia Neubern Batista dos. *Cecília Meireles e a Índia no modernismo brasileiro*. 235 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2019.

REIS, Ana Amélia Neubern Batista dos. *Cecília Meireles e a Índia: uma experiência de tradução*. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2015.

RESENDE, José Armando Zema de. *A cooperação intelectual internacional da Sociedade das Nações e o Brasil (1922-1938): dinâmicas de um processo*. 146 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em História, Brasília, 2013.

SILVA, Jacicarla Souza da. *Um (in) visible college na América Latina: Cecília Meireles, Gabriela Mistral e Victoria Ocampo*. 213 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2012.

VIEIRA, Ana Paula Leite. *Cecília Meireles e a educação da infância pelo folclore*. 182 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói, 2013.

Livros, capítulos, artigos e verbetes

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. “Biografia: Pereira da Silva, A. J.” Disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/pereira-da-silva-j> Acesso em 14 mai. 2019.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. “Biografia: Fernando Magalhães.” Disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/fernando-magalhaes/biografia> Acesso em 4 jul. 2020.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. “Carlos de Laet”. Disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/carlos-de-laet> Acesso em 05 set. 2019.

ACCÁCIO, Liéte Oliveira. “Formando o professor primário: a Escola Normal e o Instituto de Educação do Rio de Janeiro.” In: GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL” – HISTEDBR. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2011. Disponível em <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/formando-o-professor-primario-a-escola-normal-e-o-instituto-de-educacao-do-rio-de-janeiro> Acesso em 01 mai. 2019.

AEC – ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em <http://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/associacao-dos-empregados-no-comercio-do-rio-de-janeiro> Acesso em 10 mar. 2019.

AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2000.

AIRES, Kássio Henrique dos Santos. “A mulher e o ordenamento jurídico: uma análise do tratamento de gênero pela legislação civil brasileira.” In: *Revista Âmbito Jurídico*. nº 166. Ano XX, não paginado. Nov. 2017. Disponível em <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-civil/a-mulher-e-o-ordenamento-juridico-uma-analise-do-tratamento-de-genero-pela-legislacao-civil-brasileira/> Acesso em 7 fev. 2020.

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. Tradução de Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ALMANAQUE ABRIL: quem é quem na história do Brasil. São Paulo: Abril Multimídia, 2000.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Brasil*. Conferencia pronunciada por la autora em la Biblioteca del Consejo Nacional de Mujeres de la Argentina. Buenos Aires, 1922.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Histórias de nossa terra*. [1907]. 6ª Edição revista e aumentada. Francisco Alves & Cia: Rio de Janeiro, 1911.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Livro das donas e donzelas*. [1906]. Universidade da Amazônia (UNAMA): Belém, PA: s/d.

ALMEIDA, Júlia Lopes. *Dois dedos de prosa: o cotidiano carioca por Júlia Lopes de Almeida*. Angela di Stasio, Anna Faedrich & Marcus Venicio Ribeiro (Organizadores). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. (Cadernos da Biblioteca Nacional; v. 16).

ALMEIDA, Margarida Lopes de. *Versos que eu digo*. Rio de Janeiro: Edições Rudá, 1937. In: BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MIDLIN. Acervo Digital.

Universidade de São Paulo (USP). Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/simple-search?query=lopes+de+almeida> Acesso em 12 mai. 2019.

ALMANAQUE ABRIL: quem é quem na história do Brasil. São Paulo: Abril Multimídia, 2000.

AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ANDRADE, Maria do Carmo. “*Cardeal Arcoverde*.” Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2009. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php>>. Acesso em: 17 mai. 2020.

ANDRADE, Mário. “Paulicea Desvairada”. [1922]. In: _____ *Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, p. 55-127.

ANDRADE, Oswald. “Voto a descoberto” [1952]. In: _____ *Telefonema*. Organização, introdução e notas de Vera Maria Chalmers. 2ª ed. aum. São Paulo: Globo, 2007. (Obras completas de Oswald de Andrade).

ARAÚJO, José Carlos Souza; MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; VIDAL, Diana Gonçalves. *Reformas educacionais: as manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 a 1946)*. (Orgs.). Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2001. (Coleção memória da educação).

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. [1954]. Tradução de Mauro W. Barbosa. 7. ed., 1. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Debates; 64).

_____. *O que é política?* [Fragmentos das obras póstumas compilados por Ursula Ludz] Tradução de Reinaldo Guarany. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

_____. *Origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução e notas de Luciano Ferreira de Souza. São Paulo: Martim Claret, 2015.

AUTRAN, Paula. “Em meio a disputa de herdeiros, Cecília Meireles volta às livrarias”. In: *O Globo*. Rio de Janeiro, 21 nov. 2017. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/em-meio-disputa-de-herdeiros-cecilia-meireles-volta-as-livrarias-22112759> Acesso em 13 jun. 2019.

AZEVEDO, Silvia Maria & LUCA, Tânia de. “Do jornal ao livro: o inquérito literário de 1909.” In: RIO, João do. *O momento literário*. [1909]. Organização de Silvia Maria Azevedo e Tania de Luca. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2019, p. 1-34.

BALZAN, Carina Fior Postinger. “Érico Veríssimo, editor: contribuições para a história do livro no Brasil.” In: *Nonada*, Porto Alegre, v.1, n.26, p. 94-104, 1º Semestre 2016.

BANDEIRA, Manuel. “Improviso”. In _____ *Belo belo*. [1948]. Organização André Seffrin. São Paulo: Global, 2014, p.33.

BARBUSSE, Henri. *O fogo*. [1916]. Tradução de Livia Bueloni Golçalves. São Paulo: Editora Madalena, 2015. (Coleção Linha do Tempo).

BARON, Hans. *The crisis of the early Italian Renaissance: Civic Humanism and Republican Liberty in an Age of Classicism and Tyranny*. Princetont, New Jersey: Princetont University Press, 1955.

BASTOS, Michelle. *Dulcina de Moraes: memórias de um Teatro Brasileiro*. Brasília: LGE Editora, 2007.

BAUDELAIRE, Charles. *O spleen de Paris: pequenos poemas em prosa*. [1868]. Tradução de Alessandro Zir. Porto Alegre: LP&M, 2016. (Pocket).

BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. [1927]. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. [1927]. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2007.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história.” In: _____ *Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8ª ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2002, p. 241-252.

BERGER, Peter L. & LUCKANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. [1995]. Tradução de Edgar Orth. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BERNARDES, Joana Duarte. *Eça de Queirós: riso, memória, morte*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília [et. al.] (orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 29-46.

BIGNOTTO, Newton. “Republicanism”. In: AVRITZER, Leonardo et. al. (Orgs.) *Corrupção: ensaios e críticas*. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 87-93.

BIGNOTTO, Newton. *As aventuras da virtude: as ideias republicanas na França do século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BIGNOTTO, Newton. *Origens do republicanismo moderno*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BOBBIO, Norberto. *A Era dos Direitos*. [1992]. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Apresentação de Celso Lafer. Nova ed. 10. reimp. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. [1994]. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 3ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BOBBIO, Norberto. *O problema da guerra e as vias da paz*. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Tradução de Carmen C. Varriale et al. Revisão geral de João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. Brasília: UNB, 1998. v. 1 e 2.

BOMENY, Helena (Org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2001.

BOMENY, Helena Maria B. & COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*: São Paulo: Paz e Terra: 2000.

BOMENY, Helena. *Os intelectuais e a educação*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BONAZZI, Tiziano. “Conservadorismo”. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Tradução de Carmen C. Varriale et al. Revisão geral de João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. Brasília: UNB, 1998. p. 242-246.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. [1970]. 50ª ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

BOURDIEU, Pierre. “Las formas del capital: capital económico, capital cultural y capital social.” In: _____ *Poder, derecho y clases sociales*. 2ª ed. Trad. Maria José Bernuz Beneitez. Bilbao: Editorial Desclée De Brouwer, 2001, p. 131-164.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. [1997]. Tradução Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRAGANÇA, Aníbal & ABREU, Márcia. (Org.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

BRITO, Mário da Silva. “Cecília Meireles”. In: _____ *Poesia do Modernismo* [1959]. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

BUENO, Alexei & ERMAKOFF (Orgs.). *Duelos no serpentário: uma antologia da polêmica intelectual no Brasil (1850-1950)*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2005.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. Tradução Nilo Odalia. 2ª ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

BURKE, Peter. *Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000*. Tradução de Renato Prelorenzou. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Tradução de Sérgio Lamarão e Arnaldo M. da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Judith. *A força da não-violência: um vínculo ético-político*. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.

CACCESE, Neusa Pinsard. *Festa: contribuição para o estudo do modernismo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros USP, 1971.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. [1942]. 15ª ed. Rio de Janeiro: Edições Best Bolso, 2020.

CÂNDIDO, Antônio & CASTELLO, José Aderaldo. “Cecília Meireles”. In: _____ *Presença da Literatura Brasileira* [1968]. 6ª edição revista e corrigida. DIFEL: Rio de Janeiro: 1977, p. 113-116.

CANDIDO, Antônio. “Prefácio”. In: MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: DIFEL/Difusão Editorial, 1979, p. IX-XIII.

CARDOSO, Vicente Licínio. (Org.). *À Margem da História da República*. [1924]. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981. 2 v.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura ocidental*. [1959] 3ª ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTEX, Pierre-Georges. “Alfred-Victor, count de Vigny”. In: *Encyclopedia Britannica*. Disponível em <https://www.britannica.com/biography/Alfred-Victor-comte-de-Vigny> Acesso em 19 abr. 2020.

CATROGA, Fernando. *Ensaio Respublicano*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2011. (Ensaios da Fundação).

CATROGA, Fernando. *Entre deuses e césares: secularização, laicidade e religião civil: uma perspectiva histórica*. 2ª ed. Edições Almedina: Coimbra, 2010.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC FGV). “Jackson de Figueiredo”. In: *Dossiê – A Era Vargas: dos anos 20 a 1945*. Disponível em https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/jackson_de_figueiredo Acesso em 20 abr. 2019.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. [1975]. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica Arno Vogel. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

CESAR, Ana Cristina. “Literatura e mulher: essa palavra de luxo.” In: _____ *Crítica e tradução*. São Paulo: Editora Ática, 1999, p. 224-240.

CHAKRABARTY, Dipesh. *El humanismo en la era de la globalización*. Traducción Ramón González Ferriz. Buenos Aires: Katz Editores, 2006.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. [1997]. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHAUÍ, Marilena. “Liberdade: vida ética e ação política.” In: SCHWARCZ, Lilia & STARLING, Heloísa M. (Orgs.) *Dicionário da República: 51 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 198-206.

CÍCERO, Marco Túlio. “A amizade: o que é a amizade? (cap. V).” In: FERACINE, Luiz. *Cícero: o maior filósofo latino da Antiguidade*. São Paulo: Lafonte, 2011. (Filosofia comentada).

CÍCERO, Marco Túlio. *Dos deveres*. Tradução e notas de João Mendes Neto. São Paulo: Edipro, 2019.

COELHO, Nelly Novaes. “Áurea Pires da Gama”. In: *D Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002, p. 80.

COELHO, Nelly Novaes. “O ‘eterno instante’ na poesia de Cecília Meireles.” In: *Alfa: Revista de Linguística*. Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’ (UNESP). V. 5/6, p. 92-93, (1964). Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/issue/view/265/showToc> Acesso em 10 fev. 2017.

COMPAGNON, Olivier. *O adeus à Europa: A América Latina e Grande Guerra (Argentina e Brasil, 1914-1939)*. Tradução Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2014.

COOK, Carla. “Meireles, Cecília (Cecília Benevides de Carvalho Meireles).” In: *Enciclopédia açoriana* [On-line]. Disponível em <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/default.aspx?id=8938> Acesso em 05 mar. 2019.

CORDEIRO, Rogério. [et. al.]. (Orgs.). *A crítica literária brasileira em perspectiva*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2013.

CORNELSEN, Elcio. “Cenas literárias da Primeira Guerra Mundial: Ernst Jünger e Eric Maria Remarque.” In: _____ & BURNS, Tom. (Org.). *Literatura e guerra*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 29-54. (Invenção).

_____ & BURNS, Tom. (Org.). *Literatura e guerra*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. (Invenção).

CORRÊA, Maria Letícia. “Jornalismo econômico no Brasil: um estudo a partir da revista *O Observador Econômico e Financeiro* (1936-1945).” In: BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta; CHAVES, Mônica Piccolo Almeida & CORREA, Maria Letícia. *História econômica e imprensa*. Rio de Janeiro: Contracapa: 2016, p. 113-130.

CORREIA, Sílvia. *Entre heróis e mortos: políticas da memória da I Guerra Mundial em Portugal (1918-1933)*. Rio de Janeiro: 7 Letras: FAPERJ, 2015.

COSTA, Soraya Borges. *Eros e Tântatos na poética de Federico García Lorca e Cecília Meireles*. 185 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2015.

CUNHA, Carlos Alberto Nóbrega da. *A Revolução e a Educação*. [1931]. Brasília: Plano Editora, 2003.

CUNHA, Marcus V. da & SOUZA, Aline V. de. “Cecília Meireles e o temário da Escola Nova.” *Cadernos de Pesquisa*. Vol 41. n. 144, p. 851-865, set./dez. 2011.

DAGAN, Yäel. “Civilizados, bárbaros, europeus: três homens de letras em face do inimigo – 1914-1925.” *Vária História*, Belo Horizonte, vol. 21, nº 34: p. 371-394, julho 2005.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. [1990]. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DEL PRIORI, Maria (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011. HOLANDA, Heloísa Buarque de.(Org.) *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa, PT: Edições 70, 2004.

DIDIER, Carlos. *Orestes Barbosa: repórter, cronista e poeta*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

DINES, Alberto. *Morte no Paraíso: a tragédia de Stephan Zweig*. 4ª ed. ampl. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

DINIZ, Maria Helena. “Código Civil de 1916”. In: BITTAR, Eduardo C. B. (Org.). *História do Direito Brasileiro: Leituras da Ordem Jurídica Nacional*. 2ª Ed. Rev. ampl. São Paulo: Editora Atlas, 2010, p. 229-240.

DOMINGUES, Ana Maria Domingues de. *De caravelas, mares e forcas: um estudo de 'Mensagem' e LAFETÁ, João Luiz. 1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico).

DORATIOTO, Francisco Fernando M. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DORATIOTO, Francisco Fernando M. *Relações Brasil-Paraguai: afastamento, tensões e reaproximação (1889-1954)*. Brasília: FUNAG, 2012.

DORATIOTO, Francisco. *O Brasil no mundo: idealismos, novos paradigmas e voluntarismo*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (coord.). *História do Brasil-Nação (1808-2010): a abertura para o mundo (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2012, p. 133-171. Vol. 3.

DORNELLES, Beatriz. “Evolução da coluna social ao longo do século XX.” In: *Revista Brasileira de História da Mídia*. Vol. 6, nº 2, p. 126-142, jul./dez. 2017.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. [2005]. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

DUARTE, Constância Lima. “Feminismo e literatura no Brasil.” In: *Estudos Avançados*. Universidade de São Paulo (USP). 17 (49), p. 151-172, 2003.

DUARTE, Constância. “Feminismo: uma história a ser contada”. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). *Pensamento feminista: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 25-48.

DUTRA, Eliana de Freitas. “A nação em livros: a biblioteca ideal na coleção Brasileira.” In: _____ & MOLLIER, Jean-Yves. (Org.). *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política (Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX)*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 299-314.

DUTRA, Eliana de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 1930*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. (Humanitas).

DUTRA, Eliana Regina de Freitas & MOLLIER, Jean-Yves. (Org.). *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política (Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX)*. São Paulo: Annablume, 2006.

ECO, Umberto. “O fascismo eterno”. In: _____ *Cinco escritos morais*. [1997]. Tradução de Eliana Aguiar. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 29-54.

ECO, Umberto. *A busca da língua perfeita na cultura europeia*. Tradução de Antonio Angonese. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

EINSTEIN, Albert. *Como vejo o mundo*. [1922-1934]. Tradução de H. P. de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. (Coleção Clássicos para Todos).

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. [1994]. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Apresentação e revisão técnica de Federico Neiburg. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

EVANS, Richard. J. *A chegada do Terceiro Reich*. Tradução de Lúcia Brito. 3ª ed. São Paulo: Planeta, 2016.

FANGUEIRO, Maria do Sameiro. “Bastos Tigre”. In: “Personagens: Periódicos & Literatura”. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/bastos-tigre/> Acesso em 25 nov. 2020.

FANINI, Michele Asmar. “As mulheres e a Academia Brasileira de Letras.” In: *História (São Paulo)*. ed. 176, vol. 29, nº 1, p. 345-367, Franca, SP, out. 2010.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de et. al. “A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira.” In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FERRAZ, Francisco César. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: Eduff, 2002.

FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. (O Brasil republicano; v. 3).

FERREIRA, Jorge. “O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964.” In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 346-404. (O Brasil republicano; v. 3).

FERREIRA, Marieta de Moares & MONTALVÃO, Sérgio. “Jornal do Brasil.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbetes temáticos. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-brasil> Acesso em 12 mar. 2020.

FERREIRA, Marieta de Moraes. “A Nação.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbetes temáticos. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/nacao-a> Acesso em 16 mar. 2020.

FICO, Carlos. “Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar.” In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, nº 47, p.29-60, 2004.

FIGUEIREDO, Candido de. *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sociedade Editora, 1924.

FILHO, Luciano Mendes de Faria. *Edição e sociabilidades intelectuais: a publicação das obras completas de Rui Barbosa (1930-1949)*. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Editora UFMG, 2017.

FORTES, Betty Borges. “Arthur Pinto da Rocha.” In: ACADEMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS. Disponível em <http://www.arl.org.br/academicos/quadro-academico/arthur-pinto-da-rocha> Acesso em 6 ago. 2020.

FRAGA, André Barbosa. *Os heróis da pátria: política cultural e história do Brasil no governo Vargas*. Curitiba/PR: Ed. Prismas, 2015.

FRANÇA, Patrícia de Souza. “*Livros para leitores*”: a atuação literária e editorial de Benjamim Costallat no Rio de Janeiro. Programa Nacional de Apoio à Pesquisa. Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/pesquisa/livros-leitores-atuacao-benjamin-costallat-ampliacao-publico/patricia_franca.pdf Acesso em 11 jan. 2020.

FREITAS, Diana. *O que significa a expressão ‘Avoir le cafard’?* [On-line]. In: *Francês cultural*. Disponível em <https://francescultural.com/2018/04/21/o-que-significa-a-expressao-avoir-le-cafard/> Acesso em 01 mai. 2019.

FREUD, Sigmund. “Considerações atuais sobre a guerra e a morte (1915).” In: _____ *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. 4ª reimpressão. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 209-246. (Obras completas, v. 12).

FREUD, Sigmund. *Conferências introdutórias à Psicanálise (1916-1917)*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Obras completas, v. 13).

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. 5ª reimpressão. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 18).

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime patriarcal*. [1933]. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo & PIÑON, Ana. *A temática indígena na escola: subsídios para os professores*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

FUNES, Patricia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política em los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires, Prometeo Libros, 2006.

GANDHI, Mohandas K. *The Mind of Mahatma Gandhi: Encyclopedia of Gandhi's Thoughts*. Compiled & Edited by: R. K. Prabhu & U. R. Rao. Ahmedabad (Índia): Desai

& Mudranalaya, 1966, p. 38-39. Disponível em www.mkgandhi.org Acesso em 20 jan. 2017.

GARIN, Eugenio. *Idade Média e Renascimento*. [1954]. Trad. Isabel Teresa Santos e Hossein S. Shooja. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1994.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. [1990]. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991. (Biblioteca básica).

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GIUMBELLI, Emerson A. “Brasileiro e europeu: a construção da nacionalidade em torno do monumento ao Cristo Redentor do Corcovado.” *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 24/1, p. 35-63, 2011.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer & BARBOSA, Rita de Cássia (Orgs.). *Cecília Meireles: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios*. São Paulo: Abril Educação, 1982, p. 3-6. (Literatura comentada).

GOMES, Ângela de Castro & HANSEN, Patrícia Santos. (Orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Ângela de Castro & HANSEN, Patrícia Santos. “Apresentação: intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo.” In: _____ (Orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 7-40.

GOMES, Ângela de Castro & SCHMIDT, Benito Bisso. (Orgs.). *Memórias e narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019.

GOMES, Ângela de Castro (Coord.). *Olhando para dentro: 1930-1964*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. (História do Brasil Nação: 1808-2010; v. 4).

GOMES, Ângela de Castro. “Cultura política e cultura histórica no Estado Novo”. In: ABREU, Martha et. al. (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 46-47.

GOMES, Ângela de Castro. “Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo.” In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, p. 64-65.

GONZÁLES, Mário M. “Federico García Lorca: tragédia na obra e na vida.” In: *Teoria e Debate*. ed. 38., jul. 1998, não paginado. Disponível em <https://teoriaedebate.org.br/1998/07/01/garcia-lorca-tragedia-na-obra-e-na-vida/> Acesso em 23 jan. 2019.

GOUVÊA, Leila V. B. (org.). *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas, 2007.

GOUVÊA, Leila V. B. *Cecília em Portugal: ensaio biográfico sobre a presença de Cecília Meireles na terra de Camões, Antero e Pessoa*. São Paulo: Iluminuras, 2001, p. 101-107.

GOUVÊA, Leila V. B. *Pensamento e “Lirismo Puro” na poesia de Cecília Meireles*. São Paulo: Edusp, 2008.

GRIECO, Agripino. “Quatro poetisas”. *Evolução da poesia brasileira*. Ed. Ariel: Rio de Janeiro, 1932.

GRIECO, Agripino. *Zeros à esquerda*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1947.

GRILLO, Heitor Vinícius da Silveira (1902 – 1971). In: LABORATÓRIO OFICIAL DE DIAGNÓSTICO FITOSSANITÁRIO (L.O.D.F.). Seropédica, RJ: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Disponível em <http://www.fito2009.com/fitop/heitor.pdf> Acesso em 24 mai. 2019.

GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. “Fernando de Azevedo e a renovação cultural dos anos 1930 e 1940.” In: CARULA, Karoline, ENGEL, Magali Gouveia & CORRÊA, Maria Letícia. (Orgs.). *Os intelectuais e a nação: educação, saúde e a construção de um Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013, p. 141-176.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social*. Tradução de Paulo Astor Sohete. Revisão técnica de Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HAHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940*. Tradução de Eliane Tejera Lisboa. Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

HEMINGWAY, Ernst. *Adeus às armas*. [1929]. Tradução de Monteiro Lobato. 13. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções: 1789-1848*. Tradução Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 20ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções: 1789-1848*. Tradução Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 20ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. [1994]. 2ª ed. Tradução Marcos Santarrita. Revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HOLANDA, Heloísa Buarque de.(Org.) *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. [1936]. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUGO, Victor. *Les Orientales*. [1829]. Paris: Gale Ncco Print Editions, 2017.

HUGO, Victor. *Os miseráveis*. [1862]. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Apresentação de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HUNT, Lynn. *Política, cultura e classe na Revolução Francesa*. [1984]. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

IGLÉSIAS, Francisco. IGLÉSIAS, Francisco. “Pensamento político de Fernando Pessoa.” In: _____ *História e ideologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971, p. 235-299.

INSTITUTO MOREIRA SALLES (IMS). Disponível em <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/para-cecilia-meireles/> Acesso em 01 jun. 2019.

JÜNGER, Ernst. *Tempestades de aço*. [1920]. Tradução e notas de Marcelo Backes. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

KANT, Immanuel. “Resposta à pergunta: Que é o Iluminismo?” [1784]. In: _____ *A paz perpétua e outros opúsculos*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2013.

KELLER, Vilma. “Carlos Frederico Werneck de Lacerda.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. *Dicionários. Verbetes biográfico*. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/carlos-frederico-werneck-de-lacerda> Acesso em 08 ago. 2020.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Exílio e literatura: escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. Tradução de Karola Zimber. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. (Ensaio de Cultura; 22).

KORNIS, Mônica. “Centro Dom Vital”. In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. *Dicionários. Verbetes temático*. Disponível em <http://fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/centro-dom-vital> Acesso em 22 abr. 2019.

KOSELLECK, Reinhart. “‘Espaço de experiência’ e ‘horizonte de expectativa.’” In: _____ *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução Wilma Patrícia Maas; Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 305-328.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. [1959]. Tradução de Luciana Villas-Boas Castelo-Branco. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Maas; Carlos Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso sobre a servidão voluntária*. [1576]. Tradução Evelyn Tesche. Introdução e notas Paul Bonnefon. São Paulo: Edipro, 2017.

LA CAPRA, Dominick. *Writing history, writing trauma*. Baltimore, Maryland, USA: Johns Hopkins University Press, 2014.

LAJOLO, Marisa. “Prefácio.” In: OLIVEIRA, Ana Maria Domingues. *Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas/USP, 2001, p. 10-13.

LAMEGO, Valéria. “A extrema liberdade em Cecília Meireles”, palestra apresentada junto ao *Colóquio Internacional Cecília Meireles: 120 anos*, em 26 de outubro de 2021 – Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DuVnAgRdizY> Acesso em 27 out. 2021.

LAMEGO, Valéria. “Liberdade e parresía em Cecília Meireles – das páginas da educação ao Romanceiro”, palestra proferida no âmbito do Grupo de Pesquisa Retórica e Argumentação, Faculdade de Letras (Fale), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 13 de setembro de 2018.

LAMEGO, Valéria. “Lirismo engajado: um decálogo para Cecília Meireles.” In: *Revista Quatro cinco um*, São Paulo, p. 16-17, maio 2018.

LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LAMEGO, Valéria. Palestra “A extrema liberdade em Cecília Meireles”, apresentada junto ao Colóquio Internacional Cecília Meireles: 120 anos, em 26 de outubro de 2021 – Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DuVnAgRdizY> Acesso em 27 out. 2021.

LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Tradução de Marcos de Castro. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LEAL, Carlos Eduardo. “Diretrizes.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbete temático. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diretrizes> Acesso em 18 mai. 2020.

LEAL, Carlos Eduardo. “Gazeta de Notícias”. In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbete temático. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/gazeta-de-noticias> Acesso em 5 mar. 2019.

LEAL, Carlos Eduardo. “Razão, A (Rio de Janeiro)”. In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbete temático. Disponível em <https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/razao-a-rio-de-janeiro> Acesso em 29 mar. 2020.

LEFORT, Claude. “O nascimento da ideologia e do humanismo”. In: _____ *As formas da história: ensaios de antropologia política*. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes e Marilena de Souza Chauí. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 251-294.

LEFORT, Claude. *Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade*. Tradução de Eliana M. Souza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LEFORTE, Claude. “Humanismo e anti-humanismo: uma homenagem a Salman Rushdie.” In: _____ *Desafios da escrita política*. Tradução de Eliana de Melo Souza. São Paulo: Discurso Editorial, 1999, p. 37-54.

LEI Nº 3.071, DE 1º DE JANEIRO DE 1916. Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1910-1919/lei-3071-1-janeiro-1916-397989-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em 4 fev. 2020.

LESSA, Renato. *A invenção republicana: Campos Sales, as bases e a decadência da primeira República brasileira*. 3ª edição revista e aumentada. Rio de Janeiro: Topbooks, 2015.

LIMA, Cláudio Medeiros. “Apresentação”. In: LIMA, Alceu Amoroso. *Memórias improvisadas: diálogos com Medeiros Lima*. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 12-35.

LINS, Ivan. *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964. (Coleção Brasileira, v. 322).

LÔBO, Yolanda. “Memória e educação: o Espírito Victorioso de Cecília Meireles.” *R. bras. Est. pedag.*, Brasília, v.77, n.187, p.525-545, set./dez. 1996.

LÔBO, Yolanda. *Bertha Lutz*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

LOPES, Raimundo Helio Lopes & NOLL, Izabel. “ROCHA, Artur.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. *Dicionário da Elite Republicana (1889-1930)*. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica/7> Acesso em 6 ago. 2020.

LORIGA, Sabina. “A biografia como problema.” In: REVEL, Jacques. (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. [1996]. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. [2010]. Tradução Fernando Scheibe. Autêntica: Belo Horizonte, 2011, p. 25. (História e historiografia).

LOSURDO, Domenico. *Contra-história do liberalismo*. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. “Mulheres na sala de aula.” In: DEL PRIORI, Maria (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 443-481.

LÖWY, Michael. “O socialismo é inseparável da liberdade e da democracia.” In: *Revista Movimento: crítica, teoria e ação*. São Paulo, 10 mai. 2021. Disponível em <https://movimentorevista.com.br/2021/05/o-socialismo-e-inseparavel-da-liberdade-e-da-democracia/> Acesso em 29 jun. 2021.

LUCA, Tânia Regina de. “O 1º Congresso de Escritores e o Arquivo Astrogildo Pereira.” In: *Cadernos CEDEM: Documento acerca*. v. 1., p. 101-110, n. 1. Unesp, 2008. Disponível em <http://revistas.marilia.unesp.br> Acesso em 20 mai. 2019.

LUXEMBURGO, Rosa. *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos – Volume 1 (1899-1914)*. Tradução de Stefan Fornos Klein et. al. Organização e revisão técnica de Isabel Loureiro. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

LUXEMBURGO, Rosa. *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos – Volume 2 (1914-1919)*. Organização, tradução do alemão e notas de Isabel Loureiro. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

MACHADO, Hilda. *Laurinda Santos Lobo: mecenas, artistas e outros marginais em Santa Teresa*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

MACHADO, Ubiratan. *Coelho Neto*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011, p. 7. Disponível em <https://www.academia.org.br/publicacoes/coelho-neto> Acesso em 17 mai. 2020.

MALIN, Mauro. “Francisco Luis da Silva Campos.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. *Dicionários. Verbetes biográfico*. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/francisco-luis-da-silva-campos> Acesso em 08 ago. 2020.

MANDEVILLE, Bernard. *A fábula das abelhas ou vícios privados, benefícios públicos*. [1714]. Tradução de Bruno Costa Simões. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

MAQUIAVEL, Nicolau. *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*. [1517]. Tradução Ed. Martins Fontes. Revisão técnica de Patrícia Fontoura Aranovich. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. [1532]. Tradução de Maurício Santana Dias. 17ª reimpressão. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

MARCELINO, Douglas Attila. *Historiografia, morte e imaginário: estudos sobre racionalidades e sensibilidades políticas*. São Paulo: Alameda, 2017.

MARCELINO, Douglas Attila. *O corpo da Nova República: funerais presidenciais, representação história e imaginário político*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.

MARGARIDA, Lopes de Almeida. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa216419/margarida-lopes-de-almeida>. Acesso em: 01 de Mar. 2020.

MARITAIN, Jacques. *Humanismo integral: problemas temporais e espirituais de uma nova cristandade*. [1936]. Tradução de Margarida Hulshof. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

MBEMBE, Achile. *Políticas da inimizade*. Tradução Marta Lança. Lisboa, 2017.

MELLO, Ana Maria Lisboa & UTÉZA, Francis. *Oriente e ocidente na poesia de Cecília Meireles*. Porto Alegre: Libreto, 2006.

MELLO, William Agel de. “Apresentação”. In: LORCA, Federico García. *Antologia poética*. Tradução de William Agel de Mello. Porto Alegre: L&PM, 2011.

MELO, Ana Amélia de Moura Cavalcante de. “Associação Brasileira de Escritores: dinâmica de uma disputa.” In: *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 27, nº 46: p. 711-732, jul/dez 2011.

MICELI, Sérgio. “A expansão do mercado do livro e a gênese de um grupo de romancistas profissionais.” In: _____ *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: DIFEL/Difusão Editorial, 1979, p. 69-128.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: DIFEL, 1979.

MINISTÉRIO DA DEFESA. EXÉRCITO BRASILEIRO. “Alusivos e Ordem do Dia - 24 de maio, Dia da Infantaria.” Disponível em https://www.eb.mil.br/web/noticias/alusivos-e-ordem-do-dia/-/asset_publisher/QKzf8DsobUm1/content/24-de-maio-dia-da-infantaria/16541 Acesso em 8 abr. 2020.

MINISTÉRIO DA DEFESA. MARINHA DO BRASIL. “Datas comemorativas.” Disponível em <https://www.marinha.mil.br/datas-comemorativas> Acesso em 8 abr. 2020.

MINOIS, George. *História do riso e do escárnio*. Tradução de Maria Elena Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MIRANDA, Murilo. “Apresentação”. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. [et. al.] *Quadrante 1*. [1ª ed. 1962] 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966, p. 5-6.

MISTRAL, Gabriela. *Gabriela Mistral e Cecília Meireles: poemas*. Ensaios de Cecília Meireles e Adriana Valdés. Poemas traduzidos por Ruth Sylvia de Miranda Salles e Patricia Tejeda. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Santiago de Chile: Academia Chilena de Lengua, 2003.

MITCHELL, Martha. “Woolley, Mary Emma.” In: *Encyclopedia Brunoniana*. Brown University Library, 1993. Disponível em https://www.brown.edu/Administration/News_Bureau/Databases/Encyclopedia/search.php?serial=W0340 Acesso em 02 mai. 2020.

MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios*. Uma seleção. Tradução e notas de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MONTESQUIEU, Charles Louis de Secondat, baron de la Brède et de. *Do espírito das leis*. Tradução de Fernando Henrique Cardoso e Leôncio Martins Rodrigues. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores).

MOREIRA, Fuviane Galdino. “Mantos de Aparecida: religião, política e identidade nacional.” In: ANAIS DO XXIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: contra preconceitos: história e democracia. Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF: Associação Nacional de História, 24 a 28 de julho de 2017. Brasília, 2017.

MOREIRA, Maria Ester Lopes. “Diário da Noite.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbete temático. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-da-noite> Acesso em 14 mar. 2020.

MOREIRA, Regina da Luz. “LEME, Sebastião.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbete temático. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/sebastiao-leme-de-silveira-cintra> Acesso em 22 abr. 2019.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. 2ª ed. Niterói: Eduff, 2020.

MOURA, Murilo Marcondes de. *O mundo sitiado: a poesia brasileira e a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Editora 34, 2016.

MOYN, Samuel. *Samuel Moyn: entrevistado por André Rangel Rios*. Organização de André Rangel Rios e Maria Andréa Loyola. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. (Pensamento Contemporâneo; 8).

MÜLLER, Ricardo Gaspar & DUARTE, Adriano Luiz (Orgs.). *E. P. Thompson: política e paixão*. Chapecó: Argos, 2012.

MUTHU, Sankar. *Enlightenment against empire*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2003.

MYERS, Jorge. “El epistolário como conversación *humanista*: la correspondencia intelectual de Alfonso Reyes y Genaro Estrada, 1916-1939.” In: COSTA, Adriane Vidal & MAÍZ, Claudia (Orgs.). *Nas tramas da “cidade letrada”*: sociabilidade dos intelectuais latino-americanos e as redes transnacionais. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018, p. 61-104.

NAOUR, Jean-Yves Le. “A Primeira Guerra Mundial: o batismo do século (1914-1918).” In: HECHT, Emmanuel & SERVENT, Pierre (Orgs.). *O século de sangue (1914-2014): as vinte guerras que mudaram o mundo*. Tradução Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2016, p. 7-22.

NASCIMENTO, Milton Meira do. “Jusnaturalismo.” In: AVRITZER, Leonardo... [et. al.] (Orgs.). *Dimensões políticas da justiça*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 37-46.

NEMÉSIO, Vitorino. “A poesia de Cecília Meireles” [1949]. In: _____ *Conhecimento de poesia*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958, p. 325.

NETO, João Cabral de Melo. *A educação pela pedra (1962-1965)*. In: _____ *Poesia completa*. Organização, estabelecimento de texto, prefácio e notas de Antônio Carlos Secchin; com a colaboração de Edneia R. Ribeiro. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020, p. 358-359.

NEVES, José Alberto Pinho. “Cecília Meireles: visão mineira”. In: *Exposição Cecília Meireles: visão mineira*. Promoção Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Apoio Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Concepção e Curadoria José Alberto Pinho Neves. Consultoria Maria Fernanda. ZAS Gráfica Editora: Juiz de Fora MG, 1992, não paginado.

NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima & MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs.). *Cecília Meireles: a Poética da Educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC RJ: Loyola, 2001.

NOGUEIRA, João Pontes & MESSARI, Nizar. *Teoria das relações internacionais: correntes e debates*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

NORTE, Angela Lopes. *Alfonso Reyes: mexicano, intérprete do Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

NOUR, Soraya. *À paz perpétua de Kant: Filosofia do direito internacional e das relações internacionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NUNES, Clarice. “Modernidade pedagógica e política educacional: a gestão de Anísio Teixeira na Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro (1931-1935).” In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; VIDAL, Diana Gonçalves & ARAUJO, José Carlos Souza (Orgs.). *Reformas educacionais: as manifestações da Escola Nova no Brasil (1920-1946)*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2011, p. 291-313. (Coleção memória da educação).

OLIVEIRA Gisele Pereira de & LOPES, Delvanir (orgs.). *Cecília Meireles em diálogos ressonantes: 50 anos de presença em saudade (1964-2014)*. São Paulo: Scortecci, 2014.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de & ESTEVES, Antonio Roberto. “Cecília Meireles, traductora de Federico García Lorca: un acto político.” In: MUÑOZ MARTÍN, Ricardo [ed.] I AIETI. *Actas del I Congreso Internacional de la Asociación Ibérica de Estudios de Traducción e Interpretación*. Granada 12-14 de Febrero de 2003. Granada: AIETI. Vol. n.º 1, pp. 507-515. Disponível em <https://www.aieti.eu> Acesso em 02 jan. 2018.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues. *Estudo crítico da bibliografia sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas/USP, 2001.

OLIVEIRA, Ângela Meirelles de. *Palavras como balas: imprensa e intelectuais antifascistas no Cone Sul (1933-1939)*. São Paulo: Alameda, 2015.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi (coord.). *Elite intelectual e debate político nos anos 30: uma bibliografia comentada da Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980.

PAES, José Paulo. *Os perigos da poesia e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

PECHMAN, Robert. “LACERDA, Maurício de.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbete biográfico. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/mauricio-paiva-de-lacerda> Acesso em 18 mai. 2020.

PECHMAN, Robert. “SOARES, José Eduardo de Macedo.” In: CPDOC FGV – Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil. Dicionários. Verbete biográfico. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/soares-jose-eduardo-de-macedo> Acesso em 29 mar. 2020.

PEDERSEN, Susan. *The guardians: the league of nations and the crisis of empire*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

PEQUENO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Organizado por um grupo de filólogos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

PEREIRA, Marco Antônio Machado Lima. “A revista *A Ordem* e o “flagelo comunista”: na fronteira entre as esferas política, intelectual e religiosa.” In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 35, nº 69, p.279-300, 2015. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882015000100279&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 22 abr. 2020.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Castro Alves e o aplicativo Victor Hugo.” In: _____ *Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 97-107.

PERROUX, François. *Os mitos hitleristas: problemas da Alemanha contemporânea*. Tradução de Cecília Meireles. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1937. (Biblioteca Pedagógica Brasileira; série 4, iniciação científica; v. 16).

PESSOA, Reynaldo Xavier Carneiro. *A ideia republicana através dos documentos: textos para seminários*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1973.

PEZAT, Paulo Ricardo. “A Revolução Federalista na perspectiva de um médico positivista: cartas do dr. Bagueira Leal a Miguel Lemos e a Teixeira Mendes.” In: História em revista. *Revista do Núcleo de Documentação Histórica*. v. 9 (2003), não paginado. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/issue/view/657/showToc> Acesso em 05 fev. 2020.

PEÑA, Karen. “Brazil, the Bomb and the Poet: Cecília Meireles and the Gandhi Seminar (1953).” In: *InterDISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies*. Vol. 1, p. 143-167. (2012). Disponível em <https://eprints.gla.ac.uk/70507/> Acesso em 4 ago. 2019.

PIANCIOLA, Cesare. “Socialismo.” BOBBIO, Norberto [et. al.] *Dicionário de política*. BOBBIO, Norberto [et. al.] *Dicionário de política*. 13ª ed. Tradução de Carmen C. Varriale [et. al.] Brasília: UNB, 2016, p. 1196-1202.

PIMENTA, Jussara Santos. “Educação para a paz: construir o mundo que se espera.” In: *Educação, Sociedade E Culturas*, (53), 83–96 Disponível em <https://doi.org/10.34626/esc.vi53.66> Acesso em 30 out. 2021.

PIMENTA, Jussara. “Leitura e encantamento: a Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco.” In: NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima & MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). *Cecília Meireles: a Poética da Educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC RJ: Loyola, 2001, p. 105-120.

PINTO, Fabrina Magalhães & MORETTI, Matheus Teixeira. “A historiografia do Humanismo cívico e o pensamento político de Leonardo Bruni.” In: *Cantareira*, 34ª ed., p. 565-585, Jan-Jun, 2021.

POCOCK, John G. A. *The Machiavellian Moment: Florentine Political Thought and the Atlantic Republican Tradition*. London: Princeton University Press, 1975.

PONTY, Merleau. *Humanismo e terror: ensaio sobre o problema comunista*. [1947]. Tradução de Naume Ladosky. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1968.

PRADO, Maria Lígia Coelho. “O Brasil e a distante América do Sul.” In: *Revista de História*. São Paulo, n.145, p. 127-149, 2001.

PROST, Antoine. “Social e cultural indissociavelmente”. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François. (Orgs.). *Para uma história cultural*. [1997]. Tradução Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 123-138.

PROUDHON, Pierre Joseph. *A propriedade é um roubo e outros escritos anarquistas*. Tradução de Suely Bastos. Porto Alegre, RS: L&PM, 1998.

RABELO, Fernanda Lima. *De experts a bodes expiatórios: a elite técnica do DASP e a reforma administrativa no Estado Novo (1938-1945)*. Curitiba: Editora CRV, 2020.

RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2015.

RAMALHO, Walderez. “A urgência do tempo histórico.” In: RANGEL, Marcelo de Mello & LEITE, Augusto Bruno de Carvalho Dias. (Orgs.) *História e filosofia: problemas ético-políticos*. Vitória, ES: Editora Mil Fontes, 2020, p. 138-157.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Neto. 2ª Ed. São Paulo: EXO experimental org; Ed. 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. *Os nomes da história: ensaio de poética do saber*. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. *As margens da ficção*. Tradução de Fernando Scheibe. São Paulo: Editora 34, 2021.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Tradução de Raquel Ramallete, Laís Eleonora Vilanova, Ligia Vassalo e Eloisa Araújo Ribeiro. 2ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2017.

REIS, Telmo Corujo dos. “Notas e comentários”. In: CARDOSO, Jerónimo. *Obra Literária: Poesia Latina (Tomo II)*. Estabelecimento do texto latino, introdução, tradução e comentário de Telmo Corujo dos Reis. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2009.

REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. [1929]. Tradução de Helen Rumjaneck. Porto Alegre: L&PM, 2004. (Coleção L&PM Pocket).

REMARQUE, Erich Maria. *O caminho de volta*. [1930]. Tradução de Bêlchior Cornelio da Silva. Rio de Janeiro: Record, 1958.

RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Tradução Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RENAULT, Abgar. “Cecília Meireles”. In: *Antologia da Moderna Poesia Brasileira*. [S.I.]: *Revista Acadêmica*, 1939, p. 154. (Itálico nosso). Acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4381?locale=en> Acesso em 19 nov. 2018).

RIBEIRO, José Sommer. *Exposição Arpad Szenes e Vieira da Silva: período brasileiro*. Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva. Scarpa Impressores: Lisboa, 2000.

RIBEIRO, Renato Janine. *A boa política: ensaios sobre a democracia na era da internet*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

RIZZINI, Irma & SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. ““O feminismo transborda”: docência, produção escrita e atuação política de Áurea Corrêa na cidade do Rio de Janeiro”. In: *Revista Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, v. 16, n. 38, p. 44, jan./mar. 2020.

ROBB, Graham. *Victor Hugo: uma biografia*. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Record, 2000.

RODRIGUES, José Paz. “Romain Rolland, o grande pacifista amigo de Tagore.” In: *Portal Galego da Língua (PGL)*. Disponível em <https://pgl.gal/romain-rolland-grande-pacifista-amigo-tagore/> Acesso em 28 dez. 2019.

ROLLAND, Romain. *Mahatma Gandhi*. Édition nouvelle augmentée d’une Posface. 46ª édition. Paris: Librairie Stock, 1924.

ROMANO, Luís Antônio Contatori. *A poeta-viajante: uma teoria poética da viagem contemporânea nas crônicas de Cecília Meireles*. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2014.

ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. Tradução Christian Edward Cyril Lynch. São Paulo: Alameda, 2010.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do contrato social*. [1757]. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Os pensadores).

SAID, Edward W. *Humanismo e crítica democrática*. Tradução de Rosa Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. [1978]. Tradução de Rosaura Eichenberg. 1. ed. 8. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as conferências de Reith de 1993*. Tradução Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, Heloísa Helena Meirelles dos. “Um traço de graça sem graça nenhuma: Hans Heilborn nas charges dos jornais cariocas (1914-1915).” In: *Revista Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades*. CAEDU/UFPI Teresina, Brasil, v. 1, n. 1, p. 80- 112, janeiro/abril de 2019.

SARTRE, Jean-Paul. *A Náusea*. Tradução António Coimbra Martins. Lisboa, Portugal: Publicações Europa-América, 2010.

SATO, Nelson. “O poeta ganha vozes.” In: *Folha de Londrina*, 22 de setembro de 2002. Disponível em <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/o-poeta-ganha-vozes-417198.html> Acesso em 25 set. 2019.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 4ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013. (Coleção Memória da Educação).

SCHMITT, Carl. *O conceito do político*. Tradução, introdução e notas de Alexandre Franco de Sá. Lisboa: Edições 70, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. “População e sociedade.” In: _____ (Dir.). *A abertura para o mundo (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva/Fundación Mapfre, 2012, p. 35-84. (Coleção História do Brasil Nação: 1808-2010).

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 2008.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria B. & COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*: São Paulo: Paz e Terra: 2000.

SEFFRIN, André. “O gosto infinito das respostas que não se encontram”. In: ARGOLO, José. *Luz para caminhar pela vasta obra de Cecília Meireles*. São Paulo: Global Editora, 2016. [On-line]. Disponível em <https://blog.globaleditora.com.br/estante-global/luz-para-caminhar-pela-vasta-obra-de-cecilia-meireles/> Acesso em 13 jun. 2019.

SETEMBRINI, Domenico. “Social-democracia.” In: BOBBIO, Norberto [et. al.] *Dicionário de política*. 13ª ed. Tradução de Carmen C. Varriale [et. al.] Brasília: UNB, 2016, p. 1188-1192. v. 2.

SEVCENKO, Nicolau. “Capital irradiante: técnica, ritmo e ritos do Rio.” In: _____ (Org.). *República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 513-620. (História da vida privada no Brasil; v. 3).

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 17-22. (Virando Séculos; 7).

SHARPE, Jim. “A história vista de baixo”. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p. 39-62.

SILVA, Denilson de Cássio. “Pacifismo, educação e dimensões políticas na América Latina: Cecília Meireles em diálogo com Alfonso Reyes (Rio de Janeiro, década de 1930).” In: *Em tempo de histórias*. PPGHIS UnB. Brasília, nº 32, p. 103-124, jan-jul. 2018.

_____. “O ‘afeto das palavras’: Pátria, Nação e Estado em Fernando Pessoa, Mário de Andrade e Cecília Meireles (Lisboa, São Paulo, Rio de Janeiro, primeira metade do século XX).” In: *Revista Cantareira*. Niterói, edição 27, jul-dez., p. 82-94, 2017.

_____. “Considerações de Cecília Meireles sobre o educador-professor: crônicas e confrontos por uma nova educação (Rio de Janeiro, 1930-1931).” In: *Anais Eletrônicos do V Encontro de Pesquisa em História da UFMG (EPHIS): Brasil em perspectiva: passado e presente*. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, p. 217-227, 06 a 10 de Junho de 2016.

_____. “Em História sou simplesmente poeta: Cecília Meireles e o passado presente como escrita da história.” In: MARCELINO, Douglas Attila. (Org.). *Ritualizações do passado: a história como prática escrita e rememorativa*. Curitiba: Editora CRV, 2020, p. 47-74.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; MEDEIROS, Sabrina Evangelista & VIANNA, Alexander Martins. (Orgs.) *Dicionário crítico do pensamento da Direita: Ideias, instituições e personagens*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1999.

SILVA, Jacicarla Souza da. *Vozes femininas da poesia latino-americana: Cecília e as poetisas uruguaias* [online]. São Paulo: Editora Unesp, 2009. _____

SILVA, Rodrigo Rosa da. *Anarquismo, ciência e educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920)*. 379 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2013.

SILVA, Thomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tradução Thomaz Tadeu da Silva. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. *Por uma História Política*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003: 231-269.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. Tradução Renato Janine Ribeiro e Laura Teixeira Motta. 7ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 p. 121-122.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SOARES, Lélia Gontijo. “Introdução”. In: MEIRELES, Cecília. *Batuque, samba e macumba: estudos de gesto e de ritmo, 1926-1934*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1983, p. 8-15.

SONDHAUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial: história completa*. Tradução de Roberto Cataldo. São Paulo: Contexto, 2015.

SOUZA, Ana Aparecida Arguelho de. *O humanismo em Clarice Lispector: um estudo do ser social em A hora da estrela*. São Paulo: Musa Editora; Dourados, MS: Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, 2006. (Musa cultura, educação, letras e linguística).

STAROBINSKI, Jean. *Montaigne em movimento*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

STRANG, Bernadete de Lourdes Streisky. *Sob o signo da reconstrução: os ideais da Escola Nova divulgados pelas crônicas de educação de Cecília Meireles*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

SVENDSEN, Lars. *Filosofia do tédio*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2006.

TELLES, Norma. “Escritoras, escritas, escrituras.” In: DEL PRIORI, Maria (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 401-442.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. [1978]. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

TODOROV, Tzvetan. *O espírito das Luzes*. Tradução de Mônica Cristina Corrêa. São Paulo: Editora Barcarolla, 2008.

UNIVERSAL STUDIOS. *Nada de novo no front*. Direção de Lewis Milestone. Estrelando Lew Aires, Louis Wolheim, com John Wray, Slim Summerville, William Bekewell. Livro de Eric Maria Remarque. Roteiro de George Abbott. Direção de fotografia de Arthur Ederson. Universal City, Los Angeles: Universal Pictures, 1929/1930. 1 disco blu-ray, remasterizado, 2012 (ca: 133 min. Preto e branco).

URWAND, Ben. *A colaboração: o pacto entre Hollywood e o Nazismo*. [2013]. Tradução de Luis Reyes Gil. São Paulo: Leya, 2014.

VIANNA, Alexander Martins. “Conservadorismo”. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; MEDEIROS, Sabrina Evangelista & VIANNA, Alexander Martins. (Orgs.) *Dicionário crítico do pensamento da Direita: Ideias, instituições e personagens*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1999, p. 133-136.

VICENT, Andrew. *Ideologias políticas modernas*. Tradução de Ana Luísa Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

VICENT, Davi. *The rise of mass literacy: reading and writing in modern Europe*. Cambridge: Polity, 2000.

VIDAL, Diana Gonçalves. *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2001. (Coleção Historiografia).

VIGNY, Alfred de. *Cin-Mars (Une conjuration sous Louis XIII)*. [1826]. Paris: Ebooks libres et gratuits, 2009, p. 258. Disponível em <http://www.ebooksgratuits.com/> Acesso em 19 abr. 2020.

VIOTTI, Sérgio. *Dulcina e o teatro de seu tempo*. Rio de Janeiro: Lacerda Editora, 2000.

WEBER, Max. *Conceitos básicos de Sociologia*. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias e Gerard Georges Delaunay. São Paulo: Centauro, 2002.

WEIL, Simone. *Pela supressão dos partidos políticos*. [1940]. Tradução de Lucas Neves. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2016.

WITKOP, Philipp (org.). *German students' war letters*. Translated and arranged from the original edition of Dr. Philipp Witkop [by] A. F. Wedd. Foreword by Jay Winter. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2002, p. XXVII. (Originally published: [London]: Methuen, 1929).

WOOLF, Virgínia. *As mulheres devem chorar... ou se unir contra a guerra: patriarcado e militarismo*. Organização, tradução de notas de Tomaz Tadeu. Posfácio de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. (éFe; 1).

WOOLF, Virgínia. *Orlando: biografia*. [1928]. Tradução Cecília Meireles. Porto Alegre: Editora Globo, 1948.

XENOFONTE. *Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas de Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. (Autores Gregos e Latinos).

ZAGURY, Eliane. *Cecília Meireles: notícia biográfica, estudo crítico, antologia, discografia, partituras*. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 53. (Poetas modernos do Brasil, 3).